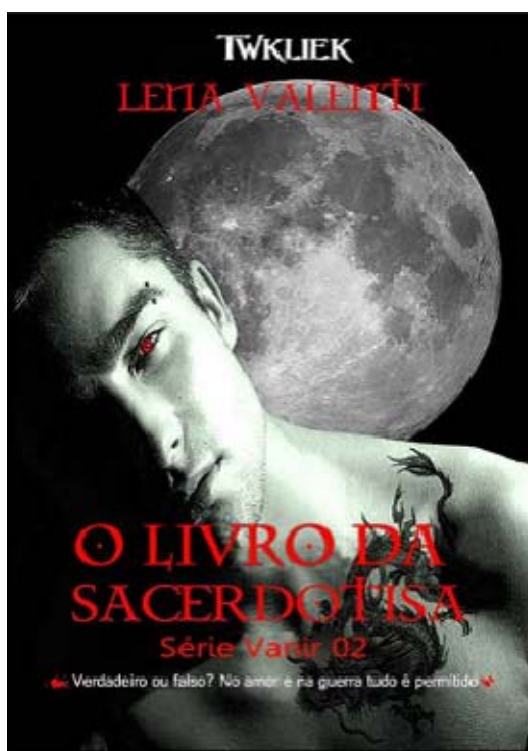




O LIVRO DA SACERDOTISA

Lena Valenti

2º Livro da Série Vanir

Verdadeiro ou falso? No amor e na guerra tudo está permitido...

Quando Ruth chegou a Londres um mês e meio atrás para visitar sua melhor amiga, Aileen, nunca imaginou que se veria envolvida em uma guerra entre seres ancestrais criados pelos deuses Vanir e Aesir. Depois de um tempo se amoldando à sua nova realidade, os traumas e as vozes do passado retornaram para atormentá-la e, pouco a pouco, estão lhe roubando a razão. Mas tem uma oportunidade para encontrar e saber quem é ela realmente, e não duvidará em tomá-la, embora isso a ponha nas mãos de um berserker moreno e taciturno que não acredita em nada do que ela representa.

Fazia um mês e meio que Adam não dormia. Seus sonhos estavam infestados de sangue, morte e escuridão, e no centro daqueles pesadelos só havia um culpado. Uma mulher de cabelo vermelho e olhos dourados. Uma humana que não é quem diz ser: Ruth. Por isso, quando ela quebra a ordem de não retornar às suas terras e volta para o Wolverhampton, ele não duvidará em caçá-la e detê-la, embora isso implique ficar louco e manter seus instintos mais selvagens afastados.

Adam quer desmascará-la, mas, em um jogo de vontades, descuido e desejos, de quem cairá primeiro a máscara? A do lobo ou a da caçadora? Vêm tempos de caça no Midgard¹. O Ragnarök² mostra as presas.

¹ Como chamam a Terra os deuses nórdicos.

² Batalha final em que perecem deuses, jotuns e humanos.



Disp em Esp: MR

Envio do arquivo: Gisa

Revisão Inicial: Cris Reinbold

Revisão Final: Lory Lei

Formatação e finalização: Lucilene

Capa: Elica Leal

TWKliek

Comentário Cris Reinbold: Você escuta vozes? Acho que todos nós, meros mortais sem poderes espetaculares, escutamos dentro de nossos corações as vozes que tanto nos falam, bem no fundo que o amor vale tudo e sem ele nada importa, nada é essencial, nada é vital.

Comentário Lory Lei: O mocinho é um cretino e a mocinha tem sérios problemas psicológicos, dentre eles, temos o complexo de mal ou nada amada e também a síndrome da rainha sado. Gente eu não sei até agora, como a mocinha aguentou tanta rabugice e cretinice do mocinho. Eu confesso que se fosse eu antes da metade do livro o teria mandado a m.... Boa leitura!

Comentário Lucilene: Muuuito bom, recomendo a leitura. O casal do livro tem seus traumas, então dá para entender os atritos, as desconfianças e, principalmente, a relutância em confiar e amar do mocinho. O livro tem uma narrativa que te prende do início ao fim, quando você pega, não quer largar. A autora, realmente sabe construir uma história, e ainda nos deixar curiosos sobre o destino dos outros personagens. Que os outros venham logo!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

O céu, o inferno e o mundo estão em nós.
O homem é um abismo.

HENRI-FRÉDERIC AMIEL

O homem que não conhece a dor
não conhece nem a ternura da humanidade nem a doçura da comiseração.

Jean-Jacques ROUSSEAU

A humanidade está diante de uma bifurcação histórica.
Um caminho leva ao desespero e à renúncia total.
O outro, à extinção definitiva. Roguemos ter a sabedoria que nos faz falta.

Woody Allen



PRÓLOGO

O Ragnarök e suas origens

Diz a profecia da vidente:

“Haverá uma batalha final entre as forças celestes e as do Submundo. Será uma luta sangrenta que dará origem ao final dos tempos conhecidos. Esta será a última guerra em que os deuses chegarão ao fim e onde demônios e humanos perecerão no dia chamado “O final dos tempos”, o Ragnarök”.

Na visão da *völva*³, Odín, conhecido como “O pai de todos”, morria pelas mãos do lobo Fenrir, liderado por Loki. Desatava o caos e a humanidade desaparecia.

Dos deuses escandinavos, só Njörd retornava ao *Vanenheim*⁴ de novo. O resto morria na guerra contra as forças do Mal.

Depois de tão escuro presságio, a *völva* falava do ressurgir de um novo amanhecer. Um futuro mais brilhante em um novo mundo.

O *Ragnarök* se origina quando Loki, filho dos gigantes Farbauti e Laufey, que uma vez foi proclamado irmão de sangue por Odín, mais tarde declarado inimigo acérrimo do mesmo e renomado “o traidor” por todos os deuses, nega a ajoelhar-se diante da raça inferior humana. Odín quer que os humanos evoluam e cheguem a se converter em mestres de seus próprios mestres, mas Loki se nega a dar uma oportunidade à humanidade, pois, segundo ele, não merecem tal misericórdia.

Quando o deus Aesir escutou da boca da vidente o poema profético sobre seu destino, decidiu tomar as cartas no assunto para que aquilo não acontecesse. Não podia permitir que a profecia se cumprisse, ele não podia desaparecer, a humanidade não podia ser aniquilada, assim sequestrou Loki, “A origem de todo mal”, do Jotunheim, e o encarcerou em *Asgard*⁵ em uma prisão invisível de rochas de cristal. Odín já sabia que ninguém podia confiar em Loki, pois era um vigarista, um deus transformista que adotava mil caras diferentes quando melhor convinha. Ele mesmo sofreu da pior maneira as artimanhas de tamanho enganador e seu querido filho Balder perdeu a vida devido a suas maquinações.

Entretanto, Loki, através de um de seus famosos enganos, escapou da prisão e desceu ao Midgard, a Terra, para rir da humanidade e parar o projeto de Odín.

Foi então quando as duas famílias do panteão escandinavo que viveram inimigas em outros tempos, os Aesir, liderados por Odín, e os Vanir, uniram suas forças de novo e criaram os berserkers e os vaniros para proteger à humanidade das maldades de Loki, o filho dos Jotuns.

Odín foi o primeiro que escolheu seus guerreiros einherjars, vikings imortais, e os tocou com

³ Vidente em norueguês.

⁴ Residência dos Vanir.

⁵ A residência dos deuses, em particular, dos Aesir.



sua lança outorgando o Od, a fúria animal, convertendo assim em guerreiros berserkers com semelhanças genéticas e instintivas a dos lobos, seu animal favorito. Fez descer à Terra com o objetivo de manter Loki a raia, e durante um tempo esteve possível, mas as mulheres humanas eram muito atraentes para eles, assim mantiveram relações sexuais e hibridaram a raça pura berserker.

O deus gigante Loki conseguiu levar a seu terreno a alguns dos híbridos, já que ao ser de natureza semi-humana eram muito mais fracos e suscetíveis às promessas e aos desejos que ele oferecia em troca de se unir às suas filhas. Transformou todos os que foram com ele em lobachos, seres abomináveis e sedentos de sangue que podiam parecer humanos, mas que ao mudar, convertiam-se em autênticos monstros assassinos, chamados homens lobo. Loki conseguia dessa maneira zombar de Odín e de sua criação.

O Midgard então se descontrolou, cada vez eram menos os berserkers hibridados capazes de ignorar e negar Loki. A Terra entrava em uma época cercada de escuridão e guerra onde não havia capacidade para a luz nem a esperança.

Foi naquele momento quando os Vanir, ao ver o escasso êxito que teve Odín para manter Loki afastado, apoiaram o deus Aesir e criaram uma raça própria de guerreiros que pudesse representar na Terra. Entretanto, os Vanir não tinham conhecimento sobre manipulação de armas nem tampouco sobre guerra. Eles eram os deuses da beleza, do amor, da arte, da fecundidade, da sensualidade e da magia: não sabiam nada de destruição. Assim fizeram um pacto com os guerreiros humanos mais poderosos da terra e os mudaram, outorgando-lhes dons sobrenaturais.

Os deuses Vanir Njörd, Frey e Freya escolheram membros de alguns clãs humanos que então povoavam a terra e a cada um outorgou dons fascinantes. Mas também, temerosos de que alguma vez pudessem ultrapassar em poderes, deram algumas ou outras fraquezas.

Assim nasceram os vaniros, seres que uma vez foram humanos e a quem os deuses acrescentaram uma força sobrenatural convertendo em homens e mulheres imortais. Eram telepatas, telecinéticos, podiam falar com os animais, podiam voar, tinham presas como seus criadores Vanir, mas não podiam caminhar sob o sol e, além disso, suportariam a tortura da cruz da fome eterna até que encontrassem seus companheiros eternos, homens e mulheres especiais capazes de entregar tudo aquilo que seus corações desejassem. Mas Loki, conhecedor da insaciável sede vanira, também os tentou oferecendo uma vida em que a fome poderia ser resolvida sem remorsos de consciência. Em troca, eles só teriam que entregar sua alma e se unirem a seu exército de jotuns. Os mais fracos, aqueles que se renderam a sua oferta, aceitaram o trato e se converteram em vampiros, seres egoístas que absorvem a vida e o sangue humano. Assassinos.

Agora, diante do reforço e a ofensiva de Loki e seu séquito, os vaniros e os berserkers que não se venderam a ele se verão obrigados a estacionar todas as suas diferenças e a permanecer unidos para lutar contra todos aqueles que se confabularam para conseguir que o *Ragnarök* chegue a terra e possa destruir assim a humanidade. Lobachos e vampiros, berserkers e vaniros que traíram seus próprios clãs, e humanos ávidos de poder, desejosos de receber tudo aquilo que Loki prometeu, não cessarão em seu empenho até que cheguem o final dos tempos e Odín jure-lhe fidelidade.



Estes seres sobrenaturais, antagônicos entre eles, convivem conosco dia a dia, forjando sua própria história, liberando sua própria batalha. Uns nos defendem, os outros nos atacam. Uns esperam nossa aniquilação, e os outros se sentem obrigados a nos defender e lutam por nossa salvação, sem ser conscientes de que, enquanto nos salvam, algum de nós também pode salvá-los.

Os humanos são a raça fraca, estamos justo no meio, vivendo nossas próprias vidas, ignorantes daquilo que nos rodeia. Mas inclusive a raça menor pode dar lições às raças superiores, como por exemplo, que na guerra e na vingança o mais fraco é sempre o mais feroz.

A batalha final entre o Bem e o Mal passa lavrando faz tempo, mas desta vez, as paixões, os desejos, a amizade, o coração, o amor e a valentia, serão fatores decisivos em seu desenlace.

O *Ragnarök* se aproxima.

E você, do lado de quem está?

Não existe a luz sem a escuridão.

Não se concebe o bem sem o mal.

Não há perdão sem ofensa.

Não há redenção sem rendição.

Em um mundo de opostos no que vivemos, uns seres imortais vêm a nos proteger não só de Loki, mas também de nós mesmos.

A linha entre o que é bom e o que não é, é muito subjetiva, muito fina para nós, mas invisível para seres que há milênios estão lutando por uma raça humana que demonstra muito poucos escrúpulos em todas suas ações e decisões. Merecemos ser salvos?

Esta é a Saga Vanir.

Tudo é possível.

Tudo está permitido.

E tudo é mais real do que acreditam.

Bem-vindos ao mundo de Lena Valenti.

CAPÍTULO 01

Um mês e meio atrás.

Amanhecer de 25 de junho, bosque de Kilgannon, Inglaterra.

Ruth despertou rodeada por dois berserkers. Não estava nua, simplesmente dormia apoiada sobre o peito de um deles enquanto o outro a agasalhava grudado às suas costas. A seu redor, vários membros dos clãs também despertavam, alguns com mais energia que outros. Daanna se aproximou por trás e deu a mão para que se levantasse.

—Garota, esse hidromel é... —comentou Ruth aceitando a mão de Daanna. Colocou uma mão sobre a cabeça e apertou os olhos com força— Sinto que vai explodir minha cabeça.

— Ah, sim? —Daanna começou a rir com seus olhos verdes faiscantes— Seria a primeira pessoa que conheço que tem ressaca com o hidromel. — Ruth sorriu e limpou o vestido vermelho e comprido com as mãos.



— Apitam os ouvidos — murmurou meneando a cabeça.

Daanna admirou-se ao ouvir isso.

— E Aileen? — perguntou Ruth fazendo um coque mau feito — Devo parecer um farrapo.

— Não está em seu melhor momento e tem dois chupões no pescoço — observou Daanna cruzando os braços — Aileen desapareceu faz várias horas atrás desses matagais daí — assinalou com o dedo — seguindo meu irmão, é óbvio.

— É óbvio. — girou os olhos. Como se não víssemos que se comiam com os olhos um ao outro durante toda a noite — Ai, merda... — sacudiu a cabeça.

— Tão mal se encontra? — Daanna a ajudou a sentar. Ruth cambaleava.

— Isso nunca tinha me acontecido.

— O que sente?

— É este assobio... Incomoda muito. — tampou os ouvidos.

— Um assobio?

— É como se algo quisesse entrar em minha cabeça. É como se...

Ruth.

— Daanna — sussurrou Ruth com o olhar perdido — Sinto a voz de Aileen.

— O que? — Daanna se alterou.

Ruth... Samuel capturou Caleb e a mim.

— O que? Aileen. É a voz de Aileen — repetiu Ruth segurando a cabeça com as duas mãos.

Escute-me, Ruth. Avisa meu avô e Daanna. Ouve-me? Capturaram-nos. Estamos no Glastonbury Tor, acredito que estamos em uns túneis... Ficam poucas horas para o amanhecer e se não forem rápidos vão nos matar. Ajude-nos, Ruth. Avisa os clãs.

Ruth levantou como alma que leva o diabo e agarrou Daanna pelos ombros.

— O que acontece, Ruth? Não me assuste — advertiu Daanna com ansiedade.

— Aileen... Caleb... os capturaram. Terá que avisar os berserkers e devemos nos apressar antes que saia o sol. Vão matá-los. Vão matar Aileen e Caleb.

Ruth... Ruth... As crianças. Protejam as crianças.

O amanhecer depois de “A noite das fogueiras” não era tal e como Ruth esperava. Aquela noite desfrutou pela primeira vez de uma festa ancestral, acompanhada de seres que à simples vista pareciam normais, mas ela sabia perfeitamente que não eram. Esperava despertar com uma boa ressaca e com o corpo esgotado de tanto dançar, mas em vez disso se encontrava correndo como uma louca possuída atrás de dois berserkers que a precediam até o Wolverhampton. Seu corpo continuava intumescido depois de ter bebido mais hidromel do que seu sangue permitia. As festas que organizavam seus novos amigos nada tinham a ver com os bares que alguma vez frequentou em Barcelona. Essa festa era esbanjamento e desenfreamo com grande estilo, sim senhor. E fogo, muitíssimo fogo. Os vaniros rodearam o bosque de Kilgannon com fogueiras, cada uma maior que a outra, e elevaram os alto-falantes de seus carros à máxima potência, enchendo o bosque de sons desafiantes e melodias tão sexy que os quadris se moviam sozinhos. Beberam hidromel — a bebida dos deuses — dançaram, paqueraram e riram como nunca. Todos queriam dançar com ela. Movia-se muito bem. Os berserkers e os vaniros eram seres muito físicos e procuravam com esforço o contato corpo a corpo, e um corpo como o de Ruth que pudesse



rebolar dessa maneira era uma reclamação para eles. Não se importou que a abraçassem e a elevassem ao som da música, mas não entendia por que chamou tanto a atenção, quando as vaniras que ali se encontravam eram tão bonitas que ao ver uma podia ficar cego.

Depois da festa, despertou entre dois corpos masculinos que a rodeavam como se ela fosse um travesseiro. Sabia que não foi muito mais longe com eles. Só dançar e dormir. Dormir até que a voz de sua melhor amiga a chamou para que a ajudasse. A voz de Aileen se colocou em sua mente e falou. Aquilo era aterrador. Desde pequena tentou sossegar as vozes que sussurravam em seu ouvido em busca de algum tipo de consolo que ela não podia nem sabia dar. Seus pais a faziam tomar remédios, mas nada fazia desaparecer. A colocaram nas mãos de neurologistas, psicólogos e psiquiatras, e nenhum deles a ajudou. E isso sem mencionar seus próprios métodos para “curar”, uns métodos que ainda faziam que se levantasse pelas noites suando e envolta ainda em pesadelos. Desde alguns meses, as vozes soavam mais altas e claras que nunca. Ela tentava ignorar a seu modo, tanto as vozes como os pesadelos. “Não são reais, não são reais...”, repetia. Até que nesse mesmo dia, à alvorada, e acompanhada de uma dor de cabeça enjoativa, ouviu uma voz conhecida. Escutou Aileen e não pôde ignorar. A ela não. E agora obedecia à voz, porque era a de sua melhor amiga e estava em perigo.

As voltas que dava o destino... Uma hora atrás dançava como uma desenfreada, mas nesse momento se encontrava dando passos longos entre os bosques, indo a reboque de homens que eram mais animais que humanos pelo modo que tinham de saltar e correr. Não, não eram humanos, recordou. Devia ir com eles para que o líder do clã berserker que vivia no Wolverhampton ouvisse o que tinha a dizer. Devia encontrar Ás. Aileen disse que foram atacados e sobre ela caiu a obrigação de alertar.

Que mundo de loucos. Ela mesma acreditava que estava louca, que o que acontecia não era normal a não ser, bem, um desajuste mental, uma patologia. Uma enfermidade. Recapitulando, certamente poderia escrever um livro de tudo isso, um desses paranormais e românticos que tanto gostavam Aileen.

Para começar, sua melhor amiga foi raptada por uns seres que se chamavam vaniros, que para ela eram como vampiros, mas bons. Pelo visto, milhares de anos atrás pertenceram aos clãs celtas da área conhecida como Bretanha, até que uns deuses nórdicos, que pouco conheciam a arte da guerra, mudaram para que lutassem na terra contra Loki, uma deidade que bem poderia ser o demônio bíblico. De entre os vaniros que conhecia, destacavam-se Caleb e Daanna McKenna, que eram irmãos.

Caleb era o líder de seu clã e sua palavra respeitada e obedecida. Era um guerreiro sem igual e um grande perito em informática e nanotecnologia⁶. Quando o viu pela primeira vez, sentiu que suas papilas gustativas entravam em hiperatividade e segregavam mais baba que quando era pequena e estava saindo seu primeiro dente. O vaniro seria um excelente mordedor para acalmar

⁶ A **nanotecnologia** (algumas vezes chamada de **Nanotech**) é o estudo de manipulação da matéria numa escala atômica e molecular. Geralmente lida com estruturas com medidas entre 1 a 100 nanômetros em ao menos uma dimensão, e inclui o desenvolvimento de materiais ou componentes e está associada a diversas áreas (como a medicina, eletrônica, ciência da computação, física, química, biologia e engenharia dos materiais) de pesquisa e produção na escala nano (escala atômica). O princípio básico da nanotecnologia é a construção de estruturas e novos materiais a partir dos átomos (os tijolos básicos da natureza).



a dor.

Daanna era uma mulher fascinante e serena que inspirava muito respeito. Todo o clã vaniro a protegia e não só trazia de cabeça a seu irmão, mas também além de ser uma peça indispensável para o desenvolvimento de uma profecia relacionada com o fim do mundo, tinha o atraente vaniro Menw McCloud como escudeiro e protetor. Embora, pelo visto, não podiam coincidir em um mesmo lugar sem discutir e sem lançar facas venenosas um no outro. Ruth era muito intuitiva e sabia que acontecia algo estranho entre eles, saltava à vista que existia uma história passada, embora a vanira fosse relutante a contar nada a alguém.

Menw, por outro lado, era um desses homens cujo olhar azul turquesa despertava desejos de abraçá-lo e acariciá-lo por toda parte, e, entretanto, havia uma calma nele que intuía uma intratável tormenta interior. A mulher que estimulasse seu primeiro relâmpago poderia se considerar afortunada e cautelosa em partes iguais. Ele era um excelente curador, um grande médico e curandeiro, e cuidava de Cahal, seu irmão, o qual podia ser o que desse a vontade, porque esse homem nasceu dos fogos do inferno para fazer arder a qualquer mulher que o olhasse.

Cahal. Ninguém, ninguém, deveria ser tão bonito como ele era, nem tampouco tão mulherengo. Era o generoso, esse que desfrutava de tudo o que o rodeia e que espreme ao máximo a vida. Um desapegado. Entretanto, sua fachada de playboy, indiferente a nada que pudesse ser ele mesmo, contradizia com o que fazia para não ser ocioso. Dedicou-se a dar quietude e calma aos humanos através de seus múltiplos SPA de relaxamento e centros de meditação. Todo um personagem. Mas isso não faria esquecer que com Cahal não podia arriscar o coração, se não quisesse compartilhá-lo com cem mulheres mais.

Não fazia nem quatro dias que ela e Gabriel, o amigo de alma de ambas, chegaram a Londres para visitar Aileen em suas supostas férias. No dia seguinte de sua chegada, saíram aos pubs do centro de Birmingham para tomar umas taças, acompanhados do clã vaniro, que então para ela eram “só” humanos bonitos como deuses. Repentinamente, nessa mesma noite, viram-se envolvidas em uma guerra entre o bem e o mal em pleno centro da cidade, e a partir daquele momento entrou em cena o outro clã imortal da Black Country, os berserkers, criações do deus Odín. Essa noite conheceu os três mais importantes. Noah, um loiro platinado de olhos amarelos. Ele de repente pareceu o avô de Aileen, Ás, líder do clã berserker, e Adam, que era o mais parecido a um deus pagão da tortura e o pecado que ela viu em seus vinte e três anos de idade. Insofrível, e o pior, um autêntico ímã para ela. Um muito preocupante, mas não admitiria jamais.

E como cereja final, e ainda mais surpreendente: Aileen não era humana, mas sim uma híbrida entre estas duas raças ancestrais, e se apaixonou perdidamente por Caleb, o líder dos vaniros. E agora, os dois estavam em perigo, e Ruth, por uma razão que ainda não entendia, podia comunicar-se mentalmente com eles. Estavam fodidos, porque não sabia se poderia falar se continuasse batendo os dentes desse modo.

As vozes que falaram até então não eram conhecidas. Mas essa sim. Era Aileen sem dúvida nenhuma. Tentava acostumar-se a chamá-la Aileen com o A. Até fazia uns dias era Eileen para ela, mas sua recém-descoberta identidade também mudou seu nome. A pronúncia variava e não saía naturalmente.



—Por onde é? —gritou desesperada.

Julius, um dos berserkers que dançou com ela e que agora a guiava até o Wolverhampton, parou em seco e foi para ela ameaçadoramente. Havia meio que se transformado. Dirigia-se para Ruth com os incisivos mais compridos que o normal e muito brancos. Estes apareciam entre seus lábios e sua barba loira recém-crescida. Os olhos negros como topázios com a íris amarelada. O corpo alguns centímetros e quilos maior, tanto na largura como na altura. Olhou-a como se fosse comê-la, e então sorriu.

Os berserkers podiam passar de ser humano a meio lobos. Nem sequer eram lobos. Pareciam com guerreiros enormes, com cabelo longo, olhos amarelos e presas superiores. Além disso, as unhas ficavam negras e curvavam ligeiramente, convertendo-se em pequenas garras. Os traços de seus rostos se afiavam e marcavam mais quando mudavam. Como Adam mudou em Birmingham, recordou. A noite anterior não dormiu nada, em parte pela experiência extrema vivida, mas, sobretudo porque não deixava de imaginar o rosto desse homem.

Na batalha que deu lugar diante do Mitchells and Butlers, um lobacho a arranhou no estômago, alguém o puxou de cima e logo se viu rodeada por esse animal tão belo. Adam. O berserker moreno a cuidou com autêntica preocupação. Seu olhar era vermelho, não amarelo. Seus olhos, uma maré vermelha de lava e fogo, estavam centrados nela, só nela. Ao ver a ferida de seu estômago a abraçou forte e murmurou algo estranho em seu ouvido. De repente, sentiu que seu corpo irradiava ondas de calor para o seu, e ela as recebeu encantada. Permaneceram abraçados durante um longo e reconfortante minuto, até que Daanna a levou, afastando-a daquele açougue que havia a seu redor. Depois do ataque, Daanna tentou acalmá-la entrando em sua mente e apagando as lembranças. Mas aquilo não funcionou com ela e todos estavam surpresos. Em troca, sim com Gabriel. Ela não só podia se proteger contra as ondas mentais alheias, mas também não queria que ninguém apagasse nada, porque para ela era importante recordar que sua melhor amiga não era humana, mas mais importante ainda era poder recordar e visualizar a imagem de Adam protegendo-a, o rosto desse moreno taciturno olhando-a com atenção e verificando que não tivesse nenhuma ferida mais. Ficou caída por ele, somente em vê-lo. Caída era pouco. Seu corpo entrou em sintonia direta com o seu, e a atraiu como um polo oposto. Entretanto, e para sua tristeza e estupefação, essa mesma manhã, deu-se conta de que Adam a odiava profundamente e ela não sabia por que. Ruth não entendia nada, e o mais preocupante de tudo era que não podia tirar da cabeça esse guerreiro.

— Desculpe-nos por não tê-la notado, linda. — a voz de Julius a puxou de suas lembranças. O berserker girou dando as costas e sorriu por cima do ombro— Sobe. Aposto que está cansada.

Não só estava cansada, mas também impressionada de vê-lo em plena mutação. Deu um passo para trás.

— O que?

— Sobe — repetiu ele abaixando um pouco para que fosse mais cômodo pendurar-se — Não há tempo. Vamos — apressou perdendo a paciência.

— Está bem. —Suspirou e se pendurou em seu pescoço. Não estava nada convencida desse novo transporte, mas faria isso e mais por sua amiga Aileen.

— Me rodeie com suas pernas — ordenou malicioso.



— É necessário isto, Julius? — perguntou Ruth elevando uma sobrancelha de cor mogno.

— Ontem de noite não foi tão afetada quando dançou conosco, não acha, Limbo?

Limbo, o outro berserker que os acompanhava e que foi o terceiro em discórdia nesse trio de dança, sorriu e a olhou com lascívia. Seu comprido cabelo castanho e seus olhos amarelos davam um aspecto selvagem. Uma das presas superiores se curvava de um modo amorfo para o interior.

— Seu modo de dançar, humana, deveria estar proibido pela lei. — passou a língua pela presa curvada que Ruth observava.

Ela não se sentia segura com eles no meio do bosque. Eram enormes, ameaçadores e, além disso, muito dominantes e ela só era uma garota. Uma humana. Muita testosterona. Obrigou-se a permanecer serena.

— Me aborrecem. — girou os olhos — Não sei nem como se lembra de algo do que fez ontem, quando no final de meia hora você e seus amigos estavam dormindo abraçados uns aos outros no chão — respondeu ela rindo dele em seu rosto.

— Faz Ruth. Agora — grunhiu Julius.

Ruth deu um salto, fechou os olhos com força, apertou seu pescoço quase estrangulando-o e rodeou sua cintura tal e como o berserker ordenou. Em seguida, tudo mudou. Sentiu o ar golpeando seu rosto, sentia que quase levitava, e pôde perceber a velocidade desumana e frenética que chegavam a alcançar esses seres. O poder. A força. A magia nos corpos desses homens. Meio homem. Meio animal. Imortal.

Como era possível? O mundo estava cheio de magia. Ela, que não acreditava em nada exceto em si mesma. Ela, que devido a sua família ser atea e ridicularizou aqueles que acreditavam em deuses e seres de outras naturezas. Agora, ela e ninguém mais podiam dar fé de que outras realidades coexistiam com a única realidade que acreditava conhecer. Havia outros mundos dentro deste.

Enquanto o vento golpeava seu rosto, seu cabelo lutava por desatar do rabo provisório que fez para que não enredasse, e depois de três inclinações bruscas o elástico saiu voando e sua juba mogno se libertou. Os cachos iam e vinham e fustigavam suas costas. O ar cheirava a hortelã e a umidade, e o chão florestal coberto de uma fina geada. Um orvalho da madrugada. Rezou para que Julius não escorregasse e a aleijasse nessa vida. Quase não deu tempo para abrir os olhos quando sentiu que paravam e a baixavam bruscamente das costas que ia agarrada.

— Vamos a Adam — disse Julius — Certamente o encontraremos.

— Já chegamos? — perguntou Ruth aturdida. Penteou o cabelo com os dedos e jogou a longa juba a um lado.

Ninguém respondeu.

— Pode ser que este ano seja diferente. — respondeu Limbo a Julius.

— Adam? Está brincando? Nestas noites nunca se emparelha. Noah e Ás desaparecem à primeira mudança, mas ele sempre está no Totem. Vigando — disse com brincadeira.

Ruth franziu o cenho enquanto tentava seguir o passo dos dois berserkers. Totem? Encontraria-se com Adam? Ela queria falar com Ás, não com o moreno perigoso e arrogante. Estava histérica e muito despenteada. Não era momento para encontrar com ele.



O bosque frondoso e denso de altas e antigas árvores se encontrava ligeiramente iluminado pelos primeiros raios do amanhecer. Sim, sem dúvida um bosque de fadas, magia, mistério, totens e povoado de berserkers.

“Ruth, bem-vinda a Inglaterra”, pensou.

— O que você disse? — Julius a olhou por cima do ombro e sorriu vaidoso— Aí está.

Ruth olhou para onde eles olhavam e então o viu. Adam estava sentado em posição de lótus, apoiado em um totem com cabeça de lobo. Vestido todo de negro, com os olhos fechados e com seu imenso corpo em repouso, Adam dava a sensação de que não perdia nem um mísero detalhe do que acontecia a seu redor. Era ameaçador. Podia simular que dormia se queria, mas a ela não enganava. Ruth sentiu um calafrio quando a meio empurraram para que fosse à frente do batalhão e desse a notícia.

Adam abriu os olhos, um brilho sombrio cruzou seu olhar. Levantou-se bruscamente e Ruth teria jurado que grunhiu como um cão ao vê-la.

O rosto desse homem era espetacular. Moreno, de ângulos pronunciados e viris. Olhos da cor da noite, rasgados e exóticos, grandes e de longas pestanas frisadas. Queixo proeminente e partido, lábios grossos e maçãs do rosto marcadas e altas. Nariz reto. Feições duras. Um rosto patricio e ao mesmo tempo latino. Usava o cabelo raspado quase a zero e um piercing com duas bolinhas negras na sobrancelha esquerda.

Ruth se concentrou e limpou a garganta repentinamente seca. Faziam cócegas as marcas do estômago e ardiam. Levou a mão a essa área e a esfregou brandamente. Adam seguiu seu movimento e seus olhos se cravaram em seu ventre. Rangeu os dentes como um cão raivoso. Pelo visto não gostava de vê-la. Bem, tampouco tinha muita vontade de vê-lo, ou ao menos tentaria aparentá-lo. Eles, essa mesma manhã, já tinham se visto e desdenhado um ao outro sem nenhum tipo de compaixão. Isso sem mencionar que fazia umas horas, na festa das fogueiras, fez um gesto obsceno com o dedo do meio.

— O que faz ela aqui? —grunhiu Adam desaprovando com o olhar. Ruth jogou a cabeça para trás para poder olhá-lo nos olhos. Era alto. Muito alto. Mal lhe chegava ao ombro, e isso que não era uma mulher baixa. Sentia orgulho de seu um metro sessenta e cinco. Encheu-se de orgulho para enfrentá-lo, não se deixaria amedrontar por seu olhar cheio de ira.

— Tem algo a nos dizer — disse Julius.

— Que diabos você tem a dizer? — espetou Adam com desdém— Acabou o hidromel e quer mais? Pois aqui não há.

Ruth ficou tensa. Seus olhos se estreitaram. Era verdade que bebeu hidromel, mas não precisava lhe falar assim. Ninguém tinha o direito de ser tão brusco com ela.

— Não, idiota. Aconteceu algo. Aileen e Caleb estão em perigo e necessitam ajuda. E não estou de humor para discutir sobre seu mau gênio, vira-lata.

Os três berserkers grunhiram diante da ousadia da jovem. Adam esticou a mandíbula. A essa garota pouco intimidavam os guerreiros de Odín. Ou era uma imprudente ou era muito valente. Possivelmente, simplesmente estava bêbada.

— Como sabe? —perguntou ele.

— Só terá que ver. Desapareceram. —Ruth levantou o queixo de um modo provocador.



— Não. —Apertou os punhos perdendo a paciência— Como sabe que estão em perigo.

— Bom... —jogou o cabelo para trás em um movimento altivo e muito praticado— Aileen falou... Comigo — respondeu baixo.

— Perdoa, o que disse? — pôs o ouvido à altura de seus lábios.

— Que Aileen —repetiu ela intimidada— falou comigo.

— Se falou com você — Adam se cruzou de braços— tal e como diz, como estaria em perigo?

Começou a suar as mãos de Ruth. Era a primeira vez que dizia o que acontecia em voz alta a alguém alheio a seu direto círculo de amigos. Que Adam fosse seu segundo confidente era perturbador. Não inspirava confiança. Respirou profundamente.

— Disse isso telepaticamente. —Já está. Soltou. Adam ficou tenso ao ouvir sua resposta. Olhou-a de cima a baixo fazendo uma careta.

— Pode falar telepaticamente? —perguntou dando voltas a seu redor— Você?

— Não sei. Às vezes acontece. Ouço... Vozes. —Seguia nervosa com o olhar. — Ouça, deixa de se mover.

— Às vezes acontece? —perguntou incrédulo.

— Sim. Só às vezes. Não... Não sei muito bem como faço, mas...

— Interessante. —parou em frente dela. Estudou seus olhos e seu rosto como se quisesse ver através deles. — Vocês dois, avisem o clã — ordenou aos berserkers— Que se preparem. Enquanto isso, terei umas palavras com... A senhorita — e o remarcou como se risse dela— Nos deixem sozinhos.

— Sim, Adam.

Ruth girou para ver como Limbo e Julius iam correndo e desapareciam entre as árvores. Pensou que todo mundo fazia o que dizia Adam, por isso era tão imperioso e se acreditava dono do mundo. Engoliu saliva. Agora estava sozinha com ele e a intimidava como ninguém fez em sua vida. Ele a olhava a sua vez como se ela não valesse nada.

— O que disse Aileen exatamente?

— Que os lobachos e os vampiros os atacaram. E que terá que proteger as crianças. Sobretudo as crianças.

Adam parou em seco, como se o tivessem golpeado. Seu olhar obscureceu.

—E ela e Caleb, onde estão? Disse onde estavam? —repassou seu vestido de estilo helênico. A cor vermelha do tecido parecia com seu cabelo, à exceção que o de Ruth era de uma cor mais viva e tinha um brilho especial. De fato, toda ela brilhava. Os seios se elevavam altos e turgentes, e o tecido emoldurava o corpo esbelto como uma luva. Uma mulher que nunca passaria despercebida nem com o mais sujo dos farrapos. Ruth era muito sensual e feminina para seu gosto. Perigosa para um homem. As vaniras certamente teriam emprestado o vestidinho para sua peculiar celebração. Ele mesmo foi um momento nessa noite, só para não rechaçar o convite de Caleb, e a viu dançar com dois de seu clã, os mesmos com quem voltou para dar essa mensagem. Julius e Limbo. Essa menina repelente o provocou levantando o dedo do meio indecentemente enquanto meneava os quadris como uma mulher de um harém diante dos dois guerreiros babões. Ruth o provocava só olhando.



— Você gosta de meu vestido? —Ela levantou uma sobrancelha colocando uma mão em cima do peito para ocultar o decote. Adam não perdia o detalhe— Não tenho os olhos nos seios, rapaz.

— Não. —Apertou de novo a mandíbula. Ruth era uma descarada.

— Não, o que? Você não gosta de meu vestido ou não tenho olhos nos seios? — sorriu maliciosamente.

— Não a ambas as coisas. Responde ao que perguntei — gritou.

— Não precisa gritar. Acredito que disse em Glastonbury, em umas cavernas subterrâneas. —Adam se aproximava cada vez mais, e ela fazia o possível por não retroceder. Antes morreria a demonstrar debilidade a esse fanfarrão, mas mesmo assim, que bonito que era o condenado—. Daanna se encarregou de avisar seu clã. Uns foram atrás de Aileen e outros estão vigiando que não entrem em Dudley. Adam, tenha pressa, por favor. Eles virão e... Já sabe o que acontece com os vaniros com o sol. Precisam que ajudem porque está amanhecendo e...

Adam inclinou para observar seu pescoço.

— O que... O que faz? —tentou afastar-se.

— É uma irresponsável — a repreendeu com censura.

— Perdoa? —levantou as sobrancelhas incredulamente.

— Tem um dom e o desperdiça. Olhe para você. Cheira a álcool, cheira a... Homem.

— Cheiro a festa e a alegria. Deveria prová-lo alguma vez.

— Não. Cheira a vício.

— Como se atreve? —deu um passo para trás, nervosa ao ver que ele se abatia sobre ela. Jogava em cima da verdade.

— Não. Como se atreve você? Como alguém pode levá-la a sério? Olhe-se, aparece aqui cheirando a depravação, aturdida pelo hidromel e dá uma mensagem desse tipo. Como poderia acreditar?

Ruth enrijeceu.

— Mas tem que acreditar em mim, Adam. Não invento — ela alegou— Sua gente está em perigo e os vaniros também. Tem que... Tem que levar algum pelotão a Dudley — tremeu a voz. Não contava com que ele não acreditasse. Não era sua culpa ter recebido a mensagem de Aileen depois da festa. Não era sua maldita culpa tampouco que o hidromel estivesse tão delicioso e que tivesse subido um pouquinho à cabeça— Está a ponto de sair o sol, e os vaniros não poderão lutar nessas condições. Precisam sua ajuda.

— Tem dois chupões no pescoço e a tocaram por todos os lados — criticou quase sussurrando— Posso cheirá-los. —destacou o nariz.

Adam estava enciumado, julgando-a, repreendendo-a como se fosse uma criança. Zangado porque a haviam tocado. Como se ela fosse algo dele.

— Maldição, Adam! —pouco faltou para chutar o chão— Está me escutando?

— Deveria cuidar mais de seu corpo. Ter mais respeito. Cuidar de seu dom. Em seu sangue há mais álcool de que poderia beber toda uma equipe de rúgbi. —Seus olhos negros brilharam desafiantes.

— Isso não é verdade! —protestou. Deu meia volta para sair dali. Não o suportava. Estava



enfurecida. À merda se ele não queria fazer caso— E eu não tenho um dom. E você não tem nada a ver com o que eu faço ou deixe de fazer!

— Certo. Ouça-me bem. —Pegou-a pelo pulso e a parou em seco— Já me deu a mensagem. Escutei — deixou claro— Agora saia. É um perigo. Uma mulher que não é responsável consigo mesma é uma menina. Uma menina muito fresca. —Observou-a com frieza e roçou com um dedo os dois chupões de sua garganta.

Ruth seguiu sua mão com os olhos e afastou o rosto. O grande cretino a estava humilhando. Estava enfurecido porque deu um inocente chupão? Foi um jogo e nem sequer o desfrutou. Enquanto dançava, Julius se aproximou muito a seu pescoço, bisbilhotando como se procurasse comida, e de repente a beijou e chupou tão rápido e tão bruscamente que não deu tempo para afastá-lo.

— Faça um favor — sussurrou agarrando pelo queixo e obrigando-a a olhá-lo.

— Deixa de me tocar. —soltou-se de seu aperto com um movimento brusco de cabeça— Não pode evitar, não é?

— Não volte por aqui, entendido? —prosseguiu agarrando-a de novo pelo queixo, desta vez com menos delicadeza— Na realidade ainda não posso compreender por que se importa conosco e porque nos alerta, mas tampouco farei esforços por entendê-lo. Você nos porá em perigo, mulher. Cedo ou tarde fará. Põe a todos no olho do furacão. Se voltar a vê-la em Wolverhampton, darei-lhe uma lição que nunca esquecerá. Só trará problemas.

— É a segunda vez que ouço isso de sua boca, cão. E eu não gosto.

Naquela mesma manhã, reuniram-se todos na casa de Aileen para falar sobre como deviam proceder com lobachos e vampiros, agora que descobriram que também trabalhavam para uma organização chamada Newscientists e que se dedicava a mutilar e extorquir os corpos de berserkers e vaniros, entre outras coisas horripilantes.

Relembrou como Adam a olhou. Não sorriu, não fez nenhum gesto para que se sentisse cômoda. Simplesmente a vigiou como se não houvesse ninguém mais na cozinha, seus olhos de obsidiana eram todo um espetáculo. Ruth sugeriu que ela e Gabriel podiam ajudar os clãs em sua luta contra os lobachos, os vampiros e as sociedades secretas que os perseguiam como iscas. Mas Adam expressou abertamente que não queria que ela participasse dos assuntos dos clãs. Em Ruth ainda ardiam os sarcasmos que trocaram diante de todos.

Voltando para a realidade com aquele gigantesco homem, olhou-o de cima a baixo e respondeu:

—Não se preocupe, não voltarei por aqui. —Despedia fogo por seus olhos ambarinos— marcou muitos cantos, Adam, e esta área cheira mau. Não ensinaram que não se faz dentro de casa? Assim não, cãozinho — afastou a mão dele com um tapa— Definitivamente, não me verá mais. Não cansa de levantar a patinha?

— Não tanto como você de abrir as pernas. Fez um bom trabalho nos dois berserkers que dançavam com você? Com certeza que sim. Eles cheiravam a você.

Esse comentário foi como um murro. Ficaram ambos com o olhar fixo no outro. Ruth ferida e Adam furioso.

— Parece ressentido — cravou ela desenhando um sorriso frio e falso, procurando parecer à



garota altiva que não era. Querendo demonstrar que não importava nada do que dizia, quando na realidade sim que afetava. De onde nascia esse antagonismo e por quê? — O que acontece, cãozinho? Quer se colocar entre minhas pernas? É isso? Não o levo em conta? Pobre Snoop...

— Bonita, não permitirei que ria de mim outra vez. — Sorriu maliciosamente e a agarrou pelos cabelos da nuca com dureza— Além disso, eu gosto das coisas novas e limpas. Não de segunda mão e sujas como você.

Logo a soltou e esteve a ponto de perder o equilíbrio.

Ruth sentiu que ficava sem ar. Tremeu o queixo, incapaz de responder nada tão irritante. Queria matá-lo e sufocá-lo com suas próprias mãos. Queria arranhá-lo e cortá-lo em rodela. Odiava-o e estava lhe dando razões para isso, mas... Por que ele a odiava desse modo? O que fez para merecer sua aversão? Nunca ninguém lhe falou dessa maneira, como se ela não valesse nada, como se fosse uma pária, ao menos ninguém digno de recordar.

—Você tampouco me cai bem, Lessie — sussurrou— E se voltar a me tocar...

—Me cansa humana. Mantenha-se afastada de mim. Não a quero nestas terras. Ficou claro? —Ruth tinha os olhos escurecidos e um pouco vermelhos. Estava a ponto de voltar a chorar. Ele sabia e isso fez que crescesse— Se os vaniros aceitaram que você e seu amigo Gabriel formem parte disto, perfeito. Mas eu não confio em você. Salta à vista nada mais ao vê-la, que não toma nada a sério e que só olha para si mesma e por seu interesse. Teremos sorte se não fizer merda e acabarem nos matando por sua indiscrição. Sei que não é de confiança, assim ande de olho em mim. Limbo a levará a Notting Hill e manterá Gabriel e você a salvo. Mas não quero vê-la mais por aqui. —Com um gesto de seu queixo a convidou que se fosse.

Adam deu um passo para trás e olhou à frente, por cima do cabelo mogno de Ruth. Não voltaria a olhá-la no rosto. Os berserkers se prepararam com suas machados e suas roupas folgadas e negras e corriam para encontrar-se com ele e defender Wolverhampton.

Ele deu as costas à jovem que tinha diante si. Ruth não se atrevia a olhá-lo de novo nos olhos. Assim, angustiada, deu a volta também. Ela não merecia isso.

“Sim — pensou Adam— Melhor assim. Vai de uma vez”. Ela tinha que saber que não era bem-vinda. Não daria nem obrigado por salvar sua vida.

Porque a realidade era que, naquele dia, uma jovem humana chamada Ruth salvou a vida de todos.

CAPÍTULO 02

Na atualidade. Bairro de Notting Hill.

Um. Silêncio. Dois. Silêncio. Três. Silêncio.

Ajude-me. Por favor...

Ruth esticou todos os músculos de seu corpo. Depois do frio, depois que a pele arrepiasse repentinamente, sabia o que vinha. E sempre vinha, não importava se era de dia ou de noite, igualmente importava que hora fosse. Agora, justo ao anoitecer, vinham de novo até ela.

Abandonada em um dos cantos do quarto, afundou o rosto entre seus joelhos. Tremia e



tinha frio, e a bÍlis subia pela garganta. Deus, fazia tanto frio... Exalou tremulamente e abriu os olhos o suficiente para ver o hálito que se formava como uma nuvem diante de seu rosto.

Ultimamente as vozes eram tão fortes e tão claras que já não tinha autocontrole.

Era agosto, não mais de três da madrugada e estava no interior de sua casa em Notting Hill. Uma mansão que esplendidamente deu de presente Caleb McKenna a ela e Gabriel, entre outras coisas, como pagamento por arriscar suas vidas por eles. Fazia um mês e meio que se mudaram para viver ali. Gab e ela trabalhavam lado a lado na elaboração de uma página da Web de temática de mitologia celta e escandinava.

Uma hora atrás estava trabalhando diante de seu computador, administrando o fórum de temática e cultura celta que era o que ela criava dentro da Web. Seu trabalho consistia em dar boas vindas a todos os forumeiros e localizar e controlar aqueles que se comportavam de maneira mais estranha ou que conheciam de um modo mais profundo as tradições populares. Já registraram a mais de duzentas pessoas. E tinha de tudo: desde malucos e curiosos, a simpatizantes e licenciados na matéria. Caleb esperava encontrar e religar a todos os vaniros espalhados e perdidos pelo mundo.

Gabriel, por sua vez, controlava a Web e o fórum de mitologia escandinava.

Os vaniros e os berserkers, duas raças sobrenaturais, ancestrais e antigas, esperavam que todos aqueles membros perdidos dos clãs entrassem em contato com eles através dos fóruns que Ruth e Gabriel controlavam como moderadores. Aquilo parecia surrealista, mas assim tiravam proveito das novas tecnologias e tampouco podiam anunciar de maneira descarada.

Com essa iniciativa, alertariam a todos aqueles seres que não conhecessem as sociedades secretas que, como Newscientists, trabalhavam raptando vaniros e berserkers, submetendo-os a todo tipo de torturas e experimentos.

Não somente devia avisar sobre essa empresa, mas também sobre a crescente e alarmante transformação daqueles que Loki submetia quando caíam presa do desespero e da fome. Ele criou os vampiros e os lobachos, servindo-se da debilidade de vaniros e berserkers. Ele os incitava a viver a vida que eles desejavam, uma vida sem limites e sem remorsos. Para seres que viviam a mais de dois mil anos, o caminho que Loki vendia era libertador em muitos sentidos e aqueles que sucumbiam perdiam sua alma em troca. O número de caídos crescia cada dia que passava e somente aqueles que não se vendiam podiam dar caça e acabar com eles.

Quantos mais ajudassem à causa, melhor. Pelo visto, Gabriel e Ruth eram os dois primeiros que integravam em suas filas, pois nunca colaboraram antes com seres humanos.

Ajude-me. Rogo isso, me ajude...

Ruth fechou os olhos com força e tampou os ouvidos. Aquela voz rasgada pela dor pedia auxílio.

—Basta. Basta — sussurrou com a voz cheia de lágrimas— Não posso mais.

Você pode me ajudar. Por que não me ajuda? Vai acontecer algo terrível...

Agora detectou a nuance da voz muito claramente. Era uma mulher. Uma mulher desesperada e quebrada pela dor. Já a ouviu outras vezes. Ouviu-a outras vezes, recordou aturdida. Os nervos e o medo que sempre emergiam naquelas crises não deixavam que localizasse a voz com clareza.



—Já é suficiente — rogou abraçando os joelhos e balançando para frente e para trás— me deixem tranquila.

Silêncio.

Mas Ruth não se enganava. As vozes não acabavam de ir nunca, enganavam. Sempre voltavam. Sempre. E o silêncio, o maldito silêncio era como a calma que precede à tormenta. Entretanto, desta vez, algo novo aconteceu. A estadia se impregnou de aroma de natureza. Como jasmim e rosas. Um aroma forte, penetrante e peculiar. Um aroma que recordava de uma amiga especial que teve na infância. Uma amiga que aqueles nos que ela confiava negaram.

Ruth franziu o cenho. Em seu quarto não havia flores.

Não! — gritou a voz.

Ruth começou a chorar como se tivesse cinco anos e estivesse sozinha e muito desamparada. Assustada. Temerosa. Aquela mulher, fosse quem fosse, estava muito perto dela. O susto foi tremendo. Era sua respiração o que ouvia? Não podia ser. Sim. Estava aí, com ela, grudada a seu ouvido direito. Respirava como se tivesse corrido uma maratona, como se não tivesse ar.

Preciso de você. Não entende?

A voz soou mais calma e mais doce. Ruth engoliu saliva, embora tivesse a garganta seca e dolorida pelo pranto.

De repente sentiu uma carícia na nuca. Uma mão fria roçava sua pele com os dedos. Jamais a haviam tocado. Nunca. E isso surpreendeu tanto que caiu como uma torre de naipes.

—Não! —gritou até que esvaziou o ar de seus pulmões. Gritou até que doeram as cordas vocais. Até que a escuridão a tomou em seus braços e ela, agradecida, deixou-se ir.

Daanna e Aileen chegaram à casa de estilo vitoriano e tijolos vermelhos de Notting Hill assim que receberam a chamada de Gabriel.

Ele disse que Ruth ficou enfraquecida no chão depois de gritar até quase rasgar. Não deu tempo de correr ao andar de cima e socorrê-la com o que fosse que tivesse acontecido. O rapaz ainda tinha o coração a mil por hora e os nervos crispados ao ver uma de suas duas melhores amigas em um canto de seu imenso quarto, pálida e quase sem vida, como se fosse uma boneca de pano.

Gabriel se separou da porta para que Aileen e Daanna entrassem. Não deixava de surpreender sempre que via Aileen. Sua transformação em híbrida foi espetacular. Tinha a pele mais perfeita que jamais viu e seus olhos lilás eram simplesmente surpreendentes. Eletrizantes. Entretanto, o que mais surpreendia Gabriel era a naturalidade com que sua melhor amiga aceitou sua nova vida. Fazia dois meses era humana. Agora era uma híbrida entre berserker e vanira. Estava eternamente unida a Caleb, o líder dos vaniros keltois, e ambos foram nomeados protetores do distrito de Walsall, depois de caçarem traidores que colocaram suas vidas em perigo de morte.

Daanna sorriu, e ele assentiu com a cabeça a sua vez a modo de saudação, suspirando como um homem apaixonado.

Daanna era tão impressionante como Aileen. A vanira era a irmã de Caleb, a cunhada de Aileen, uma mulher perfeita e inalcançável, doce e ao mesmo tempo distante, serena e cheia de



paz, e, além disso, tinha a mente e a razão carcomida de maneira definitiva. Ele nunca se apaixonou, mas estava convencido de que gostar de alguém significava sentir tal e como ele se sentia com a vanira.

Gabriel teve que passar a mão repetidas vezes pelo rosto para despertar de seus pensamentos. Mas é que ambas as belezas, as duas morenas, de longas jubas e olhos grandes e estranhamente claros, eram muito para um homem normal e comum como ele!

— Onde está, Gab? — perguntou uma Aileen preocupada.

— Em cima — respondeu Gabriel precedendo — vamos.

— Não ouviu nada estranho enquanto ela estava em seu quarto?

— Nada. Silêncio absoluto. Eu estava trabalhando em meu escritório e a ouvi gritar. Ruth e eu estamos acostumados a tresnoitar bastante quando estamos presos com a Web. Aileen... Era um grito de terror, algo ruim aconteceu.

— Aconteceu outras vezes? — perguntou Daanna subindo as escadas a toda pressa.

— Se aconteceu não me disse nada. Ruth é muito extrovertida, mas custa se abrir quando se trata dela mesma. Embora seja verdade que passa um tempo bastante estranha.

Gabriel olhou Aileen de esguelha, e pôs uma mão no ombro.

— Assustada?

— Sim, um pouco — confessou cansado — Quando a segurei nos braços para deixá-la na cama estava fria como um iceberg, Aileen. Não soube o que fazer. Não me escutava e tinha o olhar perdido. Merda, fiquei arrepiado.

Daanna escutava com atenção o que dizia Gabriel. A vanira gostava muito de Ruth, converteram-se em muito boas amigas. Elas três formavam uma grande equipe. E se preocupava com Ruth. Porque ela não tinha nenhuma dúvida de que Ruth era especial.

— Gabriel — Daanna parou na porta e o olhou por cima do ombro de um modo conciliador — Nos deixa a sós com ela, por favor?

— Vão despi-la? — perguntou franzindo o cenho.

Ambas se detiveram em frente, como se não compreendessem esse comentário. Gabriel se obrigou a fechar a boca, tinha o cacoete de dizer a todo momento o que passava pela cabeça e expressava suas fantasias sem nenhum tipo de pudor.

— Está bem, já me calo. Espero aqui fora — suspirou como um menino pequeno e se sentou nas escadas.

Daanna abriu a porta e as duas entraram no quarto.

Era um lugar amplo de teto muito alto. O chão de parqué claro brilhava pela capa de verniz que colocou a uma semana, e as paredes estavam pintadas de fúcsia. As cortinas brancas deixavam entrar a sutil claridade noturna e o reflexo dos abajures do jardim. A cama era enorme. Na parede havia uma livraria embutida de madeira de cerejeira. E sobre a escrivaninha que ocupava todo um canto do quarto havia um computador branco de mesa MAC de grande dimensão.

Ruth parecia uma bola em cima a cama. As almofadas espalhadas no chão e uma delas entre suas pernas. A colcha negra com corações vermelhos estampados por todos os lados estava desfeita a seus pés. Tinha os olhos inchados por ter chorado e o rosto um pouco pálido. Quando



elevou o olhar e olhou a suas amigas, agarrou os joelhos e afundou o rosto no travesseiro. Não suportava que a vissem nesse estado. Ela era forte, autossuficiente e muito independente. Não necessitava que ninguém cuidasse dela.

— Olá, querida — Aileen se sentou e acariciou a coxa dela com suavidade. Aquele contato era reconfortante para Ruth— O que aconteceu?

Ruth fez negações com a cabeça. Não podia falar disso. Não podia dizer o que acontecia, porque era incontrolável para ela. Como explicar algo que nem ela entendia? Aileen acreditava que já estava curada, que já não tinha crise desse tipo, mas como podia dizer que na realidade alguma vez se curou? Reconhecer diante delas dava vergonha.

— Ruth — Daanna se sentou no outro lado e afastou o cabelo do rosto. Fascinava seu cabelo, de uma tonalidade parecida com o vinho tinto— não vamos até que nos diga o que é que aconteceu. Sabe disso, verdade? — Sabia. Aileen e Daanna eram inquebráveis, enquanto ela se rompia por momentos. Aquilo era um desastre.

— Ruth — Aileen pôs uma mão sobre a testa de sua amiga— Está suando, céu. Venha.

— Me deixem — murmurou.

Daanna e Aileen se olharam. Nunca viram ninguém tão abatido, e o fato de ver Ruth assim, que era uma garota tão cheia de vida e de alegria, quebrava o coração.

— Não, Ruth — Daanna estava frustrada— O quarto está gelado e você está ensopada. Está doente? Deixe-nos ajudar.

— Ruth — grunhiu Aileen— Sou capaz de quebrar a promessa que fiz de não entrar em sua cabeça sem permissão. Se for necessário...

— Não fará — Ruth se levantou de repente e a olhou censurando-a. Estreitou os olhos até que se converteram em duas linhas douradas. Os olhos ambarinos de Ruth podiam deixar alguém paralisado quando ficava furiosa.

Aileen sorriu com doçura e negou com a cabeça.

— Não, não farei. —Pôs uma mão na sua bochecha.

— Mas eu sim. —Daanna encolheu os ombros— Queremos ajudar e se você não nos deixar...

— Não necessito ajuda — respondeu ela olhando a vanira.

— Claro que a necessita, Ruth — respondeu Daanna colocando as mãos na cintura— Desmaiou. Tem olheiras de não dormir. Perdeu peso, e está inquieta e muito nervosa ultimamente. É pelo trabalho? Caleb está pedindo muito? —seus olhos faiscaram com uma advertência.

— Caleb a pressiona? —Aileen enrugou as sobrancelhas— Terei que falar com meu *cáraid*⁷ —murmurou mal-humorada.

— Não é isso, Aileen — tranquilizou Ruth— Seu namorado continua sendo um psicopata da ordem e do controle, mas nos explora dentro dos limites da lei. Além disso, está-me fazendo muito rica — esclareceu despreocupada. O dinheiro era o que menos interessava Ruth.

Era verdade. Os vaniros eram clãs mágicos muito enriquecidos. Devido ao tempo que

⁷ Casal em gaélico.



passavam na terra, conseguiram grandes impérios e aplicaram no setor empresarial, não fazer isso teria sido tolo. Tanto Ruth como Gabriel tinham uns honorários exagerados, já que os vaniros pagavam de igual modo a aqueles que ajudavam.

— Então? —animou Daanna a prosseguir.

Ruth beliscou a ponte do nariz.

— Acredito que não podem ajudar. Estou fican... ficando louca. — Era assim simples.

— O que diz? —Daanna sentou de repente na cama— Já sabemos que está louca. Diga-nos algo novo.

Aileen riu, mas Ruth fechou os olhos com força.

— Não, Daanna... Isto é sério.

— Se explique. —Aileen passou o braço por cima— O que acontece?

— São... As vozes... As malditas vozes... Elas são... Voltaram.

— Como? —Daanna franziu o cenho.

Aileen apoiou a bochecha sobre a cabeça de Ruth. Levantou uma mão e acariciou seu cabelo repetidamente.

— As vozes — repetiu Aileen— As que ouvia quando era pequena?

— Sim... Sim, essas. —cobriu o rosto com as mãos e soluçou— Não suporto, não sei o que me acontece... É minha cabeça. Não desapareceram completamente, Aileen. Minha cabeça não está bem, tenho que voltar a me medicar... Tenho que...

— Chis, nem pensar. —Aileen a abraçou com força ao ver que a sua amiga estava a ponto de ter um ataque de pânico— Nem pensar, Ruth. Você não voltará a tomar nada disso, ouve-me? Se tranquilize, querida. Isso não te faz nenhum bem.

—Vamos ver, Ruth. —Daanna ficou de cócoras, pegou uma mão e a separou do rosto— Que vozes ouve?

Ruth engoliu saliva e meio soluçando tentou explicar.

— Todo tipo de vozes... Pedem ajuda... Pedem ajuda. Pode acreditar nisso? —tentou sorrir em vão— Como se eu pudesse ajudar... Mas não sei o que devo fazer. Não sei como ajudar. Desde que estou aqui, ouço frequentemente e cada vez são mais... E acredito... Acredito que sou uma esquizofrênica. Pode ser que tenha um transtorno de personalidade... Pode ser que... Preciso que me internem. Sim. Sim, necessito. Adam... Adam tinha razão.

— Espera, espera... Adam? —Aileen a puxou pelos ombros para olhar seu rosto— Quando voltou a ver Adam?

— Não voltei a ver desde que deu o aviso na noite que se comunicou comigo mentalmente. Ele me disse que só traria problemas, e olha, tinha razão.

— O que quer que olhe? —Aileen suavizou a raiva que crescia em seu interior. Sabia que tudo o que Adam havia dito tempos atrás havia magoado Ruth, mas ver que sua amiga se convencia disso a irritou— Eu só vejo uma garota que está assustada porque não sabe o que está acontecendo. E é normal, Ruth. Algo está acontecendo e vamos averiguar o que é.

— Não — Ruth negou com a cabeça. As lágrimas voltavam a emergir descontroladas— Sou eu. Eu não estou bem... Tenho algo no cérebro, tenho certeza.

— Não é verdade — disse Daanna— Você está bem.



— Como sabe?

— Porque Aileen pôde falar com você mentalmente para pedir auxílio. Pediu ajuda, e você a ajudou. Seu aviso nos salvou. Só aqueles que têm desajustes neurológicos ou que estão sob os efeitos de algum remédio são imunes às ondas telepáticas. Aileen a buscou, e encontrou. Não acontece nada a sua cabeça, Ruth, e se estivesse fisicamente doente, eu poderia cheirá-lo. Na realidade, acredito que o que acontece é que é especial. É diferente. Está quase na mesma frequência que nós.

— Mas você não pôde entrar quando quis fazê-lo depois do ataque em Birmingham — reprovou ela — Não podia. Não pôde controlar como Gabriel.

— Não me deixou — esclareceu a vanira — É muito diferente a que eu não podia. Você se fechou, estava à defensiva e se protegeu. E não só isso, Ruth. Vamos falar de mais coisas que me intrigam sobre você. Recorda as feridas que lhe fez o lobacho? Cicatrizaram perfeitamente em questão de dias. A atacou um lobacho, Ruth. As garras do lobacho têm veneno e são muito tóxicas, mas seu corpo se recuperou.

Ruth se levantou de repente. Caminhava nervosa pelo quarto, mexendo o cabelo e deixando-o despenteado.

— Não entendo o que quer me dizer, Daanna. Estou fora de controle após o que aconteceu aquela noite.

— Serei sincera. — encolheu os ombros — Tanto Aileen como eu acreditamos que tem um dom. — Daanna se levantou e a parou para enfrentá-la com o olhar — dissemos isso uma vez, lembra? Aileen se recuperava das feridas que lhe fez Samuel.

Ruth recordou aquela conversa.

Aileen permanecia de cama e trouxe uma caixa de bombons. Sabia que sua amiga gostava muito de chocolate, igual a ela.

— Como esta hoje? — perguntou Ruth. Certamente estava assustada porque a viu muito pálida. Era normal, Samuel esteve a ponto de matá-la sangrando diante dos olhos de Caleb. Não a encontraria tão fresca como uma santas páscoa, não?

— Já estou bem. Preciso sair daqui, leve-me.

Ruth sorriu e olhou Daanna. Ela também acompanhava Aileen.

— Não posso — encolheu os ombros.

— Ruth — disse Aileen tirando a caixa de bombons das mãos. Abriu-a e as convidou para que comessem com ela — Temos que falar de vocês... Aptidões. Ajudou a salvar tanto a vaniros como a berserkers.

— Não. — respondeu Ruth, negando como uma menina enquanto mastigava um bombom — Foi casualidade.

— Não diga estupidezes. A que tem medo? Ruth, só quero saber de onde vêm suas faculdades para poder falar mentalmente.

— Ouça, olha. Não quero ser um coelhinho das Índias, certo? Vocês aproveitem disto que me acontece sempre que quiserem, mas me deixem tranquila. Tenho o suficiente com tudo o que nos encarregou fazer o nazista de seu namorado para ter que me submeter a provas de nenhum tipo.



Ruth saiu de suas lembranças e focalizou os olhos em Daanna que a olhava a sua vez com um meio sorriso em seus enormes olhos esmeralda.

— Faz tempo que queríamos falar com você seriamente. Está dotada para fazer algo, Ruth. Mas não sabe como controlá-lo. E se ensinar a fazê-lo?

—Aileen? Você também acha? —a ideia a horrorizava.

Aileen assentiu.

— Isto é... Fodidamente perfeito — murmurou desgostosa— E o que tenho que fazer Daanna?! Porque isto está acabando comigo. Vivo aterrada as vinte e quatro horas do dia porque não sei em que momento virão até mim. Não importa que esteja dormindo, nem que esteja trabalhando, nem que esteja conduzindo ou se estou tomando banho. Não importa...

— Chist, está bem. —Daanna a abraçou— Está bem.

— Não posso... Não posso mais — Ruth acabou cedendo e se rendeu— Isto é desconcertante e estou cansada.

Aileen esfregou as costas de Ruth, dando também um pouco de consolo e calor.

— O que aconteceu hoje que a fez desmaiar? Tanto medo passou?

— Hoje... Hoje me tocaram — murmurou sobre o ombro de Daanna. Aileen e Daanna se olharam com surpresa.

— Diz que sentiu um contato físico? —Aileen falava pouco a pouco.

— Deus, sim. Sofri um colapso quando notei sua mão sobre minha pele. Ouvi até sua respiração em meu ouvido e me recriminou que não a ajudasse.

— Era uma mulher? —perguntou Aileen de novo.

— Sim.

— Bem, Ruth — Daanna sorriu a Aileen como se com esse gesto dissesse que já entendia tudo— Então temo que passamos a outro nível. Não está falando de vozes em sua cabeça, céu.

— Estão em minha cabeça — Ruth se afastou para olhá-la nos olhos. —É que não entendem?

— Não — negou Daanna segurando o rosto— Fala de vozes a seu redor. Fala de que os ouve respirar, de que os ouve caminhar, de que a tocam. Não é algo mental, também é físico. É real.

— Por favor, sabe o que acontece? —perguntou esperançosa.

— Acredito que sim — assentiu— Pensa nisso, poderia ser uma médium.

— É uma merda! —soltou de seu abraço— Como Jennifer Love Hewitt? Ou como Patrícia Arquette? Nem pensar. —Moveu os braços negando — Isso não é um dom, é uma desgraça.

— Se acalme. —Daanna levantou a mão para apaziguá-la, como se fosse um cavalo descontrolado. Ruth poderia sê-lo perfeitamente, tinha muito temperamento— É só uma opção.

A garota deu as costas e olhou através da janela. Abraçou-se para se aquecer e fechou os olhos com cansaço.

— Não pode ser — sussurrou apoiando a testa no frio vidro.

— Ouça, tenho uma ideia — Aileen estava as suas costas. Abraçou-a por trás e apoiou o queixo em seu ombro— Sabe o que vamos fazer? — Ruth negou com a cabeça— Eu gostaria que falássemos com meu avô e com Maria sobre isto. Acredito que eles...



— Não — Ruth esticou as costas— Não, Aileen. Não quero que pensem que estou louca o...

— Meu bem — Daanna começou rir e se destacou as presas— Olhe. Eu tenho mais de dois mil anos de idade, seu avô tem quase o dobro que eu e é meio animal selvagem, e Aileen é uma híbrida entre duas raças ancestrais que foram criadas pelos deuses para proteger à humanidade, e, além disso, a pobre desgraçada não pode viver se meu irmão não lhe dá de sua veia.

— Ui, sim, que tortura — murmurou Aileen divertida. Como se aquilo fosse uma desgraça.

— Não soa convincente — disse Ruth olhando a sua amiga.

— E você pensa que por dizer que em “ocasiões ouve vozes” vão pensar que está louca? — Daanna arqueou as sobrancelhas e esperou a resposta de Ruth.

Ruth apoiou a testa de novo no vidro da janela. Bom, se olhasse desde esse ponto de vista, tampouco era tão mau. Aileen a apertou com doçura e a balançou durante uns minutos reparadores.

—Vamos, Ruth — a animou— depois do que fez por nós ficou muito a sério. Entende? Seguro que fará bem. O que nos diz?

A jovem as olhou por cima do ombro, e apertou os lábios para não começar a rir. Suas amigas eram uma bênção. Protetoras. Tenazes. Enfim, umas bruxas manipuladoras.

— Está bem. Vamos — disse com voz baixa.

Aileen e Daanna ficaram a saltitar de alegria. Tirariam Ruth dali e a levariam para ver os mais velhos e sábios que conheciam. Eles saberiam como ajudá-la.

— Essa é minha garota. Então, vamos ao Wolverhampton — Daanna precipitou-se a abrir a porta.

Ruth parou em seco. O que era um rosto iludido e resignado se tornou pálido e temeroso.

— O que? Não. Ao Wolverhampton, não. Não disse que seu avô tinha uma casinha em...?

— Meu avô tem muitas casinhas —Aileen a empurrou para que caminhasse.

— Sim, já sei que é asquerosamente rico.

— Não me ofenderei por esse tom — puxou Ruth.

— Podemos nos encontrar em uma de suas casas, Aileen. —Era ridículo tentar frear a sua amiga. Era forte como cinquenta homens. Isso por não nomear seu poder.

— Não seja idiota. Vamos.

Abriram a porta do quarto. Gabriel estava de pé diante delas, olhando Ruth, e assegurando de que se encontrava bem.

— Gab, querem me levar a Wolverhampton. Eu não quero ir — disse Ruth agarrando-se desesperadamente ele.

—Vejo que se encontra melhor — sorriu Gabriel passando uma mão por seu cabelo loiro e encaracolado— A Wolverhampton?

— Eu gosto de seu cabelo, Gabriel — disse Daanna ajudando a descer Ruth pelas escadas— O deixe comprido.

— Gabriel! Diz isso para despistar — gritou Ruth agarrando ao encosto de madeira— Não a escute. É como uma sereia, leva contra as rochas.

— OH, cale-se — espetou Daanna, piscando um olho coquete a Gabriel.

O pobre Gabriel ouvia chover. Olhava cismado à bonita mulher de olhos enormes que levava



Ruth com ela. A levava a...

— Ei! Esperem! — exclamou sacudindo a cabeça— Mas como está? O que acontece? Por que usam isso? —desceu as escadas correndo.

Um rugido de motor soou no exterior. Era o Cayenne vermelho de Daanna. Quando abriu a porta, só pôde ver a esteira das luzes traseiras do veículo, e cheirar a borracha queimada das rodas, entre o aroma da grama úmida e fresca do jardim.

Tinham ido.

CAPÍTULO 03

Sob a névoa espessa que cobria as paisagens de seus sonhos, Adam lutava por despertar. Via dor e destruição. Raiva e impotência. Sangue e aflição. Tudo misturado em um coquetel tão tortuoso que nem o deus da dor poderia chegar a igualar jamais. As lembranças sempre eram os mesmos a mais de trezentos anos, desde sua conversão aos vinte e dois anos. Ele não tinha sonhos, mas sim pesadelos. Trezentos anos sonhando o mesmo, sendo esmigalhado por umas imagens que recordavam que tipo de linhagem ele tinha. Que tipo de sangue traiçoeiro corria por suas veias.

Seu pai, um dos berserkers originários, apaixonou-se perdidamente por uma mestiça chamada Lillian, meio humana, meio berserker. Dessa união, nasceram dois gêmeos. Ele e sua adorada irmã, Sonja.

Seu pai Nimho estava loucamente apaixonado por sua mãe, e certamente foi essa paixão que sentia por ela a que o fez cego a seus enganos e a seus defeitos. Lillian transou com quase todo o clã nas costas de Nimho. Adam a viu com um de seus amantes com apenas sete anos de idade. Espiou incrédulo diante do que viam seus olhos. Enquanto isso, sua irmã Sonja crescia repreendida pelas meninas do clã e repetiam o que ouviam dizer os maiores: sua mãe era uma cadela. Nada agradável para tão tenros ouvidos.

Para Adam, a imagem de sua mãe Lillian parecendo como uma cadela no cio entre os braços de outro que não era seu pai carcomeu e o encheu de receio a tudo aquilo que levasse as palavras fidelidade e amor eterno. Seus pais eram o vivo exemplo disso. Um casal completamente fracassado.

A névoa se espessou raivosa até que ele já não pôde nem respirar nem ver. Sentiu uma pressão no peito, e soube que agora viria o pior do pesadelo. Esticou para receber a raiva e a ira que sabia que iriam chegar.

Lillian com seu comprido cabelo loiro e seus olhos cinza, sorrindo a seu pai com desdém e dizendo que não tinha o que ter para enfrentar Ás e reclamar a liderança do clã.

— O que quer que faça Lillian? —perguntou Nimho— Somos um clã, e Ás é o mais antigo de todos. Nunca reclamaria seu trono. Jamais.

— É um segundo. Sempre foi um segundo, Nimho. —jogou sua longa juba para trás— Quando o conheci, parecia que iria comer o mundo. E olhe, não conseguiu nada mais que ser um molenga mulherengo e permanecer à sombra de Ás.

—Eu não permaneço à sombra de ninguém, Lillian — grunhiu Nimho— Sou quem sou e Ás é



meu melhor amigo.

— É o homem mais importante do clã! O *noaiti*⁸! Sem suas visões, os berserkers estariam perdidos. Quantas vezes alertou que possíveis perigos iriam espreitar? Quantas? Ninguém agradece isso. Ninguém...

— Não necessito que me agradeçam nada, maldição. É suficiente agradecimento que me escutem e sigam meu conselho. O importante é o grupo, não as individualidades, entende?

Lillian fez negações com a cabeça olhando de cima a baixo com tanto asco que Nimho franziu o rosto de dor. Era moreno, alto, respeitável, bonito e imponente, e, entretanto, não era ninguém para ela.

—E como o importante é o grupo — disse com credulidade, controlando cada uma das palavras que ia cuspir—, deixa que a manada desfrute de todos meus favores, verdade? Desde quando sabe que me deito com quem me dá vontade? Suponho que sabe e não se importa. — encolheu os ombros— Outros também têm direito de desfrutar de mim, não é assim? O importante é a comunidade, o grupo. É tão generoso — zombou dele.

Nimho apertou a mandíbula e se aproximou dela. Elevou a mão, querendo dar um bofetão que descarregasse toda a fúria que sentia para sua amada mulher. Mas parou apertando os dedos com força e formando um punho de impotência no ar. Nunca bateria.

— Não tem guelra — Lillian o provocou e foi ela quem lhe deu a bofetada— É um fracote. Um maldito perdedor. Percebeu, Adam, querido? —olhou para a poltrona de braço que havia na sala.

Nimho seguiu a direção de seu olhar e encontrou um Adam diminuto, com a carinha pálida e os olhos cheios de lágrimas. Sua mulher sabia que ele estava aí e não parou suas palavras. Nimho sentiu que tremiam os joelhos.

—Adam — sussurrou Nimho.

— Pobre menino — murmurou Lillian com malícia— Ter um pai fraco e sem orgulho como exemplo. Sabe que Adam terá seu dom — vaticinou Lillian olhando seu filho com ódio— e será tão pouca coisa como você.

— Não se atreva a falar assim dele — rugiu Nimho.

Adam não deixava de olhar o rosto gasto de seu pai. Via tanta pena em seus olhos, estava tão abatido que foi correndo para ele e o abraçou. Nimho, por sua vez, rodeou suas costas com os braços.

— Não acontece nada, filho — o acalmou Nimho olhando enojado a Lillian.

— Claro. Nunca acontece nada para você — respondeu fazendo dramalhões com os braços— Adam, não seja fraco e deixa de chorar — o menino deu um salto diante daquela ordem fria.

— Por que é tão déspota? Por que não se conforma com o que juntos criamos? —perguntou com a voz tremente— É minha mulher. Temos dois filhos maravilhosos e vivemos com todos os luxos que você queria. Acaso não é suficiente para você? De onde nasce sua ambição, Lillian?

Lillian elevou o queixo orgulhoso.

⁸ *Xamã em norueguês.*



— Por que me conformar com isto se posso ter mais, querido? —se aproximou dele de modo sedutor— Estou aborrecida com você. Aborrece-me na cama, aborrece-me com seu conformismo, aborrece-me com sua docilidade. Não é um homem de verdade. Por isso me deito com outros. Sabe o que? —passou o dedo indicador pelo queixo quadrado de Nimho, ignorando por completo a Adam que a olhava de esguelha, temeroso e ao mesmo tempo decepcionado com ela— Eu gosto de Strike. Ele sim sabe o que quer, não é como você.

—Eu sei o que quero — respondeu ele abraçando com mais força a Adam— Você é a que tem problemas para se dar conta do que realmente vale a pena.

— Nimho... —ficou nas pontas dos pés e o beijou nos lábios. Ele não se afastou, até esse ponto tinha o pobrezinho Nimho enfeitiçado... — Acredito que partirei.

Nesse momento alguém bateu na porta.

— Eu vou! —A vozinha alegre de Sonja se ouviu através da tensão da sala. Um corpo miúdo, alheio ao que acontecia entre seus pais, com uma juba loira e indomável e um espírito cheio de vivacidade desceu as escadas de madeira que davam ao salão, e abriu a porta.

— Não, Sonja — murmurou Adam correndo para ela, intuindo que alguém vinha por sua mãe— Não abra.

Sonja olhou com receio ao enorme homem que estava de pé na entrada. O cabelo tão loiro que parecia branco caía liso até os ombros. Os olhos negros careciam de ternura, e uma imensa cicatriz cruzava a mandíbula. Olhou a menina e sorriu com malícia.

—Venha, Sonja. — Adam a puxou da mão e a separou da porta. O homem olhou o menino e grunhiu.

— Strike, não entre em minha casa — advertiu Nimho assinalando com o dedo— Lillian... Não faça isso, Lillian — rogou Nimho— Somos uma família e você é minha esposa.

Lillian o ignorou, deu as costas e caminhou para Strike. Ele a puxou pela cintura e a beijou na boca sem um pinga de suavidade. Mordeu até fazer um pouco de sangue no lábio inferior. Ela sorriu agradecida e passou a língua pela ferida, olhando Nimho de esguelha.

— Não o quero Nimho. É um fracasso. Um fraco.

Adam e Sonja gritaram ao ouvir essa palavra. Era uma ofensa que uma mulher insultasse seu companheiro desse modo, pois o anulava de toda dignidade.

— O que acontece, mamãe? Por que fala assim com papai? —perguntou Sonja olhando contrariada a sua mãe— E por que deixa que Strike te morda?

— A culpa de tudo isto é de seu pai, menina — seu tom falso a delatava— E Strike morde melhor que papai.

Adam franziu o cenho ao ver o lábio machucado de sua mãe. Gostava que a machucassem?

— Fique Lillian — suplicou Nimho— Podemos arrumar as coisas...

— Oh, já basta, Nimho — Strike meneou a cabeça— É que não tem dignidade? Sua mulher o está abandonando por outro homem, e seus filhos estão sendo testemunhas de sua humilhação quando ainda roga que fique. Vá à merda, que berserker parece, cara.

— Não fale assim com meu pai — Adam esticou os punhos e se plantou diante dele. Sonja ficou a seu lado, olhando sua mãe com pena.

— Meninos, venham aqui — ordenou Nimho.



Mas eles não obedeciam, encarregando assim de que Strike jamais pisasse em sua casa.

— Strike — a voz afiada de Nimho retumbou na sala—, é um traidor. Se saírem por essa porta, não retornem ao Wolverhampton. Saíam daqui ou os matarei com minhas próprias mãos. Não serão bem-vindos no clã. Jamais.

— Mmmm... Querido — murmurou Lillian—... Deixou-me excitada. Nunca utilizou esse tom comigo.

— Saia daqui —grunhiu Nimho— Não quero brigar diante dos meninos.

Lillian se ajoelhou diante de Adam e Sonja e jogou uma última olhada.

— Meninos — Adam e Sonja se afastaram um pouco dela— na vida, o único que conta é o poder e o respeito. Com isso consegue tudo. Adam, assegure-se de recordar estas palavras. Você será um homem forte e grande. Poderoso. Não se conforme. Não seja como ele. —Assinalou Nimho com um gesto de sua cabeça— E você, Sonja, será bonita e deixará os homens loucos. Aí tem todo o poder que necessita.

Levantou e puxou a mão de Strike. Este sorriu a Sonja, piscou um olho a Adam e mandou um beijo a Nimho.

— Perdedor — se despediu dele com esse último insulto.

Quando saíram pela porta e a fecharam atrás, Nimho caiu de joelhos no chão e afundou a cabeça entre suas mãos.

Adam e Sonja correram a abraçar seu pai.

— Não acontece nada, papai — disse Sonja entre lágrimas— Eu cuidarei de você.

Nimho os abraçou com força e Adam ficou olhando com ódio a porta pela qual partiram a adúltera de sua mãe e o traidor de Strike.

A névoa se dissipou. A essas alturas, seu musculoso corpo estava ensopado de suor e tremia tenso pelas lembranças de sua vida, de sua infância. Entretanto, há um mês e meio, o sonho mudou indo por outros roteiros, não menos tormentosos. Quando a névoa desaparecia tudo se tornava vermelho. Vermelho sangue. As chamas do ódio e do despeito se convertiam em chamas que queimavam a alma e o corpo.

Sim, e em meio de tanta virulência, ali estava ela. Essa mulher. Seu corpo se excitou nada mais ao ver o reflexo de seu cabelo entre suas mãos. Seu cabelo ondulado, com graciosos cachos repartidos em toda parte se deslizava entre seus dedos. Sua suavidade, sua textura, seu aroma. Sempre que sonhava com ela, surpreendia-se das nuances reais daquela visão. Cheirava perfeitamente. Tão bem... Um aroma de pêssego doce impregnava seus orifícios nasais e penetrava dentro, quase como uma tatuagem.

Ele limpava sua nuca de seu fascinante cabelo mogno e tomava tudo com uma só mão. Inclina sobre ela e a mordia, até que a ouvia gemer. Quando se afastava para ver o que sua boca fez, em sua pele de alabastro viam as marcas de seus dentes, e ele, orgulhoso, endurecia-se ainda mais ao vê-la marcada e tão a sua mercê.

Ainda ressoavam as palavras de sua mãe sobre o poder, e soube que devia ser parecido a como se sentia ele em cima dela. Poderoso. Invencível. Dono e senhor.

Não via bem onde se encontravam, só podia perceber a excitação e o seu corpo quente e tremendo debaixo dele. Submisso.



Rasgou o blusão branco que usava por trás e deixou a curva esbelta de suas costas ao descoberto. Ela se removia inquieta, como se querendo separar dele. A ouvia chorar e gemer ao mesmo tempo, não sabia diferenciá-lo, mas tampouco importava. Adam só tinha olhos para sua pele e ouvidos para escutar os batimentos de seu coração, palpitante na cabeça de seu membro. Ela também o desejava. Sabia que era assim.

Logo a ouvia soluçar, já estava enterrado nela e a sacudia com um movimento implacável de seus quadris. Ela punha a bochecha avermelhada sobre a superfície onde estavam ambos unindo-se freneticamente, e então, ela virava e o olhava com seus olhos dourados cheios de lágrimas com uma mistura de ódio e desejo que ainda o excitava mais. Adam a mantinha assim, com sua imensa mão sobre a nuca para que não pudesse mover o rosto.

Não importava, dentro de seu pesadelo aquele momento era o que mais desfrutava, assim não ocultaria tudo o que gostava de fazer. Só se descarregava daquele modo, no apogeu da dor e da fúria, quando a tomava, banhando-a com sua raiva e com a impotência de tudo o que ele não podia parar, pelo que não podia ter. Muitas coisas não podem ser evitadas.

Investia com dureza e logo puxava o cabelo dela para que se levantasse.

Não soube quanto tempo esteve assim, mas então ela gritou e ele gozou com um nome em seus lábios, repetindo uma e outra vez.

E de repente suas mãos já não seguravam seus quadris, nem ele se metia dentro de seu corpo. Parecia abatido, cansado e cheio de medo. Rodeado de árvores, e definitivamente desorientado. O sonho mudou outra vez. Encontrava-se diante do Totem. A névoa espessa cobria a superfície do terreno e se movia ao som de uma melodia inaudível.

Suas extremidades não respondiam, assim supôs que suas forças estavam no limite. Caiu sobre seus joelhos e olhou à frente.

Uma mulher com uma túnica e um capuz vermelho o olhava fixamente. Era a maldita chapeuzinho vermelho. Sexy e perigosa. Seus olhos dourados, esses malditos olhos dourados tinham uma determinação implacável. E alguns cachos escapavam entre o capuz e caíam sobre seus ombros.

Ela jogou a mão às costas e tomou duas flechas. Quando percebeu as flechas, Adam dirigiu os olhos a sua mão esquerda. Nela havia um arco de competição. Um especial, de formas élficas e esbranquiçadas.

A garota colocou as flechas na corda com uma presteza digna de um perito. Apontou e Adam sentiu como as flechas acertavam totalmente em todo seu corpo, por toda parte.

Voltava a acontecer. Ela acabava com ele. Matava-o.

Uma e outra vez esse maldito sonho. Uma e outra vez a mesma morte. Quarenta e cinco noites vivendo a tortura.

A profecia de seu pai assim se cumpria. E atrás dessa profecia, todos os horrores inimagináveis aconteciam sem que ninguém pudesse evitá-los.

Então Adam despertou com o corpo jorrando e a respiração agitada. Olhou seu relógio digital de cor negra e números verdes fosforescentes da marca Guess. As cinco da madrugada. Já não poderia dormir.

Cansado e tremente, olhou seu colo e descobriu a coisa enorme tão acordada como ele. Sim,



aquilo também era inexplicável. Desde que a viu aquela noite em Birmingham despertava igual. Desde que sonhava com ela se levantava com os ovos tão carregados que iriam explodir e com uma ereção que parecia um mastro. Era a primeira vez que seu corpo reagia assim diante da presença de uma fêmea. Em seus trezentos e sete anos de idade, era considerado um berserker jovem ainda, mas amadurecido. Que em tantos anos não o tivesse atraído uma mulher dessa maneira era preocupante, mas mais preocupante era saber que essa reação era provocada por “ela”.

Assim em meio dos ecos da raiva, da dor e da excitação, deitou de novo na cama de barriga para cima, sobre os lençóis ensopados de suor, meteu a mão entre as pernas e acariciou a ereção. Nunca antes necessitou se tocar ao despertar, mas desde que sonhava com aquela mulher, se não fazia, era incapaz de colocar calças.

O perseguia em sonhos, e quando estava acordado, era obcecava com ela. Ela era seu problema principal e seu objetivo primordial. Se for verdade que o mataria, ele se encarregaria de destruí-la primeiro. Ou um ou o outro. Só podia ficar um, disse recordando o lema de Os Imortais, o mesmo lema que jurava a profecia de seu pai Nimho.

Puxou uma perna pelo lado da cama e começou a se acariciar de cima a baixo. Imaginou que ela balançava em suas mãos. Apertou a glândula com força. Logo ela se ajoelhava diante dele e sem prévio aviso o colocava inteiro na boca. Adam balançava os quadris de cima a baixo. Os movimentos de sua mão cada vez foram mais rápido e com mais força. Arqueou as costas e se impulsionou com os quadris para cima.

Maldita mulher.

Imaginava-a em cima dele, montando como uma amazona. Seu corpo suave e seus seios balançavam. Seus lábios grossos abriam para respirar, e então via seus dentes retos e brancos. Gostava de comer e sugar sua língua como se fosse um folhado.

Maldita cadela.

A imaginou debaixo dele, e ele impulsionando tão dentro e com tanta força que ela chorava de dor e prazer. Adam estava preparado para explodir. Seu pênis cresceu e cresceu tanto em comprimento como em grossura. E suplicava que parasse ou que não se detivesse nunca. Sua imaginação não sabia como a preferia, se satisfeita ou rebelde.

Adam gritou como um louco, e experimentou um orgasmo interior. A meditação que praticava o ajudava a não expulsar sêmen e a controlar sua energia interna a seu prazer e em seu favor. Ser o noaiti suportava muitas responsabilidades e uma delas era não perder sua energia em atos banais. Era com o sexo com o que sua energia desaparecia e ele não podia permitir perdê-la, já que disso dependia seu dom de profecia e o bom desenvolvimento de seus rituais. Isso não queria dizer que não tivesse estado com outras mulheres. Era um homem jovem e de boa saúde, e, além disso, desejado, aquela opção de celibato era inviável.

O orgasmo não parou e dobrou sobre um lado, enquanto respirava com dificuldade e gemia como uma criança. Sua mão se moveu com mais lentidão, até que depois do que pareceram muitos minutos, seu corpo deixou de convulsionar. Fechou os olhos e os cobriu com o antebraço. Sentia-se mal por rebaixar-se a dar prazer por culpa de uma humana.

Maldita cadela. Maldita mulher. Maldita Ruth.



Aquilo era o cúmulo. Sua destruidora era a única mulher que o deixava excitado como um leão no cio.

Depois de se tranquilizar, levantou da cama. Entrou no banheiro de cores negras e laranjas, e ficou sob a ducha de multijorros. A água parecia purgá-lo de toda sua tortura. Limpava e o desencordia, e todo o mau, tudo aquilo que arrastava seu carma ia com ela.

Quando saiu do banho se sentia mais limpo, mas por dentro o pesar continuava. Aquilo nunca desaparecia totalmente, a água não podia com algo que não se podia tocar.

Colocou uma toalha ao redor da cintura e entrou de novo em seu quarto. Sobre uma de suas escrivaninhas de carvalho, havia um livro grosso e muito antigo, esperando que o abrissem.

Venha, Adam. Uma vez mais. Deve recordar. A voz masoquista de sua cabeça não o deixava tranquilo.

Vamos homem, é o xamã do clã. Não deve esquecer o que é e qual é sua missão. Avisar. Proteger. Manter. Sempre em nome dos outros.

Com passos pesados tomou o livro de seu pai e o abriu. Nele estavam todas as profecias de Nimho. Todas elas se cumpriram à perfeição, das mais catastróficas às mais otimistas. As dos últimos anos de vida de Nimho eram escuras e falavam de destruição e de uma era cheia de terror e morte que espreitaria aos clãs e acabaria com eles. As duas últimas que ele decretou, as duas últimas escritas na última página, marcaram Adam e a sua irmã Sonja eternamente.

Tomou a última página e leu em voz alta enquanto passava a ponta do dedo indicador sobre as letras, como querendo assegurar de que eram reais.

Duas Profecias para Sonja e Adam:

Ela sucumbirá a seu companheiro. O homem escolhido por ela fará que ambos percam a vida e assim jazerão separados e caminhando na noite pela eternidade. Sozinhos.

No sétimo aniversário da morte da filha do noaiti, seu filho varão será caçado como lobo por uma Eva disfarçada de Caçadora. Ela usará suas flechas envenenadas como Cupido. Ambos lutarão pelo único poder que pode equilibrar a balança entre o bem e o mal. De sua luta, só ficará um. E se não for assim, os lobos nascerão mortos e os que vivam dançarão com o Diabo, consumindo o Midgard na escuridão.

Adam esfregou o rosto com a mão aberta. Seu pai era um xamã poderoso e sábio, nunca falhava. Nimho soube quando morreria — mais de cento e cinquenta anos atrás — e de qual horrível modo, e ninguém pôde fazer nada para evitá-lo. Nimho vaticinou a profecia de Sonja e sua irmã morreu tal e como Nimho predisse, e tampouco pôde fazer nada para evitá-lo.

Adam era um bom xamã que alertou com êxito o clã em mais de uma ocasião, como fez a noite em que Ruth foi procurá-lo no Totem.

Desde a morte de Sonja, nas noites de lua cheia ficava em vigília no bosque, justo sob o lobo guardião, porque teve uma visão depois da morte de sua irmã em que Sonja dizia que nessas noites especiais esperasse ali, pois viria um mensageiro para alertá-lo sobre o perigo que espreitavam. Devia obedecer porque a mensagem que trazia consigo era real.

E foi assim. Uma dessas noites, Ruth veio a ele com esse vestido, sua juba ao vento, um rubor delicioso nas bochechas e seus grandes olhos rasgados e dourados que o olhavam entre o medo e a curiosidade.



Nessas noites, os berserkers não deixavam de copular até o amanhecer, e ele, quando a viu, sentiu vontade de montá-la como um selvagem. Que fosse ela quem devolvesse a libido era preocupante, e o deixou irritado como nunca, porque ele já sabia que ela apareceria em sua profecia de destruição, onde ele perdia a vida por uma de suas flechas. Ela seria sua assassina e ela desencadearia o deus Caos e Apocalipse. Isso dizia seu sonho. Essa era Ruth para ele, uma espécie de sicário do mal.

Assim estavam as coisas; Ruth fazia explodir seus hormônios, mas suas profecias não falhavam. Do mesmo modo que seu pai não falhou, ele tampouco fazia.

E agora a profecia que caía sobre ele a fazia responsável por males muito maiores.

“Os lobos nascerão mortos. E os que vivem, dançarão com o Diabo”. Genial, como uma frase típica do Twin Peaks.

Maldição! Golpeou a mesa com força e fechou o livro. Durante os dias seguintes ao rapto de Aileen e Caleb, Adam controlou a jovem humana. Os mesmos vigilantes que mandou Ás para que a protegessem eram os mesmos que informavam a ele de seus movimentos.

Todos mencionavam o mesmo. Ruth trabalhava todo o dia na Web e saía para ajudar Aileen na escola. Pelo resto, não fazia muita vida social. Vivia com Gabriel, na aparência, uma relação amistosa. E se fez amiga de todos ao redor. Dos guarda-costas até os choferes e os vaniros e berserkers que se faziam de guardiães.

Mas ele não acreditava em nada. Ruth fazia algo, estava preparando algo e ele necessitava uma só prova para acusá-la. Era o xamã, não um desses tolos que caíam babando diante de um de seus sorrisos coquetos e descarados, como asseguravam os de seu clã depois de vê-la dançar na noite das fogueiras. Todos sem exceção sentiam fascinação por aquela fêmea. Mas ele não era estúpido. Uma mulher não deveria ter o poder de torná-lo como um imbecil.

Seus sonhos não o enganavam. Ruth ia por ele com um arco e acabava matando-o. Toda uma experiente caçadora, uma Eva disfarçada de Caçadora.

E, entretanto, com toda a antipatia que sentia por ela, surpreendia pensar em Ruth dessa maneira, como se fosse uma pessoa perigosa.

A noite que a protegeu das garras do lobacho em Birmingham, a primeira noite que se viram, ela se aconchegou tremendo e em choque entre seus braços. Então pareceu frágil e pequena, incapaz de fazer mal a ninguém. E sem pensar, sua energia vital saiu disparada para ajudar Ruth. Suas mentes se conectaram, seus corpos se acoplaram, e ele cedeu sua energia para curá-la. Assim, sem mais. Uma energia pessoal que nunca antes devotou, e essa humana mentirosa a sugou sem pedir permissão. Aquela noite foi também à primeira vez que Ruth apareceu em seus sonhos. Tinha sexo tórrido com ela, e depois, ela o matava. O sonho era recorrente após. Anulava sua paz mental de um modo definitivo e devastador.

Depois de vários encontros mais, deu-se conta de que ela era uma autêntica fera, não uma dissimulada. Sua língua era irritante e viperina, e ria dele como ninguém se atreveu na vida.

Adam inspirava respeito, não vontade de contar uma piada, e a cadela da Ruth zombava de sua pessoa em seu rosto. “Minha mãe fazia o mesmo com meu pai”, pensou amargurado. Não podia evitar fazer comparações.

Entretanto, a lembrança que ele tinha de Ruth era sua altivez e sua desfaçatez, não que



tivesse instintos psicopatas. As aparências enganam. Ruth era uma mulher cheia de sensualidade e desinibida, que jogava com os homens. A noite que ela o avisou no Totem cheirava a hormônios de berserker. Ouviu da boca dos dois jovens de seu clã que dançaram com ela na noite das fogueiras, Limbo e Julius, como era selvagem essa jovem. É óbvio, não dançaram somente. Além disso, deitou com os dois. Ao mesmo tempo.

Limbo e Julius adoravam gabar-se daquela experiência diante dos homens do clã. Ruth era conhecida por seu trabalho com a Web e também cobiçada pelos machos, não só por sua imprudência, mas também por esse corpo que a genética deu. Era uma humana muito apetitosa.

Mas era também uma puta sem escrúpulos, e ele sabia. Sim, e certamente seu sonho não ia mal encaminhado.

Seu pai advertiu. Nimho sofreu por uma mulher, tanto que isso acabou o destruindo e ofuscando até convertê-lo em alguém completamente taciturno.

Adam não podia confiar nas mulheres, isso o converteria em um estúpido. Todas, exceto sua querida irmã Sonja, eram traiçoeiras. O amor era traiçoeiro.

Inclusive sua irmã perdeu a vida fazia sete anos por um homem, por culpa de seu marido, alguém que não soube protegê-la quando tocava a alguém a quem ela entregou seu coração, às cegas.

Era impossível que Adam acreditasse alguma vez no amor. O amor era absurdo.

O sexo? Uma maneira de expressar e de dominar.

O poder e o respeito eram o mais importante.

As mulheres não eram de confiança.

E Ruth... Bom, Ruth já se encarregaria ele. Era certo que era especial. Uma humana muito especial, que podia falar telepaticamente, e isso era uma novidade. Entretanto, ela tampouco sabia de seu dom, ou ao menos, isso parecia ou queria fazer os outros acreditar. Menina estúpida.

Não sabia como ia Ruth alterar os planos do destino e converter-se em sua morte, mas tampouco perderia tempo pensando em como. Ring. Ring.

—O que acontece, Zlan? —Adam respondeu a seu iPhone negro. Zlan era um dos vigilantes que cuidavam dos dois amigos humanos de Aileen. Seu pior pesadelo e Gabriel.

— É Ruth. Vieram Daanna e Aileen faz pouco tempo e a levaram, cara.

Adam franziu o cenho.

— Sabe aonde?

—Ao Wolverhampton. A casa de Ás.

Arrepiaram os cabelos da nuca como se fosse um gato.

— Obrigado, Zlan.

Aí estava. Já tinha a prova. Em dois dias se cumpriria o sétimo aniversário da morte de Sonja, e dava a casualidade que Ruth, até sabendo que ele a advertiu sobre como seria perigoso para ela aproximar-se de sua cidade, iria ali. Cumpriria a profecia então. Certamente o destino era inalterável, mas se havia uma maneira que não se cumprisse, ele a tentaria. E a poria em prática. Porque uma mulher não acabaria com ele, e menos ela. Disso tinha certeza.

Vestiu-se com uma camiseta elástica negra de alças e calças da mesma cor e baixas na cintura. Graças a eles podia vislumbrar a cintura de sua cueca Armani. Calçou suas sapatilhas surf



de pele, pegou o livro e ligou para Ás para dizer que ia a caminho de sua casa.

Fechou toda a casa e conectou todos os alarmes, e por último, ligou para Margött, a babá oficial, a professora da casa-escola aonde iam as crianças do clã berserker, aqueles que ainda não foram à escola de integração de Aileen. Margött viria correndo ajudá-lo. Sempre fazia. Era uma mulher encantadora e estava seguro que sentia algo por ele. O olhar acendia somente em vê-lo, e Adam se sentia bem com isso. Valorado. Respeitado.

Depois de se encarregar de Ruth, falaria pessoalmente com a berserker para arrumar a situação entre eles, porque chegou o momento de se emparelhar. Pelo bem dos pequenos. De seus pequenos. Daqueles meninos que ele adorava e que eram sua responsabilidade depois da morte de sua irmã Sonja.

Margött era uma mulher boa e responsável, adorava seus sobrinhos e cuidava deles muito bem. E a ele também trataria bem. Nada de complicações, uma união por necessidade. Nora e Liam necessitavam uma figura feminina e ela era perfeita para isso. Não a amava, ele não estava feito para amar, não seria como seu pai, mas daria comodidade e teria sempre todo seu respeito. Ele estaria a salvo de entregar seu coração a ninguém e ela seria feliz com ele. Assegurar-se-ia disso. Teria feito isso antes, mas estava a profecia, e por fim, entrou em cena Ruth, sua assassina. Precisava resolver esse problema antes de poder oferecer uma vida conjunta a Margött.

Por fim colocaria as cartas sobre a mesa.

Falaria com Ás sobre Ruth e suas intenções. Umas intenções que só conhecia o noaiti do clã berserker.

CAPÍTULO 04

Quando as garotas chegaram à mansão de Ás no Wolverhampton, Ruth, que estava muito inquieta, olhando nervosa os arredores, não fosse por um berserker louco e que ela não podia tirar da cabeça, a atacasse por vê-la ali. Tinha muito em conta o que disse Adam. Ele não queria vê-la por suas terras e fez o possível por não ter que visitar nunca Ás e Maria, mas as circunstâncias o requeriam e certamente o berserker não estaria por ali. Por que estaria a essas horas na casa de Ás? Não eram nem quatro da madrugada.

Fazia tanto tempo que não via Adam... e, entretanto, nem um só dia deixou de pensar nele. Obsessão doentia, isso era.

Aileen, que tinha as chaves da casa de seu avô, abriu a porta com sigilo. Seu avô e Maria estariam esperando no salão. Ela já havia ligado para dizer que iriam ali.

As três entraram sem fazer muito ruído. A casa de Ás era uma mansão de estilo vitoriana, toda de madeira por dentro, imensa, senhorial e acolhedora.

No salão, sentados sobre o grande sofá de pele que contrastava com o solo de madeira escuro do chão, estavam Maria e Ás sorrindo. Ambos de cabelo negro, e pele azeitonada, pareciam dois ciganos. Dois patriarcas de uma grande família.

Ruth sorriu abertamente. Ás gostava muito dela, era como outra neta para ele. Abraçou Aileen e Ruth, e a Daanna fez uma reverência. A vanira era como uma princesa em seu clã, e aquilo era um sinal de respeito. Daanna assentiu a sua vez e beijou Maria na bochecha. Maria as



beijou também e recriminou que não iam vê-la tão frequentemente como ela queria.

— Têm nos esquecido — murmurou com o cenho franzido— E eu tenho toda a atenção de seu avô, e é um pesadelo.

Ás começou a rir e entrelaçou os dedos em sua nuca, estirando no comprido sofá, orgulhoso e satisfeito por escutar Maria.

—Você adora querida. Não negue — disse ele.

“Tinha rejuvenescido Ás desde que estava com Maria?”, perguntou Ruth.

Ás fisicamente aparentava ser mais velho que o resto de berserkers, uns quarenta e tantos. De fato, ele era o mais velho do clã, e, entretanto desde que estava com aquela humana tão especial, seu rosto se suavizou e tinha uma nova luz.

Depois de brincar um pouco, Maria olhou Ruth de cima a baixo, e esta, ao sentir a inspeção, ficou tensa.

— Querida, está um pouco mais magra. Preparo um brownie?

— Eu adoro seus brownies, Maria, mas não quero — rechaçou educadamente.

— Esta bem? Não. Não esta bem. —A mulher sentou a seu lado e passou o braço por cima.

Ruth grunhiu. Por que todos eram tão carinhosos? Não queria mimos. Isso a abrandava e a fazia cair como um dos castelos humanos que faziam nas festas de sua cidade.

— Sim, estou bem.

— Não é verdade — falaram em uníssono Daanna e Aileen— Isso porque queremos falar dela.

— Dela? —repetiu Ás, levantando-se para prestar atenção em Ruth— Acontece algo, Ruth? Diga-nos ajudaremos no que for necessário.

Ruth engoliu saliva. Deus, tudo aquilo era tão difícil para ela. Seu maldito defeito se acentuou desde sua chegada a Inglaterra e não falava de sua “particular anomalia” desde que era muito pequena. Seus pais se encarregaram de que nunca mencionasse a ninguém seu problema, sua enfermidade, porque para eles, contrariamente à opinião de suas amigas, aquilo era uma enfermidade maligna, no maior sentido da palavra.

Tentou por todos os meios ocultar a outros a angústia e a agonia que sentia com tudo aquilo, mas não serviu de nada. Todos ali a observavam sabendo que ela não estava bem. Merda.

Recordando aqueles angustiantes dias em que a trataram como doente e demente, endireitou-se e olhou a Ás diretamente nos olhos. Se havia um modo de tirar toda a tensão do corpo, era aquela, e ninguém ia parar.

Rápido e indolor.

— Peço que não me interrompam —suplicou Ruth com dignidade— Isto não é fácil para mim, mas tomei coragem se não me detiverem. Só quero vomitar certo?

— Está me assustando, Ruth. —Maria entrelaçou as mãos— Cospe.

— Pois espera e verá — assegurou Ruth— Lá vou.

Os quatro assentiram e se prepararam para escutar.

— Quando tinha quatro anos, conheci uma menina na casa de férias onde ia veranejar com meus pais. Chamava-se Esther e tinha a mesma idade que eu. Cada noite, Esther ia a meu quarto e deitava comigo, em minha cama. Sempre vinha molhada, como se tivesse suado muito por ter



estado correndo pelo bosque. Deitando-se a meu lado começava a chorar, e me dizia que seus pais não a queriam. Eu sempre oferecia meu ursinho de pelúcia para que se acalmasse, mas ela não pegava nunca. Perguntava onde vivia, e ela se aproximava da janela e com sua mão me assinalava o lago que divisava ao horizonte, a uns dois ou três quilômetros aproximadamente de onde estava nossa torre. Eu dizia que como vinha de tão longe, podia ficar e dormir comigo sempre que quisesse, e Esther vinha cada noite religiosamente, estirava-se sobre minha cama, chorava, e me sussurrava que era a única amiga que agora tinha — Ruth não os olhava. Seus olhos estavam totalmente abertos, recordando aqueles anos como se os vivesse na atualidade— Um dia, comendo com meus pais, estávamos vendo as notícias, e disseram que a busca da menina desaparecida da Tarragona seguia sem dar seus frutos. Apareceu a fotografia na tela e eu toda feliz gritei: “É Esther! É Esther! É minha amiga. Eu a encontrei, papai. Ela vem cada noite me para ver” — explicou com a mesma voz de menina de então— Meus pais me olharam horrorizados. — Sorriu com tristeza— A minha mãe começou a tremer o garfo na mão e ficou pálida. “De que fala?”, disse-me: “Essa menina passa mais de um mês desaparecida, céu. Não pode estar em seu quarto, é impossível”. Mas eu respondi, dizendo que ela vinha me ver porque seus pais não a queriam. Que sempre vinha molhada, embora não chovesse e que me dizia que vivia no lago — Ruth fechou os olhos e tomou ar— Me disseram que fantasiava e o que acontecia comigo era que como em nossa torre não tinha amigas, tinha a necessidade de criar uma imaginária. Que deixasse de inventar coisas.

—Em poucos dias, descobriram o cadáver de Esther. A tiraram das profundidades do lago, e a autópsia revelou que foi violentada e assassinada por seu pai. A mãe deu seu consentimento enquanto fazia o que queria. Eu não sabia nada do que era uma violação, nem as barbaridades que fizeram a pobre criatura... Quando meus pais ataram cabos depois do que eu disse, meu pai se fechava comigo cada dia em um quarto. Ele era... —fechou os olhos e se corrigiu— É. Ele é um cristão evangelista, sabem? Estrito e muito beato. Fez de tudo para que sua filha não estivesse possuída pelo diabo, porque estavam seguros de que falavam do inferno, de que se falava com os mortos era porque era uma filha de satã. Castigou-me muitas vezes — sussurrou com a voz angustiada— Castigos... dolorosos. Minha mãe me enviou ao pediatra e este ao psicólogo. Do psicólogo passei ao psiquiatra. Faziam-me tomar de tudo, até cinco comprimidos diários. O estômago doía e eu estava drogada permanentemente. E nesse transe, vieram as vozes. Me... pediam ajuda, mas cada vez me custava mais escutar. —abraçou a si mesma— A medicação atordoava.

—Aos quinze anos, deixei de ouvir. A medicação era muito mais forte e meus amigos sofriam minhas mudanças de humor. Às vezes deprimida, às vezes eufórica... —olhou Aileen que a sua vez colocou todos seus sentidos nela. Certamente estava surpreendida por algumas coisas que nem sequer explicou— Mais tarde, sendo já adolescente, descobri que bebendo uma vez por semana, não necessitava os remédios. O álcool queimava mais neurônios em uma boa bebedeira que vinte comprimidos juntos. Deixei de tomar a medicação. Parecia estar bem — sorriu fracamente—, até que vim à Inglaterra para visitar Aileen. E me atacou em Birmingham aquele disforme peludo e pestilento com facas nos dedos, esses insetos que chamam de lobachos. Após, as vozes voltaram. E não só isso, mas também como já puderam comprovar, Aileen se comunicou comigo



mentalmente. E agora... e agora, tenho visitas inesperadas na casa de Notting Hill. Ouço as vozes melhor que nunca, mas... hoje foi diferente. Faz umas horas, uma voz de mulher me pediu ajuda e me tocou. Me assustei tanto que... simplesmente desmaiei.

Ninguém ousou dizer uma palavra.

Ruth tremia pela emoção. Sentia-se liberada e temerosa ao mesmo tempo, pois realmente queria saber o que acontecia. Maria levantou e pôs as mãos docemente sobre seus ombros. O calor de sua palma a tranquilizou.

—O que, Maria? Acha que estou louca? —perguntou abatida sem se atrever a olhá-la.

— Louca? Não, céu. —Puxou pelo queixo olhando-a diretamente nos olhos— Acredito que é uma pessoa sensível e com um grande dom. Acredito que por fim a Deusa nos trouxe o que esperávamos — sorriu abertamente. — A esperávamos, Ruth.

— Deusa? Como? —Ruth sacudiu a cabeça fazendo que seus cachos mexessem.

— Sabia — exclamou Daanna orgulhosa de si mesma.

— O que? —perguntou Aileen ansiosa.

— Lembra-se do juramento que fizeram Ruth e você em minha casa? — disse Daanna.

Aileen recordou o beijo nos lábios que deram ambas, selando um pacto de irmandade eterna.

— Sim, lembro — sorriu.

— Você disse que esse juramento se chamava *piuthar*⁹. O juramento das irmãs — aumentou seus olhos verdes jade— Era um juramento que faziam as sacerdotisas entre elas.

Maria abraçou Ruth para acalmá-la.

— As sacerdotisas receberam através das runas que a Deusa enviava uma nova irmã — sussurrou Maria maravilhada com Ruth.

— Que sacerdotisas? Quais? —perguntou Aileen desconcertada.

— Voltou a ver alguém mais? A alguém como Esther? —Maria ignorou Aileen.

— Não — negou com a cabeça, impregnando-se do aroma de flores de Maria.

—E me diga céu: tem alguma marca em forma de lua em alguma parte de seu corpo? Digamos, em uma área muito especial? Uma lua com as pontas para cima?

Ruth ruborizou e enrugou o sobrecenho.

— Como demônios você sabe disso? —perguntou horrorizada.

— É certo, verdade? —Maria estreitou os olhos e a assinalou agitando o dedo— Menina, você e eu vamos falar longamente. —Começou a caminhar a seu redor— Tem os xacras fechados devido à vida que têm feito levar. A medicação afetou seu corpo e seu espírito, e essas festas que foi não ajudaram muito à evolução de seu dom. Mas irá restituí-lo.

— Maria — Ás elevou a voz e a mulher não fez nem caso— Nos explica o que está acontecendo, por favor?

— Ruth é como eu — respondeu Maria tão sinceramente. O orgulho se refletia em seus olhos.

— Como você?

⁹ Irmã em gaélico.



— Sim, como eu. Uma sacerdotisa da Deusa.

— Perdão? — gritou Ruth — Que sou o que?

— Que você é o que?! — perguntou Aileen olhando Maria com a boca aberta. Logo olhou a seu avô de igual modo, e Ás encolheu os ombros, desculpando-se por ter ocultado isso.

— Aileen, contarei — olhou à híbrida com doçura. Seus olhos negros delatavam diversão — Mas primeiro é Ruth. Tranquila querida, não acontece nada — a tranquilizou Maria dando tapinhas na mão — É uma grande honra ser uma escolhida. Não tema.

Ruth começou a rir em um ataque de histeria.

— Estou hiperventilando. Por favor — disse entre risadas — Não pode dizer a sério...

— Sim — cortou Maria com tom de recriminação — E vai escutar isso muito a sério. Ouviu?

A doçura desapareceu do rosto dessa mulher cândida. Em seu lugar a determinação e a seriedade tomaram conta.

— Pode estar confusa, Ruth. Mas isto não vai negar. Nem a você, nem àqueles que necessitam. E são muitos, Ruth.

— Maria, não...

— Não. — Elevou a mão e a fez calar — Nada é por azar. Nada. Se sua verdadeira natureza surgir agora, é por alguma razão. Às vezes os dons sobrenaturais das pessoas despertam depois de ter sofrido um estado de choque agudo. Disse que a noite que a atacou o lobacho voltou a ouvir as vozes, e após as ouve melhor que nunca. Esse foi seu detonante, Ruth. Conte-me: a entidade que tocou... o que foi o que disse?

— Me... disse que aconteceria algo horrível e que eu podia ajudá-la.

— Algo horrível? — Ás levantou e foi para elas com as feições endurecidas — O que? O que vai acontecer? Mais problemas dos que já temos?

— Não sei! — Levantou os braços cansada e girou os olhos — Eu não falei com ela. Não pude. Aterra-me.

— Pois deve fazê-lo, Ruth. — Maria a puxou pela mão e a empurrou para que a seguisse — Vamos acima. Ficaré aqui esta noite. Não, não, Ás — disse ao berserker detendo com a mão — Você fica aqui embaixo. Aileen e Daanna podem vir comigo.

Ás ficou murmurando no sofá, e as quatro mulheres subiram as escadas que davam às suítes superiores.

Entraram num quarto com as paredes em estuque veneziano de uma cor laranja bastante chamativa. Todo o imóvel estava decorado com madeira escura. Os tetos tinham vigas grossas de madeira mais clara, e a claridade do exterior entrava por dois balcões extensos e amplos cheios de rosas e flores.

— Vamos preparar. — Maria abriu a porta do banheiro de design de cores pastel, e abriu a torneira da jacuzzi. A água saía muito quente — Vamos banhá-la, acender velas de purificação, mimar seu corpo e fazer que se abram os poros com água quente. Vai relaxar e vai descansar.

— Maria, não posso ficar aqui — anunciou ela cheirando com prazer as velas que estava acendendo — Tenho que trabalhar. Não devo deixar a web desatendida. Os fóruns necessitam atenção porque se não começarem a tirar os olhos de cada um, eles...

— Não se preocupe por isso, Ruth — disse Aileen — Caleb estará de acordo. Além disso,



Gabriel se encarregará. E tem que desfrutar dos banhos da Maria. —Sorriu à mulher— São milagrosos.

— E as aulas das crianças? —perguntou negando com a cabeça— Não quero alterar minha vida de novo. Acostumei a isso, a esta rotina e não quero que ninguém interrompa meu estilo de vida.

Aileen dava aulas aos filhos dos vaniros e dos berserkers, e pediu Ruth que a ajudasse em representação da civilização, para que eles se familiarizassem com a figura humana. Além disso, ensinava informática, já que ela era desenhista de páginas da Web e engenheira técnica de sistemas. Se ficasse na casa de Ás, não poderia ir ao colégio, e dava pena porque gostava muito dessas crianças e sentia prazer com eles.

— Não acontece nada. Essas crianças a adoram, mas explicarei o que acontece e elas entenderão. Já verá.

— Não vai ser eterno — explicou Maria jogando bolas aromatizadas na água— Só por uma semana.

— Mas... preciso de minha roupa. Preciso minhas coisas — queixou-se ela.

—Eu trarei isso — Daanna sorriu. Seus olhos verdes pareciam divertidos— Irei a um momento. Parece assustada. Tem medo?

— Não tenho medo — dizia a verdade— É que isto é uma loucura — meneou a cabeça.

—O banho já está preparado — cantarolou Maria— Tire a roupa, Ruth. E Aileen, vá buscar uma mala com suas coisas. Por certo — correu para pegar o telefone sem fio do quarto— Como certo, terá que avisar às demais.

— Quem são as demais? —perguntou Aileen desta vez muito séria e detendo Maria— Conte.

— Querida, não sabe da missa a metade — negou preocupada— Mas não se zangue quando se inteirar, de acordo?

Aileen cruzou os braços e levantou uma de suas sobancelhas negras.

—Já veremos — respondeu estudando Maria.

—Vamos, dispa Ruth — a mulher acompanhou a ordem com uma palmada.

Ruth não entendia nada. Maria era um torvelinho que queria fazer acreditar que ela era uma sacerdotisa da Deusa. Apertou a ponta do nariz com os dedos.

— Escutem. Não posso ficar aqui. No Wolverhampton.

—Tolices. Vai ficar — respondeu Aileen.

— Não devo ficar aqui — remarcou.

— Por que não? —perguntou Daanna que via divertido tudo o que acontecia a seu redor.

— Se Adam descobrir que estou aqui...

—Já a temos aqui. Sim, avisa às demais, irmã — dizia Maria por telefone— Que te acompanhe a Deusa. —Deixou o aparelho em seu lugar e se aproximou da jovem de cabelo mogno— ouvi Adam? Nosso Adam? O moreno muito bonito atormentado como o demônio? O que acontece com ele?

— Me odeia assim claramente —soprou fatigada— Essas velas cheiram maravilhosamente...

—Bem. Já começava a relaxar. E com isso sua verborreia se disparava— Tive que falar com ele



quando deu a mensagem a respeito de que foram atacados —olhou a Aileen— Se comportou mal. Falou muito mal e voltou a me dizer que traria problemas e que não queria que me aproximasse de Wolverhampton.

Maria fez negações com a cabeça.

— Não gosta de mim — continuou Ruth— e agora me sinto muito vulnerável para enfrentá-lo. Se me insultar de novo pode ser que o mate — enquanto Maria tirava sua camiseta pela cabeça, Ruth desabotoava os jeans— Desse homem eu não gosto nada.

—Adam é muito sério. Não sorri nunca. Mas...

— Não sabe rir — disse Ruth que já estava em roupa íntima— É como se tivesse um pau metido pelo traseiro. Todo reto, tudo frio... Não o suporto. —puxou a calcinha e o sutiã branco deixando a descoberto um corpo bonito e gracioso, perfeitamente moldado.

— Ruth —murmurou Aileen divertida— além do piercing do umbigo tem uma tatuagem no púbis — em cima da fatia de seu sexo tinha uma meia lua de uma cor marrom escura com as pontas para cima sobre um círculo escuro. Parecia um sorriso— E, além disso, depila isso tudo.

— É a marca da Deusa — comentou Maria com orgulho guiando-a a banheira— Sabia, Ruth. Tudo vai bem. Confia em mim.

— Sim. — tocou a marca recordando que estava ali— Sim. A marca... sempre a tive. Ontem fui me depilar —ignorou o comentário de Maria— Desde os dezoito faço isso assim. O que parece?

— Parece um bebê com tetas. —Aileen sorria.

— Ouça que Barbie já vinha com a depilação brasileira de fábrica — respondeu Ruth.

Daanna se apoiou no marco da porta e levantou uma sobrancelha:

— Pois eu o tenho assim e não preciso me depilar. As vaniras não têm cabelo púbico. Freyja tampouco tem, odeia o pelo nas mulheres, assim...

— Caiu o cabelo? —perguntou Ruth horrorizada.

—Ahá— assentiu Daanna.

— Pequeno susto, não?

—Freyja gosta dos filmes pornôs — sussurrou Aileen em tom jocoso.

— Me alegre por vocês — disse Maria irritada. Mas como falavam dessas coisas em um momento tão importante? Juventude, divino tesouro. Ajudou Ruth a entrar na jacuzzi agora. — Por favor, tragam as coisas de Ruth aqui.

—Já vou. Voando é muito mais rápido. —Daanna piscou um olho e saiu pelo balcão diretamente para a noite aberta.

— Daanna, discrição — advertiu Aileen— Não voe muito baixo.

Fazia meses que em Black Country se ouviam rumores de imensos morcegos que sulcavam os céus noturnos. Nunca foram morcegos, mas essas eram as imagens que inculcavam os vaniros nas mentes dos seres humanos para que não se levantassem mais suspeitas sobre eles.

— Eu adoro quando faz isso —sussurrou Ruth— Como Superman... um salto e voar!... Maria, que quente que está... —murmurou com satisfação— Mmm... que bom.

—Apoia a cabeça. Assim, muito bem. Recoste-se. —Pôs uma almofada macia sob sua nuca.

Ruth suspirou e tudo ficou em silêncio. Ser mimada desse modo era maravilhoso. Relaxou tanto que entrou em um estado de paz e de meditação profunda. Já não sentia nem medo nem



tensão. Nem agonia.

Devia acreditar nessa mulher que dizia que ela era uma sacerdotisa? Sabia sobre sua marca íntima. Ninguém sabia dela. Nem sequer os dois únicos homens com os que se deitou—lamentáveis episódios ambos em sua vida, por certo— As lembranças vieram amargas a sua mente.

Então, aos dezessete, não se depilava desse modo. Com Oscar se deitou uma única vez nos assentos traseiros de um cinema, com a sala vazia e ela escarranchada sobre ele. Tinha perdido a virgindade assim. Ele tinha vinte e era muito bonito. Gostava de seu porte, que tivesse carro e essas coisas nas que se fixavam as meninas inseguras de sua idade. Era universitário e ela iria à mesma universidade. Fez ilusões acreditando que poderiam chegar a algo mais, mas nem em sonhos.

Não foi doce. Foi um bruto que a deixou machucada e dolorida e que só olhou para ele. Ela nem sequer gozou, ele nem sequer a tocou para excitá-la. A havia cravado como em uma estaca e a partir daí, esqueceu-se dela. E logo, se a vi antes, não me lembro.

“Idiota egoísta”.

Aquela lição foi humilhante. Ela ainda era uma menina e quis acreditar que ele seria seu príncipe azul. E uma merda.

Com Tom, sua única experiência foi distinta. Saíram essa noite, e ela estava ligeiramente bêbada, o suficiente para ver dois dedos onde só havia um. Aos dezoito, sua primeira festa universitária. Pequeno descontrole. O pior de tudo é que foi com ele por despeito a Oscar, que também foi à festa com uns amigos para avaliar os novos *pedaços* da faculdade. Quando o viu observando as garotas com tanta luxúria, teve vontade de vomitar, e não somente pelo litro de bebida que já tinha bebido.

Tom sim que foi doce. Bêbado, mas doce. Fizeram em seu quarto. Na postura do missionário¹⁰. Mas sua doçura tampouco a excitou, e descobriu que seguia sendo igualmente doloroso como à primeira vez. Quando ele gozou —“bendito afortunado”— ficou morto em cima dela. Dormiu. Ela tampouco gozou com ele. Sentia essa coisa sem força enterrada entre as pernas, a ele que a estava esmagando, e se sentiu desgraçada. Teve vontade de chorar. Empurrou-o e ele rodou para um lado enquanto murmurava que fechasse a porta ao sair.

Duas únicas relações sexuais e ambas um fracasso estrepitoso. Após não se deitou com ninguém mais, não gostava de ninguém, e o simples fato de imaginar compartilhando algo tão incômodo com outro a jogava para trás como um golpe no rosto.

Gostava dos homens, sem dúvida. Sim. Gostava de grandes, com olhos negros e tormentosos, de lábios grossos e traços selvagens e... e com um piercing na sobrancelha... e...

“Oh meu deus. Não vá por aí, garota. Não outra vez”.

Esticou imediatamente ao dar-se conta de que imaginou a imagem de Adam. Ele era sua vergonha particular. Estava obcecada com ele. Se fosse dormir se levantava com a imagem de Adam gravada em sua cabeça. E era triste e doloroso para ela dar-se conta de que alguém a quem inspirava asco tivesse-a tão insanamente abduzida. Sonhava com ele. Sonhos úmidos e

¹⁰Papai e mamão, ou seja, o homem por cima da mulher, um de frente para o outro.



inquietantes.

Adam não foi amável em seus encontros, justamente o contrário. Mas era superior a seu orgulho e a seu amor próprio. Já fazia tempo que deixou de lutar contra a sensação que nascia na boca de seu estômago cada vez que pensava nele.

E é que o berserker resmungão a deixava nervosa e quente ao mesmo tempo... e era tão humilhante saber que ele tinha esse poder sobre ela, saber que se eles se encontrassem, não estaria segura de manter a têmpera nem a compostura. Por que esse homem em especial a deixava assim e alterava todos seus hormônios? Ele, entre todos, que a insultou e a humilhou tratando-a como uma puta.

“Ruth é uma demente! Esse homem enoja! Não gosta de você! E quando souber que está em Wolverhampton a fará pagar”, pensou. Sim, isso dizia muitas vezes. Era seu mantra para deixar de pensar nele, mas imediatamente aparecia outra vez em sua cabeça. As cores escuras o recordavam, a música gótica o recordava e o aroma de hortelã, o recordava. Adam cheirava assim. Ar fresco. A algo que, do frio que era, podia chegar a queimar. Como uma bala Halls. Adam era descongestionante.

Ruth sorriu com espera. Por um lado não tinha vontade de encontrar com ele e ouvir a enxurrada de insultos que certamente guardava só para ela, mas por outro lado... Ele a faria pagar? Como? Ruth precisava reagir a tudo o que passava, e uma boa briga com ele certamente serviria. Briga verbal e... inclusive física. Um bom corpo a corpo. Sim! Um corpo a corpo com ele, desses que saem nos filmes de amor e que logo deixam sem forças para sequer caminhar. Pensar em Adam se convertia diariamente em imaginar um montão de fantasias eróticas nas que ela controlava seu enorme corpo e fazia com ele o que queria como castigo por tudo o que disse. Como em seus sonhos.

Ela o tocava. Adorava. E o fazia ficar louco por suas carícias.

Ruth era dominante. As vezes que cedeu seu corpo a outros com plena confiança, a decepcionaram. A machucaram e a deixaram insatisfeita. Se tivesse que se deitar com um homem outra vez, seria ela quem controlaria o ato. Não tinha experiência, mas se documentou muito bem. Não podia permitir se entregar outra vez. Provou-o e não gostou. Se estivesse com Adam, divertiria-se com ele... ficaria perdido se...

“Basta! Está doente ou o que acontece? É frígida, não pode ter um orgasmo com um homem entre suas pernas. Nem sequer pense nesse animal. Odeia-o. Lembra”. Sim. Devia relaxar. Esses pensamentos para alguém que tinha um vocabulário tão destrutivo para com ela não faziam nenhum bem.

Embora esse homem fosse o homem mais atormentado e fascinante que viu seus olhos. O melhor seria que Adam não a encontrasse, nem ali nem em nenhum outro lado, porque se voltassem a brigar não sabia do que era capaz de fazer à sua dignidade, em todos os sentidos.

“Bem. Não pense nele”.

Devia ser o dia tão ocupado que passava com tantas emoções a flor da pele e estava cobrando o preço. Isso e, para que negar o evidente, Adam a afetava física e emocionalmente.

— Ruth. —Aileen, com seus olhos lilás inquisitivos, observava querendo averiguar a que se devia seu enigmático sorriso— Se encontra melhor? —aproximou-se colocando-se às suas costas.



— Não sei nem quem sou, Aileen — respondeu derrotada, fechando os olhos com cansaço. O aroma de flores do incenso a acalmaram e com a calma chegou o reconhecimento— O que acontece... essa gente que pede ajuda... é que me assustam um pouco, sabe? Eu adoro *Médium* e *Entre Fantasmas*. Posso aceitar o que acontece porque são séries, e porque acabo de entrar em um mundo paralelo de vampiros e homens lobos, assim acredito no que elas fazem. Já acredito virtualmente em tudo o que jogam pela televisão. Acredito em extraterrestres, acredito em elfos, em duendes, como não ia acreditar sabendo o que sei agora? Mas não posso acreditar que isto me aconteça, que eu seja capaz... é muito para mim. E por outra parte, estou com esperança e feliz por que...

— Porque não está louca nem doente — concluiu Aileen.

Maria, que estava apoiada no marco da porta, olhou entendendo à perfeição. Uma menina tão jovem, que nunca ouviu falar de seres humanos com dons, de repente salva a vida de outros seres sobrenaturais graças a sua magnífica habilidade. A quantos passaram como Ruth? Quantos se medicavam por ver e ouvir coisas que só viam eles? Quantos se medicavam pela incredulidade e a ignorância de psiquiatras e psicólogos? Nem todos os que eram mais sensíveis e tinham dons extra sensoriais eram esquizofrênicos ou tinham uma desordem mental.

— Lembra-se das noites que ficava em minha casa para dormir? — perguntou Aileen pegando o frasco de xampu e abrindo-o. Começou a ensaboar o cabelo dela— Eu pensava que era forte e valente. Continuo pensando. Chegava a meu quarto, com sua mochilinha em forma de urso e os olhos vermelhos de ter chorado. Mas sempre sorria como se nada tivesse acontecido ao me ver, como me dizendo que estava bem. Então eu necessitava consolo, e você sempre estava ali e me dava isso. Vinha para não me deixar sozinha. Protegia e cuidava de mim.

— Você também me consolava — respondeu ela em um sussurro. Claro que a consolava, quando tinha o corpo tão dolorido e marcado pelas surras de seus pais que mal podia se mover. Só uma vez, Aileen viu suas feridas e aquela noite a abraçou e chorou com ela, por cada chicotada, por cada corte da adaga ritual, por cada descarga elétrica. Ruth sofreu essa cruz até os dezessete anos e o suportou até os dezoito. Até que decidiu resolver de uma vez com aquela relação paterno-filial.

— Não. Você me sustentava, Ruth. Sempre fez. Cuidou de nós, de Gab e de mim. Lembra que cantava com essa voz tão bonita que tem. Eu fechava os olhos e pensava que os anjos deviam ter essa voz. É minha única família. —Acariciou o cabelo— A que eu escolhi. Minha irmã.

— Não me faça chorar, Aileen... —acusou-a com voz fraca.

— Sei que você não gosta de chorar. Que acha que isso faz perder a fortaleza que necessita. Mas quero que esteja convencida disto. Salvou-me muitas vezes, em todos os sentidos. Agora não vou deixá-la sozinha. Você é especial, querida. E vamos enfrentar isso. Sentia-me mais forte quando estava com você, sabia? —Ruth meneou a cabeça— Tivemos má sorte com nossas famílias. Mas eu a escolhi e você me escolheu. Não deixarei que volte atrás. Depois de minha conversão, temi perder você e Gab, mas você reagiu com coragem, me demonstrando que o que define a alguém não é de onde vem, nem seu aspecto exterior, a não ser a natureza de seu coração. —Esfregou com doçura seu couro cabeludo— E você tem um coração enorme. Ajudou-me a superar minha mudança e agora minha sorte é maior do que nunca me teria atrevido a



imaginar.

—Eu também estaria exultante com um monumento como esse do Caleb a meu lado — murmurou sorrindo, tentando afastar as lembranças que abrasavam sua mente.

—Certo, agora Caleb é um monumento? Pensava que não gostava dele.

— É insuportável. —Sorriu conciliadora— Estes homens dos clãs ficaram na época Neandertal e eu não gosto. Mas por você, suportarei. —Elevou a mão e a entrelaçou com a de Aileen cheia de sabão e transbordante de calor.

—Tem uma oportunidade para encontrar a você mesma, meu bem. Não vamos deixar escapar. Eu também estou disposta a suportar tudo por você, irmã minha.

Ruth beijou a mão de Aileen e afundou mais na água até que o queixo tocou a superfície líquida e cheia de borbulhas. Seus olhos estavam alagados de lágrimas de emoção e gratidão para sua amiga. Necessitava âncoras fortes a seu redor, porque só não poderia com tudo o que vinha em cima.

Uma sacerdotisa. Ela, uma sacerdotisa.

Pequena loucura.

CAPÍTULO 05

A porta soou três vezes de forma contundente. Alguém a esmurrava sem piedade. Ás se levantou do sofá para ver o que acontecia quando viu entrar Adam com sua aura vermelha ameaçadora. Era a viva imagem de seu pai Nimho, e sempre que o via recordava quem foi seu melhor amigo.

Adam o olhou com o sobrececho completamente franzido. Tinha o livro do xamã de seu pai, cujas profecias salvaram seu clã em numerosas ocasiões.

Adam parou diante dele e ofereceu o antebraço. Ás o enlaçou com o seu e sorriu ao jovem berserker que tinha diante.

— O que acontece, Adam? A porta se chocou contra você?

Adam ignorou o comentário do líder da manada. Seu nariz estava impregnado do aroma de Ruth e já era suficiente controlando sua virilha, para responder. Ela estava ali, certamente no andar de cima.

— Onde está?

— Onde está quem? —disse Ás.

— A humana. Ruth.

— Como sabe que ela está aqui? —Ás cruzou os braços, intrigado pelo comportamento de Adam.

Adam se dirigiu às escadas.

— Não pode subir *kompis*¹¹. O que acontece? Está nervoso. — Adam apertou os punhos a ambos os lados de seu corpo, sem deixar de olhar o final da escada. Ela estava ali. Sua assassina.

—Vai acontecer algo, Ás. Algo horrível. Não mencionei isso porque esperava ter tudo sob

¹¹Amigo em norueguês.



controle. Mas ela está hoje aqui... e não é por acaso.

— Não é a primeira vez que ouço que vai acontecer algo horrível. Não sei do que fala, assim começa a me contar isso agora — ordenou aproximando-se dele — O que vai acontecer? E por que parece que tem a ver tudo com Ruth? Sente e conta tudo.

Ás guiou Adam para o sofá, o puxando com força para que se separasse da escada. Tomaram assento e Adam abriu o livro de profecias de seu pai e mostrou as duas últimas que ele escreveu sobre seus dois filhos. Enquanto Ás esfregava o queixo com preocupação, Adam explicou os sonhos recorrentes que tinha sobre Ruth. Menos o do sexo, explicou tudo com gestos e sinais.

— Passou dois meses sem vir por aqui porque eu a adverti. Estive vigiando — disse o jovem berserker — queria saber onde se encontrava a cada segundo. Pensava que se não se aproximava do Wolverhampton, o sonho, e, por conseguinte, a profecia, não se cumpririam, porque ela me mata no Totem e isso era impossível se não estava em Wolverhampton. Mas agora, a apenas dois dias que faça sete anos da morte de minha irmã, Ruth vem para sua casa. Por que veio? A que demônios veio essa condenada mulher?

Ás se levantou e caminhou nervoso pelo salão.

—Adam, não duvido de sua palavra. Mas tampouco duvido da natureza de Ruth. Ela nos salvou a vida uma vez. Por que ia agora nos pôr em perigo? Não é uma assassina.

Um músculo palpitava na forte bochecha de Adam.

— Passo seis semanas, todas as noites, sentindo como suas flechas me transpassam a pele — sussurrou Adam — Não é agradável, me acredite. Ruth não é o que parece.

—E pode ser que tenha razão— assegurou Ás. E mais agora que, segundo Maria, Ruth pertencia às sacerdotisas da Deusa. A garota estava tão assustada... era impossível pensar que ela... não. Não podia ser. Passou a mão pela barba morena perfeitamente cortada— O que é, segundo você?

—Alguém que vai nos trair. Ruth é minha morte, leder¹² Ás. E se isso acontece, a morte também virá a nós. Os lobos nascerão mortos — repetiu as palavras da profecia— E que conste que não temo por mim, mas sim pelo que implicaria minha morte para outros.

— Custa acreditar que ela...

—Ás, acredito que não me entende — remarcou as palavras— Não vim aqui nem negociar nem discutir nada.

Ás o olhou por cima do ombro, surpreso pela atitude desafiante de Adam.

— Então, me fale claro, xamã — ordenou— O que quer fazer?

— É simples. A levo e eu mesmo a vigio até depois de amanhã, a data assinalada. Não farei mal a ela, a não ser que seja necessário.

— Eu não gosto, Adam. Não quero que a garota sofra.

—Ás, faço pelo bem de todos. É minha responsabilidade advertir sobre as profecias, entende? Dá-me o aviso, e eu devo saber o que fazer com ele. É fácil: se pego Ruth a tempo, ela não poderá cumprir seu encargo.

—Eu também sou responsável pelo que faça com ela. O clã está em minha responsabilidade

¹²Líder em norueguês.



— Ás ficou pensativo. Como solucionaria isso? As casualidades não existiam, mas eram muitos sincronismos os que haviam entre Ruth, a profecia e o sonho de Adam. O menino era o noaiti. Tinha o dom de ver o futuro, e se não fosse por ele, a mensagem que irradiou Ruth fazia um mês e meio nunca teria chegado a bom porto. Desejava com todas suas forças que Adam estivesse equivocado, mas ele não falhava dos cento e cinquenta anos que passava suplantando seu pai. Como duvidaria dele agora?— Está bem. Faremos a minha maneira.

Adam não sabia o que queria dizer isso, mas ao menos era um avanço.

—Levará Ruth quando eu disser. — deixou claro Ás.

— Não há tempo, Ás. Subo e a levo.

— Nem pensar, e menos agora, diante de Aileen, Daanna e Maria. Não deixarão. Temos que fazê-lo com sutileza. E que fique claro que nem sequer eu estou de acordo com isto. Não vai tirá-la da cidade. Levará a um lugar seguro e...

—Vai estar no porão de minha casa. Não sairá de lá.

— Se a toca ou a machuca...

— Se me matar, o farei. Ou ela, ou todos outros. Além disso, não me respondeu ainda: por que veio hoje a sua casa?

Ás hesitou em contar a nova revelação. Se o fazia, Adam acreditaria em todas suas, — no momento— hipóteses sobre ela, e isso seria como pôr Ruth na guilhotina. Uma Ruth humana e inofensiva para Adam suporia menos ameaça que uma Ruth com dons e poderes. Melhor não dizer.

— Veio nos ver. Eu pedi. Maria perguntava por ela, e Aileen a trouxe — mentia.

Adam entreabriu os olhos. Não acreditava.

— Quantos sabem o que você pensa dela? —perguntou Ás visivelmente afetado.

— Não mostrei a ninguém a profecia de meu pai. Tampouco falei a ninguém de meu sonho, exceto a Noah. Ele é o único que sabe o que acontece com ela.

— Ninguém deve saber. Ninguém. Se souberem que há uma profecia que diz que o matam e isso provoca o caos, irão definitivamente por sua suposta assassina. É muito apreciado no clã. Ruth não teria nenhuma possibilidade.

— Não deveria ter. Mas só porque você acha, darei essa oportunidade.

— Dará. É uma ordem. E enquanto ela estiver em sua casa, quero Noah com você.

— Por que, leder? Não confia em mim? —grunhiu.

— Ruth é a melhor amiga de minha neta, Adam — cruzou os braços— E gosto dela. Supõe que temos um sexto sentido para isso, percebemos as intenções dos humanos e eu não sinto que ela seja um perigo. Não pode acusá-la de qualquer jeito. Tomo muito a sério o que vê e o que profetiza, mas estamos falando dessa garota, e ela não me parece o Apocalipse.

— Torres mais altas têm caído — murmurou desafiando— É como uma loba disfarçada de cordeiro, Ás. Pensei que fosse mais inteligente.

— Cuidado, Adam. Você tem mais de lobo que ela. —Exalou o ar como se estivesse cansado— Mas sei que suas profecias sempre têm algo de verdade, por isso vou deixar a seu encargo, só até comprovar que ela é inocente.

Adam inclinou a cabeça.



— Não vou me equivocar. Quando posso prendê-la?

— Não se trata de prendê-la — grunhiu apertando os dentes. Aquela palavra era horrível— Não vai prendê-la. Simplesmente a confinará um tempo, já está. Até agora, Ruth não fez nada que faça que dela duvide.

— Está aqui, não?

— Sim — resmungou Ás cada vez mais irritado. Odiava que Adam tivesse razão— Olha, deixe-me averiguar o que as mulheres planejaram fazer, e eu o informarei para que a possa... Raptar.

—Merda... —era um rapto em toda regra, não podia maquiav.

— Mas deve ser discreto, Adam. Eu falarei com Maria, e se puder a farei minha cúmplice. Isto — assinalou com o indicador— pode fazer que ela fique insatisfeita comigo. Desejo que esteja enganado, Adam.

— Não tenha esperanças. Afeiçoou-se a essa garota e não entendo por que.

— Nem eu entendo por que você parece odiá-la.

— Bom, ela acaba comigo. Não é suficiente?

Ás olhou Adam com atenção. Era frio. Duro. Impenetrável e sarcástico. Mas era um homem jovem ao que ficava muito por dar e oferecer, entretanto não tinha luz ao redor, e a pouca que ficava, arrebataram fazia quase sete anos. Sentiu pena por esse jovem que conduzia muito peso sobre seus ombros. Acreditaria que era um homem sem coração, se não fosse porque estava convencido de que Adam lutava mais por seguir protegendo a seus pequenos sobrinhos, que por sua vida. Eles eram o coração de Adam. E, entretanto, sua experiência também dizia que havia algo mais...

—Adam — sussurrou— Está realmente seguro do que diz?

— Completamente.

— Isto fará mal a minha neta e a minha companheira, sem mencionar que Ruth é a protegida de Caleb. Não quero voltar a me inimizar com ele. Recentemente, vaniros e berserkers, reiniciamos relações e se descobrir que...

— Só será até que passe a data assinalada. Depois, desgraçadamente, tudo se esclarecerá. Todos nos alegraremos de nos livrar dela, Ás.

— Não fale assim. Nem todos — respondeu contrariado— Chamarei Noah e me assegurarei de que o vigie.

Adam teve vontade de voltar a rir.

—Merda, Ás, é a ela a quem se deve vigiar.

—Adam, por sua atitude não o deixaria a sós com Ruth nem sequer um minuto. Agora vai, e assim que souber quais são os planos, chamarei.

Adam assentiu e se dirigiu para a porta, olhando de esguelha a escada.

—E, Adam — chamou com o rosto abatido— se tão convencido estava que tinha razão, não entendo por que esteve tanto tempo sem mencionar a mim nada sobre o perigo que presume que Ruth vai trazer-nos.

—Já te disse que a tinha controlada. Não acreditei necessário.

— Importa uma merda o que você acreditava. Tomara que não, mas se o que diz é verdade,



cometeu um ato de irresponsabilidade para o clã.

— A profecia era pessoal, dirigida a mim — queria dar uma explicação convincente que nem ele mesmo acreditava.

— Se seu destino atinge ao destino do resto, então também nos concerne. Por que merda não me disse isso antes?! — Ás tinha todo o corpo em tensão, tentando não elevar a voz para que as garotas não o ouvissem — Não será porque você tampouco quer acreditar?

Adam jogou os ombros para trás e sorriu desdenhosamente.

— E por que não ia querer acreditar? Ruth é uma cadela que não significa nada para mim. Vocês sim que gostam dela, por razões que não consigo entender. Ela o esteve enganando, a mim não. Eu fui o suficientemente inteligente para me manter afastado.

— Não acredito Adam. E não a conhece para julgá-la desse modo. Acredito que deveria deixar esse receio que tem para as mu...

— Não há nada que tenha que acreditar. As coisas são assim — grunhiu da porta.

— Cheiro seus hormônios, Adam. Não está alterado por Maria, pois é minha mulher, nem por Daanna, que é uma vanira, nem por Aileen, que já está emparelhada... Está assim pela humana. Pela Ruth. Não disse nada a ninguém porque assim ninguém poderia machucá-la. Tampouco o quer acreditar. Você também a protege, amigo.

—Vai à merda, Ás. E se houver alguém com quem Ruth não está em nada segura, é comigo. Não sou seu protetor. Sou seu pesadelo — fechou a porta com uma pancada.

Ás estava um tanto confuso, mas sabia o que acontecia com o berserker. Olhando a porta fechada, sua intranquilidade aumentou. Adam era perigoso em estado normal, mas se os hormônios disparavam como notou, e a responsável era Ruth, então a jovem não estaria segura com ele sob nenhuma circunstância.

Mas em que confusão se colocou?

Daanna aterrissou no jardim da casa que compartilhavam Gabriel e Ruth em Notting Hill. Para ela era tão estranho visitar e ter relações com humanos como eles... Sempre a afastaram do contato com os outros, e estava cansada de tantas restrições.

Afastou a juba negra do rosto, e saudou com a cabeça aos vaniros que permaneciam nos carros vigiando seus novos amigos. Porque eles eram amigos deles, verdade? Sim, eram. Sorria quando pensava neles, e isso era bom sinal.

Ruth e Gabriel tinham a um bom grupo de vigias atentos a todos seus movimentos. Tanto berserkers como vaniros. Os dois humanos se converteram em peças importantes dentro dos clãs, e deviam protegê-los.

Gabriel tinha a música muito alta. Não podia trabalhar sem ela, e ali, em Notting Hill, não era nada estranho ouvir melodias até altas horas da madrugada. Notting Hill era um de seus bairros favoritos. Era pitoresco e estava cheio de ritmo e alegria. Embora a ela essas palavras já não recordasse nada.

De fundo soava a canção de Madonna, The power of goodbye. Sorriu com tristeza. Que melancólico. Essa era uma de suas canções favoritas, uma que dava sentido a sua alma destrocada. Desde o dia em que nasceu, seu clã keltoi a elegeu como a escolhida para cumprir



uma estranha profecia, uma relacionada com portas que se abrem e se fecham. Ninguém sabia quando chegaria a profecia, mas a protegiam e a veneravam como se ela tivesse algo importante que dizer ou fazer em face da humanidade. Ela não tinha nada especial. Nada absolutamente. Sim, era muito bonita e tinha poder, mas não entendia por que a estimavam tanto, e um fato sabido até agora, nem a profecia se cumpriu, nem ela tampouco desenvolveu nada especial que fizesse pensar que era mais poderosa que os outros. Não. Ela nunca teve nenhum poder. Era elegante na luta, ágil e forte, e tinha os mesmos dons mágicos que o resto, mas nada mais. A única coisa que a fazia especial desapareceu milhares de anos atrás, quando a transformaram.

Olhou para a porta, sentiu uma presença absorvente, e se encontrou com alguém que teria desejado não ver.

Aí estava Menw McCloud.

Apoiado no arco da entrada, com os braços cruzados e a olhando de cima a baixo com o olhar mais claro e azul que viu em sua vida imortal. Vestido todo de negro, com camiseta e jeans escuros, e um casaco de motoqueiro negro de pele. Sempre tão bonito. Sempre tão sexy. E ela sempre se transtornava com isso.

Daanna grunhiu, queria gritar e dizer que a deixasse viver tranquila. Mas isso era impossível. Menw apreciava espreitá-la e persegui-la. Um jogo que vinham jogando muito tempo.

O vaniro se levantou, e relaxou os braços, deixando-os repousados ao lado dos quadris.

Dos olhos verdes de Daanna saiam relâmpagos de fúria, e Menw sabia perfeitamente que sempre que o olhava, seus olhos verdes clareavam e se tornavam quase amarelos. Raiva, ira, dor, e... desejo. Tudo isso provocava ele, e embora a maioria não fosse sensações agradáveis, se alegrava de não ser indiferente para ela.

— O que faz aqui? — perguntou Daanna em tom desdenhoso.

— Boa noite a você também.

— O que faz aqui? — repetiu mal-humorada.

— Cuidando de você. Já que você não dá importância a seu bem-estar, alguém terá que se fazer responsável por seus atos — assinalou como quem não dá importância a nada.

— Ouça aqui. Vem para me incomodar, então?

Menw apertou a mandíbula. Essa mulher estava arrancando sua vida pouco a pouco. Sempre à defensiva.

— Já sabe que há membros da seita que têm especial interesse em você. Não está segura. Há uma guerra declarada, Daanna.

— Ah, sei, e você vai cuidar de mim? — Passou por seu lado e elevou a mão para tocar na campainha da casa, mas Menw a puxou pelo pulso a meio caminho. Daanna levantou uma sobancelha e olhou como os dedos enormes do vaniro se fechavam como uma corrente sobre sua pele. Mesmo tendo o cabelo loiro, a pele de Menw era bronzeada. Não branca como a dela. Belo contraste faziam os dois.

— Não tem direito de me tocar — sussurrou como uma serpente. Com uma ordem mental, fez soar a campainha da casa, sabendo-se ganhadora nesse pequeno interlúdio.

— Maldição, Daanna — disse ele exasperado — Quando vai...?

— O que? Cuidado com o que pergunta, não acredito que queira saber a resposta.



— Daanna, não é bom continuar assim. — Estava triste, e ao tempo, seu olhar era furioso e gelado— vamos parar isto alguma vez?

— Nunca — sentenciou como uma chicotada, perdendo a altivez e o *savoir faire* que sempre a precediam— Nunca. Disse isso tantas vezes... e você não quer acreditar em mim.

Menw esfregou o pulso de Daanna com suavidade. Seus olhos azuis estavam atormentados e mostravam um abandono que jamais teve em seu olhar. Não desde que era um vaniro.

Daanna se obrigou a parecer destemida e indiferente diante da súplica nos enormes olhos de Menw.

— Já vou! — gritou a voz de Gabriel ao longe.

Ela puxou o pulso.

— Me solte — ordenou.

Menw elevou o olhar ao céu e engoliu saliva. Um gesto de insegurança estranho nele.

— Estou cansado, Daanna — sussurrou Menw olhando-a finalmente nos olhos— É muito tempo que passo assim, esperando. Anos, décadas, séculos.

Daanna de repente prestou atenção. Havia uma nota derrotista em sua voz, uma melodia fatídica e resolutiva, e daquilo não gostou. Mas não disse nada. Já passaria a petulância.

Passavam tanto tempo com esse rol que já parecia que sua relação seguiu esse caminho sempre. Entretanto, no fundo de seu coração, sabia que não era verdade. Houve um tempo, faz muito, onde ela e Menw eram inseparáveis. Eram um. Mas esse tempo passou quando Menw cometeu aquela atrocidade, afastando-a de seu lado para sempre, quebrando em mil pedaços seu coração.

Os pedaços que ficavam eram tão pequenos que já não sentia um batimento do coração uniforme. Estava morta. Morta em vida, e aquilo não podia continuar assim. A chegada de Aileen mudou tudo. Ela queria ter a liberdade que sua amiga e cunhada encontrou, queria o que Aileen conseguiu com seu irmão Caleb.

Nunca poderia confiar em Menw, não depois daquilo, mas seu tempo de lamber as feridas devia finalizar.

Ou melhor, Menw não era o único para ela. Ia desafiar Freyja. Havia decidido, estava pensando nisso há muito tempo.

— Daanna, quer de verdade que vá? — Menw olhou à porta, esperando visualizar aquele jovem humano que estava apaixonado por sua vanira. Apaixonado até as sobancelhas. E ela sabia, não era tão tola para não ver. Mas Daanna era sua vanira. Dele. Minha Daanna.

— Quero que solte minha mão e que me deixe tranquila, em paz. Entende isso? Passo uma eternidade pedindo isso e você insiste em se fazer de surdo. Vai, por favor. Desaparece de uma vez e me deixe respirar — disse com uma voz carente de emoção. Estava jogando-o de sua vida, despachando, e fazia como se estivesse informando a hora. Acostumou-se a fazê-lo.

Menw a olhou nos olhos. Aquilo doía mais que nunca. Sabia que já era tarde para ele, o tempo acabava e ninguém percebia, só seu irmão Cahal.

Cahal não entendia por que Menw não a fazia sua. Todos sabiam. Eles dois se pertenciam. Para Cahal seria fácil pendurá-la no ombro e possuí-la de corpo e mente como faria um vaniro. Como faziam eles em seu clã. Os celtas eram muito possessivos com suas mulheres.



Mas para Menw, não era tão simples. O que eram o corpo e a mente quando já não tinha um coração para dar? Quando nem sequer Daanna abrigava uma emoção carinhosa para ele? Quando o só ato de sentir que a tocava, fazia que a pele dela arrepiasse pela repulsa?

Fez um gesto de dor com o rosto. Os incisivos se alongaram porque tinha vontade de lutar com ela, de dizer que já era suficiente. Suficiente de desprezos, de dor e de não acalmar a necessidade de tocar um ao outro. Mas por ela, parou o animal interior. Ela, sua alma, não merecia.

Estudou seu rosto. Um rosto de linhas elegantes, tão bem cinzelado, tão bem conhecido, que inclusive poderia dizer o número de cílios que escureciam os olhos esmeralda daquela esplêndida beleza. O ângulo exato de seu queixo, a forma de suas maçãs do rosto, a voluptuosidade de seus lábios, o arco de suas sobrancelhas... um rosto que era o lar para ele e que fechava suas portas. Definitivamente. Um rosto que ele já não fazia sorrir. E era tão desesperador... e tão cruel. Paz, pedia. Uma paz que ele já não tinha.

Daanna engoliu saliva, e observou a tortura que se abatia sobre Menw. A que vinha tanto melodrama?

— Bem — assentiu soltando o pulso dela com lentidão. Abaixou a cabeça e seu cabelo cobriu umas lágrimas que ela nunca veria. Chegava seu momento e sua decisão, e a tomaria por ela— Adeus, *mo leanabh*¹³. —Tentou sorrir, mas a angústia não deixou. Deu um salto e desapareceu entre as nuvens mais claras que cobriam o céu noturno. Afastando-se dela.

Daanna olhou ao céu estrelado procurando o corpo de Menw. O que aconteceu ali? Sentiu-se estranha e com um nó na garganta que não a deixava engolir. Tinha vontade de chorar. Sempre que o via partir, a dor se entrincheirava em seu coração e partia a alma.

— Daanna? —Gabriel a olhava da porta. Seguiu os olhos da vanira e não viu nada— vai nevar hoje? —perguntou com um sorriso.

— O que? —Daanna limpou a garganta que sentia fechada, e olhou Gabriel.

— Há algo aí em cima que seja interessante? —voltou a perguntar. “Menw”, pensou ela abatida.

— Não, nada. —Sorriu sem que o gesto chegasse aos seus olhos, como fazia sempre— Me enviam para fazer uma mala para Ruth.

— Ela está bem? —Convidou-a a entrar e fechou a porta.

— Sim, maravilhosamente. — murmurou. Por que Menw se comportou assim?— ficará na casa de Ás um tempo.

— Por quê?

— Porque Ruth tem algo especial e terá que aprender a controlá-lo.

— Todos são especiais, menos eu? Deixe-me adivinhar. É a mulher biônica e acaba de descobrir agora.

— Quem é a mulher biônica?

— Ninguém, não tem importância. Minhas duas melhores amigas são umas travessas. — respondeu cansado— E eu vou estar aqui sozinho?

¹³ Minha menina em gaélico.



Daanna o olhou e levantou uma sobrancelha. Um desses poucos gestos naturais e espontâneos que ainda conservava.

— Por seu tom, aposto que está muito desiludido. — Subiu as escadas, dirigindo-se ao quarto de sua amiga.

— Profundamente — dissimulou Gabriel.

— Mentiroso. — Abriu a porta de seu quarto e foi direto ao armário.

— Por fim, poderei trazer alguém aqui. Vivendo com Ruth, parecia que éramos um casal e não se aproximavam muito de mim.

— Você... tem alguém? — o olhou por cima do ombro

— Claro. — Piscou um de seus olhos azuis escuros.

— Mulheres.

— Está perguntando isso a mim? — disse ofendido — Acaba de matar minha dignidade.

— Só perguntava.

— Daanna... — hesitou e passou a mão pelo cabelo loiro e encaracolado. Os cachos saíram disparados para todos os lados — Eu... pareço bonito?

Daanna colocava a roupa de Ruth na mala com uma presteza e uma velocidade sobrenatural. Parou para olhá-lo e fazer uma conferida.

— Está perguntando isso a mim? — repetiu.

— Sim.

Fechou a mala. Observou atentamente, como se fosse um quadro de Picasso. Gabriel era um rapaz alto, com um cabelo bonito que recordava aos príncipes dos desenhos Disney, as sobrancelhas bem delineadas, o nariz patricio, os lábios grossos e uns olhos enormes, claros e muito vivos. Não era em nada um homem feio. Tinha uns ombros largos e parecia que frequentemente ia à academia de ginástica para tonificar os bíceps que tinha.

— Acredito que é bonito — assentiu — por quê?

— Porque pergunto a Ruth e a Aileen, elas sempre acabam pegando no meu pé. Você é sincera, verdade? — parecia esperançoso e inseguro.

— Sim.

— Bem. Queria saber o que você pensava.

— Ah — não deu importância.

— Antes me disse para deixar o cabelo comprido.

— Tem um cabelo muito bonito. — Voltou a estudá-lo — Quase já pode prendê-lo com um rabo?

— Sim, quase — sorriu — Seria um atrevido se a convidasse a sair? — soltou de supetão. Era melhor assim, ficava menos nervoso.

— Está paquerando comigo, Gab?

— Funciona?

— Não. Comigo, não. — disse sinceramente.

— Claro, você já está comprometida.

Daanna sentiu um dos apertões no coração que recordavam que estava ferida e quebrada por dentro.



— Não estou — respondeu ela. Tinha que sobreviver a isso. Devia tentar.

— Acredito que Menw me mataria por ter perguntado isso. Sei que é dele e...

Aquilo foi o detonante.

— Me escute bem. Menw não é meu dono e aqui não tem nada a fazer. Me parece um rapaz bonito e atraente, o que acontece é que não estou acostumada a ser convidada a sair — reconheceu jogando os ombros para trás— Não me deram muito espaço até agora.

Gabriel a olhou de cima a baixo, e sorriu. Ele nunca ria abertamente, só elevava um dos cantos de seus grossos lábios. Que a uma beleza tão espetacular como a vanira negassem o direito de se divertir e tornar louco ao meio mundo era um delito.

— O que isso quer dizer?

— Que sim, aceito. Claro, saíamos — respondeu mais animada. Ficou pálido e logo avermelhou como um tomate. Daanna pensou que era adorável, como um garotinho.

— Ouça, me ligue. Tem meu telefone, não é? —apressou ela agarrando a mala.

Gabriel assentiu como um robô.

— Então espero sua chamada. —subiu ao balcão e sorriu— Adeus, Gab. —Saltou e seu corpo desapareceu entre as nuvens.

Gabriel olhou o quarto que agora estava vazio sem a presença daquela bonita vanira. Por fim se atreveu a pedir um encontro a Daanna. Bem, agora só precisava que não fizesse o ridículo com ela. Elevou os punhos e gritou de alegria.

Maria se aproximou de Ruth com uma túnica de cor branca nas mãos. Longa e suave como a seda, reluzia se a luz da lua que entrava pelo balcão a iluminava. Ruth esfregou o tecido entre os dedos.

— O que é isto? —perguntou adorando o objeto.

— Deve pôr — respondeu Maria sentando-se a seu lado— Esta noite vamos a um lugar muito especial, e com esta roupa, dá a entender sua pureza e mostra seu respeito.

— A que lugar vai levar-me? A quem devo mostrar respeito?

—Já verá. Hoje nascerá de novo, querida.

Ruth franziu o cenho. Aileen já não estava. Caleb havia chegado, e agora fazia somente um momento que estavam falando com Ás sobre a revelação de Maria. Ruth era a única que não sabia o que estava acontecendo a seu redor.

— Necessito que me conte isso todo — rogou a Maria— Não estou assustada, não está em minha natureza. Mas sou muito curiosa e preciso controlar o que acontece a meu redor.

— Está bem — disse dando tapinhas em sua mão com carinho— Queria que relaxasse para poder te contar tudo isto.

— Maria, estou bem, de verdade. Só quero sinceridade.

— Tenho toda sua atenção, então? Com a mente absolutamente aberta?

— Não há um humano na terra que possa ter uma mente mais aberta que eu neste momento — sorriu resignada. Colocou a túnica branca, e a seda roçou toda sua pele, deixando-a arrepiada. Maravilhada ao notar sua suavidade, jogou o cabelo mogno sobre um ombro e se concentrou em Maria— Adiante.



Maria assentiu.

— Minha linhagem provém de séculos ancestrais, Ruth. Provenho de um grupo de altas sacerdotisas. Por meu sangue corre sabedoria de milhares de anos atrás.

— Que sacerdotisas? Quais são as sacerdotisas?

— Ah, as sacerdotisas — sorriu sonhadora — Houve um tempo onde existia um grupo de mulheres que concebiam o poder criador do universo, ao qual vocês chamam Deus, como se fosse uma força feminina capaz de gerar mudanças. Essa força cheia de amor, de harmonia, de fertilidade e inteligência, é eterna, e contribui com equilíbrio e ordem no cosmos. Essa força é chamada de a Grande Deusa. Uma força que está por cima de outros deuses. Uma força que é tudo.

Ruth permanecia atenta às palavras de Maria. A Grande Deusa?

— Este grupo de mulheres — prosseguiu Maria — aprendeu a canalizar essa energia e a utilizá-la pelo bem da humanidade. Eram mulheres sábias, com dons excepcionais. Falavam com a natureza, com os animais, com os elementos... Prediziam o destino e mudavam seu curso em benefício de outros. Elas salvaram os humanos durante muito, muito tempo — Maria tinha os olhos chorosos, perdida em suas lembranças — Mas o homem, ciumento e temeroso do poder da mulher, manchou a imagem das sacerdotisas, e foram terrivelmente assediadas. O mundo se tornou masculino e cruel. Ao chegar e triunfar as religiões patriarcais, todas elas em favor do poder do homem, a Deusa e tudo aquilo que pudesse representá-la foram perseguidos e caracterizados em todos os lugares como se fossem malignos.

— Como... uma caça a bruxas?

— Foi uma caça a bruxas! — confirmou Maria com solenidade — Diziam que nós éramos adoradoras do demônio. Que éramos velhas e horríveis. Nós? Velhas e horríveis? Adoradoras do demônio? Não acreditamos nele, assim não podemos adorá-lo. É absurdo — resmungou — Assustadas por nosso destino, algumas decidiram ocultar e trabalhar em silêncio. Muitas delas estão trabalhando lado a lado para dar uma mão às que ficaram em representação da Deusa na terra. Eu, e as mulheres que virão aqui em um momento, somos descendentes dessas mulheres. Agora você está no centro das atenções, pequena.

Ruth apertou as têmporas com os dedos e fechou os olhos tentando concentrar-se nas palavras de Maria.

— Observam-me? — sussurrou a jovem, irritada.

— Ruth, é especial entende? — levantou-se e puxou um livro enorme de uma gaveta. Passou a mão por cima, acariciando o lombo com ternura. Quando voltou a sentar ao lado de Ruth, Maria ofereceu o livro — Abre.

Ruth obedeceu, e diante dela apareceram mulheres retratadas em todo tipo de ambientes. Espaços naturais abertos, lugares bucólicos, ocultos... Cada mulher parecia fazer uma coisa diferente. Na primeira página havia duas mulheres, cada uma mais bonita. Uma delas de longo cabelo vermelho, estava em cima de um carro de ouro que era puxado por algumas vacas. Usava um vestido branco que ondeava a seu redor. A outra, de um impressionante cabelo loiro e liso, parecia um anjo sensual, e acariciava a dois imensos gatos — se é que fossem gatos e não tigres — enquanto sorria e olhava com orgulho a do cabelo vermelho. Ao passar a página, apareceu uma



nova mulher; esta tinha uma taça dourada nas mãos e a oferecia àquele que visse o livro. Logo apareciam muitas outras; alguém acariciava a uma coruja, a outra tinha uma serpente enroscada na cintura. Passou página; outra mais estava semidespida e levantava os braços para o céu como se invocasse algo ou a alguém que não podia ver. Aquelas fêmeas eram todas diferentes, de traços, de olhos, de cor de cabelo e de tez. Entretanto, vestiam-se com a mesma túnica vermelha. Outra olhava desafiante para Ruth, com um livro na mão e um sorriso nos lábios.

— O que é isto? — sussurrou Ruth. Os retratos eram tão reais que Ruth pensava que cedo ou tarde fossem saltar das páginas e começarem a correr pelo quarto— Quem são essas mulheres?

— Este é O livro da Sacerdotisa. Foi cedido por Myrian, a primeira sacerdotisa escolhida, à primeira geração de iniciadas. Foi um presente da Deusa. Nele estão desenhadas todas as mulheres que foram abençoadas com seu dom. Todas elas são sacerdotisas. Como você. Como eu.

— Maria... quero acreditar no que diz, de verdade, mas...

— A Deusa, esse poder que conecta toda nossa realidade — a cortou levantando a mão para que não a interrompesse— se serve destas mulheres especiais para manter um equilíbrio e representar o bem na terra. Desde tempos ancestrais houve sacerdotisas em todas as culturas. Mulheres às que se obedecia; mulheres que eram oráculos, que meditavam em templos; que eram magas e mestras; mulheres curadoras, mulheres médiuns... Maria Madalena, Morgana, Lillith. Helena de Troya, Hipólita... — A cada tipo de mulher, Maria assinalava um desenho do livro que retratava o que queria dizer— Todas essas mulheres se dedicaram a trabalhar para a luz, oferecendo seu dom à causa. A Deusa as escolhe. Como você. — Sorriu e encolheu os ombros— Como a mim. Quanto antes entender isto, Ruth, mais fácil será que reconheça sua natureza.

— Quem as desenha? — arqueou as sobrancelhas. Não era que não acreditasse em Maria, simplesmente não acreditava que ela mesma fora tão especial. Seus pais nunca acreditaram que seu dom fosse bom, de fato, nunca acreditaram nela. Agora, aquela mulher a olhava com reconhecimento esperando que Ruth dissesse... O que queria que dissesse?

— Os retratos saem sozinhos. As *nornas*¹⁴ os desenharam. Este livro é...

— A, claro! Minhas amigas as nornas — respondeu sarcástica como se as conhecesse— Como não?

— Ouça, estou explicando isso. A Deusa dota a todas as mulheres com os dons. As nornas, que são para sua informação, as senhoras do destino, desenharam-nas aqui.

— Fantástico. E você onde está? Não a vejo nas páginas.

— Há dois tipos de sacerdotisas; as humanas, mais conhecidos como *Matronae*¹⁵, e aquelas que a Deusa escolhe como *constantes*¹⁶ aquelas a quem dá o dom da imortalidade.

— Você é imortal?

— Sou, mas não porque a Deusa me deu o dom. Em meu caso foi Ás que está me dando isso de presente. Mas explicarei isso em outro momento. As constantes necessitam às *Matronae* como apoio, necessitam pessoas como as sacerdotisas que virão agora e que são como eu.

— Você é uma matrona.

¹⁴ As Nornas são parcas da mitologia escandinava. São três e tecem o destino.

¹⁵ Nome que dá as sacerdotisas que apoiam as constantes.

¹⁶ Sacerdotisas que recebem a imortalidade para combater o mal eternamente.



— Sim.

— E eu, o que sou? —perguntou incrédula.

— Eu não gosto de seu tom. —Os olhos escuros da mulher a censuraram— As páginas deste livro estão feitas com os fios que as nornas utilizam para tecer o destino. O que há no livro da Sacerdotisa é verdade. Deveria respeitar que...

— E o que quer que diga? —levantou da cama, gesticulando com os braços— Acredito que não posso com isto. Meu problema é que ouço vozes. Acaso isso não se chama esquizofrenia e paranoia? Você quer me fazer acreditar que... —suspirou, girando os olhos— Minha marca não tem a dizer nada. Há pessoas que têm marcas de framboesas, ou corações O... Eu mesma tenho um desses caprichos em forma de coração no traseiro — notava que estava ficando fora de si— Definitivamente necessito minhas pílulas.

— Maldição, Ruth! —o gênio de Maria explodiu— Basta. Já é suficiente, garota. Estou lhe dando a oportunidade de que acredite em você.

— Por isso, Maria! Não posso acreditar. Passei toda minha vida pensando que sou um despojo, que me falta um parafuso, que estou maldita. E você quer que ache que não é assim? —a voz tremeu. Tentou se tranquilizar— Que o que me acontece é bom? Um dom divino? Da... a Deusa? É muito bom para ser verdade, não entende? Isso significa que não estou louca, e fui levada por muitíssimos anos a acreditar nisso. —ia começar a chorar.

— Sim. Acredite. Não está louca — animou.

— Demonstre isso — a insistiu Ruth cruzando os braços— Diz que nesse livro aparecem todas as mulheres que foram tocadas pela Deusa. Onde estou eu?

—Ainda não é uma sacerdotisa. Não recebeu o batismo. Até que não passe por ele, não sabemos se será uma constante ou uma matrona. Se for uma constante, aparecerá no livro, se for como eu, não fará, mas acredito que o seu é forte, Ruth. As sacerdotisas leram nas runas.

— Merda! Merda e mais merda, Maria! —deu meia volta para sair do quarto.

— Não ocorra sair daqui, moça — sugeriu Maria em tom ameaçador.

— Me deixe tranquila. —Seguia dirigindo para a porta— Volto para Barcelona.

— Claro. Vá. Vá se embriagar, beber, esquecer! Vá à farmácia e compre todas essas pílulas que nublam a razão! Sossega a todos aqueles que pedem ajuda. Faça-se de surda e de indiferente.

— Não se atreva, Maria. —Ruth tinha vontade de gritar que ela não era covarde nem indiferente. Que por não ser indiferente passava esse calvário. Não estava disposta a que brincassem com ela e dessem a esperança de acreditar que estava sã.

— Se der as costas a isto, Ruth, estará negando a você mesma. Covarde menina assustada. —Quando viu que a garota se detinha, prosseguiu. Ruth tinha orgulho e não gostava que ninguém a rebaixasse. Assim chamaria sua atenção— estará dando a razão a seus pais, aos médicos que não conheciam, a todos aqueles que temiam que você pudesse ver e ouvir coisas que eles não podiam. A todos os que a desmoralizaram e lhe deram as costas. Eles ganharão, Ruth. Sua alma, seus princípios, sua consciência... não ficará nada. Quer isso?

Ruth apertou os punhos com tanta força que seus braços tremeram da tensão.

— Não sabe pelo que passei. Não pode falar disso com tanta leveza. — grunhiu mais que falou.



—Já sei Ruth. —Maria a rodeou e a puxou pelo queixo— Mas se der as costas a isto, é justamente o que fará. Negará, negará Daanna e Aileen, negará a todo este mundo novo e mágico que a rodeia. Os humanos têm medo destes mundos. Quando alguém se levanta e diz que pode fazer algo especial, a mesma inveja e o temor de que possa ser melhor que eles os fazem cruéis e desejam que você sucumba à mesma miséria que eles. É a natureza humana, o mundo dos egos. Você foi o prego que se sobressaía e deram uma martelada, Ruth. Fazem acreditar que algo está errado com você e assim se sentem melhor. Aconteceu a todas. O caminho da Deusa não é fácil, querida. Mas em você há uma força cheia de luz, Ruth. Não a apague. Há muitos que esperam que os ilumine.

— Maria, não é justo o que me faz. O que diz é muito bonito e me dá esperança... — Seus olhos se umedeceram— Mas com certeza que cairei outra vez quando voltar à realidade. Se resultar que não sou quem acham que sou, não sei se poderei me levantar de novo.

— Levantará porque é o que tem feito toda sua vida. É uma guerreira. Esta é sua realidade — Maria limpou as lágrimas dela com os polegares— Veio a nós, Ruth. Vamos, se acalme. A Deusa a trouxe até aqui. Abraça. Aceita. Hoje a iniciaremos.

— Por que sabia de minha lua? Ninguém viu minha marca. —mordeu os lábios assustada.

—Todas as sacerdotisas têm esse sinal, já disse.

— Você a tem? —sorveu pelo nariz.

—Eu a tenho.

— Por que a temos aí, em um lugar tão íntimo?

— Porque a Deusa tem a ver com a energia criadora. É a matriz de tudo, a que incuba a origem de tudo aquilo que está destinado a existir, a ser. Por isso está sobre nosso sexo. Porque somos o berço, suas mulheres. De nós sai à vida. Cuidamos da vida.

— Tem respostas para tudo?

— Para quase tudo. Sim. —Sorriu e algumas rugas apareceram no canto de seus olhos escuros.

Ruth olhou para baixo e divisou as unhas vermelhas de seus pés. Devia parecer tão infantil, tão imatura. Maria, entretanto, parecia toda poderosa com esse porte tão seguro.

— O que posso fazer para que acredite em mim? —perguntou Maria docemente— O que faço para que acredite em você?

— Quero acreditar — sussurrou Ruth angustiada— De verdade. Mas não sei...

Maria assentiu, pôs as mãos a ambos os lados de seu rosto e a aproximou de seus lábios. Deram um beijo fraternal, limpo e seco. Logo ambas juntaram suas testas e Maria declarou:

— Aconteça o que acontecer, esteja onde estiver, para sempre, você será minha irmã da alma.

Ruth aumentou os olhos, incrédula ante o que ouviam seus ouvidos. Era a mesma frase que disse a Aileen na casa da Daanna. Exatamente a mesma. Daanna a tinha chamado “O juramento Piuthar¹⁷”. O juramento das irmãs que se declaravam as sacerdotisas.

— Aconteça o que acontecer, esteja onde estiver, para sempre, você será minha irmã de

¹⁷ Juramento que se pronuncia entre as irmãs sacerdotisas.



alma — sussurrou Ruth, engolindo as lágrimas tal e como fez aquela vez com Aileen.

Maria sorriu orgulhosa.

— Essas palavras... eu as disse a Aileen— confessou Ruth um pouco contrariada.

— É o juramento. Necessita que outra sacerdotisa ofereça isso para que se sele corretamente. Soube pronunciar essas palavras de um modo inato. Tem a lua sobre seu púbis. É uma escolhida da Deusa. Acredita agora?

Ruth duvidava, embora já não soubesse do que.

— Pela Deusa, menina. Acaso tenho que baixar a calcinha e mostrar minha marca para que acredite em mim?

— Não precisa, obrigada. —Sorriu com pesar— Tudo isto é verdade, não é? Não tenho mais remédio que acreditar.

— É querida. Não a enganaria nunca em algo assim. Tem uma função, Ruth. Uma missão. — Repuxou uma mecha de cabelo do seu rosto e o colocou atrás da orelha.

— E qual é?

— Depois desta noite saberá. Confia em mim.

—Eu acredito... acredito que sim.

— Sim, o que?

— Que acredito. Confio em você.

— Bem — Maria por fim recuperou o sorriso em seu rosto— Prepare-se. Vamos fazer uma pequena viagem.

CAPÍTULO 06

Quando Maria mencionou que viriam as demais sacerdotisas, Ruth não imaginou que fossem anciãs. As três mulheres que cuidavam do jardim da casa de Aileen eram sacerdotisas, para estupefação dela e de sua amiga. Aileen ainda estava surpreendida com a notícia. Sua amiga híbrida no final não se zangou com Maria por guardar esse segredo, mas sim que tiveram uma boa discussão. Agora as águas voltavam a estar tranquilas.

As sacerdotisas bem poderiam ter sido irmãs por sua grande semelhança. Tinham o cabelo branco e comprido, os olhos negros e afáveis, e as feições marcadas, mas muito doces.

Ambas a olharam e sorriram. A mais alta delas se chamava Dyra. A gordinha que não deixava de inspecioná-la se chamava Amaya, e a magra e baixa, era Ta.

As três estavam vestidas de vermelho, igual Maria. Esta se trocou enquanto Ás e ela vociferavam sobre alguma coisa que Ruth não pode ouvir devido a que as três mulheres a encheram de perguntas. Que sabia quem eram, se tinha ideia do que ia acontecer essa noite, que desde quando tinha seu dom..., e ela sem poder averiguar por que razão Maria gritava daquela maneira com Ás.

Enquanto acontecia isto, Caleb, com esses olhos verdes de pecado e seu cabelo comprido e negro, dizia alguma tolice ao ouvido de Aileen, e esta sorria e o beijava na boca. Logo ele gemeu e a agarrou pela cintura para levá-la a algum lugar mais privado, mas Aileen se negou. Caleb grunhiu e mostrou as presas, e ele sorriu como que dizendo que logo lhe daria o seu. Os olhos lilás de sua



amiga brilharam diante da expectativa e então Ruth pôs-se a rir, porque Aileen tinha que ser de pedra para dizer a esse pedaço de homem que não.

Aquela casa parecia um manicômio.

Sua cabeça parecia um tambor grande. Não sabia nada. Em apenas duas horas, passou de ser uma lunática à beira do desespero a ser uma sacerdotisa escolhida pela Deusa.

Agora, no carro, a caminho desse misterioso lugar, não sabia se aquilo era bom ou mau, mas estava nervosa e ao mesmo tempo espectadora pelo que a proporcionaria a noite.

— Não ouve nada neste momento? — perguntou Dyra, uma das sacerdotisas, sentada nos assentos de trás do Hummer de Ás. As outras duas foram uma a cada lado desta.

Ruth as olhou pelo retrovisor. Ela ia à frente sentada de copiloto de Maria. Os homens não podiam acompanhá-las, porque o ritual estava vetado para eles. A Deusa não deixava participar o sexo masculino em nada que tivesse a ver com ela.

— Não. Não ouço nada.

— É muito jovem — murmurou Amaya — Maria, não acha que é muito jovem para o batismo?

Maria olhou Ruth de esguelha. Era culpa o que detectou Ruth nos olhos negros da mulher? Ruth era bastante empática, e sabia quando algo não ia bem, e as coisas deixaram de ir bem desde que Maria discutiu com Ás. O que aconteceu?

— É virgem? — perguntou Ta, analisando-a.

Maria voltou o olhar para a estrada e não respondeu. Aquele gesto irritou Ruth. Por que não dizia nada? Por que não falava com ela para tranquilizá-la?

— Bom, sou jovem se me compararem com vocês. De que época são? Do Paleolítico? — Seus olhos ambarinos sorriram maliciosos. Ela era assim. Não aguentava que a julgassem.

As três mulheres olharam uma a outras assombradas pela resposta de Ruth, e esta olhou Maria, que seguia sem dizer uma palavra.

— E não. Não sou virgem — esclareceu — É um problema, Maria? Porque como ainda não sei nem aonde me levam, nem o que vai acontecer, não sei se o fato de que não tenha hímen seja um sacrilégio.

— Não acontece nada, Ruth — tentou tranquilizar Maria — Seu dom não tem nada a ver com sua virgindade.

— Não era assim no passado — murmurou Ta.

— Por sorte, as tradições passadas deixaram de existir — respondeu Maria.

— Então, não me cortarão a cabeça? — brincou Ruth — Não me matarão por isso?

— Ninguém fará nada! — respondeu Maria mais nervosa que o normal.

Ruth endireitou os ombros e fechou os olhos. Aquilo sim que não era normal. Olhou pelo retrovisor e se tranquilizou ao ver que Aileen e Daanna a seguiam com o Cayenne vermelho da vanira. Se fosse o caso, elas a protegeriam.

— Perdoa — sussurrou Maria pondo uma mão sobre seu joelho — Só quero que deixe de sentir vergonha. Quanto antes acabemos com isto, poderá se sentir melhor.

Ruth não a convenceu, e Maria sabia, e isso a fez se sentir mal.

— Por que você e Ás discutiram? — perguntou Ruth preocupada — Tinha a ver comigo?



— Só foi uma rixa sem importância — respondeu ela com rugas de preocupação na testa.

— Claro — respondeu Ruth. E uma merda— Diga ao menos aonde me levam — ordenou a jovem— E o que é o que vão me fazer.

Yorkshire. Estavam em Yorkshire.

Nada poderia tê-la preparado para seu batismo. Absolutamente nada. Era sem lugar de dúvidas a experiência mais aterradora de sua vida. Quando Maria falou da iniciação, pensou que as palavras desempenhavam um papel importante nela, mas demorou pouco em se dar conta de como estava equivocada. As sacerdotisas eram mulheres de ação.

Prenderam suas mãos às costas com hera. E por muito que lutasse para rompê-las, não podia. Era mais forte e resistente que uma corda.

Puseram-se em filas de duas e Maria ordenou a Aileen e a Daanna que a elevassem e a fizessem passar por cima de suas cabeças, como se fosse um pacote e tivessem que fazer corrente com ela.

— A iniciada passa sobre a dupla linha de sacerdotisas. Nós representamos um falo — explicou Maria.

Quando explicaram como seria sua iniciação no carro, Ruth por pouco não teve um ataque de risada.

— Um falo? — repetiu com uma risada estridente— Perdoem, mas não têm cara de pênis.

Aquela brincadeira irritou as sacerdotisas, sem dúvida. Acreditavam que não estava levando a sério, mas sim que fazia. A contra gosto, mas fazia.

A força de suas amigas foi brutal. Ficou entre as seis mulheres que a levavam como uma virgem a ponto de ser sacrificada, e entraram com ela numa gruta que simbolizava o útero da mulher.

Encontravam-se num lugar muito popular chamado Alum Pot. Isso leu nos painéis informativos da estrada. Subiram a uma pequena colina, afastado uns grandes matagais com suas mãos a entrada ao interior do que parecia ser um imenso mundo subterrâneo. Aquela caverna era tão grande que sua respiração fazia eco. Maria contou que a grande maioria das iniciações se davam no interior das cavernas.

Agora, no interior daquele misterioso buraco negro, sem poder se mover nem respirar, recordava tudo o que fizeram.

Seguindo a iniciação, todas oscilaram para trás e para frente, como em uma procissão, simbolizando o ritmo do ato sexual. E Maria disse: “Agora”.

E Ruth foi lançada com força ao interior da câmara em um fim de ato que ela supôs que simbolizava o clímax do ato sexual. É óbvio, não houve um tenro ovário que a acolhesse, a não ser o duro chão úmido e imundo do interior da caverna em que se encontrava. O golpe foi doloroso. Não pensaram em como podiam causar feridas, e era óbvio que estava machucada. Caiu de lado, em posição fetal. Bateu a bochecha duramente contra o chão e se sentiu como a ponta de uma rocha cortou seu ombro.

Mas estavam loucas? Poderiam tê-la matado.

Transcorreram horas de amarga espera desde que a puxaram ali. Tinha frio, o corpo



intumescido e o rosto cheio de hematomas e manchado de barro que cobria a superfície da caverna.

Maria explicou que a iniciação durava vinte e quatro horas, em representação ao tempo que necessitava o sêmen, a semente, em criar uma vida.

Precisava recordar suas palavras, entender o que era o que fazia ali. Tinha tanto medo. Devia concentrar-se em sua respiração.

“Sim, concentre-se em sua respiração, Ruth”, dizia.

O hatha ioga que praticava em Londres há apenas um mês ia bem para controlar seus nervos. Cahal sugeriu que apontasse um de seus centros de meditação e saúde e praticasse assim essa disciplina. E ali estava ela, tentando, mas aquilo a ultrapassava. Era um pouco claustrofóbica. Tinha medo dos lugares fechados e escuros. Tinha medo daquele lugar. Não sabia o que podia encontrar nele.

— Uma vez esteja dentro, Ruth — sugeriu Maria— relaxe, medite. Não deixe que sua imaginação brinque com você. Só se abra e sinta.

Que se abrisse. Como demônios faria? Continuava em posição fetal no chão, doíam todos os ossos e seu corpo se convulsionava do frio que sentia. Os dentes batiam de frio.

—E uma vez esteja no exterior — concluiu Maria— guarde silêncio outras vinte e quatro horas mais. Não fale de seu batismo a ninguém. Não conte nada do que é. Prometa isso. — Abraçou-a com força.

— Mas... por que não?

— Prometa isso Ruth. — a olhou fixamente— A palavra de uma sacerdotisa é inquebrável.

—Prometo isso.

Por que Maria estava tão preocupada com ela? Ninguém mais devia saber sobre ela? Por que durante um dia? Sentiu seu medo e sua hesitação, e estava inquieta por isso. Apertou os olhos com força e se esforçou ainda mais para ouvir os passos do que poderia ser um rato justo à altura de sua cabeça. Era algo que se arrastava. Um verme? Uma serpente? E então, quando pensava que não podia sentir-se pior, o cabelo da sua nuca se arrepiou.

Senhor, aquilo sim que era mau sinal.

Um. Dois. Até três espetadas nas têmporas.

— Não, por favor... Por favor — gemeu, sufocando as lágrimas, tentando afundar o rosto entre os joelhos— Por favor... aqui não.

A pele se tornou quase gelada. O chão congelou e os pulmões encheram de ar gelado. Ninguém melhor que ela sabia o que viria a seguir. Seu maldito dom. Esse dom que as mulheres que a levaram até ali consideravam algo da providência.

Esse dom ia matá-la de medo.

— Maldição! Tirem-me daqui! —gritou rasgando a garganta— Não quero estar aqui! Tirem-me! OH Senhor...

Apertou os punhos com tanta força que não percebeu que estava cravando as unhas nas palmas. Já vinham as respirações e os sussurros quase herméticos que chegavam como de outra dimensão. Já vinham as presenças, o absoluto conhecimento e a inteira consciência que ali já não estava sozinha. Algo mais a acompanhava.



— Bem-vinda Ruth.

Se alguém houvesse dito que imaginasse a imagem da perfeição, Ruth estava segura de que era exatamente como aquela sensual e brilhante mulher que tinha diante de si vestida com uma túnica vermelha e diáfana. Um halo de luz a envolvia e a enchia de calor. Seu cabelo ondulado e da mesma cor chamativa ondeava atizado por um vento inexistente.

Veio à cabeça de Ruth a associação com as ondas invisíveis das que falaram uma e outra vez nas aulas de física. Se os fios vermelhos de seu cabelo se moviam, devia ser por essa energia invisível que havia a seu redor. Ondas mágicas.

Ruth deixou de tremer. Deixou de respirar.

A mulher sorriu com ternura e agachou para oferecer a mão.

—Quer levantar? —perguntou. Seus olhos, estranhamente verdes, a inspecionaram com preocupação. Olhou seu ombro e sua bochecha— Sinto que a feriram.

— Quem é? —sua voz soou áspera. Gritou tanto que doía a garganta— É um fantasma?

— Acredita que sou? —Cravou um joelho no chão e a olhou diretamente nos olhos— Eu tenho tão ruim aspecto? —pensou brincalhona.

— Não. Bom... é que... não sei. É? —engoliu saliva.

— Não. Toque-me se assim precisa — levantou uma sobrancelha e ofereceu a mão.

— Não posso, estou atada — respondeu movendo os braços, incômoda.

— Deixe-me ver — com um movimento de sua mão, a hera se desfez como por arte de magia liberando os pulsos da jovem.

— Quem é? —repetiu esfregando a pele cortada— Sara Potter? — A mulher franziu o cenho como se quisesse recordar esse nome.

— Não conheço ninguém que se chame assim.

— Não tem importância, esquece.

A mulher voltou a sorrir e de novo, ofereceu a mão. Ruth, com gesto tremente e inseguro, roçou-a com a ponta de seus delgados e agora sujos dedos. A umidade da caverna manchou de barro seu vestido branco e toda sua pele. Ao tocá-la, sentiu que a paz e a calma a invadiam. Sentiu-se bem. A salvo.

— Sabe por que está aqui? —perguntou, ajudando-a a levantar. Sua mão suave reluzia ao lado da de Ruth.

Ruth tinha tantas perguntas a fazer que não sabia por onde começar.

— Disseram-me que vão me iniciar — respondeu ela adorando seus traços. Clássicos, elegantes, perfeitos. E, mesmo assim, havia algo que não era natural nela.

—Assim é — assentiu com orgulho— Eu a iniciarei. Nunca fiz, sabe? Mas este é um caso especial. Tem um dom, Ruth. É uma sacerdotisa da Deusa. Minha sacerdotisa — esclareceu orgulhosa.

— Não vai fazer nada se não me contar antes quem é realmente e o que se supõe que me vai provocar a iniciação. —Levantou o queixo. Uma vez passado o medo, retornava sua coragem e seu bom senso— De onde demônios saiu? Você é a... Deusa? —olhou-a de cima a baixo.

A mulher girou os olhos e caminhou fazendo círculos a seu redor.

— Se conto tudo, não haverá volta atrás. —Ignorou sua pergunta— Se logo não aceita sua



missão, não terá minha proteção e irão atrás de você. A matarão em poucos dias.

— É uma ameaça para que aceite às cegas?

— É uma advertência, Ruth. Não brigue comigo, não sou sua inimiga. Quer que a ajude a entender o que acontece? Quer que a ensine a controlá-lo?

—Ajude-me a fazê-lo desaparecer. De momento isto só me tem trazido desgostos.

A mulher deu um passo para trás e negou com a cabeça.

— Por que razão faria isso? Você tem um dom. Não posso fazê-lo desaparecer. Se o negar, acabará se tornando louca. Não entenderá nada do que acontece. Isso e a morte são o mesmo.

— Como sabe?

— Porque vejo o futuro e é o que espera se sair daqui me rechaçando. Rechaçando-se.

Ruth fechou os olhos com força. Tinha um nó na garganta cheio de raiva e de gritos que não podiam sair. Sentiu a carícia de uma mão na bochecha. Esse contato acalmou a dor da ferida de sua maçã do rosto. A mulher estava dando consolo.

— Sei muito bem como se sente. Mas não podemos nos arriscar a perdê-la. As coisas começam a se desequilibrar e precisamos de você aqui.

— É a última vez que pergunto isso: quem merda é? —Abriu os olhos e duas lágrimas escorregaram dentre suas pestanas.

—Ah, caramba, grande boca que tem. Não deveria falar assim. —Moveu o dedo indicador fazendo negações. Seus olhos se tornaram negros de forma repentina e seus lábios fizeram uma careta parecida com um sorriso sinistro.

Sim, agora recordava seu rosto. Estava na primeira página do livro das sacerdotisas, era seu rosto o que saía nela. Era a mulher que conduzia um carro dourado puxado por vacas enormes.

— A vi no livro. É a das vacas.

— A das vacas? —perguntou horrorizada, fazendo que na caverna se acendessem vinte machados que até agora Ruth não sabia que existiam— depois de tudo o que fiz por vocês assim é como me conhece? —estava enfurecida de verdade. Pôs seu rosto a um centímetro do de Ruth e viu orgulhosa como esta tragava saliva em um gesto inconfundível de nervosismo e insegurança— Chamaram-me por muitos nomes. Eartha, Hlodin, Hertha... mas nunca, nunca! —assinalou— “A das vacas”.

Ruth voltou a engolir. Tinha a garganta seca. Fechou os olhos, pois depois de estar horas imersa na mais absoluta escuridão, a claridade repentina do fogo a incomodava.

— Então... como se chama?

— Sou Nerthus! A grande deusa Nerthus! —elevou o queixo e deu as costas, indignada. Estalou os dedos e ao fazê-lo apareceu um altar formado por duas pedras. Sobre o altar havia um Grial de alabastro— Não a ensinam nada no colégio?

— Nerthus... —tentou lembrar. Leu livros de mitologia nórdica desde sua chegada a Inglaterra. Depois de tudo o que passou, considerou indispensável aprender algo sobre aqueles deuses caprichosos e duais que estavam brincando com os humanos. De repente acendeu a luz e sorriu orgulhosa— É Nerthus. “A deusa mãe”, “a deusa da Terra”. Agora começo a entender tudo — murmurou mais para si mesma.

Um brilho de interesse apareceu nos impossíveis olhos negros de Nerthus.



— Continua humana.

— É irmã de Njörd — afirmou com segurança. De repente todo o aprendizado veio à mente— Uma Vanir. Uma deusa Vanir. Seu irmão Njörd e você...

Nerthus sussurrou como uma serpente e seus incisivos se alongaram.

—Veja o que é o que diz humana — a censurou— Não pronuncie seu nome em vão ou teremos sérios problemas.

Os deuses tinham presas?

— Não, não... —Levantou as mãos em sinal de defesa— eu só ia dizer que eram um casal. Os deuses Vanir praticam o incesto como algo normal, não está mal visto entre vocês.

— Exato — assentiu mais relaxada— Njörd é meu irmão e o pai de meus filhos. E, além disso, é meu sacerdote, o único homem que pode me acompanhar em meus rituais. —Tomou o grial e caminhou com ele ao redor de Ruth— Njörd e eu tivemos dois filhos, Frey e Freyja.

— Sim, e seu irmãozinho e seus filhos mudaram a antigos guerreiros de tempos ancestrais em seres imortais e de extraordinários poderes — comentou meticulosa— Os vaniros.

— Fizeram por seu bem, bom, e também pelo nosso. —encolheu os ombros e acariciou a taça, fazendo círculos com o dedo indicador— Odín, como Aesir que é, tem um ego enorme e enviou a seus berserkers à Terra para controlar Loki e proteger os humanos. Mas seus berserkers cediam ao poder de Loki e os punham a sérios apuros já que muitos deles se transformaram em lobachos. A terra estava em sério perigo, e aquilo que ele tanto desejava proteger estava se destruindo por seus numerosos defeitos e suas terríveis decisões que não assinalarei agora.

—Então informamos os Vanir, e menos mal que fizemos. Apoiamos o projeto humanidade, mas como não temos ideia da arte da guerra, já sabe, somos os representantes da arte, da fecundidade, da sensualidade e da sabedoria, pois nos especificamos em humanos que combatiam na terra. Os celtas foram um dos clãs escolhidos, mas isso já sabe, não é? —A olhou de esguelha.

— Pois sim. —Observou o grial— O que é isso?

— Isto? —Olhou a taça— Dou de beber àquelas sacerdotisas, às constantes, que despertam na terra para selar e me assegurar de que entendem quais são suas missões. Você despertou Ruth. Venho batizá-la. —Ofereceu a taça— Uma vez que bebem da taça, selam o pacto comigo e são para sempre minhas filhas.

— Quer que beba daí?

— Deve fazê-lo.

— Explique-me por que.

— É a primeira que pergunta tanto. —girou os olhos— Bom, Madalena e Morgana também resultaram ser um pouco resmungonas —murmurou em voz alta— Sobretudo Madalena, a que sai na primeira página depois de mim — explicou— Foi a primeira. Ela só ouvia as palavras desse iluminado barbudo... Como se chamava? —golpeou o queixo com os dedos— Joshua?

— Jesus? —respondeu alarmada. De repente entendeu algo— O grial que tem nas mãos é...? —pressionou a ponte do nariz com o polegar e o indicador— Está bem, por favor, não quero saber nada mais. Muitos esquemas têm se quebrado desde que cheguei a estas terras, mas me deixe manter alguns ideais, certo?

Nerthus sorriu indulgente.



— Como deseja. Não sei por que se surpreende tanto. Madalena era uma sacerdotisa, todo mundo dos círculos rituais e espirituais sabe.

— Claro, fale isso ao Vaticano e à Igreja Ortodoxa, e verá o que te diz.

— Como quer. Se não quer falar disto, está bem, não falaremos. Mas não se negue a beber daqui. —Assinalou o grial.

— Perdão por ter um pouco de cérebro. Não saio por aí bebendo do primeiro que me oferecem. —rodeou a cintura com os braços. Começava a ter frio.

— É ambrósia, a bebida dos deuses. Verá, a encarregada de oferecer este grial é Magda. — Um apelido carinhoso de Madalena, supôs Ruth— Ela é muito doce e tem habilidade com as pessoas. Mas esta ocasião é excepcional e quis vir eu mesma para oferecer isso. Deveria se sentir orgulhosa.

Ruth suspirou como se aquilo a aborrecesse.

— Desperta o dom e dá proteção. Preparará o corpo para ser imortal —continuou a Deusa— A necessito como constante, Ruth. — A garota aumentou os olhos. Aquilo sim que era interessante.

— Imortal? Brinca.

— Deixa de ver isto como uma brincadeira, menina. É muito sério — a repreendeu Nerthus franzindo o cenho.

— Sou uma simples mortal. Como acha que vou reagir?

— Deveria assentir e fazer o que digo. Quando sair daqui vão persegui-la. Como dizem agora...? —golpeou o queixo com o indicador— Terá um traseiro no alvo.

— Um alvo no traseiro, quer dizer. —Sorriu mais relaxada.

— Exato. Seu dom é muito prezado e a perseguirão por isso. Não a esperam.

— Por quê?

— Porque sou uma artista, por isso. Eu assim o quis. E decidi pôr meu punhado de areia em todo este desenlace dos deuses. Loki e seu séquito cairão quando aparecer em cena.

— Me fale mais claro — exigiu— Quem sou?

— É a Caçadora, Ruth. Minha sacerdotisa mais especial. O enlace das almas perdidas. Sua missão é dar luz e mostrar o caminho para casa. Ouve vozes, verdade?

Ruth assentiu enquanto seu corpo perdia todo o calor. O dos enlaces aludia às páginas Web.

—Algumas almas têm assuntos pendentes e não podem retornar à origem. Virão a você para que as ajude. Sua missão é ajudar às almas boas e fazer retornar às almas vingativas a sua caverna. Está acontecendo algo muito errado, e eu não gosto nada disso. Muitas das almas que espero não encontram o caminho de casa e vagam por seu mundo perdidas e atormentadas. Algo as impede de voltar. Fazia séculos que não aparecia a Caçadora.

— Está dizendo que vou tratar com espíritos irritados porque não os deixam voltar? — deixou cair no chão com o olhar perdido— Essas vozes... queriam que eu as ajudasse a retornar?

— É apreciada entre as sacerdotisas, Ruth. É apreciada por mim. Tem o poder de equilibrar as coisas. Dar paz e consolo àquelas almas que moram extraviadas na eternidade porque ninguém disse como retornar. Mas também, quando aceitar seu dom, os espíritos e entidades negativas espreitarão. Quererão sua luz. Você acordou em um momento ideal, Caçadora. A anterior



Caçadora morreu e sua alma não retornou para mim, isso me fez suspeitar sobre o possível sequestro e extravio ao que estavam submetidos os espíritos desencarnados. Demorei muito em reunir um espírito suficientemente forte para albergar a essência da Caçadora. E você demorou muito em vir — repreendeu-a como a uma menina pequena— Embora isso também fosse fruto de minha mente brilhante. Não podia aparecer até agora, se Loki e seus jotuns a tivessem detectado... já estaria morta. Por isso nasceu em um seio familiar onde não acreditavam em nada disto. Seus pais a abarrotaram de remédios e adormeceram seu poder. Logo sua falta de carinho maternal e sua autodestruição fizeram o resto. Manteve-se vinte e três anos oculta por sua própria inconsciência. Zangada com a vida, com o mundo inteiro, mas sobretudo com você mesma porque não podia controlar o que acontecia.

Ruth sentiu que algo se partia em seu interior. Era como um pote cheio de água que explodiu descontrolado, e a corrente trazia ira, dor e muito ressentimento.

— Tudo estava pensado? — sussurrou em uma voz enganosamente controlada— passei por tudo o que passei porque precisava me camuflar? Puta! —equilibrou-se sobre ela, mas Nerthus a imobilizou com seus olhos.

— Quieta, Ruth — ordenou ela com uma voz grave e o rosto sulcado de veias azuis. Era aterradora. Os olhos eram dois poços negros, as presas que se viam através do lábio superior e aquelas veias que tinham vida própria e se moviam através de sua pele... dava medo— Não lhe ocorra nunca mais atacar uma deusa. Nunca mais. Posso perdoar a vida, mas outros não fariam. Posso lhe dar um castigo exemplar por isso — sorriu misteriosamente— De fato, acredito que já pensei em que.

— Coloque o castigo por onde caiba. Manipulou-me — acusou Ruth.

— A protegi. E se não pode ver é porque está mais cega do que imaginava. Agora, ao menos, goza do amparo físico que podem dar os vaniros e os berserkers. Tem às Matronae perto de você. Não sou genial? — aplaudiu a si mesma— E mais, as normas permitiram estar perto de alguém como Aileen. Sua amiga é uma híbrida de duas raças criadas por duas famílias de deuses, e seu amigo Gabriel fez uma especialização em mitologia escandinava. Não parecem muitas coincidências? Nunca a deixei de lado. Tinha a seu redor pessoas que a ajudariam a entender mais adiante o que estava acontecendo com você. E é assim que me agradece?

Ruth se horrorizou diante daquele comentário. Tudo o que passou na vida, tudo, já estava predestinado?

— Escolhi meus amigos. Eu os escolhi. Ninguém me obrigou a lutar com eles. —Disse gritando porque assim parecia mais certo— Mas sim que me obrigou a crescer em uma família disfuncional como a que tenho. São uns sádicos. É uma sádica.

— Não me insulte — advertiu Nerthus devolvendo a mobilidade com um gesto desinteressado da mão— Aileen e Gabriel a aceitaram porque estavam predestinados a conhecê-la e a amá-la como o fazem. Eles a amam por quem é, pelo que é . nisso os deuses não interferiram em nada. — assegurou Nerthus para tranquilizá-la— Por horrível que pareça, assim deviam ser as coisas. Aproximam-se tempos turbulentos na terra, Ruth. Você sabe, ou no mínimo imagina. Está rodeada de seres fantásticos, alguns bons e outros demoníacos.

— O que é o que vai acontecer? —perguntou Ruth cansada, movendo o pescoço de lado a



lado. Sentia-se dura.

— Não sabemos —acariciou o cabelo— Mas estamos dependentes de vocês, e tudo o que fazemos em seu nome. Loki está jogando suas cartas e Odín segue sem ver além de seu nariz, não está ajudando nada, tolo cabeçudo. —Negou insatisfeita— Mas o destino não está escrito. Por muito que haja seres que queiram mover os fios, os humanos têm o livre-arbítrio, só vocês criam seu futuro. Dizem que as nornas todos sabem que há um destino para cada um de nós e que tudo é inalterável. De fato, elas são as que fiam as vidas de todo ser humano, inclusive a dos deuses. Odín está como louco tentando ver sua tapeçaria, mas elas não deixam. Entretanto, acredito que inclusive elas podem chegar a deixar de fiar... e como me ouvem, vão me matar— assegurou olhando ao teto— Não gostam muito que se falem delas. Sinto muito, posso dar minha opinião — gritou a ninguém em concreto. Suspirou e se concentrou de novo em Ruth.

— Por que não está em *Asgard*?

— Graças a Odín —respondeu indignada— Me enviou à Terra para convocar as humanas mais evoluídas, tanto de mente como de coração, com a finalidade de que se unissem assim à causa. Depois de que Njörd, Frey e Freyja criaram a raça dos vaniros, Odín pensou que o fazíamos para manter os berserkers afastados, e sentiu como uma ofensa pessoal a sua autoridade e seu poder de comando. Como castigo me enviou a Grande Mãe, a cumprir condenação na Terra. Isso fiz durante mais de dois mil anos dos seus. Assim não posso voltar. Posso fazer visitas esporádicas a *Asgard*, mas não permanecer nele. Sou uma Vanir — sentenciou, acreditando que aquela afirmação era a mais contundente para Ruth — E faça o que fizer Odín, diga o que disser, sempre nos temerá e nos invejará. A única que pode colocá-lo em seu lugar é Freyja, minha filha.

— Freyja é a que outorgou as presas aos humanos convertidos e os fez dependentes de seus parceiros, verdade? —perguntou Ruth divertida.

— Essa é minha filha — respondeu orgulhosa— Tem caráter e é um pouco especial, mas sei que ela é benevolente. —Sorriu.

“Que perguntem a Daanna”, pensou Ruth em desacordo com a Deusa.

— Se tanto odeiam Odín, por que o ajudam? Por que não se uniram em rebelião contra Loki? Nerthus olhou Ruth fixamente e logo estalou a língua.

— Porque estamos contra todo tipo de destruição. Os Vanir adoram a beleza, e a Terra é a criação mais bonita que há no Universo. Por outro lado, Odín é muito poderoso e isso o faz arrogante, mas de algum jeito acredita em vocês, e há algo parece que perdeu, e acredita que só encontrará nos humanos. Seja o que for, ele espera encontrar esse algo e não permitirá que passe a você nada sem antes ter descoberto o que é.

— O que perdeu? Um parafuso?

Nerthus começou a rir e deu uns toques na bochecha.

— É divertida, minha filha. A terra está consumida em horríveis brigas. Os humanos, ignorantes do que os rodeia, brigam entre eles. Os seres demoníacos lutam contra os humanos, e alguns dos inventos dos deuses torcem e se voltam para o lado escuro. As almas não retornam a sua casa, ficam presas nesta dimensão. Aproxima-se uma data transcendental para o curso da vida no Midgard, e de momento, a balança está contra que a humanidade siga adiante. Toda ajuda é bem vinda, Ruth. Sua ajuda é necessária.



— Isso tem a ver com o *Ragnarök*?

— Tudo tem a ver com o final dos tempos, tudo tem a ver com o *Ragnarök*. Os deuses temem o fim dos dias tanto como os humanos temeriam se fossem conscientes de que essa data está próxima e é real. O *Ragnarök* é a visão de Odín sobre o fim do mundo. Eu sou muito otimista, e sempre digo que as profecias estão para que não se cumpram. — piscou um olho — Suponho que tanto tempo iniciando a humanas, fez que eu mesma sinta carinho. Suas emoções são poderosas e muito contagiosas. Têm minha simpatia.

— Não entendo muito bem o que me quer dar a entender. Segundo você, aí em cima — assinalou o teto da caverna — há um montão de deuses, seguramente muito diferentes uns dos outros. Estes deuses temem o final dos tempos, porque, pelo que eu pude deduzir estas últimas semanas, vai acabar o jogo com os humanos.

— Não estamos jogando. É nosso projeto mais prezado — os defendeu — O que acontece é que a uns caem melhor que a outros. Os danos fazem vocês mesmos, vocês querem acabar com seu planeta, matam uns aos outros. Os deuses observam, estudam e medem sua evolução. Só intervimos diretamente se os demônios do submundo se meterem com vocês, e veem fazendo isso durante séculos. Olha deste modo; imagine que um menino está aprendendo a caminhar. O pai está escondido em um canto, observando orgulhoso como seu pequeno vai dar o primeiro passo, esperando que o pequeno vá a sua busca e o encontre. De repente, o menino cai. O pai se alarma, mas espera que esse menino se levante de novo. Não irá ajudar, esperará que o pequeno faça por si só, que demonstre sua coragem. O menino volta a se levantar, e de repente, um menino maior se aproxima com a intenção de fazer uma rasteira. O pai sairá para defender a seu pequeno, não permitirá que o machuque.

— Resumindo — girou os olhos — o menino maior é Loki e seus jotuns. O pai, os deuses do céu onde se supõe que está Odín e toda a tropa. E o menino com problemas de psicomotricidade são os humanos. Entendi?

— Brilhantemente — assentiu Nerthus olhando-s de cima a baixo — Ao ponto. Está ou não está conosco?

Golpeou o lábio inferior com o dedo indicador e entrecerrou os olhos.

— Pode ver meu futuro se rechaço tudo o que me oferecer?

— Sim. Quer saber o que vejo?

— Não, obrigada. E se aceito?

— Então só você poderá escrevê-lo, Ruth. Estará aliada com seres que se encarregam de proteger os humanos; os vaniros e os berserkers. Odín os criou para algo, os Vanir os criaram para algo. Todos os deuses criam seus próprios heróis, fazem suas próprias regras e jogam a seus próprios jogos. Os humanos só estão no meio, como civilização que aspira se converter, no futuro, em mestres. Odín, embora seja muito bélico, ajuda os humanos a sua maneira. Una-se a nós, una-se a Maria, Ás e Caleb, e empreste seus serviços.

— Como?

— Deixa de se esconder. É importante que seja quem é.

— Mas me disseram que quando saísse daqui não dissesse nada do que me aconteceu.

Nerthus sorriu e fechou os olhos.



— Obedece a Maria. Ela nunca a trairia, é uma matrona, minha filha, como você. É a Caçadora, Ruth. Aceita?

— Pelo visto não há mais remédio — encolheu os ombros — Se os rechaço, matam-me. Se aceitar o dom, converto-me em imortal. Deusa, acredito que não há comparação. — sorriu em um gesto seguro e soberbo.

— Tem que estar convencida — advertiu Nerthus.

Ruth abaixou a cabeça com humildade. Uma Caçadora de almas. Todos esses anos que acreditou estar doente da cabeça, todos esses momentos onde acreditava ter esquizofrenia ou princípios de psicose quando se sentia observada e perseguida, tudo, resultou ser um dom. Não estava louca. E não só isso. Podia ajudar a seus amigos a não ser um aborrecimento ou uma chateação como insinuou Adam. O berserker a olharia de outra maneira e engoliria suas palavras.

— Estou assustada — sussurrou Ruth fazendo que seu cabelo cobrisse seu rosto triste — mas não quero continuar vivendo com medo. Quero ajudar.

— Ruth, vai fazer muito bem — assentiu orgulhosa.

— O que devo fazer? — elevou os olhos para ela. Nerthus era mais alta que ela, muito alta na verdade. Quanto mediria? Um e oitenta e cinco?

— Levará com você o arco e as flechas impregnadas de minha energia. Tem que invocar o nome do arco, os elfos o fizeram. Chama-se Sylfingir, um presente de elfo Dáin a Freyja. Diga em voz alta e se materializará em suas mãos. A *aljava*¹⁸ será vista vazia aos olhos dos outros. Mas as flechas estão aí realmente. Nunca duvide disso. Jamais a deixaria indefesa. Só poderá tocá-las você. Com seu dom poderá atrair às almas perdidas quando você quiser. Em sua presença, um portal se abrirá, e através dele poderá guiar às almas que precisam voltar para origem.

— Quando e co-cómo? — Estava impressionada com isso do arco e das flechas.

— A qualquer hora, mas ao anoitecer é melhor. Saia ao bosque e se coloque sob o raio da lua. Fecha os olhos e pede que aqueles que estejam perdidos se aproximem de você. As almas perdidas virão a você atraídas por sua luz. Não se assustará quando se aproximarem. Sentirá um comichão na nuca quando vierem.

— Entendo. O que faço com as flechas? Para que uso um arco?

— É sua defesa contra as almas negativas. Os entes negativos se alimentam do corpo dos seres vivos, mas não podem tocar; você é justamente o contrário a elas, assim que as repelirá. Entretanto, sim que utilizarão a pessoas para chegar até você. Manipularão, possuirão, comerão a mente e a alma até ficar com sua vontade e seus corpos. Se os atravessar com suas flechas, eles se renderão a você. Se transpassar os entes e espectros negativos com elas, os devolverá a seu lugar. Afetam à carne animada, e afetam os espíritos. Quando alcançar um corpo material com elas...

— Refere-se a um humano ou a um ser imortal?

— A qualquer um, inclusive os vampiros e os lobachos. Estão atados a Loki e sentirão a mesma dor, embora nunca possam confessar diante de você. Eles já não têm alma, mas sim compartilham uma comum, a de Loki. Entretanto, com todos outros poderá saber o que está

¹⁸Caixa ou cilindro de couro, madeira ou tecido, e usado por arqueiros para levar as flechas, permitindo rápida e facilmente pegá-las. Seu uso esta documentada na pré-história.



acontecendo e pergunta o que quiser. Obedecerão. Inclusive embora não estejam possuídos por espectros negativos. As flechas têm o poder de submeter e tocar a alma daquele ou aquela que as recebiam.

— Entendo. Posso derrubar a vampiros e lobachos, posso enviar para casa às almas boas e às más, e posso submeter a todos outros. Eu gosto. Um arco com flechas... — repetiu elevando as sobrelanceiras mogno e olhando-a nos olhos— Não é nenhuma casualidade que tenha praticado arco e flecha aos quatorze anos, não foi?

— Já vinha preparada, Ruth. As casualidades não existem — confirmou Nerthus movendo o líquido do grial— Nunca ficará indefesa. São minhas filhas.

— Só isso? Não tenho que fazer nada mais? — mordeu o lábio.

— Só isto. Ponha ordem. Será fácil. — Sorriu. Pôs a taça na mão e a aproximou dos lábios— Bebe. Agora é sangue de meu sangue, Ruth. Só bebe.

Assim fácil? Que estranho.

— Todas as sacerdotisas beberam antes que eu, suponho.

— Todas as constantes, sim.

Ruth olhou o conteúdo do copo. Estava vazio.

— Aqui não há nada.

— Não é verdade. Olha bem.

Ruth voltou a olhar. O líquido se moveu criando ondas. Parecia água. Aproximou a taça aos lábios e bebeu alguns goles.

— Não tem gosto de nada — murmurou. Seus músculos relaxaram tanto que deixou de sentir seu corpo por um instante. As pálpebras pesavam e acreditou flutuar— Pequeno zumbido — murmurou levando a mão à cabeça.

— Menti. Não vai ser fácil. Não vai ser agradável, Ruth. — Nerthus, lamentando, aproximou-se dela e uniu sua testa à dela— Sentirá dor, como se suas vísceras estivessem se rasgando. Devolverá tudo que mal ingeriu em sua vida, seu corpo será um templo e se limpará por si só. E terá que brigar.

— Disse que não podíamos mentir — grunhiu— Menti a mim.

— Bom, não é uma mentira na realidade— disse ela sentindo culpada— A omissão não conta como mentira.

— Não tem importância, de todas as maneiras, sinto-me bem... — sorriu adormecida. Nerthus acariciou sua bochecha com misericórdia.

— Sua vida foi dura, irmã. Não a trataram bem e tampouco você tratou muito bem seu corpo. Deve se limpar.

— De que fala? — pôs a rir— Estou maravilhada.

— Chist. — Negou com a cabeça— Tem meus respeitos, irmã. As almas virão a você, e você será o farol que as guiará. Terá o arco dos céus com você, a Caçadora sempre anda com ele. Com ele caçará àqueles que queiram ficar aqui para fazer o mal, e mostrará o caminho aos que queiram voltar para casa. E terá a seu protetor. A Caçadora sempre tem a seu Senhor dos animais ajudando-a. Com ele, pode compartilhar seu dom sempre que o desejar, mas para isso têm que estar em contato permanente. Um contato único e especial. Não vai ser fácil. Lutará, deve ser



forte.

Ruth olhou a seu redor procurando o homem de que falava Nerthus.

— Onde está esse Senhor? —arrastou as palavras e a vista nublou.

— Me escute, Ruth. Ele virá por você. Esse será seu castigo por me ter insultado. Merece isso.

Ruth quis olhá-la fixamente, mas tinha quatro rostos iguais que desdobravam e não sabia a qual seguir. De que castigo falava?

— Por que se move?

— Está fazendo efeito — sussurrou— O Grial prepara seu corpo para ser imortal.

— Não morrerei jamais. —apertou as têmporas em um momento de lucidez— A eternidade é muito tempo.

— Há muitas maneiras de desaparecer, Ruth. Podem cortar sua cabeça, arrancar seu coração ou roubar sua alma. Se evitar que façam nada disso, viverá eternamente.

— Que tranquilizador.

— Passarão sete dias até que seu corpo tenha assimilado. Até então, procura se manter a salvo. Eu gosto de dizer que sua imortalidade é limitada. A essência da Caçadora demora muito em voltar para reencarnar. Não podemos perdê-la, Ruth. Não agora. Ponha-se nas mãos do Senhor.

— De... Deus?

— Não — Sorriu de novo. Era normal que Ruth custasse reter os conceitos. A ambrósia era muito potente— O Senhor dos animais...

— Quando diz isso me vem à mente... a canção de Tigres e leões. —E começou a rir como uma louca— Estou enjoando... Deixa de se mover.

Então sentiu. Era uma adaga que rasgava o estômago e lhe cortava as vísceras. Horrorizada e dobrada pela dor olhou para baixo. Ali não havia sangue nem nada. Tudo ia por dentro.

— Sinto muito, Ruth. —Nerthus deu um passo para trás— Não podia dizer isso. Algumas se negaram quando disse o que aconteceria ao beber. Não podia me arriscar com você.

Ruth caiu de joelhos e agarrou o estômago. A seguinte câibra nublou sua visão e a ensopou de suor frio.

— Depois de um dia se encontrará melhor. Pensa que é como um parto longo. Está nascendo a uma nova vida.

— Devo ser muito mau porque vou direto ao Inferno — murmurou com o rosto grudado no chão e o rosto pálido— Voltarei a vê-la? Quando... quando poderei contatar com você?

— Não me apresento no mesmo lugar duas vezes seguidas. Terá que me encontrar Ruth, se precisar de mim. —Apagou as machados com duas palmadas— Devo ir. Começa sua iniciação. — Observava impassível como a pobre garota se retorcia e estremecia a cada ataque agudo que provocava a ambrósia a seu sistema.

— Em... começa? —encolhendo-se em torno de si mesma, morta de dor.

— Tudo o que precisa saber está em você, Ruth. Deixa que a guie a intuição e o coração, soster¹⁹.

¹⁹ Irmã em norueguês.



Nerthus desapareceu diante de seus olhos. Depois disso, a escuridão e as vozes sussurrantes a envolveram. Mas ela já não se preocupava com aquelas entidades que pelo visto necessitavam sua ajuda, a dor a tinha completamente abatida.

Então, algo subiu pela garganta. Os músculos do estômago se contraíram, e vomitou. Vomitou e vomitou durante horas. Perdeu os sentidos em meio de um atoleiro de ferrugem, suor e todo aquele lixo que seu corpo estava expulsando. Desejou morrer.

CAPÍTULO 07

Aileen observava de um dos balcões de sua mansão em Kensington Palace como descia o sol no horizonte. Estava preocupada com Ruth. Acariciou ausente a hera que se enredava caprichosa ao redor do corrimão do balcão. Inspirou profundamente e tentou relaxar com os aromas e as cores do entardecer. Sua Ruth era uma sacerdotisa sairia bem do batismo, a primeira prova com a que lutaria seria enfrentar Adam, e odiava deixá-la com ele.

Sabia que Ruth gostava de Adam. Sabia desde que percebeu em como o olhava na noite das fogueiras. Não queria pressioná-la com isso, e aprendeu a não abandoná-la. Ruth era como um cervo. Quando se via encurralada, investia. Podia parecer fria, podia ser uma autêntica ladra de corações se estava rodeada de crianças, no final era a fachada que se obrigava a demonstrar para que nenhum deles lhe fizesse mal. Mas os olhos dourados de sua amiga não mentiam quando observava o berserker moreno. Ela o detectou, e dado que Aileen era meio berserker e tinha instinto animal, sabia quando a química e o desejo surgia entre algum casal. E entre Ruth e Adam poderia haver uma explosão.

Entretanto, ele a odiava por culpa dos sonhos proféticos que tinha, conforme explicou seu avô. Mas no fundo, estava assustado.

Ruth fez o possível, a sua maneira, para que a notasse, para provocá-lo e fazer reagir. Sua aura, cheia de rosas e vermelho, tentava se aproximar de Adam, avisar de que ela estava ali, esperando um passo adiante por parte dele. Mas ele, com essa aura sombria mesclada de negro e vermelho, fechou-se e deu virtualmente uma bofetada. Lamentava muito por ela. Nunca viu Ruth tão afetada por ninguém. E agora estaria nas mãos de Adam.

Enquanto Aileen estava perdida em seus pensamentos, Caleb observava seu corpo recortado pela luz do crepúsculo. Adorava as curvas de sua garota, como aquele robe de seda negra que ele a havia presenteado, que moldava sua figura delgada à perfeição.

Brave, o cachorrinho Huskie que já era cão de ambos, chamava sua atenção mordendo a barra de sua calça e ladrando ocasionalmente. Cresceu muito desde que o trouxe para Aileen, como símbolo de paz entre eles fazia quase dois meses. Aquele huskie roubou seu coração, assim como a sua proprietária.

— Que saia, robe. — disse mentalmente para que ela o escutasse.

Os ombros de Aileen se agitaram em uma risada silenciosa e o olharam por cima do ombro. Caleb sorriu a sua vez, agradecido com a vida por ter outorgado um prêmio e uma companhia como ela.

Aproximou-se pelas costas e repuxou o cabelo da sua nuca para dar um beijo úmido, e a



seguir, um abraço consolador.

— Está preocupada. — Não era um pergunta.

Aileen recostou a cabeça contra o enorme peito de Caleb, e fechou os olhos desfrutando da tranquilidade e a segurança que dava estar rodeada por esse vaniro. Seu guerreiro, seu apoio constante, tão protetor, tão seguro, era um porto onde se segurar quando tudo se tornava louco como acontecia naquele momento.

— Estou assustada por Ruth. Está sozinha nessa caverna e, além disso, logo terá que deixar que Adam a leve. Não posso permitir. Ela... Ela já sofreu muito.

— Me escute pequena. — Girou e olhou esses olhos lilás que o enfeitiçaram e o fazia se sentir como o homem mais afortunado do mundo— Não vou permitir que Adam a machuque. Vigiaremos.

— Mas passará tanto medo... — Apoiou a testa em seu peito— Adam se tornou louco e vê Ruth como uma assassina. Ela seria incapaz de fazer mal a alguém.

— É um maldito engano. — Pôs o queixo sobre sua cabeça e acariciou seu cabelo— Só está equivocado.

— A odeia, Caleb. — Negou com a cabeça— A odeia e é incapaz de ver como é boa. Você o viu com seus próprios olhos. Os vaniros que cuidam de Gab e dela a adoram. Todo mundo que a conhece, inclusive Daanna, a amam de coração. Adam sente raiva dela. E se eu ficar sabendo que a machucou...

— Tem medo de que ele faça o que eu fiz com você? — perguntou envergonhado. Ainda ao recordar uma parte, se sentia como um autêntico idiota. Mas se não tivesse sido por isso, nada do que veio depois teria acontecido.

— O que me fez, fez de nós o que somos agora. — Aileen levantou o rosto e pôs uma mão em sua bochecha, acariciando— Não aplaudirei seu modo de me tratar, embora pensasse que eu era o maligno e uma puta sem escrúpulos, mas ninguém está a salvo de enganos. E você se arriscou muito mais me fazendo sua cáraid para me castigar. No final resultou que eu era sua cáraid de verdade. — Sorriu, desculpando-o com o olhar.

— Mas sei que tem medo de que Adam se comporte igual — ficou vermelho.

— Cortarei-lhe as bolas se ele se atrever a tocá-la desse modo.

Os olhos verdes de Caleb sorriram iluminando seu rosto de pecado. Ela, sem poder evitar, acariciou a covinha do queixo e passou a língua pelas presas que começavam a formigar.

Quando Aileen o olhava daquela maneira sua mente deixava de funcionar.

— *Álainn*²⁰...

Aileen se elevou nas pontas dos pés e rodeou o pescoço dele com os braços.

— Me prometa que amanhã iremos procurar Ruth.

— Há ordens de Ás, pequena. — Abrangeu sua cintura com as duas mãos e se inclinou para cheirar seu pescoço. Sua tortinha de queijo e framboesas... A amava tanto que doía— Prometo que a vigiaremos de perto, mas não vamos violar um mandato direto.

Entre os clãs, depois do Pacto de União, decretou-se que nenhum dos dois líderes poderia

²⁰ Preciosa em gaélico.



nunca violar as ordens diretas que dessem, a respeito de nada. Caleb respeitava Ás e o berserker respeitava Caleb porque fez feliz a sua neta e havia se erigido como o autêntico líder dos vaniros na Inglaterra. E assim seguiram em comunhão após.

Aileen se sentiu orgulhosa, por ser inflexível e respeitar seu avô desse modo, mas do mesmo modo se sentia decepcionada por não poder ajudar Ruth como ela queria.

—E você obedece às ordens sempre, verdade? —murmurou ligeiramente desapontada.

Caleb grunhiu e sentiu o aroma da fome e da excitação de sua companheira. Ainda não se alimentaram, e seus corpos não podiam esperar mais.

A conhecia tão bem que sabia perfeitamente o que necessitava. Precisava desaforar com ele porque estava zangada e assustada por sua amiga. E o encantava quando Aileen se tornava uma autêntica amazona, sensual e agressiva. E adorava ainda mais proporcionar tudo o que ela necessitasse.

O vaniro sorriu e a olhou de cima a baixo, espectador, esperando que sua garota desse um de seus passos decididos e, ao mesmo tempo, docemente vacilantes.

— Quer uma ordem direta? —perguntou ela deslizando suas mãos por seu peito, seu estômago e o cinturão negro de pele. Desabotoou-o e logo procedeu a igual com os botões da calça.

— O que necessita *mo ghraidh*²¹? —Segurou seu cabelo com ambas as mãos. Os cabelos de Aileen, suave, liso e negro, brilhavam como o alabastro.

—Me alimente — ordenou, passando a língua por seu lábio inferior.

Caleb gemeu quando Aileen baixou sua calça até os tornozelos. A puxou de um chute enquanto continuava agarrando o cabelo dela com as duas mãos e olhavam fixamente um ao outro.

Aileen olhou como marcava a ereção através da cueca de grife que usava. Acariciou-o com a mão e sorriu ao ver como Caleb fechava os olhos pelo prazer.

— Meu — sussurrou ela ficando nas pontas dos pés, beijando-o nos lábios e colocando a mão no interior da cueca, até abranger o membro de Caleb.

— Todo seu — afirmou Caleb, passando a língua na boca e sugando a dela.

— Sim. —Deixou de beijá-lo para lambar o pescoço, beijar o ombro, descer até morder ligeiramente o peito e ajoelhar diante de seu homem. Fixou o olhar na cueca e com a mão livre a baixou até que apareceram para saudá-la o pênis e os testículos de Caleb.

Caleb a olhava fixamente com seus olhos verdes mais claros que nunca, retendo seu cabelo com as duas mãos como se ela usasse um coque alto. Adorava ver o rosto consumido pelo prazer e a devoção enquanto o comia, literalmente, e suas mãos não deixavam de trabalhá-lo.

Aileen levantou uma sobrancelha e sorriu ao ver a gota de líquido pré-seminal que aparecia na cabeça púrpura de Caleb.

— Me deixa louco, Aileen. Cada vez é pior. Isto me consome... — mas cortaram as palavras ao sentir a primeira lambida de sua língua. Aileen fazia tudo com graça, sabendo como devia tocá-lo, como devia acariciar a bolsa pesada que se pendurava do membro de Caleb, como devia

²¹ Meu amor em gaélico.



sacudir sua ereção enquanto a sugava com a boca.

Caleb começou a mover os quadris e a exigir, mantendo a cabeça e agarrando-a pelo cabelo, começando a perder o controle.

— OH... Merda... Aileen... *Mwy*²².

Aileen o engoliu inteiro enquanto o acariciava com a garganta e lambia a base com a ponta da língua.

Caleb estava a ponto de gozar, e ela sabia. Notava no modo que tinha de rodar os quadris, no jogo de suas pernas, na tensão de todo seu corpo, e ela estava a ponto de explodir sem necessidade sequer de que a tocassem. Deixava-a condenadamente quente saber que Caleb estava descontrolado devido a ela, a sua habilidade, a seus cuidados.

Com fome e ansiedade, gemeu, cravou suas presas nele e começou a beber como uma mulher sedenta, sem deixar de mover as mãos, sem deixar de tocá-lo.

Caleb a cravou em seu lugar agarrando-a pelo cabelo, e fez amor com sua boca desta vez com desibinição, gritando como um homem libertado, deixando que sua semente e seu sangue enchessem a garganta da jovem.

Ela bebeu até deixá-lo seco. Era um autêntico manjar de manga e especiarias para ela. E o amava com todo seu coração.

Soltou seu membro e deu um beijo doce no prepúcio.

—Adoro seu sabor Caleb — sussurrou ela beijando sua virilha e elevando os olhos para ele. Alarmou-se ao ver o olhar selvagem do guerreiro, com as presas absolutamente desenvolvidas e o membro que seguia ainda duro em suas mãos. E se sentiu excitada por isso.

Caleb grunhiu e a levantou para dar um beijo devastador nos seus lábios. Provou seu sabor na boca e gemeu, tirando o robe de seda pelos ombros dela, deixando-a nua no balcão e a sua mercê. Ele virtualmente arrancou a camiseta e em seguida a atraiu para ele para que suas peles se tocassem e se reconhecessem.

Ela suspirou agradecida e ele a elevou, obrigando-a que rodeasse seus quadris com aquelas magníficas pernas que a genética lhe deu.

— Minha — disse ele, empalando-se de um único golpe.

Aileen ia gritar pela sensação, pelo prazer de saber que só com esse contato primitivo e profundo já estava chegando ao orgasmo, mas a boca de Caleb tapou o protesto, e não deixou de beijá-la enquanto sentia as contrações do interior de Aileen, aprisionando, ordenhando de novo. Olhou-o nos olhos e sorriu afundando os dedos no cabelo de Caleb.

— Sua, *mo duine*²³.

— Para sempre?

— Para sempre, meu bem.

— Não deixarei que aconteça nada a Ruth. Não tema.

Aileen assentiu com o olhar cheio de amor.

— Não desafiarei sua ordem.

²² Mais em gaélico.

²³ Meu homem em gaélico.



Caleb passou a língua em uma carícia preguiçosa pela garganta de Aileen. Entrou no quarto, fechou as portas do balcão com uma ordem mental e disse antes de tombá-la na cama:

—Vamos ver qual o seu sabor.

Depois do bate-papo com Ás, Adam foi direto a sua casa, para estar com seus pequenos sobrinhos e para descansar, pois sabia que cedo ou tarde Ás avisaria.

Sofreu o mesmo pesadelo uma noite mais. Tentou dormir, mas levantou-se como alma levada pelo diabo. Fixou a vista nas paredes de seu quarto.

Sua parede estava toda coberta de desenhos de Ruth apontando com um arco com flechas, vestida com uma capa vermelha. Em outros se via Ruth apoiada sobre uma mesa com o traseiro suntuoso a calcinha semidespida. Outras, meio abrindo uma túnica branca, deixando entrever sua pele pálida e nua, como uma sedutora.

Assim a viu em seus sonhos, todas as condenadas noites desde que a conheceu.

Ruth a sensual. Ruth a assassina.

Como cada manhã, correu para se certificar de que os gêmeos continuavam ali e estavam com ele. Em um abrir e fechar de olhos entrou em seu quarto.

Estavam dormindo, encolhidos, aconchegados sob as mantas. Sentiu frio ao pensar que algo pudesse acontecer e que ele não pudesse evitá-lo. Ruth os poria em perigo e isso não permitiria, nem a perdoaria.

Seu olhar enteneceu ao olhar o cabelo loiro e liso que aparecia no travesseiro de sua sobrinha.

Era vê-la e recordar Sonja. Sua querida irmã da alma.

Sua sobrinha era tão doce e carinhosa como o foi sua mãe. Era uma menina um tanto tímida, mas inteligente e tenaz como nenhuma.

E o outro? O pequeno moreno de cabelo negro e liso era um terremoto, valente e forte. Parecia um índio. Sempre protegia sua irmã. Todo mundo dizia que se pareciam tanto que acreditavam que era seu pai. Para ele, eles eram como seus filhos, não se importava que os confundissem. E se alguém se atrevesse a tocá-los...

Soou seu celular e respondeu com voz baixa, engolindo o nó de angústia que formava cada vez que pensava neles.

—Adam. —Era Ás.

—Ás. —passou-se a mão por seu crânio rapado— Diga onde está.

— Maldição, Adam! —rugiu Ás— Tem que me prometer que não lhe fará mal. Vai para o Alum Pot.

— As cavernas?

— Sim. Ela está ali. Se... Foi a uma festa... Celebrou uma festa lá — Ás tinha que inventar algo. Segundo Maria, a iniciação se deu ali, e posto que passassem já muitas horas, era possível que Ruth já tivesse saído das cavernas— Pegue-a e a leve, mas a mantenha a salvo se apreciar sua pele.

De repente ouviu um golpe surdo na linha e a voz afiada de Caleb da Bretanha, o guerreiro mais temido dos clãs, que podia caminhar sob o sol, assumiu a linha em um frio ártico.



—Adam.

— Caleb.

— Se a tocar o mato, Adam! — gritava no fundo uma furiosa Aileen— Não a machuque!

Merda, é que todos sabiam o que aconteceria com Ruth? Ás devia confiar muito na jovem para advertir sua neta sobre o que faria com ela.

— Tranquila Aileen — sussurrou Caleb com voz doce— Adam não lhe fará nada.

— Não pode levá-la. Não quero que a leve — sussurrou Aileen com voz abafada.

— Chist... Estará bem — a tranquilizou Caleb docemente.

— Não esteja tão seguro — respondeu Adam com raiva por essa fé na jovem— Não falho em minhas profecias.

— Pois tenha isto em conta, Adam — advertiu Caleb com voz gelada— Ruth é minha protegida. Pelo bem do pacto e da paz, vou deixar que a leve hoje, em espera que se cumpra seu sonho alucinógeno. Mas quando soltar Ruth e ela tiver um só arranhão em seu corpo, eu devolverei cada arranhão multiplicado por mil. É a melhor amiga de minha Aileen, não permitirei que ela sofra por isso. O respeito, Adam. Mas meu respeito não o salvará do que possa acontecer se lhe fizer algum mal. Não viverá o suficiente para ver amanhecer um dia mais.

— É uma ameaça? —Adam elevou uma sobrancelha.

— Não. —Havia um sorriso malicioso em sua voz— É minha profecia, vejo muito claramente. Mas esta será de verdade.

—Veremos quem é o profeta — finalizou ele desligando o telefone. Chamou Noah imediatamente— Necessito um favor.

— Se for buscar Ruth, eu vou com você — respondeu o outro berserker.

— Me escute bem, amigo. Vou buscá-la. Já sei que Ás disse que seja minha babá, mas antes necessito que vigie os meninos até que eu volte.

— Aos dois terroristas? —perguntou incrédulo— Não os leva a creche com Margött?

— Não, hoje não — cortou ele cortante— Margött já esteve ontem com eles e tal e como estão as coisas, necessito alguém de confiança que não só esteja com eles, mas também, além disso, chegado o caso, também possa protegê-los. Confio nela, mas não é forte como você. Quero você em minha casa, é mais seguro.

— Acredita que pode fazer mal a eles? Ruth?

—Já lhe disse que não confio nela. Ela, não.

— Está exagerando, noaï — advertiu seu amigo— Além disso, esses meninos acabarão comigo em um instante.

—Vamos, não são para tanto. Eles o amam.

— Claro...

— Noah, por favor. Cuida deles até que volte. Não deixe entrar ninguém aqui.

— Está bem. Aonde vai?

—A Alum Pot.

— Não preciso dizer que vou estar lhe vigiando, não é mesmo?

—Já sei. —Como se pudesse esquecer.

— Gosto de Ruth.



— Sim, bla, bla, bla... Todos gostam. Parece um encanto.

— É. Não faça nada com ela.

Silêncio.

— Cuida de meus sobrinhos. — Desligou o telefone.

Mudou de roupa. Ia de rigoroso negro, como sempre, com roupa folgada como fosse um praticante de capoeira. A roupa da guerra e da luta para os berserkers. Quando se transformavam e entrava o *od*²⁴ as roupas rasgavam, por isso necessitavam tecidos elásticos.

Entrou no quarto dos gêmeos e sentou na cama de Liam.

— Oi, pequeno. — Acariciou o cabelo.

— Tio Adam? — Liam abriu as pálpebras e seus olhos negros ocuparam todo seu rosto.

Adam sorriu. Adorava vê-los despertar.

— Me escute campeão. Tio Noah está a ponto de chegar. Ele ficará com vocês até que eu volte.

— Hoje não vem a senhorita Margött? Hoje não vamos à casa-escola? — perguntou esperançoso.

— Hoje não.

— Bem — gritou apertando o punho e elevando-o ao ar.

— Ah, já vejo que se entristeceu com a notícia. — começou a rir — Obedeça a tio Noah, OK?

— Sim, claro.

— Cuida de sua irmã.

— Sempre faço. — Levantou o queixo com orgulho — Como deve ser.

— Como deve ser. — Ofereceu o punho fechado e Liam o chocou com o seu. Estava tão orgulhoso deles — Dê um abraço.

Liam apertou e o abraçou com força.

— Amo você — sussurrou Adam.

— E eu a você.

Adam levantou e piscou o olho.

— Até mais tarde.

Liam abriu sua mão e disse adeus com a mão.

Adam odiava se separar deles.

Fechou a porta com chave, e viu ao longe a poeira que se levantava através das copas das árvores do bosque, era Noah que já estava ali. Antes de encontrar com ele e dar mais explicações, foi correndo por sua profecia.

Adam inspirava profundamente para detectar o perfume de Ruth. Havia vários aromas fortes que o encobria, mas estava ali. Sabia.

Adentrou num dos bosques que havia sobre as cavernas de Alum Pot. Saltava de rocha em rocha, com a força sobrenatural dos de sua espécie. As pedras tinham sílice e musgo da umidade. Diferentes tonalidades de verde cobriam o denso chão silvestre, e as árvores que tampavam o céu

²⁴ *Fúria em norueguês.*



criavam formas serpentinadas a seu desejo.

Parou. O aroma vinha muito forte do leste. Dirigiu-se para ali e de um impulso, pendurou-se na copa de uma árvore.

A escassos dez metros estava o corpo branco e esbelto da jovem. Sua espessa juba mogno estava esparramada sobre o chão. Usava um vestido branco, sujo e rasgado pelos lados e uma de suas torneadas pernas saía entre a abertura deste.

Adam se impulsionou e caiu de quatro a meio metro dela.

Ruth cheirava mal. Tinha sangue no vestido e estava completamente inconsciente. Vomitou e não tinha bom aspecto. A dois metros dela, uma aljava vazia de flechas repousava abandonado sobre uma rocha.

Grunhiu. Ruth o disparava com um arco e o matava. Às podia dizer tudo sobre ela, ele sabia que seu sonho era certo. Onde estava o arco?

Puxou-lhe o queixo e girou seu rosto para ele. Tinha um corte na bochecha, e o ombro direito inflamado e seriamente machucado.

O que aconteceu?

Ajoelhou-se diante dela e aproximou seu rosto ao dele. A jovem tinha sardas ao redor do nariz, defeito que a fazia parecer mais jovem e vulnerável. Mesmo assim, ele sabia que Ruth podia distrair qualquer um com seus olhares de mulher esperta, mas a ele não. Vacinou-se contra ela porque disso dependia sua vida e a dos berserkers.

Pendurou o aljava e, sem muita delicadeza, elevou e a carregou sobre seu ombro.

Ruth exalou o ar com um gemido. Ele parou bruscamente e a olhou por cima do ombro. Seu longo cabelo cobria seu rosto e não soube adivinhar se estava ou não acordada, assim começou a trotar, correndo como o demônio em chamas.

Ruth sentia como algo duro e grande cravava no estômago e a deixava sem respiração. Tentou gritar, mas estupefata percebeu de que tinha as cordas vocais e a garganta irritada. Enquanto ia dando tombos, recordou as vezes que vomitou na caverna até ficar sem sentidos. Tentou limpar a garganta, mas doía tanto o esôfago que desistiu. Apalpou às cegas até tocar um pouco de carne humana, a qual esticava e distendia a cada movimento. Agarrou o tecido que cobria esse corpo e puxou várias vezes até que o proprietário reagiu.

Adam parou desta vez. Inclinou e a baixou ao chão, com tanta força que Ruth não pôde reagir e caiu de traseiro, soltando um tímido grito.

Enjoada, levou a mão ao rosto para retirar as longas mechas de cabelo dos olhos.

Ele observou como suas mãos tremiam. E quando Ruth abriu as pálpebras e o olhou com aqueles olhos estranhamente dourados, sentiu um ligeiro estremecimento pela espinha dorsal. Franziu o cenho e endureceu a mandíbula.

Ruth empalideceu ao vê-lo. Adam, com seus ombros largos e grandes, cobria a luz do sol. Todo seu corpo reagiu, ficando tensas em áreas que em teoria deveriam estar adormecidas.

— Ad... Adam? — perguntou com voz tremente.

Adam sorriu ao vê-la tão indefesa.

— Ah, por fim despertou — espetou com dureza.

Tão simpático como sempre.



— Jogou-me ao chão — acusou ela, afetada pela impressão de vê-lo ali tão grande e imponente.

— Recorda o que disse sobre se a visse outra vez por Wolverhampton?

Ruth voltou a estremecer. Encontrava-se mal, estava desorientada, doía todo o corpo e tinha frio. Como sabia que estava ali? Adam a olhou de cima a baixo sem dissimular seu desprezo e isso incomodou.

— Disse tantas coisas agradáveis... — respondeu sarcástica. Afastou os olhos de seu escuro olhar para tentar se localizar. Continuavam no bosque. Onde estavam Maria e as demais?— Qual de todos esses galanteios se supõe que devo recordar? E, por que estou com você? Além disso, não estou em Wolverhampton como pode ver.

— Certo, certo. Veja só — Adam pôs a rir—, encontrei você jogada no bosque, com aroma de vômito e a ferrugem e o vestido meio rasgado... Cheira mal, como não a encontraria? —destacou o nariz com desdém— Esteve ontem em Wolverhampton.

Ruth apertou os dentes. “Tão encantador como um cuspe no rosto”, pensou. A iniciação era um autêntico amontoado de despropósitos. Deixavam uma pessoa completamente imprestável e não teria imaginado jamais que seu corpo fosse ficar tão líquido. Apertou as têmporas procurando uma réplica, mas doía tanto a cabeça que não soube o que dizer.

O que podia dizer? Obrigaram-na a permanecer em silêncio uma vez estivesse fora. Se mal não recordava, já passou um dia inteiro dentro da caverna. Morria de vontade de responder e atacá-lo como ele fazia com ela, mas não sabia o que dizer. Necessitava forças para brigar com ele.

— Não se lembra de nada, verdade? — afirmou ele fazendo negações com a cabeça— É um desastre de mulher.

— Sim, a avaliação é mútua. Agora, por favor, seria tão amável e chamar Aileen e dizer que venha me buscar? Ela já sabe que estou... — Adam ficou de cócoras e estalou a língua.

— Não.

— Não? —Arqueou as sobrancelhas incrédulas— Então se afaste vira-lata. Tenho que começar a caminhar — tentou levantar, mas Adam a empurrou ligeiramente e voltou a cair— Agh! —bateu o cotovelo com uma pedra saliente— O que faz? —gritou um pouco mais assustada.

— Direi o que faço — A puxou pelo queixo cravando os dedos nas bochechas e provocando que em Ruth saltassem as lágrimas— basta de tolices. —Adam ignorou as unhas de Ruth cravando em seus pulsos— Sei quem é e o que quer fazer. Sei quando vai fazer, mas não sei por que razão... Embora — a apertou com mais força. Ficariam roxos nas bochechas— uma pessoa como você não necessita razões para ser como é nem para fazer o que faz. É assim frívola. Espero que tenha se divertido na festa, porque a diversão já acabou para você.

— Festa? Não... Sei... Do que fala... Filho da...

— Sim, sim sabe. —Agarrou-a pelos pulsos e a levantou até colocá-la sobre seu ombro— Às me contou isso. Por isso pude localizá-la. Às vezes celebram festas nas cavernas, e como não, a fantástica e simpática Ruth não faltaria a nenhuma delas.

— Onde me leva? Desce! Desce! Não!

Às sabia perfeitamente que a iriam iniciar. Não estava aqui para ir a nenhuma festa. Por que disse isso?



— Que desça? —Começou a correr.

— Deus, não pos... so respirar. Vira-lata asque... quero! Desça-me! — gritou desesperada enquanto lutava por agarrar o ar— Me enjoou...

— Enjoa porque bebeu muito. Sempre faz. Bebe, cai com os homens, deixa-se manusear e já sabemos que tem uma mola entre as pernas. É como uma prostituta, mas você faz grátis.

Ruth o mordeu nas costas com força, presa da raiva e da impotência. Não permitiria, não podia insultá-la assim. Mas ele nem sequer pestanejou.

— Ouça gatinha... —queixou-se ele divertido— Você gosta de jogar assim? —grunhiu Adam. Deu uma bofetada na nádega dela, apertou e a mordeu com força fazendo que Ruth gritasse de dor.

Fez mal. Queria esfregar a dentada, estava convencida de que pareceu os dentes e que teria uma marca. Doía, e começou a chorar. Mas ao terceiro soluço, vomitou. Nas costas de Adam.

—Merda, grande merda — Adam parou e a inclinou para trás até que ela ficou quase à altura de suas nádegas— Será bom que jogue o que fica.

Ruth já não podia vomitar mais, e depois do terceiro esforço e de que Adam pressionou seu estômago com o ombro, simplesmente desmaiou.

Quando chegou a sua casa, Noah o esperava apoiado na porta e com os braços cruzados. Seu cabelo loiro platinado e sua tez morena chamavam muito a atenção, mas isso Noah adorava. Sentia-se confortável com isso.

Não como Adam. Ele preferia passar despercebido, embora nunca conseguisse. Quando Noah viu o estado como se encontrava Ruth, o berserker se preocupou e aproximou-se deles.

— O que fez? —acusou.

Adam levantou uma sobancelha e abriu a porta sem nem olhá-lo.

— Não fiz nada —respondeu ao fim— Onde estão os pequenos? —perguntou. Passou de ao longo da sala e abriu uma porta que dava a um porão.

—Vamos, ainda dormem. Merda, Adam — grunhiu Noah— Insinua que a encontrou assim? Não vai me enganar.

— Disse que não fiz nada. Encontrei-a assim — esclareceu sem ficar nervoso e acendendo a luz da sala do porão. Era um lugar vazio e frio, com apenas uma cômoda e uma mesinha. Adam e Noah a utilizavam de vez em quando para fazer algum ou outro interrogatório— Vem de uma festa. Estava dormindo de porre no bosque. É uma tola inconsequente.

— E os cortes do ombro e do rosto? Alguém a mordeu no traseiro, Adam — arqueou as sobancelhas— Tem sangue na roupa...

— Não tenho nada a ver com isso —“a menos não com os demais”, pensou— Provavelmente alguém se aproveitou dela. Esta garota quando bebe é uma bomba relógio é já não se lembra como estava provocadora na noite das fogueiras? Por Deus, se até se enrolou com Julius e Limbo de uma vez — murmurou raivoso— É uma garota fácil.

— Isso é o que eles dizem. Já sabe que são uns bocões e...

—E ela é uma fresca, que motivo há para duvidá-lo?

Noah entrecerrou seus olhos amarelos e olhou a Adam. Seu amigo parecia despeitado.

— Não a deixe aqui, Adam — censurou Noah— Não estamos seguros de que ela seja...



— Não está você, maldição! Passo semanas sem dormir por sua culpa. —Puxou Ruth sem nenhum olhar sobre a cama— Não está você de acordo? —girou para seu amigo com os olhos frios e cheios de tortura.

Noah não baixou o olhar, mas sim o estudou. Adam gotejava ódio por ela, mas algo mais havia debaixo de toda essa fúria.

— Obrigado por cuidar dos meninos, Noah.

— Está me despachando? Não vou — esclareceu ele divertido.

— Acha que vou me aproveitar dela?

— De momento já a mordeu no traseiro — assinalou— Machucou-a. Cure-a.

—E uma merda. Não farei nada mais com ela. Fique claro, eu gosto das que têm classe. Elegantes. Ruth está para um bordel.

O berserker sentiu um comichão na nuca, olhou para trás e viu que Ruth tinha os olhos vermelhos de chorar, mas seu olhar, cravado nele, destilava ódio e dor. Desde quando acordou? Dormiu como uma bêbada no Hummer.

—E no bordel sua mãe me disse que lhe mandasse lembranças — gritou ela— Quem acham que sou? —perguntou assustada— Por que você vai me fazer pagar por algo? Noah! —levantou, gemendo pela dor na nádega e se arrastou para ele como pôde, ignorando Adam— Noah avisa Aileen e diga o que este desgraçado quer me fazer... Por favor... —limpou as lágrimas de um tapa— Se ela soubesse...

— Ruth — murmurou Noah querendo dar-lhe consolo.

Adam se interpôs entre eles e a agarrou pelos ombros.

— Eles já sabem que está aqui comigo — esclareceu ele desfrutando da confusão da garota— Já sabem o que penso de você e sabem o que vou fazer. Não virão por você. Não a querem. —Precisava feri-la, precisava desforrar-se desses dias de tortura e insônia.

—Adam — Noah chamou a atenção— não tem por que...

— O que? —respondeu ele— É verdade. —Voltou a encará-la— Está aqui com a permissão de Ás, de Maria, e Caleb e de sua amiga Aileen. Quem poderia querer você, não é? Viu?

A Ruth aquelas palavras pareceram como uma bofetada.

— Não é verdade — respondeu tentando dominar o tremor de seu lábio inferior— Eles não sabem.

— Sim, é — afirmou Adam divertido— Está em minhas mãos agora.

— Não — duas imensas lágrimas escorregaram por suas bochechas— Elas sabem que eu não quero ficar a sós com você, sabem que me odeia, que... Adam está mentindo — começou a tremer o queixo e o ódio e a repulsão que Adam sentia para ela, deu força suficiente para encará-lo— por que faz assim comigo? O que fiz para você?! Deixe-me sair daqui!

—Você é a mentirosa aqui, não eu. Seus amigos sabem que ia a sua busca, sabem que não menti sobre você. Acha que não a conheço? Que não sei quem é? Que não sei o que tem pensado fazer?

Ruth sentiu como o sangue se esvaia do seu rosto. Adam sabia quem era ela? Sabia que era uma sacerdotisa? Que ela era a Caçadora? Mas não podia ser...

— Leva a morte escrita no rosto — espetou-o cuspiendo veneno.



Maldição. Ele sabia. Adam sabia quem era ela, com certeza. Sabia que os mortos iriam a ela, por isso disse isso. Mas ela não pensava em fazer nada de errado. Só queria ajudar com seu dom, que por certo ainda não o tinha posto em prática. Ela devia fazer um bom trabalho, não nada catastrófico, nem nada negativo.

— Não posso falar disso — recordou a advertência de Maria e Nerthus— E o que pensa que vou fazer com o que sou? —Elevou o queixo desafiando com os olhos de âmbar brilhantes e transbordantes de atrevimento— Tenho algo importante por fazer. Tem medo? Sou só uma garota...

— Me deixe que o ponha em dúvida —sorriu malicioso— Já disse uma vez o que pensava de você. Não só é uma garota. Porá a todos em perigo, não é de confiança.

— Quando sair daqui, você estará em sério perigo, vira-lata! —gritou furiosa por recordar tudo o que disse uma vez. Tudo o que dizia agora.

Noah olhou Ruth com estranheza.

— Não nega Ruth? Há algo que deva nos dizer? Vai fazer algo que devamos saber?

— Não! Seu amigo, o cão sarnento, afirma que vou fazer algo! De que fala? O que acha que vou fazer?! —olhou-o de cima a baixo— Não os poria em perigo. Não vou dizer nada sobre vocês, nem sobre os vaniros. Estou ajudando. Maldição! Não mereço isto.

Adam grunhiu. Sua paciência tinha um limite.

— Noah, saia daqui — ordenou Adam.

— Nem pensar, não vou deixá-la a sós com...

— Não! Noah — Ruth o agarrou pelo braço— não me deixe aqui só com ele— pediu aterrorizada.

Adam observou como Ruth enrolava Noah com seu rosto de menina boa, e isso o enfureceu ainda mais. Fechou seus dedos sobre seu pulso e a separou, levando-a à cama e apoiando com brutalidade contra a parede.

— Me solte! —gritou Ruth— Adam! —Começou a dar chutes a esquerda e direita, mas o berserker não se importava nem com seu medo, nem com seu desespero.

—Adam, cara... Está perdendo os nervos —soprou Noah cansado— Não pode lhe fazer mal. Ás advertiu isso.

— É impossível que ele saiba... —sussurrou Ruth pálida e contrariada— Não me deixaria aqui. Ás sabe que este animal me sequestrou e permite? Mas que demônios está acontecendo? É tudo culpa sua! —Olhou a Adam encolerizada.

Adam estendeu o braço até a mesinha de noite que havia ao lado da cama, abriu a gaveta e puxou umas cordas. Atou seus pulsos com alguns movimentos firmes. Ruth não podia acreditar em nada do que acontecia. Apertou as cordas fortemente ao notar que incomodavam.

—Se arrependerá, cão. —Olhou-o nos olhos, esperando ver um pinga de remorso nesses poços negros, mas Adam arqueou as sobrancelhas incitando a que o insultasse de novo.

—Aposto que agora desejaria ter aqui seu arco e suas flechas. Encontrei a aljava vazia. O que fazia com isso em uma festa? Caçava cacetes?

Ruth perdeu toda cor nas bochechas. Dizia com segundas intenções ou só zombava dela?

—Aposta forte, vira-lata. Não perderia — murmurou sorvendo as lágrimas— Caleb se



zangará quando souber que está me tratando assim. Ele é meu amigo, sabe, não?

— Ele também está de acordo com isto. — encolheu os ombros — Já disse isso. Está sozinha e está em minhas mãos. Já pode gritar espernear, chorar... Ninguém vai ouvir.

— Odeio você!

— Isso já sei — ele levantou, elevando-se diante dela, alto como era — Seja mais original.

— Tio Adam?

Adam girou bruscamente para a porta. Seu pequeno sobrinho estava de pé esfregando os olhos com carinha de sono. O menino observou Ruth e ela o olhou consternada.

De onde saiu esse menino tão bonito? Ele a olhou com curiosidade de cima a baixo e voltou a olhar Adam.

— Guri... — Adam obrigou-se a relaxar e caminhou para o pequeno — Já sabe que aqui não pode entrar — o tomou nos braços e o beijou na testa — Como...?

— A porta estava aberta — respondeu sem deixar de olhar Ruth — E ouvi gritos. Quem é?

Adam girou para Noah, esperando que seu amigo ajudasse, mas este encolheu os ombros.

— É... — Adam não sabia o que dizer — Não deve se aproximar dela, entende?

— O que acha que farei? — saltou Ruth ofendida e incrédula ao se dar conta que Adam acreditava que ela era o demônio, ou pior, a peste — Está louco? Acha que vou comer isso? — elevou uma sobancelha — Que vou pervertê-lo? Eu gosto de maiores e de dois em dois, segundo você.

Adam se enrijeceu. Um calafrio percorreu o berserker. Seria Ruth capaz de fazer mal a seus sobrinhos? Não permitiria.

— Nem sequer se atreva a olhá-lo. — ameaçou — Noah, pega o menino e sobe. — passou Liam como se fosse um pacote e se dirigiu para Ruth — Fecha a porta quando sair.

Noah sorriu ao menino só para tranquilizá-lo. Liam não deixava de olhar Ruth, hipnotizado por ela. O berserker loiro olhou o quadro que faziam Adam e Ruth, e negou com a cabeça.

— Noah, não vá — ordenou Ruth fracamente.

Ele tentou tranquilizá-la com o olhar, mas sabia que não conseguiria.

— Faz o que ele diga Ruth. Tudo isto passara rápido. Mas obedeça. — Subiu as escadas e desapareceu da vista da jovem.

— Noah é um fraco — murmurou Adam. Olhou como estava pálida Ruth e sorriu. Queria aterrá-la e fazer passar mal, como ele o passou desde que sonhava com ela — Que decepção, já não me insulta?

— Não entendo nada — sussurrou mordendo o lábio para que deixasse de tremer — O que faço aqui, Adam?

Não queria vê-la vulnerável. Sim assustada, histérica, enfurecida..., mas não vulnerável. Engoliu saliva e ignorou os olhos implorantes que o olhavam desorientada.

— Levanta os braços.

— Não.

— Levanta.

Ruth negou com a cabeça.

Adam estava tão tenso que explodiria. Estar a sós com aquela garota o turvava. Seis malditas



semanas a vendo entre brumas de sonhos úmidos e lacerantes, mesclados com desejo, traição e morte.

Não falhava em suas profecias. E ainda por cima agora o desafiava. E NÃO FALHAVA.

— Quer guerra, Ruth?

Ela negou com a cabeça muito lentamente. Não gostava nada como a olhava.

— Porque estou muito disposto a dar-lhe isso. Passo muito tempo sem me sentir bem por sua culpa. — Pegou-a com crueldade pelo queixo — Acha que podia rir de mim e de todos os que confiaram em você, sem sofrer logo as consequências? — Abriu de novo a gaveta e puxou uma corrente.

Ruth abriu os olhos consternados. Correntes? Para que?! Começou a tremer sem controle e os olhos se encheram de lágrimas. Aquela cena recordava coisas que ela teria desejado esquecer. Coisas que devia fechar a cal e cimento. Coisas de sua infância. É que Adam queria reviver todos seus pesadelos?

— Adam, não... — soluçou tentando afastar-se dele.

— Me diga, por que está aqui? Por que veio a Wolverhampton quando disse que não voltasse a pisar nesta terra? — Fez ouvidos surdos a suas súplicas.

— Não vim porque quis. Me... Obrigaram. Não me prenda, não me... — Tentou parar suas mãos agarrando como pôde os pulsos. Mas eram grandes e grossos e ela não podia detê-lo. Odiava ser fraca. Não gostava das ataduras.

— Quem e por quê? — Passou a corrente pelos tornozelos e os imobilizou — E não faça que perca a paciência. Às me disse que o convidou ele mesmo. É mentira?

— Não importa! — levantou-se de repente e caiu abatida sobre o colchão. Estava tão confusa — Não importa... — afundou o rosto no lençol e começou a chorar. Como explicaria o que aconteceu? Não podia mentir tampouco. As sacerdotisas não mentiam. A proibiram. Mas temia que se não explicasse, ele a acusasse de algo pior. Seja o que for, Adam acreditava que ela faria algo mau. Recordou a voz da mulher que alertou sobre algo mau que a aconteceria. Estaria alertando sobre ele?

— Não chore! — gritou sacudindo-a pelos ombros — Pode ser rápido e indolor, mas só se você colaborar. Não vai me abrandar com suas falsas lágrimas.

Aquilo a incomodou.

— O que acha que vou fazer, imbecil? Diga isso. — observou o corpo amarrado. Olhou e sorriu com desprezo — Matá-lo?

— Justamente.

— Oxalá pudesse! Não pense que eu não gostaria! Gostaria de lhe retorcer o cangote e jogar seus ovos aos ratos!

Adam observou o corpo da jovem e, a seu pesar, notou como sua virilha endurecia. Ruth era realmente provocadora. O vestido subiu até a coxa, tinha o cabelo alvoroçado e alguns arranhões no rosto e no corpo, mas mesmo assim estava... Esplêndida. E a sua mercê.

— O que aconteceu? Por que está tão machucada?

— Não importa — olhou para outro lado.

Adam sorriu e passou a língua por uma de suas presas. Ruth observou fascinada como sua



língua escorregava por seus dentes.

— Gostaria de me dar uma dentada, verdade? —cravou ela. Não sabia por que, mas queria provocá-lo. Não permitiria que, por cima, esse animal prepotente, além de humilhá-la e insultá-la, estivesse olhando-a daquele modo tão lascivo— Quer lançar-se em cima de mim. Vejo em seus olhos e em como ficou duro. Como pode gostar de mim se sou o diabo para você? —perguntou rindo dele. Provocando.

Adam, imóvel, fechou as mãos formando dois punhos. Sim. Ruth o deixava a mil, e isso o fazia mais violento além da conta porque ela era uma maldita assassina.

— Você gostaria que eu a mordesse? —perguntou ele aproximando-se mais— Seguramente que você gostaria. É justamente o tipo de garota que serve para uma transa selvagem e descontrolada, mas não para nada mais sério. Tem que gostar que façam isso forte e rápido.

Ruth não podia acreditar que esse homem falasse desse modo.

—E você gosta de reduzir às mulheres. Que estejam indefesas. Fica excitado porque não fica duro de nenhum outro modo.

— Por isso a atei. —Levantou uma sobrancelha sardônica.

— Que se foda.

— OH, sim. Agora mesmo. —Puxou-a pela cintura e a virou.

Ruth gritou e se moveu como uma cobra, querendo escapar dele.

Puxou-a até colocar seus quadris ao final do colchão e fazer que seus joelhos ficassem no chão, com o traseiro para cima. Adam subiu os braços por cima da cabeça e a obrigou a apoiar uma bochecha sobre o lençol sujo e imundo.

Estava vermelha de lutar, cansada, ferida, mas, sobretudo... Assustada.

—E, me diga. —ajoelhou atrás dela e pôs as pernas a cada lado das suas. Logo juntou sua pélvis ao traseiro de Ruth— Com quem se deitou desta vez? O que é que fez? Bateram em você? Você gosta que a batam? Há mulheres que gostam dos açoites — passou a mão pelas coxas apertadas.

Ruth notava as mãos ardentes de Adam sobre sua pele. Tinha umas mãos muito grandes. Era revoltante. A postura, o tratamento, as palavras, tudo. Mas sentia que seu corpo se sensibilizava de repente diante de seu toque.

Como podia ser?

—Tem que parar... Adam, para. —Ordenou enquanto as lágrimas se deslizavam pelo canto das pálpebras.

— E isso por quê? —sussurrou em seu ouvido, apoiando todo seu torso nas costas de Ruth— você gosta disto. Você gosta do sexo.

— Não me conhece. —Negou com a cabeça. Estava pálida e com a boca seca— Não sabe o que eu gosto.

— Divertiu-se com Julius e Limbo? Os dois falam maravilhas de você. Do bem que os tratou, do complacente que é... Uma gatinha selvagem. —Mordeu o lóbulo de sua orelha.

Ruth não tinha nem ideia de que os dois berserkers diziam essas mentiras sobre ela. Só passou com eles a maldita noite das fogueiras. Não fizeram nada. Julius só lhe deu um chupão e foi um estúpido jogo. Ele queria algo mais, mas ela negou.



Ficou arrepiada diante da suave dentada de Adam, mas logo notou a ereção animal desse homem e quis se afastar assustada.

— Nem pensar. —Adam estava impregnado do aroma de Ruth. Intoxicado por completo e excitado até o ponto da dor— Não vai se separar de mim.

— Está-me assustando — murmurou ela escondendo o rosto e se obrigando a respirar mais pausadamente— É o que quer? Assustar-me? —Tremia a voz e suavam as mãos— O conseguiu Adam, mas agora me solte. —Nas vezes que se imaginou nessa situação com Adam, não havia nem violência nem ressentimento pelo meio. Sim muita paixão e muito brio, mas não o asco e o ódio que percebia nele.

O berserker inalou o aroma de seu esbelto pescoço, retirando com o nariz o cabelo comprido que o cobria.

— Não me respondeu, você gostou do que fizeram? —investiu outra vez contra ela, desta vez mais duramente. O corpo de Ruth se impulsionou para frente, mas ele a tinha bem segura pelos quadris.

Aquilo era um castigo. Algo muito mau fez em vidas anteriores para sofrer isso naquele lugar e com aquele homem.

— É um porco, Adam. —engasgou com suas próprias lágrimas. Adam cravou os dedos em sua tenra carne e grunhiu em seu ouvido.

— Ainda não fiz nada, bobinha — sua voz soou rouca.

— Está fazendo isso tudo. E não. Eu não gostei do que me fizeram. Eu não gosto que mintam sobre mim — a voz de Ruth soava estrangulada pela dor— Não me deitei com nenhum dos dois. Nunca. E não importa o que eu faça ou deixe de fazer!

— Você é a única que mente. Não se chama Ruth Casanovas.

Ruth ficou sem respiração, à beira de um ataque de pânico. Como sabia ele isso? Por que sabia? Seus pais a localizaram? Fazia cinco anos que não falava com eles. Cinco anos nos quais não se viram. Cinco anos de liberdade.

— Surpreendida de que saiba? Que tenha descoberto? —sussurrou em seu ouvido— Se chama Ruth Mawson Jones. Nasceu em Chelsea, sua família é inglesa. Aos dois anos foi viver em Barcelona e ali cresceu e viveu durante dois meses. Sua família é enriquecida, seu pai tem dois petroleiros e sua mãe é dona-de-casa. Quem é você, Ruth? Por que nos enganou?

—Eu não... Não menti. —Engoliu saliva. A ideia de que seus pais a encontrassem de novo a fazia sentir-se doente— Me chamo Ruth Casanovas, é o que põe em meu documento nacional de identidade.

— Não é o que põe em sua certidão de nascimento.

— Investigou-me! Esteve me espiando, vira-lata? Seja o que for do que me acusa, sou inocente.

Adam não acreditava. Levantou um pouco e olhou seu traseiro. Sim senhor. Aquilo era um traseiro de mulher, com formas, arrebitado e bem colocado. Passou as mãos pelos quadris e pouco a pouco subiu seu vestido.

Ficou lívido. Seu cérebro sofreu um curto-circuito. Ruth não usava roupa íntima.

— Adam!



—Está sem calcinha — Seus olhos se obscureceram ao ver também o sinal de seus dentes em sua nádega direita. Sairia um arroxeadado. *Sua.*

—Adam, se detenha. —Esta vez já chorava a lágrima viva, tentando por todos os meios afogar os soluços— Não me faça isto. Não.

— Vou fazer isso como os cães. Isso é o que sou, não, Ruth? — Acariciou com gentileza sua pálida pele que contrastava com a sua mais escura, e delineou a marca que seus dente deixaram em sua carne. Na nádega esquerda tinha um formoso lunar em forma de coração. Sem querer, sorriu e passou o indicador de sua outra mão por cima com carinho — Curioso.

— Não me toque! —gritou desesperada.

Ruth, diga a Adam que Sonja está vendo.

A voz. Essa voz de mulher, de novo. Ruth abriu os olhos, agitou a cabeça para tirar os cabelos do rosto e olhou a sua direita. Havia uma estranha claridade aí. A voz vinha dessa luz.

Ruth. Diga. Isso o parará. Vamos, garota.

— O que... dirá Sonja de você? —Fechou os olhos com força, esperando uma reação violenta dele.

As turbadoras carícias cessaram de repente. Adam levantou com o olhar cravado nas costas tremendo de Ruth.

Sonja. Atreveu-se a nomear a sua irmã, a grande puta!

— Sonja... —Ruth se encorajou ao ver que não estava sozinha, ao saber que ali havia uma mulher com ela embora não a pudesse ver. Espírito ou não, não estava sozinha com esse selvagem— Sonja está vendo tudo o que me faz.

Diga que não o reconheço. Que não imaginei que pudesse agir assim.

Ruth olhou por cima do ombro e viu o rosto aflito de Adam. Seus olhos sombrios refletiam incredulidade e ao mesmo tempo respeito pelo que dizia. Quando o observou bem, deu-se conta de que abaixo deles haviam sombras azuladas, as olheiras de um homem que não dormia há muito tempo, e seu corpo tremia como se algo muito potente dentro dele estivesse a ponto de explodir.

— Não o reconhece. Não pode acreditar que esteja se comportando assim. — Engoliu compulsivamente e centrou a vista nessa luz irregular e amorfa, como uma névoa que sem êxito tentava desenhar a silhueta de alguém.

Adam olhou para onde ela olhava, mas não viu nada. Sua boca secou. Ele era um xamã que podia ter sonhos proféticos, e entrar através de um transe induzido no reino dos espíritos, mas não podia fazê-lo sem seus rituais, assim não tinha modo de verificar o que dizia essa mulher insuportável.

Observou.

Com o vestido erguido até os quadris e o traseiro ao descoberto, tentava por todos os meios levantar. Estaria enganando? De fato, Ruth já recebeu uma mensagem telepática de Aileen e isso alertou aos clãs, mas... Certamente, alguém teria contado as histórias sobre seu pai e sua irmã. Não podia ser de outro modo. Ruth o provocava.

— Não pode falar dela. Não dela. —A agarrou pelo cabelo e a levantou. Ruth chegava até seu ombro— Quem contou isso?



A garota gritou e se impressionou ao notar a vara potente do berserker na parte baixa das costas.

— Ela, Adam. Agora mesmo está me contando isso! Sei que não acha isso, mas...

— Não minta! — Sacudiu-a.

— Não faço isso, maldição!

Sou sua irmã, Ruth. Ele esta sonhando com você desde o dia depois que a conheceu... Tem um sonho recorrente. Você o mata com uma de suas flechas, por isso a está sequestrado e quer prendê-la. Para que não o faça.

— Sua irmã? O que eu vou fazer o que? É absurdo — sussurrou Ruth com o olhar desfocado — É verdade? — Olhou furiosa.

— O que?

— Que sonha comigo há meses. Acha que vou matá-lo com uma de minhas flechas? — perguntou incrédula — Acha que sou o maldito Robin Hood?

— Você... Bruxa... — Empurrou-a contra o colchão — Como diabos sabe isso? Sabia. Sabia que não era de confiança. — Agarrou seus pulsos e os colocou por cima da cabeça. Ela tentou soltar-se, mas não conseguiu — Fez todos acreditarem que é doce e simpática. Que se preocupa por nossa causa. Mas eu não acredito. Não acredito que fale com minha irmã. Está tentando me subornar, e é um golpe muito baixo. Não sei quem é, mas antes que acabe o dia me dirá isso, senhorita Mawson.

— Não estou menti... Mentindo — Adam estava ficando com os olhos amarelos. Trocavam de cor... Uma cor amarela fosforescente fascinante e hipnotizadora e ela era incapaz de deixar de olhá-lo. Que atraente era, por Deus. E ela era uma doente por adorar a beleza física desse feto do demônio nesse momento.

— Se for verdade que a vê, me diga como é ela. O que faz? O que veste? Vamos! Diga-me isso.

Quando ele deixar de tocá-la poderá me ver. Está rompendo seu fluxo energético. Precisa estar mais tranquila para ver.

— Não... Não posso vê-la, Adam — murmurou contrariada — Eu... unicamente a ouço. Tem que deixar de me tocar.

— Claro, como não! Sonhei que me matava com uma de suas flechas, e hoje a encontrei estirada no Alum Pot com uma aljava vazia. — Apertou os pulsos — disse que não se aproximasse de Wolverhampton e faz pouco mais de vinte e quatro horas que estava na casa de Ás, me desobedecendo.

— Você não é meu amo, vira-lata! Há pessoas que estão por cima de você. Ás exigiu que eu fosse a sua casa e...

— Sou importante no clã, puta. No Wolverhampton, minha palavra é lei.

— Do que me chamou?!

— Oh, venha, não se ofenda... Todos no clã ouvimos sobre suas corridas noturnas — a desdenhou com o olhar — Sabe? Quis acreditar em Ás e nos outros e lhe dar o benefício da dúvida, sobre sua suposta inocência, já sabe. Por isso ainda continua viva. Deveria agradecer isso — Agora seus olhos eram vermelhos e completamente incendiados pela fúria. Olhavam sua boca — Mas



sobre o outro, sobre a libertina que é, nem o tentei, acredito que é uma cadela das grandes.

Ruth, nervosa, passou a língua pelo lábio inferior e acreditou ouvir como Adam grunhia. Era uma cadela para ele? Não a surpreendia nem tinha que lhe importar. Mas a machucava. Por quê? Por que ardiam tanto essas palavras?

— Não. Não tenho nada que agradecer. Se me conhecesse, saberia que sou incapaz de fazer algo assim. Mas desde o primeiro dia em que me viu sempre pensou o pior. Odeia-me por algo que acha que vou fazer. Não sabe nada de mim.

— A odeio por tudo o que representa, por tudo que é. O tipo de mulher que repudio.

— Devo parecer muito com sua mãe — respondeu ela com todo o veneno de que foi capaz.

Ruth, não vá por aí...

— Você não sabe bem. — Adam ergueu as costas sem deixar de esmagá-la contra o colchão— O primeiro dia que a vi, salvei sua vida e cometi um engano. Deveria ter deixado que o lobacho acabasse com você. Agora não estaríamos em sério perigo.

Ruth engoliu saliva e afastou o olhar. Ela recordava perfeitamente como Adam a cobriu entre seus braços. Nesse caos, aquela noite, quando viu pela primeira vez o verdadeiro mundo onde sua melhor amiga se colocou, ele foi o único sólido que a manteve presa nesse momento, o único ao que pôde se segurar. Aquela noite, enquanto sofria o choque, sua lembrança e seu aroma a mantiveram acordada e no presente, havia ficado encantada por ele. Mas dois dias depois do incidente, quando ele começou a atacá-la verbalmente na cozinha da casa de Aileen, descobriu que a impressão que levou de Adam de salvador e protetor estava absolutamente equivocada. Após, os sarcasmos choviam lacerantes como chicotadas, cortantes e daninhas como punhaladas. Ninguém a desprezou e desvalorizou tanto como ele fazia.

— Deveria ter deixado que me matassem — sussurrou sem olhar seu rosto, presa da dor e da decepção. Seu mundo se desmoronava.

— Por outro lado — continuou Adam hipnotizado por seus lábios grossos e apetecíveis. O inferior mais cheio que o superior— se tivesse morrido, todos teriam chorado porque a amavam e acreditavam em você. Agora, quando você mesma firmar sua sentença, se darão conta de quem é na realidade e sua falsa máscara terá caído diante dos outros. Ninguém lamentará a perda de uma assassina. Prova disso é que me permitiram tomá-la hoje. Permanecerá aqui presa, assim nos asseguraremos de que não faça nada indevido.

— Então não terá modo de averiguar se sou ou não sou capaz de te matar, vira-lata. É muito fácil que não se cumpra assim sua profecia.

— Não é verdade. Se deve acontecer, acontecerá. Como é e de qualquer modo. O destino é inflexível, as nornas o fazem assim. Mas já que você tem pensado destruir minha vida e a daqueles que me rodeiam, eu me encarregarei de lhe destruir antes. O que parece?

Ruth abriu os olhos assustada pelo que isso implicava. Não podia estar sob o mesmo teto que ele, estava em perigo.

— Me deixe partir — sussurrou angustiada e lutando contra ele. Odiava a si mesma por pedir clemência, mas sua missão era importante e Adam não podia eliminá-la de qualquer jeito. *“Sou a Caçadora, Adam. Não pode ver?”*.

Ele riu jogando a cabeça para trás. Um som masculino e gutural que conseguiu paralisá-la



por sua frieza.

—Vulgar e tola. Não ouviu nada do que disse?

Meu irmão é um imbecil...

— É um imbecil — atacou Ruth.

— Com certeza que sim. —desceu de cima dela e observou o espaço vazio onde supostamente se encontrava Sonja— Não há ninguém. Não vejo ninguém, nem sinto ninguém — entreabriu os olhos e olhou Ruth com raiva— Não acreditarei em nada do que me diga Ruth. Acredito que quer me provocar, e não aconselho isso. Cai muito baixo ao falar de minha irmã.

Deixa-o Ruth, está obcecado. Não vai escutar. Deixa de lutar com ele e irá.

Ruth apertou os punhos e toda ela esticou.

— Que o deixe?! E enquanto, o que?! Aguento como este animal me insulta e me pisoteia? Nem pensar! —A luz desapareceu e com seus olhos a buscava de novo. Onde estava?

— Fica pouco tempo. Ainda não aguentou nada mal. Deixa de procurar a seus falsos fantasmas, não estão.

— Sim que estão, embora você não os possa ver! —Maldição. Sim que estavam— Já é suficiente! Aproveitou-se de mim. Há... —Sacudiu a cabeça sem poder acreditar—... mordeu-me! Insulta-me, toca sem nenhum olhar como se meu corpo fosse seu.

— OH, vamos — fingiu estar ofendido. Seu piercing se elevou e Ruth pensou que levantar a sobrancelha de um modo tão exagerado só o fazia o diabo com olhos amarelos como ele— Eu faço isso?

— E eu caio baixo ao falar de sua irmã morta? Olha como me tem — levantou seus pulsos atados— Não sou eu que está caindo baixo.

— O que quer que diga?

— Desculpe-se agora mesmo e me liberte — ordenou.

— Minha irmã aparecerá diante de mim antes que ouça uma desculpa de minha boca. Já vê, sou mau, muito mau — zombou.

— Não, Adam. Não é mau, é um filho da puta.

— Bom, não vou negar — encolheu os ombros— Mas esclareçamos algo — sem avisá-la, ficou de lado de novo da cama e a obrigou que não afastasse o rosto— Olhe-me quando falo.

— Me esqueça.

—Volte a falar de minha irmã, volta a nomeá-la e darei o que vem pedindo a gritos desde que me viu.

— Desaparecerá de minha vista para sempre? Se lançará em um precipício? —perguntou atrevida.

— Não. —Apertou sua pélvis contra a virilha de Ruth— fodê-la como a qualquer que é. Acabará suplicando isso.

Ruth não podia acreditar no que ouvia. Aquilo era o cúmulo da crueldade. Tentou se afastar do toque de Adam, mas ele era muito grande e corpulento, e tentar apartá-lo era como pretender mover um muro de concreto.

—Eu não suplico. —Tinha vontade de estrangulá-lo— Nem diante de você, nem diante de ninguém.



— Me faz vomitar. Não sou nenhum anjo, mas você tampouco — afastou-se como se o fato de tocá-la desse repulsão. Atou as laterais da cama, e Ruth ficou completamente abatida e sem forças. Imóvel e indefesa. O berserker sorriu satisfeito ao vê-la quebrada como estava e caminhou para a porta— Vai suplicar isso Ruth. Vou demonstrar que tipo de mulher é. Você tirou o pior de mim, eu tirarei o pior de você.

— Eu não fiz nada! —gritou. As lágrimas caíam descontroladas por suas bochechas. Não podia ser de outro modo— Estúpido! Não fiz nada! Seus sonhos não têm por que ser verdade, não é Deus! Castiga-me por algo que ainda não fiz! Parou sequer a pensar o que fará quando ver que não provoqueei o fim do mundo? Quando descobrir que manhã continua vivo?

— Isso não vai acontecer. Nunca falho. —Levantou uma sobancelha altiva e seus olhos recuperaram a cor negra obsidiana que o caracterizavam— Nunca. De um modo ou de outro fará o possível por obter seu objetivo, mas eu a pararei.

— Então, age sabendo que vai morrer esta noite? Confiando plenamente que eu... Eu vou matá-lo? Idiota!

—Ajo sabendo disso, mas também sabendo que vou lutar por minha vida. Tenho pensado deixá-la completamente necessitada para que não possa pensar em nada que atente contra mim nem contra os meus. Demonstrarei quem é e logo... Logo já veremos o que faço com você.

— Quer dizer, que vai atacar antes que eu ataque — abaixou a cabeça. Não mostraria a Adam como afligida se sentia pelo tratamento que estava dispensando— Já estou necessitada — sussurrou.

— Fisicamente — esclareceu ele com voz fria e afiada— Quero quebrar esses esquemas e essas formas que tem em sua cabecinha, desmoronar o castelo do qual se acha princesa intocável e arrancar pela raiz essa máscara de desliza-em-mim-tudo-o-que-tem. Acabou com minha saúde mental desde que a conheci, e eu quero acabar com a sua. Quero que sofra como me faz sofrer.

E dito isto, fechou a porta atrás dele e deixou Ruth a sós nessa espartana sala, às escuras, tanto por dentro como por fora.

CAPÍTULO 08

Aquilo era o fim. Cometeu um engano. Deixou Ruth ver que ele sofria por ela: “Quero que sofra como me faz sofrer”. Idiota. Deixou cair a cabeça duas vezes contra a parede. Idiota. Idiota.

Já mais calmo, esticado em todo comprimento em sua cama e apoiado com as costas no travesseiro, olhava os desenhos que fez dela. Os retratos, embora muito fidedignos, não faziam justiça.

Ruth estava cheia de energia e de vida, e isso era algo que a pintura não podia refletir. Estar perto dela, poder tocá-la, poder cheirá-la, havia-o deixado louco. Ruth ficava tensa com ele, mas às vezes, quando mais se estiram os fios, mais esticam, e ao final acabam rompendo. Ele ia se encarregar de rompê-la.

Essa garota ia absorver seu cérebro.

Durante as seis semanas, desde seus sonhos, não viveu. Não podia tirá-la da cabeça. Despertava pensando nela, e mais duro que uma rocha por sua culpa. Deitava pensando em que



fazia, onde estava e com quem andava desta vez. Raivoso com ele mesmo por não poder tirá-la de dentro. É que a humana se colocou sob sua pele no primeiro dia que a salvou.

Quando a abraçou e ela afundou seu rosto em seu peito, assustada, presa do pânico e do medo, deixou-se proteger por ele e Adam pôde perceber perfeitamente como ela ia relaxando e como seu corpo se deixava balançar pelo seu. Encaixados. Foi a sensação mais estranha que viveu em seus trezentos anos de idade. Como se algo em sua vida fizesse “clic” justo nesse momento, à perfeição.

Mas logo chegaram os sonhos. E com eles o ódio para ela, e também para seu desdém. Certo que ele não era um homem amável, e que a atacou verbalmente, mas tudo se tornou mais ofuscado e mais cru em vinte e quatro de junho.

Vê-la tão bonita, tão inalcançável, tão conhecedora de seu poder sobre o sexo oposto... Fria e manipuladora, esfregando seu traseiro sobre a virilha de Julius e olhando para ele diretamente, quase rindo, como dizendo “não é suficientemente bom para provar este doce”.

Cólera. Encolerizou tanto que unicamente o que gostaria era de encontrar-se com ela e dar-lhe o que tanto desejava dos outros, menos dele, parecia. Queria meter-se até o fundo e ouvi-la gritar seu nome, queria demonstrar que não a deixaria, nem o pacote do doce. Queria dar-lhe uma lição e desdenhá-la.

Ele era um guerreiro, um xamã. Uma menina como ela não poderia devastá-lo.

Aquela noite, enquanto os berserkers desfrutavam de seu corpo e da lua cheia, ele tinha que permanecer em meditação no Totem, pois alguém daria uma mensagem que poderia salvar os clãs de algo terrível. Seu sonho se cumpriu. Mas nunca imaginou que seria ela quem desse a mensagem.

Jamais pensou que veria Ruth, acompanhada de seus amantes, com o aroma de testosterona que envernizava sua pele suave e perfeita, e um chupão no pescoço.

Ainda ardia recordar o arroxeadado que ela tinha com tanto descaramento. E nem sequer sabia o que isso significava, tão ignorante era ela das tradições de seu clã.

Adam deixou cair à cabeça para trás e soprou. Estava ardendo. Estava ardendo de verdade. Tinha uma ereção de cavalo, Ruth fazia isso. Vê-la presa na cama e chorando como uma menina pequena não o fez sentir nem como um cavalheiro nem como um bom homem, mas ao tocá-la seu corpo entrava em combustão. Também estava o ódio que fazia tudo voar em pedaços. E logo cheirou o medo de Ruth, e isso tampouco o fazia sentir orgulhoso.

Mas, o que queria? Não confiava nela, e além disso, ela também odiava a ele.

Ela merecia.

Adam levantou da cama e caminhou para a parede. Repassou com seu dedo indicador uma das muitas faces de Ruth que ele desenhara. Passou o dedo por sua maçã do rosto, por seu nariz fino e arrebitado, e desceu até sentir o cheio lábio superior. Seus olhos de âmbar o olhavam como convidando a tocá-la e, entretanto, escondiam um de seus típicos sorrisos de desdém e suficiência. Desde a morte de Sonja já não desenhava, mas foi conhecer Ruth e agarrar o pincel de novo.

—Meu mundo está de pernas por ar por sua culpa... —sussurrou pesaroso— O que tem, bruxa?



Mas Ruth não era a única que preocupava.

Dera a palavra a Ás. Já estava inimizado com Caleb e seu clã por ter levado a melhor amiga de sua mulher, não podia pôr o leder contra ele.

Não sabia como proceder. Como agir. Seu instinto dizia que se fechasse com Ruth todo o dia, ficasse a vontade com seu corpo, e logo deixasse que acontecesse o que tivesse que acontecer. Ele não morreria, ao menos, pelas mãos dela. Isso sabia. Mas estava embriagado por tê-la em sua casa. Inclusive sentia seu cheiro, embora ela estivesse no porão e ele no andar superior. Era humana, maldição.

Cheirava em suas mãos. Pêssego suculento e doce.

Inclusive bêbada, com o orgulho e a dignidade pelos chãos e meio em coma pelo álcool, a desejava.

Estava doente. Doente por ela.

A ansiedade o carcomia e tampouco tinha humor para ouvi-la falar de novo sobre Sonja. Como se atreveu mencionar sua irmã? Ele não cairia em seu jogo. Acreditava que por ser xamã poderia pegá-lo por esses meios, mas se equivocava.

Ruth não era nenhuma médium. Estava convencido. Não desprendia nenhuma aura para ser.

Era uma mulher estranha, uma mentirosa, uma enganadora. Tinha muitas máscaras, isso é o que tinha. Adotava a personalidade que necessitava em qualquer momento. Não conseguia entender ainda o que ganhava ela ao querer matá-lo.

No melhor, e graças a seu trabalho na Web, entrou em contato com mais sociedades como a do Mikhail, e ela formava parte delas. Ela podia ser uma psíquica que trabalhava com eles e que fazia passar por amiga de Aileen. Não. Muitos anos fingindo. Como demonstraria essa teoria?

No melhor, Loki chegou a ela e fizeram um pacto.

Golpeou a parede com o punho, sem tocar o rosto de Ruth. Para que queria seu dom, se não podia ver nada sobre ela? Nem seus rituais falavam dela. Perguntar sobre Ruth às pedras ou ao ar era como perguntar sobre alguém invisível.

Desejava acabar com tudo isso e se concentrar em Margött. Ela era a mulher que deveria levar na cabeça, não a traidora do porão.

Alguém bateu na porta e Adam girou. Sorriu ao ver seu sobrinho.

Liam estava em posição de defesa. Os punhos bem fechados sobre os laterais de suas pernas abertas, e o peito para fora. Desde que ensinou essa postura para marcar o terreno, o menino não deixou de adotá-la. Parecia um galo briguento.

— O que acontece pequeno? — foi para ele e passou a mão por seu cabelo negro. Adorava acariciá-lo.

Liam o olhou receoso, baixou a vista e olhou os pés. Adam seguiu seus olhos e percebeu que não usava sapatos.

— Quantas vezes disse para não andar descalço? — tentou parecer zangado, mas os enormes olhos do pequeno o enterneciam.

— É mais cômodo. Os sapatos me machucam.

— Deve se acostumar a usá-los.

— Na casa-escola não nos deixam usar.



Adam franziu o cenho. A escola de Margött permitia os meninos ser mais selvagens, como se fosse com sua natureza, com seu DNA. Mas viviam entre os humanos e deviam, por seu bem, se acostumar, e adotar também seu modo de vida.

Os meninos berserkers suavam muito os pés, pela quantidade de energia que tinham em seu interior, e também pelas mutações que se submetiam seus corpos em tão nova idade. Mas isso não desculpava para saírem descalços como se fossem meninos da selva. Se Ruth não estivesse na escola, já o teria levado para Aileen. Essa mesma postura adotou muitas mães berserkers. Eram reticentes a levar seus filhotes à escola porque sabiam que Ruth estava ali, e todo mundo sabia o que Ruth fizera com Limbo e Julius. Não queriam que alguém como a humana tivesse contato com as crianças.

— Isto...

— O que incomoda Liam?

— A garota de baixo... Quem é?

— Não importa quem é — agachou e o agarrou brandamente pelos braços— Sob nenhuma hipótese deve se aproximar dela. Entendeu?

— Estava chorando. Você não bateu nela, verdade, tio Adam?

— Não. —Só lhe deu uma boa dentada no traseiro. Com força e com vontade— Não bati.

— Quem, então?

— Não sei.

— Mas vai procurar os que a machucaram. — Seus olhos o olhavam com esperança e adoração— São maus. Não se bate nas mulheres, nem as faz chorar.

Adam sentiu uma onda de orgulho que banhava seu peito. Seu sobrinho seria um bom homem, e por Odín que ele o veria. Ruth não sairia bem dessa.

— E se fosse uma pessoa má? —perguntou Adam arqueando as sobrancelhas. O menino mordeu o lábio e ficou pensativo.

— Então a polícia a poria em seu lugar.

— A polícia? —Liam tinha que deixar de ver as séries de televisão— Há alguém a quem conhece da polícia?

— Conheço Horatio e Grisom.

— Como? O que está vendo na televisão?

— C.S.I, Mentos criminosas...

— Um menino de sua idade não deve ver essas coisas.

— Pois vejo. Na casa põem isso e nos entretemos.

— Na escola? —perguntou irritado— Margött e Rise põem isso? Nunca me disse.

— Bom, é que... — baixou a cabeça envergonhado— As senhoritas nos dizem que não digamos nada.

— Má sorte, guri. Já o soltou. Que mais ensinam? —perguntou preocupado.

— Tio Adam... —o menino não queria soltar nada— É que se disser isso, você irá ver a senhorita Margött e então saberá que disse isso, e todos se zangarão comigo por ser delator.

— Quietos. Ninguém vai se zangar com você — tranquilizou.

— A senhorita nos diz que tudo o que precisamos aprender para viver nos ensinam na



televisão.

Adam amaldiçoou entre dentes. Essa era a educação que recebiam seus sobrinhos. E teve que descobrir porque Liam viu Ruth acidentalmente.

— Por isso Nora acredita que é uma Bratz — continuou Liam.

— Uma o que?

— Uma Bratz — explicou Liam olhando seu tio como se tivesse duas cabeças.

— Imagino por seu rosto que deveria saber o que é uma Bratz.

— São umas garotas super sexys e muito convencidas, que vão pintadas à escola e usam saias muito curtas e todos os meninos vão atrás. — Pôs cara de desgosto — É asqueroso.

— Pintadas à escola? — levantou contrariado — Mas se Nora tem só seis anos.

— Claro, como eu. E eu sou Luke Skywalker — disse muito convencido.

— Não pode ser Luke Skywalker, ele era loiro e de olhos azuis.

— Sim, mas sou forte e rápido como ele.

— E Nora quem é? A princesa Leia? — perguntou voltando a rir.

— Não, tio Adam. Não me escuta — queixou-se Liam cruzando os braços — Nora é uma Bratz. A garota de baixo é a princesa Leia. Terá que cuidar dela. Você pode ser Han Solo²⁵.

— Não, Liam. Tire essa ideia da cabeça, certo? Essa garota é uma má...

— Mas a pintou na parede — assinalou ele — Muitas vezes. Salvou-nos dos maus, não foi? — perguntou encantado.

— Quando você entrou em meu quarto? Quando viu estes desenhos? Disse a você faz um tempo — um mês e meio exatamente — que não entrasse ali.

— Tio Noah nos deixa — colocou as mãos nos bolsos e soprou uma mecha de cabelo que caía pelos olhos.

— Matarei Noah... — murmurou.

— Tio Adam, não se mata os tios — assinalou com um dedo como se ele fosse o mais velho da família.

— Bem dito, anão. — Noah apareceu por trás de Liam e revolveu seus cabelos.

Adam parou a enxurrada de palavras inadequadas que ia dirigir a Noah, Ruth e Liam.

— Noah — grunhiu Adam.

— Adam. — Sorriu ele — subi a seu quarto para se tranquilizar, suponho. Já se encontra melhor?

Noah viu o humor de cães com o que Adam abandonava o porão onde estava Ruth.

— Estou bem, obrigado — respondeu ele sem vontade — Os meninos não podem subir aqui e você os deixou.

— Só subiram uma vez — esfregou a nuca pesaroso — Por certo, Nora ficou fascinada com os desenhos.

— Não são desenhos muito apropriados para crianças de sua idade.

— Ruth está muito sexy em todos — soltou Noah em reconhecimento.

— Passará frio — comentou Liam inocentemente aproximando-se dos desenhos — Ei! —

²⁵Guerra nas Estrelas.



exclamou com um grande sorriso— Nora desenhou corações em sua calcinha!

— O que!? — exclamou Adam observando irritado o desenho.

Liam estava tão inclinado sobre o desenho que ia tocar a parede com o nariz.

— São rosas — murmurou o menino para si mesmo.

— Tio Noah — sussurrou Adam apertando os dentes— Explique por que há corações em sua calcinha. Acaso não os vigiava? —olhou-o furioso.

— Tio Noah, esse coelho não parece em nada a *Bugs Bunny* ²⁶— Liam tinha a língua solta e estava chateado— Disse que o pintaria igual. Parece um porco.

Adam se aproximou do mural. Um coelho? No bosque, atrás de uma rocha, desenharam o que pretendia ser um coelho comendo cenouras. O berserker não podia acreditar. Era um assalto em toda regra a sua intimidade.

— Desenha como o traseiro — acusou Adam fazendo negações com a cabeça.

— Ouça, é um desenho que se mistura com o mural. Não desafina em nada. Você não se deu nem conta — defendeu Noah abrindo seus olhos amarelos.

Era verdade, pensou Adam. Absorveu tanto vendo o rosto de Ruth, que não fixou que três grafiteiros pintaram sobre sua obra. Realmente, estava intoxicado por Ruth.

— Tio Adam — Liam o puxou pela camiseta— Podemos levar o jantar à princesa?

Noah mordeu o interior das bochechas para não voltar a rir, mas Adam não tinha nem pingo de humor.

— Não é nenhuma princesa — respondeu Adam.

— Han Solo nunca diria isso. Ele ama Leia.

— Mas eu não sou Harrison Ford.

— E quem é Harrison Ford? —perguntou Liam franzindo o cenho— Tio Adam, me escute quando falo. Digo que se chama Han Solo, não Harrison.

Aquilo era tão surrealista... Simplesmente não podia estar acontecendo. Tinha que acabar com a situação o antes possível.

—Vou descer outra vez e acabo com esta merda — decidiu Adam afastando Noah.

— O que vai fazer agora? Está na câmara, daí não sairá, já sabe.

— Não quero nem que sua cabecinha pense, entende? Não posso arriscar a tê-la acordada enquanto meus sobrinhos estão sob o mesmo teto que ela. Tenho-a aqui, mas a quero inconsciente.

Noah pegou Liam pela mão e o levou ao andar de baixo, seguindo Adam. Nora estava sentada no sofá e procurava blush em seu caixinha rosa de maquiagem.

— Nora, céu. Vamos para o quarto.

— Agora? Estou muito ocupada. Estou me pintando — respondeu a menina sentindo-se cheia de si. Usava uma trança no cabelo, seu cabelo loiro brilhava e seus olhos negros ocupavam todo o rosto. Era uma gracinha.

—Certo, então pegue a caixinha e a pintaremos lá em cima. — sugeriu Noah.

A menina levantou do sofá e começou a saltar louca de alegria. Seu rabo de cavalo loiro

²⁶ Pernalonga.



subia e descia sem descanso.

—Vamos, Nora.

Nora subiu a seus ombros e deu um beijo enorme na bochecha.

— Poderei pintar seus lábios, tio Noah?

— Nem pensar.

A menina começou a fazer beicinho. Noah resmungou e cedeu.

— Está bem.

— Fabuloso! Com um blush rosa estará muito bonito...

CAPÍTULO 09

— E agora o que fará? —uma vez que deixou os meninos no quarto, Noah correu para Adam. Via como abria a robusta e metálica comporta do porão. Aquela porta não ficava bem numa casa com crianças, pensou Noah. De fato, a casa em si, muito fria, muito tecnológica, não combinava em um lar com crianças. Era um lar espetacular, isso sim. A casa se misturava com a natureza à perfeição e tinha grandes janelas completas, do teto ao chão, que iluminavam o interior como se o bosque e seus aromas também estivessem dentro dela, mas faltava algo. Um toque de calor. Talvez menos ordem, menos frieza, sobretudo para um lar com pequenos revoando em qualquer parte. Noah pensava que a casa de uma pessoa é o reflexo de seu interior, de sua alma. Adam, por isso parecia, estava gelado.

—Vou vê-la.

— Por que não a deixa tranquila?

—Vou vê-la porque quero estar tranquilo, porque necessito paz mental. Necessito que passe o tempo o mais rápido possível, entende? Tenho que deixar de pensar em Ruth, e nas poucas horas que ficam para que se cumpra a profecia.

— Não entendo — repôs Noah— Não pode sair daí, cara.

— Quero que durma e que não desperte até manhã —explicou abatido— É o melhor modo de quebrar a profecia.

Noah pôde perceber o cansaço no rosto de seu amigo. Adam estava realmente cansado de corpo e mente. Ruth não iria deixá-lo viver, tinha-o completamente extenuado.

— Amanhã descobrirá a verdade, Adam — afirmou Noah solene— Não faça nada do que logo se arrependa.

— Não vou fazer nada, Noah. Eu também preciso dormir tranquilo. Necessito de verdade. — passou a mão por sua cabeça raspada— Quero que tudo isto passe rapidamente.

— O que vai lhe dar? —perguntou preocupado.

— Um sonífero.

— Já controlou as quantidades?

— Não vou matá-la. Não agora — particularizou quando a porta se abriu— darei a pílula e simplesmente cairá em um sonho profundo. Amanhã tudo isto só terá sido um pesadelo, e eu, por fim, poderei respirar tranquilo. Quando me assegurar de que está adormecida, eu tomarei o outro. O efeito é imediato.



— Está dependente dos remédios? —Entenderia perfeitamente se assim fosse. Ninguém deveria conduzir tanto peso sobre seus ombros.

— Não, merda. Só tomei depois de Sonja.

Noah assentiu.

— Ficarei aqui até amanhã. Não vou deixá-lo sozinho.

— Não precisa.

— Nem pensar. —Pôs a mão sobre seu ombro e deu um apertão amistoso— Não tem que passar por isso sozinho, Adam. É meu amigo, meu irmão. Suporta muita pressão. Tem Caleb, Ás e Aileen respirando em sua nuca. Necessita um apoio e meus ombros são fortes, guri. O clã precisa de você.

—Certo. Obrigada — sorriu tentando sentir um agradecimento que não pulsava em seu interior. No melhor, realmente estava vazio por dentro.

— Olha, cara, descansa, faz o que tenha que fazer. Eu me encarregarei de Nora e Liam.

Adam o olhou por cima do ombro. Seu amigo da alma nunca falharia.

—Você nunca abandonaria os pirralhos se eu faltasse, verdade?

— Nunca. Também são meus sobrinhos. —Não de sangue, mas sim de coração.

— Bem. Deixa-me mais tranquilo. Vá até eles, por favor.

— Bem.

Adam fechou a porta e entrou no porão.

Era insuportável sentir-se tão desamparada. As correntes dos pés impediam que movesse as pernas, e a corda dos pulsos roçava a pele provocando incômodas queimaduras.

Tinha sede e fome. Tinha frio e medo. Sentia raiva e dor.

Adam a desprezou de um modo horrível. A havia maltratado como se ela fosse uma prostituta qualquer, e o pior é que ele acreditava que era. Tudo pelas mentiras dos dois berserkers. Tudo por sua culpa. Por ter se divertido e bagunçado.

Uma vez, em um momento, desejou fazer ciúmes a Adam, e rebolou com Julius. Queria chamar sua atenção e escolheu errado. Fez diante de seu nariz. De propósito. E isso alimentou tudo o que supostamente veio depois.

Estirada como estava nesse chiqueiro, e sabendo o que ele temia que ela fizesse, sua mente só pensava em todas as palavras ofensivas que lhe dirigiu. Por um momento horrendo, pensou que a violentaria. Sentiu-se aflita e assustada por aquele tratamento escarnecedor. Sempre acreditou que Adam era um tipo duro e agressivo, mas jamais pensou que trataria tão mal a uma mulher. A não ser que essa mulher tentasse matá-lo.

Pelo amor de Deus, Adam acreditava que ela o mataria. Sua vida deu um giro de cento e oitenta graus.

Muito bem. Deixa de pensar agora mesmo e se concentre.

Ruth levantou a cabeça e olhou a seu redor. Essa voz era de Sonja. Assombrada, descobriu que já não tinha medo nem tremia por ouvir vozes. “Deve ser minha comoção”, pensou.

Ruth, não está em choque. Já não. É uma garota forte, e agora tem que aprender a nos ver.

— A vê-los? Como? —perguntou incrédula.



Relaxe. Concentre-se em sua respiração. Inala. Exala. Sente como o ar tocar o nariz, e desliza por seus pulmões. Muito bem. Assim. Segue o movimento de seu abdômen. Faz!

— Não grite! — respondeu histérica enquanto tentava respirar como indicava Sonja.

Perdoa. Há pressa, Ruth. Está acontecendo algo horrível.

Claro que acontecia algo horrível. Adam a mataria. Ou a entregaria ao clã.

As coisas podem mudar se me vê, Ruth. Agora abre os olhos.

Ruth abriu seus olhos dourados e descobriu a uma garota de cabelo loiro e ondulado que a olhava com um sorriso doce nos lábios. Estava de pé diante dela, olhando diretamente o seu rosto. Era um fantasma. Um dos fantasmas de toda a vida. Um ente translúcido, luminoso e etéreo.

— Sonja? — perguntou aterrorizada e fascinada ao mesmo tempo. *Sim.*

— Estou vendo você. — sua voz tremente se tingiu de assombro.

A mulher que tinha em frente não devia ter mais de trinta anos. Usava um vestido lilás escuro, o cabelo loiro preso em um diadema trançada da mesma cor, e uns olhos negros igualmente fascinantes que os de seu sequestrador. Era muito bonita. Delicada e elegante como poderia ser esses fantasmas que dizem que residem nos castelos medievais.

— Olá, Ruth. Por fim me deixa contatar com você.

— Ah, bom. Isto não é fácil, fique você sabendo.

— Entendo — assentiu Sonja — Porém prova que estou morta de verdade — sorriu com tristeza — Tampouco é agradável.

— Posso imaginar isso.

Ambas se mediram com o olhar.

— Vai me tirar daqui? Pode me libertar? Adam me matará se não o fizer — balbuciou — Acredita que eu vou assassiná-lo, mas sou incapaz de fazer isso. É absurdo. Eu não sei como cheguei até aqui... Não pedi este dom.

— Mas o tem — afirmou Sonja.

— Sim, tenho. E não vou pedir perdão por isso. Adam não acreditou quando disse que estava escutando e que você estava aí vendo tudo. Mas é verdade — levantou o queixo — Posso falar com os mortos.

De repente toda sua aflição desapareceu e, por um milésimo de segundo, teve a satisfação de se sentir valiosa e especial.

— Ele agora não tem muita fé em quase nada — desculpou Sonja.

— Entretanto, acredita cegamente em seus sonhos.

— Adam tem um dom muito puro, muito autêntico. Seu poder se transmitiu de geração em geração. Nunca falhou.

— Desta vez asseguro que está equivocado.

— Não sei. Acredito que o que ele viu é verdade. Mas pode ser uma verdade subjetiva. Há algo que não se encaixa. — O ente se moveu flutuando e se sentou no colchão, ao lado de Ruth.

— Interessante... — disse com a mandíbula caída — Desliza sobre o chão como se patinasse sobre gelo... Você flutua.

— Posso caminhar. — encolheu os ombros sem dar importância a esse fato — Mas, para que?



Assim é mais rápido. Sabe? A maioria dos espíritos caminham sobre o chão pelas lembranças, reflexos que têm de quando eram humano. — Olhou-a de soslaio e viu que ela estava estupefata— Enfim, ao ponto. Assim, você é a Caçadora, não é?

— Isso parece — respondeu Ruth sem muito ânimo— Então, você não acha que vou matar seu irmão?

— Sei que não. Não mataria ninguém. Desprende tanta luz...

— Luz?

— Sim. Os que estamos mortos a captamos perfeitamente. É uma guia para nós, um farol. A volta para casa — expressou com o semblante sonhador— Por isso é a Caçadora.

—Assim desprendo luz — repetiu Ruth— E o estúpido de seu irmão, que é um xamã com dons proféticos, por que não pode ver essa luz? Ele também é especial. Acaso os xamãs não falam com os espíritos da terra e tudo isso?

— Meu irmão tem o dom das profecias, é o noaiti do clã berserker. O único modo que tem de ver os mortos é entrando em transe e para isso necessita seu ritual. Tentou descobrir mais coisas sobre você, mas não pôde ver nada. Nem sequer pode ver essa luz, não tem fé em você.

— De verdade? Não me dei conta — seus olhos dourados brilhavam pelo sarcasmo.

— Está preparada para o que vai vir?

— Estarei quando me disser o que é que vai acontecer e como eu posso ajudar se estou amarrada às barras desta cama — puxou as cordas de seus pulsos.

— A terra está se infestando de espectros malignos. É o fim do mundo. Nada mais e nada menos.

— Nerthus me contou algo do que estava acontecendo com as almas... Essa mulher tem muito caráter.

— Nerthus — disse ela com reverência— Não é bom chateá-la, assim terá que fazer o que ela te disse para mantê-la contente e que não se rebele.

— Tentarei.

Sonja acenou com a cabeça, assentindo.

— Há décadas, as almas não encontram o caminho para casa e ficam presas nesta dimensão. Está rompendo o ciclo das reencarnações.

— Eu gostaria de entender melhor do que está me falando — meneou a cabeça frustrada— Terei que estudar sobre todo este mundo paranormal... —Outra coisa mais a acrescentar à lista, além de fritar Adam com uma bazuca e ler Eddas de Snorri— E as almas ficam vagando por aqui? Como você?

— Em teoria, quando uma alma vaga na terra é porque não cumpriu com aquilo que deixou pendente. Mas o que está acontecendo agora é diferente. Alguém as confunde e nos proíbe de voltar, e, além disso, há um grande problema. Estão prendendo as almas boas, não dá a oportunidade nem de reencarnar, nem de transcender.

— Você é uma dessas almas?

—Tentaram me pegar, mas não conseguiram —respondeu com o olhar perdido— Graças a Adam não conseguiram e ele nem sequer sabe. Mas já falarei com ele se você me deixar — olhou com um rogo implícito nos olhos— As têm aqui, Ruth. Às almas. Têm a todas em algum lugar.



Alguém as retém. Entretanto, os espectros, as almas sombrias, continuam rondando livremente, e se ficam neste plano para confundir à humanidade e criar o caos. Encarregam-se de possuir os corpos e as mentes daqueles mais fracos e os obrigam a cometer atrocidades.

Ruth a escutava com atenção. Aquilo era filme de terror.

— Espectros, almas sombrias... A que se refere exatamente?—elevou as sobrancelhas esperando uma explicação.

—Assassinos, pedófilos, estupradores, terroristas... Lobachos, vampiros, demônios... Suas almas perturbadas não vão quando morrem. Ficam neste plano e estão jogando com as mentes dos seres humanos, possuem-nos. Sem almas puras que lutem contra eles e sem a Caçadora que os devolva a seu lugar, este é seu pátio de recreio. Mas você está aqui para pôr ordem. E só Odín sabe quanto necessitamos.

— E quem está provocando tudo isto?

Sonja levantou e deu as costas.

— O demônio de Loki e... Conhece a história de meus pais?

— Não.

Sonja cruzou os braços e levantou o queixo.

— Pois pelos comentários que fez quando discutia com Adam, parecia que já lhe haviam contado algo. —Levantou uma sobrancelha loira. Igual fazia Adam.

Ruth franziu o cenho. Ninguém disse nada sobre a família de Adam.

— Quando Adam e eu éramos apenas crianças, minha mãe abandonou meu pai por um berserker chamado Strike. Minha mãe era uma mulher muito bonita, atraía todos os homens do *aquelarre*²⁷ à frente. E deitou com todos os que queria, é óbvio. Era vaidosa e egoísta, e só olhava por e para ela. Strike era um aprendiz de xamã, mas não era o noaiti — explicou olhando fixamente.

—Meu pai Nimho era melhor xamã que Strike. Objetivo, responsável, sincero e sempre disposto a se sacrificar pelo povo — recordou com grande orgulho— Os desejos e a ambição de Strike não superaram o talento de meu pai. Às optou por outorgar-lhe o título de xamã do clã, e Strike, ferido em seu orgulho por não ter sido ele o eleito, enfureceu-se tanto que deixou o *aquelarre* e a levou com ele, com que já mantinha uma relação.

— Não sabia nada disso, juro. Quantos anos tinham? —confessou aturdida.

— Seis anos cada um. Adam e eu somos gêmeos.

— O que? Gêmeos?—A única semelhança que encontrava Ruth neles eram esses olhos de obsidiana, rasgados e enormes. Pelo resto, Sonja era mais doce de aspecto que Adam.

— Sim — sorriu melancólica— Quando minha mãe abandonou meu pai, Adam e eu estivemos presentes. Foi horrível, Ruth. Acredito que até ouvi como meu pai quebrou o coração em pedaços. Ouviu alguma vez? —perguntou sem esperar resposta, mas Ruth a surpreendeu.

— É um grito silencioso. Um frio que passa pelos músculos e atravessa o peito — Ruth descrevia a sensação como se a estivesse vivendo.

Sonja inclinou a cabeça a um lado e a olhou.

²⁷ *Sábado das Bruxas.*



— Sim. Exatamente. Suponho que marcou o que fizeram seus pais— cruzou os braços e a estudou— Não ponha esse rosto, sei muitas coisas sobre você.

— Não mentirei. Marcou-me por fora e por dentro. Ninguém deveria se sentir tão ultrajado, alguma vez. Como sabe de meus pais? —perguntou Ruth com voz trêmula. Embora com o tempo aprendesse a controlar suas emoções, continuava doendo. Continuava doendo a incompreensão e o abandono que sentiu por parte de seus progenitores.

— Escuto seus pensamentos. Aparecem como imagens diante de mim. É como um filme. É desagradável, você não acha?

— O que?—elevou o queixo.

— Saber que seus pais não a querem.

Foi como um balde de água fria ouvi-lo na boca de outro.

—Ao menos, que não querem tal e como é — continuou Sonja.

— Diga isso você. É desagradável? —a devolveu com toda a indiferença da que foi capaz.

— Lacerante.

—Justamente o que eu penso. E agradeceria que não se metesse em minha cabeça. Eu não gosto.

— Não posso evitar. Se incomodar, não falarei mais disso, de acordo? Mas quero que saiba que entendo. Meu pai me quis. Adam e eu fomos tudo para ele. E minha mãe simplesmente deu a luz, logo me abandonou e se passaram três séculos... Assassinarão-me. A mim, e o pai de meus filhos, Akon.

— Oh, meu Deus! Não pode ser! E Adam o que fez? Sua mãe onde está agora? Por que cometeu algo tão horrível?

— Ruth, há tantas coisas que deve saber. E só você pode fazê-lo entrar em razão. Ninguém sabe nada do que aconteceu, nem nada sobre o que agora está acontecendo. Meu irmão tem que saber e só você pode chegar a ele.

— Como? Vai matar-me!

— Não permitirei. Ele só está confuso.

— Sonja, seu irmão acreditaria no Pinóquio antes que em mim.

Sonja riu diante da ocorrência.

—Adam não sabe que minha mãe está envolvida de algum jeito em nosso assassinato. Ninguém sabe. Tudo foi um complô. Strike e minha mãe estão preparando algo muito grande. Loki tem seu exército em marcha e se serve de todos, compreende? Adam nem sequer imagina o que há atrás de minha morte. Não sabe que você é a Caçadora nem sabe que ele tem um papel fundamental para solucionar as coisas. Nem sequer eu sei. Ninguém sabe nada. Só os mortos que não se deixaram apanhar, como eu, sabemos que a conversa é outra isto dá muito medo, Ruth. — Sonja olhou para a porta— Mas sem a Caçadora não podíamos nos comunicar. Mal imagina como estão as coisas. Não posso continuar aqui. — Elevou a vista e a cravou na porta do quarto— Adam se aproxima, e o ódio que sente por você quebrará seu fluxo energético e deixará de me ver.

— Espera não me deixe sozinha com ele — rogou— tenho medo. — Nos olhos de Sonja havia um brilho de compreensão e outro mais profundo, de diversão.

— Só medo? Ele gosta de você.



— Não! Odeio-o!

— Estarei aqui — assegurou Sonja enquanto desaparecia— Virei buscá-la mais tarde. Você, só obedeça e dê lembranças de minha parte.

Ouviu como abria a porta e logo os passos decididos de Adam.

Ruth ficou tensa. Já o conhecia por sua maneira de andar. Tão seguro, tão prepotente. Esse era Adam.

O corpo enorme do berserker apareceu diante dela. Tinha algo nas mãos. Algo branco e pequeno que lançava ao ar para logo agarrá-lo como uma moeda, mas não ia oferecer nenhuma opção. Nem cara nem coroa.

Ele inspirou fundo e se aproximou da cama onde estava Ruth.

— Minha irmã está por aqui? —perguntou rindo dela.

— Acaba de ir — respondeu Ruth sem olhá-lo no rosto— Mandou lembranças para você.

— Claro. Como não. —sentou no colchão— Abre a boca.

Ruth olhou a pílula e pensou que ia envenená-la. Seus pais, no princípio, também a drogavam. Mas ele ia matá-la Não queria morrer. Era tão jovem... Tinha tanto por viver.

— Disse que abra a boca — ordenou Adam inflexível.

Ruth a fechou com um bico.

— Sonja me falou de Strike e de sua mãe — sussurrou fracamente. Adam esticou e seu rosto se tornou pétreo.

— Tinham seis anos quando ela os abandonou — prosseguiu sem um ápice de medo.

— Se cale. —Sua voz era terminante e enganosamente controlada. Pegou a pílula entre seus dedos e inclinou-se sobre ela.

— Adam! O que vai fazer? Não! Espera! —alarmou-se ao ver que ia fazê-la engolir a pílula— Sonja me disse que sua mãe e Strike têm relação com sua morte...

— Strike! —exclamou ele incrédulo— É uma mentirosa, Ruth — grunhiu. Adam a agarrou pela mandíbula sem nenhuma delicadeza e apertou as bochechas para que abrisse os lábios. Colocou a pílula na boca dela e pôs a mão em cima para que não a cuspsisse. Seus olhos negros a atravessaram— Akon e Sonja morreram em Southampton. Foram duas vítimas mais dos lobachos. Só cospe mentiras.

Ruth o olhava fixamente e negava com a cabeça. Se Adam pensava que engoliria a pílula estava muito equivocado. Quando seus pais a drogavam quando pequena, aprendeu a ocultá-la e fazê-los acreditar que a engoliu.

Até que não viu que Ruth engolia saliva não puxou a mão da boca.

— Faz séculos que minha mãe desapareceu de nossas vidas, e agora solta que foi ela quem matou minha irmã? Eu estava ali, merda. —passou a mão pelo crânio. Ruth observou esse movimento e percebeu que o fazia frequentemente quando estava contrariado— Eu recolhi o corpo de Sonja! Quer me deixar louco? É isso? Por que minha mãe quereria matar Sonja? Nunca lhe importamos, não aparece mais aqui.

Strike era um dos nomes berserkers que associaram à organização Newscientists, que colaboravam com lobachos e vampiros em comunhão, e cujos fins envolviam diretamente o escritório genético de vaniros e berserkers, assim como um montão de métodos de tortura que



aplicavam às duas raças. Fazia tempo que foram atrás dos passos de Strike e de Hummus, o outro berserker traidor que relacionaram, com a mesma organização. Há um tempo, Ás e seus homens tentavam localizar os dois traidores, mas não tinham provas concretas sobre sua morada e agora Ruth falava dele como tal coisa. Era uma farsante.

Adam tinha uma conta pendente e pessoal com Strike. Ele, mais que ninguém, desejava encontrá-lo e arrasá-lo por mergulhar na desgraça o seu pai Nimho, mas ouvi-lo da boca de Ruth o confundiu muito e fez suspeitar indevidamente.

— O que sabe você de Strike? — sacudiu — Onde está?

— Eu... Não sei... — respondeu cansada de ter que dar explicações, alarmada diante do tom dele — estava explicando isso até que você entrou. E direi outra coisa, ela tampouco acredita que eu seja uma assassina.

Adam franziu o cenho. O efeito da pílula era demolidor. Por que Ruth não dormia?

— Abre a boca — voltou a ordenar.

— Adam, pelo amor de Deus, não minte. As coisas estão muito mal e vai acontecer algo horrível se não agirmos rápido. Tire-me daqui. Tem que me ajudar. Eu acredito que posso entender por que me odeia. Se me libertar, esquecerei tudo o que fez. Todos os insultos e humilhações. Simplesmente deixarei de cruzar em seu caminho, não me aproximarei de você. — Embora isso já fizesse nesses dois meses e de nada serviu — Posso esquecer tudo. Pensa que vou matá-lo, e por isso me odeia. Mas está errado.

— E você está equivocada se pensa que a odeio só porque quer me matar. Se tiver algo a ver com Strike, asseguro-lhe que amanhã não verá sair o sol. Por outro lado, respeito meus inimigos, Ruth, se forem valentes e enfrentarem a mim em igualdade de condições. A morte sempre chega de um modo ou de outro. Mas você quis fazer de modo silencioso, nas pontas dos pés. A base de enganos e de fingir algo que não é. A verdade é que me dá um pouco de asco, mulher.

Uma bofetada atrás de outra. Isso era o que recebia da boca de Adam.

— Um dia deste, Adam — desafiou apertando os punhos e forçando a voz até que incharam as veias do pescoço — engolirá essas palavras.

— E você vai engolir esta pílula. A tem ainda na boca. Acha que não me dei conta?

— Espera que engula isso?! Não sou estúpida, vira-lata — cuspiu. A pílula bateu na bochecha dele.

Adam, assombrado, esfregou a área onde bateu a cápsula. Era uma atrevida. Recolheu-a do chão, inclinou-se sobre o corpo de Ruth, meteu a pílula na boca, tomou Ruth pelo rosto e a beijou com toda a raiva do mundo.

Assim de inesperado. Assim violento. Obrigou-a a abrir os lábios, todo dureza e frieza.

Ruth se queixou porque a estava machucando e tentava em vão afastar o rosto. Um soluço afogado brotou de seus lábios.

Adam grunhiu e mordeu o lábio inferior. Não foi uma dentada brincalhona nem divertida. Foi uma destinada a intimidar e a demonstrar quem era o chefe, quem era o dominante. Era Adam, é óbvio.

Ruth preferiu um grito de desespero e Adam aproveitou para colocar a língua na sua boca, enquanto se estirava em cima dela e a esmagava contra o colchão. Com habilidade, deslizou a



cápsula até sua garganta e seguiu jogando com sua língua até que Ruth teve que fazer o gesto de engolir antes de sufocar.

Impressionada, abriu os olhos como pratos. Obrigou-a a engolir o veneno. Maldito fosse. Brigou com ele, presa da impotência e da humilhação, movendo-se contra seu corpo. Adam continuou beijando-a, violando com a boca. Ruth soluçava. Tremia com tanta violência que Adam acreditou que estava se esfregando contra ele. Deslizou as mãos de suas bochechas até seu pescoço, e logo as deslizou mais abaixo até abranger seus seios. Cobriu-os com suas enormes palmas. Ruth ainda usava esse vestido branco e sujo que colocaram para a iniciação, mas importava pouco o que ela usasse. Essa mulher tinha a habilidade igualá-lo como a um selvagem.

Ruth notava todas as carícias como se as fizessem sobre a pele nua. Seu corpo dolorido e hipersensibilizado captava tudo. Ele tocava, apertava e massageava a seu julgamento e vontade, e foi ele, como amo e senhor, quem parou a loucura.

Levantou a cabeça com brutalidade, do mesmo modo que iniciou o beijo. Observou, saboreando a vitória.

A cólera fervia sob os olhos dourados da jovem. Esse detalhe deveria fazê-lo se sentir bem, porque ele quis castigá-la. Mas se sentiu incômodo, porque havia algo mais nessas profundidades ambarinas. Ruth se sabia submetida e cedida diante dele, mas sob essa submissão brilhava uma promessa de vingança.

— Acabou, Ruth. — Amassou os dois seios de uma vez. Enchiam justamente suas mãos. Adam os contemplava embriagado.

— Por que me trata assim? — perguntou com o rosto arrasado em lágrimas. Como podia tocá-la assim? Como se atrevia?

As pupilas de Ruth estavam dilatadas, rodeadas por um fino cerco amarelo. O lábio inferior brilhava com duas gotinhas de sangue, inflamado pelo beijo e a incisão dos dentes dele. Seu cabelo mogno caía emaranhado sobre a suja colcha da cama.

Adam respirava com dificuldade. Não pôde evitar. Os olhos ficaram vermelhos. Vermelho sangue. Vermelho paixão. Mais enfurecido consigo mesmo por perder o controle que com ela, sentou-se escarranchado sobre sua pélvis e voltou a inclinar para beijá-la de novo, mas desta vez mais brandamente.

Ruth sentiu como a cápsula a relaxava. Pensou que sua morte chegava como um plácido sono, sentia que sua ida ia embora, mas encontrou suficientes forças para rechaçá-lo afastando o rosto. Jamais. Jamais a tocaria de novo. A morte era bem-vinda.

— Não — disse Adam retirando uma mão de seu seio para tomá-la pelo queixo — Não vire o rosto para mim.

Parecia possessivo e de uma vez ferido ao ser rechaçado. Por que essa garota fazia que reagisse assim?

— Sonja acreditava em mim — murmurou Ruth, lutando por manter os olhos abertos, afastando-se como pôde de seu escuro olhar — Sonja...

— Ggggrrrrrr — um grunhido animal saiu de sua garganta — Quando vai parar? Deixa disso, Ruth. Estamos você e eu. Ninguém mais.

Ela o olhou pela última vez, tentando transpassar sua alma. Por que não fez o esforço de



acreditar, embora só fosse um pouquinho? Era tão duro, tão frio. Um grosso desalmado, uma carapaça vazia. Alguém perigoso por fora e por dentro.

Quis dizer o que pensou uma vez dele. Dizer antes de fechar os olhos para sempre e antes que se convertesse em seu carrasco.

—Adam, aquela noite...

— O que? Que noite?

— A noite... A noite que me protegeu... —Desesperada, comprovou que sua língua adormecia— Eu pensei que com você estaria segura sempre — tentou sorrir, triste— Não acredito que lembre.

— Birmingham? Aquilo foi um engano.

Ruth sentiu frio na alma. Repetia de novo. Salvá-la foi um maldito engano? Engoliu com tristeza o pouco que ficava de orgulho.

— Mas você... Você me abraçou — recriminou com voz lastimosa— Pensei em você como... Como em um anjo pro... Protetor — arrastou as palavras e sua pálpebras fecharam, mas mesmo assim continuou sua confissão.

— Está se confessando? Não sou um maldito sacerdote — perguntou incômodo por suas palavras. Tinha que cortá-la de algum modo, fazê-la calar.

— Fui tola. Confundi-me. Por que iria querer me salvar, verdade? Salvam a humanos desconhecidos continuamente, mas você teria preferido me deixar morrer. Eu não sou nada para você... Mas pensei... Pensei que... Não importa... Que equivocada estava. Diga a Aileen e a Gab... Gabriel que os amei muito. Vira-lata pul... Pulguento. — Fechou os olhos e ficou adormecida.

Adam se separou dela como se tocá-la queimasse a pele.

— Menina tola. Não vai morrer — sussurrou querendo tranquilizá-la, mas Ruth já tinha os olhos fechados— Eu também me equivoquei. —Deu meia volta se afastando de seu corpo e limpando as mãos em sua calça negra. Ainda formigavam os dedos por tê-la tocado— Eu também.

Deu meia volta, surpreso depois da atitude tão primitiva que empregou com Ruth. Devia fugir dali, dela. Não entendia por que o tinham acertado como um golpe no estômago as últimas palavras de Ruth, porque assim foi para ele. Um murro no estômago dos que deixam sem respiração. Ao fechar a porta, cabisbaixo como estava, encontrou-se com os pés de Noah.

—Adam, cara, parece mal. Vá descansar— sugeriu acompanhando-o a seu quarto— Dormiu?

Adam assentiu com uma inclinação seca.

— Bem. Amanhã me encarregarei de desperta-la — enquanto via como seu amigo se acomodava na cama daquele sublime quarto pintado com murais de Ruth por todas suas paredes, sentiu uma pontada de pena por ele.

Adam meteu a pílula na boca, colocou o antebraço sobre os olhos e esperou que a droga fizesse efeito.

— Sabe o que me disse? —disse com voz fraca.

— Quem? Ruth? —perguntou Noah antes de fechar a porta de seu quarto.

— Falou de Strike.

Noah ficou rígido diante da revelação.

— Sabe algo dele? —perguntou interessado— Necessitamos toda a informação possível,



Adam. Não pode matá-la. Agora não — sentenciou resolutivo.

— Isso decidirei eu. E sabe que mais? — passou a mão pelo rosto e exalou o ar cansado— Me confundiu com um anjo —murmurou engolindo saliva, incrédulo e surpreso de uma vez pelas palavras de Ruth— Um anjo. Pequena tola.

—Não está muito enganada — sussurrou Noah— O que acontece é que você não vê as asas. Descansa, Adam. Amanhã esclareceremos tudo.

Adam caiu em um coma profundo produzido pelo sonífero.

Noah revisou todas as salas que estivessem fechadas. Os meninos já se deitaram e a casa estava em um silêncio quase fantasmal.

Desceu a sala e caiu no sofá de pele, coberto por macias almofadas negras e vermelhas.

A casa de seu amigo era seu lar também. Adam era seu irmão, e os pequenos roubaram seu coração. Entre eles, haviam crescido juntos, e não foi fácil. Bem sabia Odín que depois da morte de sua irmã nada resultou simples.

Não, sorriu melancólico. Não permitiria que nada errado acontecesse. Eles eram sua família, a razão pela qual sua existência nessa terra vã e fria, que só causou sofrimento, fosse mais suportável. Melhor.

Ficou em posição de lótus e simplesmente ficou como um vigia, protegendo aquilo que mais amava.

.Sonja perambulava pela casa como o que era: um fantasma. Uma alma penada, alguém a quem não permitiram encontrar quietude nem paz, e que, além disso, permanecia separada das almas que mais amava. A de seu marido Akon e a de seus filhos.

Entrou no dormitório de Nora e Liam, e sorriu ao vê-los.

Seus filhos. Uns filhos aos que não pôde abraçar. Ninguém sabia o que realmente aconteceu com ela e isso a frustrava. Mas ela sim sabia, soube uma vez morta.

Foram atrás dela e de Akon.

Recordava esse dia como se aquela matança tivesse acontecido ontem.

Estavam em Southampton. Seu amado Akon soltava sua mão, beijava-a na bochecha e ia procurar um sorvete em uma das lojas do centro da cidade. Akon saía distraído da sorveteria e um lobacho cortara sua cabeça diante de seus próprios olhos. Ela ficou em choque ao ver seu marido decapitado. Tentou ir para ele, mas um lobacho encapuzado cortou seu caminho. Só vislumbrou um sorriso malévolo e uns dentes amarelados. O maldito lobacho cravou uma adaga no seu coração e logo a retorceu.

Fugiu tão rápido e veloz que nem o olho humano foi capaz de vê-lo.

Sabia que estava morrendo e não podia sequer nem pedir ajuda. Adam foi a ela no final de cinco minutos, assustado e suarento, já que como irmãos gêmeos, tinham um vínculo muito poderoso. Os lobachos que atacaram já não estavam. Adam empalideceu ao vê-la. Senhor... O rosto de seu irmão ia acompanhá-la cada dia de sua vida etérea.

Encontrou-a no chão, com as mãos sobre sua barriga em um estado de gravidez muito avançada e envolta toda ela em um atoleiro de sangue. A poucos metros, um corpo em posição estranha jazia decapitado. Seu marido. Podia um espírito chorar? Ela estava segura de que



chorava. E muito. A dor era a mesma. Real e agudo à altura do coração. Adam segurava sua mão inerte. Chorava e beijava o dorso enquanto repetia:

—Sonja, não me deixe. Sonja, por favor, fique aqui.

Era inútil. Já nem ouvia. Clinicamente morta. Mas Adam levou seu corpo com ele e o manteve com vida umas horas mais até que puderam intervi-la para tirar de sua barriga Liam e Nora. Seus filhos viviam. Ela não. Assim era a vida.

Agora, de novo no presente, tentou acariciar o cabelo loiro de sua filha. Ainda não a podia tocar. Tão pequena, tão doce. Como doía não poder estar ali com eles. Não poder contar contos ao anoitecer, não poder fazer curativos quando se machucavam, não poder beijá-los e dizer que os amava com toda a alma.

Seus filhos.

Havia um perigo espreitando ao redor. Ela sentia. Ela sabia. E por isso estava aí. Devia salvá-los. Salvar seus pequenos. Salvar seu irmão, e para isso, precisava ter a Caçadora ao lado.

Como espírito que era podia sentir a alma dos mortos e também a dos vivos. Os corpos físicos não podiam se ocultar se uma alma vinha com boas intenções ou com más, a natureza da essência não podia esconder. E a bondade dos berserkers que se aproximavam do lar de seu irmão brilhava por sua ausência.

Assustou-se. Não sabia como proceder, mas sim que devia interceder. Materializou-se diante de Noah. Estava meditando. O jovem loiro ficou como vigia da casa.

Noah abriu seus estranhos olhos. Nem sequer eram dourados, eram da cor do sol, amarelos, alaranjados e vermelhos. Preciosos. Olhou à frente e viu através de Sonja. É óbvio, não a podia ver, mas seu rosto mudou em estado de alerta. Sonja observava tudo como se na realidade ela não estivesse ali. Mas estava, e sabia que alguém entrou na casa por alguma das janelas. Noah também sabia, seu olfato assim dizia.

Adam, drogado. Os meninos adormecidos. Ruth no mesmo estado que Adam.

A situação era crítica e não aparentava nada bom. E se a profecia se cumpria? Na casa havia mais de um berserker e algum e outro lobacho, disso estava segura, e Noah era insuficiente para salvar a todos. Aquilo era muito estranho e inesperado.

Sonja deslizou até o quarto dos pequenos. Devia se comunicar com eles, eram os únicos que podiam fazer algo. Eles deviam salvá-la. Precisava deles, tinham que despertar Ruth. Era a única que podia agir de algum jeito. A vida de seus filhos dependia de Ruth. Ruth não devia morrer. Se ela morresse, acabaria tudo.

Sonja ouviu os grunhidos. Sons bruscos de vidros que caíam ao chão. Algo quebrado. Pés que pisavam nos vidros. Um novo grito.

E de repente Noah estava rodeado por cinco berserkers. Ele era um bom lutador, mas eles partiam com vantagem. Berserkers traidores.

Um chute voador e já caíram dois. Partiu o pescoço com suas mãos em dois movimentos ágeis e rápidos. Mas os outros três tentavam imobilizá-lo. Nem todos eram berserkers, comprovou. Dois deles eram lobachos.

Sonja dava graças a Odín de que a casa de seu irmão fosse enorme e ainda tinha tempo de tirar seus filhos e Ruth dali. Concentrou-se na pequena. Não podia despertá-la, não podia tocar.



Entrou no banheiro de seu quarto e acendeu a luz que bateu totalmente no rosto dos meninos. Sua energia dava para fazer contato com os objetos.

— Liam... —grunhiu Nora com sua voz— A luz do banheiro... Apaga.

—Eu estou na cama — respondeu Liam levantando-se intrigado.

— Quem entrou? Tio Adam? Apaga a luz, por favor — choramingou Nora.

Liam se levantou. Arrastou os pés para o banheiro enquanto esfregava as mãos pelos olhos. Estupefato viu como se abria a torneira e emanava dela água ardendo. Nora! —sussurrou assustado— Venha.

— Deixe-me dormir — respondeu a menina.

Sonja se zangou. Era muito tarde para que seguissem dormindo a sesta. Não podiam despertar às sete horas em um domingo. Ela entendia que os ciclos de sono dos meninos berserkers estavam um pouco desordenados, mas era devido ao crescimento. Entretanto, não podiam deixa-los dormir tanto. Se saíssem desta, falaria seriamente com seu irmão.

— Que horas são? —perguntou Nora bocejando, enquanto colocava as sapatilhas rosa e entrava no banheiro com seu irmão— Nossa... É muito tarde. Tio Adam não nos despertou.

— Nora, cale-se e olha. —Assinalou a torneira ardendo.

O banheiro, de cores pastel e com motivos infantis por todos os lados, encheu-se de vapor, e o espelho se embaçou.

— O que acontece? —perguntou Nora agarrando o braço de seu irmão.

— A torneira se abriu sozinha — respondeu Liam aumentando os olhos.

— Liam! Deixa de me assustar — rogou Nora aproximando-se mais dele.

Liam, que era um berserker em todos os princípios, protegeu a sua irmã pondo seu corpo entre ela e a torneira. Sonja sorriu enternecida, e se concentrou para poder escrever a mensagem que tinha que dar.

A princesa Leia está em perigo.

Têm que despertá-la. Ponham a injeção vermelha que guarda tio Adam no estojo de primeiro socorros. E deem sua aljava. Depressa!

Sou a mamãe.

Nora e Liam se olharam um ao outro. Sonja os observou. Os pequenos não estavam tão assustados como ela acreditava.

— Mamãe? —sussurrou Nora— Nossa mamãe está em *Asgard*. Quem é?

Sonja voltou a escrever. *Mamãe.*

Não estou no céu, estou aqui mesmo, querida.

— É um jogo — disse Liam como se tivesse ligado uma luz— Tio Adam quer que joguemos a Guerra das Galáxias! Eu contei que era Luke Skywalker e ele deve ser Han Solo. Corre, Nora — disse emocionado— Terá que salvar a princesa — elevou um punho orgulhoso.

Bom, não estava mal que eles o vissem como um jogo.

— Que injeção quer que ponhamos? —perguntou Nora entrando como um foguete na despensa onde Adam guardava todos os remédios.



— A vermelha... —Liam mexia nas caixas de pílulas, xaropes, pós, unguentos— Não a vejo. Ei, aqui está o aljava! —exclamou vitorioso.

— E a injeção? Olha aí — Nora estendeu o braço para agarrar uma pochete negra— Tio Adam a leva sempre consigo quando sai —a abriu e encontrou o que procurava.

— O que são todas estas pílulas? Há muitas injeções — murmurou Liam tomando a injeção correta entre suas mãos.

Sonja estava tão assustada. Materializou-se diante de Noah. Ainda estava brigando com os três agressores. Vinham por Adam e seus pequenos. Ela sabia. Lia em suas mentes. Retornou com seus filhos que desciam sigilosamente a escada e paravam diante da porta que dava ao lugar onde Ruth se encontrava.

Liam e Nora deram um pulo ao escutar um grunhido e logo uma janela que quebrava.

— Liam! —Nora agarrou a camiseta de seu irmão— Está acontecendo algo... Não estamos brincando.

Isso. Depressa!

— Corre! —Liam introduziu a senha para que se abrisse a comporta. Eles sempre souberam que a chave era o dia em que eles nasceram. Mas tio Adam não tinha que saber disso porque se não eles deixariam de brincar de detetives e... Eles adoravam brincar de detetives como Grison e Horatio.

Sonja sorriu orgulhosa. Aos dois meninos não escapava nada. Eram inteligentes.

Desceram as escadas dando saltos, e pararam em seco quando viram o corpo pálido e esbelto de Ruth, preso à cama daquela escura sala. Parecia morta.

— É a princesa? —perguntou Nora aproximando-se e observando-a como se nunca tivesse visto uma mulher— A conheço... — sussurrou tocando seu cabelo.

— Sim. É a princesa Leia.

— Quem a machucou? —estremeceu e com suas mãos afastou o cabelo do rosto dela— É muito bonita, verdade?

Seu tio é um tolo.

— Não sei, Nora. —Liam se dispôs a soltá-la, mas parou— Onde a levamos?

Para qualquer lugar, pequenos. Tenham pressa, por favor.

— Espeta na nádega, Liam — disse Nora olhando para as escadas— Espete aí. Está acontecendo algo muito feio. —escutou um grito— Esse é tio Noah? Onde está tio Adam? — perguntou assustada.

Liam olhou sua irmã. Estava ruborizado.

— Espete você — gritou ele em um sussurro.

— Traz — Nora olhou Liam desaprovando-o— Homens! —exclamou dramática— Me ajude a girá-la.

Essa é minha Nora. Decidida como sua mãe.

Liam a girou sem dificuldade, os meninos berserkers tinham muita força.

Nora se concentrou enquanto mordida a língua. Levantou um pouco o vestido.

— Não olhe, Liam — disse sua irmã— É uma garota. Não pode vê-la.

Sonja olhou como sua filha procedia a espetar Ruth. Sentia-se tão orgulhosa deles que não



pôde evitar emocionar-se ao vê-los em ação.

Liam girou e vigiou a escada.

Nora observou a dentada que tinha aquela garota na nádega.

— A mordeu um cão. Isto deve ser uma vacina. —E depois dessa observação, a menina ficou cheia de si.

Sonja começou a rir ao escutar a conclusão a que chegou sua pequena.

Ruth abriu os olhos, em apenas sentir como o estimulante corria por seu sangue.

Nora retrocedeu e jogou a injeção no chão.

— Liam, está acordada — avisou a pequena.

Liam correu para ela.

—Eu a libertarei, princesa — assegurou o menino.

Ruth aniquilada e sonolenta quis responder, mas tinha a garganta adormecida. Não estava morta? Quantas horas tinha dormindo? Adam não a envenenou?

O menino agarrou as correntes e a corda, e simplesmente as quebrou com uma força animal. Nora puxou a mão de Ruth, e a ajudou a levantar.

—Algo está acontecendo na casa —explicou Nora— Nos disseram que temos que lhe despertar.

Ruth olhou àquelas duas criaturas que pareciam anjos. Limpou a garganta.

— Sonja? —perguntou com voz pastosa olhando a seu redor— Diga que ainda continua aqui.

—*Aqui estou* — respondeu o espectro.

— Não... Não a vejo —se sentia desorientada.

Sonja se materializou em frente dela.

— Ruth, tira os meninos da casa e oculta-os no bosque.

— Continuo viva?

—Disse a você que a tiraria daqui. Agora tira meus filhos desta casa, e me devolva o maldito favor — espetou Sonja desesperada— Rápido, não há tempo a perder!

A mente de Ruth não teve tempo para processar a informação. Suas pernas precisavam correr como nunca, seus músculos tremiam, e o sangue rugia nos ouvidos. Estava viva, e agora livre para poder lutar por sua vida de novo. E aparentemente também tinha em suas mãos a vida daqueles pequenos. A adrenalina impulsionou seus pés para frente, levando a menina pela mão.

— Pegue a aljava, rápido — ordenou Sonja.

— A aljava... —Ruth olhou a seu redor. Ah, sim! O menino o tinha nas mãos enquanto o olhava absorvido — Me dê isso?

— Isto é seu? —perguntou assombrado.

Liam olhou a aljava de madeira branca e símbolos élficos e logo a Ruth. Ofereceu sem duvidar.

Assim que aquela arma tocou suas mãos, sentiu-se poderosa. Assim era essa sensação... A Caçadora sentia o poder em cada fibra de seu ser. O pendurou às costas e tomou Liam e Nora pelas mãos.

— É o estimulante, Ruth — explicou Sonja— Por favor, não faça nenhuma loucura.

— Não, é o poder — respondeu ela passando língua pelos lábios ressecados.



— Eu não sei como se sente a Caçadora, mas acabam de colocar a quantidade de estimulante suficiente para despertar um elefante. É o que se injetam os berserkers se alcançarem as cápsulas que disparam os lobachos e os vampiros. Deixam-nos OK imediatamente, conscientes, mas com o corpo morto. O que injetou Nora é o que se injetam eles para não ficar imóveis.

— Que bom — exclamou Ruth sem ânimo — Não sinto medo, não sinto o perigo, sou uma autêntica inconsciente com duas crianças agarrados pela mão. E tudo porque me drogaram. Que mais me pode acontecer?

— Nos chamamos Nora e Liam. E a salvamos — informou Nora com sua doce voz.

Ruth a olhou e sorriu com doçura.

— Sei. Eu sou Ruth. Se agachem — ordenou. Um corpo enorme se chocava contra a parede que havia atrás deles. Não era nem o corpo de Noah nem o de Adam — O que está acontecendo?!

— Não sei! — disse Sonja — Mas tem que tira-los daqui. Vêm atrás dos meninos e de Adam. Não sabem que está aqui.

— E Adam? Onde está? — esconderam-se atrás da barra americana que havia na sala de jantar.

— Dormindo profundamente, como estava você faz um momento.

— Terá que despertar tio Adam — pediu Liam — Tem que ajudar tio Noah e ele nos protegerá logo — suplicou olhando seu rosto.

Ouviam os gritos, os rasgões, os ossos partindo, os murros e o som da carne contra a carne. Era a guerra. E voltava a estar no meio.

— Nem pensar, Ruth. Tire-os, antes eles. Eles devem estar em lugar seguro — pediu desesperada Sonja.

Ruth assentiu ao ver o medo nos olhos semitransparentes daquela mulher e correu com as duas crianças nas costas até sair ao exterior. Chegava o crepúsculo, estava escurecendo. O bosque se abria diante deles, insondável e espesso.

— Mas, que horas são? Quanto dormi? — perguntou desorientada.

— São perto das sete e meia da tarde. Dormiu umas dez horas.

— O que? — exclamou horrorizada enquanto corria com as crianças enganchados a ela.

— Nora e eu temos um lugar secreto no Totem! — gritou Liam.

— Não sei chegar até ele — disse Ruth olhando para todos os lados.

— Nós sim — respondeu Nora — A levamos.

Seguros pela mão, correndo como animais, empreenderam o caminho para o Totem.

Adam abriu os olhos. Seu corpo tremia convulsão após convulsão. Seu quarto seguia às escuras. Esticou a mandíbula e o coração se acelerou. O que acontecia?

Uma mão o sacudiu com pouca delicadeza.

— Adam! — gritou Noah.

Levantou-se como se tivesse uma mola nas costas. O lençol escorregou e caiu no chão. Deitou vestido.

Algo ia errado. Sentia em seu corpo, no rugido do sangue em seus ouvidos, na respiração agitada. Olhou Noah.

— O que acontece?



—Adam... —Noah respirava com dificuldade— Adam, entraram na casa enquanto dormiam. Eram cinco. Tentei parar, e fiz isso, mas...

Adam levantou com o rosto pálido.

— Mas o que?! —sentia desorientado— Onde estão os meninos? E Ruth? Quem eram?

Noah fechou os olhos com força e negou com a cabeça.

— Eram berserkers e lobachos, cara. Mas não os conheço. Eu... —gemeu de dor— Cara, vieram aqui como selvagens. O último que pude ver foi Ruth levando aos meninos daqui.

— Puta! —gritou com todas suas forças. Saiu possuído de seu quarto e desceu as escadas de um só salto— Venha comigo, Noah!

—Adam.

Este girou e olhou para cima. Então viu Noah, viu-o realmente. Tinha seu corpo ensanguentado e fechava os olhos. Caiu de joelhos ao chão e parecia que desmaiaria.

— Colocaram algo... Mal posso me mover. Meu corpo deixará de seguir as ordens de meu cérebro em pouco tempo.

— E os estimulantes? —perguntou aproximando-se dele e agarrando seu queixo— Onde os tem? Está todo ferido...

— O último injetei em você. Está em melhores condições que eu. Vá atrás ela e dos pirralhos, Adam. Estou seguro de que há mais de um ali fora.

Adam assentiu.

— Espera! —disse Noah— Sabe onde podem estar?

— Sei muito bem onde estará essa mentirosa.

Claro que sabia. Em sua profecia, Ruth o esperava no Totem.

CAPÍTULO 10

Nora e Liam não deixavam de tremer.

Ruth os abraçava como podia, mas estavam tão assustados que não sabia como acalmá-los. Doíam os braços e as pernas por ter estado tantas horas atada na mesma posição.

— Não façam ruído. Permaneçam quietos e em silêncio — sussurrou.

Liam os levou a seu esconderijo secreto, um orifício suficientemente grande para que penetrassem duas crianças pequenos, mas não tanto para que coubessem três pessoas, uma adulta entre elas. Ruth estava de cócoras fora da pequena caverna. Os pequenos não perdiam detalhe dela.

— Quem eram esses homens? —sussurrou Nora com tristeza— por que batiam em tio Noah? —soluçou— Quero tio Adam. Quero que venha...

— Chist, querida.

Ruth se aproximou dela e acariciou o cabelo loiro e ligeiramente emaranhado. A pequena era bonita.

— Não sei quem eram, céu —respondeu Ruth secando as lágrimas com os polegares— Mas sei que não são bons.

— Tio Adam estará bem? —perguntou Liam, fungando.



Adam. Não tinha nem ideia do que aconteceu com ele. Nem tampouco sabia que esse homem frio e perigoso tivesse em sua responsabilidade dois meninos pequenos. O último que sabia dele era que a tinha beijado, tocado e drogado. Estava enfurecida. Tanto, que não sabia se preferia que o tivessem matado. Mas não, não era verdade. Não queria que lhe acontecesse nada. Uma parte egoísta dela não queria isso. Ela era inocente, e necessitava que ambos vivessem só para ver rogar seu perdão, e para comprovar se realmente era tão mau como se esforçava em parecer. Por isso, e também por aqueles dois frangos assustados que se agarravam a seu vestido como um pedaço de madeira flutuante em meio de um maremoto.

— Ele é forte — respondeu finalmente — Estará bem.

— Ruth, aproximam-se outra vez — alertou Sonja aparecendo de novo diante dela.

— Por onde? — perguntou Ruth.

— Verá aparecer em trinta segundos. Agora já a cheiraram e também vêm por você. Surpreenderam-se vê-la na casa de Adam. Pelo visto, não esperavam.

— Por mim? Querem me matar? — Ruth estendeu a mão a aljava vazia — Não tenho nenhuma maldita flecha. E as crianças? Como acha que devo defendê-los, Sonja?

— Fala com... Mamãe, verdade? — perguntou Liam abraçando a sua irmã — Escreveu-nos uma mensagem no espelho de nosso banheiro, mas ela está morta — explicou contrariado.

Ruth olhou Sonja com tristeza. Os olhos da mulher eram o reflexo de sua alma. Desejava aparecer diante de seus filhos.

— Eles não podem ver nem ouvir? — perguntou.

— Poderiam se você deixasse. A Caçadora pode fazer que outros vejam o que você vê, mas não é o momento. Embora desejo com todo meu coração...

Apontamento mental: se saísse viva dali, faria que Nora e Liam vissem sua mãe.

Ruth aguçou o ouvido e sentiu os passos longos e constantes daqueles que os perseguiram.

— Onde estão? — gritou uma voz de homem — Ele os quer vivos, não os machuque!

Ele? Quem era ele?

— Strike — respondeu Sonja com o rosto envolto em chamas de ira.

— Está aqui? — perguntou Ruth assombrada.

— Não. Prefere enviar seus comparsas. É um covarde.

— Peguem os meninos. Deixem a garota — disse outro deles farejando o ar — Tenho algo para acertar com ela.

Ruth reconheceu essa voz. Elevou um pouco a cabeça para confirmar suas suspeitas.

— Não deixe que Julius a apanhe, Ruth. Sua intenção é fazer o que não fez meu irmão.

Ruth rangeu seus dentes. Esse homem não só era um mentiroso, mas também, além disso, era um traidor. Aí estava, cheirando o ar, com a juba frisada e loira e os olhos escuros, frios e vazios. Ela o mataria por mentir sobre ela.

— E o noaiti? — perguntou outro berserker de tez escura e braços tão grossos como as pernas.

— Já deve estar morto — respondeu Julius — O que não entendo é como saíram às crianças dessa casa com uma humana. Que fazia ela ali? Não devia estar com eles nesse momento. Terá que matá-la antes que nos delate.



— Ruth! Vou acabar com você! — gritou outra voz furiosa que se aproximava para onde eles estavam.

Assim que ouviram a voz de Adam, os berserkers se esconderam subindo às copas das árvores como perfeitos pumas.

Estremeceu. A voz jorrava fúria e dor em todos seus tons. Não sabia quem ia por ela antes, se Julius e os outros ou Adam. Abaixou e cobriu aos meninos, que a olhavam a sua vez como se ela fosse à salvadora da humanidade.

Adam chegou a clareira do bosque. A vários metros de onde ele estava e erigia o Totem como guardião do território do Wolverhampton. Os berserkers estavam escondidos, e ele não os via. Teve vontade de avisá-lo, mas se gritasse a quatro ventos, outros também a veriam e as crianças.

Adam inalou as partículas de ar de seu redor até perceber o perfume de Ruth.

Seus olhos se tornaram amarelos e selvagens, e cravou seu olhar no Totem.

— Encontrei — sussurrou olhando a escultura de pedra com cabeça de lobo. Justo debaixo, no pequeno espaço que fazia a saliência da rocha, achavam os três escondidos.

— Ruth, há dois berserkers atrás de meu irmão. Estão a ponto de matá-lo!

Sonja estava de pé, com o queixo elevado e olhando diretamente a Adam. Como era um espectro, ninguém a via.

— Caçadora, faça algo... Por favor. Tem que o ajudar. Meu irmão necessita ajuda!

Ruth olhou Sonja, e logo Nora e Liam. Não sabia como proceder, como agir.

A aljava está cheio de flechas. Só você as pode ver. Só você as pode tocar. Envia a essas pessoas ao lugar de onde vieram, Caçadora.

Ruth não podia acreditar no que ouvia. Estava segura de que eram Maria e a sacerdotisa. Recebeu uma imagem mental delas, as quatro permaneciam juntas com os olhos fechados, com as mãos unidas, desenhando um triângulo perfeito com Maria no centro. Estavam acompanhando. Meditavam e contatavam com ela para dar seu apoio. Não a abandonaram como disse Adam. A ele também o mataria por mentir.

Ruth engoliu saliva. Inspirou com profundidade até encher seus pulmões de esperança e coragem. Levantou e tudo aconteceu em câmara lenta. Estendeu a mão.

— Sylfingir! — Nesse momento, um arco de linhas élficas de cor marfim de peso leve se materializou em suas mãos. Emitia luz.

Adam cravou nela seu olhar, e ela cravou nele. Ruth se arrepiou como um gato ameaçado. Julius e o berserker negro avançavam para Adam com umas armas que pareciam machados.

Ela apertou os dentes.

Adam rugiu como um animal e seu corpo mudou de tamanho enquanto não deixava de gritar. Era imponente. Seus músculos se incharam, os traços de seu rosto se afiaram, seu cabelo negro e liso cresceu brilhante, livre, insolente. Seus olhos brilhavam raivosos e amarelos, e ela não podia deixar de olhá-lo. Entretanto, não dava medo, embora acelerasse seu coração vê-lo daquela maneira. “São os estimulantes”, disse.

Adam deu um grande passo para ela, ignorante dos berserkers que tinha atrás. Cegava-o o ódio e a determinação.



Ruth levou sua mão à aljava vazia, e esperou encontrar essas flechas que ninguém, exceto ela, via. Seu coração deu um tombo. Tocou algo, passou entre seus dedos, e com suma rapidez e elegância, que adquiriu em quase quinze anos que praticou arco e flecha, colocou-a na tensa corda. Não era uma flecha material. Era uma flecha cheia de luz azulada e queimava ao tato. Sem tempo para poder observá-la melhor, centrou seu olhar nos dois berserkers que iam dar a primeira machadada em Adam.

Não podia acabar com os dois de repente. Acabaria primeiro com um e esperaria que Adam reagisse para proteger-se do outro.

Adam soube. Ia matá-lo. Aquela era a imagem de seu sonho. Ela disparando uma flecha. Ele caindo fulminado imediatamente.

Só duas coisas não aconteceram em sua profecia. A primeira era que não a atirou, e a segunda, que Ruth não usava nenhum capuz vermelho sobre a cabeça. Tudo aquilo foi simbólico.

Ruth atacou primeiro o que estava mais perto de Adam. Soltoou a corda do arco, e a flecha passou roçando a têmpora de Adam, cravando-se entre as sobrancelhas do berserker negro. Não chegou a tempo para evitar que Julius cravasse o extremo de uma de suas machados na parte posterior da coxa de Adam. Este gritou impressionado, caindo bruscamente para trás.

“A flecha acertou minha perna?”, pensou Adam. Não era possível. Sentiu justo atrás da coxa direita. Quando Adam abriu de novo os olhos, Julius sorria. Olhava-o fixamente enquanto retirava a arma para voltar investi-la de novo. Adam não podia decodificar o que acontecia. A seu lado, um berserker ao que não conhecia estava em coma, com uma flecha cravada na cabeça. Que demônios acontecia? Por que Julius o atacava? Ruth falhou? Que merda acontecia?

— Acabou seu legado, noaŋi— disse Julius ao seu ouvido antes de elevar de novo o machado para cortar sua cabeça— Vêm outros tempos no Midgard.

Entretanto, a cabeça de uma flecha iridescente foi a que atravessou o plexo de Julius.

— Puta! —gritou este dobrando pela dor e caindo de joelhos ao chão— Vão atrás dela e peguem as crianças! Sobretudo as crianças!

Antes que acabassem as forças, Julius voltou a elevar a arma para dar a estocada final em Adam e cortar seu pescoço.

Adam elevou um pouco a cabeça para ver como Ruth voltava a tirar uma dessas estranhas flechas, esticando na corda do arco. Ele também esticou diante daquela imagem. Ruth parecia brilhar, estava tocada por algum tipo de luz divina e celestial. Um anjo. O mataria agora?

Antes que o machado de Julius chegasse a escassos centímetros da garganta de Adam, Ruth soltoou a outra flecha. Atravessou o pescoço de Julius e este caiu a seu lado fazendo convulsões, com os olhos girando.

Três berserkers mais se dirigiam para Ruth, mas ela não seria tão rápida para trespassá-los com suas flechas encantadas.

Adam levantou-se coxeando com sua perna machucada. Onde estavam seus sobrinhos? Ruth derrubou um dos três que estavam atacando. Não entendia o que tinha essas flechas para deixar tão prejudicado um berserker, mas se alegrou por isso. Outro mais apareceu atrás de Ruth, e se colocou entre ela e os outros dois que iam atacá-la.



Não era um berserker qualquer. Era Ás. Que fazia Ás aí?

Ás grunhiu como um tigre e bloqueou os outros dois como um lutador de pressing catch.

Dois mais caíram das copas das árvores e se colocaram atrás de Ruth.

As crianças a alertaram ao gritar, e ela deu a volta o suficientemente rápido para disparar um deles e derrubá-lo. O outro puxou os meninos de seu esconderijo. Ruth soltou o arco e este se desmaterializou no ar. Com um grito, saltou sobre o berserker que levava os meninos e, agarrando a seu pescoço como uma ventosa para que não pudesse ir com eles, apertou os braços em torno dele.

—Solta-os! —gritou puxando-o pelos cabelos.

O berserker tentou lançá-la pelos ares, mas algo o impediu.

Adam, que foi veloz, com uma ferida na perna em que se via até o osso, agarrou e afundou o punho em seu peito, até arrancar o coração e esmagá-lo entre seus dedos. Morreu no ato, e Ruth e os meninos caíram ao chão com ele.

Um último berserker que apareceu entre as árvores puxou umas imensas garras e arrancou parte da pele das costas de Adam. Já só ficava ele. Adam uivou, e ao girar, cravou seus dedos em sua garganta até extirpar a traqueia em um movimento duro e seco. Logo lançou-se sobre ele, com seus joelhos sobre cada ombro do traidor, e fazendo alavanca com suas mãos, arrancou sua cabeça.

Ruth o olhou horrorizada enquanto recuava com ambos os meninos agarrados como mariscos a seu torso. Não queriam abrir os olhos, pois temiam que o que iriam encontrar. Sangue. Ira. Morte. Destruição.

Adam ficou olhando o berserker e logo, como um robô, buscou a ela com o olhar. Seus olhos amarelos se concentraram em Ruth. Um absoluto e preciso escrutínio.

Ela não queria olhá-lo, assim afundou o rosto na cabeleira de Nora para sussurrar:

—Já passou, pequenos. Olhem, Adam está aqui. Já passou tudo —a beijou no topo da cabeça. Os pequenos tinham que tranquilizar e ela também.

Adam processou esse gesto em sua mente sobressaltada. Ruth protegia seus sobrinhos e dava consolo. Brigou como uma amazona, enfrentou a um berserker que era quase o triplo que ela. E... O salvou.

Salvou-o.

Olhou para trás para ver o que aquela garota provocou com suas “flechas”. Os berserkers que os alcançaram seguiam no chão, gritando de dor, inquietos e soluçando como crianças.

Do que eram feitas? Três. Três guerreiros tombados. Ok completo.

Voltou a olhar surpreso. Salvou de verdade.

Algo em seu estômago revolveu quando descobriu que Ruth estava cheia de arranhões nos pés, pernas e braços. Agora, suas pernas e a planta de seus pequenos pés sangravam por seus cortes. A sensação de enjoo do estômago subiu até seu peito, e ali se fez uma bola. Seu rosto ainda arroxeadado e o ombro ainda inchado. Os lábios, o inferior machucado por seus beijos, tremiam, e seus olhos não deixavam de brilhar pelas lágrimas. Ruth chorava. Essa garota estava chorando.

O nó do peito explodiu, e sentiu que ficava sem voz, ou melhor, sem palavras que pudessem



expressar o que estava sentindo nesse momento. Por ela. Por aquela garota de corpo esbelto e pequeno, cheia de vulnerabilidade. Era humana, poderia ter morrido.

Não pensou. Deu um passo à frente, para fazer algo, talvez estar mais perto. Cheirar melhor. Reconhecer que... Maldição! Equivocou-se tanto que nada poderia desculpá-lo.

Ruth se aproximou à árvore ao ver que ele ia para ela. Tinha medo. Se Adam se aproximava um milímetro mais, começaria a gritar como uma histérica. A adrenalina era muito potente. Nervosa por sua iminente proximidade, deu-se conta de que Adam cresceu o cabelo o suficiente para fazer algumas tranças dos lados. Seus olhos ainda estavam amarelos, os incisivos retrocediam entre seus lábios e seu corpo agora relaxava para voltar a recuperar o tamanho normal. Um X menos de estatura.

—Adam, não se aproxime —ordenou uma voz de mulher.

—Aileen! —gritou Ruth aliviada, levantando com os meninos grudados a ela.

Ele girou para verificar que tanto Aileen como Caleb estavam ali. Caleb, todo vestido de negro, sempre na moda, o olhava com seus olhos verdes glaciais. Tinha o rosto salpicado de sangue. Ele também havia lutado. Mas quantos participaram dessa armadilha?

Aileen passou por seu lado censurando-o e mostrando as presas.

A morena parou em frente a Ruth. Inspeccionou seu rosto, xingando entre dentes ao ver os hematomas e os machucados que tinha no rosto e no corpo.

— Pensei que me abandonou —sussurrou Ruth afastando o rosto diante do toque cuidadoso de sua amiga. O rosto ardia.

— Nunca, Ruth.

— Sabia! Deixou que me levasse! —gritou abraçando os dois meninos que não a soltavam.

—Eu não queria. Neguei, mas todos confiávamos em que você era inocente e que Adam não lhe faria mal.

— Pois se equivocou! —voltou a gritar secando as lágrimas de um tapa— Todos se equivocaram! Esse homem é um psicopata!

Caleb agarrou Adam pelo pescoço e o chocou contra o Totem, retendo-o com seu braço e pressionando sua traqueia. O cabelo comprido de Caleb ondeava ao vento com tanta fúria quanto irradiavam fúria suas palavras.

— A machucou? —grunhiu Caleb apertando a garganta com mais força— Você fez o que tem no rosto? Golpeou-a?!

— Não —respondeu Adam sem perder o olhar de Caleb— E é melhor você me soltar.

— Não ocorra me ameaçar.

— Não me provoque então. É forte, vaniro, mas eu estou muito irritado.

Aileen seguiu seu companheiro de esguelha. Caleb podia ser muito rude quando queria.

— Caleb, mantenha-o aí. — pediu com os olhos lilás implorantes— me olhe, Ruth— pôs a mão sobre a bochecha de sua amiga— Ele fez isto?

Ruth observou Adam o suficiente para ver que ele estava dependendo de sua resposta. O que esperava que dissesse? Atreveu-se a fazer de tudo, mas não lhe bateu. Liam também esperava a resposta com tensão. Parecia, para Liam, ser importante o que dissesse ela.

— Não, ele não me bateu —respondeu seca.



Aileen relaxou os ombros e suspirou.

— Bem. Tranquiliza-me saber. Ruth, não sei o que contou Adam, mas não a abandonamos nunca. —assegurou-se de que sua amiga a escutasse, segurando-a brandamente pelo queixo— Sabíamos o que pensava Adam, os sonhos que teve. Tudo foi muito precipitado. Informaram ontem mesmo disso. Maria e meu avô obrigaram Daanna e a mim a ficar à margem. Meu avô estava convencido de que ele não faria nada. Assim decidiu deixá-la em suas mãos.

Que ele não lhe havia feito nada? Ainda sentia como ardia a dentada que deu na nádega. Pode ser que Adam não bateu nela, mas era óbvio que a tratou mal. E ninguém sabia a humilhada que se sentiu por ele, nem a vontade de revanche que fervia em seu interior.

— Claro. E deixaram que me mantivesse presa —Ruth a olhou fixamente— Ele acreditava que eu ia matá-lo —disse em voz baixa só para que ouvisse Aileen— Maldição! Estava convencido do mesmo modo que estava Caleb sobre você. Recorda o que ele fez com você? Não foi amável, verdade?

Aileen apertou os dentes presa da raiva. Conhecia esse brilho furioso nos olhos de Ruth. Ela mesma teve o mesmo quando Caleb a sequestrou. Ele também a tratou mal. Mas logo, inesperadamente, tudo mudou.

— Vou perguntar isso outra vez — sussurrou Aileen engolindo saliva. Não desejava que sua amiga tivesse passado pelo mesmo— Adam fez... a machucou?

— Sim — disse Ruth, sentindo como o berserker se estremecia. Já voltavam as lágrimas, de novo.

Liam ocultou o rosto no estômago de Ruth, desolado.

— Não —soluçou Liam— Tio Adam não quis fazer mal. Ele não faz mal às meninas.

Caleb olhou Adam e mostrou as presas.

— Que merda lhe fez, Adam? —sacudiu— Não devia tocá-la. Dissemos que não...

— Não tente me dar lições de falsa moralidade. Todos sabemos o que fez com a neta de Ás —Adam assinalou Aileen com o queixo.

— Paguei por isso —grunhiu o outro.

— Vocês dois, já é suficiente! —exclamou Aileen. Voltou a se concentrar em sua amiga— A verdade, Ruth.

Ruth fechou os olhos e engoliu saliva diante do interrogatório de Aileen.

—Adam é um homem horrível, mas não me machucou como imagina —esclareceu envergonhada—Não. Bom. Enfim... Foi um grosso e sim que me machucou, mas não são feridas que possam se ver por fora. Não me... Não me violentou se for isso o que está me perguntando. —Baixou os olhos.

Aileen assentiu com tristeza.

— Bateu em você?

Ruth lambeu o lábio e desejou apoiar a nádega dolorida contra algo que pudesse acalmar a ardência.

— Não.

Ás caminhou para Adam com o porte solene, irradiando poder e respeito com sua aura.

— Está bem. Solte-o, Caleb —ordenou o leder com voz potente. Adam o olhou, e baixou os



olhos como um cão intimidado que sabe ter se comportado mal. Caleb se afastou— E você, Adam, olhe para mim.

— Leder, cumpriu-se minha profecia. Mas eu a interpretei mal —elevou o queixo mostrando um orgulho que para ele foi difícil resgatar. Sentia-se mal.

— Continua vivo, estúpido vira-lata! —gritou Ruth indo para ele com o rosto aceso. Queria batê-lo. Mas não podia caminhar com os meninos grudados, enganchados virtualmente a suas pernas— Não se cumpriu nada. —serenou e acariciou a cabeça a ambos, obrigando-se a relaxar.

— O que acha que devemos fazer agora com você, Adam? —perguntou Ás repreendendo com dureza— Onde está Noah? Supunha que devia vigia-lo e cuidar dela —assinalou Ruth.

—E o fez, leder. Cuidou de nós. Está ferido gravemente, em casa —respondeu Adam voltando a olhar Ruth. Seus sobrinhos não se separavam dela, como se fosse o único prego ardendo ao que se amarrar.

— Como aconteceu tudo isto? O que está acontecendo? —perguntou Ás abrangendo o bosque com um gesto de sua mão— O que pretendiam estes berserkers? Alguns eram de nosso aquelarre, mas os outros, nunca os vi em minha vida. Não viu nada em suas profecias?

— Não, maldição. Só via ela, Ruth. Atacaram-nos em um momento de fraqueza —respondeu Adam olhando de frente— Eram cinco. Ruth e eu estávamos inconscientes. Droguei-a para que dormisse e passasse o dia mais rápido. Eu... Estava muito nervoso —explicou aflito pensando em seu comportamento para com ela— Logo me droguei. Despertei com Noah a meu lado, ensanguentado. Ele me aplicou o estimulante para que reagisse. Explicou-me que vieram nos atacar, que os que entraram em minha casa não eram de Wolverhampton. Não os conhecia. E me disse que Ruth e os pequenos conseguiram escapar. Alguns lobachos os acompanhavam, maldição.

—Vá à merda —disse Caleb chutando uma pedra e fazendo-a pedacinhos.

— Como escaparam, menina? —Ás se dirigiu a Ruth com o rosto mais adoçado.

— Agora importa? Estou zangada com você, Ás. Estou muito irritada com todos vocês, não pense que isto vai ser como antes. Traiu-me —seu rosto refletiu toda a dor que sentia— por que teria que ajudar?

— Ruth —exclamou Aileen, impressionada pela resposta de sua amiga.

— Ruth, o que? —respondeu ela. Estava cansada, dolorida e confusa. Não podia acreditar que seus amigos, os que ela estava ajudando, a deixaram nas mãos de alguém que a odiava tanto como Adam— O que esperava? —gritou— Quem me protegeu dele?

— Se acalme, Ruth. Tem razão. Perdoe-nos. —Aileen a abraçou com força e a tranquilizou.

— Não quero me acalmar, deixe-me em paz —murmurou sobre o ombro de Aileen, mas não rechaçou seu abraço— foi horrível. Só tenho vontade de arrancar sua cabeça. Foi um idiota. E vocês também.

Aileen queria matar Adam. Olhou Caleb e seu avô com preocupação e raiva. Ruth estava muito alterada, e era normal. Ela tampouco se perdoava de tê-la deixado nas mãos desse louco.

— Nos conte, Ruth —pediu Ás com humildade— Por favor.

Ruth, mais tranquila, começou a explicar o que aconteceu desde que entrou na caverna e a iniciaram. Todos ali presentes ficaram boquiabertos, assombrados pela história que narrava.



— Acontece que sou a nova Caçadora. Desde que cheguei aqui escutava a voz de uma mulher que pedia ajuda e que dizia que algo terrível aconteceria. Depois de minha iniciação no Alum Pot, pude ver fisicamente essa voz e por fim falar com ela sem medo. Trata-se de Sonja, a irmã de Adam.

Adam empalideceu por ouvir de novo o nome de sua irmã. Escutou todo o relacionado com Sonja, com a espreita das almas escuras. Escutou como aquela jovem falava sobre sua mãe e Strike, e sobre o que Sonja disse que Lillian fizera com ela.

— Por que faria isso? —perguntou Ás consternado— Era sua filha. Por que a matou? O que pretende Strike? Onde está? Adam, você o entende? Como a matou? Estava ela na briga?

Adam tinha o olhar perdido. Sua irmã se pôs em contato com Ruth, e ele não acreditou. Sentiu os joelhos frouxos e deixou-se cair ao chão.

Sua mãe... Participou de algum jeito no assassinato de Sonja. Cravou os dedos na terra e arrancou as ervas daninhas de supetão.

— Terá que averiguar o que há por trás de tudo isto. Quais são os motivos de Strike e Lillian para fazer o que têm feito? E você, Ruth? Como escapou?

—Eu — esclareceu garganta— estava... Estava atada à cama. O vira-lata me drogou —o olhou com rancor—, e... Quando abri os olhos vi Nora e Liam. Deram-me uma injeção de cor vermelha.

— De cor vermelha? —perguntou Caleb alarmado. As seringas de cor vermelha eram altamente estimulantes porque incorporaram um potente veneno. Um veneno afrodisíaco que provocaria uma desinibição de mil demônios no corpo da jovem humana.

— Sim. A droga que me subministrou o Sr. Ruth-é-uma-assassina era muito forte, e estiveram que me injetar uma espécie de estimulante que aparentemente não só me despertou, mas também tira o medo —disse sem dar importância.

— Não tira o medo —negou Caleb. Era uma reação à adrenalina descontrolada. O coração iria frenético e precisaria expulsar o veneno para fora.

— Como sabiam vocês dois que...? E de onde pegaram as injeções? —perguntou Adam assombrado olhando aos pequenos, cortando o vaniro— Falaremos longamente quando chegarmos em casa.

Os meninos se olharam e procederam a dar as explicações pertinentes, sem soltar o vestido destroçado de Ruth. Adam brigaria e eles estavam um tanto sobressaltados. Quando acabaram de falar, o berserker olhou Ruth penetrantemente.

—Assim que minha irmã fez o possível por salvá-la de mim —tinha a voz rouca. Como se algo estivesse espremendo seu pescoço.

—Já o disse —respondeu ela— Para variar, não me acredita. —Queria desfrutar ao ver esse homem enorme, derrotado e abatido no chão, mas algo em seu interior se retorcia de dor ao vê-lo— Devo ser estúpida — disse em voz baixa. Não suportava sentir isso depois de como Adam a tratou mal, mas sentia. O berserker necessitava os meninos com ele. Podia ver os tremores em seu corpo devido a essa necessidade— Vão com ele, meninos. Seu tio precisa de vocês. — ordenou brandamente.

Nora e Liam a olharam sem entender por que razão Ruth sugeria isso.



— Vão com ele, venha —os animou.

—Eu não vou —respondeu Liam sem se afastar dela— Ele fez mal a você.

Adam recebeu as palavras de seu sobrinho como um murro no estômago. Precisamente, porque eram verdade. Fez mal.

Nora se separou de Ruth a contra gosto e caminhou para onde estava Adam. A menina era mais compassiva e doce por natureza.

— Tio Adam? —perguntou com voz tremente— Ruth diz que...

Adam não esperou que a menina acabasse a frase. Levantou-se e a abraçou com todas suas forças. Nora começou a chorar afundando sua cabecinha no imenso ombro de Adam.

— Deu-me um grande susto —sussurrou Adam incrédulo ao ver que ainda tinha voz— Nunca passei tanto medo. —Beijou o alto de sua cabeça e esperou pacientemente a que Liam se aproximasse.

Ruth olhou o pequeno que fazia bico. Estava assustado, decepcionado e com uma leve comoção.

—Vai com Adam — acariciou o cabelo.

— Mas é que ele...

— Ele estava equivocado. Acreditava que eu poderia lhe fazer mal, ou que poderia os separar de seu lado. —Todos olhavam Ruth com um brilho estranho nos olhos— Pensou que eu era má. Mas suponho que já sabe que não sou. Não voltará a fazê-lo —tentou sorrir para não dar importância ao assunto diante do menino. Liam necessitava tanto a figura de Adam em sua vida, como Adam necessitava Liam. Eram uma família, e ela não queria ser a causa de nenhuma ruptura.

— Está bem — limpou as lágrimas com o dorso da mão e correu para Adam.

Adam o elevou imediatamente e sepultou seus sobrinhos em um abraço de urso comovedor. Podia com os dois de uma vez, é óbvio. Adam beijou Liam, disse que os amava muito. Procurou Ruth, e esta afastou seus olhos dourados dele, incômoda diante da intensidade do escuro olhar de Adam.

— Se querem saber qualquer outra coisa —murmurou ela recolhendo a aljava do chão. Agora sentia esse acessório como parte dela— podem perguntar a Julius. As flechas da Caçadora não matam os humanos, mas sim que chegam à alma —sorriu aproximando do berserker traidor— Agora mesmo está pesando a consciência de tudo o que fizeram, e não podem com a dor. — O novo conhecimento de tudo que a rodeava a surpreendia— Os deixa paralisados e com vontade de se redimir todos seus pecados, mas se as tiram, sua alma voltará a obscurecer de novo.

— O que faz? —perguntou Adam alarmado ao ver que Ruth queria ir dali. Caminhou para ela com Liam e Nora nas costas.

Caleb ia parar Adam, mas Aileen o impediu.

— Deixe — pediu.

— O que?

—Caraid, posso estar equivocada, mas... Enfim, deixa-os. —Seus olhos lilás estudavam com precisão o comportamento de ambos. Caleb franziu o cenho e deixou que Adam se afastasse.



Adam seguiu Ruth. A garota coxeava pelas feridas dos pés, e embora a droga desse uma energia fictícia, quando passasse o efeito ia se sentir mal.

— O que está fazendo? —repetiu o berserker.

— Em ocasiões ouço vozes... —respondeu Ruth ignorando sua presença.

— Aonde vai?

Ruth recuou. Queria ir, afastar-se de tudo isso.

— Vou a minha casa. Tenho um trabalho, e tenho Gabriel ali. Não tenho por que ficar aqui com vocês.

— Não pode ir. Não vai —respondeu Adam deixando os meninos no chão e agarrando-a pelo braço.

Ruth olhou a mão que a segurava. Adam a afastou e se sentiu incômodo ao fazê-lo.

— Não volte a me tocar — advertiu Ruth. A pele do braço formigava ali onde Adam a segurou— Vou. Preciso estar em meu lar, preciso ver Gab, um humano como eu e... E eu não quero vê-lo mais, Adam. É isso ou me dedicar a fazer a sua vida impossível, sou vingativa. Já não gosto de você. Não o suporto. Tive suficiente de você.

— Não pode se afastar disto. É a Caçadora. Sua missão é importante e pelo visto está intimamente ligada a nós, e a mim em especial —respondeu ele— Não vou deixar que vá.

—Adam tem razão —apoiou Ás.

—Adam pode ir fritar aspargos —respondeu Ruth a Ás. Desafiou Adam com um gesto depreciativo de seu queixo— Ele não me dá ordens.

— Precisa de proteção. —respondeu Adam.

— Não me diga.

— Sim, digo. Maldição, Ás. —girou para seu leaer. Tinha que pensar em algo rápido, ou se não aquela garota que salvou sua vida e a que tanto ofendeu iria embora— Quero fazer o *Pacto Slavery*²⁸.

Ás o olhou severamente.

— Mereço um castigo pelo que fiz a Ruth. Todos sabem de minha animosidade para ela, não é algo que caia especialmente bem, mas —a olhou de esguelha e viu como ela ficava tensa ao ouvir essas palavras— o que fiz não merece compaixão nenhuma — sua voz soava afligida de verdade— Me sirvo de bandeja, Ruth. Serei seu *slave*²⁹.

— Não esperava menos de você —respondeu Ás tirando um colar metálico de trás de seu cinturão.

—Vovô —Aileen cruzou os braços e colocou diante de Ruth, protegendo-a de todos— O que diz?

—Se oferece como seu escravo. Nos clãs berserkers, quando uma mulher era seriamente humilhada por alguém e logo resulta que esse alguém estava equivocado, castigava com a slavery, a escravidão eterna, até que a mulher decidisse que se cansou dele.

²⁸ Em norueguês significa escravidão.

²⁹ Escravo em norueguês.

**CAPÍTULO 11**

Ruth se interessou de repente pelas palavras de Ás. Examinou Adam de cima a baixo e estimou a possibilidade de fazê-lo seu escravo. Teria essa sorte? Não desejava outra coisa que vingar-se dele. E morria de vontades de fazê-lo, mas isso suporia descontrolar-se com ele. Em todos os aspectos. Ou tudo ou nada. Entretanto, alguém devia pôr o bom senso em toda essa loucura.

— Um slave é o mais baixo da escala social em nosso clã —prosseguiu Ás— Adam poderia perder todo o respeito que tanto conseguiu nestes três séculos. E o faria porque é um homem de honra e reconhece que se equivocou. Ele se ofereceu a ela, ninguém teve que impulsioná-lo a fazê-lo. Embora se for sincero, eu mesmo o castigarei desse modo por seu comportamento. Para isso tinha o *hallsbänd*³⁰ comigo. Alegra-me que tenha sido ideia dele.

— Vai fazer isso? —perguntou Aileen assombrada.

— Amo a esse berserker como se fosse um filho —suspirou cansado— mas os enganos se pagam. Caleb pagou pelo que te fez. Adam deve pagar pelo que fez a Ruth. Nosso clã exige respeito a homens e a mulheres. Nós não gostamos dos abusos. E se houver ofensa, deve dar a oportunidade para que dê lugar ao perdão.

Aileen assentiu enquanto observava a cena.

— Leaer? Está de acordo, então? — Adam ansiava a resposta de Ás. Precisava arrumar as coisas com Ruth. Necessitava para voltar a contatar com Sonja e averiguar o que acontecia. Necessitava para dar caça a Strike e a sua mãe.

— Do que está falando, vira-lata? —não pôde evitar o sarcasmo. Ruth estava nervosa e não gostava nada como a olhava Adam, como dizendo que não escaparia dele jamais— É que ficou louco?

Adam sorriu. Ruth não tinha nenhum respeito, assim que sua relação tampouco seria muito diferente do que já era.

—Ás, sabe que é o melhor. Ruth necessita segurança. Eu a darei.

— Nem sonhe. —Ter Adam às suas ordens seria muito divertido e o faria pagar por tudo, mas por outro lado não seria bom nem para sua saúde mental nem para a emocional. O melhor seria não vê-lo mais. Esquecer-se dele— Não quero nem que se aproxime. Entendeu?

Ás assentiu, ignorando a diatribe de Ruth.

— De agora em diante, seu papel como noaiti e como guerreiro passa a segundo plano. Viverá para servir Ruth, ela será sua ama. Que assim seja. Ruth —a olhou.

— Estão dementes? É que ninguém me escuta? Não! Não quero! —os olhos ambarinos de Ruth jogavam línguas de fogo.

— Ruth —Ás tentou tranquilizar— É o melhor. Adam cortaria um braço antes de machucá-la ou esquecer-se de sua segurança. Agora é uma peça importante em nosso clã. A Caçadora necessita alguém perto nas noites de caçada, alguém que cubra suas costas e que esteja disposto a dar a vida por você. Deixa que Adam se redima deste modo. Deixa que esta seja nossa forma de

³⁰ Colar em norueguês.



pedir perdão. É justo, não acha?

— Acredito que não é —sentenciou Ruth. Mas já sabia como eram as coisas com os clãs. Sua vontade não era importante diante da de seres de milhares de anos de idade, procedentes de linhagens dos deuses. Mordeu a língua e sentiu que ardiam os olhos— Não importa o que eu diga, verdade?

Adam apertou os punhos. Pensou que Ruth se alegraria ao saber que poderia fazer com ele o que quisesse. Por que não desfrutava com a ideia? Girou para encará-la.

— Isto vai além de você e eu. Não se trata só de como você possa passar mal. —Olhou-a fixamente nos olhos— Vou me humilhar diante de você, Ruth, e teria que aproveitar disso. Mas é que não só se trata de que eu me humilhe e que você se divirta com isso. É o elo de união entre as almas do Midgard. Seu papel para que os ciclos se cumpram e a vida siga seu curso é tão importante... —admitiu apaixonado— Por alguma razão, um grupo de berserkers, entre os que se encontram a puta de minha mãe e seu amante, parece que estão planejando algo horrível. Poderiam acabar conosco, poderia desencadear o inferno na terra, entende? Deixe-me ser quem recebe os golpes por você, mereço isso e você realmente necessita o constante amparo de alguém. Sou um xamã, Ruth. Sou forte.

— Um xamã que perdeu seu dom —elevou uma sobrancelha depreciativa— Falhou comigo, Bobby bonito.

— Um xamã que interpretou mau o que recebeu —respondeu entre dentes— Mas sou poderoso. Use-me.

Ruth piscou repetidamente para esquecer-se dos olhos hipnóticos de Adam. Que o usasse? Adam estava pedindo realmente que o usasse? Esse homem não sabia o que dizia. A ela não podiam desafiar dessa maneira, porque para ela, um desafio era como uma cenoura para um coelho. Irresistível. E mais com vontade de revanche e a raiva que sentia dele. Desfrutaria muito de sua vingança. Não teria escrúpulos. De verdade que Adam queria ser seu escravo?

O berserker passou a mão pela nuca. Queria fazer algo mais para convencê-la, mas não sabia como diante de todos ali presentes. Ela tinha que aceitá-lo, maldição.

— O que acontece, Ruth? —seu tom se tornou frio— Vai se esconder por trás do seu trabalho? Das suas noites de festa? Do álcool? Não vai aceitar sua missão? Vai fugir, verdade? É muito para você?

—Tome cuidado, Adam. —Seu corpo tremia diante dos ataques de Adam. Não aguentava. Mas Adam a obrigou a olhá-lo.

— Não vai. Vai ignorar sua responsabilidade? —seguiu cravando— Claro, é fácil fazer ouvidos surdos quando quer seguir tendo os excessos e a vida fácil que tinha desde que chegou aqui.

— Vida fácil? Minha vida foi um inferno desde que nasci, imbecil — grunhiu com o rosto vermelho de ira— E chegar aqui, e conhecê-lo, piorou as coisas. Você não sabe nada de mim.

— Sei o que preciso saber. Chegou o momento de fazer algo que valha a pena em sua vida, não parece? Venha. Vamos, aproveite-se de mim. A Caçadora respeita e é respeitada por todos. O que fará se não aceitar minha proteção? —espetou em voz baixa. Precisava provocá-la e que Ruth tirasse as garras para que reconsiderasse seu trato— Procurará refúgio entre os braços de Limbo?



Ele não está aqui, assim ainda pode ir buscá-lo. Mas faltará Julius para o trio, ops... acaba de atravessá-lo com uma flecha.

— Filho da puta! —O empurrou. Como podia acreditar nisso ainda? Pegou sua aljava e agarrou uma flecha para dirigi-la diretamente à sua garganta. A mão queimava ao entrar em contato com a energia da Deusa, mas conseguiu surpreender Adam. Se queria provocá-la, conseguiu— Eu gostaria de queimar sua língua com isto.

— Ruth, deixa isso — pediu Ás preocupado.

Aileen sorria diante da valentia de Ruth.

Adam olhou a flecha. Que luz tão estranha tinha. Era fascinante igual ao olhar dessa garota.

— Não sabe nada de nada —gritou Ruth— Pegue Julius antes que sua garganta frite e pergunte o que aconteceu. Mentiram.

— Não é verdade —respondeu Adam raivoso— Deram todo tipo de detalhes.

—Já é suficiente. —Empurrou-o pelo peito. A paciência de Ruth explodiu. Adam se inteiraria de quem estava provocando— Pelo bem do clã e do resto das pessoas que o rodeiam, vai deixar de ser xamã. —Sorriu com malícia. Transbordou seu limite, assim não importou ceder. Queria vingança, e Adam não sabia onde se colocou, porque se havia alguém que podia ser uma grande sacana quando a machucavam, essa era ela— vou desvinculá-lo agora mesmo desse título, assim não sofreremos suas predições nem suas hipóteses nunca mais. — elevou-se nas pontas dos pés e a um centímetro de sua boca disse— Aceito o pacto. É meu escravo, Adam.

Adam sorriu orgulhoso.

— Ouviu, leaer?! —gritou feliz, sorrindo à humana com petulância.

— Bem —Ás assentiu e começou a recolher os corpos feridos dos dois berserkers que seguiam vivos— Seu juramento fica aprovado, Adam. Ruth aceitou sua escravidão. Proclamou as palavras em voz alta. Selemos o acordo.

Ruth não estava arrependida, mas entendeu muito tarde o que disse. Adam a provocou para que ela dissesse isso exatamente. Bem, pois se assim iam ser as coisas, ela ia tirar petróleo da situação.

O berserker a queria como sua ama, e de repente, sentiu um calor na parte baixa do estômago. Estava se excitando com a ideia. Era consciente de que se colocou na boca do lobo, e ele estava encantado de que ela tivesse baixado a guarda o suficiente para cair em sua armadilha.

— Muito bem, Caçadora. Já há um compromisso verbal, é inquebrável.

Ruth o atravessou com o olhar e logo deu as costas, afastando-se. Em outras circunstâncias não se comprometeu com algo assim, e menos, ter a um homem tão intimidante como Adam seguindo-a em qualquer parte, monopolizando toda a luz e todo o ar que ela necessitava. Mas era Adam. Um provocador que a havia para que ela explodisse desse modo. Agora os dois iam lidar com as consequências. E ela ia cobrar por tudo.

— Virá viver em minha casa, ou irei viver na sua? —perguntou ele com um sorriso diabólico, seguindo-a de perto.

— Você é um provocador. Em minha casa não vai pisar —respondeu Ruth, incrédula diante de sua sugestão.

— São vinte e quatro horas a sol e a sombra —explicou Adam indiferente— Devo vigiá-la e a



ter satisfeita. Ser um slave suporta muitas responsabilidades.

Ruth parou. Seu corpo era uma vara rígida e tremente. Girou e o encarou, sem saber o que responder. A que se referia com isso de mantê-la satisfeita? Era o que ela imaginava? Estavam pensando no mesmo? O que sabia ele do que ela desejava? Assim iriam jogar?

—Virá a minha casa, então —murmurou ele assentindo com a cabeça e coçando o queixo— É onde melhor posso me ocupar de suas necessidades e de proteger sua vida. A meus sobrinhos não convém mudar de ares agora, estão muito assustados e é melhor rodeá-los de um lar que conheçam. Eles são o mais importante.

—Oh, entenece-me —comentou sarcástica— Mas que eu saiba, não somos uma família. Por que deveria me importar sua comodidade nem sua segurança?

—Tampouco eu quero que forme parte da minha —encolheu os ombros— não se confunda. Mas é o mais seguro. Além disso, não acredito que seja muito maternal, não? — Percebeu o sobressalto que deu Ruth ao ouvir isso, dissimulou muito bem— Mas não acredito que possa protegê-la em Notting Hill, com seu amigo Hacker andando à toa por aí, e logo —se aproximou dela como uma pantera— suas saidinhas noturnas —sussurrou malvado— Terei que vigiar. Parece que você gosta dos traidores —assinalou Julius com a cabeça.

Continuava provocando. Insultava-a, maldição. Estava completamente cheia. Apertou os punhos e olhou aos pequenos.

— Não sei se deu conta, mas salvei sua vida inclusive depois de ter aguentado seus insultos e suas humilhações, e, além disso, encarreguei-me de seus sobrinhos. Como se atreve agora a me provocar desse modo? Está ciumento, cachorrinho? Quer chamar minha atenção?

Ruth estava adorável. Ali plantada diante dele, com o cenho franzido e toda essa raiva apaixonada que ia dirigida somente a ele. Adam sentiu como o monstro entre suas pernas cobrava vida. Cheirava a essência de Ruth por todos os lados.

Pêssego.

Agora o insultava e o amaldiçoava, mas ele quase não a escutava. Estava perdido nessa mulher. Seu cérebro não processava toda a informação do ambiente, centrava-se unicamente nela. Como podia ser? Se Ruth não era seu tipo.

— Nora e Liam estarão muito orgulhosos de você —continuava Ruth. Os meninos ficaram para trás e abraçados um contra o outro, e olhavam a cena com interesse— Quer ser meu escravo? É que inclusive essa palavra é repugnante —comentou enojada— Pois prepare-se para me servir em sua própria casa — os olhos ambarinos de Ruth brilharam desafiantes.

Adam apagou o sorriso de seu rosto. Ele se colocou naquela situação e agora, diante dos olhos incendiados da jovem, não só estava excitado, mas também, além disso, sabia que aquilo suporia todo um desafio para suas novas intenções para Ruth. É óbvio que salvou sua vida, não era tolo. Seu sonho, misturado com as profecias de seu pai, o confundiram, mas era dos sábios retificar, e ia roubar de Ruth qualquer oportunidade que desse para solucionar todos os maus entendidos. A garota era uma cadela, mas não era uma assassina.

—Assim... vai jogar, não é?

— Não —Ruth se tornou fria como o gelo— Entre você e eu não há jogo que valha, Adam. É uma guerra, declarada e aberta. Sem disfarces, sem compaixão, sem segundas oportunidades. Vou



empregar até minha última gota de suor em te humilhar, porco insensível. Tanto ou mais do que você me humilhou. Não teve piedade comigo, eu tampouco a terei com você. Minha natureza é de olho por olho. Não sou boa.

Ás, Caleb e Aileen os escutavam com atenção enquanto enterravam os corpos dos traidores, e Caleb e Aileen os incineravam com seus dons mágicos.

— Não temos pipocas? —perguntou Caleb sem perder uma só palavra da discussão.

— Não seja mal —respondeu Aileen com um sorriso. Olhou os corpos esmiuçados que estavam recolhendo. Era uma pena que os vaniros não pudessem ler o sangue dos berserkers. E era uma pena que tampouco pudessem ler o sangue morto. Se pudessem fazer isso, averiguariam o que queriam e como se estavam organizando.

— Parece justo —continuou Adam sem importar os espectadores que pudessem ter. Nesse momento, teria parecido justo que cortassem suas duas pernas se assim conseguisse levar Ruth com ele.

Mas para Ruth não parecia justo. Não a ouviu nenhuma só vez dizer com o coração, com total sinceridade e convicção, o que sentia. Colocou-a entre a espada e a parede para que ela aceitasse esse maldito pacto do slavery, coisa que ela aceitou encantada.

Aileen a olhou afligida, e Ruth a olhou a sua vez. Sua amiga não poderia mudar as coisas, sobretudo se devia ir contra a palavra de Ás. Ninguém cedia, ninguém dava o braço a torcer. Ela já podia expressar seus desejos que foram cair imediatamente em um saco rasgado. Nos livros românticos, que Aileen já a havia entusiasmado a ler, os homens não eram tão idiotas. Os vaniros e os berserkers rompiam o molde. Pois já estava bem. Se o mundo dos clãs, os berserkers, os vaniros e a mãe que os pariu eram mundos cruéis e duros, ela devia se adaptar por sobrevivência, e agora ainda mais, já que passava a formar parte ativa entre suas filas. As coisas iriam mudar. Estava farta de que brincassem com ela como uma marionete. Acabou.

—Adam —Ás limpou a garganta. Tinha esse estranho colar de metal negro com pontas prateadas nas mãos— Deixa que Ruth ponha o hallsbänd. O hallsbänd é um colar submisso — explicou Ás entregando a Ruth— põe o slave para que mostre ao clã que está dominado por uma mulher. Que não é mais que um escravo, e que obedecerá todas suas ordens, todos seus desejos, antepondo assim as necessidades dela às dele.

— Vamos —Caleb pegou Aileen pela mão— Não precisa ver isto.

— Não —Aileen se plantou e o olhou com seus olhos violetas— Quero vê-lo, Caleb. Eu vi o que fizeram a você —murmurou acariciando o queixo dele com um dedo— Adam a tratou mal, Ruth. Quero vê-lo.

— Isto é um castigo, Caleb —explicou Ás— Adam se ofereceu como você fez. Será sua penitência.

— Não sabe o que o espera, cachorrinho — sussurrou Ruth ao ouvido de Adam só para que ele a ouvisse enquanto outros discutiam.

— Podem mudar as coisas —explicou Ás— O pacto pode quebrar por si só se...

— Basta! —rugiu Adam— Não há mais que falar. Não necessita explicações de nenhum tipo, Ás.

— Mas tem que sabê-lo — queixou-se o leder.



— Saber o que? —perguntou Ruth rodeando o enorme pescoço do berserker com aquele colar pesado e quente ao tato.

— Não tem que sabê-lo. Não terá que forçar nada —negou Adam— Além disso, é impossível. Agora me ponha o maldito colar.

— Ruth está marcada. Acha que sou tolo? —murmurou Ás incômodo ao ouvido de Adam.

Fechou o colar. Os extremos metálicos se uniram como se fossem ímãs, como se a atração entre eles fosse muito forte. Se o berserker antes parecia perigoso, agora era todo um espetáculo. As pequenas pontas prateadas de aço ao redor do pescoço mandavam uma mensagem subliminal a todo aquele que o observasse: “Cuidado. Mordo”.

Quando se ouviu o clique do fechamento, Adam grunhiu e foi vítima de milhares de tremores. Ruth se afastou assustada. O corpo do berserker começou a suar, e seu rosto se tornou selvagem. Estava sofrendo. Sentia dor. Os olhos tornaram-se amarelos. Ruth abraçou a si mesma e ignorou o impulso absurdo de correr para ele e acalmá-lo. Adam jogou a cabeça para trás e gritou como um possesso, mostrando seus dentes brancos e perfeitos, e marcando todos os músculos e veias de seu pescoço. Os incisivos superiores alongaram-se. Um espetáculo é o que era. Uma besta selvagem.

Impressionada, não podia deixar de olhá-lo. Uma linha de letras rúnicas gravou a fogo em sua pele dois dedos acima do colar, na lateral da garganta de Adam. Para Ruth a cena pareceu angustiada e arrepiante. Adam respirava com dificuldade e parecia realmente abatido.

Ás assentiu, e com o rosto impassível, ofereceu a mão a Adam para que se levantasse. Este a pegou e passou a mão pela cabeça, em um gesto que Ruth já conhecia perfeitamente. Nervos. Estresse. Incerteza.

— Foi honorável, Adam —Ás apertou a mão com mais força— Estou orgulhoso de você.

Adam assentiu terrivelmente cansado.

— Levamos Julius para interrogá-lo —informou o líder— Não vamos fazer isso aqui. No momento terá que manter isto em segredo até que saibamos a que estamos enfrentando. Ruth, cuide de Adam e explique tudo o que sabe sobre sua irmã, Nerthus, as flechas assassinas que dispara e todo o resto.

— Esperem. —Ruth não afastava seu olhar furioso de Adam— Pode trazer Julius um momento?

Obedeceram sem pigarrear. Julius estava pálido e com os olhos avermelhados de dor. O cabelo loiro caía pelas costas e os lábios desenhavam uma feia careta de agonia. As duas flechas de luz brilhantes atravessavam seu corpo. Fascinada, tocou-as. A energia fluía através dela. Uma energia pura, cheia de calor que recordava a origens perdidas e caldeiras de almas. Uma energia que formava parte de quem ela era.

—Julius. —Ruth o puxou pelo queixo— Me escuta?

— Sim —respondeu em um gemido.

— Me sinto como Khalan de *a Lenda do Buscador*— murmurou fascinada— Adam vai perguntar algo. Quero que responda a verdade. — Julius assentiu com a voz estrangulada.

Adam compreendeu perfeitamente o que Ruth queria que ele perguntasse.

— Pergunte, slave — ordenou Ruth com desdém— É incapaz de mentir. As flechas são feitas



de uma energia tão pura que atuam no corpo como um soro da verdade.

— Que deseja que lhe pergunte? —Adam moveu o pescoço, aborrecido consigo mesmo e com a sensação daquele metal oprimindo a garganta.

— O que julgou tão rápido, sem se certificar de que era verdade ou não.

Adam apertou a mandíbula e olhou Julius com desprezo. A verdade era que não gostava de ouvir detalhes.

— Quer que pergunte que a fodeu?

Ruth não o pôde evitar. A bofetada chegou rápido e inesperada como uma granada que explodia no rosto. Todos olharam Ruth, entre a surpresa e o assombro, mas ninguém duvidou de que Adam merecesse.

— Devia-me isso. E agora, pergunta! —sua voz soou quebrada e cheia de dor— Pergunta!

Quis atravessar Ruth com o olhar, e logo desejou atravessar sua garganta ele mesmo por provocá-la tanto como fazia. Esbofeteou-o diante de Liam e Nora, aquilo era humilhante. Merecido, mas humilhante. A verdade era que não queria ouvir os detalhes. Não queria voltar a escutar as posturas que praticaram nem o que ela tantas vezes sussurrou no ouvido enquanto os três faziam um ménage. Não queria escutar o que pudesse dizer Julius sobre ela e seu modo de beijar, ou de acariciar, ou de tomá-lo em seu interior, ou com suas mãos...

Merda. Tremia. Estava tremendo porque se negava a obedecer, e o colar provocava descargas elétricas quando o slave não obedecia a seu *barnepike*³¹.

— Pergunta, escravo —repetiu Ruth, segurando a frente da camiseta negra que usava.

A língua ardeu e as palavras saíram sozinhas.

— Você e Limbo deitaram com Ruth? —nem sequer a olhou. Apertou os dentes para esperar os detalhes.

Julius negou com a cabeça.

— Não. Não fizemos. Na noite das fogueiras todos falavam de como parecia ardente a humana, sobretudo os vaniros. Então começou a trégua entre os clãs, mas Limbo e eu tínhamos nosso receio. Nós gostamos de Ruth, e quem não gostava? —tentou encolher os ombros— É dinamite pura, com esses olhos e essa boca...

—Ao ponto, Julius —disse Ruth vermelha como um tomate.

—Alguns vaniros queriam conquistá-la, era um autêntico ímã, assim Limbo e eu fomos marcar território. Queríamos demonstrar que as mulheres preferiam os berserkers, assim passamos a noite dançando com ela, e logo estendemos o rumor a respeito de que ela...

— Maldito filho de uma cadela no cio! —gritou Adam agarrando-o pelo cabelo. Estava fora de si, queria matar Julius por tê-lo feito acreditar que a haviam tocado e que ela deixou.

— Me solte! —gritou Julius dolorido— O rumor saiu das mãos. Todos os machos estavam orgulhosos de nós, davam palmadas nas nossas costas nos felicitando por termos cortado a onda dos vaniros. Não podíamos desmenti-lo e ficar como uns mentirosos. Cara, entende.

— Que entenda?! —Adam bateu no rosto dele— O que entendo é que preferiram difundir que Ruth era uma puta a reconhecer que não deixou que a tocassem.

³¹ Ama em norueguês.



— Ruth tem medo da intimidade, não se deixa tocar, cara. Com muita dificuldade dei-lhe um chupão e quase me cortou os ovos por isso. Só deixa que a toquem o justo para deixa-lo excitado, mas logo bate a porta na sua cara. E põe a mil, asseguro isso... —olhou à Caçadora com lascívia.

— Que apodreça, Julius —sentenciou ela mais tranquila. Ver que por fim Adam sabia a verdade liberou o peso de suas costas, e agora, depois de tudo, sabia que parecia como se tivesse passado um trailer por cima, e este logo tivesse dado marcha ré para assegurar de que realmente ficava desvalida.

— É uma vergonha para os berserkers —espetou Adam soltando seu cabelo— E Limbo é a mesma merda que você, encarregarei-me dele mais tarde. Levem-no daqui antes que arranque seu coração.

—Vamos —ordenou Ás— Eu o levo às masmorras. Não sairá daí. Se Ruth permitir isso, amanhã —Ás olhou a jovem pedindo permissão com humildade— eu gostaria que viessem juntos para interrogar. Agora deve descansar, Caçadora.

Ruth assentiu. Estava abatida, seu corpo era presa de estranhos estremecimentos. Ardiam os seios e entre as pernas, e nem sequer sabia por que.

— Caleb e Aileen estarão aí também, todos devemos entender o que acontece. —prosseguiu Ás.

—Vovô —disse Aileen— vamos pegar Noah. Estará ferido gravemente.

Caleb girou os olhos, não gostava que Noah despertasse tanta simpatia em sua cáraid. O berserker não estaria ferido gravemente, o que ia estar era como uma moto assim que pusessem a injeção de choque. Necessitaria um corpo com curvas no que desafogar.

Adam estava no mesmo inferno, alheio a tudo, exceto Ruth. Certamente que estava no inferno, sentia-se como as chamas do arrependimento o comessem por dentro, e arrasavam sua garganta com um montão de palavras que precisava dizer, e entretanto, ficavam estancadas entre algum lugar entre o peito e o estômago. Justo aí, como um nó doloroso. Por onde começava? O que devia dizer Ruth quando nem sequer um “Eu sinto muito” servia para expressar tudo como estava arrependido?

Tachou-a de prostituta, traidora e assassina. E não era nenhuma delas. E agora o que?

—Merda... —passou a mão com impotência pela cabeça.

—Andando. —Ruth se dirigiu para Liam e Nora, e deu as mãos a ambos— Vamos para sua casa ver Noah. Está ferido gravemente —ordenou a Caçadora sem olhá-lo nos olhos.

Adam engoliu saliva diante daquele gesto. Ela se sentia envergonhada? Nem sequer o olhava. Foi ele quem cometeu todos os enganos possíveis. Não ela. Ruth devia manter o rosto no alto, orgulhosa e digna, justo como a Caçadora que era.

— Me dê aos meninos, Ruth —se ofereceu Aileen olhando-a com compaixão e preocupação— Eu os levarei. Tem as plantas dos pés em carne viva, está exausta. Caleb pode levá-la para casa de Adam em um momento, verdade, mo ghraidh?

— É óbvio.

Ruth assentiu sem estar de acordo, e deixou que Aileen carregasse finalmente as crianças.

—Aileen —Ruth a parou docemente tentando tranquilizar as coisas entre elas— Eu...

— Não diga nada — advertiu afligida— Ele merecia por deixa-la a mercê de Adam.



— Não. Não merecia —respondeu ela negando com a cabeça e os olhos umedecidos— Não podia fazer nada. Sabe que tenho temperamento, e isto me ultrapassou um pouco.

—Não ultrapassou nada —afirmou ela com orgulho— Quero que saiba que pensei em você todas as horas. Tinha medo do que ele pudesse fazer. Estava tão convencido de que ia matá-lo...

— Sei, me acredite.

—Mas não permitiríamos que as coisas se saíssem do controle, Ruth. Eu sabia perfeitamente que ele estava equivocado. Meu avô e o resto de nós também sabiam. Viemos aqui correndo, ao Totem, para nos assegurar de que ele não a machucasse. Adam explicou a Ás que em seu sonho você acabava com ele aqui mesmo. —Suspirou— É a Caçadora —exclamou orgulhosa— Minha melhor amiga é a Caçadora. Percebeu?

Ruth sorriu descansada e abraçou Aileen. Aileen por sua vez a balançou e sussurrou ao seu ouvido.

— Quer um conselho?

— Mmm?

—Aproveite-se desse homem tudo o que puder. Faz que venha a você de joelhos e com o rabo entre as pernas. Tem a um escravo para você.

— Sim, isso é inevitável. Que venha com o rabo entre as pernas. —Ruth começou a rir. Sentia-se estranha. Cansada e ao mesmo tempo excitada. Bem. Eufórica. E, além disso, tinha Adam para ela sozinha. Iria descobrir o “lobinho”.

—Lá vem ele, provoque — aconselhou Aileen animando-a a levar ao limite Adam— Nunca sabe o que pode tirar desta situação. —Beijou-a na bochecha— Estes homens são muito fanfarrões, mas param quando as mulheres pegam as armas —pisçou um olho— Agora nos vemos ali. —Carregou Nora e Liam e os levou correndo para casa.

Ruth pensava nas palavras de Aileen enquanto a via se afastar com os gêmeos.

—Vamos, Ruth —Caleb se ofereceu a segurá-la e a elevou nos braços

— Não, Caleb. Você não. Meu escravo o fará —disse Ruth olhando Adam ressentidamente.

Adam o parou pondo uma mão no seu ombro.

O vaniro lhe dirigiu um olhar duro, justo o mesmo que Ruth dedicava.

— Parece que Ruth vai se divertir muito com você —comentou Caleb elevando a jovem entre seus braços.

Adam grunhiu como um animal ferido. Não gostou em nada vê-la tão “em contato” com o vaniro.

— Caleb —a voz de Adam camuflou um rogo humilde e silencioso. Seus olhos negros atravessaram sua alma e soube que o vaniro se viu refletido neles como o homem que foi uma vez com Aileen. Caleb sabia que ele também merecia uma oportunidade com a garota. Adam queria redimir-se e Caleb já aprendeu a não ser juiz de ninguém.

— Está tão arrependido como parece? —perguntou Caleb.

— As palavras não expressariam quanto. Só os fatos. Assim, por favor —estendeu os braços para Ruth— deixe-me isso.

Era um rogo. Caleb o observou por uns segundos intermináveis, assentiu com solenidade e ofereceu Ruth.



— Ruth, ele não a machucará. — assegurou Caleb.

— Sei. — Logo iam atormentar ambos — Como já disse, é meu escravo.

Adam fez ouvidos surdos a seu sarcasmo e tomou-a em seus braços com possessividade, mas também com um cuidado que até agora não mostrou.

Caleb estudou a um e a outro. Ruth observava ao berserker e este a olhava a sua vez como se fosse uma raridade frágil e bela que acabava de descobrir. Grande dupla. Pigarreou e disse:

— Bom, eu vou com Aileen. Verei como está Noah, os esperamos chegar e logo iremos. É melhor que cuide e a proteja, Adam — advertiu.

— Adeus, Cal — sussurrou Ruth.

Caleb sorriu com doçura a Ruth e elevou o voo, desaparecendo entre as copas espessas e verdes das árvores.

O berserker estava ardendo. Seu corpo desprendia muito calor, mas não o suficiente para desfazer um pouco o gelo do coração da jovem.

Adam a colocou mais a seu corpo, encaixando-a a ele de um modo protetor. Começou a caminhar em silêncio, inclinando um pouco a cabeça para cheirar Ruth. Ruth estava suja, cansada e dolorida, mas mesmo assim cheirava de um modo que Adam não podia resistir. Sentiu que formigavam as presas e que seu sangue rugia a toda velocidade por suas veias. O coração o martelava com a intenção de sair de seu peito, e os joelhos tremiam.

Era ela. Era a Caçadora a que causava tudo aquilo em seu sistema nervoso. Seu corpo reagia fisicamente ao de Ruth. Pode ser que a droga estimulante que lhe injetou Noah também o tivesse alterado, mas não, ele sabia que seus hormônios estavam disparando. Reagia com Ruth como se ela fora seu *kone*³². Que estranho. Isso era impossível. Ruth não gostava dele. Não se encaixava em sua vida. Ele vinha em um pacote com as crianças, e as crianças necessitavam segurança. Uma berserker poderia dá-la, Ruth, não.

Entretanto, já não podia negar. Gostava de Ruth. Antes negava porque não queria sentir nada por uma traidora e uma assassina, e o enlouquecia que o fizesse sentir daquele modo. Sentia-se enojado consigo mesmo, sujo e depravado por ter pensamentos e sonhos sobre ele e ela na intimidade mais selvagem, mas as coisas mudaram. A jovem salvou sua vida. A imagem de Ruth segurando o arco e apontando para ele foi tão exata e tão perfeita como seu sonho, que por um momento acreditou que estava sonhando. Entretanto, a realidade o sacudiu. Ruth lhe salvou a vida, apontando e disparando em seus inimigos com uma precisão digna de uma grande arqueira. O contato que sentiu no sonho não era o das flechas cravando em seu corpo, mas sim o dos machados rasgando sua pele.

A garota brigou e protegeu seus sobrinhos como uma amazona. Quando se jogou sobre o berserker exigindo que soltasse os pequenos, Adam esteve a ponto de sofrer uma apoplexia. Além disso, falava com sua irmã morta porque era a encarregada de devolver as almas a seu lugar de origem. E por último, e para mais humilhação, Ruth foi caluniada por dois traidores de seu clã e, ele e todo mundo, acreditou. Ao descobrir que ela não compartilhou seu corpo com eles dois se

³² Mulher em norueguês.



sentiu liberado, e se encheu de uma estranha calma, seguida por quantidades de complacência e arrematado por uma súbita necessidade de marcá-la só para ele.

Mas Ruth não era a idônea. Margött era a mulher que ele queria para seus sobrinhos e também para seu equilíbrio mental. Margött poderia suportar a troca de chi do acoplamento, o frenesi do berserker. Seria muito para uma humana como Ruth.

Não, definitivamente, isso não era para ela.

Entretanto, a beleza clássica de Margött não o estimulava como o atraíam esses olhos âmbar e o glorioso cabelo vermelho escuro da Caçadora.

Para ele, qualquer mulher empalidecia ao lado de alguém tão estimulante como ela, como Ruth.

Margött era bonita. Obediente. Doce. E amava os pequenos. Era uma mulher do clã e poderia se acoplar com ele. Ela era a melhor escolha, sempre seria.

Ruth o deixava louco. Era incrivelmente sexy, mas não a via capaz de se responsabilizar por ninguém. Mas, se até então não se responsabilizou nem dela mesma! E ainda por cima tinha que guiar às almas de volta para casa... As nornis se tornaram loucas. Mesmo assim, tinha um grande dilema.

As máscaras estavam caindo, e enquanto Ruth agora se erigia como uma mulher cheia de dignidade e, além disso, marcada pelos deuses, Adam se sentia envergonhado de si mesmo. Fracassou como xamã, e fez o pacto slavery para proteger Ruth e para tê-la com ele. Porque a teria com ele todo o tempo, ela era... dele, o quanto durasse o pacto. E isso ele deixaria claro. No melhor, o tempo curava as feridas, pode ser que Ruth o chegasse a perdoar, e se algo tinha a seu favor, era que ele não se renderia com facilidade. Estaria com ela e desfrutaria dela o quanto durasse o pacto. Logo, uma vez revogado, ficaria com a aposta segura que supunha Margött.

Ás contou muitas coisas sobre o emparelhamento dos berserkers. Ele esteve emparelhado com Stephanie, a avó de Aileen, até que uma das guerras que mantiveram com os lobachos acabou com sua vida imortal.

Segundo Ás, o desejo, a necessidade, o contato, a proximidade... todos esses instintos despertavam, explodindo como granadas internas quando alguém encontrava a sua fêmea.

Margött foi a única das fêmeas que tinha seu respeito, ela era o ideal de companhia para um berserker como ele. Mas aquela mulher tão pequena entre suas mãos, estava a ponto de pôr de pernas para o ar toda sua vida.

Seu corpo reagia à humana, não a berserker.

Assim, enquanto usasse o hallsbänd, encarregaria-se de se faltar de Ruth. Ao menos, tentaria ser seu amigo custasse o que custasse, e se isso levasse à cama, tampouco diria que não, porque a desejava com todo seu corpo.

O emparelhamento com Margött teria que esperar.

Ruth tentou afastar-se um pouco dele, aquela pele morena queimava. Era um forno. As mãos de Adam a marcavam nas costas e nas coxas. Assim a segurava.

Adam a elevou um pouco mais para que seus rostos estivessem mais perto. Ele imaginou como Ruth poderia apoiar sua cabeça em seu ombro e se abandonar a ele, confiante e segura. Mas a jovem retorcia as mãos em seu colo e olhava a todos os lados exceto a ele.



— Onde aprendeu a disparar flechas assim?

— Fiz um trio com Robin e Legolas³³, e me ensinaram tudo o que sei. Já sabe, essas coisas acontecem.

Adam a olhou fixamente e grunhiu com suavidade.

— Rodeie meu pescoço com suas mãos —ordenou. Sua voz soou rouca. Ruth negou com a cabeça.

— Não ocorra me dar ordens —respondeu ela em voz baixa sem olhá-lo.

— Falta pouco para chegar em casa —explicou Adam— Ficaré cansada, tem as costas muito rígidas. Não está cansada?

— E a você o que importa? Poderia ir mais rápido, pode fazê-lo. — sugeriu ela com a voz sufocada.

— Não quero —a apertou mais contra ele.

Fogo. Fogo puro e duro. Ruth sentiu que se afogava e que entrava em combustão espontânea. Pareceu tão correto estar presa desse modo por ele. O corpo despertava uma vez passando todo o medo, e outro tipo de adrenalina corria agora por seu fluxo sanguíneo. Era estranho e repentino reagir assim a ele. Mas era natural, porque Adam, embora fosse um autêntico déspota e malvado com ela, seguia despertando seus instintos mais selvagens e sensuais. Sempre fez. Ele sim que era seu tipo, mas a odiava. Ela também queria aprender a odiá-lo, mas não sabia fazer, até tendo motivos para isso. Agora, ao saber que era seu slave, só tinha vontade de obrigá-lo a acariciá-la, abraçá-la, e demonstraria que não era o que ele acreditava. Para ela era impossível ser indiferente a suas múltiplas qualidades físicas. A seus olhos, a sua boca, a seu corpo de infarto. Quantos músculos tinha o berserker? Esse peito e esse estômago eram legais?

— Tenho calor —sussurrou com voz lânguida, apertando-se levemente contra ele.

Adam parou em seco. Fantástico. Ela tinha calor? Consumia-se as chamas e ela tinha calor? Zombava dele? Caramba, puta droga afrodisíaca!

Ruth o olhou entre suas curvadas pestanas. Estudou e estudou a si mesma, e com um raciocínio contraditório para alguém que tinha o cérebro engarrafado, elevou os braços e rodeou o pescoço de Adam com suas mãos. Não era mau, não? Estava cansada e, além disso, precisava se apoiar nele. E... inalou profundamente. Meu “Deus, como cheira”, pensou. “Adam usa um porrete no bolso?”.

—Hei—sorriu ela com abandono e esfregou seu quadril contra sua virilha— E agora o que faço com todas as vezes que me disse que não sou seu tipo? Alguém está muito, mas que muito contente de me ver. Depois de tudo, sim que você gosta.

Adam grunhiu e continuou caminhando.

Penitência. Estava pagando por tudo o que fez. Caminhava pelo bosque com uma mulher que gostaria de saborear de cima a baixo, com uma ereção como a tromba de um elefante, e,

³³ Legolas Greenleaf, dentro do universo de fantasia criado pelo escritor J.R.R. Tolkien, foi um elfo Sindar, filho de Thranduill, rei da Floresta das Trevas





além disso, ambos estimulados pelo afrodisíaco que utilizou para despertá-los. Ruth estava reagindo a essa substância, e ele sabia que a quantidade era excessiva para uma humana. Ou Ruth expulsava a química de seu corpo, ou alguém teria que dar o que desejava. E por Odín que ninguém exceto ele a tocaria.

Algo não ia bem. Ruth se sentia eufórica e com vontade de tocar Adam até que saíssem chagas nas mãos. Embora a tratasse muito mal, agora nada disso importava. O único que queria era chupá-lo de cima a baixo como um pirulito.

—Adam, não sabe onde se colocou. Vai obedecer-me em tudo? — os olhos de Ruth estavam frágeis. Toda ela se estremecia diante do mínimo toque de sua virilha. Algo ia muito mal. Sua mente racional assim dizia. Ela apertou as coxas com desespero, fechou os olhos com força e gemeu mais baixo que pôde— Deveria correr.

— Merda! —exclamou Adam apertando os dentes— Para casa voando!

Chegaram em sua casa em dois minutos. Ruth estava sob os efeitos da droga, mas esteve consciente da velocidade com a que ele a levava. Era estimulante saber que alguém poderia carregá-la e transportá-la com tanta rapidez.

Caleb e Aileen os esperavam. A híbrida os olhou em estado de alerta.

— Está bem? —perguntou Aileen observando sua amiga.

Adam assentiu muito tenso.

Caleb elevou uma sobrancelha e sorriu.

Adam rangeu os dentes diante de um novo movimento dos quadris de Ruth, e Aileen franziu o cenho e empalideceu.

— OH, não —disse horrorizada— Não pode ser... Adam, nem ocorra tocá-la! Não é ela mesma.

— Não farei. —Não até que se fosse.

—Vamos, princesa. —Caleb enlaçou seus dedos com os dela Deve descansar.

— Não! Caleb, não se recorda quando veio para mim nesse estado? —o encarou e lhe suplicou com os olhos lilás cheios de alarme— Não posso deixá-la aqui só com ele.

— Perfeitamente — cortou ele— Eu recordo perfeitamente. E tenho vontade de chegar em casa para recordar isso tudo.

Aileen ruborizou, seus olhos lilás brilharam com antecipação, mas o repreendeu com o olhar. Adam sorriu ao vê-los se paquerando diante dele. Necessitava que se fossem. Prender Ruth e prender ele... com ela.

— Se controle, vaniro —murmurou Aileen dedicando-lhe um sorriso cheio de segredos e expectativa.

— Então, vamos. —Caleb a puxou.

— Não me atrevo, é que...

—Aileen, vá. Já sou mocinha —grunhiu Ruth e a olhou através do véu do desejo.

Os três pararam ao ouvir o tom cortante de Ruth.

— O que sente não é real — assegurou sua amiga— Ruth, se ficar com ele...

— Acredita que me importa? —apertou-se ligeiramente contra Adam e este segurou a respiração— Vai, por favor. É meu escravo, não fará nada que eu não ordene.



Adam apertou a mandíbula, e ela o olhou de esguelha. Ignorou.

Aileen e Ruth se comunicaram com o olhar. E Ruth, depois de muito tempo, fez algo por vontade própria. Abriu a comunicação mental com Aileen e a conversa que tiveram foi esta:

— *Estou excitada e muito zangada com ele, mas está melhor que um queijo e agora mesmo o único que me importa é que me deem uma boa transa. E quero usá-lo, Aileen. Quero castigá-lo.*

— *Ruth, pode machucá-la. Amanhã não estará orgulhoso do que terá feito. Você o odeio* — recordou — *É o afrodisíaco que faz que esteja reagindo assim.*

— *Claro que o odeio... acredito. Não me tratou bem. Estou drogada, mas não sou uma maldita inconsciente. Vou vingar-me dele. Não se atreverá a fazer nada que eu o proíba. E eu..., eu quero estar com ele. Meu corpo o pede a gritos desde que o conheci.*

— *Já sei. Mas é uma atrevida, Ruth* — a olhou com carinho e cumplicidade — *É um berserker, não é humano. A força que ele possa ter...*

— *Ele agora está em minhas mãos. Sinto-me forte e poderosa. Não imagina o que tive que aguentar este tempo por sua culpa. Desde que apareceu em cena. Não posso tirá-lo da cabeça, Aileen. E é humilhante. Espero que o que vou fazer sirva para apagá-lo de minha mente para sempre. Preciso que me deixe descansar.*

— *Sabia que você gostava muito dele, mas não imaginava que a afetasse tanto* — murmurou contrariada.

— *Não sabe nem a metade* — suspirou. Claro que não, ninguém sabia. Ruth tinha fixação por Adam. A imagem dele abraçando-a acompanhava todos os dias. Havia pessoas que ao levantar primeiramente, o que fazia era pensar em tomar o café da manhã ou no dia que teriam. Ela não. Ela sempre pensava se o encontraria em algum lugar e assim poderia lhe falar tranquilamente, e ao melhor, fazer as pazes. E tendo muita sorte, ele a abraçaria de novo e ela o deixaria fazer. Era muito tola.

— *Certo... — captou tudo — Pois sim que estamos mau. Tem-me muito preocupada.*

— *Pois não se preocupe* — ordenou Ruth — *Agora necessito que vá. Eu já tomei a decisão. É irrevogável.*

Aileen assentiu e enlaçou os braços ao pescoço de Caleb.

— Adam, se ficar honra, não fará nada errado. Está drogada, não se aproveite dela — pediu Aileen.

Ruth gemeu. Tinha a testa perolada em suor e mordida o lábio com força.

— Não farei nada que ela não me ordene. Está a salvo.

A Caçadora sofreu um novo espasmo entre as pernas. Apertou o rosto contra o pescoço de Adam. Este quis rugir como um animal.

Caleb ria da situação. Se passava muito mal quando alguém estava nesse estado.

— Noah está bem. Dei um estimulante para que passe o efeito e agora estará descarregando sua dor de... — assinalou a virilha de Adam — Irá a casa de Ás pela manhã. Nora e Liam estão dormindo — explicou o guerreiro — Estão rendidos — abraçou a Aileen pela cintura e a elevou colando-a intimamente a seu corpo. Caleb se maravilhava de como era forte o vínculo e a necessidade dela dia após dia — Ás me disse que irá transferir um pelotão para cobrir sua casa enquanto ambos descansam. Os deixaremos sozinhos. Mas se for feri-la de algum modo, é melhor



que desafogue com outra. Podemos fazer uma chamada e trazer alguém que lhe tire a coceira.

— Obrigado. Já podem ir, Ruth estará bem. — Ignorou o comentário do vaniro.

— É minha amiga, Adam. — Deixou claro Aileen, assinalando com o dedo— Amanhã a verei, e se me contar que a machucou...

— Não. Isso já não pode acontecer —olhou Ruth com respeito.

— Como vamos confiar em você, Adam? Por que vamos acreditar em você?

— Porque Ruth é... porque é...

— Assim agora é algo, não é? —Aileen elevou uma sobrancelha e o olhou de cima a baixo— Posso sentir seu cheiro daqui... ela sabe que você...? —olhou incrédula Ruth.

— Não é. E tampouco importa —negou cortante.

— Que não importa?—riu — não vai fazer nenhuma graça — negou preocupada.

A ele tampouco se fazia. Aquela mulher era a última que lhe convinha. Por isso, o tempo que passasse com ela serviria para exorcizá-la de sua mente para sempre.

— Não é —grunhiu Adam. Não podia ser.

— Não estou para contos —cortou Caleb— Cuide-a.

Ruth voltou a gemer em um estado de alarmante abandono.

Aileen compreendeu que não podia estar aí se interpondo entre Adam e Ruth. Ninguém se interpôs entre Caleb e ela quando ele a raptou. E logo resultou que estavam destinados a estar juntos. E se Ruth era para ele, e o ódio e o medo não o deixou ver antes?

—Trate-a com cuidado. Ruth parece forte por fora, mas na realidade é muito frágil. Se não cuidar dela, Brave ficará encantado de brincar de “busca” com seus ovos.

Caleb piscou o olho a Adam, e começou a voar com Aileen nos braços. Adam assentiu divertido e passou de um lado para entrar definitivamente em sua casa. Chegou a hora de que ambos se desafogassem porque tanta raiva, tanta adrenalina e tanta tensão sexual, expressava muito melhor sem roupa pelo meio. Além disso, estava fazendo um favor, não? Ruth tinha que expulsar a droga de seu corpo, e ele também.

CAPÍTULO 12

Recordava estar na porta de entrada da casa de Adam, e ouvir vozes a respeito dela e dele. Uma ameaça de Aileen; um gemido procedente de seu interior; e um aroma quase picante que fazia que inchassem os lábios e rogassem por um beijo.

Ardia sob o ventre, formigava a virilha e ardiam os mamilos. Todo seu corpo estava preparando para algo, para algo quente. Ser acariciado, ser submetido, ser o que fosse... mas sem dúvida se preparava para ser, como nunca antes foi.

Estar nessa situação, sentir-se assim, era inquietante, e de uma vez, grosseiramente sensual. Seu cérebro processava imagens eróticas de todo tipo. Coisas que ela jamais experimentou, coisas impensáveis para alguém de sua semi-inocência sexual.

Agora, esses braços fortes e protetores já não a abraçavam, e se sentia abandonada e sozinha. Estava estirada sobre algo suave, fofo e estofado. Algo que cheirava à mesma essência refrescante e cítrica que a deixava louca. Instintivamente soube. Era a essência dele. Desse



homem cruel que tanto a incomodou, que riu dela, que a fez chorar... e esse seu aroma poderia convertê-la em uma viciada. Mas agora o berserker estava a suas ordens, e sua veia dominante e vingativa acabava de ser liberada. Bem pela droga, bem por aceitar o batismo da sacerdotisa, ou porque estava tão de saco cheio com Adam por tê-la acusado tão sinceramente que precisava fazê-lo pagar.

Adam. Um homem que a contrariava e que agora não parecia ser quem foi com ela. Tinha dois sobrinhos pequenos que o amavam, uma irmã que o defendia e a suficiente honra para pedir perdão e converter em... seu escravo. Retificou. Não pediu perdão.

Bem, jogariam os dois isso. Bendito afrodisíaco que arrancava os medos e as dúvidas de como se comportar. Nunca desejou tanto a nada nem a ninguém como o desejava a ele.

Ergueu-se na cama. A juba caía vibrante e solta pelos ombros. Toda ela cheirava a fruta. A colcha negra de seda escorregou por seu torso e descobriu seus seios. Essa carícia fez que fechasse as coxas com força e levasse a mão ao umbigo. Ruth olhou para baixo com as pálpebras meio caídas e observou a forma de seus mamilos. Estava nua? Levantou a colcha. Estava nua! Muita pressa teve o lobinho.

Olhou à frente procurando a origem desse perfume que a enfeitiçava e a fazia desejar abrir as pernas como nunca. As janelas estavam abertas, e através delas, entrava o aroma das flores e das plantas do exterior. A noite caiu no Wolverhampton e agora ocultaria também os pecados que ambos iriam cometer. Sentia-se livre e atrevida. Com os olhos dourados encontrou o que procurava e dedicou um olhar desafiante ao objeto de seu desejo. Ao causador de sua humilhação. A seu escravo. Adam.

Umedeceu os lábios com a língua num movimento lento e preguiçoso. Foi muito consciente do modo em que ele a massageou e a banhou enquanto os jorros da água da ducha golpeavam sua pele. Esse berserker enorme nem sequer tentou dissimular que a desejava, e ela, no estado em que estava, não se importou, mas sim justamente o contrário. Suas mãos foram autênticos calmantes para a febre sexual que percorria sua pele. Só a ensaboou, mas em nenhum momento a havia tocado intimamente e ela... necessitava esse toque antes de ficar louca. Sussurrou todo tipo de palavras calmantes, música celestial para seus ouvidos. Adam podia ser doce, surpreendeu-se. Ou melhor, ela teria acreditado se não tivesse uma ereção como a que mostrou com tanto descaramento. Que embriagador foi.

O noaiti tinha um corpo que a fazia salivar. Todo músculos, todo alto e elegante, com ombros fortes e pronunciados, e um tablete de chocolate de oito enormes e apetitosas porções exatas. Tinha uma tatuagem no peito que nascia nas costas. Era um dragão de um curioso tom verde azul gritante e olhos vermelhos como os seus. Era fantástico, e enquanto tomava banho, seus olhos iam mais de uma vez a tamanha obra de arte em todos os sentidos. Não imaginou que ele tivesse alguma tatuagem, mas era outro aplique mais ao atraente de Adam. Gostava assim. Maus, com tatuagens e piercings. Adam seria o típico menino que as mães boas jamais quereriam para suas filhas. Por sorte, ela não teve uma mãe boa e, além disso, era uma imprudente.

Ai, Senhor... Aí estava ele, escondido entre as sombras do quarto. Só viam os olhos vermelhos e brilhantes que a olhavam como um animal a ponto de saltar sobre sua presa. Bom, os olhos, e esse grande desenho que tinha no peito e que era verde fosforescente e que brilhava na



escuridão. Os olhos vermelhos do dragão a olhavam faminto igual a ele. A iriam comer.

Esqueceu que Adam a castigou e a fez sofrer. Esqueceu tudo, porque Adam era um homem impressionante e ela uma mulher que estava cansada de não tomar as rédeas. Agora ele era seu escravo e ela se sentia rebelde para tudo e todos. Adam era dela. Ia aceitar sua responsabilidade de Caçadora, mas também cobraria tudo aquilo que não desfrutou e de todos os momentos nos que sofreu e não pôde revidar. E só tinha Adam como objetivo.

Que se preparasse, lobinho. Podia ser um imortal, podia ser bonito até dizer basta, podia ser muito maior que ela, mas já não a machucaria mais, porque ela estava indo para quebrar.

Amanhã seria outro dia no que certamente baixaria a cabeça envergonhada por tudo o que passaria nesse momento, mas não agora. Agora existiam ela e suas necessidades, e um homem que obedeceria todas suas ordens.

O berserker estava à beira da loucura. Ruth era a mais sedutora que viu na vida, e a hora que passou com ela na ducha foi melhor que uma manhã de Natal. Um autêntico presente dos deuses.

Despiu-a com lentidão e verificou e lavou todos os machucados de seu corpo diante do olhar resignado de Ruth. A pobre estava tão confusa em relação ao que estava sentindo, que não sabia onde pôr as mãos. Tentou se cobrir, e logo, em outra nova onda de desejo, rendeu-se às sensações e o deixou fazer. Em ocasiões, seus olhos leoninos pareciam ter remorsos pelo que acontecia entre eles, mas trocavam rapidamente para refletir uma mulher libertina e disposta a tudo. Entretanto, não havia calor neles. Era um olhar calculador, com muitos muros, muitos escudos. Não daria importância a isso, não agora. Ele tinha suas armaduras e seus escudos, também. Ruth se protegia, mas, do que?

Ensaboo e a mimou como se ela fosse um tesouro, e para ele era. Algo incomum, algo único. Soube desde a primeira vez que a viu, embora seus temores e seus sonhos proféticos o tivessem feito acreditar o contrário. Agora podia vê-lo e reconhecê-lo que ela era inocente e salvou sua vida e a dos pequenos.

Na ducha, por pouco caiu de joelhos ao descobrir que aquela mulher tinha a virilha completamente lisa. Sem um cabelo. Quis afundar sua boca e seus dedos aí mesmo, nesse preciso momento, mas não o fez porque queria que ela pedisse. E pediria. A droga era muito forte.

Ruth causaria problemas a sua saúde mental, mas nesse momento, orgulhoso e feliz, aceitava-os de bom grado, porque aquela garota com esses olhos rasgados amarelos e felinos, esses lábios grossos e esse corpo para deixar louco aos homens, era momentaneamente dele e, além disso, era a Caçadora.

Sorriu ao recordar como Ruth se apoiava nele enquanto a ensaboava. Queria limpá-la, lamber todas suas feridas e fazer que se sentisse bem.

A pobre, que estava em plena ebulição da droga, não sabia muito bem o que estava fazendo. Anteriormente, no bosque, a adrenalina disparou, fazendo-a estar mais atenta, mais receptiva aos estímulos externos, capaz de brigar e enfrentar a qualquer coisa. Mas agora que o perigo passou, a droga corria livre por seu sangue, e o afrodisíaco não tinha nenhuma saída por onde escapar, por isso se centrava em suas zonas mais erógenas, igual a nas dele.

Algumas vezes a acariciou fazendo escorregar suas mãos pela curva perfeita de suas costas e



as depositando, para não ir mais longe, nos ossos de seus quadris. Não queria ultrapassar, nem tampouco fazer mal. Tentava tocá-la com suavidade, queria ser o cavalheiro que não era. Ela se afastou, temerosa de sua própria reação e do efeito da droga. Lutava contra as sensações que ela sabia que não eram do todo voluntárias e depois, imediatamente, abandonava-se a elas. Era adorável. Estava intrigada pelo que seu próprio corpo sentia, e, entretanto, baixava os olhos por acanhamento. Adam juraria que a jovem não tinha muita experiência com os homens e isso adorava. Não era tolo para acreditar que Ruth era virgem. Não. Mas muito seguro que não praticou muito. Ou ao menos isso desejava ele.

Agora o olhava com indecisão, erguida na cama e com seus seios fabulosos apontando para ele. Eram lindos. Não eram grandes, mas eram dois globos fantásticos. O rosto de Ruth era tão expressivo que se refletiam nela todos seus pensamentos. Por uma parte odiava, era óbvio, mas pela outra, o afrodisíaco a estava deixando louca e sabia que não era indiferente. Desesperado, se apoiou na parede e apertou os punhos.

— Acredita que não sei que estou sob o efeito da droga? —perguntou ela ronronando.

— Está segura? —respondeu ele com voz aveludada. Separou-se da parede e caminhou para ela.

Ruth inclinou a cabeça, olhou-o de cima a baixo e assentiu.

— Fique onde estava, slave— ordenou com desprezo. Com altivez. E se sentiu bem ao ver que Adam deu um salto entre as sombras, detendo-se de novo— Acha que não me lembro do pacto? Estou drogada, já sei, mas também sei que é meu escravo e sei que deve me obedecer.

Adam apertou os punhos. Nunca esteve tão excitado. Ouvir essa palavra em seu idioma dos lábios de Ruth era algo inquietante. Slave. Arrastava de um modo tão escorregadio e sensual...

— Fará? —perguntou ela.

— O que?

— Me obedecer.

— Isso jurei, barnepike.

— O que significa exatamente?

—Ama.

Ruth ficou pensativa e mordeu o lábio.

Ama. Sua ama.

— Sabe o que? Não me considere nunca uma pessoa cruel, mas não imagina tudo o que gostaria de fazer com você... E o mais curioso de tudo é que nem sequer as coisas que quero fazer são por vingança.

—Merda —gemeu— Faz comigo o que desejar —Essa voz sufocada era dela?

— Gosta de ser má.

— Não importa. Eu não sou um anjo.

— Merece isso.

— Mereço isso —Adam assentiu com solenidade— Sei que me odeia, e isso tão rápido não posso mudar. Talvez com o tempo... Mas também sei que me deseja.

Ruth apertou a colcha em um punho.

— Você acha? Então é mais tolo do que pensava.



— Por pensar que me deseja?

— Não. Por acreditar que algum dia possa deixar de odiar —mentiu.

— Posso fazer que mude de opinião.

— Com certeza que sim — zombou de sua afirmação. Puxou o lençol de cima e se colocou de joelhos sobre o colchão. Adam engoliu saliva diante de tanta beleza— Não quero que saia nenhuma só palavra do que vai acontecer aqui —soltou um suspiro queixoso e levou as mãos à parte baixa do ventre— Esta dor é normal?

— Sim. Mas eu tirarei isso, gatinha.

— Não me chame de gatinha.

— Por quê? —elevou a sobrancelha do piercing.

—Já sabe que os cães e os gatos se odeiam. E você e eu nos queremos muito —brincou acariciando o umbigo.

—Já veremos — murmurou baixo, afastando o olhar.

— Mmm — gemeu, ignorando seu comentário. Elevou os quadris levantando os braços por cima de sua cabeça— Posso me permitir o que me dê vontade, é como se não fosse eu, mas uma vez sou mais consciente que nunca de mim mesma. Sabia que tenho a mente de uma ninfomaníaca?

Adam se pôs tão duro que gemeu de dor.

— Acredito que sim que é você. Mas é uma parte de você que não deixou sair nunca e agora faz porque está zangada e desinibida —sorriu adorando seu corpo— Tira essa parte, Caçadora. Quero ver.

— Zangada? Só zangada? Certo — gemeu de novo— Venha aqui, escravo. Jogou por terra minha tentativa de ser uma boa garota, de ajudar desinteressadamente. Tão clã, tão imortal, tão guerreiro cheio de testosterona... Sou feminista e o seu é de tribunal de guarda. Já não posso ser uma boa samaritana. Foi um rude filho da puta. — Adam caminhou para ela. Ruth arregalou os olhos e se levantou com lentidão— E está muito nu! —não percebeu. A escuridão do quarto ocultou seus atributos.

Ele assentiu, e se colocou diante dela. Já não aguentava mais. Precisava tocá-la.

— Me deixe lhe servir.

Ruth engoliu saliva e olhou a sua virilha. Não. Definitivamente aquilo era descomunal, poderia matar com isso. Seu corpo era impressionante, perfeito em sua agressividade e em sua rudeza. E a encantava. Raspou o cabelo da cabeça outra vez, e esse corte, junto com seus olhos escuros e o queixo partido, pronunciava muito mais seus traços. Seu dragão e aquele piercing na sobrancelha davam um aspecto muito perigoso... e o colar... O olhou de esguelha. Adam a obedeceria pelo colar, um bom aviso. As pontas prateadas brilhavam desafiantes. Passeou os olhos por todo aquele corpo escultural, cheio de sombras e músculos inchados, e fixou a vista em seu membro.

— Não é meio lobo, é meio cavalo —sussurrou Ruth um pouco assustada.

Adam afogou uma gargalhada. Adorava sua frescura e sua vitalidade, e estava tão adorável em sua cama. Tinha aquelas fantásticas pernas torneadas e musculosas, o monte de Vênus e os ossos graciosos de seus quadris, o torso ao ar livre, e ele podia se perder em sua barriguinha plana



e seus seios. Um diamante brilhava no umbigo e o deixava a mil. Queria levar à boca. E o que era já o cúmulo era que estava toda depilada. Nada podia excitá-lo mais.

—Você também está nua —apontou Adam— E está tremendo. Não a machucarei se for o que pensa.

—Já me fez isso. —Tentou parecer calma— Mas agora já não importa. Vai pagar por isso. Olhou-o com ardor.

— Não sou boa, Adam. Tenho pensamentos impuros — esclareceu.

— Me deixe ver esses pensamentos — pediu emocionado— A dor e o vazio se intensificarão. A droga está feita para homens como nós, não para humanas pequenas como você. Preciso te tocar.

— Pequena?

— É miúda. Tem que estar ficando louca. A droga é muito forte.

— Sou pequena —disse ela se defendendo. Levou as mãos aos seios— comparada com você.

— Ruth, não posso aguentar isto muito mais —não deixava de olhar como Ruth se acariciava— Está a sós comigo neste quarto, nua, e me deseja. Eu te desejo, e embora isso nos pese, é a verdade. Não adie mais — pediu indo com a mão ao membro.

Adam soube que Ruth estava ao limite. Necessitava que a acalmasse e que as dores cessassem. Ela necessitava desafo e ele daria.

— Não se cubra, gatinha. Agora mesmo necessita minha ajuda para arrumar os desajustes que o afrodisíaco faz em seu corpo.

— Não se equivoque. Quem dá as ordens aqui sou eu —basta de bate-papo imprestável. Basta de debilidades. Bem-vinda à nova Ruth— Deite de barriga para cima.

Adam obedeceu estirando na cama. Sua ereção se levantava enorme e grossa.

— Sou seu escravo. Suas necessidades se antepõem sempre às minhas —morria para que Ruth o tocasse de algum jeito.

Um brilho de reconhecimento feminino atravessou seus olhos.

— Não fale — ordenou ela pondo os dedos sobre os lábios. O que estava fazendo estava mau, não? Estava-o utilizando sexualmente— E não se mova.

Era maravilhoso. Ao momento, obedecia.

Adam engoliu saliva e a observou.

— Só sexo —esclareceu Ruth. Sentou escarranchado sobre o estômago de Adam e colocou as mãos sobre o travesseiro a cada lado do rosto do berserker.

Adam assentiu olhando sua virilha completamente depilada.

— Não sei o que se deve sentir quando alguém a quem odeia e que além enoja como eu, esteja te controlando deste modo. —Estudou o rosto do berserker. Seus gestos, seu olhar. Não parecia estar passando muito mal— Não acredito que seja divertido, não, lobinho?

Olhou-a fixamente. Não era divertido, mas tampouco devia ser uma maravilha para ela saber que a única pessoa que poderia dar consolo nesse momento era ele. Certamente se sentiria um pouco humilhada depois de todos os insultos que dirigiu. Depois de tudo do que a acusou. E resultava que ele acalmaria o anseio sexual que estava queimando seu corpo suave. Foi uma decisão dos dois, e agora conduziriam com as consequências.



Ruth se inclinou sobre seu ouvido. Seu cabelo acariciou a bochecha de Adam.

— Direi o que vou fazer. Vou fodê-lo como a puta que é — sussurrou com toda a raiva da que foi capaz— Foi o que me disse.

Adam grunhiu e começou a tremer. Chamou-o de “puta”? O colar dava descargas porque ele não queria estar quieto. Queria montá-la como um selvagem e demonstrar quem era o forte dos dois. Mas era seu escravo, e embora não gostasse muito disso, estava excitado e a sua mercê.

Ficou muito quieta. Não gostava de ser assim, mas queria humilhá-lo.

— O que parece? —acariciou o lóbulo de sua orelha com os lábios— Nada de beijos. Nada de carícias. Só alívio. Um homem como você, tão grande, tão bem dotado... Vou usá-lo como um kleenex as vezes que me dê vontade.

Adam grunhiu e jogou a cabeça para trás e quando voltou a olhá-la, seus olhos eram dois rubis enormes. O que parecia? Tremeu de novo.

— Tem um gorrinho? Responda-me — perguntou ela esfregando-se contra ele e dando-lhe uma pequena dentada na garganta. Puxou brandamente sua pele.

Ter Adam para ela a estava devastando. Seu coração ia a mil por hora, e se sentia como em casa tocando sua pele. Cheirava tão bem. Tão limpo. Fechou os olhos e se forçou a não beijá-lo. Era o que realmente desejava, mas um beijo era muito pessoal para ela. Um autêntico gesto de carinho, entrega e respeito. Ali só havia desejo, assim que os beijos estavam vetados.

— Um gorro? —gemeu ele— Para que quer um gorro?

Ruth tremeu da risada.

— Uma camisinha, tolo.

Adam sorriu a seu pesar. Grande apelido.

— Não precisará. Não temos enfermidades de nenhum tipo. Somos seres imortais, estamos protegidos. Não te contagiarei com nada.

Ruth negou com a cabeça e se levantou para olhá-lo nos olhos. Estudaram um ao outro.

— No século vinte e um não só usamos preservativos para não contrair enfermidade, sabia? —Adam assentiu.

— Bebês —respondeu sério.

— Isso. —Tratou-o como se fosse um ignorante.

— Uma garota como você não pode querer filhos, verdade? —sentiu uma pequena pontada no estômago ao dizer isso.

Ruth não sabia o que responder. A que se referia com “uma garota como ela”?

— Este assunto é muito sério para falá-lo agora, e menos com você.

— Pensando bem, não utilizaremos camisinha, não vai necessitar. —encolheu ligeiramente os ombros— Não quero que diga nada mais. Não fale.

Adam franziu a testa, mas ficou rígido no momento.

Ruth estava assustada pela força animal que desprendia Adam. Toda a parte inferior do berserker estava acoplada a dela. Sentia algo duro, grosso, comprido e quente golpeando no interior da coxa, muito perto de seu portal.

Inclinou-se sobre ele e com uma mão tomou seu membro sem olhá-lo. Não podia abranger. Agarrou como pôde e se levantou para empalar pouco a pouco. O afrodisíaco a dilatou e estava



muito úmida, mas Adam era muito grande, e por muito que lutasse por introduzir era impossível. Começou a tremer pelo esforço.

Adam não perdia detalhe de sua boca entreaberta e seus seios bamboleando de um lado ao outro. Era suave como o cetim, escorregadia e quente. Era linda. Uma beleza selvagem e única, de cabelo vermelho, lábios sedutores e olhar de gata. E o estava estuprando. E ele queria uivar à lua por sua sorte.

Ruth mordeu o lábio. Não poderia com ele. Era impossível. Doía horrores. Estava cansada daquilo e em seguida perdeu a coragem. Era consciente de sua inexperiência, seu déficit e sua frigidez, e teve vontade de chorar. Nem sequer podia aproveitar-se dele. Começou a sentir vergonha do que estava acontecendo entre eles. Vergonha de fazer o ridículo com ele. Pequena dominatrix falsa, parecia.

— Ruth —grunhiu Adam como pôde. Conseguiu falar, e isso significava violar a ordem de sua ama. Sofreu várias descargas mais, mas as dissimulou bem. Além disso, umas diminutas pontas agudas invisíveis cravaram na garganta e começou a sangrar. Estando às escuras, Ruth não veria. Aguentou a dor porque tinha que ajudá-la. Ruth era humana e estreita— Deixe a mim, Barnepike.

— Quero que me sirva, maldição. É meu escravo! Nem meu namorado, nem meu companheiro, nem sequer meu amigo! Meu escravo! Assim começa a tirar a dor agora mesmo! — explodiu em cólera e golpeou o travesseiro com um punho.

Afastou o olhar. Ruborizou de novo e Adam pensou que era muito tenra. Já não podia se colocar mais duro do que estava. Mas Ruth e ele tinham melhor comunicação quando estavam zangados. Se quisesse ser doce com ela, Ruth não deixaria, sobretudo sentindo-se dolorida e vulnerável como se sentia nesse momento. Necessitava mais quente, mais duro, mais acessível, e só conseguiria provocando. Porque o fogo saltava cada vez que discutiam. Ruth era guerreira, também seria na cama. Sorriu e se preparou para sua perseguição e demolição. Levantou. Inclinou-se sobre sua graciosa e feminina orelha e sussurrou:

— Quer meu pênis? —esfregou ligeiramente contra sua perna. Ruth saltou como se a tivessem queimado. O membro de Adam a queimava com sua suavidade e seu ardor.

— O que disse?

— Quer isto — esfregou de novo— Quer que esteja dentro de você te sacuda —ronronou em seu ouvido— Sei que você gosta. Cheiro daqui.

— Não se equivoque, vira-lata. Estou como estou pela injeção, não porque o desejo. — Mentira e das gordas. Mas isso ele nunca saberia. Ou talvez sim?

—Ah. —Sorriu de novo, sabendo que Ruth cada vez estava mais chateada— Não é verdade. Sei muito bem o que necessita.

— Não tem nem ideia, pedaço de...

— Isso é —a animou ele divertido— Se ponha em meu lugar. Eu adoro.

—Ordeno que... —tentou sair de cima, mas ele a agarrou pelos quadris imobilizando-a.

— Me dê o controle, Ruth —o piercing negro de sua sobancelha brilhou quando a luz da lua que entrava pela janela refletiu nele. Seus olhos sobre-humanos também brilharam com fogo vermelho— Dê-me isso e te farei gritar.

Ruth o olhou aos olhos vermelhos e cheios de desejo. Soube no momento o que ele



pretendia. Estava pedindo as rédeas. Adam era seu escravo, assim se ela necessitava algo só tinha que ordenar.

— Quero que me acalme — ordenou Ruth — Só. Você é o suficientemente forte para aguentá-lo.

Ruth não tinha nem ideia do apetite sexual de um berserker drogado. Teria sorte se continuasse viva pela manhã. Grunhiu e fechou os olhos como se estivesse dolorido. Não podia ser, não pensou nisso. Por isso disse que não necessitava “gorrinho”. Não tinha intenção de lhe dar alívio.

A Caçadora era muito puta.

— Não diz a sério.

— Me obedeça.

— Assim friamente? — perguntou ele levantando uma sobrancelha.

— Não se faça agora de sensível. Nem sequer há uma leve apreciação entre nós, o que esperava? Que agradecesse que não me matasse? Não se trata de amor, Bobby bonito. Trata-se de sexo.

— Está equivocada se acha...

— O pacto que você e eu compartilhamos será como uma transação.

— Está cobrando por tudo o que fiz?

— Não estaria nesta situação vergonhosa se não fosse por sua culpa. Não é fácil para mim.

— Para mim tampouco. — É óbvio que não. Desde que sabia que era inocente, só tinha vontade de meter dentro dela. O que acreditou? Ele era um homem e a desejava tanto que estava a ponto de morrer abrasado pelas chamas. Ruth não convinha, mas a desejava, e isso não podia controlar.

— Pois acabemos rápido com isto. — O membro de Adam não encaixaria nela jamais. Devia haver um modo de evitar que ele a penetrasse. Não queria fracassar também com o homem que mais a atraía — Não quero fazer com você, nem sequer quero que me toque. Não me acaricie.

— Então o que quer que faça, ama? — Olhou-a com frieza.

— Faz qualquer coisa, o que for. Mas faz. Já — ordenou com os olhos frágéis.

Adam a levou com ele e a deitou na cama. Ele se colocou em cima imediatamente.

— Você disse que acabaria me rogando — sussurrou ele com malícia, também zangado por todas essas sensações contraditórias que bombardeavam seu sistema emocional.

— É um bastardo! Não roguei nada — tentou se levantar, mas Adam a cravou na cama de novo.

Deslizou sua mão entre ambos e a encurvou sobre o sexo liso de Ruth. O contato os levou quase ao orgasmo tanto a ele como a ela. Ela começou a tremer e pôs a outra mão no rosto. Afastou as graciosas ondulações da cor do vinho tinto e as reteve entre os dedos para que não cobrissem os olhos. Queria que ela o olhasse. Ruth respirava rapidamente, com os lábios entreabertos. Adam se inclinou sem pensar, precisava beijá-la. Precisava acariciá-la com sua língua. O beijo que lhe deu no porão foi brutal e duro, e a jovem ainda tinha o lábio machucado. Não podia acreditar. Tinha à Caçadora em sua cama e não sabia por onde começar.

— Não. — Ruth o cortou tentando afastar o rosto. E Adam parou em seco.



— Não, o que?

— Disse que não quero que me beije. Nada de beijos. Só faz que esta sensação desapareça —ordenou mordendo o lábio.

— Ruth —rugiu como se estivesse a ponto de começar a chorar.

— Obedece, slave —gritou ela a um dedo de seu rosto, farta dessa conversa. Estava chorando pela dor e a insatisfação que envenenava seu corpo.

la enlouquecer. Adam estava a ponto de explodir e ela não lhe daria trégua. Moveu os dedos entre os lábios íntimos de Ruth. Uma. Duas. Três vezes. E então gozou. Foi testemunha do mais bonito que viu em sua vida. Ruth se arqueou surpreendida pela força com a que chegou ao orgasmo, rompeu em mil pedaços. Agarrou-se a seus antebraços e cravou as unhas. Gritou com tanta força que Adam teve que tampar-lhe a boca com a mão por medo de que despertasse seus sobrinhos, os quais tinha um ouvido muito aguçado.

Adam ronronou enquanto observava o espetáculo.

Lindo.

Ela permanecia com os olhos fortemente fechados, as bochechas ruborizadas e a respiração desigual e alterada. Seguia tremendo.

—Tranquila, gatinha. Estou aqui. Por todos os deuses —sussurrou endurecendo até o limite. Acariciou-a de novo com os dedos e Ruth seguiu o movimento procurando a carícia de sua mão— Está tão suave e molhada... —seus dedos escorregavam por sua abertura, roçando o clitóris com toques estratégicos.

— Não... —murmurou Ruth lambendo o lábio inferior— A dor não desapareceu. —A voz de Ruth estava a ponto de quebrar. Olhava aturdida— Faz que pare... por favor.

Adam sorriu com ternura a aquela garota que tinha sob seu corpo. Era tão bonita e tão natural. Queria ser dura e cruel, mas estava pedindo as coisas com educação. Nada agressiva como as mulheres berserkers, nada violenta.

— Não serve para dar ordens —Adam enredou seus dedos em seu cabelo e se inclinou para cheirar a essência de seu pescoço.

Ruth afastou o olhar para não se ver afetada por aquele gesto tão doce e possessivo de Adam.

— Falta soberba. É como um cubinho de açúcar. —Parecia surpreso pela revelação— Está bem, Ruth. —inclinou-se sobre sua têmpora e a beijou ligeiramente. Foi um toque completamente íntimo e, entretanto Ruth o sentiu em toda sua extensão— vai ser tudo para você. Entendo que não queira me fazer nada. —A dor que sentia pela insatisfação rugia por sua pele com tal estrépito, que começava a se sentir febril e doente— É uma surpresa.

Ruth não deixava de olhá-lo nos olhos. Se a sinceridade e o pecado tivessem um rosto, seria sem lugar a dúvidas o de Adam. Mas, como ia confiar nele? Adam a fez sentir muito mal nas semanas anteriores.

— Farei o que me peça — sussurrou ele docemente deslizando de novo uma de suas imensas mãos entre ele e Ruth. Posou a palma inteira entre suas pernas e ela gemeu outra vez— Tranquila... —Adam deslizou o dedo do meio até sua entrada e desenhou círculos sobre ela— Não imagina, gatinha, tudo o que queria fazer. Está tão tenra aí abaixo.



— Não fale comigo, Adam —soluçou levantando os quadris.

— Perdoa —sorriu inclinando-se sobre seu pescoço. Lambeu e a mordiscou, diante da surpresa e a excitação de Ruth— Quero provar isto. — Com lentidão extrema a penetrou com um dedo. Adam ficou quieto enquanto movia o dedo de um lado ao outro, tocando suas paredes para estendê-la— Está muito fechada. Não posso entrar. —Olhou-a nos olhos, assombrado.

— OH, por todos os... —Ruth fechou os olhos e jogou a cabeça para trás.

— Dói?

Assentiu agitadamente e cravou as unhas no peito musculoso. Não se importava em nada que Adam não pudesse penetrá-la com um simples dedo, seus dedos eram grandes, grossos e masculinos. Suas mãos eram enormes. O que não era grande nele? Todo ele era. Estremeceu ao se dar conta do muito que Adam podia intimidá-la como homem.

Ele colocava e tirava o dedo a um ritmo constante e furador. Não podia pensar. Seu cérebro girou como a cabeça de um polvo, por completo, ao ver que tinha diante dele uma semi-írmã. Estava tão incrivelmente apertada que duvidava que fosse verdade, mas não havia hímen, assim sem lugar a dúvidas não era. Esteve com algum homem? Quem? Quanto fazia isso? Por que tinha esse nó no estômago ao pensar nisso? Acreditou que essa garota era uma matahari, e agora, estava convencido de que por aquele lugar quente fazia anos que não entrava ninguém. Com a quantidade de afrodisíaco que corria por suas veias, deveria estar mais distendida, e entretanto não era assim.

—Venha aqui, gatinha. Eu me encarregarei de você.

—Adam, não quero fazer com você —repetiu Ruth olhando com censura— Não se aproveite.

—Já o ouvi. Acha que seria capaz de forçar?

— Sim. É óbvio que sim — disse ela movendo os quadris de cima a baixo— Nem ontem nem antes de ontem teria importado. Queria fazer. Vi em seus olhos.

— Claro que queria fazer. E quero fazer. Entretanto, não fiz quando pensava que era uma assassina e tampouco farei agora. Mas tem que deixar de se mover assim, pelo Odín, está-me levando ao limite.

Ruth não parou o bamboleio de seus quadris. Elevou uma sobrancelha e sorriu com malícia. Adam crescia por momentos em grossura e em comprimento. Realmente essa vara era imensa.

—Me toque — ordenou ela— Não pare.

Adam não duvidou nem um instante. Abriu as pernas de Ruth, tranquilizando-a com leves carícias que ela queria rechaçar. Passou o dedo do meio de novo por sua abertura e o deslizou no interior de Ruth outra vez, com suavidade. Olharam-se nos olhos durante vários segundos enquanto Adam fazia amor com as mãos e a penetrava com o dedo repetida e profundamente até os nódulos.

Ruth soluçou e tremeu no segundo orgasmo explosivo que sobreveio.

Adam, fascinado, não quis perder nada. Os mamilos da garota, de uma deliciosa cor rosada, estavam eretos, e seus seios brilhavam pelo suor, inchados pela excitação. As bochechas avermelharam e os olhos estavam nublados pelo prazer. Com aquela cabeleira indomável da cor da paixão, parecia uma mulher selvagem.

— Mais? —perguntou Adam investindo mais brandamente com o dedo. Introduziu um



segundo dedo estirando sua suave carne, mas parou ao ouvir o gemido de Ruth— machuco você?

Ruth gemeu e assentiu com a cabeça. Adam não podia imaginar como iriam encaixar os dois quando fizessem amor. Porque embora Ruth parecesse ser doce e receptiva com ele, ele estava decidido a fazê-la sua de corpo e alma. Aconteceria cedo ou tarde. Ele não era um homem que tinha muita paciência.

Havia muitas maneiras de fazer amor. Ele não gozaria com ela nem trocaria o chi. A troca de chi era reservada a companheira e Ruth não seria a sua. Por muito que a desejasse. Entretanto, antes de propor o emparelhamento a Margött, queria desfrutar de Ruth. Ela era muito sensual para evitá-la.

— É tão estreita —comentou maravilhado, tirando o dedo e deixando-a vazia. Levantou-se e pôs uma mão a cada lado da cabeça de Ruth, prendendo-a com seu imenso corpo e obrigando-a a olhar nos olhos. Observou-a longamente, recreando-se em seu lindo rosto— Vou fazer amor com você.

Ruth apertou os dentes e tentou tirá-lo de cima.

— Não. Não me terá. Não vai colocar isso dentro de mim —olhou o impressionante pênis de Adam, que se elevava dentre um arbusto de cabelo negro. Grosso como seu pulso, longo quase como seu antebraço, sulcado de veias. A cabeça rosada em forma de cogumelo estava úmida de líquido pré-seminal. Uma gota perolada brilhava na ponta.

Adam não podia desobedecê-la. Mas ele estava desejando que Ruth o acariciasse. A dor era insuportável.

— Preciso que me toque —balançou sua ereção e a roçou contra o colchão imitando o ato amoroso para dar alívio— A droga está me matando também.

— Não me dá pena. É imortal. Você é mais forte. Suportará, já o verá —disse ela engolindo saliva e notando como se umedecia excitada ao ver o bamboleio de Adam. Nunca masturbou ninguém com suas mãos. Cravou as unhas nas palmas para não ceder ao impulso de fazer com ele.

— Por favor, barnepike. Por favor —rogou Adam. Abaixou a cabeça com as bochechas maravilhosamente vermelhas. Quem suplica agora, hein? Não, Adam.

— Posso me tocar? —perguntou por que seria vergonhoso começar a fazer diante de Ruth e que ela o repreendesse por isso. E ele era muito orgulhoso. Não ficaria nada bem.

Os olhos da jovem se obscureceram e o olharam com interesse. Mas tal e como apareceu a curiosidade, desapareceu mais tarde substituído pela frieza.

— Não quero que tenha nenhum tipo de alívio, slave.

Adam inspirou profundamente, forçando-se a relaxar e a controlar o animal que levava dentro. Um berserker podia passar horas fazendo amor com sua companheira, já que sua libido se disparava. Necessitava que Ruth fizesse algo, embora só o roçasse. Era um suplício, uma tortura ter a uma mulher como ela em sua casa, em sua cama, nua e disposta, e não poder fazer amor.

— Então vou te comer inteira e não pararei —rugiu afogando um gemido de insatisfação.

— Vai fazer o que? —Tentou levantar-se, mas ele proibiu.

Ruth não teve tempo para reagir. O corpo ágil de Adam deslizou para baixo, separou suas coxas agressivamente com os ombros e abriu os lábios vaginais com os polegares. Mas parou ao ver a marca da deusa sobre a fatia de seu sexo. Passou o dedo indicador por cima dela e a



esfregou brandamente como se fosse uma coceira.

— O que é isto tão bonito? —sorriu. Aquilo provocava uma estranha ternura.

— É a marca... da Deusa —respondeu ela aturdida.

— A marca de Nerthus? —Olhou-a hipnotizado— Não posso acreditar que seja uma de suas sacerdotisas. É incrível. Está assustada?

Ruth não respondeu. Não queria falar mais com ele. E Adam captou sua mensagem corporal.

— Está bem, como quiser —aceitou resignado— É tudo para mim. Não me peça clemência porque não vou dar.

— Fará o que eu ordenar —respondeu Ruth tremendo, apertando, afastando o rosto bonito de Adam de seu virilha— Saia daí, por Deus!

— Alguém a beijou aqui alguma vez? —Posou seus lábios sobre o sexo de Ruth e esta se arqueou agarrando-se aos lençóis com força.

— Adam!

— Imaginava... —Introduziu a língua e a beijou como se a beijasse na boca.

Ruth não saberia explicar jamais tudo o que supôs para ela aquela noite com ele. Adam esteve horas estimulando-a, lambendo-a como a um doce. Fez amor com a boca, os dentes, os lábios e a língua. Ruth perdeu a conta dos orgasmos que teve, sentia-se atordoada e terrivelmente exposta, mas depois dos três primeiros deixou de se importar completamente. Só existia a boca de Adam. Quando Ruth empurrava com os quadris, Adam deslizava a língua mais profundamente. Quando ela se queixava ultra- sensibilizada, ele a acariciava mais brandamente. Não deu pausa, até que a noite cedeu espaço à alvorada e Ruth ficou sem voz de tanto gritar.

Adam deu uma lambida lenta e preguiçosa, de baixo para cima, limpando carinhosamente. Estava irritada e vermelha, mas também estava satisfeita e saciada como nunca.

— Suficiente —exalou Ruth com o rosto avermelhado— É suficiente... não... não posso mais. —Pôs sua mão sobre o rosto de Adam e o levantou para que a olhasse. Sentia sua virilha ardendo pelo permanente contato de sua boca durante horas— Pare, Adam.

Adam passou a língua pelos lábios. Parecia um animal domesticado. Observou-a com seus olhos vermelhos e estranhamente quentes, e sorriu. Beijou a marca da sacerdotisa com suavidade, para logo deixar cair sua bochecha sobre seu ventre, abraçando-a repentinamente com possessividade pela cintura.

— Está bem, gatinha —sussurrou fechando os olhos. Que sensação tão agradável se sentir assim com Ruth. Sentiria-se igual com Margött? Ao perguntar-se isso sentiu uma opressão no peito.

Ruth jamais pensou que poderia desfrutar tanto do sexo oral, e muito menos se imaginava que seria Adam quem o proporcionasse, encadeando um sem-fim de orgasmos que a deixaram como uma mulher gelatina.

Até depois de descansar por aquela perseguição sexual, sentia a boca de Adam em seus lábios inferiores. Os espasmos a continuavam percorrendo e às vezes tremia como se dessem calafrios.

Ele sorriu para si mesmo. Foi o primeiro para ela nesse sentido. Não esqueceria jamais, nem ele tampouco. O sabor de Ruth era terrivelmente aditivo, doce como o mel e muito feminino,



como toda ela era.

Um doce succulento para seu paladar, um presente que desembulhar. Poderia inventar cem mil metáforas que comparassem o que, aparentemente, Ruth fazia a seus sentidos, a seu corpo.

— Está adormecida? — perguntou sabendo que não estava— *Katt*³⁴?

Ruth olhava ao teto, ainda se recuperando daquela verbena de sensações que Adam descobriu. Como dormiria? Estava aconchegado contra ela, acariciando o ventre com a bochecha como se estivesse mimando um tesouro prezado, como se estivesse protegendo-a. Mas ela não era nada disso para ele. Não era nem um tesouro nem ninguém a quem queria proteger, a não ser que fosse por obrigação. Se estavam nessa situação era pelo afrodisíaco, por nada mais. Entretanto, ele seguia duro como um touro, e ela, graças a seus cuidados, perdeu parte do efeito da droga. Suas pernas seguiam abertas para ele e seus braços permaneciam lassos aos lados. Elevou uma mão para retirar a cabeça de Adam, sem força e sem convicção, porque se sentia incômoda de repente ao ver que ele a tinha fortemente abraçada.

— Quem é Katt? — perguntou. Aquela voz ressentida não podia ser dela. Adam elevou as mãos preguiçosamente e as colocou sobre seus seios, cobrindo-os como se fossem deles. Não a havia tocado ali.

Ruth sentiu fluir uma chicotada de prazer dos mamilos até o útero.

Adam moveu seu rosto e afundou a língua em seu umbigo, como um imenso tigre dormitado e satisfeito que ainda procurasse um pouco do sabor da paixão. Mordeu seu diamante e o puxou.

— Você é katt — respondeu ele inalando o aroma de sua pele, fechando os olhos com prazer— Minha gata selvagem. — Olhou-a e sorriu enquanto beijava seu púbis com os lábios abertos.

Ruth teve que piscar para não ficar embevecida ao vê-lo sorrir tão humildemente. O gesto suavizava seus traços duros e angulosos, e o fazia parecer muito mais acessível, mas igualmente arrebatador e perigoso.

— Katt quer dizer gata? — perguntou receosa. Por que se sentia assim? Não podia importá-la que ele a chamasse por outro nome.

— Acredita que a chamei pelo nome de outra. — Elevou os olhos, orgulhoso ao ver que Ruth tentava negar que sentiu uma pontada de ciúmes e raiva— Tão cedo me mostra as unhas? — Amassou seus seios e grunhiu de prazer— É perfeita, maldição.

— Não sei do que está falando. — Afastou suas mãos como pôde— Você fala estranho — brincou Ruth para não sentir-se tão exposta— Não entendo. Katt, barnepike, slavery... E nem sequer sei por que fala comigo. Já deixou claro que não gosta de mim e que não lhe importo, só faz isto para se redimir diante de Ás e seu clã. Não faz por mim.

— Ruth, não entende — Adam seguiu a brincadeira, satisfeito. Ele explicaria. Levantou-se sobre ela sem parar suas mãos brincalhonas que não deixavam de tocar os seios e logo mostrou como era comprido sobre seu corpo feminino, mantendo-a presa.

Ruth aumentou os olhos e as pupilas dilataram. O contato aos cem por cento com a pele de Adam a intimidou mais do que deveria. Ambos ardiam.

³⁴ Gata em norueguês.



— Não se assuste, tranquila — sussurrou ele colocando seus antebraços no travesseiro de Ruth, a ambos os lados de seu rosto. Encurralando-a. — Sabe? Se fosse indiferente a teria matado faz tempo, Ruth. Do momento em que sonhei com você.

— E por que não fez? — desafiou ela zangada por sua vulnerabilidade, por se sentir tão desamparada com esse homem — Te direi por quê. Queria me fazer sofrer, me manter assustada e afastada de você e dos seus. E queria que eu o temesse, e quando teve um ínfimo motivo para me sequestrar, fez. E então me demonstrou uma e outra vez quem mandava. Não esquecerei. Foi espantoso, Adam. E agora está aqui...

— Agi movido pelo impulso de proteção. Pensei que era culpada de todas as coisas das que acusava. — encolheu os ombros — Mas agora me alegra ter estado errado.

— Você gosta de me aterrorizar. Divertiu-se? — Seu corpo começou a tremer de raiva — Deixou muito claro o que pensa de mim, não deixa de me insultar, e se agora quer se redimir é porque nunca fez tanta merda com seu líder.

— Leder — a corrigiu ele enquanto voltava o olhar a seus mamilos.

— Que seja! — gritou empurrando seu peito com as mãos — Riu de mim, humilhou-me e me tratou como a uma qualquer. Continua sem me conhecer, e, além disso, quer me fazer acreditar que te importo e que agora sou sua... gatinha. Não tem nem ideia de como estou envergonhada por ter permitido que você me... que me tenha feito tudo isso aí embaixo.

— Gostou. Encantou-se — a desafiou que o negasse. Suspirou furiosa.

— É a droga. — Estava vermelha como um tomate — O que quero dizer é que isto não nos converte em amigos.

— Você pode não gostar de mim, pode me odiar, mas sei que não lhe sou indiferente como homem. Você gosta.

— É um convencido.

Adam tomou ar pelo nariz só para relaxar. Ruth tinha gênio, e quando se zangava o deixava louco de desejo. Ele era um berserker, tinha genes de animal. De lobo. Não podia desafiar a um lobo, nunca, porque são animais de instintos, adoram a caça. Todo mundo sabia disso, mas ela não. Devia recordar a cada momento que Ruth era uma humana que não sabia nada deles? Não podia reclamá-la, nem agora nem nunca. E menos estando furiosa como de repente parecia que estava, por muito que isso o excitasse. Não. Não a reclamaria jamais. Já tomou a decisão a respeito a quem seria sua companheira, sua kone, e não era Ruth.

Ruth era o desejo.

Margött a razão e a responsabilidade, e uma aposta segura e cômoda. E para um homem como ele, com dois meninos pequenos aos que educar, uma berserker seria o ideal. Olhou de novo Ruth. Era magnética para ele, mas não era sua escolha. De todos os modos, o incomodava que ela não reconhecesse o que sentiu estando com ele. Porque entre eles havia uma atração animal difícil de ignorar.

— Está confusa. — Adam tentou ser pormenorizado — O que aconteceu entre nós poderia ter sido causado pela droga ou por um suco de laranja, se for o que quer acreditar. Teria acontecido de todos os modos. Ontem, juro que a teria tomado acreditando que era uma assassina, e não teria feito para te castigar, mas sim porque não posso resistir a você. Acorda em



mim algo que não vejo capaz de controlar.

— Me fodeu só para me castigar — girou a cabeça para não olhá-lo.

— Não use essas palavras.

— Não me exorte. E isso é precisamente ao que me refiro, deixemos as coisas claras. — continuava sem olhá-lo— Não teria feito porque você gosta como sou ou porque eu o faço sentir coisas, nem sequer por passar um bom momento. Teria feito porque queria me maltratar, me humilhar. Uma má pessoa, egoísta e cruel. Desfrutou me intimidando. O que diz isso sobre sua natureza?

Adam se afastou e seu rosto se transformou em uma máscara de incredulidade. Seus olhos vermelhos perderam a cor e se tornaram ligeiramente amarelos, e quando se estreitaram, Ruth se sentiu de novo ameaçada.

— Se fosse tudo o que diz —grunhiu a um centímetro de seu rosto— agora mesmo estaria te destruindo e me colocando entre suas pernas como um animal selvagem.

— E seria uma surpresa? É o que é —o insultou ela. Desfrutando dele e de suas carícias, mas seu comportamento, de ambos, foi induzido pelas drogas— Isto não muda uma maldita coisa, vira-lata. Não se confunda. Sinto-me mal porque a droga me rebaixou diante de você. Porque fez que eu permitisse que me tocasse. Sinto-me indigna.

Adam apertou os dedos contra o travesseiro. Se sentisse o sofrimento que sentia ele, engoliria todas suas palavras. Os berserkers necessitavam o sexo para respirar, necessitavam o calor de sua companheira e sua energia, e se não tinham sua companheira, então necessitavam uma mulher. Um berserker drogado como ele teria tomado Ruth durante toda a noite, sem escutar suas súplicas para que se detivesse, sem ouvir seus gritos nem sua dor. Ele, graças a seu autocontrole, não estava cedendo a seus instintos simplesmente porque ela merecia a oportunidade de escolher, e porque a respeitava um pouco mais que no dia anterior, e isso estava por cima de seu louco desejo por ela. Por agora.

— Assim sou um animal? —repetiu visivelmente ferido por suas duras palavras.

— Sim.

— E você não gosta que a toque?

Ruth engoliu saliva. Não gostava nem de seu modo de olhá-la, nem o tom de sua voz que a incitava que dissesse o que ele desejava escutar. Ia mentir. Ia mentir como uma velhaca e o pior era que estava segura de que Adam saberia.

— Não. Odeio que me toque e que me tenha feito isto. —Suas palavras foram adagas diretas à paciência de Adam que não aceitou nas palavras de Ruth. Nunca faria, porque sabia que eram falsas, e quis demonstrar a ela e a si mesmo.

— Então se a toco aqui...

Deslizou a mão até abranger sua virilha e a penetrou com um dedo até o fundo e sem nenhum aviso. Ela já estava úmida pelas anteriores vezes, mas a impressionou igual.

— Adam! —Tentou tirá-lo de cima golpeando-o no peito, mas ele imobilizou suas mãos com uma das suas e as colocou por cima de sua cabeça. Ruth fazia negações e engolia saliva compulsivamente.

—E se movo assim — introduziu mais o dedo, voltou a tirar e logo voltou para a carga com



dois, colocando-os até os nódulos.

Adam não sabia que demônio o havia possuído, mas estava furioso pelo que disse. Ruth gemeu diante de uma nova penetração e arqueou contra sua mão. Envergonhada por sua debilidade diante dele, afastou o rosto e mordeu o lábio inferior para não dizer que continuasse.

—Katt... —murmurou ele com suavidade. Não faria mais mal do que já fez— Seu corpo não mente como faz sua boca. Está úmida e dilatada para mais. Mas quero demonstrar que não sou nada do que me acusa —rodou os dedos, puxou-os e voltou a colocá-los com mais suavidade— Poderia me colocar dentro de você, agora mesmo.

Ruth o olhou com alarme.

— Mas não farei.

Ela elevou os quadris e fechou os olhos com força. A cabeça dava voltas e as vísceras queimavam como nunca.

—Vamos, goze. Agora.

Foi ouvir a ordem de Adam e ela obedeceu. Não ficava orgulho nem dignidade, simplesmente desfrutou do orgasmo. Adam sentiu como Ruth apertava os dedos e os soltava. As contrações eram duras e prolongadas, arrasando tudo a seu caminho. Levantou da cama, fugiu dela para não machuca-la. Nu contra a parede, assustado e inseguro de seu próprio autocontrole a olhava atormentado. Essa mulher o deixaria louco. Devia afastar-se dela, e rápido. A necessidade de fazê-la sua e a febre do acoplamento berserker estavam a ponto de submetê-lo, mas Ruth não era a escolhida. Formigavam os dentes e os olhos ficaram vermelhos de novo. Amarelos para a guerra. Vermelhos ante o desejo. Seu corpo tremia e estava a ponto de sofrer um colapso pela excitação não acalmada.

— Pode ser que seja um animal —disse abrindo a porta do quarto. Olhou por cima do ombro— Mas você é uma mentirosa, Caçadora. E desta vez, de verdade.

— Saia!

Adam saiu pela porta com o gesto altivo e fechou a porta, deixando-a imersa na escuridão. Ruth se fez encolheu e afundou o rosto entre seus joelhos. Chorou de raiva e impotência, de nervosismo e medo, de mágoa e de tristeza. Chorou por ter discutido com ele de novo. Porque não ficou abraçando-a nem a acariciando, dizendo que foi especial para ele como foi para ela. Odiava discutir com ele. Estava mau física e emocionalmente. Estava mal fazia um mês e meio e agora não era diferente. O que tinha Adam? O que era ele para ela? Por que a afetava assim?

Devia tomar uma decisão a respeito deles e sua situação, e fazê-lo logo porque não podia arriscar a expor-se a ele e seu julgamento e sair perdendo de novo. Dormiu imaginando as mãos e as carícias de Adam, balançando-a como não fez e beijando-a como ela desejava.

CAPÍTULO 13

Despertou com o corpo totalmente relaxado. A calma e a serenidade a rodeavam, sua mente e sua alma estavam em paz. Não notava as feridas, não doía nada. Abriu os olhos e olhou diretamente para as janelas. A luz do sol penetrava entre as frestas das persianas e acariciava sua rosada pele, derramando-se por seu corpo nu. No exterior, os passarinhos cantavam e revoavam



apoiados nas cornijas das janelas, como se fosse um dia glorioso e digno. Seguramente que falavam entre eles do que ocorrera tão somente umas horas neste quarto.

As árvores pareciam querer entrar na casa e, muito de perto, ouvia o som de uma cascata. Essa casa se fundia com a natureza e aquela revelação a fez sorrir.

Ruth levantou e levou a mão à nádega que Adam mordeu. Tinha a sensação de que estava beijando ou lambendo, mas já não havia ardência. Não recordava que a tivesse tocado aí durante a noite.

Espreguiçou-se como uma gata. Katt. Assim a chamava Adam. “E é um falso”, pensou com raiva. Mal-humorada, dirigiu-se ao banheiro enquanto meditava sobre sua nova situação. Devia ser prática, assim agiam os clãs. Assim agiria ela. Adam a afetava, mas ele não seria sua perdição. Ela era muito mais forte que isso e jurado em não se afeiçoar a ele. A noite foi violenta, mas também muito ardente. Todo seu corpo cheirava a ele, a essa loção pós-barba mentolada que tanto gostava. Nunca diria isso, é óbvio. Não se sentia capaz de cruzar uma palavra carinhosa ou doce com ele. Muitas coisas aconteceram entre eles.

Adam descobriu de modo mais cruel e artificial que não lhe era indiferente como homem, mas não ia alimentar seu ego nem sua prepotência. Tampouco era-lhe indiferente como mulher, assim o melhor era pensar em como utilizar aquela informação contra ele. Estar a seu lado era uma tortura, e não estava preparada para analisar tudo o que o berserker provocava nela. Fazia um mês e meio que vivia obcecada com ele, que sonhava diariamente com ele, agora que já a havia tocado e que seus dedos estiveram em seu interior dando o prazer mais brutal que existia, o que não poderia acontecer entre eles? Precisava rebater tudo isso, recuperar suas emoções e serenar seu estado mental. Não seria a única tola sofrendo. Ele era seu escravo no momento, e ela se asseguraria que o sofrimento fosse mútuo.

A intimidade compartilhada não foi vinculante. Nem tenra, nem compreensiva, nem sensível. É óbvio que lhe deu prazer. Se lembrasse, certamente se excitaria, e sabia que Adam a cheiraria e sorriria vaidoso. Ela não queria isso. Não resistiria outro dia com ele. Ela tinha algo em mente, algo que tinha dado voltas em sua cabeça durante as horas que tinha passado chorando, desejando-o como uma estúpida. O poria em prática. Aproveitaria-se de sua escravidão e faria que a quisesse e que a respeitasse. Sua vingança estava preparada.

Adam fazia coisas com seu corpo às que não estava acostumada. Teve tantos orgasmos que perdeu a conta, e a enfurecia que fosse ele quem lhe ensinasse o êxtase sexual. Entretanto, aceitava como se aquilo fosse o correto. Quem se não ele a ensinaria os prazeres da carne? Adam, o único que podia tirar sua razão com um de seus olhares. O único homem ao que realmente desejou.

Por outro lado, a raiva também palpitava em algum lugar de seu coração. Sentia-se mal por tudo o que aconteceu entre eles. Ele reconheceu seu equívoco, mas ainda não pediu perdão de verdade. Não o via aflito nem arrependido. Ontem o viu desesperado por ela, nervoso e excitado porque a desejava. Bom, ela a ele também. Mas não o viu realmente mal por tudo o que fez com ela. Ele considerava que devia fazê-lo e ponto, não havia mais que falar, e isso a arrebatava como nada.

O berserker estava equivocado se acreditava que o perdoaria só porque a deixava louca seu



rosto e seu corpo. Ela se encarregaria de abrir seus olhos. Estava no comando. Logo explicaria bem como estavam as coisas entre eles e quais seriam os passos a seguir. Sorriu satisfeita com sua decisão e olhou tudo o que havia a seu redor. Era uma mulher decidida. Sempre tentava tirar partido para as coisas más que aconteciam. Nada era tão mau como parecia.

Mais otimista agora, deu-se conta de que o banheiro era grande e muito moderno. A banheira parecia uma piscina, e estava cavada no chão, como uma jacuzzi. Os azulejos eram escuros e as paredes laranja. Havia quatro toalhas brancas e um penhoar novo. Eram para ela. No outro extremo estava a ducha de hidromassagem, que tinha um tamborete se por acaso queria sentar. Adam gostava muito das comodidades, pelo visto. Era um arrogante.

Tomou banho rapidamente, secou o cabelo e colocou o penhoar. Ao tirá-lo da bolsa, caíram duas sandálias brancas, baixas e atalhadas. Agora já não ficaria descalça. As feridas dos pés melhoraram, igual às da maçã do rosto, o lábio e o ombro. Entretanto, ainda mostravam as marcas avermelhadas das feridas. Por que desapareceram? Seria pela ambrósia? Estaria começando a fazer efeito.

Olhando fixamente no espelho, entendeu algo. Ela já não era a mesma, nem por dentro nem por fora. Sua missão, sua relação com Adam e a realidade que vivia agora era muito distinta da que tinha meses atrás, e tudo a seu redor se modificou, como ela. Era uma consequência. Cinco noites mais e seria imortal. Sete dias, mencionou Nerthus. Seu corpo começava a mudar, curando-se mais rápido, cicatrizando a velocidades incomuns. Sentia-se leve e flexível, forte e resistente como uma tigresa. Segura de si mesma como nunca antes esteve, e, além disso, muito sexy. Seu rosto tinha um brilho especial. Não, seu rosto não. Eram seus olhos. Seu olhar era diferente.

Sorriu de novo e o reflexo do espelho devolveu o sorriso. Ela era assim, nem mais nem menos. Pode ser que essas qualidades sempre estiveram nela e até esse momento não as deixou sair.

Voltaria a ver Adam. Com seu porte altivo, acreditando ser o senhor do mundo e certamente, pavoneando-se por tê-la feito sentir prazer. Nem pensar, não permitiria. Falaria com o berserker do pacto que ia propor.

Apertando os punhos, saiu do quarto e desceu as escadas. Cheirava delicioso, a tortinhas recém-feitas e ovos mexidos... A fruta fresca e a açúcar.

Chegaram a seus ouvidos as vozes de crianças e a voz quente e sussurrante de um homem respondendo placidamente. Quando chegou à cozinha, o que viu a deixou sem palavras.

Adam estava servindo cereais e suco a Liam e Nora. Eles riam agradecidos e comiam com fome voraz. Em uma frigideira estavam fritando os ovos mexidos com verduras, e em outra algo parecido ao *seitán*³⁵.

No forno, o pão recém-feito, pão artesanal. A mesa servida com uma toalha vermelha estava perfeita e acolhedora com a fruta e as torradas untadas. Aquilo era um lar. Um lar singular que irradiava confiança por todos seus poros. E carinho. E Adam... Mãe do amor formoso! Adam estava impressionante. A camiseta púrpura de manga curta que usava marcava todos seus

³⁵ É o glúten do trigo. Muitas vezes chamado de carne vegetal, já que parece uma vez que é cozido. Um substituto para a carne animal, já que é de alto valor nutritivo.



músculos, e os jeans largos e caídos na cintura despertavam a libido inclusive de uma morta. E logo estava o colar de pequenas pontas metálicas que o fazia parecer perigoso. Seu rosto estava relaxado e parecia feliz ali com eles, servindo as crianças e cuidando de suas necessidades. Olhando-os, sentiu-se como uma intrusa, como se aquela fosse uma cena íntima e vetada para ela.

— Tem fome, Ruth? —perguntou Adam sem olhá-la enquanto servia duas torradas com geleia a Nora.

Ruth se envergonhou ao se dar conta de que não os saudou.

— Bom dia. —Liam desceu de seu tamborete e correu para Ruth. Puxou-a pela mão e a guiou à mesa com seus olhos enormes cheios de confiança.

Ela sorriu e se deixou levar. Adam pegou um tamborete e o colocou em frente dos pequenos.

— Sente. —Bateu na cadeira brandamente.

Obedeceu sem olhá-lo. Num momento, tinha um suco e um prato suculento em frente. Que estranho era tudo aquilo. Sentia-se fora do lugar, mas se obrigou a reagir.

— Para qual baleia é tudo isto? —perguntou.

Os meninos se puseram a rir com a boca aberta cheia de comida. Adoráveis.

— Tudo para você —respondeu Adam, girando para tirar o pão do forno.

— Brinca? —olhou o prato horrorizada— Tenho o estômago fechado. Há muita...

— Não. Está muito magra, e passa dias sem comer decentemente. Por favor, come, barnepike. — pediu em voz baixa.

Ruth o olhou por cima do ombro. Barnepike. Claro, ela era sua ama agora e Adam se sentia na obrigação de cuidá-la e fazer tudo o que ela desejasse. Não devia esquecer isso. Entretanto, estava tenso, como se realmente o preocupasse que não comesse.

—Já não tem tantas feridas no rosto. —Observou Nora assinalando com a colher— Só as marquinhos.

Ruth sorriu à menina com doçura enquanto tomava suco de laranja.

Nora estava tão bonita com seu cabelo loiro revoltado e os olhos escuros olhando com assombro. Usava muito ruge para seu gosto e colocou purpurina nas pálpebras. Pelo amor de Deus, maquiou-se como a imagem do Kiss³⁶.

— Não, já não as tenho. —respondeu finalmente.

— Tio Adam as curou —acrescentou Liam metendo uma colherada enorme de cereais com leite na boca.

Ruth por pouco não cospe todo o suco.

— Liam é muito inteligente —assentiu Adam piscando o olho ao menino. Ela o fulminou com o olhar. Que horror! De verdade estavam falando deles dois?

— Ah, sim? —murmurou Ruth olhando-o de esguelha por cima do copo— E pode saber

³⁶ Kiss (ou KISS) é uma banda de hard rock dos Estados Unidos, formada em Nova York em 1973. Conhecida mundialmente por suas maquiagens.





como me curou as feridas?

— Muito fácil —disse Adam aproximando-se de Nora— Dei-lhe um beijo de príncipe. Assim. —De um sonoro beijo na bochecha da menina e esta começou a rir encantada. Olhava-o com adoração.

Um beijo de príncipe? Um moreno pornô de príncipe no cio! Isso definia melhor o que ele fez com ela, mas não podia dizê-lo porque os meninos estavam presentes.

Recato, Ruth. Recato.

Observou a cena que Adam e Nora refletiam e algo encolheu em seu interior.

Imediatamente, o berserker se sentou a seu lado e tomaram o café da manhã todos juntos. Tentava se mostrar relaxado, mas cheirá-la já o estava matando.

Ruth não sabia nem o que fazer nem o que dizer. Por que estava tão incômoda?

— Estão bem? —perguntou Ruth preocupada com os pequenos— depois do que aconteceu ontem...

— Sim, estamos bem —assentiu Nora— Tio Adam nos explicou o que aconteceu. Estamos em perigo, sabe? —disse a menina sem ser muito consciente de suas palavras.

— E não está assustada? —perguntou Ruth.

— Não —respondeu a pequena metendo outra colher de sopa de cereais na boca— Tio Adam está conosco.

Claro, supunha que isso resolvia tudo.

— Ruth, eu gostaria de ver minha mãe —pediu Liam com solenidade.

Todos emudeceram. A primeira em reagir foi Nora.

— Pode, Ruth? —estava tão emocionada— Pode?

— Não terá que forçá-la, meninos —Adam a olhou de soslaio, mas inclusive ele estava esperando uma resposta afirmativa.

Fechou os olhos um momento e negou com a cabeça. Aqueles seis olhos não perdiam detalhe.

— Esta noite tentaremos, certo? Mas não prometo nada, não controlo muito bem o dom. Será minha primeira vez.

Os meninos aumentaram os olhos e gritaram de alegria, alvoroçados. Adam sorriu e a olhou agradecido.

— Por que não pode vê-la agora? —perguntou Adam.

— É pela injeção que me puseram ontem. Nerthus me disse que meu corpo devia ser um templo e ainda devo ter restos químicos da droga em minha corrente sanguínea. Mas esta noite já estarei melhor —olhou os gêmeos e sorriu— tentaremos, certo?

— De acordo —assentiram os gêmeos esperançosos— nós adoráramos vê-la.

— Você e tio Adam vão casar? —perguntou Nora repentinamente.

— Como? Não! —respondeu Ruth taxativamente, voltando o olhar para seu prato— Ele...

— Ruth necessita que a protejam e eu cuidarei dela —explicou o berserker.

— Vamos viver juntos? —perguntou Liam.

— Só até que tudo isto se solucione —explicou Ruth. Cada vez se sentia mais incômoda.

— Não queremos que volte a acontecer nada como o de ontem, assim temos que cuidar uns



dos outros. —Adam espetou um pedaço de omelete do próprio prato de Ruth e o ofereceu.

Ruth olhou o garfo e logo a ele. Levantou uma sobrancelha.

“Está-me dando de comer?”, perguntou mentalmente.

Adam não devia fazer isso. Esses gestos eram íntimos entre casais berserkers e eles não eram nada disso. Mas vê-la com o cabelo solto e o rosto ao natural, tão bonita e sexy, o enterneceu. E como cheirava bem. Já voltava a estar duro. Remexeu-se incômodo na poltrona.

— Come.

Ruth levantou mais a sobrancelha, desafiando-o a que voltasse a dar uma ordem e ele endureceu ainda mais.

— Por favor, barnepike.

Baixou a sobrancelha de repente. Já era a segunda vez que a chamava assim, e decidiu que não gostava, e menos, diante dos pequenos.

O que iriam pensar dele? E dela? Adam era uma figura de respeito para eles, uma imagem paterna de autoridade e proteção, não um escravo de ninguém.

“Que pense o que dê vontade. Não esqueça o mal que fez. Age assim pelo pacto”, pensou. Abriu a boca para ele e Adam sorriu satisfeito quando colocou o garfo.

— Obrigada, slave —Ruth arrastou esse como uma serpente. Disse que não queria provocá-lo, mas soube imediatamente que fez.

Ele apertou o garfo com força. Tampouco gostava que o chamasse assim. Mas o que estava acontecendo? Isso era o que eram.

— A senhorita Margött já não virá mais para cuidar de nós, não? —perguntou Nora com voz trêmula — Agora Ruth está aqui e na casa-escola não nos divertimos.

Ruth olhou Adam esperando uma resposta. Quem diabos era Margött? Quando esteve nessa casa? Quem era?

—Terei que falar com ela. Faz um momento me ligou e me perguntou se precisava de ajuda. É melhor que não venha muito por aqui, não quero pô-la em perigo.

Ruth estudava Adam enquanto falava da outra mulher. Margött parecia o nome de uma mulher gorda e verrugosa. Seguro que não era nada bonita.

— Quem é Margött? —perguntou por que não o pôde evitar.

— É a professora da casa-escola — explicou Nora— Está apaixonada por tio Adam. Não deixa de nos perguntar por ele. Toodos os dias —disse melodramática.

Ruth escutou com atenção as palavras da menina. Adam estava tenso e parecia constranger-se com a narração de sua sobrinha.

— Ela não está apaixonada por mim. —limpou a garganta e negou com a cabeça enquanto olhava Ruth.

Ruth continuava o olhando fixamente. Se o proibisse de vê-la, ele a obedeceria?

—Ah —se sentiu ridícula ao dizer isso— Eu sinto por ela —sussurrou.

Adam, um pouco aturdido, sorriu por dentro. Aquilo não era verdade, seu aroma dizia. Como tinha instintos animais, seu olfato extremamente desenvolvido podia averiguar os estados de ânimo das pessoas, devido ao aroma que segregam os corpos quando há mudanças



emocionais. Ruth se sentia contrariada. E ele também.

— Ruth... —murmurou Liam brincando com a comida de seu prato— Quando perdoar tio Adam, deixará de ser seu escravo?

— Ele não é meu escravo —respondeu horrorizada. Sentia a necessidade de limpar a imagem de Adam aos olhos dos pequenos— Isto é só um jogo entre nós.

— Não. O pacto slavery é muito sério —respondeu Liam— Não é um jogo. A senhorita Margött nos explicou tudo isso.

Sentiu-se tão envergonhada por ouvir a trêmula voz de Liam. Eles sabiam. Entendiam tudo. E conheciam a relação slavery. Queria que a terra a engolissem. E, além disso, o que era o que ensinavam nessa escola? Por que eles sabiam algo tão vexatório?

— Ruth não pode desfazer o pacto de qualquer jeito — disse Adam olhando-os com ternura— Ela necessita tempo para assimilar o que passou, e enquanto eu for seu slave, poderei protegê-la. —Olhou-a de soslaio— É justo que eu me sacrifique pelo que fiz.

— Mas tio Adam... você é um homem bom. Os meninos da casa-escola rirão de nós e implicarão com você porque agora serve Ruth. Fez as coisas que fez porque pensava que ela era má. —Choramingou.

—Adam não me serve, Liam, querido —o tranquilizou Ruth pondo a mão sobre a sua menor— E outros não têm por que saber — repôs Ruth preocupada ao ver o desespero do menino. Adam podia merecer muitas coisas, mas não queria que um menino inocente se visse afetado por isso.

— Saberão —afirmou Adam olhando-a fixamente.

— Mas como? Não serei eu que vai colocar o pôster na testa. Isto é igualmente incômodo para mim. Eu não gosto que pensem que eu saio escravizando às pessoas. Posso pôr um lenço no pescoço e assim ninguém verá o colar nem essas estranhas letras que saíram gravadas na jugular.

Adam ficou pensando. Ruth faria isso por ele? Era todo um detalhe.

— Libera-o, Ruth —suplicou Nora aproximando-se dela— Tio Adam é um xamã e é muito importante no clã.

Ruth se encontrava em um apuro. Os pequenos tinham os olhos chorosos e estavam afligidos por seu tio.

— Não —negou Adam— Não pode fazê-lo.

Se o fazia, ele não teria razões para estar com ela e segui-la a toda parte. Não poderia protegê-la. Ruth se afastaria dele tão rápido como uma gazela fugiria de seu caçador. Saber disso provocou um inquietante nó no estômago.

Ela olhou Adam pensando em todas as possibilidades. Por que não? O liberaria quando cumprisse com a parte do trato que ia propor. Ele, além disso, insistia em cumprir sua condenação e a ela escapava outro motivo que não fosse limpar sua reputação aos olhos dos outros. Certamente era uma carga para ele.

— Meninos, não espero que o entendam. Para mim é honorável fazer isto pela Ruth. Se um berserker se equivocar...

—Tem que emendar a situação —finalizou Liam baixando o olhar, abatido.

Ruth jamais teria pensado que Adam se encarregaria de dois meninos tão pequenos, mas vê-



lo ao vivo, e saber que estava fazendo um bom trabalho, fez que sentisse um comichão estranho no peito. Que idade, esse homem não deveria ter mais de trinta anos. Estava em seu auge. Perfeito. Mas mentalmente, era ancião e responsável. Muito sério. Sentiu-se orgulhosa dele, que ridículo.

— Tenho certeza que tudo isto se solucionará —tentou tranquilizar os meninos com voz suave e apazível— Eu tampouco estou a vontade com a situação, Liam. Falarei com Ás e pedirei que tire o pacto.

— Mas você não entende —respondeu Liam queixoso— O único modo de libertar o pacto slavery é...

— Silêncio, Liam —o repreendeu Adam em escandinavo.

— Mas tio Adam, ela tem que saber —respondeu Nora no mesmo idioma— Ela é a única que...

—Já é suficiente, meninos. Acabou de tomar o café da manhã? —perguntou recolhendo seus pratos de cereais.

Zangados, assentiram.

— Então, vão escovar os dentes e se preparar para o colégio —desta vez disse em inglês para que todos entendessem.

— Vamos a casa-escola? —perguntou Liam parando na porta.

— Não. As coisas mudaram para todos. Vão ao colégio de Aileen.

Ruth sorriu. Não sabia por que Adam nunca levou ao colégio seus sobrinhos, tampouco sabia que os tivesse, mas aplaudiu sua iniciativa. A escola de Aileen estava dando excelentes resultados socioculturais entre vaniros e berserkers. Seria bom para Liam e Nora se misturar com crianças diferentes deles.

Os pequenos se olharam incrédulos, com seus olhos inocentes abertos como pratos. A tropicções, desapareceram da cozinha e os deixaram a sós.

A Ruth pareceu que a estadia ficava menor e que o ar desaparecia, e isso que aquela cozinha era imensa. Adam era tão grande e corpulento que a fazia sentir pequena.

E agora o que? Falariam do que aconteceu entre eles a noite anterior? Ou pior ainda, falariam do tempo como se nada tivesse ocorrido?

— Isto é tão violento... —sussurrou Ruth esfregando o rosto— Por que não os deixou terminar? Iriam dizer algo sobre o pacto. Por um lado, desejo este pacto com todas as minhas forças, e por outra, acredito que não está bem. Se quisesse liberta-lo, o que não quero, poderia fazê-lo, não é mesmo?

—Eu tampouco quero que o faça. É meu castigo, entende? O pouco que fica de honra depois da grande catástrofe. —Ao ver que Ruth acabava com o suco, voltou a encher o copo.

Assim que ela era uma grande catástrofe? Lidar com ela era um castigo para ele? Bem, ia entendendo e sentia-se mal, mas não se surpreendia, de fato já imaginava. Adam limpava sua honra assim, mas sempre diante dos olhos dos outros, não diante dos dela. Não a suportava, não fazia por ela. Apertou a mandíbula, magoada pelo comentário.

— Quero lhe mostrar algo — disse ele sem olhá-la— Eu gostaria que desse uma olhada.

— Uma olhada a que? —perguntou desconfiada.



— Fique sentada.

— Não me dê ordens.

— Tem um leve problema com as figuras de autoridade, gatinha — entendeu divertido.

— Eu não gosto que você me dê ordens — especificou ela — Há uma pequena diferença.

— Então, você gosta que lhe deem ordens, mas não que seja eu quem o faça? Quer que troquemos os papéis? — gostava de provocá-la.

— Não — respondeu ela — Eu não gosto que... já basta! — censurou ela — Não me incomode.

— Relaxe — sorriu enquanto se aproximava dois livros com a cobertura de couro negro. Em ambos escreveram em letras douradas *Spädom*³⁷ e *Drom*³⁸ — Tem razões para estar descansada e com um sorriso de satisfação no rosto. Sua noite foi muito boa, diferente da minha.

Ruth entrecerrou os olhos.

— Está limitando meu estado de ânimo ao de ontem de noite? Supõe que tenho que estar feliz da vida porque ontem tive uma pequena maratona sexual com você? — O olhou de esguelha e deu uma dentada em uma torrada com geleia.

Adam encolheu os ombros e abriu um dos livros.

— Eu não diria pequeno, Ruth — assinalou ele ofendido — Estive horas te satisfazendo. E enquanto que você já não tem droga em seu sangue, eu tento eliminá-la bebendo água como um esponja e correndo como um louco por meu terreno.

— Está frustrado? — perguntou Ruth com malícia.

— Frustrado? — repetiu ele elevando as sobrancelhas — Meu bem, não tem nem ideia de como me sinto. Tenho os ovos roxos por sua culpa, não dormi, não posso caminhar. Mas frustrado não é a palavra, não. Estou tão carregado que acredito que vou explodir.

Muito direto para seu gosto.

— É um bruto — murmurou ligeiramente ruborizada — Deve deixar a todas loucas. — girou os olhos.

— Obrigado, sim. — Sorriu com presunção.

Ruth pensou na tal Margött e quis lançar algo contra a parede.

— Não vou dizer que sinto — assegurou ela.

— Não o faça. Não soaria sincera. — Estalou a língua — Você gostou muito, por isso está reluzente. Cheira maravilhosamente e tem um olhar tão sexy... — se colocou atrás dela e pôs os braços sobre a mesa a cada lado de seu corpo, a prendendo. Inclinou-se para cheirar sua garganta.

— Adam, não... — De repente sentia muito calor.

— Como acha que me sinto sabendo que não usa absolutamente nada debaixo desse penhoar? — grunhiu completamente desesperado — Não sou de pedra, mulher.

Soava terrivelmente *Cro-magnon*³⁹ e adorava. Ruth tentou se afastar, mas ele não a deixou.

— Não tenho roupa — explicou indignada — Quero minha roupas, alguém tem que me trazê-las.

³⁷ Profecias em norueguês.

³⁸ Sonhos em norueguês.

³⁹ *Cro-Magnon* é o nome que se dá aos restos mais antigos conhecidos na Europa de *Homo sapiens*, a espécie à qual pertencem todos os humanos modernos.



— Para que a quer? —Roçou seu pescoço com o nariz— Não precisa delas.

— Quer me provocar —disse em um fio de voz— Estou te conhecendo, cachorrinho. Não o vai conseguir.

— Ah, não? —Ele desejava fazê-lo.

— Não. Quer que fale do que passou ontem à noite? —Ruth olhou as unhas com indiferença e o afastou com frieza dando uma ligeira cotovelada— Tudo o que fizemos foi produto de nossos corpos expostos a grandes quantidades de afrodisíaco. Eu não gosto de você. Você não gosta de mim. —encolheu os ombros— Sei que não me suporta e que nem sequer sou seu tipo, isso já entendi.

— As coisas podem mudar, sabe?

Desde que se encontrou com ela nua entre seus braços, tentando ser mandona, tentando abusar dele, mas cedendo finalmente as rédeas porque não tinha experiência e porque não tinha nem a desenvoltura nem a escuridão suficiente em sua alma para tratar mal a alguém, algo mudou em sua maneira de pensar sobre aquela jovem.

Estava louca se acreditava que não gostava dela, porque unicamente no que pensava era em fazê-la sua e em comprovar que ela era tão inocente e inexperiente como foi no dia anterior com ele. Isso era o que ele desejava, porém, nem muito menos do que lhe convinha. E por nada no mundo poderia atá-la a ele.

— Oh, por favor... —sorriu com incredulidade— Se fartou de me insultar e de me dizer o muito que me despreza desde que nos conhecemos —continuou ela.

— Tão mal estamos, então? O de ontem não serve de nada? —perguntou frustrado passando a mão pelo crânio.

— O de ontem eliminou a droga de meu corpo, mas não o que penso de você. Você é meu escravo e eu sou sua ama até que a situação se esclareça. Assim é como estamos. —Olhou-o por cima do ombro com seus olhos de cor ouro desfeito— Não vamos ficar amigos de repente. E se quiser que alguém infle seu ego dizendo como é bom na cama, é melhor que pergunte a essa mulher do colégio.

Adam detectou raiva naquela reação de Ruth.

— Margött não merece que eu fale assim. Merece respeito.

— Não me diga? Essa merece um respeito, mas eu não? Pode falar comigo como der vontade?

— Ciumenta? —sorriu ao ouvir como pronunciava “essa”. Com tanto desprezo.

— Da mulher que se atira sobre meu escravo? —odiou dizer aquilo. Foi dura. Adam tinha a virtude de tirar o pior dela— Não me faça rir.

Não precisou olhar para trás para ver que Adam ficou estático. Muito quieto, olhando sua nuca fixamente, com os punhos apertados. O silêncio cortava de tal maneira que Ruth se remexeu na cadeira e tomou um dos livros entre suas mãos para aliviar a tensão. Adam o abriu sem delicadeza e deixou cair o livro de novo na mesa. O golpe foi sonoro e seco. Ela deu um salto, mas não se intimidou. Esfregou a ponte do nariz e suspirou cansada.

— Está bem. Temos que encontrar um meio termo Adam. Não quero mais brigas. Por que não me conta seja lá o que tenha a contar e falamos de tudo que nos acontece? Estamos muito



tensos.

Adam queria estrangulá-la, atirá-la sobre a mesa e despi-la para que se desse conta de como reagia seu corpo ao dele. Estava ciumenta, como estaria ele. Não porque houvesse amor entre eles, mas sim um sentimento de possuir ao outro, de subjugá-lo, de dominá-lo. Ao menos ele se sentia assim. E tinha que prová-la para tirar essa sensação do corpo. Logo se esqueceria dela e poria tudo nos eixos.

Talvez a sua mente e sua alma o odiassem, mas não assim seu corpo. Imaginava possuindo-a duramente, até o fundo, até que ela pedisse clemência. Tinha a ideia de seduzi-la entre completamente, e não ia perder. Ruth e ele estavam presos pelas circunstâncias, pelos enganos e também pelo pacto. Não eram indiferentes um ao outro, porque ao menos havia atração, raiva e ódio. Ambas as coisas levavam a paixão e jogava bem com elas. E ele era um excelente estrategista.

Com Margött poderia falar mais tarde, explicar a situação, e certamente ela o entenderia, o aceitaria de novo. Ela o queria de verdade. Respeitava. E ambos se necessitavam. Iria vê-la essa mesma tarde. Ninguém melhor que ele para explicar o que acontecia.

— Muito bem, princesa de gelo — zombou ele— vou explicar por que me comportei assim com você.

— Já não preciso saber. Sei o que me contou sua irmã. — levantou da cadeira, mas Adam a puxou pelo braço e voltou a sentá-la. Olhou-o com o cenho franzido, jogando faíscas pelos olhos— Solte meu braço.

Adam afrouxou a pressão, envergonhado, e no final cedeu à sua ordem.

Abriu um dos livros na última página. O livro estava em letras escandinavas.

— Este é o livro de meu pai — explicou ele antissocial— Aqui escrevia todas as profecias que pressagiava. Cumpriram-se todas.

Ruth esfregou o braço e se forçou a olhar as escrituras.

— Por que me mostra isto agora? Já disse que Sonja me explicou...

— As pessoas sempre têm suas razões para fazer o que fazem. — separou-se dela— Eu gostaria que o lesse.

— Claro — respondeu irônica— Li escandinavo toda a vida.

Adam se ruborizou pelo comentário. Grande idiota que era. Não pensou nisso. Outra coisa que fazia impossível que pudesse prestar atenção em Ruth. Ruth não era dos seus. Não conhecia nem suas tradições, nem seus comportamentos.

— Se não for agora, logo, quando vier. Gabriel trará suas coisas, eu mesmo o chamei para que viesse aqui vê-la.

Certo, isso sim que era um detalhe.

— Aonde vai? — levantou do tamborete e girou para ele.

— Levarei os meninos à escola. Logo devo dar uns recados. Voltarei aqui imediatamente. — colocou as mãos nos bolsos do jeans e a olhou preocupado— Não tem que temer nada. Instalei um sistema de segurança perimetral e de reconhecimento em toda a casa. Está conectado ao de Noah e Ás. Se alguém que o sistema não reconhece ronda pelos arredores, soarão os alarmes juntos. Também estão conectados a nossos iPhones, assim que eu virei como um raio por você se



lhe acontecer algo. Dê uma olhada no que quiser.

— E por que não me leva com você? —perguntou esfregando os braços, nervosa— Eu também posso ir à escola e...

— Porque não pode me acompanhar aonde vou.

—Ah. —ficou olhando a todos os lados menos a ele. Aonde ia? — Gabriel já está a caminho?

— Gabriel não demorará muito. Não estará mais segura em toda sua vida, prometo isso, Áirntpikt.

Ruth apertou a mandíbula ao ouvir esse nome de novo. Olharam-se fixamente um ao outro e ela finalmente assentiu.

— Está bem. —mordeu o lábio e pegou a torrada com geleia que deixou pela metade— Ponha um lenço negro no pescoço, slave. Que não vejam o colar. — Ignorou-o e se concentrou na comida.

Ruth nunca veria o rosto de surpresa e agradecimento que Adam pôs por ouvir essas palavras.

Aileen aplaudiu a iniciativa de Adam de trazer os pequenos a sua escola.

Os meninos estavam tão animados com a ideia de conhecer gente nova e de aprender novos comportamentos que não pararam de cantar desde que saíram de sua casa.

Adam respondeu divertido ao interrogatório da híbrida: que Ruth estava bem; que esperava que não lhe tivesse feito nenhum mal; que agora mesmo ligaria para ouvir de sua boca; que por certo, que cara feia tinha ele... Assim em um sem-fim de perguntas.

A Caçadora tinha grandes amigos e isso o agradou.

A escola que Caleb construiu para Aileen era realmente acolhedora. Ninguém diria que ali, naquele penhasco rodeado de flores silvestres, haveria uma das edificações mais modernas e seguras que jamais inventaram na história da humanidade. O fascinante era que as instalações estavam ocultas.

Os meninos vaniros sofriam com a luz solar, assim que o único modo de poder ter a todos juntos era em uma escola subterrânea. E aquela escola era fantástica e estava cheia de calor e de carinho.

Havia uma imensa classe circular cheia de murais com paisagens diurnas espetaculares e muito realistas, e, além disso, estavam iluminados com luz artificial diurna.

— As casas dos vaniros têm salas circulares como estas — explicou Aileen— Os keltois como Caleb viviam antigamente em chakras, cabanas em forma de círculo. Ele disse que as classes da escola deviam ser assim, porque a energia positiva fluiria por todos os lados. Se as salas tivessem cantos, a energia negativa se acumularia ali. Assim, eles gostam dos salões e das salas redondas.

— Claro —respondeu sem muito entusiasmo— Coisas de druidas, suponho.

Os pirralhos adoravam olhar os murais porque parecia que estavam no exterior. Os pequenos vaniros ficavam hipnotizados vendo os detalhes das imagens. Como acariciava o sol uma rocha, como iluminava uma flor, como era o céu de dia... Um lago, uma mariposa, um bosque profundo que ocultava mil e um segredos...

Nora e Liam sorriam acima de tudo o que seus inocentes olhos viam. Duas garotinhas vaniras



pegaram em seguida os pequenos pela mão e mostraram a escola. Olharam Adam para pedir permissão e ir com eles e este assentiu encantado.

Aileen aproveitou para fazer um percurso pelas instalações. Tinham uma caverna iluminada com focos de cores onde uma catarata interna e natural formou um lago de uns cinquenta metros de diâmetro. Pelo visto, os pequenos desfrutavam brincando de correr entre suas grutas, e no recreio se banhavam juntos e brincavam de tudo o que Aileen inventava.

Falaria com as mães berserkers que eram reticentes a levar a seus filhotinhos à escola e as convenceria. A escola de integração de Aileen era maravilhosa.

— Aqui é onde Ruth dá aula — explicou convidando-o a entrar na sala de informática.

Adam imaginou aquela beldade de cabelo vermelho e olhos de ouro, sorrindo e brincando com as crianças, mostrando informática a toda a tropa de pequenos terroristas que ali se juntavam. Era uma sala também rodeada de murais de fantasia. Oito computadores MAC de mesa reluziam brancos e brilhantes sobre as amplas carteiras. E na parede havia uma tela de plasma de 50 polegadas de marca Apple conectada a um monitor.

— É “A Mãe” — explicou Aileen cruzando os braços e apoiando-se na parede— Assim a chama Ruth. Através dessa tela as crianças entendem perfeitamente o que faz Ruth e o que quer que eles façam com seus computadores.

— Estão com a última geração. — comentou Adam.

— Foi sugestão de Ruth — assentiu Aileen, estudando o comportamento de Adam— Sabe? As crianças a adoram. Ela é genial com eles, e, além disso, aprendem um montão. Eu ficaria horas escutando. Sou uma completa analfabeta em informática, mas com ela se aprende muito. Relaciona tudo com brincadeiras.

— Sim, pelo visto, para ela tudo é uma brincadeira. — Não o disse em tom conciliador.

— E não é isso especial? — Os olhos lilás claros de Aileen o olharam querendo entrar em sua mente. O que acontecia com Adam e com Ruth? O que era que ele não gostava dela?

— Está vendendo Ruth? — girou e levantou a sobancelha do piercing de maneira insolente. Aileen sorriu e encolheu os ombros.

— Ruth não está à venda — esclareceu ela— É precisamente o que quero dizer. Não brinque com ela, Adam. Com ela, não. Não sei o que fez esta noite nem tampouco pedirei detalhes, mas há algo que vê nela e que está muito equivocado. Está se equivocando — advertiu Aileen preocupada com ambos.

O berserker endureceu o olhar e ficou tenso.

— Não sei se se deu conta de que quem usa o colar sou eu. Não poderia brincar com ela embora quisesse. Tem-me em seu poder.

— Só advirto isso. Há muitas maneiras de brincar com alguém, e o poder, no final, é muito subjetivo.

No Hummer, enquanto dirigia para pegar Noah em sua casa, pensava sobre aquelas palavras. Brincar? Ruth e ele não brincavam. Iriam se matar. E isso era algo que a jovem Caçadora deixou muito claro.

De todas as maneiras, não jogaria com ela. Agora havia coisas mais importantes nas que pensar. Parou em frente de uma casa vanguardista, dessas que se misturavam em perfeita



simbiose com a natureza. Uma casa como a sua, mas com algumas peculiaridades.

Fazia uns cinquenta anos, ordenaram construir no Wolverhampton duas réplicas quase perfeitas da casa Kaufman. A sua saiu impecável, de desenho perfeito e com uma base muito bem afincada ao terreno.

Noah, entretanto, mandou que revestissem todo o cimento dos terraços e os andares da casa com lâminas de madeira de cerejeira, pois, dessa maneira, o efeito que criava a combinação do marrom da madeira e a pedra branca que forrava a construção a faria mais espetacular e mais vanguardista ficava. Noah sempre queria pôr seu toque pessoal às coisas. Sempre queria imprimir sua marca em tudo aquilo que tocava. Era tão territorial.

Adam pensou imediatamente em Ruth. Naquelas curvas, em seus quadris tão bem formados, naquela mistura perfeita de músculos, carne e suavidade que a vida deu. Era uma beleza, sim senhor. O que ordenaria a próxima vez que se vissem? Essa garota de cabelo mogno tinha um caráter que o deixava rígido de repente. Era desafiante e valente, atrevida e muito mandona. Seria territorial também?

— No que está pensando que sorri dessa maneira tão brega? — perguntou Noah abrindo a porta do copiloto do Hummer amarelo de Adam.

Adam limpou a garganta e se obrigou a se afastar dos pensamentos que Ruth induzia. Caramba, pelo visto pensava nela mais frequentemente do que desejava.

— Está preparado? — Olhou Noah de cima a baixo. Ele também estava reluzente, como alguém que passou uma noite magnífica cheia de sexo e mulheres.

Noah piscou um olho e se pôs a rir.

— Sempre. Esse louco do Menw exagerou com o afrodisíaco nas seringas de injeção. — Soprou.

Menw McCloud era o vaniro que se encarregava de facilitar os estojos de primeiro socorros e as bolsas pessoais que incluíam os tratamentos que rebatiam a tudo aquilo que disparavam lobachos, nosferatus e membros do Newscientists.

— Nossa, acredito que é a primeira vez em sete anos que o vejo com um objeto de cor — murmurou assombrado observando a camiseta de Adam. Adam grunhiu.

— Sua noite foi boa? — Franziu o cenho ao ver as olheiras de seu amigo.

O berserker apertou a mandíbula, e arrancou o carro mal-humorado.

— Não pergunte — grunhiu.

Noah jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

A casa de Limbo estava nos subúrbios do Wolverhampton, no Codsall. Vivia em um dos apartamentos de cobertura de luxo de um edifício reformado do qual ele era proprietário. Alugava os andares do edifício e cobrava preços exorbitante por isso. “O luxo se paga”, essa era sua frase favorita.

Surpreendeu-se quando bateram na porta de sua casa sem antes de tocar o interfone da rua. As pessoas sabiam que não gostava que o incomodassem, nem tampouco gostava das visitas inesperadas. Mas se surpreendeu mais quando se encontrou com Adam com aspecto de querer matar alguém, com um lenço negro rodeando o pescoço, e ao Noah saudando com a mão, apoiado na porta e sorrindo.



Entretanto, a surpresa mais inesperada foi encontrar com o punho de Adam no rosto e ver seus olhos amarelos a um centímetro dos seus, gritando e sacudindo-o de um lado ao outro como um boneco de pano.

— Por quê? — gritou Adam furioso.

— Merda, Adam... meu o nariz! Por que, o que? — exclamou tocando o rosto e olhando as mãos cheias de sangue.

— Por que precisa difamar uma mulher para se fazer homem?! Divertiu-se nos descrevendo o que “não” fez com Ruth? — Limbo pôs os olhos como pratos e empalideceu.

— O que? Como... como...?

— Que como sei? — Lançou-o contra a parede e mostrou as presas. Seus olhos amarelos o ameaçavam de morte— Não importa como sei. A questão é que mentiram.

— E o que importa isso? — Empurrou-o como pôde, mas Adam era muito alto e musculoso, muito mais forte que ele— Só era uma brincadeira.

— Coloque suas brincadeiras pelo traseiro, puto mentiroso.

Limbo olhou Noah pedindo ajuda com os olhos. Mas Noah estava parado, ocupado, atirando todos e cada um dos vasos da dinastia Ming que tinha no amplo salão e que eram estratosféricamente caros.

— Noah, deixa isso... — rogou Limbo.

— Isto? — Noah agarrou um vaso de porcelana negra com um dragão vermelho de olhos amarelos e o deixou cair com suavidade— De acordo.

Limbo fechou os olhos para não olhar, mas o som da porcelana entrando em contato com o chão era inconfundível. Milhares de libras perdidas.

—A Julius pareceu boa ideia pôr os vaniros em seu lugar, não é para tanto — justificou o berserker.

— Ruth não é nenhuma prostituta! —Deu um murro no dele estômago e o fez ficar de joelhos.

— Que merda acontece, noaiti? —exclamou Limbo aturdido— Se você gosta dela, durmo com ela. Eu não a quero. Era Julius quem a perseguia. É ele quem gosta dela, eu só segui o jogo — se desculpou cobrindo o rosto com as mãos. Sabia que em uma luta corpo a corpo contra Adam perderia sem contemplação— Mas deveria deixar as coisas claras porque a minha irmã querida não vai gostar nada de saber que ficou caído por uma humana, e que além já deitou com ela. — Olhou entre os dedos de suas mãos e um brilho malicioso cruzou por seus olhos negros— Cheira a ela, Adam.

—Já falei com sua irmã faz um momento. Já sabe o que acontece.

Era verdade. Antes de visitar Limbo, passaram para ver Margött para explicar um pouco como estavam as coisas, mas, sobretudo, para se desculpar pela surra que daria em seu irmão. Tampouco disse nada do colar, nem da intimidade que compartilhou com Ruth, ninguém se daria conta se usava o lenço e se Ruth o respeitava e decidia não abusar disso diante de outros. E evitou o detalhe de que Ruth vivia agora em sua casa e que era sua ama. Margött não precisava saber. Não, se queria mantê-la.

O rosto doce e afável da berserker assentiu envergonhado pelo comportamento de seu



irmão. Compreendia perfeitamente o que ia fazer Adam e estava de acordo com ele, algo que o agradou.

Adam disse que até que não se arrumassem as coisas e se esclarecesse o que passou, não poderia fazer nenhuma proposição. Ele queria que ela estivesse segura em todos os aspectos, entretanto, não desperdiçou a oportunidade de deixar claro que queria se emparelhar com ela. Os olhos marrons de Margött o olharam com preocupação, e também com compreensão.

— Entendo, Adam. As coisas principais primeiro. Terá que averiguar onde estão Strike e sua mãe. Por mim não se preocupe, esperarei, xamã —assegurou ela— Mas tampouco me deixe esperando eternamente, de acordo? Cuida de meus pequenos.

Seus pequenos. Era tão doce.

— Não diga nada do que expliquei, Margött. —a fez prometer que guardaria silêncio. Margött era uma mulher de confiança, ela não diria nada e achou correto se justificar com quem em um futuro ia compartilhar sua vida. Ela devia saber o que acontecia.

— Prometo, xamã —sussurrou ela beijando seus lábios.

Seu primeiro beijo com ela e foi ela quem tomou a iniciativa. Encostou-se a ele e o abraçou com força. Adam respondeu ao beijo, mas não sentiu nada. Faltava algo nesse beijo. Os lábios não eram muito macios, ou melhor, a língua daquela mulher era muito agressiva para seu gosto... Era o sabor do remorso porque não era Ruth a quem beijava. E isso o frustrou e o assustou.

Grunhiu e se dedicou a beijar Margött com mais ímpeto e interesse para ver se assim sentia algo. Ela gemeu e sorriu orgulhosa.

— Isto é para que saiba o que espera quando vier — assegurou ela.

As coisas seriam tão fáceis com a berserker. Tão obediente, tão fina e doce. Assim era Margött.

Mas não poderia estar com ela enquanto Ruth o tivesse como escravo. Caramba, que diferentes eram ambas.

Adam se obrigou a permanecer no presente e se concentrar de novo em Limbo.

— Ela sabe que você se deitou com outra não tomou represálias? —perguntou irritado— Ela deve ter sentido o cheiro

Margött não mencionou nada. Seu olhar claro e transparente não se nublou com nenhuma emoção vingativa quando se aproximou dela. Não o teria cheirado.

— Margött não é como você. Ela não precisa ver envolvida em seu merda nem na minha — respondeu Adam.

— Não tem nem ideia de como é minha irmã. Não a subestime. — Cuspiu sangue e o olhou com raiva— E agora, que merda mais quer saber? Por que não sai de minha casa?

Adam tinha vontade de arrancar a cabeça de Julius e logo bater a de Limbo com ela. Pequeno par de desgraçados.

Agarrou Limbo pelo cabelo e o obrigou a olhá-lo, enquanto Noah seguia quebrando coisas do exclusivo apartamento de cobertura do berserker. Arrastou um tamborete de pele negra e se sentou olhando-o fixamente nos olhos.

—Falemos do Julius.

**CAPÍTULO 14**

Ruth fuçou a casa de Adam de cima a baixo. Vagou por todas suas curvas, pelos corredores e salas, pelos terraços e os escritórios. As salas estavam vetadas, fechadas com uma espécie de porta metálica revestida de madeira. Tinham uma pequena tela digital ao lado onde, pelo visto, devia introduzir um código numérico para que se abrissem automaticamente. Não sabia os códigos, assim que as ignorou.

Adam deixou uma nota em que explicava onde estava tudo e como fazer funcionar. Pensava que era lerda? Adorava tecnologia e tudo o que tivesse botões, não necessitava manuais.

Com apenas olhar uma casa podia saber muitas coisas da pessoa que vivia nela. Adam era muito disciplinado e empertigado. Gostava do desenho e também da sobriedade. Sua geladeira fazia sucos e, além disso, cafés. O xamã tinha uma casa inteligente e isso a fascinava. Não parou de tocar botões e averiguar para que servia cada coisa. As persianas se abriam automaticamente, as cortinas se fechavam pressionando um comando a distância, as luzes da casa trocavam de cores e se graduavam... Onde estava *C-3PO*⁴⁰?

No final, confirmou suas suspeitas. Era um maníaco da ordem e do controle.

Enquanto olhava os livros de sua biblioteca, ordenados alfabeticamente e por cores, percebeu que na sala tinha duas telas planas, mas descobriu que uma delas era uma moldura de fotos eletrônicas enorme. Ligou e se emocionou ao ver as fotos que nele apareciam: Adam brincando de cavalinho com Nora e Liam; dando mamadeira; rindo com eles; brincando com eles; dançando com Nora; jogando futebol com Liam; abraçando sua irmã e puxando o rabo... era Sonja a que saía na foto e se emocionou ao vê-la.

—Sonja? Está aí? —perguntou em voz alta. Precisava falar com ela.

Esperou alguma sensação e não chegou. Ainda tinha estimulante no corpo; quando passasse os efeitos por completo poderia contatar com ela.

O corpo da Caçadora era um templo e tinha que respeitá-lo.

Continuou com as fotos. Apareceu Sonja grávida, e com um homem imenso a seu lado, seria Akon, supôs. Merda, parecia um dos Imortais: Adam e Sonja juntos. O olhar de Adam era um poema. Ali havia amor por ela, respeito e adoração. E um sorriso autêntico. Ruth sentiu um golpe no estômago, um que fez que se obcecasse um pouco mais com ele enquanto via o carinho que resplandecia nessas fotos e que era tão real que transpassava a tela.

Noah, Sonja, também Ás, e sobretudo os pequenos, eram os protagonistas de todas elas. Saltaram as lágrimas ao pensar em como teve que sentir Adam ao perder a sua irmã gêmea. Ele se responsabilizou por seus sobrinhos, e estava fazendo um trabalho excelente. Mas a morte de sua irmã tirou a alegria. Via em seus olhos negros cheios de tortura e padecimento. E ela... ela queria fazê-lo sorrir. Depois de tudo, queria devolvê-lo à vida. Adam era muito perigoso para ela, mas em seu íntimo sabia que já estava perdida, porque desde o primeiro momento em que o viu se apaixonou por ele. Uma flechada. Zás! Não teve tempo a reagir.

Por sua culpa tinha passado momentos ruins. Saber que a odiava desse modo, a destroçava.

⁴⁰ O robô dourado de Guerra nas Estrelas.



Mas agora talvez tivessem uma oportunidade de arrumar as coisas. Nesse momento sim que podia pensar no que podia fazer por ele e por ela. Ela gostava dele, agora sabia. Mas, como fazer que sentisse algo terno para sua pessoa? Como fazer que a quisesse? Ela queria ajudá-lo, sentia que era sua responsabilidade, e queria, por cima de todas as coisas, ser parte dessa moldura de fotos. Estar em sua vida.

Desconectou a tela e ficou pensando, sentada no sofá e com o olhar perdido. Como ia castigá-lo? Adam tinha Liam e Nora, e eles o adoravam. Como ia humilhá-lo dessa maneira? Não o castigaria, nem pensar, daria algo em que pensar, algo em que ele pudesse desafogar. Daria seu corpo e o consolaria com seu coração. O daria desinteressadamente e faria o impossível por ganhar seu amor e seu carinho. Decisão tomada. Tentaria tudo, e se logo a coisa não funcionasse, ao menos nunca poderia dizer que não tentou.

De repente a campainha da casa soou, e como não dispararam os alarmes supôs que era alguém a quem a entrada estava permitida.

Correndo, subiu as escadas, pois estava no andar inferior e foi abrir a porta.

— Alô? —Desprendeu o interfone e observou a tela do comunicador. Os cachos loiros de Gabriel se moveram ao girar para encarar no visor— Olá! —exclamou contente ao saber que era ele.

—Abra agora mesmo —ordenou.

Abriu a porta e Gabriel entrou como um raio. Tinha algo na mão... um taco de beisebol!

— Onde está? —gritou como um louco.

—Gabriel, acalme-se. —Levantou as mãos para tranquilizá-lo— Estou bem.

— Bem? É uma merda! É que todos os imbecis daqui acreditam que podem tratar minhas amigas como dá vontade? —Bateu em uma estante e tudo o que havia nela saiu pelos ares— Onde está?

—Aqui —Adam apareceu na entrada em posição relaxada.

Ruth se impactou ao vê-lo, como sempre. Onde esteve todo o dia? Por que demorou tanto?

— Vou te ensinar! —gritou Gab.

— Não! —Alarmada, Ruth correu e se interpôs entre os dois. Adam o olhava divertido e Gabriel estava muito irritado— Gab, por favor, me escute.

— Meta-se com alguém de seu tamanho, idiota! —Gabriel elevou o taco de beisebol e Adam o parou antes que, sem querer, golpeasse Ruth.

—Você não é de meu tamanho. —Partiu o taco de beisebol em dois ante os olhos do jovem humano— Não vou brigar com você.

— Malditos sejam todos! — Gabriel ia se jogar em cima de Adam.

— Gab! — Ruth o abraçou com todas suas forças, tentando imobilizá-lo.

— Ruth, solte-me, não quero machucá-la — advertiu Gab respirando agitado— Não pode ficar assim. Sequestrou você e...

— Gab, escute-me. —Apertou mais— Estou bem. Não me fez nada. — Olhou-o nos olhos. Os dela implorantes e ambarinos, os dele azuis escuros— Estou bem.

Gabriel começou a tremer e de repente se abraçou a ela.

— O que daria para ter presas agora mesmo e dar uma surra a este desgraçado.



Tocou por todos os lados para assegurar de que sua melhor amiga estava tão bem como dizia. Logo a beijou na testa e voltou a abraçá-la. Adam agarrou Ruth pelo braço e a separou de Gabriel de um puxão.

— Não a toque —a voz de Adam baixou uma oitava e seus olhos se tornou amarelos. A colocou atrás dele.

Ruth, aniquilada, separou-o de um empurrão. Não ia ignorar esse detalhe de posse, mas com seus amigos não tinha direito de ser assim.

— Não lhe ocorra voltar a fazer isso! —Correu para Gabriel e voltou a abraçá-lo. Olhou Adam por cima do ombro— É meu amigo. Não se aproxime, Adam.

Adam ficou rígido como um pau. Imóvel. Suas extremidades tremiam enquanto via como Gabriel voltava a beijar Ruth, acariciava seus cabelo, e massageava suas costas. E Ruth estava aí, tão feliz e tão relaxada... E só com esse penhoar que deixou! As pernas dessa mulher eram espetaculares, e o traseiro que tinha, para fazer um monumento. Estava ficando louco ao vê-la nos braços de outro homem. Um humano. Um bebê a seu lado.

— Ruth —grunhiu como um animal.

— Nenhuma palavra —o ameaçou com o dedo para logo ignorá-lo como nada. Pôs as mãos sobre as bochechas de Gabriel e o olhou com ternura— Meu príncipe... Estou bem.

— Que merda é? Aileen me disse que é como uma médium.

— Sim —assentiu ela afastando um cacho loiro do rosto— Estou tentando me acostumar a isto. Ainda é muito estranho.

—Aileen é uma híbrida, e você uma mulher que fala com os espíritos. O que serei eu? Um puto Gremlin⁴¹?

Ruth começou a rir.

— E por que tem que ficar aqui? —prosseguiu Gabriel— Pensava que iria ficar na casa de Ás. Aqui, não. Venha para casa comigo.

Adam grunhiu. Seu rosto estava perolado em suor e suas mãos apertadas como punhos.

— Silêncio! —avisou Ruth outra vez— Não posso. Devo ficar aqui. Fiz um pacto. Dei minha palavra.

Gabriel olhou ao berserker e sorriu.

— O tem domesticado?

⁴¹ Um gremlin é uma criatura mitológica de natureza malévola popular na tradição saxã. O nome gremlin provém do inglês antigo *grēman*, que significa “irritar” ou “incomodar”. Também está relacionado com *grim*, “sinistro”, e no termo alemão, *grämen*, “confusão”. Os gremlins são populares como criaturas capazes de sabotar qualquer tipo de equipamento. Foram feitos dois filmes sobre essas criaturas, mostrando todos os seus aspectos críticos: *Gremlins* (Joe Dante, 1984) e *Gremlins 2* (Joe Dante, 1990). Os gremlins nesses filmes são apresentados em duas fases: a *Mogwai*, que seria o estágio infantil destes seres, no qual são quase inofensivos, e *Gremlins*, que são muito perigosos. Diz-se também que existem três coisas que não pode ser feito com um Gremlin ou Mogwai e deve ser evitado a todo custo para que tudo corra bem. A primeira é que a luz não deve ser administrada diretamente a eles, pois a odeiam: não se deve dar a luz do sol, sob o risco de ser morto. A segunda é que eles nunca devem entrar em contato com a água, pois quando isso ocorre com um Mogwai, saem bolas de pelos de suas costas, e assim ele se reproduz, em cópias parecidas, porém, mais travessas. Mas o que jamais se deve fazer a um Mogwai é alimentá-lo depois da meia noite, realizando assim a metamorfose, da fase infantil (Mogwai) para o adulto (Gremlin), encapsulando-se em uma pupa, como uma borboleta.



—Mais ou menos —assentiu Ruth censurando o berserker e advertindo com o olhar de que não dissesse nada.

O jovem olhou ao redor, tentando assimilar a situação de sua amiga.

— Necessita que traga algo? O que for. Trouxe seus pertences e sua roupa. Seu telefone. — meteu a mão no bolso traseiro da calça e entregou o iPhone branco— Mantenha-o ligado e carregado pelas noites. Sempre se esquece e logo está indisponível. E outra coisa. — De outro bolso puxou o comando de seu carro— Tem a seu bombonzinho no jardim. Por certo, corre muito.

— Meu bombonzinho! —exclamou feliz e com um sorriso de orelha a orelha— Sim, corre muitíssimo. Traz um motor que não é o seu. Mas não diremos a ninguém —estava orgulhosa do motor trucado de seu carro.

— Parece bem.

— Sim, papai —disse Ruth provocando-o.

Gab voltou a olhá-la preocupado.

— Tem certeza que está bem?

— Sim, certeza. Eu adoraria explicar isso tudo, mas agora não posso. Quero pegar minhas coisas, mudar e me sentir eu mesma. Além disso, não estarei aqui por muito tempo. Quando tudo isto acabar poderei ir. —Adam a observava sem perder detalhe e ela estava nervosa diante de tal estudo de sua fisionomia— Amanhã poderemos falar, certo? Não se preocupe comigo.

Gabriel assentiu resignado. Voltou a abraçá-la e girou para encarar Adam.

— Não sei se pensaram que por serem imortais e ter mais músculo que cérebro, podem tratar assim a minhas amigas, mas esta é a última vez que repito. Toque-a, machuque-a, e juro pelo que mais amo que o mato.

Adam aceitou a ameaça e sentiu um profundo respeito por Gabriel. Era humano, mortal, tinha músculo e altura, mas com um só golpe de seus punhos poderia matá-lo, e mesmo assim estava plantado diante dele, disposto a brigar. Era admirável.

— Não se preocupe, Gabriel —assentiu Adam solene— Ruth está em boas mãos.

—É uma merda —respondeu ele— Não esqueça o que disse. — Com essas palavras se dispôs a ir.

— Espera — parou Adam— Peça a Noah que leve-o a Notting Hill, está esperando no Hummer.

Gabriel olhou para fora e viu como Noah o saudava com uma mão, sorrindo divertido pela cena.

O humano saiu em sua busca e deixou Adam e Ruth sozinhos.

— Noah está aqui? —perguntou Ruth caminhando para ele— Posso vê-lo?

Adam inspirou profundamente e se sentiu bem ao cheirar a fragrância corporal de Ruth. Pêssego suculento.

— O verá esta noite. Suas coisas estão no jardim, nessa espécie da Micromáquina que conduz. Ordene-me que me mova, Ruth.

Ruth parou um centímetro de seu corpo. Desprendia tanto calor... Estudou o lenço negro que usava como um modelo parisiense, e sorriu, sentindo-se poderosa.

—Assim que o colar é realmente um sublevador —murmurou orgulhosa.



— Já sabe. Ontem me comportei muito bem com você, fiz tudo o que me pediu.

— Posso ordenar qualquer coisa que eu quiser e você me atenderá? É fascinante. —Deu uma volta a seu redor— Sabe que vou me aproveitar disto, sim?

—Já está fazendo. — A tinha nas costas e não gostava que o rondassem dessa maneira. É que essa mulher não sentia o perigo?

— Ui, mas se ainda não fiz nada —murmurou ficando diante dele de novo. Tinha um brilho de triunfo total em seu rosto e Adam se sentiu estranhamente bem ao contemplá-la. Fascinado.

— Com certeza que o quer patentear —comentou divertido.

—Muito bem, cachorrinho. Começa a me conhecer —assentiu— vá recolher minhas malas. —Bateu— Rapidinho.

Adam se moveu e a olhou por cima do ombro.

— É uma aproveitadora.

Ruth evitou o sarcasmo e saiu ao jardim. Suspirou agradecida ao ver seu Smart Roadster⁴² negro e laranja que adorava com todo seu coração. Uma de suas mais apreciadas posses, depois de seus amigos, claro. Quando o conduzia e o vento batia no rosto se sentia livre e viva.

— Como pode conduzir com isso? Um sopro e o vento o leva. — Ignorou Adam. Pressionou o comando, e as luzes piscaram quando se abriram as portas.

— Você tenta uma conversa? —olhou-o por cima do ombro enquanto tirava as malas— Estamos avançando em nossa relação.

Adam se adiantou e roçou com suas mãos as dela. Ambos ficaram olhando, surpreendidos diante da eletricidade que notaram nesse mínimo contato. Ruth olhou seus nódulos um pouco ensanguentados. Ela não sabia que estavam assim pelos murros que deu com Limbo. Adam devotou ao berserker mentiroso um tête á tête. Limbo aceitou a contra gosto porque sabia que era impossível vencer ao xamã, e assim foi, levou uma boa sova.

— Com quem brigou? —perguntou tomando sua mão, realmente preocupada.

— Não é nada —respondeu seco, afastando-se. — Ele merecia.

Ruth se enrijeceu diante da resposta cortante dele e o deixou fazer. Mas imediatamente, começou a risada ao ver o corpo enorme desse homem dentro do seu carro, tentando manobrar. — É o carro ideal para o Frodo e sua tropa de hobbits —comentou ele meio grunhindo.

Ruth sorriu.

— Não posso acreditar —negou com a cabeça— Se até tem senso de humor... Está me surpreendendo.

—Digo isso a sério. —Carregava duas malas Louis Vuitton enormes em cada mão. — Este carro é uma piada.

Ruth jogou faíscas pelos olhos. Mas o que acreditou?

—E você usa esse Hummer que apregoa aos quatro ventos: “dirijo este carro enorme porque meu pênis é pequeno”.





Deu meia volta e entrou na casa, deixando Adam aí plantado com a boca aberta. Ninguém se metia com seu bombonzinho. Ninguém.

Mais tarde, quando Ruth estava já instalada em seu quarto e conectava seu computador portátil à rede wifi de sua casa, Adam rondava como um cão nervoso, olhando a cada três segundo o andar superior, onde se encontrava a Caçadora.

Que estranho era ter uma mulher em casa. Que perturbador era tê-la, fazendo e desfazendo como se sempre tivesse vivido com ele, como se formasse parte de cada parede, de cada canto. E que incômodo era estar excitado continuamente sempre que cheirava seu perfume.

Em uma hora iria procurar aos meninos e logo visitariam Ás, para interrogar Julius e averiguar o que na verdade acontecia. A verdade era que não gostava que ela se encontrasse de novo com esse traidor. Não gostava de nada como a olhava.

Limbo disse que não sabia nada disso. Sim que notou um comportamento estranho no berserker, mas nunca pensou que estivesse envolto em levantamentos nem rebeliões. Resultou que Limbo estava tão surpreso como eles, e além disso se prestou a ajudá-los no que fosse possível. Participou da mentira de Julius, mas pelo resto, nunca deu motivos para suspeitar dele por nada. Embora tampouco Julius.

Se tudo ia bem, Limbo seria seu irmão político. Fariam o possível para se darem bem.

Grunhiu mal-humorado ao se dar conta de que a berserker não o deixava nem a metade de quente que a hóspede que vivia com eles. Mas se tivesse que escolher, saberia como fazê-lo. O desejo era uma fraqueza, ele tinha mais responsabilidades além das suas. E olharia por seus gêmeos e por sua segurança antes que por seu próprio bem-estar como homem. Recolheu o que Gabriel jogou da estante. Livros e mais livros. Literatura de todo tipo. Desde o Ivanhoe a Ben-Hur à História interminável e Momo, passando por ensaios filosóficos e autobiografias. Não suportava a desordem. Necessitava que tudo tivesse um ritmo, uma escala de cores, uma ordem alfabética. Era um pouco maníaco.

—Sinto que Gabriel destroçou sua estante. Por certo, sua livraria tem carências.

Adam girou para ver Ruth às suas costas. Trocou-se.

Usava uma calça jeans muito curta de cintura baixa, e um top negro de alças que ficava dois dedos por cima do umbigo. Seu diamante brilhava reclamando atenção, tão orgulhoso era. E seus pequenos e delicados pés estavam embainhados em umas sandálias negras e plainas. As unhas pintadas de vermelho o puseram a mil. E aquele glorioso cabelo solto e brilhante emoldurava seus traços de duende em um halo avermelhado e cheio de paixão. Passou rímel e lápis de olhos negros e agora seu olhar era mais felino que nunca. Essa era Ruth. Nem mais nem menos.

— Ah, sim? O que falta?

— O melhor gênero de todos. Que faz sonhar de verdade. Livros românticos paranormais.

— Para pessoas normais?

—Ha. Ha. Que engraçado —disse ela colocando-se diante da estante— Leia Sherrilyn Kenyon, Christine Feehan, Charlaine Harris, Kresley Cole...

— Por que ia ler os livros destas mulheres?

— Porque suas teorias sobre vampiros e sua relação com a mitologia e as lendas é muito interessante, e, além disso, com certeza aprenderia algo. E mais, agora mesmo acredito que tudo



o que dizem em seus livros é verdade.

— Porque nos conhece?

— Não —negou com a cabeça— Porque sempre estão excitados igual a seus personagens.

O berserker se esforçou por parecer indiferente, mas fracassou porque ela olhava assombrada o vulto que tinha na calça.

— Acredito que subiu o sangue à cabeça —e assinalou o pacote em um movimento sexy de queixo.

Ele grunhiu e levantou as sobrancelhas.

— E o que faço com ela, barnepike? Alguma ideia?

Ruth tinha muitas, mas antes havia outras prioridades.

— Logo direi isso, mas quero que deixemos claras umas coisinhas antes. Decidi que quero tentar perdoar, assim vou deixar que se explique primeiro — dirigiu-se ao sofá de pele branca e deu umas palmadinhas com a mão indicando que se sentasse a seu lado.

— É uma cilada? —perguntou incômodo.

— Não —respondeu com sinceridade.

— E essa mudança de atitude? —agradecido, pegou os dois livros e se sentou a seu lado— A que se deve?

Ruth retorceu as mãos, nervosa. A que se devia essa mudança de atitude? A que não podia odiá-lo e desejá-lo de uma vez como uma mulher bipolar. Proporia o trato, o trataria tão bem que nunca a deixaria partir e logo o libertaria. Se ele voltava para ela depois disso, todo o sofrimento teria valido a pena.

Não podia perder a possibilidade de estar com o único homem que realmente a deixava louca, anulava seu bom senso e fazia que seu coração acelerasse com apenas olhá-lo. Tentava odiá-lo, mas fracassava quando vinha à cabeça o modo em que abraçava a seus sobrinhos e os olhava, o modo de amá-los e cuidá-los. Tomara que a olhasse igual. Para conseguir tamanha proeza, tinha a seu favor a atração da que muitos outros casais careciam, e, além disso, não era imune a ela. Se puder tirar proveito disso, faria. Não ia ter escrúpulos. Isso sim, iria com muita cautela e não se declararia nem demonstraria que ele era sua única debilidade. Não jogaria em desvantagem.

—As fotografias que há em sua casa —confessou com humildade. O berserker estava muito quieto, dedicando toda sua atenção— fez você humano a meus olhos. Em todas elas, aparece com Liam e Nora e eles riem e o olham como se fosse seu herói. Eu não posso tratá-lo mal diante deles. Sou incapaz de fazer mal, por muito que mereça —assinalou isso— Mas eles não merecem e faria mal se eu abusasse deste pacto que fizemos e os magoasse em algo. Não farei. Sonja o respeita e quero acreditar nela também. Não me afastarei muito, Adam. Só o justo para conseguir o que quero —ficou vermelha como um tomate.

Adam não ousava mover um músculo. Não esperava tanta consideração, nem tanta sensibilidade em relação aos pequenos.

— Quero... quero fazer um trato com você —acrescentou olhando-o de esguelha.

— Do que se trata? —perguntou ele com voz rouca. Estar perto dessa mulher era um martírio.



— Sei que não sou o tipo de mulher que quer em sua vida. Não estou cega e não sou tola — deixou claro— Sei que há algo em mim que você não gosta. Não sei o que é, mas seja o que for o que você não gosta de mim, não vou mudar —o olhou fixamente. Deus, esses olhos negros deveriam ser censurados— Sou assim, você goste ou não. Eu aprendi a me aceitar.

— Ruth, eu não...

— Não me corte. —Elevou uma mão— Sabendo isto e tendo as coisas claras, quero pedir algo em troca e juro que o libertarei. Nunca o humilharei, não rirei de você nem o obrigarei a fazer coisas que não quer fazer. Quando tiver aprendido o que preciso saber, o deixarei em liberdade.

— O que quer aprender, katt? —A que vinha tanta intriga? Ruth fechou os olhos com força e ficou em tensão. Mas imediatamente relaxou os ombros e o encarou diretamente.—À merda o decoro. Quero que me ensine como ter intimidade com um homem.

Adam não soube como reagir. Uma bofetada não o teria surpreendido tanto.

Aquela mulher de aroma de pêssego, olhos de gata e sorriso malicioso estava pedindo que se deitasse com ela sem nenhum tipo de obrigação no meio. Não esperaria isso jamais. Ruth sempre o acabava surpreendendo. É óbvio que aceitava. Estaria mais que encantado de ensinar a essa garota como era a intimidade com um homem que a soubesse tratar bem.

— Sem compromissos? —perguntou querendo se assegurar.

Em Ruth doeu que ele quisesse esclarecer esse aspecto, mas o aceitou. Sairiam ganhando os dois.

— Sem compromissos —esclareceu Ruth.

— Poderei fazer o que quiser?

Um brilho de alarme apareceu nas profundidades âmbar da jovem.

—Eu levarei o controle. Se houver algo que eu não gosto, pararei, de acordo? —esclareceu ela.

—Vai gostar de tudo —sentenciou ele olhando-a de cima a baixo e lambendo os lábios— Por que me oferece esse privilégio? Não gosta de mim, me odeia, e não confia em mim.

— Não negarei nada do que disse. —encolheu os ombros— Mas confio nisto. —Roçou o hallsbänd diante de seu olhar atônito— Um homem no estado que você se encontrava ontem noite não pararia jamais com uma mulher nua em sua cama. Mas este colar deve ter muito poder para dobrar um berserker como você à sua vontade. Ninguém me tocou jamais assim. Não me machucará, verdade? —perguntou querendo confiar nele.

Adam se derreteu ao ver a vulnerabilidade de Ruth. Quem foi o cretino que a machucou?

— Nunca. Só me diga quando estiver assustada. Você gostou do que fiz? Ruth assentiu e relaxou apoiando as costas no sofá. Isso eram só negócios.

— Me alegre —disse ele— Mas quero que entenda algo, Ruth. Pararei, não porque você me pede, mas sim porque eu decido parar, não porque o colar me obriga a fazer. Fica claro?

— Muito claro.

— Me libertará quando tiver completado com o que quer? —levantou uma sobrancelha parecendo assim um pouco incrédulo— Assim fácil?

— Sim. Você e eu não estamos feitos para compartilhar nada mais. Só necessito umas lições, Adam, para sentir e aprender, e com isso terei suficiente —sentenciou segura de si mesma, segura



de suas palavras e de sua decisão— Daqui a seis dias serei imortal. Terei uma vida longa para desfrutar, mas antes quero aprender com alguém que sei que não se aproveitará de mim. E nem sequer sei se terei tempo para ter intimidade com ninguém mais. — jogou o cabelo para trás— vou estar muito ocupada caçando almas.

Adam permanecia sentado, olhando-a maravilhado diante de sua valentia e sua declaração tão simples, tão sem enganos e sem segredos. Mas ele sabia que o hallsbänd não se abriria assim simplesmente. Deveria haver uma vinculação por parte dos dois, sobretudo dela, para que o colar cedesse. Uma emoção forte e pura, um perdão real e uma aceitação total de sua pessoa. E Ruth não sabia.

Seria ela capaz de perdoá-lo sinceramente?

— Bem. Agora que está tudo claro entre nós, ajude-me a entender por que me odiou todo este tempo — Ruth se sentou no sofá e esperou uma explicação convincente.

Sem querer pensar mais no trato, procedeu a explicar o que indicavam os livros.

— A última profecia fala de minha irmã Sonja e de você. Meu pai profetizou quando morreria Sonja, e não falhou. Logo profetizou que seu filho mais velho morreria sete anos depois da morte de sua irmã. Ontem se cumpria o sétimo aniversário de Sonja. Ontem se presumia que eu devia morrer.

— Leia o que diz — ordenou ela, mais interessada do que desejaria. Adam procedeu à leitura de uma maneira solene. Quando finalizou, Ruth permanecia receosa e em silêncio.

— Entende agora? Tudo indicava que iria me matar, que você...

— Nada do que diz aqui menciona que eu vá matá-lo, Adam.

— Menciona que vou morrer esse dia. Uma Eva disfarçada de Caçadora, essa é você. E logo une isto ao sonho recorrente que passo tendo há um mês e meio e...

— Onde vê aqui escrito Ruth? —levantou-se furiosa e soprou como um cavalo— Maldição! Eu não interpreto nada do que você diz nessa profecia. Acredito que a interpretou a sua maneira. —Caminhou ao redor do balcão da cozinha— Acredito que seu ódio e sua repulsão para comigo nublou um pouco seu julgamento.

— Não a odeio, nem me repugna —afirmou cortante— Não agora. —Ruth o olhou sem acreditar nenhuma só palavra daquela afirmação.

— É verdade —reafirmou Adam endireitando de costas. Explicar tudo seria mais difícil do que imaginava— Não a odeio, Ruth. Fiquei sonhando com você durante quarenta e cinco noites seguidas. Já disse. Eu a via perfeitamente disparando uma maldita flecha, disfarçada de chapeuzinho vermelho. A odiava por isso.

— Como? —levantou suas sobrancelhas em um arco perfeito— De chapeuzinho? Agora tudo é mais acreditável.

—Economize o sarcasmo. Não sei por que a via assim. —passou a mão pela cabeça em um gesto de impotência— Mas juro que senti como me matava cada noite. Como não acreditaria que era você essa Eva disfarçada de Caçadora? Não sentiria carinho por você, precisamente.

Os exuberantes lábios de Ruth desenharam uma fina linha. Seria verdade? Realmente Adam estava tão malditamente convencido de que ela ia matá-lo?

— Não falhei em meu sonho. Meu pai, como viu, não falhou na profecia de Sonja. Eu



possivelmente ia morrer esta noite. —encolheu os ombros— Ontem de noite, quando a vi me apontando com o arco e a flecha, pensei que estava se cumprindo tudo, e então desejei tê-la matado. Odiei-me por ter sido misericordioso com você. Mas o que eu não sabia era que tinha Julius e outros atrás de mim, me esperando para acabar comigo, e muito menos imaginava que você dispararia neles para me salvar. Interpretei tudo errado— irritou consigo mesmo— Me salvou. — Olhou-a querendo atravessar sua alma, com tanta intensidade que inclusive a jovem estremeceu— Salvou meus sobrinhos. Por que fez realmente? —aproximou-se dela até que se tocaram as pontas dos pés.

— São crianças, Adam. —Ela não se afastou, levantou o queixo e aguentou seu olhar escuro— Não têm culpa de que seu tio seja um xamã que perdeu um parafuso.

A boca de Adam se curvou em um sorriso divertido para logo voltar a ficar sério.

— Me desconcerta — confessou cansado— Podia se vingar então de toda a vergonha e a dor que te causei.

— Me vingar deixando à mercê de uns assassinos crianças inocentes só para vê-lo sofrer? Que tipo de monstro acha que sou? É meu escravo, Adam. Quer melhor vingança que isso?

— Não. — Olhou-a com ternura— Não há nem um ápice de maldade em você. Ânimo de revanche, pode ser que sim. Mas não há malícia, nada comparado com o que um berserker faria se se encontrasse em sua situação. Eu não teria piedade com você.

—Ainda posso mudar de opinião, assim não me desafie, Adam. — Elevou o nariz de maneira insolente— Não preciso saber o que você faria. Já vivi em minha carne.

Ele se aproximou até quase roçar suas pernas com as dela. Negou convencido.

— Odiava porque iria separa-me deles. Desses meninos que estão sob minha responsabilidade. Iria deixa-los sozinhos me matando. Importa muito pouco o que me possa acontecer —levantou uma mão e enrolou em seus dedos uma mecha de cabelo mogno de Ruth— mas não suportaria que eles sofressem por minha culpa. Eles significam tanto... Minha vida não é muito bonita, eles são minha única luz. Meu dom é uma maldita condenação, entende? Meu pai aprendeu como ninguém que a vida é uma autêntica merda e que só pode confiar em você mesmo. Ele me recordou isso, é uma lição bem aprendida.

Ruth sentiu a contra gosto que algo se oprimia no peito ao ouvir a súplica e a dor das palavras de Adam. Era um homem perseguido e torturado pelo passado de sua família, e estava abrindo-se com ela pela primeira vez. E os violinos e as rosas?

— Não confia em ninguém. —Observou sua mão enorme e morena acariciar seu cabelo com suavidade. Como era possível? Aquele homem tão fascinante era um guerreiro e tinha uma força extremamente brutal, e, entretanto, era capaz de tocá-la com suavidade. Como agora. Como fez durante toda a noite.

— Acaso tenho algum motivo? Diz que Sonja falou com você e que minha mãe está por trás de sua morte e com segurança atrás de tudo o que está acontecendo agora. Fazia séculos que não sabíamos dela nem de Strike, e ambos voltaram de novo para me atormentar. Julius, e alguns berserkers mais, estão ligados com eles. Não confiarei em ninguém. Como xamã é o que tenho que fazer. —Soltou seu cabelo e deu um passo atrás com humildade— Não posso me relacionar muito com as pessoas porque se estabelecem vínculos emocionais e pode ser que meus sonhos se



alterem e deixem de ser objetivos. Até que não retorne minha capacidade de falar com o espírito, só fica a adivinhação onírica.

— Então, está falhando o dom?

— Não exatamente, só está aturdido. Retornará.

— Mas você não tem nenhum vínculo emocional comigo. Por que me julgou assim, então? Sonhou o que pensou de mim. O que via de mim. Seus julgamentos. Seus sonhos —concluiu um pouco desanimada. Não era que importasse, absolutamente. Só sentia curiosidade. E o que era esse desgosto que sentia no coração?

— Não queira que explique o que sonhava cada noite —assegurou Adam a ponto de dar as costas— Não expliquei isso tudo.

— Já disse isso. Sonhava que o matava —franziu o cenho.

— Mas antes sonhava outras coisas — encaminhou-se para as escadas que subiam aos quartos. Tinha que apagar o mural de Ruth. Algumas imagens eram lascivas, muito insinuantes. Não queria que ela visse como esteve obcecado com ela.

— Coisas? Que coisas? Estou falando, aonde vai?

—Não quer saber, me acredite — disse por cima do ombro.

—Ordeno que me diga —correu atrás dele e o seguiu a seu quarto.

—Vou apagar umas coisas... Não entre aqui — advertiu com um brilho perigoso no olhar— Não o faça, Ruth.

— Não me dê ordens. — parou diante dele. Adam tinha umas costas grande e musculosa— É seu quarto? O que há aí dentro?

— Ruth, por favor — rogou ele visivelmente nervoso.

O que acontecia nesse quarto para que Adam se visse ruborizado e inseguro?

— Me conte antes o sonho completo. —Sentia tanta curiosidade que podia coçar-se fisicamente do tanto que a picava.

—Está brincando com fogo. Não diga que não avisei.

—Adam, por que acha que tenho o cabelo desta cor? —destacou— Eu gosto do fogo e não me dá nenhum medo, cachorrinho. Agora, me mostre o que há aí dentro.

Ruth era desafiante e valente. Uma combinação muito ruim para Adam, porque não esperava que alguém assim fosse o tipo de mulher que o deixaria louco e acelerasse seu coração. Um homem de seu tamanho e com seu caráter bateria em qualquer um que não fosse o suficientemente forte. Mas a pequena Ruth era sua igual. E brigariam como tal. Ele não ia dar-lhe espaço, ela tampouco a ele. Por que não podia ser berserker?

Sorriu de um modo que Ruth recordou um lobo.

— Não diga que não avisei. —A porta de seu quarto se abriu e ele se afastou para deixá-la passar.

Quando Ruth entrou no quarto do berserker ficou virtualmente sem ar nos pulmões. Havia umas dez réplicas exatas dela na parede, a óleo. Estava em muitas posições diferentes, e todas tinham um brilho malicioso e sedutor no olhar. Caminhasse em qualquer direção, os olhos da parede a seguiam.

Um dos retratos que a ilustravam estava apoiado em uma árvore e oferecia seus quadris de



maneira brincalhona. Outro o apontava com uma flecha enquanto piscava um olho. Em outra pintura estava virtualmente de roupa íntima, estirada na grama e indicando ao observador com o dedo indicador que se aproximasse. Não entendia muito bem nem o coelho que estava comendo a cenoura, nem tampouco a calcinha estampada com corações, mas todo o resto era claro e explícito.

Ruborizou por completo. Ela não era assim sedutora, nem tampouco nunca provocou desse modo. Por que a desenhou assim?

— O que é isto? — girou para ele, furiosa e humilhada.

— Eu disse que não entrasse — desculpou-se.

— Por que estou desenhada na parede como se quisesse que alguém se jogasse em cima de mim? — apertava os punhos e tremia de indignação— Pareço uma qualquer.

—Assim a via eu em meus sonhos, Ruth.

O lábio inferior de Ruth começou a tremer. Por que pensava dela o pior? Por que era tão duro julgando-a? Esteve a ponto de sair correndo do quarto, mas Adam a puxou pela cintura e apoiou suas costas em seu peito.

— Me solte.

— Não me entende. Não me parece absolutamente uma qualquer, katt. Olhe bem. —Girou-a para os desenhos sem deixar de sussurrar ao seu ouvido— É uma mulher tão sexy e tão bonita, que às vezes sinto que me dobram os joelhos. Mas agora que vi melhor — aproximou sua pélvis a ela e a roçou insinuante— acredito que não fiz justiça absolutamente.

Adam estava roçando contra ela, marcando a fogo a área baixa de suas costas. Ruth sentiu uma chama que tomava vida em seu interior, como se alguém fizesse contato com seus cabos internos e de repente se acendesse como o motor de um carro.

— Quero que os apague — ordenou em voz baixa e implorante.

— Não farei.

— Isto é o cúmulo! — chutou o chão como uma menina pequena, tentando se afastar dele sem êxito. Adam a agarrava pela cintura com força— Do que serve o pacto slavery se não me obedece? O colar é uma fraude.

— Não quero apagar esses desenhos. Eu gosto. Fantasiei muito com eles. Com você — ronronou atrás da orelha— Me alegra que não seja uma assassina. E ainda não sei por que, já que você e eu não temos nenhum futuro, não?

— Não. Não acredito. —tentou afastar-se, desta vez mais brandamente, mas ele a virou e a obrigou a olhar seu rosto— Me ignorou e me desprezou desde o primeiro instante em que nos conhecemos. Por que age agora como se fosse algo mais que uma obrigação para você? —Sua voz ressentida surpreendeu inclusive a ela— Não tem que fingir comigo. Os dois sabemos o que há. Somos amadurecidos.

Adam apertou a mandíbula.

— Está equivocada. Quando a salvei do lobacho, a primeira vez que nos vimos, meu corpo reagiu a você como se fosse um maldito doce e eu um homem faminto e com hipoglicemia. Logo começaram os sonhos.

Houve um interminável silêncio entre eles. Adam pensava que disse muito, e entretanto, ele



mesmo estava surpreso sobre a verdade que carregava essas palavras. Desejou-a desde o primeiro momento em que a viu.

Ruth se sentia tão sensível que toda a pele ficou arrepiada diante da declaração. O quarto de Adam, que era amplo e masculino, pareceu diminuir.

—No princípio do sonho via minha mãe —prosseguiu Adam acariciando a lateral do pescoço dela com o nariz— Revivia o dia que nos abandonou e que envergonhou meu pai com Strike — sussurrou afundando o rosto no pescoço e rodeando a cintura em um abraço muito íntimo. Sabia que devia se afastar, mas não podia.

Muito perto, pensou Ruth. Muito íntimo. Muito, tudo muito.

—Adam, o que... o que está fazendo? —tentou se afastar.

— Logo estava fazendo amor com uma mulher desafiante e desinibida. Sabe quem era? — Levantou o rosto para olhar a expressão da jovem— Você.

Ela grunhiu empurrando seu peito.

— Está mentindo.

— Não minto, maldição. —a sacudiu levemente— fazia amor grosseiramente, com raiva, mas morto de desejo —sorriu envergonhado— E depois disso e de estar a ponto de gozar, via você no Totem, disparando uma flecha mortal. Com isto quero dizer que a odiei, gatinha, mas também a desejei com uma obsessão completa e absoluta, não me importa admitir. Continuo desejando, Ruth. E juro que a droga não é a culpada de que me sinta assim. Não sei o que é que tem, não sei o que me acontece com você, mas influi de algum jeito na química de meu corpo, e embora queira, não posso detê-lo.

Desejo. Ruth engoliu saliva compulsivamente. Por que se sentia agradecida por essa confissão? O desejo podia converter-se em amor, verdade?

— Não vai dizer nada? —perguntou ele orgulhoso de ter deixado a uma mulher como ela sem palavras.

Ruth tentou vocalizar e o único que saía eram sons estúpidos de sua boca. Limpou a garganta.

— Então nada disto vai ser desagradável para você. Não vai ser nenhum tipo de castigo. Grande merda de pacto slavery que fiz. — Tentou afastar-se dele.

— Não deveria rir. Deveria me ter mais respeito. — Avaliou com seus olhos negros— Sou um berserker.

Adam estava tão impressionante, aí parado com os braços e pernas, que por um momento desejou esquecer quem era ele e se lançar a seu pescoço. Temerosa de que ele adivinhasse seus pensamentos, afastou o olhar.

— Quero ser justo com você e deixar duas coisas claras. Você e eu temos uma conta pendente que resolverá, se Odín quiser, na cama. Nós gostamos, e sei que ambos o desejamos. É atração animal. Mas somos conscientes de que nossa relação não passará daí, verdade? —Ruth não esperava tantas barreiras, mas ela as contornaria.

— Claro — mentiu fingindo calma.

— Serei sincero. Aspiro a me emparelhar com uma berserker. — Recebeu a punhalada. Não soube como reagir a isso. Nem sequer se moveu, mas tentou dissimular o rasgo que sentiu perto



do coração.

— Não... não somos namorados ainda — murmurou inseguro— mas quando acabar o pacto, me comprometerei com ela.

— É Margött? — perguntou com voz afogada.

— Sim.

Ruth levantou as duas sobrancelhas mognos e o olhou incrédula.

— Merda, Adam. E... Margött sabe que ontem deitou comigo e que aceitou me ensinar as habilidades do mundo carnal? — estava magoada e decepcionada. Ontem, Adam a tocou como ninguém o fez antes e enquanto o fazia, tinha em mente a outra mulher. Que merda passava com ela que ninguém a escolhia alguma vez?— Ainda não se converteu em rena? Porque em minha terra isso se chama ser uma cornuda.

— Não sabe. Não é necessário. Margött e eu jamais tivemos nada, sou um homem livre — esclareceu preocupado pela palidez do rosto da jovem— Posso fazer o que quiser agora, mas serei fiel quando estiver com ela. Margött é a mulher que escolhi para mim. Quando tudo isto acabar, irei até ela e será meu kone.

“Muito bem, Ruth. Indiferença. Não mostre suas cartas, não mostre o corte cirúrgico que fez em seu coração”, repetia como um mantra.

— Seu o que? —não assimilava bem o que dizia Adam.

— Minha mulher. Minha kone.

Fantástico. Tinha vontade de chorar. Entretanto, ele não esteve nunca com Margött. Como sabia que era ela a que o completaria? Aí havia algo estranho.

— Não a ama, verdade? É impossível que a queira e possa me tocar como me tocou ontem, como me esta tocado agora. Impossível —o desafiou a dizer o contrário.

— O que tem o amor a ver com tudo isto? —grunhiu frustrado. Ruth ficou em choque. Que tinha a ver o amor? Como? Grande tosco cabeçudo. Não podia falar a sério.

—Está brincando comigo?

—E do mesmo modo que disse que acordava em mim algo muito animal— continuou Adam— também direi que não pedirei perdão outra vez pelo que fiz. Não vou seguir dando explicações sobre por que a tratei assim, já expliquei isso uma vez. Não funciono assim. E mais, não sou humano. Recorda. As desculpas se acabaram ontem de noite, quando estive entre suas pernas durante mais de cinco horas, dando-lhe prazer. Quando ainda me doem os ovos porque nem sequer me tocou, ou quando aceitei algo tão humilhante como o pacto de escravidão. Não me rebaixo mais —negou veemente, mas sem perder esse porte altivo nem, essa frieza disfarçada de educação— Se acostume.

Não necessitava que fosse tão explícito.

Os olhos de Ruth brilharam de raiva e de impotência que sentia nesse momento. Era um pouco ditador e um homem tão duro... Se soubesse pedir perdão com humildade ou se no mínimo a tratasse com um pouco mais de delicadeza... Se lhe desse uma oportunidade. Maldito fosse por inspirar esses sentimentos de possessividade e propriedade nela. Adam era escuro, sombrio, ameaçador e carniceiro. Sua palavra era lei e estava acostumado a que obedecessem. Ele sempre dizia a última palavra. Era um empertigado e não sabia se divertir. E mesmo assim, ela sentia que



ambos se encaixavam bem. Pode ser que não sexualmente, mas sabia que se Adam fosse mel ela se converteria em abelha. Era seu complemento perfeito.

Recordou os problemas que teve Aileen com Caleb no princípio de sua relação. Jurou a si mesma que nunca teria relações com homens tão dominantes e tão possessivos. Por mais que depois de tudo isso surgisse algo maravilhoso entre eles. Não ia sofrer assim por ninguém. Já tinha suficiente de tudo isso. Agora controlava sua vida, era a Caçadora e não ia permitir se sentir mal por essas palavras nem pelas preferências do berserker. Queria a outra mulher? Pois se empanturrasse dela. Não ia chorar diante dele. Não ia permitir ser fraca diante de um homem que tinha menos delicadeza que um cacto. Assim, quando as lágrimas escaparam dos olhos, e Adam a observou aturdido, em seguida as limpou com um golpe seco de sua mão.

— Ficou claro — disse finalmente com voz fria.

— Então... — amaldiçoou ao vê-la chorar. Aproximou-se com medo de que começasse a correr, de que fugisse dele— por que chora?

— Suas palavras me emocionaram. — Não esperou para ver como ele ficava estático diante de sua ironia, e deu outro golpe— foi poesia para meus ouvidos — zombou— Entretanto, Adam, também quero deixar algo claro. Enquanto tiver esse colar que camufla, lembra que no medalhão está escrito “Ruth” —Estalou a língua com frieza, fazendo acreditar que nada do que disse importava e que estava mais que disposta a desafiá-lo— Enquanto eu for sua ama, nunca diga nunca, cachorrinho.

No Hummer, de caminho ao colégio de Aileen, ainda pesava entre eles as palavras de Adam, a proposta de Ruth, e seu aberto desafio.

A jovem queria acreditar que já não lhe importava o que pensasse dela, que não prestava atenção nos julgamentos ou preconceitos para com sua pessoa, mas em seu interior seguia tendo em conta o que Adam via quando a olhava. E o que ele via não gostava, disso estava segura. E isso doía porque ela não deixou de pensar nele desde que se conheceram. E não era um capricho passageiro. Nem sequer era um capricho. Sentia coisas por esse homem. Coisas que a abalaram e a deixavam tremendo e insegura. Vulnerável.

Noah conduzia e os observava divertidos. Adam olhava Ruth quando ela não o fazia, e ela o olhava quando ele despistava.

Quando chegaram para buscar aos gêmeos, Liam e Nora em seguida se encarapitaram contentes no carro, um a cada lado de Ruth, e ficaram a falar com ela de suas incríveis experiências em seu primeiro dia de escola.

Adam se surpreendia diante da repentina conexão e aproximação que sentiam as crianças com ela. Nora explicava que havia um menino vaniro que esteve incomodando-a todo o dia e que puxava seu rabo de cavalo. Liam contava que haviam tocado um computador, colocaram em algo chamado Google e viram meio mundo através de sua tela.

— A senhorita Aileen é muito boa —explicou Nora puxando a mão de Ruth.

— Claro que é. É a melhor — acrescentou Ruth orgulhosa— Quando se zanga, seus olhos ficam lilás mais claros, não é?

— Sim! —os gêmeos começaram a rir. Liam apoiou sua cabeça nas pernas de Ruth e Nora fez



o mesmo, só para imitar a seu irmão— Virá amanhã à escola? Os meninos dizem que se divertem quando você vai.

Ruth acariciou com naturalidade suas cabecinhas e sorriu.

— Eu adoraria. Irei sem falta. Iremos? —olhou Adam através do retrovisor.

Ele assentiu a contra gosto. Ruth era perita em manipulá-lo diante das crianças. E de todas as maneiras, não se importaria acompanhá-la, e mais, agora era sua obrigação cuidar dela.

— Bem! —exclamaram os pequenos— aonde vamos?

—Vamos ver o vovô Ás —respondeu Adam girando com um sorriso — Tem muitíssima vontade de vê-los.

Ruth girou o rosto para não encará-lo, e olhou pelo vidro. A Adam não passou esse gesto de não querer olhá-lo nos olhos. Mal-humorado, deu a volta e voltou a olhar à frente.

Noah negou com a cabeça e apertou o acelerador. Quanto antes chegassem a casa de Ás, antes poderiam sair desse carro que começava a fazer frio, e isso porque ele não colocou o ar condicionado.

CAPÍTULO 15

Na casa de Ás parecia que ia celebrar uma festa, mas nada mais longe da realidade. Os membros do conselho dos vaniros, as sacerdotisas, e os homens de confiança de Ás estavam reunidos no jardim, e o último que queriam era festejar. O objetivo da reunião era saber o que aconteceu a Strike e Lillian, e o que sabia Julius em todo aquele embrulho.

Liam e Nora não encaixavam nesse ambiente, assim que as três senhoras, Lha, Dyra e Amaya, os acolheram e os levaram para brincar dentro da casa.

Assim que Maria viu Ruth correu para abraçá-la. Em seus olhos azeviches se refletia a mais absoluta preocupação.

— Perdoo —se adiantou Ruth, tranquilizando-a.

—Ás me contou tudo. A própria Nerthus a iniciou —confirmou assombrada— É muito importante. Percebeu?

— Puseram-se em contato comigo no Totem, não foi? Podem falar mentalmente com as pessoas? Por isso eu também posso? — Maria encolheu os ombros.

— Não é fácil. Somos um canal muito bom de comunicação para os telepata, mas se nós queremos ser as emissoras da mensagem não podemos fazê-lo sozinhas. Por isso nos unimos, quatro antenas são mais potentes que uma. Entretanto, você é uma constante e tem essa faculdade muito bem desenvolvida, Ruth, é muito forte mentalmente.

Ruth levantou uma sobrancelha orgulhosa e olhou Adam de esguelha. Este evitou sorrir, mas tremeu o canto esquerda do lábio. Maria os olhou a ambos.

— Como estão? — perguntou mortificada olhando o lenço negro de Adam.

— Fantasticamente bem — respondeu Ruth com um sorriso— Adam deu-me muita atenção. — piscou um olho.

Ruth tentava tirar a ferro o assunto slavery e Maria se sentiu muito orgulhosa de sua benevolência. Esperava sinceramente que Adam também agradecesse a atitude da garota.



Eles ali presentes se saudaram um a um. Aileen, Caleb, Beatha e Gwyn, Inis e Ione... estavam todos ali. Ruth abraçou com força a Daanna e observou que os olhos verdes de sua amiga perderam um pouco de brilho.

— O que acontece? — perguntou olhando aos arredores. Procurava Menw, a sombra de Daanna, e não o encontrava por nenhum lado— Onde está seu guarda-costas?

Daanna se enrijeceu e quando estava disposta a dar uma resposta irada, apareceu Cahal com sua altura e sua beleza exótica e calma. Loiro, de sobrancelhas perfeitas, uma covinha no queixo proeminente, as maçãs do rosto altas e os olhos azuis muito claros, era o homem mais assombroso que viu, e, além disso, enchia o peito orgulhosa porque era seu amigo. Não sabia por que ambos caíram em graça. Sempre que a via Cahal, não parava de paquerar com ela e brincar constantemente. Desta vez estava mais sério e não deixava de analisar Adam com o olhar. E era um olhar de *amigo-não-me-provoque*. Depois de comprovar que Ruth estava bem, sorriu e a levantou pelas axilas para logo lhe dar uma beijoca enorme nos lábios.

— Como está minha garota favorita? — perguntou a abraçando.

Adam grunhiu por dentro. Mas o que acontecia que todos os caras a tocavam assim?

— Olá, bombom — saudou ela carinhosamente.

—Sentiu minha falta?

— Cada dia —assentiu Ruth terminante.

Cahal se sentiu orgulhoso daquela resposta. Era arrogante e convencido, um paquerador contumaz, mas dava muitíssimo valor que uma garota como Ruth o amasse e respeitasse como amigo. Tinha em alta estima sua amizade. Olhou Adam de novo e o atravessou com o olhar.

— Mijou fora do vaso, vira-lata.

— Ouça, Cahal —Noah encarou o vaniro— A quem quer tirar do sério?

— Vá chupar o pau de alguém. — respondeu Adam dando um passo para o vaniro com os olhos amarelos e desafiantes.

Ruth barrou o passo de Adam e Noah parou o vaniro.

— Não — rogou Ruth— Por favor.

Adam a olhou com raiva e parou imediatamente.

— Paro por ela — advertiu Cahal com as presas desenvolvidas— Por ela, vira-lata.

— Cahal! —Caleb pegou Cahal pelo braço e o afastou dali— Não devemos brigar. Concentre-se.

Cahal perdoou a vida de Adam com o olhar e este levou a mão à virilha e lhe enviou um beijo. Ruth nunca viu Adam perder a compostura dessa maneira.

— Se acalme — ordenou Ruth olhando angustiada.

— Por que se abraça com todos? —grunhiu. Não queria golpear Cahal por insultá-lo, queria fazê-lo por beijar Ruth na boca e abraçá-la tão intimamente.

Ruth ficou dura. Não gostava de como a julgava por agir assim com seus amigos.

Às se aproximou para pôr paz. Pegou Ruth pelo queixo e saudou Adam segurando seu antebraço.

— Averiguou algo? Julius abriu a boca? —perguntou Adam.

— Nada. Não podemos tirar a flecha da sua garganta, mas tampouco fala com ninguém. O



outro berserker que não conheço tem uma flecha cravada no crânio e acredito que atravessa o cérebro. Está babando e, além disso, entorta os olhos. Não acredito que possamos tirar nenhuma informação. Tem uma pontaria mortal, Caçadora.

Ruth sorriu agradecida pelo cumprimento.

— Só falará com ela — esclareceu Maria — Só com você, Ruth, a energia das flechas responde a você. Mas nós a acompanharemos.

— Então, vamos — deu um passo à frente e seguiu Ás e Maria, com Adam seguindo seus passos.

Desceu àquela impressionante mansão vitoriana, maior inclusive que a de Aileen. Ás tinha uma autêntica masmorra couraçada. Ali, encadeados à parede, estavam os dois berserkers que sobreviveram da emboscada fatal do Totem, Julius e o outro que ficou paraplégico.

Julius estava ensopado de suor, com as calças rasgadas e o torso ao descoberto, continuava sob o influxo da energia das flechas iridescentes de Ruth. Tinha o olhar completamente enlouquecido. Quando apareceu Ruth e a olhou, ficou de joelhos e rogou com os olhos cheios de lágrimas:

— Caçadora, liberte-me, suplico isso. Não... não suporto. Não suporto o que sou, o que fui... liberte-me, maldição! — De repente levantou para atacá-la. Adam o agarrou pelo cabelo e deu-lhe uma cabeçada com todas as suas forças. Caiu de costas, em uma posição um tanto incômoda, já que suas mãos estavam encadeadas à parede e não pôde parar o impacto. Lambeu os lábios e apalpou o sangue que emanava do corte que produziu Adam no septo nasal. Riu como um homem possuído.

Ruth deu um passo atrás, assustada diante desse comportamento. De algum jeito sentia a escuridão que emanava de sua alma e não gostava. Era repulsivo, e sua maldade a golpeava no estômago até chegar a produzir náuseas.

— Está bem? — Adam se aproximou e levantou o queixo para comprovar o estado emocional de Ruth. Esta assentiu incômoda e o afastou ligeiramente para avançar até o traidor.

— Pergunte, Ruth. O que tem a ver com Strike? — O que planejam? Ruth enfrentou Julius.

— Está gostosa de se comer, Ruth — sorriu Julius com lascívia.

— Me escute — ordenou com serenidade. O momento tinha toda sua atenção — Quem está atrás da emboscada que fizeram na casa de Adam?

— Strike e Lillian.

Adam apertou a mandíbula. Já sabia, mas ouvi-lo nos lábios do que foi seu companheiro de batalhas o afetou.

— O que pretendiam indo à casa de Adam?

— Matar ao noaiti — respondeu Julius com gesto evidente.

— Por quê?

Julius sorriu e negou com a cabeça.

— Porque se aproxima outro tempo. Outro tempo no que nós receberemos o que nos pertence. Mas para isso devemos anular o dom de profecia de Adam e receber o de Strike. Ele nos levará ao novo amanhecer.

Ao novo amanhecer... Ruth já ouviu isso. Seus pais, ferventes evangelistas, diziam que o



novo amanhecer chegaria um dia à terra e levaria toda a maldade com sua luz. É que a loucura chegava por igual a seres ancestrais e humanos?

— Assim Strike quer meu legado — Adam fez ranger os nódulos. Queria golpear algo.

— O que faz Strike com as almas? Como as controla? — perguntou Ruth recordando as palavras de Sonja— Sonja disse que as almas de luz não podem retornar para casa, e, entretanto as almas da escuridão continuam aqui. Como as confunde? Como as prende?

— Com algo que você não utilizará jamais —olhou Adam com desprezo— Magia. Com magia *seidr*⁴³. Loki ensina, Loki está em contato com todos nós.

— Strike se converteu em bruxo sombrio — Ás e Adam se olharam entendendo.

— O que é o *seidr*? — Ruth precisava entender do que estavam falando.

— É magia, um tipo de magia que só é utilizada pelas deusas vaniras — explicou Adam— É muito poderosa, e se a executam nas mãos equivocadas pode ser muito destrutiva, converte-se em magia negra. Freyja ensinou o *seidr* a Odín e este o utilizou alguma vez para adivinhar o futuro. Loki o acusou de maricas diante de todos os deuses por utilizar uma magia que era destinada só às mulheres, mas o fez por raiva e despeito, pois desejava esse conhecimento para ele. Uma vez, Loki, que tinha a entrada proibida no *Asgard*, apareceu diante de Freyja com a imagem de Odín e recebeu dela as lições sobre o *seidr*. É um transformista, um mentiroso e um traidor. Agora, Strike é seu *Seidmadr*⁴⁴. Sua marionete. Através dele moverá todos os fios. Enfeitiçará, adivinhará e jogará com os mortos a seu desejo.

— O que é isso, o *Seidmadr*? — sussurrou Ruth.

— O xamã negro. Meu... antagonista.

— Não fale assim de meu senhor. — Julius tentou arrancar as correntes dos pulsos, mas não podia— É mais homem e mais digno de seu poder que você do seu. E ele ao menos não nos deu as costas. Quantas vezes viu Odín? E Thor? E Tyr? Quantas? — espetou desdenhoso— Nenhuma, verdade? Deixaram-nos aqui, abandonados em uma luta estúpida. Quem quer salvar os humanos se entre eles se estão destruindo? Como podemos viver revoltados virtualmente por eles? Desta vez saiu mal a jogada, mas não sabem a que espera... — rezou esperançoso.

— O que vai acontecer? — Ruth esfregou os braços.

— Virão do *Jotunheim*⁴⁵ e acabarão com todos — sentenciou Julius.

— Onde estão Strike e Lillian?

— Não sei. Eu só recebo suas ordens através dos sonhos. Não os vi ainda.

Adam empalideceu. Ás apertou a ponte do nariz, e Maria, que até agora não se pronunciou, pois escutava atentamente cada palavra do berserker, fez negações com a cabeça.

— Assim Strike entra em contato astral com os membros do clã... — sussurrou preocupada.

— Está criando um exército — assentiu Julius com solenidade— Um grande. O mal chega a *Asgard*... — cantarolou— Acaba-se o tempo. Três, dois, um e... boom! — exclamou divertido.

— Limbo está envolvido na rebelião? — perguntou Ruth, lendo involuntariamente a mente de Adam.

⁴³ Magia que enfeitiçam que tem origem nas deusas Vanir.

⁴⁴ Nome que dá ao praticante dos *Seidr*.

⁴⁵ A terra dos gigantes. A origem de todo mal.



— Limbo? — levantou as sobrancelhas com incredulidade— Limbo não tem nem puta ideia do que acontece a seu redor. Deixe-o com suas antiguidades e suas tolices de bicha, suficiente tem com isso.

Adam ficou um pouco mais tranquilo ao comprovar que Limbo estava limpo.

Ruth já ouviu muito. Era a Caçadora, Julius um traidor e ia demonstrar quem mandava ali. Aproximou-se dele, agachou-se e agarrou a flecha que atravessava a garganta do berserker. Este começou a tremer preso de milhares de convulsões.

— Diz que Strike utiliza o seidr. Que o enviou para matar Adam. Pois muito bom adivinho ou bruxo não podia ser se não viu que a jogada sairia mau. Agora vai me escutar. Já ouvi muitas estupidezes e seu estado é pior que o do Jack Nicholson em Resplendor. Esse filme me dá desgosto assim acabemos com isto logo.

Adam abriu a boca como um peixe ao ver o brio e a segurança com a que Ruth controlava a situação. Ia babar ali mesmo, diante de Ás e Maria. A Caçadora era de tomar as armas.

— As ordens eram só matar Adam? Também vinham pelos pequenos. Liam e Nora. Por quê?

— Não sei por que —gritou Julius cheio de dores— Eu juro, Caçadora. Não sei por que querem os meninos, mas a noite não saiu como esperávamos. Apareceu você, e com você ninguém contava. Solte-me, merda! — girou os olhos quando Ruth pressionou mais forte a flecha— De onde merda saiu? Não... não pensamos na Caçadora. Strike não a viu — grunhiu e se removeu como uma serpente— Por sua culpa não cumpri com o que me mandaram e agora haverá represálias — queixou— levou os meninos com você e isso nos atrasou. Tampouco contávamos com Noah, mas pelo visto ali estava também. O seidr disse a Strike que ia estar Adam só com os meninos, não contava com vocês.

Claro que estava, pensava Adam. Noah se encarregava de proteger Ruth dele mesmo.

— A ordem era matar Adam e capturar os pequenos. Um o utilizaríamos, o outro devia ser sacrificado. Mas você, puta, fodeu tudo!

Adam se equilibrou sobre Julius e o arrancou das correntes com toda a raiva do mundo. Ás correu a libertá-lo, ainda não acabaram com o interrogatório, não podiam matá-lo ainda.

— Me escute, noaiti — sussurrou ao ouvido tentando chamar sua atenção, acalmando a fúria berserker— Deixa que nos conte o que falta e logo poderá acabar com ele.

Adam tinha os olhos completamente amarelos, cresceu em altura e em largura, os incisivos se alongaram e o cabelo cresceu até os ombros. Foi uma transformação frenética e explosiva. Ruth caiu ao chão pelo impulso assassino de Adam. Impressionada, via como o estava estrangulando com as próprias correntes. Ouvia uns estranhos estalos e sentiu que se enjoava um pouco quando entendeu que era a traqueia de Julius a que partia pouco a pouco. Os pés do agredido tremiam espasmodicamente.

— Adam! —gritava Ás. Era impossível soltá-lo de seu agarre.— Ruth, ajude-me!

Ruth reagiu, levantou e tomou Adam pelo rosto. O rosto desse homem transformado era desafiante e todo um espetáculo.

— O solte — falou com suavidade. Entendia perfeitamente qual era o sentimento e a necessidade de proteção para seus sobrinhos. Acariciou o rosto dele levemente e Adam prestou atenção— Agora.



Adam manteve a correntes três segundos mais, mas quando obedecia a Ruth quase hipnotizado por aquela repentina compreensão que via em seus olhos, o colar prodigalizou uma descarga que o deixou varrido por completo.

Alarmada, foi socorrê-lo. Seu berserker estava sofrendo e não sabia como ajudá-lo. Corriam fios de sangue por baixo do lenço e manchava sua garganta e a camiseta púrpura que usava.

—Agora não, Ruth —Ás a levantou e a pôs diante de Julius— Rápido, como encontramos Strike?

Ruth perguntou a um Julius que fazia esforços por respirar.

— Não sei. Já disse isso. Ele vem em sonhos. Nos... busca nos sonhos. Loki o acompanha.

De repente, a boca de Julius desapareceu de seu rosto e todos os orifícios de seu rosto se tamparam como por magia. O outro berserker de pele escura, que não dizia nada, foi vítima da mesma reação. Os olhos de Julius transmitiam pânico e rogavam ajuda.

— Que merda...? —Ás se afastou perturbado e afastou Maria e Ruth dele. Adam levantou para acabar com a tarefa e acabar de rematar Julius, mas quando viu o percal ficou gelado.

— Magia negra. Seidr —disse Adam assombrado. Cheirou a carne queimada, mas ali não havia nenhuma grelha, e como um flash, uma imagem se materializou em sua mente. Era o rosto de Ruth e Maria ostentando queimaduras profundas. — Cobre Maria! —gritou a Ás.

Sem tempo para reagir, Ruth se viu no chão coberta pelo enorme corpo de Adam. Ele havia se lançado completo em sua pele, e segurava sua cabeça sobre seu peito. Podia cheirar a hortelã que desprendia seu aroma e o pulsar acelerado do coração do berserker. Estava tão bem... não ouviu a explosão da carne, não viu como os corpos arrebentaram naturalmente, nem tampouco a autocombustão dos pedaços pulverizados. Só cheirou a carne chamuscada. Unicamente sentiu que aqueles braços a rodeavam e a apertavam como se fosse valiosa para ele.

— O que...? —sussurrou aturdida— O que aconteceu?

Adam levantou-se o suficiente para comprovar que Ruth não roçou um desses refugos. Analisou seu rosto, em busca de uma reação desagradável, de um gesto que denotasse repulsão para ele. Não estava orgulhoso de como se comportou, de sua perda de controle. Entretanto, não viu nada, nenhuma reprovação por parte dela. Só... agradecimento.

— Como sabia que ia acontecer isso? —Ás tinha levantado e mantinha Maria abraçada, muito colada a seu corpo— Merda, a explosão poderia tê-las desfigurado — certificou-se de que Maria estava bem e voltou a abraçá-la.

— Pressenti —explicou ele— Eu só... pressenti — repetiu aturdido. Uma premonição instantânea. Fazia sete anos que não tinha uma. Sete malditos anos. E agora, com Ruth a seu lado, teve uma das boas. A última que teve era a da morte de Sonja, segundos antes que lhe atravessassem o coração com uma adaga. Segundos insuficientes para salvá-la.

—Vamos para fora. —Adam levantou e levou Ruth com ele. Penteou o cabelo com os dedos, expulsou a poeira invisível da camiseta e das calças tão curtas que usava. E em cada toque nada impessoal, assegurava de que não tivesse nem um arranhão. Sentiu algo muito estranho ao ver Ruth ferida desse modo, mas não pensaria nisso. Segurou-a pela mão e a arrastou com ele.

Ruth perdeu a noção do que havia a seu redor. Os pedaços de carne seguiam ardendo no chão, cheirava a brasa e a churrasco, tudo de uma vez e bem misturado, mas ela só podia se



concentrar no calor que desprendia a mão de Adam e em como cobria a sua.

Uma vez no jardim, sob a luz das tochas que rodeavam o lugar onde os dois clãs estavam reunidos, Ás e Adam contaram o acontecido dentro.

Ruth estava um pouco aturdida ainda. Os corpos explodiram, literalmente, e logo arderam como se fossem propriedade dos infernos.

Aileen e Daanna se sentaram ao redor de Ruth, dando calor e protegendo-a de tudo aquilo que estava vivendo. Mas ela já não necessitava nada disso. Ela só queria que Adam voltasse a segurar pela mão. O que vivia não a assustava, nem sequer dava medo. Entretanto, o que realmente a aterrava era o que começava a sentir por esse homem. E quanto mais tempo passava com ele, mais claro ficava.

— Não há nenhum modo de evitar que Loki e Strike intercedam astralmente com os membros dos clãs? —perguntou Daanna.

— Não importa como contatem com outros —opinou Cahal apoiando em uma árvore e cruzando as pernas— O problema é que Loki sabe com quem pode contatar, a quem pode tentar e convencer. E o fará de um modo ou de outro. O mais importante agora é averiguar onde estão suas marionetes escondidas.

— Poderiam estar em qualquer lugar — expressou Daanna.

— Tentarei encontrar — disse Adam— Loki necessita um executor para o seidr, e enquanto tenha Strike poderá fazer e desfazer das suas. Está controlando as almas através dele.

— Não pode fazê-lo sozinho? — perguntou Ruth.

— Loki não está encarnado fisicamente. É uma entidade mental. Não pode tocar e muito poucas vezes o puderam ver — explicou Ás— Nossa luta não só é contra aqueles que se revelaram, nem contra como estão os humanos de seu lado, mas sim também é contra uma entidade invisível, mas sem lugar a dúvidas, real.

— Estão preparando o *Ragnarök* — sentenciou Noah muito tenso. Seus olhos amarelos lançavam raios— Montam suas filas. — Olhou Caleb e Ás— Se já tivermos suficiente com os vivos, como vamos enfrentar a um montão de almas negativas? Como se conserta isto?

— Brigando — Caleb cruzou os braços. Para ele era assim simples. As pessoas não podiam se render, por mais negro que se apresentasse o futuro— Nós gostamos ou não, viemos aqui para proteger, e isso faremos.

— Um momento —Ruth levantou e se colocou ao lado de Adam— Sua irmã me disse que pôde escapar das garras de Loki, que a ela não puderam capturá-la. Se ela pôde, deve haver um modo de escapar, de evitar. Os estão enganando e temos que descobrir como.

— Contate com Sonja, Ruth —Ás pôs as mãos sobre os ombros— Fala com ela e averigua o que acontece. Você é a Caçadora.

Sentiu-se o centro das atenções. Todos a olhavam esperando uma resposta afirmativa que ela não ia negar.

— Farei — girou para Adam— Mas não aqui. Em sua casa, Adam.

Adam inspirou profundamente, e ao exalar, algo dentro dele se rompeu. Era gratidão e respeito por aquela garota. Porque estava lhe dando a oportunidade de ter intimidade com sua irmã, de ter um reencontro privado e familiar, não à exposição de todos, e para alguém como ele,



tão reservado, tão pouco dado a expressar suas emoções, o detalhe de Ruth era grandioso. E ela sabia. Não ia permitir que Adam se sentisse envergonhado diante de todos por tirar à luz seus sentimentos.

— Então, vamos. — Agarrou-a pela mão e não puxou, esperou que Ruth caminhasse com ele. “Sim — pensou ela otimista —, vamos para casa”.

No Hummer, Liam e Nora faziam todo tipo de perguntas a seu tio e Ruth. Adam se surpreendia da facilidade com a que Ruth respondia às questões mais complicadas, e o melhor era que não mentia. Dizia sempre a verdade.

— Vamos ver mamãe de verdade? — Nora levantou e rodeou com os braços o pescoço de Ruth em um abraço um pouco estranho, porque o assento do copiloto estava interpondo-se entre elas.

— Sim, vai vê-la. Farei o que estiver em minhas mãos para isso.

— Poderei falar com ela? — Liam tinha os olhos negros tão abertos que iriam sair do rosto — Poderei tocá-la?

— Não acredito que possam tocá-la — disse Adam — Mamãe agora é como um fantasma, entendem? Não é de carne e osso como nós.

— E por que continua aqui? A gente quando morre vai ao *Asgard*. — Nora queria entender o que acontecia com sua mãe.

Ruth e Adam se olharam.

— Às vezes não podem ir tão rápido porque esqueceu algo aqui — explicou a Caçadora.

— A nós? — sussurrou Nora com os olhos cheios de lágrimas — Se esqueceu de nós?

Adam engoliu saliva. Pelo Odín, se ia ter um encontro, seria muito duro para todos, e tinham que se preparar.

Deixaram o carro no estacionamento e os quatro entraram no bosque. Ruth procurava o lugar perfeito para invocar Sonja. Queria uma clareira onde os raios da lua caíssem livremente, e o encontrou em seguida. A propriedade de Adam estava rodeada por um bosque cheio de histórias de fadas e duendes e estava infestada de cantos cheios de encanto e misticismo.

— Está certa, Ruth? — perguntou ele um tanto impressionado pelo rosto solene da garota.

— Eu prometi esta manhã a Liam e Nora, e não podemos adiar mais — respondeu ela em voz baixa. Estudou e o viu nervoso — Você... tem certeza?

Adam teve um sobressalto, um que em seguida dissimulou assentindo com fingida frieza.

— Bem — sorriu pormenorizada. Parecia um pudim e era tão tenro que queria abraçá-lo e dizer que tudo ia sair bem.

Ruth se colocou sob o raio da lua, fechou os olhos e elevou o rosto ao céu. Levantou os braços e gritou:

— OH, espíritos do mais à frente, venham para mim... mas que não venha nenhum feio, ou se não do susto eu mijo — abriu um olho e mostrou a língua — Estou brincando.

Liam e Nora caíram na risada, mas Adam a olhava zangado. Não era séria para nada.

— É a primeira vez que faço isto — se desculpou ela tentando fazê-lo sorrir — Não sei como será. Dê-me um pouco de crédito, Adam — secou as mãos úmidas na calça e suspirou.



Ao ver que o berserker seguia imperturbável, deixou de lado o que parecia impossível. Relaxou os ombros e fechou os olhos de novo.

— Sonja, venha a mim — sussurrou docemente.

As copas das árvores se balançaram dançando ao som de uma melodia invisível. O cabelo de Ruth se moveu açoitado por um ar doce e cheio de carinho. Ruth sorriu e soube que Sonja já estava aí. O raio da lua banhava seu corpo e se sentia acariciada e querida por aquela energia estranha que rodeava a clareira onde estavam. Adam sentiu como se o chutassem no estômago ao ver Ruth como uma ninfa do bosque. Seu corpo brilhava e transmitia uma luz etérea e especial. Como se fosse um farol. Por que não pode vê-la antes? Era inconfundível.

— Brilha... — sussurrou Nora embevecida aproximando a menos de meio metro.

Ruth sentiu que alguém colocava uma mão ligeiramente elétrica e cheia de luz nas suas costas.

— Sonja. — girou e viu o rosto da irmã de Adam.

— Olá, Ruth. — Sonja não a olhava. Só tinha olhos para a menina pequena que tinha em frente — Não pode me ver — notou pesarosa — Pensei que... Pensei...

— Fala com mamãe? — perguntou Nora.

Ruth soube o que tinha que fazer.

— Espera — a tranquilizou Ruth.

Adam olhava a cena entre o pânico e a estupefação. De verdade ia ver Sonja?

— Me dê a mão, querida — disse Ruth a Nora.

A pequena tomou sem duvidar um minuto e olhou imediatamente onde olhava Ruth, àquele ponto invisível a sua direita. Ali... não havia nada. Não... Um momento! Nora abriu a boca ao comprovar que a silhueta do corpo de uma mulher começava a se formar como bruma, como fumaça invisível que formava redemoinhos fazendo formas caprichosas, até que Sonja apareceu nele completamente visível aos olhos da pequena.

— Mamãe? — exclamou Nora com a voz cheia de lágrimas.

Sonja se ajoelhou diante de sua filha e começou a chorar. Nora deu um passo e estendeu a mão até tocar seu rosto. Estava tocando. Seus dedos tocavam pele. A mulher ficou estática ao sentir o toque carinhoso de sua filha em sua bochecha. Uma bochecha que foi imaterial, etérea e transparente fazia sete anos. E agora sua filha a acariciava com tanto amor que pensava que ia a *Asgard* diretamente.

Nora soltou um soluço e abraçou a sua mãe como sempre sonhou, rodeando-lhe o pescoço com um braço, já que o outro estava ocupado mantendo o contato com a Caçadora. O calor, o amor incondicional, o vínculo mais forte do mundo, foi expresso nesse abraço desesperado. Um abraço cheio de olás e adeus, cheio de amor e de sentimentos.

— Pelo Odín... Nora, minha menina. Nora...

Liam que olhava a cena alucinado, soltou-se da mão de Adam e primeiro, um pouco inseguro, arrastou os pés para sua mãe, mas logo correu ao grito de mamãe como se fosse um grito de guerra.

— Liam! — gritou Sonja chorando copiosamente. Conseguiu tocar e abraçar também. Era um sonho. Elevou o olhar para Ruth e viu que a jovem chorava emocionada.



— Eu... sinto muito... —Ruth secou as lágrimas com a mão livre— É que estou sentindo tudo o que sentem vocês... É... é tão bonito.

— Obrigada. Obrigada —repetia uma e outra vez Sonja com a voz quebrada— Obrigada.

Ruth assentiu. Era o que tinha que fazer. Sonja merecia estar com seus filhos, embora fosse por uns minutos.

— Escutem —Sonja os afastou e os olhou com adoração— Quero que saibam que os amo com todo meu coração. Que vi como cresciam e como tornavam louco seu tio.

— Mas agora está aqui —sussurrou Liam com lágrimas no rosto— Não tem por que ir.

— Não posso ficar, querido —respondeu Sonja, sentindo como o coração que deixou de pulsar uns anos atrás ainda doía— Devo encontrar seu pai. Este já não é meu lugar.

— Papai? —Liam olhou a todos os lados buscando.

— Não, querido. Ele não está aqui. Por isso tenho que encontrá-lo, devemos ir juntos, entende?

— Por quê? —Tremeu o queixo— Por que não ficam?

— Porque não podemos estar aqui. Ruth me deu a oportunidade de tocar, de ver, de falar com vocês, mas meu lugar está lá em cima, se os deuses quiserem.

Liam e Nora baixaram o olhar e afundaram os ombros. Entendiam, mas isso não queria dizer que estivessem de acordo.

— São crianças fantásticas e estou orgulhosa de que sejam meus filhos. E recordem isto, embora não possa estar fisicamente com vocês, sempre estarei aqui —pôs as mãos no peito dos pequenos, sobre seus corações diminutos que corriam acelerados cheios de uma vida que ela já não tinha e que a roubaram— Aí sempre os acompanharei.

AS crianças voltaram a abraçá-la. E ela se emergia da energia e do incondicional carinho de seus filhos. Finalmente, e graças à Caçadora, sentiu-se mãe de verdade. Mas não podia abusar daquele presente desinteressado que oferecia Ruth, não abusariam dela.

— Preciso falar com tio Adam, não temos muito tempo. —Sonja olhou Ruth preocupada. A energia que utilizavam para tocar, a tirava dela, do manancial interno da Caçadora.

— Não se preocupe por mim —disse Ruth com a voz enfraquecida— Estou bem.

Não estava. Começava a cansar e sentia o corpo flácido. Mas Adam precisava falar com sua irmã e ela ia lhe dar esse presente.

—Adam, venha aqui. — Ruth estendeu a outra mão para ele, indicando que se aproximasse.

Não ia sair dali em pedaços, e isso era algo que Adam já sabia quando deu o primeiro passo para a imagem que faziam seus sobrinhos, Sonja ajoelhada, e Ruth aí de pé, mantendo a mão de Nora na sua.

Colocou-se diante de sua irmã, e esta se levantou enquanto o olhava aos olhos com tanta emoção que ia sair voando. Liam e Nora observaram seu tio e se separaram de sua mãe, a contra gosto. Ao momento, agarraram-se às pernas de Ruth. Se continuassem mantendo o contato com a Caçadora, eles poderiam vê-la ainda. Ruth o tocou com sua mão e ele pôde ver ao fim sua irmã.

— Meu irmão... Adam —sussurrou Sonja.

— Son... — caiu de joelhos e tomou a mão de sua irmã para levá-la ao rosto e deixá-la em sua bochecha. Ia chorar como um menino pequeno. E a quem importava? Estava com sua família.



Necessitava essa liberação.— Merda... minha irmã... — os ombros tremeram e ocultou os olhos na mão de Sonja. Chorava.

Ruth se moveu ligeiramente e se colocou atrás dele. Pôs as mãos sobre seus ombros e tentou lhe dar apoio e calor.

— Sinto muito, Sonja. Sinto tanto...

— Chist... Não foi sua culpa, *bror*⁴⁶. Deixa de se culpar, por favor. Faz sete anos que sinto sua dor, e isso despedaça minha alma, e agora é a única coisa que tenho — disse fazendo uma brincadeira.

— Se tivesse chegado antes...

— Teria morrido igual, meu coração já não pulsava.

— A premonição me chegou tarde, Sonja... —apertou-lhe a mão com mais força e secou as lágrimas como pôde. O cabelo que agora tinha mais longo, cobriu seu rosto cheio de dor.

— Seu dom não vem quando você quer, Adam. —Olhou-o com adoração— Aceita, *bror*. Fez mais do que jamais pude imaginar. Ficou com o melhor de mim — seus olhos negros olhavam emocionados a seus filhos— Não são um milagre?

Adam obrigou-se a ficar calmo.

— O melhor — assentiu ele— Mas você também foi o melhor de mim. Sonja... o que está fazendo Strike? Tentou pegá-la?

— Não é Strike quem atrai às almas. É nossa mãe, Adam. Strike a ajuda.

— Como? —perguntou. Não chegava a compreender o que era o que fazia Lillian aí. Não era só sua companheira, então.

— Não sei. É como se fosse um falso farol. Ia para ela depois de morrer. Ia direto. — Olhava um ponto fixo no horizonte— Mamãe usava uma túnica negra e segurava uma vara metálica com uma bola avermelhada de cristal na parte superior. A bola se iluminava e lançava brilhos dourados, e as almas iam para ali, acreditando que era a volta para casa. Fica com as almas boas e as leva a algum lugar, não sei aonde, Adam. Vi como levava Akon, enganava-o e o fazia passar através de uma espécie de porta dimensional. Ia diante de mim, eu gritei que não fosse, mas não me ouviu. Quando foi minha vez de fazer a transição, Lillian me sorriu diabolicamente. Esperava. Indicou que me aproximasse e olhou para mim ao redor. “Onde estão? —perguntou— E seus filhos?”. A grande puta sabia que eu morri e esperava as almas de Liam e Nora. Sabia que estava grávida, Adam, sabia e acreditava que meus gêmeos também morreram. Estendeu o braço para me sacudir, mas algo a impediu. Havia como uma barreira invisível que não o deixava avançar. Lillian se irritou e veio para mim com o rosto cheio de raiva, queria me atacar. “Onde estão?”, gritava como uma mulher desesperada. Tentou me arranhar, tentou me agarrar, mas não podia. Então senti que me picava a parte baixa das costas — Adam e Ruth escutavam com atenção tudo o que dizia sua irmã— Você me protegeu, Adam. A runa.

— A tatuagem —entendeu ele. Sua irmã tinha a runa Eohl tatuada sobre o sacro. A runa simbolizava uma mão levantada em sinal de segurança e defesa do mal. Outros o viam como as garras de um falcão e isso relacionava a runa com deuses e planos superiores. Foi um presente

⁴⁶ Irmão em norueguês.



dele, oito anos atrás, antes de ficar grávida de Liam e Nora. Ele mesmo fez, para que estivesse protegida de todo mal.

— Tatuou a runa porque era uma proteção contra a escuridão, protegeu-me então, Adam, sem ser consciente de como seria vital isso para mim.

Adam não podia estar mais confuso do que estava.

— A runa me afastou da magia negra de Lillian e não deixa me aproximar dela. Por isso tampouco sei o que estão fazendo nem o que tramam. É um repelente da energia negativa. Mas vi o suficiente para saber que ela está se fazendo passar por uma falsa Caçadora, e não sei como faz. O que Lillian não sabe —já não a chamava mãe— É que Ruth está aqui agora. E sua luz é cegante.

Ruth sorriu. Assim era deslumbrante...

Tudo tinha uma razão, pensou Adam. Inclusive o detalhe mais simples e insignificante tinha seu efeito no tempo.

— Sabe que na emboscada de ontem vinham atrás de mim e dos meninos? —perguntou Adam.

Sonja olhou os pequenos com tristeza, mas também com esperança, porque ela estaria com eles o tempo que pudesse estar.

— Sim, sei. Sei que os meninos não podem estar em melhores mãos. Sei que minha morte não foi fruto de uma batalha justa. Foi um assassinato, Adam. Estava grávida deles, a ponto de parir —murmurou — Meus filhos são importantes para eles e não sei por que — respondeu frustrada— mas sei que o averiguarão e se fará justiça. Não deixe que os levem, Adam.

—Jamais.

Adam notou como as mãos quentes de Ruth começavam a esfriar e deixavam de apoiar nele. Estava perdendo forças.

— Ruth... —sussurrou preocupado— Aguenta um minuto — disse docemente.

Ruth estava pálida e ele se sentiu mesquinho por pedir um sobre esforço como aquele.

— Deixarei entrar o espírito e tentarei invocar a posição de Strike — assegurou Adam— Eu tentarei. Algum conselho?

— Leva ao Eohl com você. E que os pequenos também o usem. Faça um selo em cada um, e em Ruth também. Ela o necessitará mais que ninguém. Eu voltarei assim que puder. Agora deve deixar descansar à Caçadora. Tem trabalho.

Ruth olhou a seu redor, quando sentiu um comichão na nuca. Como tinha trabalho? Pois sim que tinha trabalho. Na clareira havia umas vinte almas olhando deslumbrados como se ela fosse um anjo, esperando que ela desse o sinal, o bilhete de volta para casa.

— Meu Deus... —murmurou Ruth.

— Deixa de tocar meu irmão, Caçadora, ou desmaiará. —Adam levantou imediatamente e sorriu a Sonja envergonhado— Eu estarei com vocês, justo aqui. Ajudarei no que puder. Além disso, necessito Akon. Temos que retornar juntos, ele é meu companheiro —se estava desvanecendo— Nossas almas estão atadas. Por certo, Adam, não siga as lições de papai. Era um homem atormentado e seus últimos anos estavam cheios de escuridão. Tem que eliminar de você tudo aquilo que tentou nos infundir. Não era objetivo. Recorda quem é, é o noaiti, o Senhor dos animais de nosso clã —olhou Ruth, piscou um olho, mandou um beijo a seus filhos e desapareceu.



Liam e Nora fungaram. Estavam unidos pela mão. Adam os abraçou com força e eles se apoiaram nele.

— Não se foi —murmurou Nora contra seu ombro, assegurando-se de que sua mãe voltaria de novo— Disse que estará por aqui.

Adam assentiu e se levantou com eles nos braços. Girou para olhar Ruth, que não sabia o que fazer com todas aquelas almas que a rodeavam.

— Caçadora —o tom de Adam era diferente, cheio de reverência e respeito, e isso fez que saísse de seu assombro e se concentrasse nele— Leva-os para casa.

Ruth engoliu saliva e assentiu. O senhor dos animais era Adam. A Caçadora sempre usava um e ele a seu senhor, isso disse Nerthus. Adam e ela tinham mais que um vínculo. Estavam predestinados. Saberá ele?

— É o Senhor dos animais? Você? —perguntou tremendo.

— O noaiti é conhecido no clã com esse título —assentiu— Não por nada em especial, é um segundo nome. Move a ficha, Caçadora. Leva a toda esta gente para casa — e seus olhos negros brilharam com adoração e brilhos de ternura.

Adam se afastou para dar espaço, e as almas de homens, mulheres e crianças, foram para ela. Ruth sentiu a necessidade daquelas entidades e deixou a revelação de Adam na seção mental “revisar mais tarde”. Olhou às almas uma a uma. Sabiam que estavam mortos, que o único que queriam era paz. Em alguns olhos havia desespero, em outros tortura e em muitos outros havia tristeza por deixar a seres queridos atrás. Entretanto, algo os unia a todos. Não lutavam contra o que ia acontecer. Foram, aceitavam, e simplesmente, deixavam-se conduzir.

Ruth secou as lágrimas e fechou os olhos quando um redemoinho de luz se abriu às suas costas, e o portal de volta para casa se iluminou. As almas foram para ela.

Strike odiava perder. Não suportava a sensação de fracasso e era justamente o que sentia nesse momento. Durante mais de três horas tinha praticado o cântico seidr. Embelezado com um manto azul sobre o corpo e uma mescla de pele de cordeiro negra e pele de gato branco na cabeça, os mantras que repetia não diziam nada sobre aquela mulher que jogou por terra seu plano. O pior era a energia que necessitou para aniquilar ao Julius e Kröm antes que aquela jovem tirasse mais informação. O seidr tinha tanta força que consumia a energia de seus músculos e seus ossos e o deixava debilitado, e as flechas da Caçadora ungidas com a energia da Deusa eram tão potentes que necessitou toda sua energia para manipular os berserkers. E agora estava simplesmente esgotado.

Lillian, sentada em frente dele, não estava menos preocupada. As almas de luz não vinham a ela. Usava um coque loiro no alto da cabeça, e a pele pálida e brilhante dava o aspecto de uma boneca de porcelana.

— O espírito da Caçadora se reencarnou —murmurou Lillian tamborilando com suas unhas vermelhas e longas sobre o braço de madeira da poltrona onde estava sentada.

Strike abriu os olhos e saiu do transe.

O apartamento desenhado onde estavam tinha todas as comodidades que agora necessitavam. Ninguém imaginava onde estavam e sabia que em caso de contra-atacar jogavam



com o elemento surpresa.

— Eu a vi através dos olhos de Julius. — Strike se levantou inquieto e deu voltas ao redor de Lillian com aspecto pensativo. — É jovem.

— Inexperiente.

— Sim. Mas já estragou nosso primeiro plano, a profecia não se cumpriu, e segundo Loki, nosso tempo está acabando. Precisamos os meninos —sorriu incrédulo— Eu que acreditava que Odín e as nornas não participavam desta guerra e agora resulta que acrescentaram uma variante que alterou nosso destino.

— Não só o nosso. —Lillian cruzou as pernas e apoiou a cabeça no respaldo da imensa poltrona.— É a Caçadora, minha oponente.

— Sei querida, você também está em sério perigo —sorriu sem nem um pouco de ternura.

— E você não? —levantou as sobrancelhas loiras e finas— Sabe o que significa que o noaiti, o Senhor dos animais, tenha encontrado à Caçadora? É uma simbiose perfeita. Se chegarem a encaixar de algum jeito, podemos nos considerar mortos.

— Então teremos que acelerar o processo —respondeu Strike indo ao mini bar da sala. Serviu um uísque para ele e outro para ela— Loki nos encomendou a missão de sequestrar os pirralhos e acabar com seu filhinho. A Caçadora é uma surpresa, mas acabaremos com ela também. Só precisamos aproveitar a oportunidade perfeita. Faz um mês e meio, Samuel e Mikhail fracassaram em sua tentativa de sequestrar todos os meninos dos clãs da Black Country, mas Loki só quer os gêmeos... Newscientists tem suficientes pirralhos com os que investigar, mas nós sabemos como são importantes seus netinhos. Não podemos voltar a falhar. E não podemos permitir que Adam e essa garota se conectem, ou vão à merda todos de novo. Para que o *Ragnarök* chegue, precisamos aniquilar algumas variantes que possam fazer a equação diferente. Terá que matá-los, querida. A Caçadora e o xamã têm que desaparecer, e assim os pequenos ficarão desprotegidos. Devemos invocar a oportunidade perfeita.

Aproximou-se da poltrona e ofereceu a taça a Lillian. Ela a aceitou e sorriu.

— No que pensa, bruxa? —Olhou por cima de sua taça— Não a vejo nada preocupada.

Quando os olhos negros de Lillian refletiam tanta escuridão era porque seu cérebro maquinava algo.

— Sei como conseguir que chegue essa oportunidade perfeita. — Bebeu um gole de uísque— Se Odín e as nornas acreditam que com suas surpresinhas vão parar nossos pés, é que estão loucos. Farei algumas chamadas.

CAPÍTULO 16

Adam se aproximou do sofá da sala onde Ruth estava adormecida. Depois de ver como as almas passavam por seu lado e desapareciam pelo portal de luz, Ruth caiu desmaiada no chão. Estava adormecida desde então.

Não deixava de contemplá-la. Seus lábios sorriam enquanto dormia, e o arco elegante de suas sobrancelhas era um ímã para seus dedos. A analisou já umas cem vezes. As pestanas



mognos roçavam os maçãs do rosto rosados. Era adorável e era também um *tetris*⁴⁷ difícil de encaixar em sua vida.

Seu pai o educou contra o amor, contra sua fraqueza. Não era que estivesse apaixonado por ela, verdade? Era que inspirava sentimentos que não sabia nem etiquetar nem ter sob controle. E ele necessitava a ordem e o controle, já não só por ele mesmo, mas sim por Liam e Nora.

Aproximou a xícara de chá verde e hortelã ao nariz e deixou que o vapor enchesse os orifícios nasais. Ruth fez um movimento com ela que inclusive a própria *Samantha de A Feiticeira*⁴⁸ invejaria.

— Mmmm... que bom cheira, Adam —ronronou ainda com os olhos fechados.

Ele sentiu que queimava a pele ao ouvir o rouco gemido que emitiu ao cheirar o chá. Sorriu ao supor que Ruth cheirava a hortelã nele. Saberria que para ele ela cheirava a pêssego?

Hortelã e pêssego. Muito diferentes. Não encaixariam nunca.

— Acorda, preguiçosa. —Puxou o cabelo do rosto.

Ruth procurou a carícia levantando o rosto, mas recuperou a consciência a tempo de ver o que fazia. Tinha uma xícara branca com chá diante de seus olhos, detalhe insignificante comparado com o fato de que os dedos de Adam colocavam uma mecha de cabelo atrás da sua orelha.

— Boa... noite —o saudou ela aturdida— E as crianças? Adam podia imaginar Ruth despertando cada manhã assim entre seus braços. Mas isso não podia ser.

— Dormindo. Tiveram um dia muito longo. Precisam descansar.

— Ouviremos se despertarem?

—Eu ouço tudo. —Sorriu destacando a orelha— Sabe que tive que convencê-los que o carro que havia na entrada de casa não era deles?

— Que carro? Meu carro?

— Sim, esse chaveiro que tem por carro. Acreditavam que era para eles, como é tão pequeno...

— Pobrezinhos —murmurou divertida.

Ficou olhando fixamente. O senhor dos animais. Seu Senhor. Pelo amor de Deus, queria que a beijasse ali mesmo. Quando falava de Liam e Nora, os traços severos de Adam se suavizavam e seu olhar se enchia de carinho. Esse homem a cativava. Deixou-a em choque a primeira vez que se viram e ele a protegeu, mas agora que podia estar mais tempo com ele e que podiam falar, conversar como adultos em vez de atirar as facas e os pratos à cabeça, já não se tratava de se sentir cativada. Tratava que estava penetrando sob a pele, se metia em seu sangue e fazia com que seu coração bombeasse revolucionado quando ele a olhava. E só passaram dois dias juntos. Sabia o que aconteceria se passasse mais tempo com Adam. Que acabaria se apaixonando perdidamente e irrevogavelmente por ele. Era tão diferente a ela, ela era um Ying e ele era um Yang. Um branco e um negro. Era isso mau? Precisava estar com ele de novo. Precisava senti-lo em cima dela, que a acariciasse e a acalmasse como a noite anterior. Mas agora não havia

⁴⁷ Jogo de encaixar peças.

⁴⁸ Seriado norte americano da década de 70.



afrodisíaco, e embora a vontade de tocá-lo estivessem aí, não se sentia o suficientemente valente. Havia um trato entre eles, mas esperava que Adam desse o primeiro passo, e desta vez não ia obriga-lo a nada. Transariam de novo, mas Adam teria que seduzi-la porque ela se sentia torpe e insegura com um exemplar de homem como esse. O que faria ele? Atreveria-se? Tomaria a iniciativa?

— Tornou a raspar o cabelo — observou desviando a vista a sua cabeça.

Adam passou a mão por ela.

— Sim. Não... eu não gosto de usar o cabelo comprido. É mais cômodo usar assim.

— Ah, claro. — Com rubor, olhou ao redor desorientada — Desmaiei, não foi? No bosque.

Ele assentiu e fez uma careta divertida com os lábios.

— Sim.

— Caí bem ou foi realmente dramático? — levantou-se e pegou a xícara.

— Esteve bem — sorriu e coçou a nuca — Sobretudo quando uma das sandálias que usava saiu voando ao cair desabada para trás.

— Que pouca classe, não? — Tomou um gole de chá e deixou que o líquido quente e renovador queimasse a garganta — Está muito bom.

Adam era incapaz de deixar de olhá-la. Ela sim que estava muito bem, era realmente magnética para ele.

— Gostaria de comer? Posso preparar uma salada...

— Você, como está? — perguntou preocupada — Hoje viu sua irmã depois de...

— Sete anos.

— É muito tempo. Sinto muitíssimo o que aconteceu. — sentou-se sobre seus calcanhares e deixou a xícara de chá sobre a mesinha de madeira. Adam teria um enfarte quando visse a marca que deixaria.

— O que sente? — ele estranhou.

— O que fez sua mãe. O que fez seu pai com você. A morte de Sonja. O que querem fazer Strike e Lillian... sinto que tivesse que presenciar e sofrer tudo isso. Sinto que viveu essas coisas, Adam. Nunca teria imaginado.

Ele também sentia. Era autêntica preocupação o que via nos olhos de Ruth?

— Quero que saiba que pode falar disso comigo sempre que quiser. Digo a sério. — Ruth entregou sua amizade às cegas. Olhou de esguelha a xícara que deixou sobre a mesa, Adam seguiu seu olhar e palpitou um músculo no queixo.

Fez uma prova mental. Quanto demoraria Adam em se levantar a procura de um descanso para copos? Nem meio minuto. Foi à cozinha correndo.

Ruth deixou cair a manta ao chão e foi atrás dele, descalça. Adam não perdia detalhe de nada.

Aquela garota era uma desordenada, uma despreocupada de sua saúde. Abriu uma gaveta e pegou um descanso.

— Sabia! — exclamou ela assinalando com um sorriso — É um maníaco obsessivo da limpeza e da ordem.

Ele passou por seu lado, girou os olhos e deixou o descanso na mesinha para colocar a xícara



sobre ele.

— Não pode evitar, não? Você gosta de me testar? — Ela desistiu e começou a rebuscar comida na cozinha.

— A verdade é que teve uma apoplexia quando viu que deixava a xícara aí. É tão controlador... — Abriu a geladeira dupla e puxou uma alface, alguns tomates, um abacate e queijo parmesão— Tem toda sua casa em uma ordem tão estrita e linear que me surpreende que nela vivam crianças. Por que não relaxa um pouco?

— Liam e Nora têm seu próprio espaço para brincar. Construí um parque no bosque, só para eles —disse com orgulho— Não têm por que brincar como selvagens dentro de casa e deixar tudo perdido. E em relação ao outro... não. Não posso relaxar. Temos muitos problemas, sabe? — olhou por cima do ombro e ficou estático vê-la se movendo com tanta graça por sua casa. Abrindo as gavetas com independência, procurando e encontrando tudo o que necessitava. Franzindo as sobancelhas se visse algo que estava ordenado por cores, ou sorrindo se lia as etiquetas dos potes de conserva de vidro. Foi para ela e deixou as sandálias do lado— Calce, poderia se resfriar.

Ruth olhou seus pés e moveu os dedos.

— Não é imortal ainda — esclareceu ele, enquanto pegava um pacote de nozes, uma maçã e soja natural. Ruth movia os dedos com agilidade e ele sentiu uma onda de carinho por ela. Com aquele cabelo, o rosto rosado pelo sono e os diminutos pés se movendo despreocupados, parecia uma menina pequena— Pode adoecer. Ficam cinco dias para ser imortal, não?

— Esta contando? Que tenro...

Ruth se sentou sobre a mesa da cozinha e se apoiou sobre os cotovelos.

— Ponha isso, escravo — ordenou coquete levantando um pé. Não demorou nem dois segundos em calçá-la de maneira mecânica e impessoal.

Desanimou-se um pouco. Adam lançava mensagens contraditórias e queria deixá-lo um pouco nervoso. Disse que tinha muitos problemas e que não podia relaxar. Ela tinha um problema enorme e muito metódico também.

—Agora não seja bebê e desce da mesa de minha cozinha. — Suas mãos queimavam por agarrá-la pela cintura e fazê-la descer pouco a pouco roçando seu corpo— Não é higiênico.

— Quem é você? A Kely?

— Kely? —repetiu sem compreender.

— *A-ke-limpa*, tolo. — E começou a rir desenfreadamente, olhando incrédula diante da pouca reação desse homem— Adam, os humoristas estão desempregados desde que chegou a esta cidade, verdade?

Estava hipnotizado. Não era seriedade, era surpresa. Ruth era uma máquina de brincar e sorrir e ele fazia tempo que não recordava como fazer. Só seus sobrinhos conseguiam tirar um sorriso autêntico, mas mesmo assim não fazia com assiduidade.

Ruth girou os olhos.

— Olha, é fácil. —Colocou seus dedos nos cantos dos lábios dele e os pôs para cima, criando uma curva ascendente um pouco amorfa. Adam não sabia o que fazer. Como se mover. Como responder.

Ruth o estudou com um gesto de aceitação e doçura.



—Já sei por que não sorri —assegurou ela negando com a cabeça— É muito feio quando faz. Feio? Ele era feio? Isso sim que não esperava. E então sorriu. Sorriu de verdade, completamente relaxado. Mas se ocupou que Ruth não o visse.

A garota, resignada, colocou ao lado do berserker para preparar a salada.

— Liam e Nora não jantam antes de ir à cama? —lavou e cortou os tomates.

Adam olhava irritado o que fazia Ruth. Nem Liam nem Nora gostavam da pele dos tomates e ele sempre tinha que cortá-los para as saladas. Ela fazia o mesmo. Sorriu secretamente, outra vez.

—Vinhão adormecidos no carro e já não quis despertá-los. Mas é óbvio, jantam todas as noites. Acha que não os alimento?

— Impossível. —Bufou ela cortando a alface com habilidade e rapidez— Rigoroso como é, vejo pouco provável que saltem uma refeição.

— Não sou rigoroso. Sou responsável — defendeu passando o ralador para o queijo parmesão.

— Obrigada. —Tomou o ralador e procedeu a ralar o queijo por ele — É verdade. — Olhou-o e em seguida afastou os olhos— É responsável, e eu nunca ofereço elogios de graça, Adam. Acredito... acredito que fez um trabalho incrível com eles. Sonja está muito orgulhosa de você.

Palavras mágicas. Ruth dizia palavras mágicas e curadoras para seus ouvidos e cada vez se sentia melhor com ela.

— O que você fez hoje no bosque, isso sim foi memorável.

— Desmaiar? —pôs-se a rir.

— Isso também, mas sobretudo levar as almas para casa. Permitir que meus sobrinhos vejam Sonja, permitir isso ... —esclareceu a garganta.

— De nada, xamã. —Sabia que não a agradeceria, mas sorriu agradecida por aquele reconhecimento cheio de adoração— Não deve ter sido fácil criar Liam e Nora— supôs.

— Não foi, entretanto, eles dão sentido a minha vida. Não poderia viver sem eles — justificou, surpreso de que com ela soltasse a língua dessa maneira.

Ruth o olhou e seus olhos brilharam de adoração. Cortou e cortou os abacates em rodela e Adam salpicou as nozes e a soja na salada. Compenetravam e não passava inadvertido a nenhum dos dois.

— É vegetariana.

— Não rigorosa. —Pôs sal e pimenta na salada e a misturou com as colheres— Às vezes como fra...

— Não seja grosseira — advertiu levantando o dedo.

Ruth franziu a testa. Do que estava falando? Abriu a boca horrorizada quando soube a que se referia Adam.

— É um perverso! Ia dizer frango⁴⁹.

Adam sorriu. Estava brincando com ela. Aleluia!

— Está fazendo uma brincadeira? — Ruth riu também e continuou misturando a salada— O frango tem muitas proteínas e muito pouca gordura.

⁴⁹ Nota da revisora: trocadilho: vulgarmente, polla (frango em espanhol), refere-se a pênis.



— Claro, claro... É fácil de provocar, Caçadora.

— Certo —sussurrou ela sentindo o calor corporal do berserker— Tem...? —limpou a garganta. Estava emocionada pela camaradagem que havia entre eles. Se trabalhasse com carinho, seguramente algum dia poderiam chegar a mais. Algum dia, por exemplo, já mesmo. Isso era o que ela desejava— Tem açúcar caramelizado?

Piscou um olho, todo brincalhão, e Ruth teve que se segurar à mesa central da cozinha para não cair desmaiada, aí no meio, como uma groupie meio louca.

— Em minha casa, só o melhor. —Meneou o pote de líquido escuro.

— Onde a consegue? —perguntou assombrada.

— Perto do Picadilly há uma loja de comestíveis de alimentação mediterrânea. Vou muito por lá. Não é fácil comprar boa comida em Londres. Quer vinho? Tenho Chardonnay.

— Claro, por que não? Hoje estamos celebrando — exclamou ela.

— Celebrando? Explique isso. — Tomou duas taças de cristal azulado— Sente-se.

Ruth se sentou e Adam surpreendentemente também se sentou a seu lado. Muito, muito perto dela. Minha mãe, ele era tão grande que se sentia rodeada por ele. Observou que só pegou um garfo.

— Você não vai jantar?

Adam se irritou ao comprovar que só pegou um garfo. Seu instinto queria alimentar Ruth e que comessem os dois do mesmo prato. Como os autênticos companheiros.

— Comeremos os dois daqui —respondeu encolhendo os ombros. Não podia dar tanta importância a esse gesto que tinha com ela. Cravou um pouco de tudo da salada e a ofereceu. Seus olhos brilhavam de diversão e também de espera por ver como reagia ela.

Ruth abriu a boca sem deixar de olhá-lo e abocanhou o garfo, saboreando com prazer os diferentes sabores que estava mastigando. Ele ronronou de prazer e a ela arrepiou o pelo de todo o corpo. Aquilo era uma paquera em toda regra e se não fosse, que Deus descesse e os visse.

— Loki se faz mais forte. Strike e minha mãe apareceram em cena. Ontem estiveram a ponto de me matar e de raptar meus sobrinhos. Eles estão em perigo, deu-se conta disso? Julius explodiu e Sonja não pode retornar para casa porque Akon está preso em algum lugar com um montão de almas perdidas. Aproxima o *Ragnarök* e o fim do mundo. Explique-me, por que está celebração, Ruth? —Era uma das coisas que não gostava dela. Sua incapacidade para assumir as situações e agir de uma maneira responsável com elas— por que não está assustada? Não entendo.

Não gostou do tom frio e acusador de sua pergunta. Tinha muitas coisas que celebrar, mas ele não via assim.

— Continuamos vivos, não? —encarou.

— Acredito que não é consciente do que acontece —assegurou lamentando esse fato— É o único modo de entender sua atitude tão despreocupada.

— Despreocupada, diz? —Elevou as sobrancelhas e secou a boca com o guardanapo de papel— darei várias razões que fazem com que esteja contente. Por ordem: não estou louca, sou a Caçadora. Ontem você morreria e eu o salvei. Ontem levariam seus sobrinhos e eu os levei antes. Hoje viu a sua irmã e pôde tocá-la e falar com ela e além disso nos disse que se levarmos conosco o Eohl, a escuridão do seidr não poderá nos tocar. Liam e Nora também se encontraram com sua



mãe e foi emocionante. Sabemos o que está acontecendo e temos uma oportunidade para solucionar as coisas, para confrontá-las; é o poder que nos dá o conhecimento. Guiei um montão de almas que precisavam descansar a esse lugar chamado lar. E o fiz sozinha, sabe? —Golpeou com o dedo indicador em seu musculoso peito e seus olhos brilharam furiosos— E você, resmungão empertigado desmancha-prazeres, não vai estragar este momento, nem vai fazer me sentir mal por saber que vou dormir bem e a gosto comigo mesma pela primeira vez em minha vida.

Incrível. Adam estava tão excitado e tão assombrado que poderia esmurrar pregos se o propuser. Ruth girou a omelete e o deixou sem argumentos. E, além disso, viu em seus olhos aquela chama de ira e fogo ambarino que despediam quando alguém a levava contra a lucidez. E agora sentia uma vontade enorme de avivar as chamas neles.

Ruth puxou-lhe o garfo da mão.

—Vá buscar o seu. —disse enfurecida.

Arrependeu-se de ter quebrado a trégua que tinham. Resignado, foi pegar outro garfo.

—E sim estou assustada, Adam —sussurrou fracamente com a cabeça agachada, brincando com a comida.

Quis abraçá-la nesse preciso momento. Mas ficou paralisado, não controlaria o que podia acontecer depois se entrava em contato com o suave corpo daquela mulher.

— Mas passei toda minha vida vivendo com medo e já acabou. —Elevou o queixo com dignidade— Se querem me pegar, se me querem assustar ou ferir, que me apanhem se puderem. Mas não vou me esconder, nem vou rechaçar quem sou. Não me importará morrer hoje ou amanhã se é lutando por uma causa maior. Você confunde minha aceitação com indiferença acima de tudo o que me rodeia e acontece —e embora doesse aceitar isso, já tinha se acostumado à ideia— Está equivocado, xamã.

Comeram em silêncio.

Por que Ruth teve tanto medo? O que fizeram?

Estava ele equivocado? A garota deu uma resposta que era incapaz de responder. Estava misturando tudo? Tinha preconceito porque confundia a alegria de Ruth com o desinteresse e a festa eterna?

—Já acabei. —levantou, disposta a recolher a cozinha e deixá-lo sozinho, comendo e engolindo todas suas acusações ao ver que se sentia tão mal quanto ela.

Adam olhou seu prato. Não comia nada. Comia como um passarinho. Agarrou-a pelo pulso e a parou.

— Nem sequer...

—Já não tenho apetite. —Tentou soltar de seu agarre. Não só estava zangada, bem como se sentia envergonhada pelo modo que tinha Adam de julgá-la— me solte.

Soltou-a imediatamente e ele recordou que usava o colar. Ruth não se aproveitava disso e muito poucas vezes tinha que fazer algo que realmente não quisesse. Na realidade, sentia que não usava nenhuma cruz no pescoço.

— Me desculpe, por favor — sua voz soou rouca— Obrigada pelo jantar. Estou cansada e só necessito...



A cozinha deu voltas a seu redor. Uma mão a agarrou pela nuca e outra a acariciou na bochecha. Sentiu algo frio nas costas e percebeu que estava aprisionada contra a geladeira.

Adam e seus olhos de rubis a seguravam, imobilizavam-na e olhavam sua boca como se não houvesse nada mais no mundo.

— Me perdoe você, Ruth. —Aproximou seus lábios aos dela e a beijou com uma intensidade que os fez arder a ambos.

Os berserkers eram seres de instintos selvagens, de impulsos elétricos e sempre, sempre, aceitavam desafios. Mas aquilo não tinha nada a ver com sua natureza. Ver Ruth afastar-se dele, sabendo que foi o culpado de seu distanciamento, o meio enlouqueceu. Ruth lhe deu uma lição.

CAPÍTULO 17

Estava no céu e no inferno, se podia estar nos dois lados de uma vez. Adam acoplou sua boca à sua e a obrigou com uma doce insistência a aceitar seu beijo. Estava fazendo amor com lábios, língua e dentes e ela não sabia se seus pés tocavam o chão porque acreditava flutuar. Um beijo de verdade deveria ser sempre assim, como uma droga.

Ele estava zangado, mas não com ela, mas sim com ele mesmo. Estava tão aturdido ou mais que Ruth pelas sensações que despertavam um no outro. Quis gritar de alegria e de medo ao ver que seu corpo entrava em combustão e que uma estranha energia passava entre eles e os fazia elevar. Uma energia conectora. Não imaginava que pudesse se excitar dessa maneira com um beijo daquela garota.

Ele também conhecia a lenda do Senhor dos animais e a Caçadora. Não diria a Ruth, é óbvio. Adam não acreditava neles. Só acreditava no empírico, no provável. E Margött era o prego seguro ao que amarrar, não essa garota que reduzia seu estado emocional e seu raciocínio até esses níveis nos que mal se reconhecia, já não sabia nem quem era. Mas, pelo Odín, como beijava essa mulher.

Ruth gemeu e devolveu o beijo com a mesma necessidade.

Segurou seus ombros e ficou nas pontas dos pés para acoplar-se melhor a seu corpo. Colocou a língua em sua boca e acariciou a sua. Isso é o que ela necessitava. O que queria e desejava. Que ele a fizesse arder, que fervesse seu sangue e mostrasse o muito que a necessitava. De um modo ou de outro, necessitava. E não podiam negar isso. Era o mais autêntico entre eles. O real, embora não se pudesse apalpar. Só sentir.

Esmagou-a mais contra a geladeira, deslizou as mãos pelas costas e amassou suas nádegas até agarrá-la e levantá-la. Roçou repetidas vezes sua língua com a dela. Assim agarrada a ele, levou-a ao sofá e ele sentou, deixando-a escarranchada sobre sua pélvis, em cima dele. A luz que havia na sala provinha do resplendor da cozinha, criando um ambiente hospedeiro e íntimo.

Sem deixar de beijar, Ruth acariciou sua nuca e a cabeça, aprofundando o beijo. Queriam comer um ao outro e não eram conscientes desse desejo primitivo. Seu cabelo raspado fazia cócegas nas palmas. Dava prazer tocá-lo. Assustada pelo calor que percorria seu corpo, afastou-se, só para comprovar que Adam tinha os olhos vermelhos ainda mais claros que antes e os incisivos superiores desenvolvidos.



— Está assustada agora? — perguntou ele inclinando e passando a língua pelos lábios.

Ela tinha as pupilas dilatadas, um cerco amarelo as rodeava, e voltou o rubor natural da excitação. Grudou seus seios ao torso dele e rodeou-lhe o pescoço com os braços. Negou com a cabeça. Desejava aquilo. Necessitava tudo o que Adam pudesse oferecer.

— Não. Nisto sim que sou uma inconsciente. Não me dá medo. — Soltou-lhe o lenço do pescoço e o fez como se estivesse despindo— Não ordenei que me beijasse. Por que fez, Adam? — perguntou acariciando os lábios com os dedos e passando por sua garganta para logo roçar o hallsbänd.

— Nem ideia, Caçadora — reconheceu surpreso— Não sei por que a beije. Não posso controlar. Passei todo o dia pensando em fazer isso, e bom ter tanto controle. Me... atraí.

Os olhos de Ruth brilharam de alegria ao escutar essas palavras. O rosto de Adam refletia sua confusão, mas também um desejo cru por ela, só por ela.

— Está fazendo pelo que disse esta manhã sobre nosso trato?

— Faço porque quero. Mas o trato também está presente — disse ele sincero, para não se sentir tão nu diante dela. Ia além do trato, ele queria isso e ponto, mas não diria.

Ruth assentiu inalando o ar, concentrada e meditando suas palavras. O trato estava ali, mas aquilo foi iniciativa dela. Isso estava bem. Tinha esperança.

— Se não quiser que continue — continuou ele engolindo saliva — já sabe o que tem que fazer. Ordene-me que pare e pararei. Mas se seguir adiante, se agora mesmo disser que sim, então é minha. Esta noite não vai escapar. Temos que acabar com esta tensão o antes possível ou não tiraremos isso do nosso sistema— assegurou acariciando as nádegas dela e gemendo— E eu necessito paz mental. O de ontem não me serviu de nada. Foi um aperitivo e eu quero o menu completo.

Ruth agradeceu a sinceridade do berserker. Não a enganou, não deleitava seus ouvidos, dizia o que havia e ponto. Não a beijava porque a respeitasse nem seu coração o obrigasse a isso. Era desejo, instinto incontrolável.

Teria suficiente com isso? Nunca. Mas por agora, era um passo. Além disso, ela precisava experimentar o que era fazer amor com ele. Necessitava como o ar para respirar, para continuar viva.

— Não quero que pare — sussurrou em sua boca.

Adam grunhiu e enredou os dedos em suas suaves ondulações mogno, jogando-lhe a cabeça para trás para conseguir melhor acessibilidade ao seu pescoço e a sua boca.

— Deveria ter medo, katt. Deveria ter medo de mim. — Passou a língua pelo pescoço e deu uma dentada doce e suave, com a pressão suficiente para notar que Ruth ficou com os mamilos em ponta— Acha que o colar vai fazer isso mais fácil? Nunca estive com alguém como você. É muito pequena.

Ruth sorriu. Ela não era a primeira, mas esperava ser a última para ele. Ia conquistar o coração de Adam e faria que esquecesse qualquer pensamento de enlaçar ou emparelhar com essa tal Margött. Era a Caçadora e ele seu Senhor dos animais. Ela lhe demonstraria. Podiam se encaixar.

— Não posso ser muito diferente do resto, não? Nem tampouco posso ser diferente a uma



berserker —segurou a respiração quando sentiu as palmas de suas mãos por debaixo do sutiã, amassando e beliscando seus mamilos.

—Ontem estava tudo em seu lugar — riu ele. Moveu a pélvis e isso fez que Ruth impulsionasse mais para cima— Vejamos se hoje continua tudo igual.

Adam deslizou as mãos até a barra da camiseta e a puxou pela cabeça. Secou a boca. Ruth tinha um sutiã negro com tulipas rosa com fechamento frontal. Passou a língua pelas presas.

—Vamos. —bateu no traseiro dela.

Ela se colocou de pé entre suas pernas. Adam afundou o rosto em seu estômago e mordeu o diamante de seu umbigo.

— Pouco a pouco... —murmurou ele recordando que ela era mais frágil.

— O que diz?

— Isto me deixa louco —admitiu, colocando a língua e puxando o diamante— É muito sexy. —Levou as mãos a cintura da calça, desabotoou o botão, baixou o zíper e o deslizou por aquelas pernas longas e esbeltas. Usava a calcinha em conjunto com o sutiã. Ruth deixou as sandálias de lado. Olhava fixamente. Ela também tinha fome, pensou orgulhoso. Levou as mãos a seus seios e desabotoou o sutiã. As taças de cor creme de Ruth se liberaram e ele esteve a ponto de uivar quando viu que os mamilos rosados apontavam eretos para ele— É... é muito bonita, Ruth.

Ela ruborizou, mas não afastou o olhar.

—Não tenho experiência, Adam —reconheceu finalmente— Eu... eu só o fiz duas vezes e passo cinco anos tentando esquecê-las. Eu... —ficou pela metade quando Adam se equilibrou sobre seus seios para comê-los, literalmente. Ruth sentiu que lhe ardia o sexo, e que cada lambida de Adam, cada sucção, cada leve dentada a lançava à busca da liberação. Rodeou a cabeça e o animou a que mamasse tudo que tivesse vontade— Não sei... ai, Deus... muito bem como faz isto.

—Já sei —assentiu ele metendo um mamilo na boca e beliscando o outro com os dedos— Eu gosto disso, Ruth. Eu gosto que não saiba nada sobre um bom sexo e que seja eu a ensiná-lo. —Elevou os olhos vermelhos para ela e apoiou o queixo no vale de seus seios. Abraçou-a pela cintura e colocou as mãos dentro da calcinha para acariciar os globos de suas nádegas. Logo pendurou os polegares nas costuras e as baixou por completo. Já a tinha nua diante dele e se afastou um pouco para contemplá-la— Não sei por onde começar —sussurrou maravilhado.

Ruth engoliu saliva.

— Digo a sério, Adam. Parece que não sei fazer bem. Eu não sou boa nisso...

—Tolices. É fodidamente perfeita. Eu ensinarei. —separou-se dela e se acomodou no respaldo do sofá— Venha por mim, preciosa. Diga-me o que quer.

E de repente, suas dúvidas, suas inseguranças sobre o sexo, desapareceram. Armou-se de coragem. Subiu ao colo de Adam e sentou escarranchada sobre seu membro. Se ele não soubesse por onde começar, aconteceria o mesmo. Adam era um homem tão grande.

— Por que você gosta que eu não saiba muito disto? —perguntou deslizando um dedo por seu queixo masculino.

— Não sei —reconheceu ele adorando seus seios— Tudo o que tem a ver com você é estranho e confuso. Mas confio em meu corpo. Meu corpo está louco para ensiná-la. Quer estar dentro do seu, muito dentro, agora — baixou o tom.



Ruth tremeu sobre seu colo. Oh, que bom. Seu corpo não era o único que queria essas coisas.

— Tire a camiseta —ordenou ela com voz rouca.

Em um segundo, Adam estava com seu impressionante peito ao descoberto. Ruth deslizou as mãos por cima dele, por sua fascinante tatuagem de dragão. Gostava muito. Passou os olhos sobre as escamas verdes, as garras e a língua de fogo. Acariciou com fascinação. A noite anterior não o fez.

Adam fechou os olhos e deixou que o tocasse por todos os lados.

— Você gosta? —esperava que ela dissesse que sim. O dragão era grande e se converteu em uma parte dele.

— Eu gosto muito, Adam —respondeu ela apreciando as diferentes cores do animal— Brilha de noite.

— Sim, é fosforescente.

— Por que um dragão? Significa algo para você?

— Chama Nidhug. O dragão simboliza a luta e a ordem. Um juiz e um guardião em outras culturas. Os antigos vikings adornavam as proas de seus navios com dragões porque se acreditava que assim afastariam aos espíritos malvados. Entretanto, é um símbolo duplo. Também é um ser do submundo que bebe do Yggdrasil.

— O fresno sagrado que estende suas raízes através dos nove mundos. —Voltou a acariciar, fascinada por sua pele dourada, por aquela dureza disfarçada de suavidade.

— Estudou —reconheceu ele satisfeito.

— Como não fazer? Vivo virtualmente com vocês, tenho que saber quem são. Além disso, Gabriel é perito em mitologia nórdica, ele nos explicou muitas coisas. —Voltou a acariciar a língua do dragão que roçava o mamilo esquerdo de Adam— Se for um símbolo do mal, por que o leva?

— Porque quero recordar contra quem luto. Quero recordar contra quem passo séculos brigando. Quando se tem a eternidade pela frente, às vezes pode esquecer por que razão está aqui. — Pôs sua mão sobre a de Ruth e a deslizou até seus abdominais— Mais abaixo, katt. — Levantou sua pélvis de novo e isso fez que os seios da jovem dançassem de um lado ao outro. Não eram grandes, mas eram perfeitos.

Ruth, que se sentia atrevida, baixou a cintura de suas calças até que viu o ninho de cachos negros de Adam, e continuou puxando até que aquela imensa vara saiu disparada para o umbigo, ultrapassando.

—Me acaricie. —Adam levantou os braços e os apoiou no respaldo do sofá— Faça o que você quiser. Não quero que tenha medo de mim.

— Não tenho. —Era verdade. Nunca se sentiu tão segura de sua própria sexualidade e sensualidade. Levou a mão ao pênis de Adam e ficou alucinada ao comprovar que não podia abrangê-lo por completo. Era grosso e muito grande— Não vou poder com você, Adam — sussurrou preocupada— Ontem não pude.

—Eu sim que vou poder com você, Ruth. —Agarrou a mão dela e indicou como tinha que acariciá-lo. De cima a baixo, pressionando um pouco na ponta e logo deslizando a mão de novo até a base.



— Você gosta assim? —perguntou insegura, hipnotizada pelo movimento.

— Ggrrrrrr... —grunhiu ele em êxtase.

Ruth sorriu e se encorajou, concedendo-lhes carícias cada vez mais descaradas.

Adam tinha os lábios entreabertos, as brancas presas apareciam dentre o lábio superior, e seus olhos eram duas frestas vermelhas que não deixavam de observá-la e controlá-la. Porque não se enganava. Adam podia estar em uma posição submissa agora, mas era ele quem mandava em todo momento. Apertou mais forte e o acariciou com força até que o ouviu gemer.

— Não tocou assim em ninguém, verdade? —perguntou ele com um brilho de posse no olhar.

Ruth se enrijeceu.

— Não. Estou machucando você?

— Diabos, não —grunhiu de novo— Poderia gozar pela expressão de seu rosto, Ruth. Por como olha o que me está fazendo. Vê o prazer que está me dando?

Ela engoliu saliva. Estava umedecendo. Estava ardendo. —Adam...

— Chist. —ergueu-se um pouco e puxou as calças— Você manda, Ruth.

— Poderíamos fazer... fazê-lo assim?

— Assim como? —perguntou sufocando a risada.

— Nos tocando.

— Quero algo mais que tocar, Ruth. —E era muito certo. Queria algo mais. — Ontem já me torturou. — Queria senti-la a seu redor, abraçada a ele, explodindo em mil pedaços e saber que logo poderia acalmá-la e mimá-la, e seduzi-la de novo. Jogou o cabelo para trás e expôs os seios a seu escrutínio. Já tinha marcas das sucções de sua boca. Sentiu uma vontade primitiva de deixar sua marca ali, o que o fez pensar na dentada da nádega. Levou as mãos a seu traseiro e a acariciou brandamente. Foi recompensado com um gemido de prazer— Ainda arde? —perguntou ligeiramente arrependido.

— Foi um bruto —recriminou ela— Mas não dói, só às vezes, bom... sinto que estão me acariciando aí.

Adam apoiou a testa no espaço entre o ombro e o pescoço de Ruth. Cada vez que ele pensasse nela, se era uma autêntica marca de dominação, ela sentiria sua carícia aí. Quando a mordeu, não queria imprimir sua marca nela, simplesmente queria devolver a dentada. Mas agora estava feito, e nada servia lamentar-se.

— Marquei-a um pouco. Marquei sem querer.

— O que se refere a marcando? —acariciou a nuca, fechando os olhos diante da carícia de suas mãos.

— Imprimi minha marca em você. Não controlei meu instinto. Não imprimi minha marca o suficiente para que outros saibam que está realmente marcada, mas sim o bastante forte para que os berserkers saibam que cheira a mim. O suficiente para que quando pensar em mim, ou eu pense em você, sinta meu toque nela.

Ruth se ergueu e acariciou o sinal da nádega. Era avermelhada e um pouco grande, mas não tinha roxo algum. Já não.

Assim que a marcou “inconscientemente”. Isso não engolia.



—Joga sujo, xamã —murmurou sem deixar de tocá-lo— Assim que me marca sem minha permissão?

Adam sabia que não estava zangada. Cheirava. Ruth sentia curiosidade pelo verdadeiro motivo que fez com que a mordesse. Ela não acreditava só no instinto. Confiava em que houvesse algo mais e isso era perigoso. Tinha que desviá-la desses pensamentos ou alguém sairia ferido, e de passagem, ele mesmo teria que se convencer disso.

— Não pense o que não é, Caçadora. Saiu do controle.

— Foi a boca —particularizou ela aproximando-se de novo e beijando-o nos lábios— Mas já não estou zangada. E não penso nada. O que está feito, está feito.

E ainda por cima era sincera. Não ia ocultar nada. Deveria se sentir mal por estar assim com ela sabendo que em algum momento escolheria a outra mulher. Outra mulher com quem ia fazer o que faria com Ruth.

— Escuta, Adam. —Captou tudo o que ele sentia e não quis pressioná-lo. Adam ia de frente com ela, merecia o mesmo tratamento por sua parte— A marca sairá. Sem obrigações, certo? Este era meu trato. Ensinar-me. Você também está marcado por mim, injusta ou justamente. Usa o colar — assumiu com tristeza— Atado a mim involuntariamente.

Involuntariamente. De verdade ia contra sua vontade? Adam se sentia como o homem mais afortunado da terra. Podia se deitar com Ruth, sem nenhum tipo de compromisso. Para muitos homens isso seria sinônimo de noite de sorte ou loteria. Mas havia um código nele, algo interno e pessoal que dizia que aquilo não era justo para ela, para nenhum dos dois. Ao menos, encarregaria-se de dar o melhor sexo de sua vida e de que ambos desfrutassem disso. Era o único que podia oferecer.

—Venha aqui, Ruth —grunhiu como um lobo à beira de seu autocontrole— Me deixe mostrar como encaixamos você e eu.

Não deixou tempo nem para que ela respondesse. Beijou-a agarrando-lhe o rosto e passando-a sobre seu estômago. Ele estava semiereto e se esfregava ritmicamente contra sua virilha. Que suave era, que quente estava...

Deslizou uma mão entre as pernas de Ruth até que acariciou a lisa pele e a cremosa prova de seu desejo. Esfregou docemente e ela se moveu sobre sua mão enquanto não deixava de beijá-lo. Pouco a pouco, introduziu um dedo e o moveu de um lado ao outro, de cima a baixo para moldá-la. Fez espaço e entrou até os nódulos. Ruth gemeu e moveu os quadris para frente e para trás.

— Está bem? —olhou-a preocupado.

Ruth agarrou a mão que mexia em sua intimidade e a manteve ali apertada a ela. Medindo.

— É... é bom... —fechou os olhos e mordeu o lábio.

Adam ronronou, acariciou o clitóris com o polegar e Ruth explodiu com seu dedo em seu interior. Convulsão após convulsão, aprisionava o dedo rogando para que não saísse daí. Deixou-se cair em cima dele, impressionada pela maneira tão rápida em que alcançava o orgasmo com Adam.

— Muito bonito, Ruth... —Acariciou-lhe o traseiro com a outra mão. Ele também estava sobressaltado— mas acabamos de começar. —Beijou-a na lateral do pescoço— Provemos algo mais.



— Mais... —murmurou Ruth agarrando o respaldo do sofá. Adam introduziu um segundo dedo. Não era fácil, mas os músculos de Ruth cediam à sua invasão controlada.

— Não fez nada em cinco anos? —perguntou inclinado sobre um de seus seios e beijando-o enquanto conseguia colocar o segundo dedo também até os nódulos.

Ruth se queixou um pouco, mas aceitou o movimento e o ardor que acompanhava a fricção. Negou com a cabeça.

— Nada de joguinhos?

— Joguinhos? —abriu os olhos e o olhou divertida.

—Já sabe —moveu os dedos para o interior e massageou suas paredes— Merda, vou gozar em nada... Esses joguinhos que utilizam as garotas para ter dar prazer.

— Não. Sem joguinhos —sorriu ela fechando os olhos de novo, cegada pelo prazer. Mordeu o lábio e suspirou. — Isso você gosta? Os joguinhos?

Gostava? Com gostaria de tudo provavelmente.

— É muito estreita. Ninguém conseguiu enganar tanto como você, gatinha. Parece alguém muito diferente. Sua pose, seu caráter... dá sinais equivocados.

— Isso é o que você quer ver, Adam. —Abriu os olhos, acariciou a bochecha e o beijou. Tinha esperanças que depois de fazer amor, ambos se olhariam de outro modo. Sabia que não devia esperar nada, mas a esperança era o que nunca perdia Ruth. Adam era um homem difícil, um que não confiava nas mulheres e um muito intransigente, que só dava seu amor e seu carinho a pessoas privilegiadas. Ela poderia estar dentro desse grupo?— Olha, mas não me vê. É tolo.

Um beijo doce, algo para outros insignificante, mas para Adam foi como tirar a argola de uma granada. Ia explodir.

— Faça amor comigo, noaï —sussurrou— Quero estar com você. Merda, sim.

Levantou-a um pouco, puxou os dedos de seu interior, agarrou a base do pênis e muito lentamente dirigiu a cabeça de seu membro ao portal de Ruth, esfregando e acariciando para que se abrisse a ele. Ela aumentou os olhos e tentou se afastar.

— Não, Ruth. —Manteve-a em seu lugar. Suas mãos eram ferros que marcavam seus quadris— Deixe entrar, gatinha. —Moveu seus quadris para baixo e ele se impulsionou nos calcanhares para mover para cima. Empurrou e jogou com o peso de Ruth para entrar com força — Que quente...

—Adam, por favor, não acredito que... —Gemeu e jogou a cabeça para trás ao sentir como Adam seguia avançando em seu interior, fazendo espaço a empurrões, até lugares que ela não sabia que tivesse— dói...

— Chist, sei, venha aqui. —Abraçou-a com força e deixou que sua cabeça repousasse sobre o ombro. Sabia que doeria. Ele estava muito bem dotado e Ruth era como uma virgem sem hímen. Podia controlar isso. Podia controlar sua transformação com ela e o tentaria para não assustá-la e não machucá-la de nenhum modo. Não podia gozar sob nenhum conceito. Não se vinculariam. Seguiu-se balançando em seu interior, com impulsos potentes e insistentes, até que Ruth, com um gemido, albergou todo seu comprimento. O corpo dessa garota era incrível. Ela tentava se mover para não sentir-se tão incômoda, mas ele a mantinha no lugar. Acariciou-lhe o cabelo com uma mão enquanto com a outra a agarrava pelo traseiro e a obrigava a manter-se ali, trespassada



nele— Não se mova, katt. Se acostume a mim, não lute. Relaxe.

Ruth abraçou a seu pescoço e ocultou o rosto nele. Era tão íntimo, tão especial estar assim com ele. Também se sentia irritada e cheia, mas era intensa e a dor começava a desaparecer. Adam desprendia esse aroma de hortelã tão característico dele. Como ia lutar contra ele se parecia que seu corpo e sua alma nasceram para estar unida a seu corpo?

— Você está bem? —perguntou ela com a boca colada a seu pescoço. O corpo de Adam tremeu da risada.

— Estou no inferno. Queima como o demônio, Ruth. É puro fogo. —balançou um pouco em seu interior— Assim, bonita —sussurrou beijando-a no pescoço, no ombro, sobre a cabeça— Assim, muito bem. —impulsionou mais dentro e Ruth cravou as unhas nas costas dele, murmurando palavras de assombro— Agora estou dentro de você de verdade. Quer nos olhar?

Ruth se separou de seu corpo como pôde. Mover-se era enviar um relâmpago de desejo e de sensações enlouquecedoras através de sua espinha dorsal. Sentia parecido dentro dela. O membro de Adam pressionava no colo de seu útero, como se quisesse entrar ali também. Como se não a tivesse prensado já por dentro.

Ele a olhou nos olhos e secou as lágrimas com os polegares, sentindo-se como um bruto por machucá-la.

—Não queria te machucar. Perdoe-me. Tenho que recordar que é... diferente.

Diferente? Vamos, homem, que doeria a ninguém menos que a ela. Grande tolice. Adam era um animal em todos os sentidos. Espetacular.

Ruth olhou a seus corpos unidos. Estava tão metido em seu interior, que notava os testículos de Adam golpeando em sua entrada.

—Se agarre onde quiser, meu bem. — se ergueu e moveu as pernas de Ruth para abri-las mais e facilitar o contato e a invasão.

Ruth gemeu quando sentiu como se movia o membro de Adam em seu interior. Olharam-se nos olhos. Estudaram-se. Os dele vermelhos com a íris negra, os dela ambarinos e umedecidos pelas lágrimas.

—Me cavalgue. Tem o controle, Caçadora. Vamos, se mova e se agarre a mim bem forte.

Ruth obedeceu e se moveu de cima a baixo. Era devastador. Ao princípio se movia timidamente, logo Adam a acariciou entre as pernas e esfregou esse botão de prazer divino e ela se descontrolou. Sentia que as vísceras queimavam, que os mamilos picavam e que o dedo de Adam fazia autênticos estragos em seu corpo. Movia-se com força, sem importar se doía ou não, agradecendo a soleira da dor, porque vinha acompanhado com o prazer mais selvagem e um desejo exponencial sublime. Estava descontrolada e decidida a conseguir o orgasmo mais maravilhoso de sua vida.

—Vamos, Caçadora —a animou, segurando-a pelas nádegas e a colocou mais a ele, deslizando até ficar deitado no sofá, obrigando-a a esticar em cima de seu corpo e a manter o contato de pele com pele.

—Adam —gritou Ruth arranhando a pele do sofá— Não posso... não...

Inclinou-a ainda mais e agarrou sua cabeça, colando-se à sua garganta para sossegar seus gritos desesperados enquanto investia uma e outra vez, e outra vez, golpeando sistematicamente



seus clitóris com seu púbis. Altos e baixos. Dor e prazer.

—Eu a levo. Está comigo, katt —murmurou em seu ouvido enquanto golpeava em seu portal sem nenhum tipo de controle. As presas inferiores também se desenvolveram e sentiu como começava a nascer o orgasmo, um diferente a nenhum que sentiu anteriormente. Nascia na parte baixa das costas, as veias incharam, seu corpo tremeu, e ouvia o coração da Caçadora que se adaptava aos batimentos do coração dele. Queria que ela chegasse com ele. Investiu como um touro, com mais dureza, sem ouvir os gemidos de êxtase de Ruth e sentiu como chegavam os tremores dos músculos internos. Mordeu-a no pescoço de um modo agressivo e dominante e a manteve ali enquanto gozavam ao mesmo tempo.

Ruth gritou quando os níveis de prazer se mesclaram com a dor. A estava mordendo. O orgasmo ia de dentro para fora. Concentrava-se entre as pernas e logo subia até o umbigo, o torso e os seios. E quando explodiu, fez em todo seu corpo e em sua mente, onde viu luzes de todo tipo e foguetes.

Adam era combustível. Quando ela o apertava ele se metia ainda mais dentro. Não recordava jamais em seus trezentos anos de idade um corpo que desse a proteção tão profunda que dava Ruth. Demônios, era perfeita, Merda.

—Adam? Adam... por favor... não posso mais.

Mas Adam não a ouvia, fazia muitíssimo tempo que não a ouvia. Seguia penetrando-a profundamente, mas cada vez com mais lentidão. Ruth não queria ordenar nada. Não queria detê-lo e que ele obedecesse por usar o hallsbänd. Precisava controlar Adam em sua natureza. Se não, jamais poderia fazê-lo. Ela o aceitou, deixou que fizesse tudo o que fez porque ele era um berserker e ela aceitou se deitar com ele. Queria demonstrar que podia fazê-lo, que também poderia ser sua mulher. Mas Adam estava como possuído, gemia e fazia sons guturais selvagens com a garganta.

—Adam... tem que parar, por favor... —soluçou deslizando uma mão entre eles e pondo sobre a base de seu pênis, tentando detê-lo em vão.

Dentre os estertores do orgasmo interminável e poderoso que teve, ouviu a voz melódica daquela mulher que tinha em cima, abraçada a ele, e suarenta por tudo o que compartilharam. Seu corpo estava submetido ao dela. Queria mais. Não queria parar. Desencravou os dentes de seu pescoço e olhou sua impressão, sua marca. Era dele. Uma marca real. “Minha. A Caçadora é minha”, pensou. Voltou a ouvir a voz doce e suplicante de Ruth na distância e focalizou tudo aquilo que o rodeava como se tivesse saído de um sonho, recuperando a consciência pouco a pouco.

Quanto tempo passou? Perdeu o controle como jamais fez. Olhou Ruth, aterrorizado. Devolvia o olhar com o cabelo vermelho alvoroçado de seu rosto, os olhos dilatados e chorosos, os lábios machucados e uma dentada de um animal selvagem no pescoço. Sua dentada?

— Necessito que me solte o traseiro, xamã — pediu com a voz cheia de lágrimas, as bochechas rosadas e o queixo tremente.

Gozou cinco vezes seguidas desde que Adam se descontrolou, mas não poderia fazer outra vez. Passavam muito tempo assim e desmaiaria se ele não se detivesse.

Adam não percebeu, mas ainda a segurava pela nádega onde tinha a marca, e a segurou tão



forte que saiu hematomas roxos com as impressões dos dedos. Separou seus dedos um a um e a olhou aturdido, sem saber o que era, o que o havia possuído.

— Deixa de se mover, por favor — pediu suplicante, segurando-o brandamente pelo membro— Cinco minutos, só me deixe cinco minutos e logo continuamos — sussurrou sobre seu ombro.

Adam parou consternado e sentiu pesar ao ver como Ruth soltava um suspiro de alívio ao parar seus ataques.

O que fez?

— Ruth... — tentou explicar, pedir perdão por sua falta de controle, mas não sabia o que dizer— Eu sin...

— Não se atreva a se desculpar — disse ela assustada— Não se atreva. — Beijou-o com ternura no queixo e descansou a cabeça sobre seu peito— foi incrível.

Adam não entendia nada. Olhou para baixo e sentiu que caía o mundo em cima. Gozou até ficar seco, e o fez com Ruth, dentro de Ruth. Ele sempre controlava seu orgasmo, nunca se derramava dentro de ninguém porque isso era um sinal de vinculação, um vínculo único entre companheiros. Mas isso não era o pior. O pior era que compartilhou seu chi com ela. E foi seu pênis, não sua mente, quem decidiu fazê-lo, como se ela fosse sua parceira, seu kone. Fazia amor com ela como se fosse sua companheira.

Levantou tentando não machucá-la, embora, vendo as marcas que tinha no corpo, já era muito tarde.

— O que faz? — perguntou ela relaxada por completo, ficando sentada escarranchada sobre ele— Fiquemos assim um pouco mais. — Acariciou sua ereção com seus músculos internos e gemeu de quão sensível estava— Mas não se mova, poderíamos descansar uns segundos...

Adam a olhou de novo de cima a baixo e quis tomar um tiro por sua estupidez. Tinha que saber. Fazer amor com Ruth seria um desastre, drenou-se como a um adolescente e fez que entrasse de cabeça no frenesi berserker. Era humana, a tinha ferido, estava machucada e arroxeadada, e ainda por cima, entregou seu chi. E agora o que?

O chi se reserva ao companheiro, merda. E Ruth não era sua companheira. Não o seria nunca. Uma coisa era o estúpido trato que fizeram, que lhe ensinasse coisas sobre o prazer, mas a outra era perder o norte desse modo. Sentia terror pelo que fazia Ruth e se assustou. Precisava se afastar dela. Ruth poderia dominá-lo.

A agarrou pelas axilas e a levantou, desencravando dele. Ela soltou um gritinho de incredulidade e também de dor, mas ele a ignorou. Estavam ensopados e não era para menos. Seu membro, que ainda continuava duro, caiu a um lado entre o matagal de cabelo púbico negro. Queria mais.

— Merda, grande desastre. — tampou o rosto com as mãos e esfregou os olhos.

Ruth sentiu que uma faca cerceava suas vísceras. Um desastre. Disse grande desastre? A experiência mais alucinante de sua vida foi um desastre para ele. Não sabia o que dizer nem o que fazer. Não podia se mover porque sentia os ossos como gelatina e ainda percorriam por suas vísceras reflexos orgásticos. Queria gritar por ser tão idiota, por estar tão cega. E queria bater contra a parede por ter sido tão tola ao acreditar que aquilo poderia mudar algo entre eles. Não



choraria mais na frente dele.

— Não aconteceu nada, Adam. Não vou pedir que se case comigo, tranquilo.

— Não aconteceu nada? — gritou ele descontrolado — Me coloquei entre suas pernas como um animal, Ruth. — Agarrou-a pelos braços e a sacudiu.

— Já fez isso outras vezes. — assegurou ela, sem olhá-lo aos olhos, tentando tirar a importância do ato. Como doía tudo isso — Não é para tanto.

— Não entende uma merda. Deixei minha impressão no seu pescoço. — Afastou-lhe o cabelo de maneira rude e olhou a marca aborrecido — Gozei dentro de você, entreguei meu chi. Meu chi não é para você, merda. — Soltou-a como se tocá-la desse asco — Sou um maldito estúpido.

Ela engoliu o nó que tinha na garganta.

— Não sei do que fala. Você fala estranhamente. — Tentou sorrir, querendo fazer a mesma brincadeira da noite anterior, tentando minimizar o assunto.

— Seja séria um maldito momento, bonita. Não me faz nenhuma puta graça — grunhiu ele olhando-a com os olhos amarelos.

Ruth se separou dele. Adam estava muito zangado. Estava furioso com ela. Por quê? Fez algo errado? Ela aprenderia. Se Adam explicasse e ensinasse, ela poderia ser o que ele necessitava na cama e também fora dela.

Quis responder o mais dignamente possível.

— Adam, tenha um pouco de paciência, não sei muito de seus costumes... — ia pôr uma mão no seu ombro.

— Não me toque, Ruth. Preciso que agora não me toque. — Atravessou-a com os olhos — Não é para menos que não saiba nada. Nem sequer se esforçou em saber como somos. Que perda de tempo para você, não é mesmo?

— Isso não é verdade — se defendeu ela indignada — Sei muito sobre vocês, o que acontece é que não tenho nem ideia do que implica ter relações sexuais. Asseguro que nos livros de mitologia nomeiam pouco ou nada e não vão falar sobre isto, e eu não tenho amigas berserkers que me expliquem...

— É humana. Não sabe uma merda de nada. Não sabe nada de mim. — Apoiou os cotovelos sobre os joelhos e passou as mãos pelo crânio num gesto atormentado — Esqueci esse detalhe enquanto a fodia. Isto foi um engano. Mas depois de hoje não voltará a acontecer. Já nos provamos, significa que matamos a curiosidade que tinha. Eu cumpri, Ruth? Aprendeu o que queria?

Ruth se moveu e se cobriu com a manta, colocando-a rapidamente ao redor do corpo.

— Não há necessidade de ser grosseiro.

— Não sou um cavalheiro, nem tampouco vejo nenhuma dama por aqui — respondeu cortante — Ruth, isto não pode voltar a acontecer.

As palavras de Adam a machucavam e a faziam empalidecer. Ignorou a doce dor que sentia entre as pernas, e os músculos maltratados das coxas, as costas e as nádegas. Ignorou a vergonha e o despeito, e se levantou do sofá tremendo. Precisava sair. A cólera corroía seu sangue e se concentrava em seu peito. Olhou o hallsbänd, e disse que ali tinha tudo o que necessitava para se



vingar dele nesse momento.

— Levante-se, slave.

Adam se levantou como se tivesse uma mola. Estava grandioso em sua nudez, e todo úmido ali em baixo... a Ruth fazia ter água na boca. Seus olhos, agora amarelos, olhavam com desconfiança. Ela era perigosa.

— Sabe que posso ordenar o que quiser, não é? — observou como Adam movia um músculo da mandíbula— Se agora ordenar que me toque e que volte a fazer tudo o que me fez no sofá, fará e me obedecerá. Se ordenar que se toque até gozar diante de mim, fará. Se pedir que caminhe de quatro, fará. Nunca diga nunca comigo, Adam.

Adam não pestanejou. Mas a ira amarela de seus olhos se apagou, e atrás dela, apareceu seu olhar sombrio.

— Obrigada pela lição, slave. —Deixou-o aí de pé e deu meia volta. Agarrou a calça e as sandálias que estavam no chão e caminhou com o porte de uma rainha, tentando manter a dignidade, subindo as escadas sem olhar para trás— Não vou esquecer, foi muito educativo. Mas recorda que o que aconteceu entre nós foi feito por você. Eu não ordenei nada. Não o obriguei. O que fez saiu de você, de sua vontade, não da minha. Assume de uma vez. Boa noite.

— Ruth... —murmurou Adam amaldiçoando-se por sua brutalidade— Volta aqui.

Mas Ruth o ignorou fazendo ouvidos surdos a suas ordens. Fechou-se em seu quarto e se meteu no banheiro para lavar qualquer aroma que recordasse Adam, para eliminar qualquer prova de contato com ele. A água eliminaria as lágrimas e a sensação de se sentir utilizada e pouco valorizada. A água acalmaria seus músculos doloridos e suas irritações. Mas a água jamais faria esquecer a dor e o desprezo que Adam demonstrou depois de deitar-se com ela.

Reconsiderou seu objetivo. Esse homem era inconquistável e nunca a quereria pelo que ela era. Ninguém a quis por quem era, não sabia do que se surpreendia. E para Adam, o simples feito de ser uma humana, mais jovem que ele e um pouco mais tranquila, eliminava-a de sua lista, embora fosse uma humana que em cinco dias se converteria em imortal. Embora fosse a Caçadora, não era suficiente para ele. Não era suficientemente boa para ele e sua família. Implicou emocionalmente com ele, mas deixou clara sua postura e nunca imaginou que depois de deitar com ela a humilharia desse modo. Foi pior desfrutar em seus braços que todas suas demais experiências, porque ao menos com eles não esperava nada, mas com Adam sim.

Quanto antes o tirasse da cabeça, antes poderia ser mais útil para outros. Concentraria-se só em seu trabalho como Caçadora. O ajudaria com sua irmã e com os pequenos enquanto necessitasse sua ajuda, mas não podia passar daí sua relação. Não podia deitar com ele de novo. Amanhã, entretanto, faria algo surpreendente. Ia deixá-lo falando sozinho.

—Que aproveite, Margött. — se deixou cair no chão da ducha, com seu cabelo vermelho ensopado e seu corpo marcado por ele, abraçou a si mesma e afundou o rosto em seus joelhos. Ao menos poderia chorar a sós e lamber suas feridas. E o melhor, a água limparia o rosto e levaria seu coração quebrado com ela, porque essa noite Ruth quis entregar seu coração e Adam o havia menosprezado e o devolveu muito quebrado.

Adam passou pela frente da porta do quarto de Ruth e ficou escutando os soluços tímidos e



reprimidos daquela humana tão aditiva. Nunca sentiu nada igual. Jamais se entregou assim a ninguém. Passava muito tempo sem fazer amor com ninguém, e as vezes que fez —todas as mulheres de pagamento— nunca, nunca se derramou dentro de nenhuma mulher. Para ele, manter a energia era muito importante, necessitava para controlar seu dom. Mas com ela foi impossível. Cegou. Entrou em frenesi, e com isso perdeu a noção de tudo o que o rodeava, exceto seu corpo quente, carinhoso e cheio de suaves curvas. Minha.

Aí estava seu instinto de novo. Ruth não podia ser dele. Era inviável. Uma mulher humana, que não sabia lutar, que não podia se defender, que devia ser responsável por duas crianças que eram muitíssimo mais fortes que ela... Como ia defendê-los se alguma vez acontecesse algo? Sim, seria imortal, mas a imortalidade não lhe daria uma força sobre-humana, nem a capacidade de parar um vampiro ou a um lobacho, já que um golpe deles a mataria no momento. Que dificuldade encontrariam em arrancar o coração ou em fatiar seu pescoço? Apertou os punhos quando ouviu como fungava. Tinha que deixar de chorar ou o deixaria louco. Escutou como esfregava a pele energicamente, tentando anular sua essência, seu aroma dela. Adam grunhiu e apoiou a testa sobre a porta. Ruth queria eliminar qualquer prova do que fizeram. E como fazia ele para apagá-la de suas fossas nasais, de sua pele, e de seu paladar, o aroma de pêssego doce que desprendia essa garota? Podia saborear outra vez. Sempre o faria.

Saiu dali correndo antes de cometer uma loucura, como entrar em seu quarto, carregá-la sobre o ombro e fazê-la sua durante toda a noite, para assegurar de que nunca esquecesse que cheirava a ele.

CAPÍTULO 18

Ruth levantou muito cedo. Não podia dormir mais. Sentia-se plena de energia, certo, com o coração cheio de machucados, mas fisicamente seu estado era muito vital e forte. Não havia remorso nem arrependimento pelo acontecido a noite anterior. Nada que reprovar. Depois de meditar e recapitular sobre o acontecido, entendia-o. Aparentemente, havia chegado tarde com Adam. Tudo foi mal a princípio, o destino estava contra eles, e uma sucessão de mal-entendidos privou que ambos se conhecessem a fundo e que agora se vissem forçados a permanecer juntos, contra sua vontade, nem tanto contra a dela como a dele. Entretanto, não contavam com a atração fatal que ardia entre eles, não imaginavam que seus corpos se atraíssem desse modo, que o desejo os levasse a seu terreno como as ondas que se chocam contra as pedras uma e outra vez em uma maré. Mas era só desejo. Algo físico. Um impulso químico de seus corpos, nada mais. Ponto final. Se Adam queria falar do acontecido, não permitiria. Ele voltaria a dizer que queria a outra, e simplesmente teria vontade de vomitar.

Ele queria a outra mulher. Seu... Como o chamou? Seu chi não era para ela. Se isso não era para ela, seria para outra. A que ele escolheu. Estava bem, compreendia, e embora algo em seu interior gritasse e não admitia a derrota, já tomou a decisão final. Não era masoquista. O que tinha que fazer seria uma prova total de desapego e de perdão. Ele fazia para não sofrer mais, essa era a verdade, porque estar atada a Adam, de algum modo, deixava-a sem forças e com uma mágoa interior que não entendia. Era como se sentir rechaçada a todas as horas, e ela tinha dignidade e



amor próprio para permitir que ninguém a tratasse assim, embora desse a impressão de que ele o fazia sem ser muito consciente disso. O berserker era sincero, simplesmente; sua franqueza chegava às vezes a ser insultante, mas ela preferia a verdade antes que a hipocrisia. O problema era se sentir ofendida pelas preferências de Adam. Não podia pôr um canhão de pistola na têmpora dele e exigir que lhe desse uma oportunidade, que a percebesse, que a visse bem. Mas ele não a via. Sempre aconteceu o mesmo com os homens, equivocava-se ao reclamar atenção e amor por parte deles. Sempre a usaram, e ela, além disso, foi recolher suas migalhas, pedindo que a quisessem. Adam era o terceiro no grau de sucessão de caras que a utilizaram. Entretanto, tudo entre eles foi diferente do que viveu com os outros dois.

Não conseguia encontrar palavras para descrever o que sentia por ele. Não era amável, era um arrogante, cru em suas formas e custava sorrir. Mas a cativava. Com seus olhos negros, esse sorriso que tentava ocultar e que ela percebia com facilidade, o tratamento protetor e paternal que dava a seus sobrinhos, e logo, sua maneira total de tocá-la e perder o controle... ficava louca. Seu modo de amar sua irmã... Esse homem amava a poucas pessoas, mas se entregava a elas com devoção. Entretanto, não queria ter nada a ver com ela e o deixava claro uma e outra vez.

Quantas vezes perguntou algo sobre sua vida? Não interessava o que ela passou anos atrás, nem se seus pais entravam em contato com ela ou não. Merda, nem sequer perguntou por que razão mudou o sobrenome. Não. A esse homem importava menos que uma merda, seu tratamento a rebaixava.

E até sabendo disso, havia algo nele que a atraía enormemente, e não era só uma atração física. Algo nele, não sabia o que, encaixava com ela à perfeição. Algo dele era só dela, e soube desde o primeiro momento em que se viram. Era tão frustrante. Era como se Adam tivesse umas correntes invisíveis que a puxavam para ele, o controle sempre era dele, e Ruth estava farta de acabar cedendo as rédeas, por muito que tivesse insistido a si mesma para não fazê-lo. E pior ainda era saber que não podia abusar do colar porque não queria denegri-lo a olhos dos pequenos, e, sobretudo, ela tampouco queria feri-lo de nenhum modo. Adam também sofria, embora não quisesse reconhecer.

Quando o visse faria o que tinha que fazer. Essa situação devia finalizar. Passou coisas entre eles, viveram situações desagradáveis e momentos realmente emotivos, um pouco de tudo. Uma vida juntos, curta, mas muito intensa. Tudo isso os vincularia eternamente, era inevitável. Sorriu com tristeza. Olhariam e para o outro e recordariam o que aconteceu. O que fizeram. Pode ser que Adam não quisesse recordar que esteve mais de um hora brocando entre as suas pernas, possuindo sem remissão, sem descanso... Deus, ainda estava dolorida. Mas ao menos ficaria isso, a lembrança da intimidade e da paixão. Ou melhor dizendo, ela ficaria com isso já que duvidava de que ele queria mencioná-lo alguma vez. Ruth gostava das emoções fortes, não tinha medo de sentir, nem se ver ultrapassada pela intensidade de suas experiências, mas não sofreria gratuitamente, nem por ele, nem por ninguém. Quando se vissem fingiria indiferença, como se a noite anterior não tivessem feito amor e logo a tivesse rechaçado. Como se não a tivesse mordido de novo e marcado como algo dele, enquanto gemia e gozava em seu interior. Finalmente, captou a mensagem. Adam não a escolheria nunca, não só por ser humana, mas sim porque não estava entre suas preferências. A cada minuto que passava, ardia em desejos de conhecer a tal Margött,



e embora soubesse que Adam tampouco a amava, com certeza teria qualidades excelentes para ser sua companheira. Umas qualidades que em nela faltava. Puta.

Eram seis da manhã. Precisava se exercitar, seu corpo se acostumou a isso e corria cada manhã, logo após levantar-se, uns dez quilômetros diários. Colocou seu pack Nike ipod, conectou sua música e colocou He Veronica's e seu *I can't stay away*. A canção combinava com seu estado emocional. Ela não podia estar afastada de Adam. Quando chegasse, praticaria arco e flecha no jardim. Gabriel os havia trazido com suas malas, e ela precisava apontar a algo e imaginar que eram Adam e Margött se beijando. Seria sua maneira de manter em forma e concentrada, seu método para meditar sobre como conduziria suas ações futuras.

Aceitava o que passava com Adam. Aceitava, de verdade, mas... a quem queria enganar? Estava tão ciumenta que queria arrancar o cabelo dessa mulher o que, seguramente, seria um despropósito. Apertou os cordões de seu calçado esportivo com raiva e com força, como se em cada nó descarregasse a impotência que sentia. Saiu da casa e começou a correr pelos terrenos de Adam. Aquele bosque privado que se limitava com seu lar era maravilhoso. Os berserkers, ao menos Ás, Noah e Adam, tinham suas casas ao redor desses bosques, e o Totem se erigia soberbo no centro destes. Podia chegar até ele desde qualquer das casas, passando vegetação, rochas, arbustos e pequenos riachos. Duvidava de que os habitantes do Wolverhampton soubessem que tinham um totem de origem milenar em seus bosques.

Cheirava a umidade, a limpo, a campo aberto. A cidade não tinha tantos nuances. Só o verde da natureza conseguia mesclar tantos perfumes, e cheirá-los a fazia se sentir livre.

Passava uns vinte minutos correndo quando soou *Holding out for a Hero* Bonnie Tyler. Essa era sua canção. Nunca disse a ninguém, mas ela acreditava nos heróis, e não necessariamente nos que dava a vida por outros. Para ela, um herói era essa pessoa capaz de ajudar a outro a sair de qualquer fossa.

Definitivamente, Ruth necessitava um herói.

I need a hero

I'm holding out for a fire till the end of the night

*He's gotta be strong and he's gotta be fast and he's gotta be fresh from the fight...*⁵⁰

Que curioso. Antes, nunca prestava atenção a aromas, nem a texturas, nem a cores. Agora os apreciava e os observava aniquilada. Maravilhada por suas sombras e suas luzes. Por suas tonalidades. Por sua vida. Tudo, até o objeto mais ínfimo, vivia, tinha um ritmo e uma forma, uma cor e uma maneira de coexistir com tudo o que o rodeava. Alguma vez percebeu isso? Os pássaros voavam de ramo em ramo, um esquilo cruzava em seu caminho, algumas mariposas dançaram a seu redor enquanto ela, incitada por tanta beleza, corria cada vez mais rápido.

I need a hero, I'm holding out for a fire 'till the morning light

He's gotta be sure and it's gotta be soon

⁵⁰ Preciso de um herói / estou esperando por um herói até o fim da noite / Ele tem que ser forte/ ele tem que ser rápido/E ele tem que ser imune a luta...



*And he's gotta be larger than life, larger than life...*⁵¹

la se esgotar antes de tempo, mas sabia escutar seu corpo e o momento exato no que devia baixar o ritmo para não disparar suas pulsações.

Saltou por cima de um atoleiro de água e esquivou uma rocha no caminho. Correu sobre um tronco caído e evitou uma área lamacenta. Inconscientemente, suas pernas foram para um lugar em concreto. Recordava esse caminho, fazia duas noites, cheia de estimulante até as sobancelhas, Liam e Nora a levaram nas costas até ali. De repente, encontrou-se a uns vinte passos daquela figura que fazia culto ao deus lobo, os berserkers, Odín. Seus pés se ancoraram nesse pequeno topo de onde via o Totem. Havia alguém apoiado em sua base, em posição de lótus. Adam.

Ruth caiu de joelhos, respirando com muita dificuldade, ocultando-se entre os matagais. Desconectou a música e escutou. Adam estava meditando, cantando algo estranho e cheio de harmonia... Sua voz era tão bonita. Não usava camiseta e só uma calça negra, comprida e larga, que caíam por debaixo da cintura. Era como um rapper e estava muito gostoso. Encheu-lhe a boca de água. Não queria incomodar, não queria interromper o que fosse que estava fazendo. A verdade é que não queria que a olhasse de novo como a noite anterior, com esses olhos frios e amarelos cheios de desprezo. Não ia incomodar, mas ia espiar.

Tinha os olhos fechados, e elevava o rosto em direção ao amanhecer, ao sol. Os raios acertavam diretamente seu rosto, acariciando seus ângulos duros e marcados. Sobre seus pés cruzados albergava um pequeno tambor, e às vezes o golpeava ou o esfregava dando percussão rítmica e constante a seus mantras. Estava tão concentrado e tinha tanta convicção no que fazia que Ruth só queria se aproximar dele, acariciá-lo e beijá-lo na testa. Diante dele havia uma pequena fogueira, e sobre ela uma panela de barro que fervia plantas de todo tipo, e cheirava forte, como a alecrim, hortelã e maconha... era um aroma agradável. Parecia ter bebido disso, como indicava o copo de vidro que jazia atirado no chão com ainda um pouco dessa estranha mistura de cor verde meio marrom que ainda fervia na chaleira.

Ruth fechou os olhos e se deixou levar pelo som hipnótico da voz de Adam. Queria ir para ele, sentar sobre suas coxas e aconchegar-se para dormir e respirar em paz. E com um pouco de sorte ele a abraçaria e apoiaria o queixo sobre sua cabeça, contente por tê-la ali com ele. Adam não só era beleza irresistível, mas também era puro amparo. Seu porte assim o dizia. “Venha comigo e afastarei todos seus pesadelos”, assim era ele. Estar perto dele a fazia desejar coisas. Despertava seus desejos. Estimulava seus instintos.

Abraçou a si mesma, aflita pelas emoções que avivava o berserker somente com sua presença. Que fazia? Por que cantava? Observou que esfregava os desenhos e os símbolos do instrumento de percussão com seus longos dedos morenos balançando de um lado ao outro como se estivesse em transe.

De repente cessou a música e tudo desapareceu no silêncio.

⁵¹*Necessito um herói/ Estou esperando um herói até a luz da manhã / E tem que estar certo/ tem que ser pronto/ mais velho que a vida...*



— Ruth —disse ele.

Era inevitável não cheirá-la. Não ouvi-la. Notou sua presença desde que saiu correndo de sua casa. O pêssego flutuava no ar, e enquanto esteve interiorizado em sua meditação, sorriu e se deixou agasalhar por esse perfume doce de mulher. Não adormeceu toda a noite, pensando nela.

— Você gosta de Bonnie Tyler? —perguntou elevando a voz finalmente.

— Pode ouvir a música de meu ipod? —Ruth se levantou envergonhada e caminhou para ele até se colocar em frente. Limpou os joelhos sujos de terra— Seu ouvido é espetacular.

Ali estava essa mulher, com um rabo alto de amazona e roupa de running de cor negra e muita apertada. Deslizou os olhos por suas pernas e sorriu quando viu os tênis fúcsias. Quem usaria tênis tão estridentes para correr? Só ela.

Ruth apoiou as mãos em seus quadris e desenhou um sorriso de *“me importa uma merda o que aconteceu entre você e eu”*, que o irritou e divertiu em partes iguais. Irritou porque ele não podia tirar da cabeça como fez amor na noite anterior. Não esqueceria jamais. E por outra parte, divertiu porque Ruth o desafiava abertamente e ele queria jogar com ela nesse sentido, o fazia voltar para a vida. Mas não podia.

Caramba, mas que bonita que era. Parecia impossível que alguma vez estivesse feia, nem sequer ao despertar, momento que não compartilharam ainda. Os primeiros raios do sol desenhavam sua bela silhueta e criavam um halo avermelhado ao redor de sua cabeça. Era uma fada.

— Sou meio cão, não é? —encolheu os ombros e levantou um tanto aturdido pela meditação e pela visão daquela fêmea. Seu olhar foi até seu pescoço e viu a dentada que deu durante seu encontro apaixonado no sofá. Não fechou, e era sua obrigação fazê-lo. Um berserker sempre cuida da mulher. Marcou-a de novo, e ainda por cima, não cauterizou a dentada com sua saliva. Tinha a marca arroxeadada e viam as incisões dos dentes. Fez sangrar, e certamente ela se teria dado conta disso ao olhar no espelho, quando fugiu dele a noite anterior. Ele também fugiria de si mesmo se tivesse podido, entretanto, passou toda a noite aguentando, aguentando seu mau humor e sua rudeza, e aguentando também a vontade louca de ir atrás ela de novo e se inundar em seu corpo até o amanhecer. Seguramente que se sentiu horrorizada por seu comportamento, porque ele não se sentia nada orgulhoso com isso. Comportou-se mau.

Ruth pigarreou, incômoda ao ver que ele não afastava seus olhos de seu pescoço.

— Dói? —perguntou Adam com arrependimento.

Ela negou com a cabeça e cruzou os braços, um gesto de proteção. Ardia e formigava, exatamente como a dentada da nádega, mas não era dor o que sentia.

— Espero que não tenha raiva —comentou ela com desenvoltura— Só é uma dentada.

Não. Não só era uma dentada.

— Ruth, ontem à noite eu...

Ela elevou a mão e o parou.

— Não tem que dizer nada mais, Adam. Está tudo muito claro entre você e eu. Cumpriu o trato, ensinou-me o que precisava saber. — Ele a avaliou com um brilho possessivo em seus olhos.

— Se a feri de algum modo, peço desculpas. Me... descontrolei. Estava... aturdido.

Ruth engoliu saliva, mas recuperou rápido a compostura.



— Estou bem.

Ela não acreditava, ele tampouco.

— Gozei dentro de você—disse guturalmente.

Ruth estremeceu ao recordá-lo. Adam era tão direto, tão natural, tão pouco fino.

— Não se preocupe. Está tudo bem.

— De verdade? —havia um tom de dúvida na pergunta.

— Sim.

Adam não pôde se dominar. Necessitou tocá-la, tê-la entre seus braços e beijá-la. Quis saber qual era o sabor de sua língua e de seus lábios. Desejou roçar sua pele com a dela. E o que necessitou, quis e desejou, tomou sem preâmbulos e sem ter em conta se ela ia estar preparada ou não. Eram necessidades primitivas e dominantes. Agora mesmo as sentia, com apenas cheirá-la despertavam, e o faziam suar pelo desejo e a avidez. Apetites que expressavam fisicamente os berserkers só com suas companheiras. E ele já não sabia o que fazer. Se Ruth era sua companheira, ia estar perdido por completo, porque essa garota o fazia sentir pela primeira vez em muito tempo, e ele não queria ser uma boneco em suas mãos como foi seu pai com sua mãe, assim que o melhor era afastá-la. E agora estava completamente afastada dele. Havia um muro invisível entre eles. Deveria estar contente, mas se sentia como uma bituca pisoteada.

Se decidisse ficar com ela, faria tantas coisas... compartilhariam tantas experiências... excitava-se ao pensar em como seria o frenesi berserker com ela em lua cheia. O que faria enquanto se acoplassem em corpo e alma? Gritaria? Incentivaria a que desse mais? Arranharia? Diria que se detivesse? Olharia horrorizada? Teria... asco? Por sorte isso não ia acontecer, porque Ruth e ele já não iriam se deitar mais, a não ser que ela o ordenasse. E era o que merecia, merecia estar nessa situação de total subordinação e submissão com ela. Muita paciência teve essa garota com ele. Mas a humana ignorava o colar, não tirava proveito e isso só podia falar bem de seus princípios e de sua moralidade.

Era fantástica. Fizeram amor. Ruth o montou com decisão e uma entrega total e absoluta, abandonada por completo às suas carícias e a tudo o que ele queria fazer. Confiou nele. Sua suavidade, seu atrevimento e sua decisão o deixaram tão cego que se ancorou a seu corpo com brutalidade e descuido, e o fez para não perder. E depois da intensidade compartilhada a desdenhou sem olhares, uma reação muito covarde por sua parte. Ruth estava pondo em dúvida tudo aquilo que acreditava saber sobre si mesmo.

Aproximou-se dela até quase tocá-la, e levou os dedos à marca que deixou gravada em seu corpo. Ela se repuxou assustada de seu toque e jogou uma olhada ao fogo, as ervas e o tambor. Se Adam se aproximava tanto, como seria forte para ignorá-lo? E que alguém lhe desse uma camiseta, por Deus!

—O que estava fazendo? —perguntou enquanto tomava com decisão o tambor ovalado e tamborilava com seus pequenos dedos. Precisava pôr distância entre eles, simular que não passava nada estranho, que não havia tensão, e que ela não estava magoada nem envergonhada por sua culpa. “Prefere a outra —se obrigou a recordar— Não deixe que a toque, não seja fraca”.

Adam apertou os punhos e aceitou seu distanciamento. A alma de Ruth se balançava seguindo um blues de tristeza e rechaço, e ele podia escutá-la porque agora estavam conectados.



A Caçadora se colocou em seu sistema sanguíneo, ele a meteu ali ao mordê-la e ao compartilhar um pouco de seu chi com ela. Ainda estava surpreso diante de sua falta de controle. Ele decidia quando sua energia fluía ao exterior, quando decidia compartilhá-la, mas com Ruth foi inútil. Estar em seu interior, sentir como o rodeava e acalmava sua ansiedade, perceber seus medos, sua insegurança para o futuro, foi a experiência mais fascinante de toda sua existência. E não podia fazê-lo outra vez porque se poderia converter em um dependente dessa energia, dessa união, e ele não podia depender de ninguém mais que dele mesmo. Não se arriscaria a isso. Assim, no momento em que se deitasse com outra mulher e completasse o ritual de lua cheia, a conexão com Ruth desapareceria, já não estariam vinculados. Faltavam duas noites para isso. Até então não poderia voltar a tocá-la e rezava para que ela não o obrigasse a nada estranho. Embora esse fosse o pacto entre eles, esperava que Ruth se sentisse o suficientemente decepcionada com ele para que não quisesse que a tocasse de novo. Ele era forte e não ia custar afastar-se dela, mas a carne era fraca e se Ruth propunha, seguro que conseguiria que arrancasse a roupa de corrida, porque na realidade não era tão forte diante dela. Obrigando-se a serenar, tomou o tambor de suas mãos, roçando ligeiramente seus dedos. Ambos saltaram diante da sensação elétrica que atravessou sua pele. Sempre acontecia o mesmo. Quando menos o esperavam.

— Meu pai Nimho me ajudou a aperfeiçoar algumas técnicas de adivinhação —explicou acariciando o tambor— O tambor é o instrumento principal do xamã. Este era dele e me deixou como herança.

Ruth estudou o semblante de Adam enquanto esfregava os dedos “eletrocutados” contra a coxa.

— Estava tentando adivinhar algo?

— Tentava fazer que o espírito entrasse em mim para que me desse a informação que necessito. Como noaiti, tenho a obrigação e a capacidade de contatar com os nove mundos. Mas para isso devo deixar que um espírito me escolha e me guie através deles.

—Ah —sorriu interessada— E eu que pensava que era estranha.

— Não posso fazer sempre, nem quando me der vontade —esclareceu— De fato, fazia sete anos que não me encontrava com forças para fazê-lo, e quando o tentava, meu corpo não estava preparado para isso. Não estava equilibrado.

— Equilibrado? —elevou uma sobrancelha.

— A morte de minha irmã afetou a minha energia. Não me sentia capacitado para isso —confessou humildemente— E me sinto como se tivesse fracassado durante sua ausência.

Ruth descruzou os braços. Esse homem padecia uma profunda dor. Tinha muitas cicatrizes por dentro, e muitas responsabilidades para si mesmo e para outros. Sentiu vontade de abraçá-lo e dar consolo.

— Não sei por que explico isto —murmurou incômodo.

—Talvez porque ninguém mais te aguenta. —Adam não se abria. Era como um muro. Ruth exalou e entreabriu os olhos— Se chama falar, Adam. Diálogo, bate-papo, conversa fiada, dar as caras... Dizem que é libertador e que sara nosso espírito.

— Por que se interessa?

“Porque é você. Trata-se de você, estúpido”, pensou, mas respondeu:



— Porque eu gosto de saber a respeito das pessoas que me rodeiam. Ontem fui para cama com você, compartilhamos a máxima intimidade entre duas pessoas. Isso é pior do que conversar comigo? Não pode ser tão difícil.

Adam franziu o cenho. Como “pior”? Acreditava Ruth que o que aconteceu entre eles esteve errado? Que não foi bom?

— Além disso, sua irmã me contou algumas coisas —acrescentou como se aquilo não fosse importante— Embora não ache, sei escutar, Adam.

Não duvidava disso. Ruth se dava às pessoas com abandono e muito pouco egoísmo. Se havia uma pessoa com a quem poderia se abrir, seria ela. Jamais pensou que pudesse precisar falar de sua vida com ninguém, mas pelo visto, essa garota com cara de gata estava convencida de que pôr palavras a tudo o que sentia seria bom para ele.

— Era minha gêmea. Ouviu falar sobre o vínculo entre gêmeos?

— Sim —respondeu ela comovida. Por fim!

— Senti que me extirpavam uma parte de meu corpo quando... quando ela morreu em meus braços. Ter a pessoa que mais ama em suas mãos enquanto a vida dela vai embora é... —negou com a cabeça, ainda querendo eliminar essa imagem de sua mente— Te destrói, Ruth. A dor que senti levou minha capacidade de invocar ao espírito, de predizer. Só o fazia astralmente, e a adivinhação astral não é tão confiável porque às vezes intervêm os preconceitos do xamã onírico. As predições astrais são pouco concisas. Pude cometer um engano terrível com você, Caçadora — reconheceu incômodo— Por culpa de meus preconceitos. Isso me envergonha.

— Todos cometemos enganos, Adam. —Não gostava de vê-lo assim. Afetado— O importante é reconhecer que nos equivocamos, e logo, ter a capacidade de fazer algo para solucioná-lo. Além disso, na noite das fogueiras acertou, e também teve claro que eu mesma ia disparar flechas, aqui mesmo, faz dois dias. Sua irmã disse que tinha um dom muito puro. Acredito que é verdade.

— Mas me equivoquei. Vi coisas em você que não eram reais.

— Fez, xamã — recordou ela— Mas bom, tendo em conta o que escreveu seu pai em suas profecias, era normal que pensasse assim de mim. Se unir isso ao conceito que possa ter de minha pessoa, era normal que me visse como se fosse o maligno.

Adam a contemplou um longo momento. Parecia impossível que, depois de tudo, fosse Ruth quem falasse com ele do acontecido, e o ajudasse a perdoar. Tentou de novo.

— Depois da morte de minha irmã e meu cunhado, fiquei aleijado emocionalmente. Invoquei ao espírito para que me falasse de você, Ruth, e fracassei, não podia encontra-lo. — Esperava algum tipo de recriminação por isso, que ela o denunciasse por sua falta de eficácia e responsabilidade para seu clã, mas em seus olhos dourados não havia repúdio de nenhum tipo. Só compreensão.

— Não teria nada que contar —respondeu ela sem dar importância— Não procure em mim a alguém que o acuse de todos os males do mundo, Adam. Não vou condená-lo. Nerthus me disse que adormeci meus dons e camuflei até agora para que ninguém me perseguisse nem me fizesse mal. O que ia dizer o “espírito”? Assim, já vê, guri, sou muito importante. —E sorriu, abaixando-se para agarrar aquela taça de ritual.



Adam sentiu que algo florescia em seu interior ao vê-la sorrir. Não podia negar. Era uma garota especial e uma peça indispensável para os deuses. Pode que ele não a quisesse como companheira, mas se encarregaria de velar sempre por sua segurança. Quem seria o afortunado que a levaria? Sentiu um nó amargo no estômago ao pensar nisso.

— O que bebe? — perguntou Ruth observando a panela ritual.

— São plantas que abrem o terceiro olho.

— O ânus? — pôs-se a rir — Não sabia que você gostasse disso, xamã. — piscou um olho.

Adam soltou uma gargalhada rouca, e a seguir negou com a cabeça. Quanto fazia que não ria assim? Aquele som surpreendeu a ambos, pelo simples e franco que foi.

— Utilizo para que se abram meus sentidos. — limpou a garganta e se agachou. Cheirou a taça pondo cara de asco — Não cheiram muito bem.

— Certo — Ruth estava tão a vontade que só queria miar e se esfregar contra o chão como uma gata. Não poderiam estar assim sempre? — O que são esses símbolos marrons que há ao redor do tambor?

— São figuras e letras rúnicas. É um mapa.

— Um mapa?

— Sim. Quando o noaiti está em transe entre os mundos, se guia das marcas rúnicas riscadas sobre a pele de rena do tambor. É minha maneira de voltar para a consciência. Monte os símbolos adequados e eles retornam a este plano. Eu não tenho nenhuma perda.

— O que cantava? — Sentia tanta curiosidade pelo mundo de Adam. Queria aprender tudo sobre ele. Meneou a taça e se fixou no movimento do líquido em seu interior.

— O canto *joik*⁵². A percussão do tambor e os mantras repetitivos do joik são indispensáveis em meus rituais. A cadência monótona e repetitiva do canto, ajuda a entrar em transe para abandonar meu corpo e acessar ao mundo em que desejo entrar. Fazia tempo que não o punha em prática. É como cantar à vida. Serve para recordar pessoas, animais ou tempos passados. Através de minha voz e meu canto, eu os invoco.

— É bonito — sussurrou Ruth.

Adam a olhou de esguelha e se ruborizou.

— Preciso entender o que acontece, por isso quis entrar no mundo inferior, para que me dissessem como parar tudo isto, mas não pude. — Afundou os ombros — O espírito não entrou em mim, não me escolheu, mas me disse algo, o eco de sua voz repetia uma frase...

— O que dizia? — Olhou-o com os olhos totalmente abertos e cheios de interesse.

— Não estou seguro. Disse que não estou completo ainda. — Ruth o analisou de cima a baixo.

— Falta algo que eu não saiba?

— Não se referia a isso — respondeu ele sufocando a risada — É algo interno, de dentro. Tenho que averiguar o que é.

Ruth fez um gesto de conformidade.

— Averigua logo, xamã. Precisam de você. — Nunca diria que ela também precisava dele.

⁵² Canto originário Sami que evoca as almas.



Provou um pouco do líquido da taça e o saboreou. Estava asqueroso— Como pode beber isto?

Adam puxou-a das suas mãos e a deixou dentro da panela. Logo, sem prévio aviso, olhou-a com ternura e limpou o canto de seus lábios com os polegares.

— Não beba disso. Você não gostará — murmurou docemente. Ficou estupefato diante daquele ato espontâneo. O que estava fazendo? Repuxou as mãos como se o tivesse queimado e deu a volta para recolher todos os bens.

Ruth tocou os lábios onde ainda sentia a carícia de Adam. Por que ele fazia isso? Queria deixá-la louca?

— Por que hoje, depois de tanto tempo, se sentia com força para voltar a contatar com o espírito? — ajoelhou a seu lado e o ajudou a recolher. Não devia dar importância a esses gestos.

Adam não sabia o que responder. Desconhecia que aquela manhã ia levantar-se com tanta energia e com a segurança de que algo grande aconteceria. Havia algo dentro dele, algo cheio de luz que irradiava de dentro para fora. Sentia-se estranho.

— Não sei. Hoje me sentia com forças e ponto. — respondeu cortante.

— Mas não consegui nada — recordou ela — Talvez necessitasse mais tempo...

— Pode ser que se não tivesse me interrompido...

— Sim, claro, agora a culpa é minha! — levantou furiosa — Se distrai muito rápido, xamã.

— Cheira muito bem — murmurou a contra gosto, levantando-se em toda sua altura. Não permitiria que Ruth pensasse que o incomodava sua presença — A cheirei e retornei.

Ruth parou toda a enxurrada de insultos que tinha na ponta da língua. Ela cheirava bem? Ele sim que cheirava bem. Ontem de noite acreditava que só era hortelã gelada, como um Halls, mas depois de estar com ele descobriu que era gelo doce e preparado para se desfazer com o calor. Hortelã e chocolate de uma vez. After Eight.⁵³

— Você gosta de como cheiro? — perguntou levando a mão ao pescoço e acariciando a marca inconscientemente.

Adam ficou paralisado ao ver como ela esfregava sua dentada. E ao momento, sentiu que a carícia da mão de Ruth se estendia a seu membro. Girou para ocultar sua ereção.

— Sim. — respondeu sincero.

Ruth respirou mais tranquila. Além disso, do diamante de seu umbigo, também gostava de como cheirava. Certo, ia somando pontos.

— Então mudarei o perfume — decidiu sem falar a sério — Não queremos que se apaixone por mim, não, xamã?

Adam a olhou de esguelha. Falava a sério? Sempre cheiraria assim. Era sua essência. E não queria que colocasse perfumes estranhos nem nada parecido... Espera um momento. Não tinha direito a exigir nada. Não era dele.

— Como quiser — disse ele guardando a panela e a bolsa de plantas no orifício da rocha que servia de base do Totem. Ruth se aproximou com a taça e ele a tomou para guardá-la com todo o resto.

— Quando saí para correr pensei que ainda estava dormindo — explicou ela — Nora e Liam

⁵³ Marca de chocolate mentolado.



estão sozinhos na casa. Deveríamos ir para lá.

O berserker se sentiu bem ao ver a autêntica preocupação de Ruth por seus sobrinhos.

— Estão seguros. — aproximou-se dela e a convidou a que caminhasse diante dele— O sistema de segurança é muito confiável. Não entra ninguém que eu não queira. Além disso, acrescentamos umas pequenas modificações. Se alguém quer entrar em menos de um quilômetro de minha casa, e não está inserido no sistema de reconhecimento facial, sofrerá uma boa descarga elétrica. E ficará aturdido o tempo suficiente para que vamos atrás ele. —Aquela garota que caminhava diante dele tinha um traseiro espetacular.

— Incluiu todos nossos amigos? —ela o olhou por cima do ombro.

Adam estava centrado no movimento dessas duas nádegas simétricas e rígidas. Disse “nossos”? Ruth e ele compartilhavam amigos. Compartilhariam sempre a partir de agora.

—Adam, deixa de olhar meu traseiro. —Esquivou o ramo de uma árvore muito baixa e a esticou o suficiente para que ricocheteasse a ele no peito.

— Ouça! —queixou-se divertido— O que quer? Essa calça de atletismo que usa é muito bonita.

Ruth girou os olhos.

— Todos são iguais —murmurou baixo.

Adam levantou o canto de seus lábios e sorriu satisfeito.

—Sim, incluí a todos. Os de presas e os nossos.

—E Gabriel também, não? —girou preocupada— Uma descarga dessas pode matá-lo.

— Sim, ao príncipe também. Fique tranquila. Nunca vai estar mais segura, Ruth. O perigo está fora daqui.

— Obrigada. —Assentiu e seguiu caminhando. Se ele o dizia, acreditaria — Aileen me disse que até sua chegada, nunca atacaram em seu território.

Adam repuxou um ramo para que ela passasse por debaixo e não a incomodasse. Um gesto de cavalheiro.

—Aileen disse a verdade. Wolverhampton estava vetado para lobachos e vampiros. Quando Caleb e Aileen sofrerem a primeira intrusão saímos vitoriosos. Não nos atacaram de novo em nossa casa até há duas noites.

— Mas também saíram vitoriosos —acrescentou ela orgulhosa.

— Porque ninguém contava com você, Caçadora. Foi uma variante espetacular.

— Por que sou uma variante?

— O resultado de uma equação se altera segundo a variante que acrescenta. Strike e Lillian tinham sua própria equação, e um resultado único que favorecia. Mas você apareceu e acrescentou um valor diferente que acabou em outro resultado diferente ao que eles planejaram. O jogo do destino. Capricho dos deuses.

— Ou pura física quântica.

— Pode ser —admitiu, reconhecendo, observando sob outro prisma.

— Nerthus me disse que na realidade, nós modificamos nós o destino com nossas ações, que gozávamos do livre-arbítrio. Suponho que o destino fatídico de que falam também pode modificar com variantes espetaculares, não? Tudo está em movimento, tudo se modifica. A vida tem tanta



flexibilidade como nosso cérebro. E se o destino da terra não acaba como todos predizem? E se o destino também está dotado de flexibilidade? E se o podemos moldar a nosso gosto? E se o *Ragnarök* não chegar?

Adam a estudou detalhadamente. Essa garota não só era um pêssego andante, além disso, era inteligente. Mas tinha que apagar da mente esses ideais românticos. O futuro do Midgard iria se foder se isso dependesse dos erros e decisões que tomavam os humanos, porque o livre arbítrio deu muita margem para fazer o que desse vontade e, infelizmente, equivocaram-se muitas vezes. Havia poucos humanos como Ruth. Valentes, atrevidos e que decidissem agarrar ao touro pelos chifres.

— O destino da terra mudará por completo, Ruth. Só tem que olhar a seu redor. Na terra, em sua realidade, há duas frentes abertas, um que vê e outro que não vê. A primeira é a frente que cria como raça dentro do universo. O ser humano é destrutivo por natureza, um pária, e estão indo de cabeça para converter seu mundo em uma grande nuvem de pó. A segunda frente é o que abre a existência de uns deuses criadores, algo em que acreditam e que acreditam fazê-lo, não entendem o que isso significa realmente. Sou um berserker, um ser que foi moldado nas mãos de um deus chamado Odín. —Abriu os braços e deu uma volta sobre si mesmo— O que acha que significa isto? Desafia todas as leis físicas que assumem como dogmas.

—Minha teoria é: ou destroem vocês ou o farão os deuses —sentenciou sombrio— Se o destino dos deuses chega a seu ocaso real, modificará o curso da humanidade para sempre, e tudo parece indicar que vai ser assim. Afetará ao equilíbrio da terra sim ou sim. Assim no céu como na terra. Assim é acima como é abaixo.

— Um princípio universal. —Entendeu Ruth.

— Sim, senhorita. Um princípio universal. Os sete princípios universais se podem aplicar em seu mundo, todos os podem aplicar ao curso que está tomando a humanidade. Loki jogou com deuses e humanos. Joga com todos. Tem os feito fracos e materialistas, e os rodeou com um mundo onde a evolução se mede segundo as armas e a tecnologia que desenvolvam. A culpa não é só de Loki, é sua, por ter essa natureza ambiciosa e avarenta. Pensam unicamente no dinheiro, no poder e em sua segurança material. Fez acreditar que podem controlar as coisas, que podem manipular o curso da vida, e por isso os tem convertido em monstros. E com sua rebelião não foderam só vocês, mas sim, além disso, pôs em xeque aos deuses. Está se fazendo mais forte. Vampiros, lobachos, espíritos e humanos se atrevem a ficar de seu lado sem nenhum complexo... O *Ragnarök* será maior ou menor dependendo de como estejamos preparados. Uma coisa será consequência da outra. Mas chegará, tenha por certo.

Ruth ouvia a voz de Adam e não podia acreditar. É que esse homem não tinha esperança? Certo, o ser humano fazia as coisas mau, mas nem todos tinham uma venda nos olhos.

— Mas se supõe que estamos aqui para detê-lo, não? Vocês, digo. Acaso não estão aqui para evitar o maldito Apocalipse?

—E em caso de que possamos evitar o ocaso dos deuses, katt, o Apocalipse que menciona —destacou— em caso de que possamos parar Loki, quem salvará do ocaso da humanidade? Quem os salvará de vocês mesmos? O Midgard está em sérios problemas.

Ruth parou e o estudou como se fosse um inseto estranho.



— Seu otimismo é contagioso.

— É muito sarcástica —grunhiu, ele adorando seus seios e suas pernas.

—E você um negativo e um pessimista. Mas não se preocupe, xamã — assentiu decidida, sem deixar de olhar a esplêndida tatuagem que cruzava seu peito direito. Quanto mais olhava o dragão, mais gostava dele— Eu mantereirei a esperança por você. Alguém tem que fazer.

Ruth se colocou a seu lado e caminharam juntos. Caramba, com o lobinho que não tirava os olhos de cima dela, falasse o que falasse. O melhor era se mover. Era isso, ou deixar que a devorasse com os olhos. E ela não era forte para ignorar o calor desse olhar cheio de feitiço. Adam teve vontade de segurá-la pela mão e entrelaçar os dedos com ela. Poder caminhar tranquilos, desfrutando da companhia do bosque e um do outro, seria tão agradável como parecia? Faria-o se sentir bem?

— Eu gosto de preceder às damas, Ruth. Vai diante — soltou ele, incômodo pelos roteiros que tomavam seus pensamentos.

— Mas você e eu sabemos que aqui não há nenhuma dama, verdade? — respondeu sem deixar mostrar como foi vergonhoso para ela esse comentário a noite anterior. Percebeu o sobressalto que deu Adam, pôde dissimular muito bem. Ele iria responder, mas ela não deixou— Conta algo: como o escolheram xamã? Como escolhem entre vocês?

— É uma humana muito curiosa, gatinha.

Ruth não queria que a chamasse assim. O fazia recordar seus corpos suarentos e Adam mantendo-a presa pelo pescoço, com seus brancos e afiados dentes afundados em sua pele, enquanto a penetrava até convertê-la em um pudim.

—Já disse isso. Eu gosto de me inteirar das coisas.

—Já vejo. —Olhou-a com algo parecido ao afeto, e comprovou com orgulho como ela se ruborizava— O dom do noaiti passa de pai para filho. Depois da morte de meu pai, era normal que eu adotasse seu papel.

— E Strike não interveio para pôr em dúvida essa escolha? Ele também era xamã, não?

— É um bruxo, não um xamã. Além disso —acrescentou detendo-se diante de um imenso atoleiro no caminho— desapareceu quando levou minha mãe com ele, e logo nunca soubemos nada mais até agora.

—Ah. —Ruth olhou o atoleiro estupefata— Antes não vim por aqui, este atoleiro é imenso. Não quero sujar os tênis. —Olhou seu calçado com tristeza.

— Não fará. —Sem mais, elevou-a pela cintura e a segurou nos braços como uma criança— Eu me sujarei por você.

— Ui, isso é o mais bonito que me disse desde que nos conhecemos— murmurou Ruth com os olhos fixos nesse queixo obstinado.

Seu corpo entrou em combustão. Adam grunhiu baixinho e a aproximou mais dele. Se Ruth lhe rodeasse a cintura com essas pernas de enfarte, ele poderia arrancar a calça e fazer amor assim, nessa posição. E a voltaria de costas, e a faria ficar de quatro e depois...

— Sabe que quando pensa em sexo seus olhos mudam de cor?— soltou Ruth querendo provocá-lo— ficam vermelhos, como agora. Está pensando em mim, lobinho?

Os lábios de Adam desenharam um sorriso.



— Sabe que é muito bruxa? — obrigou-se a serenar, mas parecia algo impossível com ela em seus braços, falando com ele como se fossem amigos, ou mais que amigos. A noite anterior se deitaram e... tinha que deixar de pensar nisso — Quer que fale do dom do noaiti?

— Claro.

— Pois cale a boquinha, preciosa. — Quando cruzaram o atoleiro se apressou em deixá-la no chão e a convidou a que continuasse caminhando.

— É muito mandão.

— Quando Odín outorgou a *ole* aos einherjars, que eram os guerreiros imortais, concedeu só ao eleito o furor estático e a inspiração de profecia, que é o estado que acompanha à adivinhação e ao contato com os mortos de todas as dimensões. Meu pai, milhares de anos atrás, havia sido humano. Um originário dos samis, sabe quem são?

— Os lapones?

— Não diga isso — brigou — É uma palavra muito pejorativa. Significa “inculto”, “tolo” e outras coisas como por exemplo, “roupa de mendigo”. As pessoas os chamam lapones sem saber que os estão insultando, mas é normal, sabem tão pouco do povo sami.

— Sinto muito, essa palavra está até nos atlas, não sabia que era um insulto.

Agora entendia por que Adam tinha essa pele bronzeada e esses olhos negros e selvagens. O havia visto com o cabelo longo, e poderia ter sido um índio perfeitamente, um arrebatador e que tirava o sentido. Os samis que viviam nas costas árticas escandinavas eram desse estilo, cabelo muito negro e liso, e pele curtida e morena. Olhos escuros como os seus.

— Era o xamã de sua tribo. Os samis, há mais de onze mil anos, eram animistas ou xamanistas, como quiser chamar. Agora, na atualidade, há samis que são até luteranos e alguns, até ortodoxos russos. Entretanto, eu venho dos antigos. Para nós há vida em tudo, nos animais, nas andares, nos elementos... Meu pai conviveu com os vikings normandos que habitavam nas costas bálticas e o mar do Norte. Lutou com eles, lado a lado. Ao morrer na guerra defendendo seu povo, as valkyrias o recolheram e o levaram a *Valhalla*⁵⁴. Quando um guerreiro é recolhido pelas valkyrias, converte-se em guerreiro imortal. Um einherjar. Odín o levou daí como a muitos outros e outorgou o ol, a fúria berserker, e o dom do *Druht*⁵⁵, já que meu pai sabia de adivinhação e profecias. O Iruht é o dom que outorga o estado alterado de consciência, que se necessita para ver o futuro. Quando os berserkers criados pelo Odín descenderam à Terra, era necessário criar um *comitatus*⁵⁶, uma família de honra entre eles, já que não havia vínculos sanguíneos entre os originais, e necessitavam uma estrutura, algo que os identificasse como grupo. O chefe do comitatus era Ás. A votação unânime do comitatus decidiria a escolha do noaiti. Na realidade, não era necessária nenhuma votação, já que Odín foi quem deu o dom a meu pai, mas Strike, que também vinha de uma família de magos e bruxos normanda e ária, exigiu que se celebrassem umas eleições autênticas. A votação foi unânime, menos um que votou em branco.

— Strike, é óbvio.

— É óbvio. Suponho que sempre odiou meu pai, o invejou porque gozava de um respeito

⁵⁴ As terras do Asgard onde residem as valkyrias.

⁵⁵ O dom da profecia que só pode outorgar Odín.

⁵⁶ Nome que dava ao grupo de guerreiros que reconheciam como família, sem laços de sangue.



que ele não tinha. Strike era muito manipulador e necessitava a adoração dos que rodeavam. Um autêntico ególatra.

— Imagino —suspirou.

— Mas se equivocou. Meu pai sempre me dizia que era mais importante ganhar o respeito que a adoração das pessoas. Desse modo, sempre o levam a sério. A adoração pode converter-se em aversão. O respeito, uma vez ganho, é para sempre.

Caminharam em silêncio um lance mais.

— Que mais quer perguntar? Venha, solta. —Adam a olhou entreabrindo os olhos.

— Como morreu seu pai?

Ele ficou perplexo diante da pergunta. Seu pai... Como ia explicar isso? Era tudo tão sombrio e tão deprimente a seu redor quando aconteceu. Fazia cento e cinquenta anos daquilo, e em algumas coisas ainda parecia que tinha sido ontem, porque a dor seguia sendo a mesma.

— Que versão quer? —perguntou com frieza.

— Não entendo.

Adam acelerou o passo. Levantar o assunto o deixava nervoso. Ninguém, nunca, perguntou o que aconteceu. Ninguém jamais soube o que realmente aconteceu. Só Ás e Noah, seus mais próximos. Nem sequer Sonja soube a verdade, porque Adam se encarregou disso. E agora Ruth queria que falasse dele... e ele precisava fazê-lo. Caramba, precisava desafogar.

— Se suicidou.

Ruth parou no caminho de areia e o agarrou pelo antebraço para que ele ficasse com ela.

— Repete.

— O que ouviu, Ruth. Meu pai se entregou de bandeja aos vampiros.

— Como? Por quê? —A revelação a deixou aturdida.

Adam apertou a mandíbula e fechou os olhos para ver se assim as imagens de sua morte desapareciam, mas seguiam aí, gravadas no lóbulo temporário de seu cérebro.

— Quando um berserker se emparelha e sua mulher morre, ou pior, abandona-o, sua energia mingua, fica dividida. Afeta o nosso equilíbrio mental e emocional.

— Suponho que assim é com os humanos. Quando alguém quebra nosso coração, também ficamos necessitados durante um tempo. Algumas vezes nos custa toda uma vida para se recuperar disso, mas o fazemos, ou ao menos tentamos.

— Meu pai não fez. Depois que Lillian o abandonou por Strike e o ridicularizou, converteu-se em um morto andante, Ruth. Deixou de ser ele mesmo. Em seus olhos não havia nem brilho, nem vida, nem... nem amor. Quando minha irmã e eu alcançamos a idade da conversão aos vinte e dois anos, ele tirou um peso de suas costas. Não tinha nada para nos dar, tudo levou Lillian. Envelheceu com rapidez.

— Por que envelheceu?

— Quando um berserker é abandonado por sua mulher, parte da quantidade de sua energia se vai com ela e só pode ser restituída por sua kone. É muito difícil nos abrir a uma companheira nova, a não ser que a anterior que tínhamos tido não fosse realmente nosso reflexo. Nosso



*reflek*⁵⁷.

— Reflexo. —mordeu o lábio sem entender.

— É um dos nomes que damos a nossa mulher. É nosso reflexo. O que somos, nos olhos que nos olhamos. Entende?

— Que terno —murmurou com os olhos brilhantes— Mas Ás perdeu Stephenie e ele agora está com a Maria, e a verdade é que estão excelentes.

—Ás perdeu a vinculação com Stephenie porque se desfez o nó naturalmente quando ela morreu. A morte não é mesma coisa que o abandono. Muitos berserkers morrem com o tempo ao morrer sua companheira. Perdem a vontade de viver. Outros se suicidam. Depende da fortaleza do berserker. Ás é poderoso. Também sofreu muito com a morte de sua mulher e o desaparecimento de Jade, mas aprendeu a superá-lo, e agora se prendeu a Maria. Minha mãe, em troca, continua viva, e meu pai dependia dela para poder se manter em forma porque o vínculo seguia aí, o nó não tinha se desfeito. Não pode enganar ao corpo —remarcou— Lillian se deitava com Strike e ambos trocavam sua energia, assim não a afetou, porque além de continuar sendo imortal, não estava apaixonada por meu pai, ele não era seu mann, seu homem, portanto não doeu em nenhum momento deixá-lo. Meu pai se deitava cada noite com a raiva e o desespero. Envenenou-se e se enfraqueceu.

—Desvinculou-se de nós. Fomos seus filhos, mas meu pai estava vazio aí onde antes transbordava carinho e amor. A mentira de minha mãe o arrebatou tudo. Converteu-se em um homem sombrio, sem esperanças, frio na luta e misericórdia. Ás, que era seu melhor amigo, às vezes tinha dificuldades para detê-lo nas brigas. Matava a tudo o que se cruzava em seu caminho, e às vezes não fazia diferença. Se fosse um vampiro cortava sua cabeça, se fosse um lobacho o torturava e o queimava até morrer, e se era um humano e ele esse dia não tinha muita paciência, pois também o tirava do seu caminho. Já não queria viver. —Os olhos de Adam se umedeceram, mas repuxou o rosto para que Ruth não o visse nesse estado de vulnerabilidade— Uma noite, Ás, Noah, meu pai e eu saímos para patrulhar pela área que agora é Segdley. De repente, nas cercanias, cheiramos a um grupo de vampiros, e seguimos seu rastro até chegar a uma rua sem saída. Estavam atacando a um grupo de mulheres. As iriam destroçar. Sabe quem era uma das mulheres?

— Não.

— Stephanie. Aí se conheceram ela e Ás.

—Vá...

— Meu pai foi para eles, Ruth. Como um louco descontrolado, que era no que se converteu. Puxou seu *oks*⁵⁸ e correu para sua morte gritando como um energúmeno, sem intenção de se defender, sem ânimos de lutar. Entregou-se a eles e cortaram sua cabeça, assim sem mais. Não nos deu tempo de detê-lo. Surpreendeu a todos. Lembro-me desse momento, entretanto, não recordo o que aconteceu depois. Ás e Noah me explicaram que entrei em cólera, e que matei com minhas mãos os oito lobachos que o mataram. E depois paralisei.

⁵⁷ Reflexo em norueguês.

⁵⁸ Machado em norueguês.



Ruth estava horrorizada de ouvir a história que contava Adam. Seu pai se matou porque não superou o que Lillian fez? Começava a entender um pouco a Adam. Suas reservas e suas dúvidas, sua desconfiança, tudo aquilo no que ele já não acreditava. Havia uma razão de peso para ser como era, mas, era motivo suficiente para se fechar ao mundo e se negar uma vida em que pudesse ser feliz?

— Um ano antes de morrer, meu pai me disse que Loki o estava tentando. Falava em sonhos, e não se via com forças de lutar contra ele, de negá-lo. Estava tão abatido... Foi então quando escreveu as profecias. A de sua morte e a de seus filhos.

— É terrível, Adam. Sinto de verdade o que aconteceu com seu pai. — Tentou se aproximar dele para dar apoio, mas Adam se afastou, não estava disposto a receber seu consolo. Ruth apertou os punhos. Cada vez que ela se aproximava, ele a rechaçava— E você quer ser como ele?

— Como diz?

— Que se quer ser como seu pai —grunhiu — Viver ofuscado, sem permitir a vida que necessita, sem que entre um raio de felicidade em sua casa. Vendo tudo tão negro como no final estava o coração de Nimho. Isso é o que quer? As profecias de seu pai são deprimentes, falam de ira e destruição. Não há possibilidade de salvação em nenhuma delas, porque ele já havia se negado a ela. São fatalistas. Ele estava perdido.

— Não sabe do que fala. —Acelerou o passo e a deixou atrás. Não queria escutá-la— Não contei nada disto para que me dê um sermão, Caçadora.

— Ah, não? —Ela corria atrás dele. Como sempre, ele fugia e ela o perseguia. Sentia-se patética— Não estou lhe dando um sermão, xamã. É uma observação. Está cheio de pessimismo, e carrega sozinho o peso de muitas responsabilidades. Tem sob sua responsabilidade dois meninos pequenos que não são seus filhos, é o xamã do clã e sempre deve estar a ponto e preparado para receber ao espírito, culpa-se pela morte de sua irmã e ainda por cima prestou-se a ser meu escravo se para redimir. Quer que o façam santo? Adam, o mártir? É isso que quer? Quando fará algo por você? Quando deixará que outros façam algo por você? Quando começará a viver?

Adam parou em seco, girou, e Ruth se chocou contra seu peito. Segurou-a pela parte superior dos braços sem muita ternura e a olhou fixamente nos olhos.

— Não necessito nada do que me diz, Ruth. Tenho tudo o que quero. Tenho um posto de honra no clã, uns sobrinhos que me amam e me adoram, a lembrança de Sonja que era uma mulher maravilhosa, e as lições de meu pai que são autênticas e estão apoiadas na experiência.

— Experiências dele, não as suas.

— Cale-se.

— Diz que tem tudo o que quer, mas não tem tudo o que necessita. Vejo, Adam. Vejo em seus olhos. Pode ser que nos conheçamos há muito pouco tempo, mas a qualidade desse tempo foi brutal, vi coisas boas e más, e sei coisas de você que outros não sabem. Está ocultando, esconde.

— E que merda necessito?

Ruth queria responder, mas não se atreveu. Mordeu a língua. Adam a sacudiu e voltou a perguntar:

—Vamos, não pare agora, Ruth. O que necessito?



Ruth o olhou nos olhos. Esses olhos negros que refletiam tortura e pediam que o amassem. Uns olhos aos que, pelo visto, ele não prestava atenção quando se olhava no espelho.

— Se você não sabe é porque está cego, eu...

— De você? Vem de você o que preciso, Ruth? Sempre vem tudo de você? —voltou a sacudi-la— Acredita que preciso de você? Acha que pode me dar algo que eu preciso? Eu também sei o que quer, Caçadora. É transparente e o que me dizem seus olhos é que...

— Não me encha o saco, Adam. —Tentou se soltar— Eu só...

— Sei o que acontece. Ataca porque está zangada sobre ontem. Vamos ver se deixamos as coisas claras de uma puta vez. O que necessito de você é isto. —Deslizou as mãos por suas costas e as baixou até agarrar seu traseiro. Ruth se queixou porque estava convencida de que tinha o traseiro arroxado pelo modo de agarrá-la na noite anterior— Ontem o tive. Como disse, tenho o que quero. E não quero mais que isto.

Ruth tentou escapar dele. Adam estava zangado e ela sabia o motivo. Tocou um ponto sensível, algo que pelo visto ninguém fazia, mas isso não lhe dava o direito de tratá-la com desprezo.

— Por que me fala assim? —Tentou empurrar seus ombros, mas ele não a deixou que se soltasse. Elevou-a do chão, agarrada como a tinha, e Ruth gritou da raiva— Para, Adam!

Adam parou imediatamente e a olhou furioso. Ruth não tocava com os pés no chão.

— O colar deu um poder fictício. Não me ordene que me cale e me deixe dizer o que na verdade penso. —Seus olhos estavam amarelos.

— Não abusei do colar. Nunca o fiz, embora merecesse isso mais de uma vez — recordou ela preparada para ouvir o que ele tivesse que dizer. Preparada para receber o golpe— Estou escutando, solta rápido.

— É sexo, Ruth. Sei o que quer, sei como me olha. Conheço. Permanecerá comigo enquanto usar o colar, e nos deitaremos as vezes que você quiser, porque a verdade é que é genial na cama e não posso resistir a você. Mas não a necessito, de acordo? Liam, Nora e eu estamos bem sozinhos, e em caso de que queira a alguém em minha casa e em minha vida, não pode ser você. —Quando viu que a luz dos olhos de Ruth se apagava, sentiu uma dor física no coração, uma pontada malvada que fez que lhe tremessem os joelhos, mas o aguentou com estoicismo— Não é minha companheira, não encaixa em minha vida. Não sabe lutar, não sabe brigar nem, pode lutar com alguém como eu. Não pode se responsabilizar sobre as crianças, não das minhas. Necessitam outro tipo de companhia. Proteção. Você a ofertará? Se até faz três noites não sabia nem quem era...

— Serei imortal, imbecil. Sou a Caçadora. —Levantou o queixo, mantendo o orgulho que Adam queria arrancar com suas palavras. Encheram-lhe os olhos de lágrimas sem derramar— aprendi muitas coisas com você, não precisa que me recorde isso. Sei que não sou sua companheira, senão nunca me trataria assim. Tampouco sou sua amiga. Um amigo se interessa pela vida do outro. Ainda espero que me faça uma só pergunta sobre mim. E hoje, agora mesmo, deixo de ser sua ama. —Levou as mãos ao fechamento do colar diante do olhar desconfiado de Adam. Fez com agilidade.

— Que merda faz, Ruth? —grunhiu desconcertado.



—Já disse ontem de noite que tenho claro qual é meu papel, aprendi a lição, não? Eu ia fazer isso de todas as maneiras, mas queria que os meninos estivessem presentes. —Elevou as mãos e Adam repuxou o rosto pensando que lhe daria uma bofetada. Isso indignou mais Ruth— Mas como sempre com você, tudo vai para trás. E posso cuidar dos meninos. Os pequenos não necessitam proteção física, só a verdadeira proteção que dá o carinho. E tampouco espero que case comigo só porque transamos, idiota presunçoso. É óbvio que não me conhece. —Ato seguido, o colar se abriu sem nenhum esforço— Como não sou nem sua companheira, nem sua amiga, nem sua ama, tampouco serei sua puta. Não quero ser nada seu, já tive suficiente. Tenho mais respeito.

Adam abriu os olhos e as palavras ficaram obstruídas na garganta. Ruth olhou o colar que agora jazia em suas mãos e o lançou ao chão porque estava queimando suas mãos. O hall stand vibrou e iluminou para, depois, desaparecer diante da estupefação dos dois.

— Me desça —ordenou ela, afetada pelas palavras que dedicou o berserker— Desça-me agora mesmo, Adam! —tremeu-lhe a voz— E tire suas mãos de cima de mim.

Adam não podia acreditar o que aconteceu. Desceu-a ao chão e a soltou. O tinha libertado? Não era possível.

—Acabou o pacto. Suponho que está contente. —Observou seu pescoço. A tatuagem de letras rúnicas desapareceram e sentiu uma profunda tristeza ao ver que se desvaneceram de sua pele como se nunca tivesse existido.

Adam observava o lugar aonde caiu o colar. Era livre. Livre de Ruth. Já podia...

— Sua obrigação comigo acaba aqui. O pacto que tínhamos você e eu, também. Ontem de noite aprendi o que precisava saber. —Olhou com os olhos cheios de lágrimas— Tomara que encontre o que seja que está procurando. Todos merecemos ter a possibilidade de ser felizes. Tenha essa possibilidade, xamã, não pelos meninos, mas sim por você. E pela garota que escolheu. Margött, não?—limpou as lágrimas de um tapa— Não é ela a que quer?

Adam focalizou toda sua atenção na jovem de cabelo vermelho e aspecto indefeso que tinha em frente. Ruth tirou o colar. Já não precisava pagar com nada, em caso de que tivesse pagado algo —que o duvidava— por estar nessa situação com ela. Saberria ela o que significava liberá-lo? O que isso implicava? Aquilo o humilhava. Esforçou-se para que saísse a voz.

— Não precisava que...

— Não, não precisa nada mais. Já está tudo dito. —Olhou desorientada a seu redor— Seguirei correndo, se não se importar.

Adam não se encontrava bem. Algo acontecia em seu interior. Como se um muro tivesse se quebrado e de repente tivesse a capacidade de sentir muito mais que antes. Já não era escravo dessa mulher, já não era nada de... ela. Escutou um grito interno de recriminação e de represália, um que vinha do instinto, mas o sossegou.

— Onde... onde está meu iPod? —buscou nervosa e desesperada pelo chão— Não posso correr sem música, eu não posso... —soltou um soluço e esfregou as mãos pelos olhos— Não importa.

Como Adam não respondia, nem a ajudava para procurá-lo, assentiu com a cabeça e passou correndo por seu lado, mas parou ao ouvir a pergunta de Adam:

— Por quê?



— Por que o que?

— Por que me libertou depois de tudo o que disse? Depois de como a tratei?

— Precisamente por tudo o que me disse, Adam. Seu pai o ensinou que é melhor o respeito que a adoração das pessoas. Não tenho nenhuma das duas coisas a seus olhos. Como não vai perguntar isso por que não acredito que importe, direi o que aprendi com meus pais; a dor é inevitável, mas o sofrimento é opcional.

Depois disso, Ruth arrancou a correr com o amor próprio pelos chãos e o coração definitivamente em estado crítico. Como ia se recuperar disso? E por que se sentia como se todo seu mundo se foi à deriva?

Enquanto isso, Adam divisou no chão lamacento um auricular branco em pedaços. Pisou nele enquanto elevava Ruth do chão. Caiu quando lutaram. Estava todo manchado de barro e a parte do reproduzidor vermelho se partiu. Acariciou-o como se a cada passada de seu dedo polegar pudesse reparar a rachadura do vidro. Como se pudesse reparar o dano que fez a Ruth. Deixou-se cair de joelhos no chão, e permitiu que esse sentimento errôneo de querer fazê-la retornar o invadisse por completo.

— Estou perdido? Perdido como meu pai? — sussurrou, agachando a cabeça e afundando os ombros.

Assim, é disso que se trata?

Levantou a cabeça e olhou à frente. Sua irmã o olhava com desaprovação e compaixão em seus negros olhos. Seu cabelo loiro estava reluzente. Podia vê-la. Podia vê-la sem necessidade de que Ruth estivesse em contato com ele. Como era possível?

— Sonja? Posso vê-la — comentou assombrado.

— Bom para você. Estou decepcionada com você, Adam. Disso se trata?

— De que fala? — genial, agora recebia uma das reprimendas históricas de Sonja.

— De que tem medo — recriminou.

— Não tenho medo — respondeu terminante com o iPod ainda nas mãos.

— Engane a outro, querido. A mim não. Sou sua irmã gêmea. Acha que porque não tenho corpo físico, não tenho a capacidade de sentir?

Adam se levantou furioso e olhou ao espectro diretamente nos olhos. Esse rosto intimidaria a qualquer um, mas sua irmã se limitou a girar os olhos.

— Não me dá medo, irmãozinho. É um galinha.

— Cadela.

— Claro, o que você disser. É que não vai atrás dela? — perguntou exasperada.

Adam afastou o olhar.

— Por quê? As coisas são assim, Sonja. Estou evitando uma dor maior. Hoje verei Margött e nos emparelharemos oficialmente. Se Ruth, incompreensivelmente, sente algo por mim...

— Se Ruth sentir algo por você, diz? Em condicional? O libertou do hallsbänd, pedaço de estúpido. O colar se abre quando há um perdão autêntico e uma vinculação entre a barnepike e o slave. O amor. Diz algo disso? Homens! — levantou os braços e olhou ao céu — São toupeiras sobre duas patas. Ruth sente algo por você, mas, como nunca o sentiu, está confusa e assustada. É igualmente cabeçuda como você e tampouco quer reconhecer, embora ao menos ela é mais



sensata e admite que se importa e que é fraca com você.

— Deve ser um engano... — murmurou Adam olhando à frente.

— Me escute, porque só vou repetir isso uma vez. Não pode escolher outra mulher quando faz um momento estava com alguém que poderia ser sua kone, Adam. É um ultraje. É que está cego? Vai pisar nesse presente que dão as nornas?

— Ela não é minha kone!

— Segue negando isso irmão, e melhor, no final, até acha isso. — Sorriu dele.

Adam esfregou a cabeça raspada com as mãos.

— Não quero ver que escolha errado, Adam. — Sonja se aproximou dele e pôs uma mão imaterial sobre seu ombro — Merece algo bom. Pensa bem o que vai fazer e como vai agir a partir de agora, porque essa garota que se foi correndo de seu lado já não quer saber mais de você. Afugentou-a.

Essas palavras foram como punhaladas em seu coração.

— Como sabe?

— Sou mulher, eu faria o mesmo. — encolheu os ombros — Quanta paciência acha que podemos ter? A dentada que exhibe é sua? — Ele abaixou a cabeça envergonhado. Sua irmã era pior que a KGB.

— É um hipócrita. — deu a volta e cruzou os braços, zangada, irritada com o comportamento de seu gêmeo — Não é sua mulher e a marca assim? Não tem direito a fazer isso se logo não vai reclamá-la. Não está bem.

— Maldição! Já sei! — Adam explodiu. Era muita pressão, muitas surpresas e uma coisa vinha atrás da outra quando estava com Ruth. E agora que o libertou, agora que ela já não queria ter nada a ver com ele, agora, sentia um vazio no estômago, incômodo e doloroso.

— De todos os modos, acredito que é o melhor para ela — comentou sua irmã olhando as unhas — É minha heroína, e não quero que acabe com alguém tão sombrio, pessimista e ceguinho como você. Encontrará outro.

Adam grunhiu e quis alcançar Sonja com as mãos, mas ela desapareceu e apareceu de novo atrás dele com um sorriso de orelha a orelha.

— Sou um espírito — pôs-se a rir — Não pode me tocar se não estiver em contato com a Caçadora. E não está em contato com ela, verdade? Não. Tratou-a como um pedaço de carne com olhos. Sabe algo dela? Sabe quem é? O que gosta? O que não? Sua cor favorita? Sua canção predileta? É normal que não queira saber nada de você.

Não havia modo de se sentir pior. Alguma vez demonstrou tanta falta de interesse para alguém? Jamais. Ruth o assustava. Era verdade. Não queria se envolver mais com ela. Não queria ficar cativado e isso seria o que ia acontecer se continuassem se conhecendo, porque, até agora, tudo o que aprendeu a seu lado, o fez cair um pouco mais em suas redes.

E a maldita verdade era que gostava muitíssimo. Transformava em algo diferente ao que estava acostumado a ser. Arrancava sorrisos e vontade de ser um cavalheiro, embora logo, na realidade, se comportasse como um homem arrogante e duro só para manter as distâncias emocionais. Emoções. Quando despertou?

— Papai e Lillian não estavam predestinados. Vincularam-se porque acreditaram que era o



momento. —Sonja queria fazer seu irmão ser razoável a todo custo— A libertina de nossa mãe acreditava só no poder, nas aparências. Pensou que papai recebendo o título a faria feliz. Mas tinha um tic nervoso entre as pernas, verdade? Sempre quis mais do que tinha. —Formou dois punhos com as mãos— E essa é nossa história. Crescemos com uns pais que não se amavam. Milhões de humanos vivem com esse drama, mas a maioria sobrevive a isso e se tornam melhores.

— Não sei por que me diz isto.

—Adam, abre os olhos. Olha nosso clã. É muito difícil encontrar nosso verdadeiro companheiro entre nós, e não podemos esperar os filhos de nossos companheiros e fazer casamentos de conveniência como até agora. Queremos algo mais, Adam. A necessidade de amar loucamente a alguém não é exclusiva dos sonhos dos humanos, é uma necessidade universal. A maioria dos humanos, além disso, não respeitam seus companheiros, procuram esse amor louco e possessivo, mas logo o adulteram. Estar com você não será fácil para Ruth, mas e o que? Nos entregamos de corpo e alma, Adam. Para sempre. Além disso, nos relacionamos muito pouco com esta raça e não nos demos a oportunidade de procurar o verdadeiro amor entre eles. E se Ruth for sua verdadeira companheira? E se for “ela”?

— Não quero me equivocar, Sonja. Liam e Nora...

— Liam e Nora estarão felizes enquanto você estiver com eles. Margött é uma mulher respeitada, mas nunca houve nada entre vocês. Não force.

— Essa decisão tomarei eu.

— Sem dúvida. Mas não coloque meus filhos nisto, ouviu? —O rosto de Sonja refletia um traço sério e poderoso— Se um dia for infeliz e desventurado como foi papai, não quero que os culpe. Para que Liam e Nora cresçam alegres e seguros necessitam a seu tio feliz e agradecido com a vida. É o único que necessitam.

— Não o faria jamais —respondeu indignado— Nunca os culparia se...

— Isso espero — cortou ela— Agora que ainda estou aqui, e que pode me ver, quero deixar isso claro e dar um último conselho de irmã. Fica pouco tempo aqui. Lutei até o final, passo muitos anos perdida em um mundo de sombras e invisibilidade. E quero ir para casa. Minha energia se desvanece, Adam. Parece que agora, depois de ter feito meu trabalho e depois de ver e tocá-lo pela última vez, meu espírito, minha essência, quer deixar este plano. Não sei quanto tempo tenho até que vá. Espero que, até então, a Caçadora tenha vencido Lillian —disse com esperança— E assim, poderei ir com meu marido.

— Por que posso vê-la, ainda? —Era uma maravilha estar em frente a Sonja de novo, embora o deixasse nervoso.

— É outro dos muitos presentes que lhe deu a Caçadora. Suponho que ao deitar com ela e ao trocar o chi, ela também trocou sua energia com você. Ofereceu seus dons para compartilhá-los com você. Igual a você entregou sua energia.

Fantástico. Simplesmente fantástico. Ruth entregava coisas de incalculável valor e ele continuava não valorizando-a. Podia ser mais estúpido?

— Tem que reler as profecias de papai. Há uma segunda leitura nelas. Você disse ontem à noite. Estava perdido na escuridão e o que via e interpretava se tingia de trevas e se salpicava de sua própria dor. Leia, por favor. Fará?



Adam assentiu e suspirou cansado.

— Algum conselho mais?

— Só acontece uma vez, Adam.

— O que? —perguntou aturdido.

— O amor — disse com ternura— É um trem de uma só viagem. Pode se conformar com trens de cercanias se quiser, mas não o levarão aonde realmente quer ir.

— Aonde acha que quero ir? —perguntou a contra gosto.

—Para casa. Todos queremos ir para casa. Eu encontrei minha casa em meu companheiro, era meu e por isso não posso ir daqui sem ele. Por isso continuo aqui. Se deixar essa garota ir, oxalá me equivoque, nunca poderá voltar para casa. E se houver uma pessoa no mundo que merece a aparência e o calor de um lar, esse é você.

CAPÍTULO 19

Quando Adam recebia um castigo, não gostava do gosto amargo que ficava na língua. As emoções mudam a água do corpo, e a língua recebe o sabor da saliva, daí que Adam tivesse essa sensação na boca. Aquela era uma das primeiras lições que ensinavam aos pequenos berserkers. Saborear e cheirar as emoções. Entretanto, seu novo estado de ânimo também tinha conotações agrídoces. Foi sua irmã quem deu o conselho, uma irmã que fazia sete anos que não via, a irmã que sempre levaria no coração. A vida deu uma oportunidade para se despedir dela e talvez para se reconciliar com ele mesmo. E Ruth... essa garota compartilhou seu dom com ele.

Sonja teria razão? Tinha acertado sobre Ruth? Quanto tempo passava negando a felicidade? Quando começou a azedar? O problema é que não recordava a si mesmo divertido de verdade. Não tinha lembranças dele fazendo loucuras, só se visualizava mantendo sempre a compostura e se fazendo responsável por todos e de tudo, inclusive das mortes que se produziram a seu redor. Ofuscou-se durante esse tempo?

Enquanto esperava na sala por Liam e Nora para levá-los à escola, meditava sobre as palavras das duas mulheres que, nesse momento, estavam intervindo em sua vida. Uma estava decepcionada com ele porque se anulou por completo, a outra porque teve um comportamento nefasto com ela. Uma já morreu, a outra seguia viva, mas já não queria saber nada dele. Que Ruth falasse ou sequer o olhasse era um milagre, e, entretanto a Caçadora perguntou se necessitava ajuda com os pequenos ou se queria que ela os levasse ao colégio.

— Posso leva-los, se preferir—sugeriu ao chegar da corrida— Vamos ao mesmo lugar, e hoje vou dar aula, assim...

—Eu os levarei, obrigado. —Foi sua resposta.

— Como quiser. —A garota encolheu os ombros e subiu para tomar banho.

E Adam estava agora desejando segui-la correndo escada acima, entrar em seu quarto e entrar na ducha com ela. Se fizesse isso, Ruth daria um chute espetacular no seu traseiro.

Estava muito irritado consigo mesmo. Estava tão bravo em se afastar dela e fez tão bem que agora a distância era quase insuportável.

—Adam. —Ruth o chamou enquanto descia a escada. Já tomou banho e secou o cabelo.



Trocou-se e voltava a estar gostosa. De onde tirava esses trapinhos tão sexy? Usava uma minissaia, muito curta e descosturada pelas costuras, uma camiseta ajustada com motivos muito chamativos da Custo Barcelona⁵⁹, que se amarrava no pescoço, um lenço de lentejoulas negras que cobria a garganta e uns sapatos de tiras negras, abertos pela frente e por atrás e que se atavam à panturrilha. A sola de cortiça tinha um pouco de plataforma, e a deixava mais alta e de pernas intermináveis— Recebeu a mensagem? —mostrou seu iPhone.

Sim que recebeu. Essa mesma noite, Ás havia convocado a todos no Dogstar, um local de vida noturna no Brixton. Pelo visto, tinha que comunicar qual era o plano de ação a empreender contra a nova rebelião que vinha em cima.

— Sim —respondeu olhando-a fixamente.

— Vai?

Não havia nada que o afetasse mais que a indiferença dessa mulher. Não gritava, não afastava o rosto, não batia, nem sequer o insultava. Humilhou-a de novo com seu tratamento no bosque e ela estava aí plantada diante dele, bonita como a namorada do demônio, demonstrando que não importava o que ele pensasse dela. Que garota mais fascinante.

— Sim. Encontrarei alguém para cuidar dos pequenos. — Ruth assentiu pensativa.

— Sabe o que? Acredito que as sacerdotisas fariam um bom trabalho com eles. O outro dia, quando estiveram juntos na casa de Ás, divertiram-se muito.

— As três anciãs? —arqueou as sobrancelhas, incrédulo.

— Sim, as que são um cruzamento entre as garotas de ouro e Gandalf. — Adam soltou uma gargalhada e logo outra, até que colocou as mãos no abdômen de tanto rir.

— Não ria delas. —Ruth sorria e negava com a cabeça. Era tão impressionante quando Adam se soltava.

— Eu? Foi você que fez que eu perdesse o respeito por elas. — limpou as lágrimas dos olhos.

— Têm poderes. Podem se encarregar deles. Além disso, eu as vi encantadas com os gêmeos.

— É que meu gêmeos são um encanto.

— Sim, menos mal que parecem com sua irmã. A natureza é sábia — girou os olhos.

Ruth ia deixá-lo louco com essa pose de suficiência que tentava aparentar com ele. Cheirava a dor e o estava machucando.

— Eu ia deixá-los na casa-escola com Mär... —interrompeu-se ao dar conta de que nomeá-la diante de Ruth estava mal— Sempre os deixei ali quando me encontrei neste tipo de situações.

Ruth engoliu a amargura.

— Como você quiser. São seus sobrinhos.

— Sim. Está bem? —terminou perguntando.

— Perfeitamente. —Franziu o cenho— E você?

Queria dizer que não. De maneira nenhuma ia estar bem, se ela nem sequer o olhava.

— Genial. — Grande falso.

— Por certo —soltou como se tivesse esquecido— pensei em ir embora amanhã daqui.

⁵⁹ Marca de roupa.



O coração deixou de pulsar por uns segundos. Ia? Alarmado, deu um passo cauteloso para ela. Não, não. Ela não podia deixá-lo.

— Por quê?

Ruth desenhou um sorriso tenso e fingido.

— Porque não há razão para que esteja ocupando um quarto em sua casa se já tenho o meu.

— Está sob minha proteção.

— Em Notting Hill também me protegem. Caleb me vigiará. Tenho a muitos vigilantes ao redor. Mais que aqui —particularizou ela— Acredito que Liam e Nora necessitam mais segurança que eu —sussurrou para que os pequenos não a ouvissem— E você não pode se dividir entre minha segurança e a deles.

— Mas...

— Deixa de fingir que se importa —o cortou sem interesse algum no que ele pudesse argumentar— Recupera a vida que tinha, Adam. Libertei-o do pacto. Terminou.

— Tio Adam?

Ali estavam os dois seres diminutos que roubaram o coração de Ruth. Olhou e sentiu que se desfazia por eles.

Ruth ensinou a Nora a não se pintar, porque era muito pequena ainda. Colocou cacau nos lábios e blush, e com esse vestido branco com margaridas nas alças e suas sapatilhas combinando parecia uma bonequinha. Olhou Ruth e sorriu, mostrando orgulhosa seu dente banguela e seu cabelo loiro solto.

Liam era um menino tão bonito e exótico que era impossível não olhá-lo, como seu tio. Segurava a mão da sua irmã e sempre, sempre, adiantava-se dois centímetros pela frente dela para marcar território, para protegê-la de qualquer coisa que pudesse acontecer. Ambos estavam cheios de bondade, e despertavam em Ruth a necessidade de cuidar e o instinto de amá-los incondicionalmente. Enfim, já os amava com todo seu coração.

— Vem conosco? —perguntou Nora esperançosa.

— Não... não posso, querida.

Os olhos de Nora se encheram de inquietação.

— Nora, céu. —Ruth se aproximou e agachou para falar com ela, segurando-a pelas mãos com doçura— Recorda o que falamos antes? —Enquanto Liam estava com Adam, ela a ajudou a escolher a roupa e a penteá-la, e enquanto isso falaram de muitas coisas.

— Sim.

— Fará?

— Sim — escapou a risada.

Ruth a abraçou com força.

—Eu vou. Tenho que preparar o que vamos fazer hoje na aula, e além disso... —seu telefone vibrou e olhou a tela. A alegria encheu seu rosto—Nos vemos depois, certo? —Beijou os gêmeos na bochecha e se despediu de Adam com um gesto impessoal enquanto atendia ao telefone— Olá, loiro!... Esta noite?... Claro que sim!... nos vemos lá. —soltou uma beijoca, rindo— É um saído...

— Não nos espera? —Liam puxou a mão de seu tio, que estava absorto na conversa de Ruth.

— Não. —Seguiu-a com os olhos até que cruzou a porta da entrada de sua casa. Quando a



porta se fechou, acreditou sentir como um punho se afundava em seu estômago. Com quem falava Ruth? O que aconteceu ali? E subitamente, sem avisar, a solidão e a tristeza sobrecarregaram sua alma. Queria que retornasse e que se metesse no carro com ele, a seu lado. Ele a levaria a escola e logo pediria que o acompanhasse essa noite para se desculpar por tudo. E se Ruth o rechaçasse, coisa provável, iria diretamente visitar Gabriel. Porque Gabriel era seu melhor amigo, algo que ele não seria na sua vida se continuasse se comportando como um estúpido. Aileen certamente o mataria quando Ruth contasse o que aconteceu. E Gabriel, embora só fosse pelo fato de ser homem como ele, compadeceria, e se tinha bom coração, o ajudaria para tirá-lo da fossa na que ele sozinho se colocou. A decisão estava tomada. Só tinha que agir com o instinto e se encontrar de noite com Ruth. Arrastaria-a pelo chão se fosse necessário, porque odiava sentir que ela não se importava com ele, que não queria nem sua segurança nem sua companhia. Precisou que Sonja retornasse de entre os mortos para que ele se desse conta de que tinha medo. E o pior era que tinha que experimentar o amargo gole de ver como Ruth se afastava definitivamente dele para entender o muito que a necessitava.

Aileen entrou na sala de aula para saudar Ruth que chegou duas horas antes de começar sua aula, mas parou na soleira da entrada. Sua amiga estava sentada diante de seu computador, cansada e desalinhada, com o olhar perdido e os braços lânguidos e caídos. O que passava?

— Ruth?

Ruth não respondeu. Fechou os olhos como se o que fosse que visse no computador a ferisse de algum jeito.

— Ruth? —repetiu.

— Acredita que sou incapaz de cuidar de umas crianças? —Levantou os olhos para ela e viu como Aileen estremecia.

— Disse isso? Ele? —grunhiu e correu a sentar a seu lado.

— Acredita, entre outras coisas, que não posso me encarregar de Nora e Liam. Não me acha responsável. Não acredita que tenha meu lado maternal e protetor desenvolvido.

— Cretino. Cortarei suas bolas, juro que...

— Tem razão? —a olhou desesperada, procurando consolo nos olhos lilás de sua amiga, rastreando a aparição da dúvida ou a vacilação em sua resposta.

— Não! Claro que não! Não a conhece, Ruth, e ainda por cima é idiota. Se não soubesse lidar com crianças não estaria me ajudando. Eles a adoram. Quando disse isso?

— Esta mesma manhã. Foi o último dos milhares de galanteios que me dedicou estes dias — respondeu abatida, desligando a tela do computador.

— Vai se arrepender.

— Asseguro que sim. Se acredita que pode tratar-me assim depois de deitar comigo pela segunda vez...

— Alto! —rugiu Aileen com os olhos como pratos— Tem que me explicar muitas coisas e estes dias não tivemos tempo para conversar.

— Não tem importância, Aileen. Milhões de homens e mulheres têm relações sexuais a cada hora. O que ele e eu fizemos não tem nada de especial.



— Tem Ruth. Você é minha melhor amiga e ele é um berserker enorme e com temperamento ruim. Foi tudo... bem? Encontra-se bem? —seu bonito rosto a estudou, preocupada.

— Pareço mal. —Apoiou os cotovelos sobre a mesa e cobriu o rosto com as mãos— Tenho hematomas em áreas do corpo que não sabia nem que existiam. E olha. —puxou o lenço do pescoço e assinalou a dentada de Adam— Me faz isto e logo vai e me diz que não sou o que quer. —O temperamento de Ruth tinha um limite e começava a transbordá-lo.

— Grande animal. Colocou maquiagem e se cobriu com um lenço que, por certo, é bonito... —observou a fabricação do tecido e pigarreou— Vamos lá. Está jogando na cara de um berserker que não quer levar sua marca.

— Tenho outra dentada no traseiro, Aileen! —explodiu indignada— O que importa que me cubra o pescoço se resultar que toda eu sou um mapa andante por sua culpa?! E depois de me manusear por todos os lados, atreve-se a me dizer que não o interessa nada mais de mim. Mas isto não vai ficar assim. — A fúria a fez levantar da cadeira— Acha que cobrir sua dentada é ofensiva?

— Ele merece —assentiu Aileen cruzando os braços e aprovando sua decisão.

— Pois asseguro que vai se acovardar quando esta noite me ver com Cahal, porque vou ao Dogstar com ele. Sei que... sei que Adam gosta do que vê quando me olha. Mas não confia em mim como humana, como raça inferior, como... mulher.

Aileen também levantou como uma mola.

— Não, Ruth. Nem pensar.

— Nem pensar? —arqueou as sobrancelhas e jogou o cabelo avermelhado para trás, a desafiando a contradizê-la.

— Esta noite não precisamos de problemas. Cahal é muito protetor com você e além disso adora paquerar. Se Adam importa...

— Não se equivoque. A Adam importo menos que uma merda, Aileen. Só quer meu corpo, não necessita nada mais, e me deixou isso bem claro. —Os olhos umedeceram, mas em seguida o dissimulou— Pois esta noite vou ensinar que a única coisa que gosta de mim não vai provar mais.

E depois disso deixou-se cair na cadeira e apoiou a testa sobre a carteira.

— Estou tão zangada com ele —choramingou— E estou zangada comigo mesma por... por me apaixonar por um cara assim.

— Apaixonada? Você nunca se apaixona. —Passou um braço pelos seus ombros e apoiou a testa sobre sua nuca.

— Acredito que estou apaixonada por ele desde o dia em que o vi. Beira a obsessão, é um sentimento doentio. Preciso que me olhe, que me toque, que fale comigo, que sorria... Necessito. Adoro sua forma reservada de ser, e sobretudo, adoro a maneira que tem de tratar Liam e Nora — exclamou a ponto de desmoronar — Quando me toca... Aileen, quando esse homem me toca tenho a sensação de que vou morrer ardendo em seus braços. É como se... Maldição, olha como estou devido a ele —se lamentou envergonhada— Que vergonha... E quem diabos é Margött? Joga isso na minha cara sempre que pode. Diz que a escolheu.

Aileen franziu a testa.



— Me diga que é gorda, feia, vesga e tem as sobrancelhas cheias e unidas. —soltou Ruth, implorando essa resposta como criança.

— Meu bem, viu algum membro dos clãs que seja feio? —acariciou o cabelo mogno.

— Merda.

— Sim. Uma das grandes, além disso. Margött é muito bonita. Um pouco altiva para meu gosto. —Enrugou o nariz— É a irmã de Limbo.

— Ferpeito. —Porque pior que perfeito era “ferpeito”.

— Ferpeitíssimo. —Aileen olhou a tela do computador— Não acredito que peguem. O que estava olhando?

— Queria saber o que era o chi, e por que razão Adam não me quer dar isso.

— É a energia essencial dos berserkers. Entregam a sua companheira para se conectar e vinculá-las, e em caso de que a mulher seja humana, o chi trocado as mantém jovens e dá a longevidade necessária para compartilhar a vida com ele. Poderia ter me perguntado isso.

— Bom, agora já sei. Obrigada —acrescentou sarcástica— Todos temos o chi. Inclusive eu tenho isso embora Adam ache que o meu não vale. Temos centros de energia em nosso corpo, e está formado de nossa própria energia eletromagnética. Sabia isso? Cahal explicou-me esta manhã. Também me disse que podemos escolher não liberar nossa energia se praticarmos o celibato ou se aprendermos a controlar nossos orgasmos e em vez de explodir, impulsionamos. Acredito que Adam se surpreendeu enquanto fazíamos amor porque, pelo visto, ele queria controlar seu orgasmo e juro que ele explodiu, e Aileen, esse homem explodiu por todos os lados. — Assegurou com um meio sorriso.

— Meu bem, tem que me contar isso —disse com supremo interesse, aproximando-se mais a ela— São tão selvagens os berserkers como nos disse Daanna? E... não usaram camisinha?

Ruth assentiu com olhos maliciosos.

— Não acontecerá nada. Tomo pílula e ele não tem enfermidades. Mas com tudo e com isso, acredito que se obrigou a inibir. Não estava completamente libertado. Tentou me proteger de sua verdadeira natureza, de sua força e suas necessidades. —Porque era mulher e tinha um sentido adicional para essas coisas, soube. Soube que Adam se refreou com ela.

— Por que acha que o faria?

— Porque não sou o que ele quer. Se fosse, certamente que o que fosse que não me deixou ver dele enquanto nos deitávamos, me mostraria isso.

—Talvez tivesse medo de assustá-la.

— Medo de me assustar... —meditou incrédula olhando os pés— Parece repetitivo.

— Pode ser que sim.

Ruth afundou na cadeira e abraçou os joelhos.

— Está mau? —perguntou com um fio de voz.

— O que?

— Sentir que necessita essa pessoa que lhe menosprezou, que insultou, que não lhe dá valor e que ainda por cima, a mordeu como a um bife —Aileen começou a rir— Está mal sentir essa necessidade? Eu não conheço Adam como você ou Gabriel, que conheço desde que somos pequenos. Entretanto, senti que eu era dele desde o primeiro momento que entrou em minha



vida.

— Por que está mau? —perguntou Aileen retirando uma lágrima rebelde da bochecha de Ruth— Porque nos mostram que antes do amor terá que conhecer, que citar vinte vezes pelo menos? Que primeiro vem o amor e logo o sexo? Quem demônios se atreve a dizer o que é o amor de verdade? Não se pode ver, nem tocar, só sentir. Quem se atreve a definir o amor com base em umas regras a seguir? É absurdo. —Aileen tomou o rosto de sua amiga e sorriu com doçura, vendo em Ruth as mesmas dúvidas que ela teve uma vez a respeito de sua relação com Caleb— Querida, se houver algo que aprendi desde que estou aqui, é que, no amor não há ordem. Tudo é caos. O amor de verdade não é cego, sabe? O amor de verdade mostra os enganos e os defeitos dessa pessoa, mas você, mesmo assim, continua amando, porque é algo absolutamente redentor. Se acredito que é uma loucura sentir por Adam o que sente? —Elevou as sobrancelhas e negou com a cabeça— Não, amiga. O ridículo seria ignorar o que sente por ele, porque acha que não segue as regras que nos infundiram desde que somos uns pirralhos. Sou uma híbrida, Ruth, mas tenho uma estrutura mental muito humana a respeito, e só agora, quando vivi o verdadeiro amor com meu cáraid, que começo a ver as lacunas que há em tudo aquilo que nos ensinaram como correto ou verdadeiro. Não é mau ser o suficientemente humilde para expressar o que sente, para admitir que tem a necessidade de estar com uma pessoa em concreto, só uma. A única. E se for Adam, pois é ele, o que vai fazer?

— Que é um drama, isso é o que é. —Soprou.

— Não há nada perdido, Ruth, nada. Não se renda ainda.

— Não tenho vontade de me render. Só tenho vontade de machuca-lo e deixá-lo ciumento, se for possível.

— Tenta — animou Aileen— No amor e na guerra, tudo está permitido.

Ruth olhava com adoração Aileen. Sua amiga, que estava titulada em pedagogia, era uma excelente oradora. Sempre. Quando Aileen falava, o único que se podia fazer era calar e escutar. Era o tom de voz que empregava, um som cheio de açúcar e abraços, isso era o que hipnotizava as pessoas. Ou talvez fossem seus olhos lilás claros cheios de vida e aceitação. Não sabia, mas agradecia ao que fosse que havia lá encima, ter tido a oportunidade de conhecer alguém como ela.

— Casa comigo? —perguntou Ruth agarrando-a pelos ombros e abraçando-a com força.

— Caleb é um pouco possessivo — afastou-se e sorriu enrugando o nariz.

— Somos duas mulheres. Ficará perdidamente excitado.

— Depende...—fingiu que o pensava e de repente iluminaram seus olhos como se tivesse recordado algo— Antes disse que Cahal explicou sobre o chi? Por isso veio tão cedo? Você o viu?

— Não. —relaxou— Vim cedo porque fiz um relatório para Caleb e Ás. Seu namorado “El nazi” me pediu isso muito educadamente. Já sabe: “Olá, Ruth. Ligo porque hoje de noite temos reunião no Dogstar e quero um relatório com todas as localizações dos membros dos fóruns aos que fizemos um seguimento especial. Quero para já”. Como me pediu isso tão educadamente eu não pude me negar, sabe?

Aileen riu e de repente tampou a boca com a mão.

— “Ferpeito” — sussurrou uma voz de homem ao ouvido.



Caleb, com toda sua estatura, seu corpo, sua beleza, seus olhos, sua presença de Adônis, enfim, com toda aquela insuportável “merda” vanira que desprendia, estava aí com elas e nem sequer o ouviu entrar.

— Deixa que sua amiga fale assim de mim? —rodeou Aileen com os braços e deu um desses beijos que não se emitiriam pela televisão antes das dez da noite.

— Diz com carinho. Envia trabalho depois de tudo. O que está fazendo? —respondeu ela sorrindo.

— Todos estamos superados pelos conflitos e a situação, amor. Temos que dar mais do que podemos e Ruth é um dos nossos. Aqui não se mima ninguém.

— Que bom —disse a aludida sem ânimo. Puxou um dossiê de capas negras de sua bolsa e o entregou ao guerreiro.

Caleb o pegou e o olhou rapidamente, assentindo enquanto analisava seu trabalho.

— Está tudo?

— É um relatório exaustivo, amo.

—Assim eu gosto, escrava —respondeu sem olhá-la, lendo uma das páginas do dossiê— Não pude evitar a conversa que teve com meu *chailin*⁶⁰. Por certo, quer que chute o traseiro do vira-lata?

Ruth se sentiu agradecida pelo oferecimento. Caleb, na realidade, era muito protetor com as pessoas que lhe importava, e sabia que ele a apreciava, não só por ser a melhor amiga da mulher de sua vida, mas também porque, a sua maneira, brincava com ela e deixava de ser o ditador rude e ameaçador que era com outros.

— Obrigada, mas já o chutarei eu.

— Como quiser, Ruth. Vou indo, meu bem. Preciso falar com seu avô sobre uns assuntos — pegou Aileen pela cintura e voltou a beijá-la— Necessita algo? Está bem? Tem fome? —sussurrou ao seu ouvido e um brilho sensual deslumbrou em seus olhos verdes.

— Estou bem — acariciou-lhe o longo cabelo negro. Desde que Caleb podia sair sob a luz do sol, sua pele estava adquirindo um tom bronzeado enlouquecedor. Aileen virava do avesso cada vez que o olhava. — Vai já, manga com patas. —E deu-lhe uma bofetada no traseiro.

— No vemos daqui um pouco. —pisçou um olho e sorriu a Ruth como gesto de despedida. Saiu pela janela e pôs-se a voar.

— Caleb! Não pode fazer isso em plena luz do dia! —repreendeu Aileen meio divertida— Estes McKenna passam das regras de uma maneira... mas o perdoo. Está tão bom —murmurou acariciando o lábio.

— Está doente. —Ruth se levantou e puxou de sua bolsa o filme do DVD Avatar. Logo pegou uma bolsa de plástico cheia de óculos 3D.

— Sessão de cinema com as crianças? —Aileen pegou uns óculos e os pôs.

— Primeiro, redação com o teclado. Quero que cada um me escreva o que temem. No outro dia me escreveram uma poesia sobre a alegria. Tem a ver como controlam a mecanografia, mal vejo seus dedos de como teclam rápido. Aprendem rápido esses pilantras —afirmou orgulhosa— E

⁶⁰ Dama em gaélico.



logo, decidi que hoje, os pequenos terroristas vaniros e os novos berserkers, Liam e Nora, vão aprender que os seres se podem amar incondicionalmente se vierem do planeta que vierem, ou seja, da raça que seja. Parece bem?

— É uma boa ideia —aprovou a híbrida— Sabe o que?

Ruth colocou os óculos sobre cada um das carteiras.

— O que?

— Sei o que nós precisamos—murmurou se aproximando dela e segurando-a pelos ombros para que a olhasse.

— Um *tuppersex*?

— Não, louca. Um Berkeley com as garotas.

CAPÍTULO 20

A manhã chuvosa passou rapidamente. Os meninos ficaram encantados com o filme, muitos choraram emocionados e outros, como Liam, controlaram os bicos como podiam. Era muito importante para os meninos dos clãs aparentar fortaleza, e segurar as lágrimas era vital de cara às meninas. Ruth sentiu ternura e lástima por eles. A educação tinha estruturas parecidas com a dos humanos, rígidas e sexistas. Os homens deviam sempre ser fortes e aguentar todos os torós sem derramar uma lágrima. Isso, certamente, também fez o mundo o que era agora. A debilidade era símbolo de fracasso.

Ruth guardou todas as redações em um pen drive e prometeu que à semana seguinte diria o seu parecer, se estavam bem construídas ou não. Também era uma maneira de entender Liam e Nora, e de conhecer mais a essas duas pessoinhas que ela já amava incompreensivelmente como se fossem dela. Os meninos se adaptaram bem à classe, mas Nora estava preocupada porque Jared, o vaniro de dez anos, não deixava de aporrinhá-la. O pequeno estava entusiasmado com Nora, mas a menina não ia entender nada disso, assim Ruth deu o conselho de que o ignorasse e de que cada vez que dissesse algo, Nora repetisse: “Ouço o zumbido de uma mosca”. E a criatura o colocou em prática com uma eficiência brutal e devastadora para o pobre vaniro.

Ao meio dia, almoçou com Aileen. Se Adam foi buscar os gêmeos, ela não o viu, já que cuidou de não encontrar com ele. Às cinco e meia se reuniram com Maria e Daanna na porta do hotel de luxo The Berkeley, no coração de Knightsbridge de Londres. Ruth saiu de seu Smart Roadstar e guardou seus óculos Carreira vermelhos no bolso traseiro de sua minissaia. Chovia de novo, um clima esplêndido e parecido com seu humor. Admirou deslumbrada a fachada daquele luxuoso e popular hotel. O Berkeley não podia estar em melhor área. Harrods estava a apenas vinte passos, e a avenida onde se encontrava estava povoada de encantadoras, caras e boêmias lojas de antiguidades. Pendurou sua bolsa Escada negra ao ombro e entrou no hotel.

Na recepção esperavam Maria e Daanna, que a receberam com um grande sorriso. Aileen chegou meio minuto mais tarde, abraçou-as e as animou a que entrassem.

— O que fazemos aqui? Reservou mesa? —perguntou Ruth em voz baixa.

— Nós vamos tomar um chá Fashionista. —Explicou Aileen agarrando pelo braço.

— “Prêt À Porter” —corrigiu Daanna olhando fixamente ao recepcionista.



Ruth olhou as roupas. Ali, no chá da tarde de Berkeley, havia normas de vestimenta. Não estava muito segura de que elas as cumprissem. Daanna estava com uma camiseta negra ajustadíssima de lentejoulas e uns jeans de cigarreti ajustados, acompanhados com uns saltos de vertigem. Por Daanna, ela poderia se passar por lésbica, pensou, adorando a beleza da vanira. Ruth celebrava a beleza de suas amigas. Eram incríveis e chamavam muito a atenção. Aileen e Maria vestiam: o da sacerdotisa branco e vaporoso que ressaltava sua pele azeitonada e seu cabelo negro e brilhante; e em troca Aileen vestia um desses vestidinhos de grife que tanto gostava e que diziam: olhe, mas só um toca.

—Calma, pequena —murmurou Daanna vendo a inspeção que Ruth estava fazendo às roupas que usavam— Temos reserva. Olha e aprende. —A deslumbrante vanira agitou sua juba azeviche e olhou ao pobre George, o recepcionista, nos olhos. Seus lábios grossos desenharam um sorriso e seus olhos verdes elétricos se dilataram— Sou Daanna McKenna, e temos hora às cinco e meia no Caramel Room.

— É óbvio, milady. —Saiu da recepção e ele mesmo as guiou a uma mesa afastada em um dos cantos do salão.

Daanna sorriu orgulhosa. Aproveitou-se pela primeira vez o seu dom. Nunca se permitiu infringir as leis nem os códigos dos vaniros, mas estava cansada, farta e triste, tudo de uma vez, e decidiu quebrar com todas essas normas.

— Daanna? —Ruth a olhou de cima a baixo— O traumatizou. Sabe aonde vai o pobre George agora?

— Aonde? —perguntou Maria sentando.

—Pular como um macaco. Vanira, não deveria reprimir um pouco esse sex-appeal?

Ela teve a delicadeza de ruborizar e negar com a cabeça.

— Sinto muito.

— Não sinta —a corrigiu Ruth— Não pode pedir desculpas por ser uma beldade. Inclusive eu namoraria com você.

Maria arrancou a rir e Aileen soprou como um cavalo.

— Garotas, um pouco de moderação —advertiu Maria quando pôde pegar ar para fazê-lo— Não é o melhor lugar para exteriorizar barbaridades. Por certo, Madonna está duas mesas a sua direita, viram?

Ruth e Daanna se olharam a uma à outra ignorando o comentário de Maria sobre a celebridade. A vanira puxou a língua zombadora e a Caçadora entortou os olhos.

O chá da tarde formava parte da tradição inglesa por excelência. Muitas das pessoas que estavam aí reunidas, certamente passaram a tarde de compras nas lojas do Knightsbridge, e para descansar os pés decidiram gastar umas quarenta e oito libras por cabeça, se queriam acrescentar champanha ao momento do chá. Era toda uma experiência ostentosa. O chá de Berkeley não se tratava só de um pouco de chá servido na melhor porcelana da China e acompanhado com um pedaço de bolacha. Não senhor. Aquilo era todo um prazer. Alguns hotéis, como era o caso, amenizavam a estadia com música ao vivo, como aqueles músicos de jazz que tocavam o piano e o saxofone no pequeno cenário dedicado a isso no Caramel Room.

Enquanto serviam em porções diminutas os éclairs de chocolate e as bolachas inspiradas nas



últimas coleções de moda, outro garçom servia o chá, e o seguinte enchia as taças de champanha. Durante o chá, bombardearam Ruth com todo tipo de perguntas. Falaram sobre como era Nerthus, sobre sua excelente pontaria com o arco e sobre o que foi sua iniciação. Pelo visto havia um pacto para não levantar o assunto de Adam por nenhum lado.

— Utilizou seu dom? —perguntou Maria sorvendo a taça de champanha.

—Ontem de noite. Não imagina de almas que havia no bosque. Foi incrível —explicou emocionada— Reuni à irmã de Adam, Sonja, com seus filhos e com ele mesmo. Chorei tanto ao vê-los juntos.

—Adam deve estar tão agradecido —supôs Maria entrecerrando os olhos.

Aileen, que via por onde foram os tiros de Maria, quis dar uma mão à sua amiga mudando de assunto.

— Bom, Ruth. As almas já não se apresentam de supetão, então? — perguntou.

— Percebo-as antes. Mas, sobretudo devo convocar de noite. É a maneira de não ficar louca. Se não, imagine, estaria falando com vocês e com vinte mortos mais. Não, obrigada. —Mordeu uma bolacha e olhou Maria. Seus olhos dourados gotejavam autêntico interesse— Ás troca seu chi com você? Tem um aspecto incrível.

A elegante mulher secou a boca cuidadosamente com o guardanapo. Os olhos negros azeviches brilhavam como nunca e os traços se suavizaram devolvendo parte da juventude que, indevidamente, perdia com os anos mortais.

—Ás faz muitas coisas comigo. E sim, compartilha seu chi desde o primeiro dia e eu dou o meu. Sabe já o que é o chi, irmã? —Maria poderia formar parte da Inquisição se quisesse.

— Não sei até que ponto gosta de ouvir nada disto —comentou Aileen insatisfeita.

— Pois a mim sim. —Daanna pôs cara de interesse— O que faz Ás com você?

— Deitou com Adam? —contra-atacou a sacerdotisa ignorando Daanna.

— Não pode responder a uma pergunta com outra. —Ruth a assinalou com a bolacha— Eu perguntei primeiro.

— Cheira a berserker. Cheira muito. —Daanna tomou um gole de chá. Ruth girou os olhos e se rendeu.

— Sim. Deitei-me com ele, mas ele não quer nada comigo.

— Não precisa que queira. Tem o colar —Maria destacou o pescoço.

— Maria é uma dominatrix — murmurou Aileen sem poder acreditar.

—Já não —respondeu Ruth— O tirei esta manhã.

— Como? —exclamaram as três de uma vez.

— Odeio esse colar. Odeio. Eu não gosto. A princípio pensei que seria divertido pôr Adam entre as cordas, mas é uma maldita arma de dois gumes. É perigosa. Assim, para que Adam visse que não tinha que se sentir obrigado comigo, o libertei.

— Está apaixonada por ele —sentenciou Maria.

Daanna e Aileen comeram de uma vez outro éclair de chocolate. Aqueles pasteizinhos eram uma delícia. A tradução em português era “relâmpago” e os chamavam assim porque o creme que



usavam por cima os fazia brilhar como raios. Pareciam com as lionesas⁶¹, mas em vez de serem redondos, eram alongados.

— Como sabe? — Tanto notava?

— Porque, Ruth, o colar não se abre se não houver amor no meio. É a única maneira de obter a redenção total. Ás explicou. Todos os berserkers sabem.

Merda. Agora Adam sabia também que ela tinha profundos sentimentos para ele. Não podia se humilhar mais.

— Gosta dele faz tempo?

— Desde que o vi. Devo parecer patética. Vou beber. — bebeu a taça de champanha de repente e o garçom imediatamente encheu a taça de novo.

— Não posso acreditar que Adam a morda assim e não a reclame... — disse Daanna desgostada— Todos os homens são uns porcos.

— Nem todos —responderam Aileen e Maria olhando-se com cumplicidade.

— Dentro de duas noites é lua cheia. —Maria segurou Ruth pela mão, transmitindo as forças que faltavam a jovem— Se reclamá-la então, será dele para sempre. E se prepare, pequena, porque asseguro que nunca viu nada parecido em toda sua vida.

Aileen tampou os ouvidos e começou a cantarolar como uma demente.

— Ignore-a, em algumas coisas ainda é uma criança. —disse Ruth fazendo referência a Aileen e se concentrando na sacerdotisa— Adam não vai me reclamar. Não me quer.

— Quando um berserker marca uma mulher como ele fez com você, há um interesse profundo, irmã. A noite que o lobacho a arranhou no estômago, foi ele quem a socorreu. Sabe por que sarou tão rápido?

— Porque é especial —assegurou Daanna.

— Não. Não é por isso. —Repuxou uma mecha de cabelo mogno do rosto— Adam ofereceu seu chi. Fez consciente ou inconscientemente, não sei. Ás e eu falamos disto frequentemente. Ele deu sua energia para que se curasse. Faz duas noites, quando contatamos com você mentalmente no Totem e demos nossos ânimos, percebi as feridas físicas que tinha. E olhe agora. Não tem nenhuma.

— É pela ambrósia que me ofereceu Nerthus para me fazer imortal.

— Não —esclareceu Maria— A ambrósia faz o efeito no sétimo dia, Ruth. Continua sendo mortal até que não passem quatro noites mais. Cura-se porque ele entrega sua energia. Não pode evitar.

Ruth ficou gelada por ouvir isso.

— Mas ele me disse que não me escolheu.

— É sua decisão, mas se equivocará se não escolhê-la, porque seu corpo e seu instinto já escolheram. Seria uma traição absoluta se fosse com outra mulher.

— Acredita que não me sinto já traída? Que não me dói como ele me rechaça? —angustiou-





se e amassou o guardanapo em uma mão— Não o suporte.

Daanna se compadeceu de Ruth e acariciou sua perna.

— Então lhe dê uma lição —a animou a vanira.

— Tenho isso planejado. Não me quer como sua garota —fez a marca das aspas com os dedos.

— Ui, pequena faísca que tem, Ruth. —continuou a brincadeira Aileen.

—Olha, saiu uma piada —murmurou Daanna sorrindo.

— Pois se eu fosse você, irmã —comentou Maria— esta noite faria que Adam se queimasse somente ao vê-la.

— Isso se antes não corto sua salsicha — dramatizou Ruth.

Duas das senhoras da mesa do lado mandaram as garotas se calarem, escandalizadas com o que, muito a seu pesar, ouviam.

Daanna as fulminou com o olhar e ambas as mulheres deixaram cair o pescoço para frente e afundaram suas gordinhas e maquiadas caras nos respectivos pratos de bolachas e quinquilharias.

— Fofoqueiras —sussurrou Daanna entre dentes.

— Matou-as? —perguntou Aileen horrorizada.

— Só estão tirando uma sesta —respondeu Daanna comendo o sétimo éclair. Irritada, olhou como a híbrida partia da risada vendo-a comer— Não me olhe assim, Aileen. Tenho fome. Sempre tenho fome. É um dos fabulosos dons da puta da Freyja.

Ruth não pôde aguentar a risada. Os vaniros sempre tinham uma fome voraz e comessem o que comessem, nada os saciava. Alguns enlouqueciam por essa necessidade e no final acabavam bebendo do sangue dos humanos, do qual se tornavam viciados e adoeciam. A enfermidade se chamava vampirismo e era irreversível.

—Já sei —respondeu Aileen compreendendo sua cunhada— Onde está Menw?

— Por que sempre que levanta o assunto da fome me pergunta por Menw?

— Essa sei! —exclamou Ruth emocionada.

— Se cale, Caçadora. —Daanna colocou uma bolacha na boca de Ruth— Para sua informação, esta noite sai com Gabriel.

— Com o Gab? Por quê? —perguntou Aileen.

— É bonito. Divertido. Faz rir.

Ruth e Aileen se olharam alarmadas. Daanna e Gabriel?

— Gab é tudo isso porque é um céu de homem. Mas não faz que alongue as presas, verdade? —assinalou Aileen.

—E em troca você sim que faz que a ele alongue outra coisa —particularizou Ruth bebendo outra taça de champanha— Não brinque com ele.

— Nunca joguei nada com ninguém. Não sou assim —grunhiu Daanna.

— Parecemos quatro lavadeiras. Menos mal que estou eu aqui para controlar um pouco. Ninguém lhes ensinou etiquetas? —Maria pediu a conta ao garçom.

— Lavadeiras, diz? Note nessas vacas com narcolepsia⁶² — Daanna cruzou os braços, brava

⁶² **Narcolepsia** é uma condição neurológica caracterizada por episódios irresistíveis de sono e em geral distúrbio do sono.



pela advertência— Ainda mantêm os chapéus de palha na cabeça. Onde está a etiqueta aí?

As três olharam às pobres mulheres vítimas dos poderes mentais da vanira. E sem poder, nem querer evitar, desfrutaram de um sonoro ataque de risada.

Quando Adam deixou o Hummer na rua paralela do Coldharbour acreditava ter tudo planejado para ganhar Ruth. A conversa com Gabriel foi frutífera. O jovem tentou ser pouco conciliador com ele, mas sua natureza bondosa acabou fazendo ceder. Adam estava seguro de que isso não o fazia sentir orgulhoso de si mesmo, mas o que o humano fez, com certeza faria muito feliz a sua amiga. Naquele momento, era a única que importava. Ruth e o que ela quisesse dele.

A vida de Ruth não foi um leito de rosas como ele havia erroneamente acreditado. Quanto mais poderia ter Adam para se equivocar de novo com ela? Seguro que já não ficaria, porque era o que se dedicou a fazer desde que se conheceram. Feri-la uma e outra vez.

— Por que não pergunta você o que precisa saber? —reprovou Gabriel.

— Porque não vai falar comigo. As coisas se puseram um pouco feias entre nós.

— É que há um “entre vocês”? —O humano fez que o seguisse até a cozinha— Vejo que não usa o colar.

— Há um “algo” —respondeu Adam. Era muito mais que isso, mas não estava preparado para admitir diante de ninguém nem diante de si mesmo— Ruth me liberou dele.

— Ruth é muito boa para você.

— Pode ser —respondeu com humildade.

Depois dessa confissão, falaram toda a tarde sobre o que seu amigo conhecia da Caçadora.

— Quando Ruth ouvia as vozes — explicou Gabriel enquanto lançava uma cerveja e se sentavam nas poltronas ao redor do balcão americano de sua casa— seus pais pensaram que estava possuída pelo demônio. São evangelistas, muito fanáticos e formam parte de uma seita. Estão loucos. Usavam seus amigos da seita, rodeavam Ruth e faziam exorcismos quando ainda era uma menina. Viu as marcas?

Adam nem sequer abriu a cerveja. Ficou olhando a lata, e uma bruma vermelha o cegou. Seu corpo tremeu e a ponto esteve de entrar em cólera quando ouviu o que seus pais fizeram ao pobre corpo de Ruth. Aguentou estoico o que explicava Gabriel sobre os tratamentos pouco ortodoxos que empregavam para ela, para curá-la e purificá-la, para eliminar Satã de sua pele. Maldição, só era uma criança. Uma menina o suficientemente sensível para ouvir as almas que ainda seguiam no plano físico.

Não viu as marcas. Merda, não as percebeu, não perdeu tempo de vê-la bem e de inspecionar sua pele. Imaginou Ruth, tão pequena, chorando com seus fantásticos olhos dourados, sem poder se defender. Amarrada a... Engoliu saliva, teve vontade de vomitar, de gritar, de rasgar a camiseta aí mesmo e destroçar a casa. Se alguma vez tivesse a oportunidade de encontrar com aquele modelo de virtude de pais ia se encarregar deles pessoalmente. Lenta e meticulosamente, como tudo o que fizeram com sua garota. Sua garota? Dele.

Por isso, Ruth, quando alcançou a maioridade, mudou o sobrenome. Não queria ter nada a ver com eles. Sua família, que tinha raízes inglesas, rechaçou-a, e ela os rechaçou. Gabriel disse que o inglês era o idioma materno de Ruth, mas isso ele já descobriu antes. Seus pais a



maltrataram e ela os negou diante da justiça. Causa e efeito, outra vez.

Ele mesmo a menosprezou, e agora certamente não queria voltar a estar com ele nunca mais. E esse efeito em especial era desolador. Devido a isso, também, quando discutiram na cozinha da casa de Aileen e disse que queria uns açoitos, Ruth empalideceu. Não o fez de propósito. Ele não sabia nada dela então.

Gabriel era um cara honesto e leal que se encarregava o melhor que podia de cuidar de suas amigas. Mas agora Aileen já tinha quem cuidasse dela, e Ruth... Ruth também. Os receios respeito deles dois, a sua relação com ela, não desapareceram de tudo, porque seguia tendo medo de se equivocar e de perder, de fracassar e de sair enganado, mas se não o tentava, ia jogar na cara toda sua vida. E era uma vida muito longa para carregar com seus desacertos.

Agora, cansado de si mesmo e de sua cegueira, ia se encontrar com ela em Dogstar. Amanhã falaria com Margött e diria que não havia futuro para eles. Nesse momento sua prioridade era a Caçadora, e obter que o escutasse ia ser difícil, mas não impossível.

O Dogstar era um dos pubs mais importantes e originais da capital, e criava tendência sempre. Ás adorava porque dizia que tinha um espírito que ia muito com a essência berserker. A Adam sempre encantou ir a esse local tomar taças com Noah. Gostava muito dos DJ's que ali tocavam. Massive Attack e The Order, entre eles.

A verdade era que a decoração do lugar talvez se assemelhasse nesse dia mais que nunca com seu estado emocional. As paredes, que estavam pintadas em tons cinza escuros e vermelhos, contrastavam com o mobiliário branco que era a cor das chaminés e os marrons claros da decoração em geral. Recordava a sua casa, embora seu lar fosse mais projetado. O local estava dividido em três andares inspiradas no ART DECÓ. Molduras de todo tipo e tamanhos eram exibidas penduradas nas paredes. Gostava particularmente de dois quadros. Um enorme circular no que se refletia o rosto de um dobermann e outro, que foi um presente de Ás ao dono do pub, que era um escudo berserker. O escudo de guerra berserker era um símbolo de raça e valentia. Tinha tons dourados e prateados, dois oks autênticos o atravessavam, no centro se via esculpida em aço o rosto de Odín e havia um pequeno lobo uivando no meio e que se apoiava nas pernas traseiras. Penduraram no andar VIP, que era onde eles estavam para celebrar a reunião.

Todos os salões tinham sua própria decoração. Alguns tinham poltronas de pele vermelha e marrom, outros, mesas de madeira clara cobertas com toalhas vermelhas. Era heterogêneo, mas sim que mantinha uma essência de antigo e moderno que bem poderia ir com o que era o berserker. Um ser mais caseiro e protetor dos seus, mas que, dado o caso, poderia se reinventar para ficar mais acessível a outros.

Quando entrou no pub, encontrou seu melhor amigo tomando umas taças no balcão e falando com o barman. Noah usava uma camiseta de cor borgonha muito ajustada e uns jeans negros largos e baixos de cintura. Não entendia como eles dois se davam tão bem. Adam era a noite e Noah o dia. O caráter extrovertido e amistoso de seu amigo loiro, não tinha a ver com o introvertido e bem mais seco dele. Mas Noah era um pilar para ele, seu irmão por escolha de coração, por comitatus.

A música do grupo finlandês HIM soava de fundo. Ele pessoalmente não gostava muito, mas era o grupo favorito do leder, assim tinha que aguentá-los. Adam teria preferido outro tipo de



música. Algo como Eminem, One Republic, Linkin Park... Esse era seu estilo. Seus sobrinhos o obrigavam a escutar Tóquio Hotel porque Nora estava apaixonada por seu cantor, que ele estava certo que era hermafrodita. E poucas vezes podia pôr ao máximo seus grupos favoritos. Mas quando ia sozinho no Hummer, que também era algo que acontecia poucas vezes, então se abandonava.

— O que acontece, xamã? Disseram que já não usa o colar — sussurrou Noah.

— Merda, com as notícias voam rápido. Ponha-me uma *cuba libre* de tequila com pêssego, Gio. Com gelo — pediu ao barman.

— Ruth não chegou ainda — murmurou Adam. Não cheirava a pêssego, só o de sua bebida, portanto, ela não estava aí. Puxou seu iPhone e a chamou.

— Tenha paciência, cara. A verdade é que faltam alguns minutos para chegar ainda. Caleb e Aileen estão em cima, mas ainda não vi nem sua irmã, nem ao curador, nem o druida, assim que eles também chegarão a qualquer momento.

Adam grunhiu quando entendeu que Ruth não ia atender ao telefone. Pegou sua cuba libre e bebeu um longo gole.

Noah assobiou.

— Ei, ei, xamã. Parece um pouco nervoso...

— Foda-se.

A porta abriu e apareceram Gabriel e Daanna falando e rindo de algo que aconteceu. Gab manteve a porta aberta para ela. Quem os visse veria algo inevitável. A ele apaixonado pela vanira, e a vanira, que o apreciava como um amigo. Saudaram ao entrar. Daanna jogou-lhe um olhar de desprezo capaz de converter a uma pessoa em pedra, mas ele não era uma pessoa qualquer. Em seguida, a vanira saudou com respeito Noah. Adam foi para eles.

— Onde está Ruth? — perguntou. Seu humor se tornava cada vez mais negro. Algo nele estava incompleto e o peito oprimia provocando uma sensação de ansiedade muito desagradável.

— Estará para chegar. Ligou-me faz cinco minutos e me disse que já vinha para aqui — respondeu Daanna com frieza.

O berserker tranquilizou e voltou com Noah.

— Limbo me ligou. Disse que esta noite não podia vir porque queria averiguar algo relacionado com o paradeiro de Strike. Pediu-me que amanhã nos reunamos com ele, só você e eu. Enviará uma mensagem durante o meio-dia com tudo o que já tem para nos adiantar informação.

— Onde nos reuniremos com ele? — esfregou o peito para ver se assim a opressão relaxava.

— Em sua casa, pela tarde.

— Ali estaremos.

A porta do pub abriu, e Adam ficou gelado quando se encontrou com Margött, que o olhava fixamente, com um sorriso de lobo em sua exuberante boca.

— A loba chegou... — murmurou Noah dando-lhe um golpe de apoio no ombro e desaparecendo dali.

— O que faz aqui, Margött? Pensava que ficaria na casa-escola com os pequenos — disse incômodo.



— Não se preocupe, deixei-os com Rise, estão em sua casa. Meu irmão me disse que fizesse uma exceção e viesse hoje aqui em seu lugar, que ele estava ocupado. Como sabia que iria estar você aqui, não pude me negar. Se vou ser sua mulher posso estar a seu lado, verdade? — aproximou-se dele e passou a mão com posse pelo seu peito. Ele a agarrou pelo pulso com determinação— Senti sua falta — aproximou dele e o beijou no queixo.

— Margött, queria falar com você... —afastou-se ligeiramente.

— Olá.

Adam empurrou a um lado a berserker e levantou o olhar para saber quem entrou. Atormentado e furioso consigo mesmo, observou Ruth, o incrível pêssego que ele rechaçou, e que agora estava ali de pé, precedida por Cahal. Pelo Odín, que mulher mais sexy. Usava um vestido curto e negro, vaporoso, com um decote de palavra de honra, e uns sapatos vermelhos de salto perigoso. Seus olhos de gata permaneciam abertos, olhando-os de par em par, um pouco pálida. Ferida. À Caçadora não gostava de nada o que estava vendo. E Adam tampouco gostou do que viu refletido em seus olhos. Cahal apertou os punhos e matou o xamã com o olhar. Agarrou Ruth pela mão, beijou os nódulos e disse:

—Vamos para cima, boneca.

Ruth não podia se mover, até que o druida a puxou delicadamente. Aquela mulher espantosa estava tocando Adam, e o fazia corretamente como se fossem um casal de verdade. Doía o coração, doía de verdade.

Cahal a puxou até chegar ao andar superior, e quando chegaram ao patamar e se afastaram da vista de todos, puxou pelo rosto.

— Escute-me, bonita —disse docemente— Sei perfeitamente que você gosta desse tipo aí de baixo. Noto no aroma, noto em tudo.

— Nem sequer a ama. Ele nem sequer...

Encheram os olhos de Ruth de lágrimas e não precisou piscar para que se derramarem por suas bochechas. Tentava prestar atenção às palavras de Cahal, mas sentia um vazio infinito no peito. Aquele loiro era o mais sexy que viu em sua vida, e, entretanto, ela só pensava no moreno de corte militar que havia no andar de baixo.

— Me utilize, Caçadora — ordenou Cahal com seus olhos azuis e claros centrados nela— Use-me para fazer ciúmes a esse cretino.

Que mania tinham os homens com que os utilizasse!

— Por... por que ia ele sentir ciúmes? —não o entendia— Deixou claro suas intenções. Passou na minha cara. Não vê? — Cahal secou suas lágrimas com os polegares.

— Chist... hoje, agora, é o doce mais intocável que há em Londres. E é linda. Todos a protegem, todos cuidam de você, e o único que, pelo visto, não faz isso é Adam. Demonstre o que perde.

— Mas, viu essa mulher? —sussurrou ela sentindo-se cada vez menor— Parece que saiu da revista Elle. E o estava acariciando como se... —engoliu o nó que tinha na garganta e se rendeu. Só tentou amar de verdade a dois homens em sua vida. Um era seu pai e o outro era Adam. Nenhum dos dois a quis. Os dois a rechaçaram pelo que acreditavam que era. Não a viam.

— Você é bonita. É única como tem que ser. Essa mulher parece uma Barbie, você é



autêntica, de verdade.

— O ódio, Cahal —exclamou, deixando-se abraçar por ele. Soluçando contra seu peito duro como o granito e quente como o sol.

— Não. Não é verdade, gracinha. —Balançou-a com suavidade— Mas vamos assegurar de que ele me odeie .

Os berserkers e o grupo seletivo de vaniros estavam juntos na sala VIP de Dogstar. De entre os vaniros, encontravam-se os três casais que representavam aos condados de Walsall, Segdley e Dudley. Aileen e Caleb, Gwyn e Beatha e Inis e Ione. Noah, Adam e Ás eram os representantes mais pesados do clã berserker do Wolverhampton. Eles usavam todo o peso dos clãs. Gabriel, Ruth e Maria faziam ato de presença como humanos colaboradores. Ruth agora tinha relevância como peça importante no desenvolvimento do possível *Ragnarök*, e isso, apesar da dor que sentia por ver Adam com Margött, a fazia elevar o queixo orgulhosa.

A loira berserker a olhava com interesse, enquanto se agarrava ao braço de Adam como se fosse um polvo. Essa mulher marcava o território como uma cadela. Adam, por sua parte, não tirava os olhos de cima de Cahal, que a sua vez o desafiava com o olhar a que desse um passo adiante pela Caçadora. Grande confusão.

Ruth não estava confortável. Era tão difícil ver como aquela loira o tocava. Não a invejou pelos atributos físicos que sem dúvida tinha; parecia muito à atriz Katherine Heigl, toda exuberante e atrevida. A invejava por essas qualidades das que ela carecia. Traços e particularidades que Adam valorizava. Não sabia quais eram e isso a frustrou ainda mais.

Ás falava sobre o dossiê que redigiu Ruth aquela manhã, enquanto desfrutavam de um buffet livre e seletivo que preparou especialmente.

Segundo o relatório de Ruth, as pessoas que contatava com o fórum procediam de Chicago, Escócia e Romênia. Só havia três contatos confiáveis de todos eles, que mostravam mais interesse e mais conhecimento que o resto sobre mitologia celta e escandinava. Entretanto, ao rastrear, não obtiveram fontes confiáveis, e os IPs das que conectavam eram dinâmicos, exceto um IP fixo de um Starbucks de Chicago.

O fórum e a Web era um modo lento e pouco certo para entrar em contato com todos os membros dispersados, fossem vaniros ou berserkers, mas deu como mínimo três referências sobre possíveis localizações dos membros dos clãs. Entretanto, era frustrante não ter mais apoio externo enquanto Loki e seu séquito se faziam cada vez maior.

— Estão nos pressionando por todos os lados —afirmou Ás com contundência— Vamos por todos, embora seja às cegas. Precisamos de alguém que se desloque a estes lugares e para ver se realmente há vaniros e berserkers ali.

— Por que acham que estariam dispostos a ajudar em caso de que os encontrassem? —perguntou Ruth coberta sob o musculoso braço de Cahal— Pelo que eu sei, tem traidores em seus próprios clãs, gente que jurou proteger à humanidade e que agora se volta contra seu próprio juramento.

— Acontece o mesmo com vocês, os humanos. Matam e os traem uns aos outros, não? O mundo está à beirada caos, Caçadora, não digo que não tenha razão —respondeu Ás solene— Mas inclusive no caos há equilíbrio.



— Ruth acertou em cheio. Vocês permanecem inalteráveis a seus códigos porque estiveram juntos todo este tempo —opinou Gabriel com tranquilidade— Durante séculos adotaram esse comportamento tribal. Entretanto, outros se rebelaram, como por exemplo, Julius ou, por exemplo, Samuel, no caso dos vaniros. O poder de Loki é incalculável com relação ao seu. Os vaniros e os berserkers podem se converter em vampiros e lobachos se cederem ao deus manipulador. E se converteram-se já? Que esperanças têm que só os membros do Black Country possam para o Mal?

— Todos somos livres de tomar nossas próprias decisões —entendeu Ás— O caminho fácil é ceder, o outro é permanecer inalterável. O poder não pode contra uma conduta disciplinada, e se nós pudemos, não terá que duvidar de que outros não o tenham obtido.

— Não acha que é fácil, Caçadora —assegurou Caleb entrelaçando os dedos com Aileen— Agora mesmo dá a sensação de que os deuses nos abandonaram. O deus do Mal é Loki e está presente aqui, nesta terra que nos toca defender. Onde estão os nossos? O que sabemos de Frey, Freyja e Njrd? O que sabemos de Odín, Tyr e Thor? Onde merda estão? Loki pode jogar sujo e falar com os que se rebelam, e entretanto, Odín é incapaz de descer e dar uma mão ao plano que ele criou.

— Acredito que não os deixaram tão abandonados —murmurou Ruth— Acredito que lhes tenham deixado um ás na manga justo aqui, o que acontece é que ainda não é o momento para que se revele.

— Você gosta do pôquer, boneca? —sussurrou Cahal.

Estava convencida de que todos ouviram o grunhido animal de Adam, inclusive Margött, mas fizeram ouvidos surdos. Ela o olhou de esguelha e ele apertou a mandíbula desviando o olhar.

—Eu o vejo como uma jogada de pôquer, sim —respondeu Ruth elevando a voz com segurança— Acredito que terá que ver as cartas no final. É um boneco entre nós e eles. Nerthus me iniciou faz três noites. Ninguém contava comigo, e agora estou aqui, e prometo que farei o possível com essas almas perdidas ou sequestradas ou o que sejam, e chutarei aos maus tal e como vocês fazem. O que acontecer agora ou o que deixe de acontecer terá consequências diretas no *Ragnarök*. Disso se trata. Tudo tem a ver com o final dos tempos, qualquer movimento que façam Loki e seu séquito tem como objetivo preparar e provocar o fodido fim do mundo, a Deusa me disse isso. Devemos ir passo a passo. Claro que terá que contatar com os membros perdidos ao redor do mundo, mas por agora, a Black Country é como a boca do inferno.

— Muito bem dito, *Buffy*— Cahal se aproximou mais a ela — Você foi nosso ás na manga.

—E temos que nos centrar no aqui e no agora —continuou Ruth tentando ignorar o corpo quente do vaniro— Strike queria acabar com a vida de Adam e queria levar Liam e Nora.

— Muito bem, dobraremos a segurança na escola. Liam e Nora necessitam segurança dobrada. Tem ideia de por que vão a busca de seus sobrinhos? —Ás mastigou um aperitivo cheio de verduras e tofu.

— Não. —Os olhos de Adam retornaram a Ruth, não só porque não podia deixar de olhá-la, mas sim porque o que disse era muito relevante— E não acredito que tenha a ver com a organização Newscientists. O motivo pelo que foram a minha casa era outro. Os gêmeos só têm sete anos, são inofensivos.



—E ainda assim só vinham por eles —esclareceu Ruth— Algo possuem que eles querem. São especiais. Se Loki estiver tão interessado neles será por algo.

— Bom, também queriam me matar, lembra? —perguntou Adam com mais veneno de que pretendia cuspir— Eles tentaram.

Ruth o olhou inexpressiva.

— Um dano colateral.

— Um dano colateral, diz! —Adam estava soltando faíscas. Se ele tivesse morrido teria importado?

— Às pês paz.

— Faz um mês e meio, o plano de Samuel e Mikhail era sequestrar as crianças dos clãs e uni-los. Um plano asqueroso de procriação — explicou levantando da poltrona de pele e dirigindo-se a observar o escudo berserker que pendurava na parede— Um dos objetivos do Newscientists segue sendo esse. Criar uma hibridação capaz de sustentar aos vampiros e devolver a capacidade de sair sob a luz do sol. Aileen é a prova de que seu sangue permitiu que Caleb caminhe sob ele. Mas também querem criar uma raça imortal, ver a genética de nosso sangue e transpassá-la aos humanos que escolham. Fazê-los invencíveis virtualmente. Strike e Lillian podem procurar algo completamente diferente. Trabalham com os espíritos. Hummus também forma parte do Newscientists e ele poderia ter outro objetivo.

—E Lucio e Seth —acrescentou Caleb— Estes vaniros, se é que ainda o são, também estão na cúpula da organização.

— Seja qual for o motivo pelo qual eles também se rebelaram, o que está claro é que o objetivo final é provocar o terror —deduziu Gabriel passando uma mão por seus cachos loiros— Um terror que pode desencadear o fim dos tempos. Não importa como consiga. É o motivo principal pelo que Loki manipula os membros dos clãs e os humanos. Os fatos remotos: espíritos malignos que tomam nossos corpos; almas que não podem retornar ao céu e que quebram assim o ciclo de reencarnação; exércitos mudados com sangue de raças imortais; vampiros, lobachos e humanos que vendem suas almas pelo poder... é o Apocalipse. Sabe muito bem o que faz. As profecias mais populares falam disso.

— Limbo me disse que está averiguando coisas sobre o paradeiro de Strike e Lillian — comentou Noah.

— Meu irmão? —perguntou Margött horrorizada. Girou para Adam e o agarrou pela camiseta— Não sabia nada disto. Prometa-me que não acontecerá nada, xamã. É isso o que estava fazendo? Por isso não pôde vir? Por isso me enviou?

Adam olhou de esguelha a todos, incômodo por aquela amostra de desespero da berserker.

— Sim, era por isso. Mas fique calma, Margött. —Adam repuxou um a um os dedos como garras da mulher— Prometo que não acontecerá nada.

— Onde está ele agora? —perguntou preocupada.

— Não sei. Reuniremos-nos amanhã pela tarde em sua casa —disse em tom tranquilizador.

— Há algum motivo pelo qual não o curador não tenha aparecido? — perguntou Às de repente.

Caleb girou a cabeça para Cahal e este se removeu na cadeira.



— Disse que viria imediatamente. Está trabalhando com umas novas fórmulas...

— Fórmulas para que? —Maria e Ás eram iguais. A pura Inquisição.

Daanna se inquietou. Por que Cahal fugia o olhar dela? Onde estava Menw? Ele nunca faltava a essas reuniões. O estômago encolheu.

Beatha e Gwyn se olharam um ao outro, preocupados, e Aileen também percebeu essa tensão.

Ruth franziu o cenho. O que era esse frio repentino?

— Para uma vacina contra a dentada do vampiro e... algo que possa paliar o vampirismo e que ajude a suportar a abstinência do sangue humano sem necessidade de entregar a alma a Loki.

— Mas eu entendi que Loki os mudava —interveio Gabriel confuso— Pensava que ele os convertia em vampiros.

— Na realidade não é assim exatamente —respondeu Caleb com um tom de vergonha— Tente passar cada segundo de sua imortal vida com uma fome sangrenta e insaciável. Acha que é simples?

— Imagino que não é fácil —opinou Ruth.

— Loki dá a opção de não sentir nada quando se rende ao sangue. O vaniro pode viver sem sangue, mas é uma luta contínua porque a necessidade dele temos, mas só de nossos companheiros, está em nossa memória genética, em que os deuses nos mudou. Agora, prova a dizer isso a sua mente, que quando já está desesperada e se rendeu à necessidade bebe sangue humano pela primeira vez e descobre a ambrósia. Como não é a de seu companheiro, segue querendo mais e mais, começa o vício e seu corpo sofre as mudanças. O vaniro se transforma em vampiro, bebe sangue humano a torto e a direita. Não acha que se sacia, o impulso é cada vez mais forte. O sangue é mais suculento quando a adrenalina da vítima se dispara, e isso acontece quando está a ponto de morrer. Então o vampiro não pode parar, não se detém. Converte-se em um assassino. O vampiro é como um drogado e Loki é seu traficante. Ele vem e oferece uma eternidade sem responsabilidades nem encargos de consciência. Pode beber sangue e matar tantas vezes como quer sem que a vida que leva suponha nenhum trauma. Dirá que não? — Mordeu uma cenoura assada e ofereceu a metade a Aileen.

—E é quando somam a suas filas —compreendeu Ruth— Ele leva suas almas e assunto resolvido. Então só fica um corpo frio e com presas, mas sem coração. Zero remorsos.

— Exato.

— Se o vaniro for honorável, procurará a morte antes —continuou Menw na soleira da porta da sala VIP. Vestido todo de negro e com ar perigoso, usava o cabelo loiro solto e selvagem. Seu rosto coberto pelas sombras da sala. Seus olhos, tão azuis como o céu espaçoso, pareciam perigosos e predadores. Seu corpo musculoso gotejava uma agressividade controlada por um triz. No chão, a cada lado de suas pernas, repousavam enfraquecidas duas enormes bolsas militares de pele negra— E se não for, sempre estará disposto a escutar os cantos de sereia de Loki, até que ao final caia e já não haja salvação, nem para ele nem para os que o rodeiam.

Daanna pulou ligeiramente no sofá. A frieza na voz de Menw A deixou arrepiada. Seu estômago encolheu de fome e de incerteza pela atitude do vaniro. Gabriel colocou o braço no respaldo do sofá, por cima de Daanna. A vanira o olhou alarmada. Menw já não tinha esse ar



melancólico nos olhos, nem sequer a pose era serena e segura de si mesmo como sempre foi, agora inclinava a cabeça lentamente e olhava Gabriel como se estivesse vendo um rato que teria que exterminar.

— Seu irmão nos contou o que está fazendo —Ás o estudou com atenção— É honorável. Mas o vampirismo não tem cura, Menw.

— Isso, líder Ás —respondeu sem afastar a vista de Gabriel e da Daanna— decidirei eu. Não parece? Loki acredita que pode jogar com todos, mas eu colocarei suas hipóteses pelo traseiro.

— *Bráthair*⁶³ —Cahal levantou deixando sozinha Ruth— O que tem aí? —pôs uma mão no ombro para fazê-lo voltar em si. Seu irmão ficou imobilizado ao ver Daanna tão perto de outro homem. Um humano, além disso.

— Trouxe novos estojos de primeiro socorros. Contaram que esgotaram os últimos recentemente —explicou Menw recuperando parte da serenidade— Pensei que estaria bem aproveitar e trazê-los hoje já que nos reuníamos todos aqui.

— Está bem, muito obrigado, Menw. —Ás ajudou Cahal a repartir os estojos de primeiro socorros, todos eles com injeções de choque, sprays e antídotos contra aquelas drogas e artefatos que utilizavam os membros do Newscientists contra eles— vamos contatar definitivamente com esta gente dos fóruns e a esperar o que diz Limbo sobre o paradeiro de Strike.

—Eu também tenho algo que repartir —disse Adam. Abriu uma bolsa de veludo vermelho e verteu seu conteúdo sobre sua palma— Sonja me contou que o símbolo rúnico Eohl nos protege contra as almas negativas, contra a escuridão. Eu fiz anéis de ouro e aço para todos com o símbolo gravado em seu interior. Tomem um cada um e levem com vocês.

Todos aceitaram o presente do berserker e agradeceram. O berserker parou diante de Ruth e deu o anel de maneira impessoal e desinteressada. Esse não era o que tinha para ela, fazia outro mais bonito para Ruth e o levava no bolso em uma bolsa de veludo, mas não podia entregar porque não queria humilhar nem envergonhar Margött. Precisava falar com ela antes e explicar as coisas bem antes de atrás da Caçadora.

Ruth olhou o anel, não deu nem obrigada. O provou, mas era tão grande que no final o colocou na corrente de seu colar.

— Liam e Nora têm o seu? —perguntou ela em voz baixa. Adam engoliu saliva. Ruth, com seu interesse e sua preocupação, o fazia sentir como um homem horrível.

— Sim. Eu dei quando fui pegá-los para levá-los com Margött. — Ruth olhou Margött. A berserker não tirava os olhos de cima. —Já vejo como os cuida.

— Está aqui em qualidade de...

—Sua companheira. Já sei.

Deu as costas e foi com Cahal, deixando Adam com a palavra na boca.

—Agora, o mais importante desta noite. —Ás limpou a garganta e ofereceu a mão a Maria para que levantasse com ele.

Maria, ruborizada, aceitou a mão do líder. Ás rejuvenesceu com ela. O cabelo parecia comprido e encaracolado, igual ao dela, negro, só com algumas mechas. Era um homem de uns

⁶³ Irmão em gaélico.



quarenta e cinco anos, muito alto, de costas muito largas. Vestia uma camisa negra e calças de pregas da mesma cor. Um macho de olhos verdes claros, agora cheios de luz, e cara de irlandês peralta que recuperou o sorriso.

— Maria, em meio deste mundo de guerra e ódio, onde cada dia jogo minha vida sem saber se for voltar ou não, você é a única coisa que me dá forças para não me render. Uma vez perdi tudo o que me importava e estive a ponto de pagar muito caro meu abandono. Mas, como diz Ruth — a olhou e sorriu — parece que os deuses têm cartas escondidas nesta partida. Recentemente chegou a nossas vidas minha neta Aileen e me devolveu parte do coração que perdi — Aileen se emocionou — e com ela chegou você, para me devolver a outra metade que jamais acreditei reconstruir. É meu kone. Meu amor, meu coração, minha alma, minha vida e minha energia pertencem a você. Aceita se casar comigo?

Maria mordeu o lábio, beijou-o e o abraçou com força para lhe sussurrar ao ouvido:

— Sim. Sim, claro que sim.

Ruth não pôde evitar e começou a chorar em silêncio. Chorava de alegria por Maria e Ás, e de pena por ela mesma. Ás colocou apostou todas as fichas por sua companheira, por uma humana sacerdotisa como ela. Adam não apostou por ela em nenhum momento. Não acreditou neles e isso a rasgou.

Todos aplaudiram ferozmente e felicitaram com entusiasmo o líder dos berserkers.

Gabriel, apoiado no sofá, também sorria incrédulo, e observava maravilhado com um olho como Caleb e Ás se abraçavam, enquanto que com o outro, controlava que o vaniro que acabava de entrar não o cortasse em pedaços.

É óbvio que os deuses não os abandonaram. Era impossível afirmar algo assim se, quando mais espreitava a escuridão, os piores inimigos conhecidos como vaniros e berserkers se aliavam para combatê-la. Não se davam conta de que algo movia os fios? Os deuses que os criaram viveram confrontados sempre. Eram deuses antagônicos. Os Vanir e os Aesir. E essa inimizade a tinham tão profundamente arraigada que a transferido a suas criações, vaniros e berserkers. Ele, que estudou mitologia escandinava, sabia que a primeira greta entre os deuses se criou quando os Aesir tomaram Gullveig, uma deusa Vanir, e a queimaram três vezes e a massacraram com lanças, porque diziam que despertava a vaidade e as más artes nas mulheres. Os Vanir, que eram os deuses da magia, não permitiram que tal ultraje ficasse impune, assim que declararam a guerra. A primeira guerra eles ganharam, segundo o poema da *völva*: “com suas artes, os Vanir dominaram o campo”.

Então decidiram fazer um pacto de paz, já que ao ser as principais famílias do panteão nórdico deviam mostrar unidade de cara aos filhos do Heimdall, os humanos. Tentaram não lutar mais, e para isso, trocavam reféns uns com os outros, trocando benéficos para ambos os clãs. Os Vanir entregaram ao deus Njrd, a seu filho Frey e ao mais inteligente de sua tropa, Kvásir. Além disso, Freyja passava longas temporadas no *Asgard* com os Aesir e assim foi como ensinou a prática do seidr a Odín. Os Aesir entregaram um homem chamado Hnir, que diziam merecer ter uma fila de autoridade entre os Vanir, e também ao Mímir, um homem muito inteligente e erudito. Resultou que Hnir não era tão sábio como acreditavam e sem os conselhos do Mímir era um inepto. Os Vanir se zangaram, cortaram sua cabeça e a enviaram a Odín. O deus Aesir, que já



sabia utilizar o seidr, ungiu a cabeça com ervas para que não se estragasse e através de um feitiço, deu-lhe vida e o poder de falar de coisas que ninguém mais sabia.

Aquela foi a primeira guerra conhecida, a guerra entre o Aesirs e Vanirs que se resolveu com a paz, todo um acontecimento mitológico, todo um sucesso que agora sabia que era real.

Logo vinha a morte de Balder, o querido filho de Odín, pelas mãos das destrezas de Loki. E esse foi o ponto de inflexão. O ponto que a voluspä tomava como início do que ia ser o fim do mundo, a guerra entre o Bem e o Mal. A batalha final em que deuses, jotuns e humanos pereceriam. Era tão incrível o que Gabriel vivia naquele momento, que não importava morrer, porque sabia que aquilo para o que ele viveu, aquilo pelo que ele investiu tantas horas de seu tempo, a mitologia escandinava, era verdade.

Odín temeu à profecia, e decidiu castigar Loki por todos seus pecados. Mas o tiro saiu errado, e Loki desceu à Terra. E agora Loki queria provocar o *Ragnarök* do Midgard.

Olhou Daanna de esguelha. A vanira estava diante da janela, com o olhar perdido, abraçando a si mesma. Com o cabelo solto e vestida toda ela de couro negro, pensou que só faltavam alguns adagas ancoradas às coxas e uma espada pendurada às costas para ser a perfeita guerreira amazona. Era impressionante. Intimidante. E estava profundamente apaixonado por ela.

—Está bem? —colocou-se a seu lado e jogou uma olhada ao céu nublado— Às vezes acredito que espera ver o Superman quando olha ao céu dessa maneira.

Daanna negou com a cabeça.

— Perdoa. Só estou preocupada. —Preocupada porque nos olhos de Menw já não havia nenhum tipo de calor. E isso ainda tinha o poder de afetá-la.

— Quer contar isso?

Girou para ele. Como ia falar com o Gabriel de Menw? Como? Menw os olhava com atenção assassina. O que devia fazer? Aproximar de Gabriel e beijá-lo para demonstrar que ela não era nada de sua propriedade? Isso devia demonstrar a Menw? Não podia. O simples toque de outro homem a enojava. Mas estava segura de algo. Uma notícia como o compromisso de Ás e Maria, teria que celebrá-la de algum modo. Em tempos de guerra era quando o verdadeiro amor surgia e se elevava por cima de tudo. E o amor de Maria e Ás brilhava mais que nunca.

— Gosta de dançar. Temos que celebrar!—exclamou tirando forças e vigor de onde já não ficavam. Começava sua nova vida e Menw tinha que aceitá-la, como ela aceitou o que aconteceu séculos atrás entre eles.

Todos acolheram com alegria a proposta da vanira. Caleb e Aileen a olharam cismados, mas em geral todos tinham vontade de se divertir.

— O que diz, boneca? —perguntou Cahal a Ruth— Quer mover o esqueleto?

Adam, que não deixou de olhá-la desde que Ás pediu Maria que se casasse com ele, ficou tenso ao ouvir o convite. Ruth tomou ar e se armou de coragem.

— Morro de vontade de mover o esqueleto com você, bonito. —Passou pela frente da vermelha Margött e olhou de esguelha a Adam. “Aqui se faz, aqui se paga”, pensou raivosa.

CAPÍTULO 21



Tenso. Essa era a palavra que podia descrever o ambiente que havia entre todos os que se encontravam no Ministry of Sound. Era a primeira vez que Ruth saía para dançar depois da noite das fogueiras, e ela adorava dançar, e entretanto, sentia o corpo preso, pouco flexível e nada dado ao movimento. Seus olhos tentavam não desviar para espiar Adam e Margött, mas enquanto Cahal contava alguma coisa sobre sua nova moto tentando chamar sua atenção, ela não fazia outra coisa que vê-los.

A loira se aproximava de Adam, sorria e murmurava palavras ao ouvido, logo esmagava os seios no braço dele e desenhava círculos com o dedo indicador em seu peito. E ele estava tão bonito que dava raiva. Com essa camiseta negra que marcava todos os músculos de seu corpo, esses músculos de aço e fogo, com o rosto dourado de um lobo olhando fixamente à frente. Só ela sabia que o autêntico lobo era Adam. Ela e Margött, claro. Usava calça que fazia seu traseiro muito irresistível e que caíam por cima de seu calçado negro, deixando visível só as pontas daquelas Bikkembergs negras e douradas. Pensou, não sem melancolia, que Adam era negro e dourado. Negro de caráter e atitude, mas brilhante como o ouro. Como era seu coração, por muito que queria tratá-la mau. Quanto mais os olhava, pior se sentia. Ele controlava em todo momento os movimentos de Margött, mas não a separava de um empurrão como Ruth desejava ver, não. Adam a suportava e a deixava fazer. Não a afastava como fez com ela. Ele respeitava Margött, a ela não. Essa era a diferença.

—E então coloquei a cabeça no traseiro da vaca e disse: que merda que há aqui! — comentou Cahal olhando Ruth fixamente. Isso fez que Ruth prestasse atenção.

— Perdoa, o que disse? —perguntou Ruth envergonhada.

— Não está aqui comigo e isso faz mal a meu ego —entreabriu melodramático seus olhos azuis.

—Tem um ego enorme para que acabe —respondeu ela.

—Touché. Deixa de olhá-lo. Havíamos combinado que o deixaríamos com ciúmes.

—Deixe-me saber como. Percebeu que tem sete abutres ao redor?

Cahal nem prestou atenção.

— Se Margött o ignorasse —continuou— essas garotas iriam por ele como *orcs de Mordor*⁶⁴.

— Até onde está disposta a chegar comigo? —aproximou-se dela e a puxou pela cintura— Está no Ministry of Sound, boneca, com um vaniro loiro e irresistível. Imortal —elevou as sobancelhas repetidas vezes— Não quer averiguar que sabor tem o pecado?

Ruth engoliu saliva e teve a decência de ruborizar. Elevou-se nas pontas dos pés, já que com sua altura e usando saltos, Cahal era muito alto e largo de costas para privar sua visão. Olhou por cima de seu ombro, procurando Adam, mas este já não estava.

— O pecado tem sabor de *after eight*⁶⁵ — murmurou desiludida— Mas onde...?

— Está dançando com a berserker. Ela detectou às “orcs” e o levou a sua própria “comarca” como uma boa mulher territorial.

Ruth apertou os dentes e cravou as unhas nas palmas das mãos. Era verdade que estavam

⁶⁴Referência ao filme *Senhor dos Anéis*.

⁶⁵Marca de chocolate da Nestlé.



no sexto clube noturno mais importante do mundo, no 103 de Gaunt Street, e ali estava ela com cara de pau. O MoS, como era conhecido o local, tinha quatro andares a qual esse era o mais espetacular. Como era sexta-feira, estavam colocando na sala The Box um Dj de primeira linha, John Askew. E para cúmulo era a noite do amor. No teto havia milhares de globos vermelhos e prateados em forma de coração com o logotipo do Ministry gravado no centro. Dispararam confete de muitas cores e ativaram as luzes azuis e os raios fosforescentes. Era um celebração em grande estilo, uma festa. As pessoas se moviam, aplaudiam, elevavam os braços e gritavam excitadas. Havia tanta gente que parecia incrível que coubessem todos nessa sala. No balcão, o barman fazia malabares com as garrafas ao ritmo da música, e, sobre suas cabeças, havia uma mulher loira que balançava sobre um imenso balanço ancorado ao teto, lançando beijos e atirando camisinhas à multidão.

Olhou a seu redor. Gabriel se movia ao lado de Daanna, que tinha ao menos dez caras revoando como abelhas atrás do mel a seu redor, mas ela não olhava nenhum. Só procurava Menw.

Maria e Ás se moviam abraçados mortos de risada. Ás fazia-se de tolo, um tolo apaixonado, e Maria se descontrolava a base de gargalhadas. Era bonito vê-los.

Mais à frente, cobertos pela multidão, Caleb abraçava a Aileen e a elevava a dois palmos do chão, com os pés pendurando. Não deixava de beijá-la, e sua amiga sorria encantada enquanto o segurava pelo cabelo. Pequeno vício o desses dois.

Beatha e Gwyn, os dois loiros e altos se fundiam um nos braços do outro e Inis e Lone dançavam balançando entre eles como se fossem um. Alheios a tudo e a todos, só eles mesmos. Os vaniros eram muito sensuais e viviam para seus companheiros, quando finalmente os encontravam.

Noah, entretanto, olhava a todos ali presente, procurando qualquer sinal de perigo ou de ameaça, ignorando às três garotas que virtualmente foram levantar a saia para chamar sua atenção. Realmente tinham bom gosto. Com esse cabelo loiro platino, a tez morena, o diamante negro de sua orelha e esses olhos estranhos e amarelos permanentes, alguém tinha que ser de pedra para não percebê-lo. Era bonito como eram todos os membros dos clãs, mas também era o mais diferente. Ele não ameaçava. Sempre tinha um sorriso doce para todos os que falavam com ele. Transmitia bondade. Uma bondade alheia ao mundo onde vivia, alheia à natureza dos seres que protegia. Um anjo. Sim, sorriu orgulhosa. Noah era como um anjo.

Não via Menw por nenhuma parte. O que passava com esse vaniro? O que o traumatizava? Estava tão mudado... Daanna e ele não se falavam. Tampouco se falavam antes, mas ao menos, quando faziam, saltavam faíscas. Agora não havia faíscas. Só gelo e frio. Uma distância insondável para nenhum dos dois.

Os vaniros e os berserkers eram guerreiros imortais, e logo homens. Homens que davam o rosto cada dia por todos os que ali dançavam tranquilos, por todos os que desconheciam a natureza da realidade em que viviam, por todos os que ridicularizavam e riam de seres de outros planetas ou de outras dimensões. Se Odín existia realmente, o que não existiria então? Encheu o peito de um agradecimento sincero para seus novos amigos, que de maneira anônima, defendiam e lutavam pelos mesmos que riam de sua possível existência.



E então olhou Cahal. Usava uma camiseta onde aparecia a frase: “Dá uma dentada?”. Anda! Era um provocador! Quem não ia querer morder esse homem tão belo? O problema de Cahal era que seu cáraid, se é que o tinha, deveria ser forte e ter alguns razões de caráter para colocá-lo em seu lugar. Grande desafio supunha o seu.

E enquanto o DJ tocava o Bad Romance de Lady Gaga, ali estava ela, amargurando por culpa de um homem que já disse tudo o que tinha que dizer. Era um tronco que não se movia, quando dançar a descontraía mais que nada. Muito bem, Adam já disse sua última palavra, mas não sabia uma coisa; ninguém a deixava com a palavra na boca.

— Quer saber até onde estou disposta a chegar sem fazer ridículo, boneco? Siga-me se puder.

Agarrou Cahal pelo cinto da calça e seguindo o ritmo da música o guiou para a multidão que se movia extasiada, ignorando que nesse lugar, naquele local fantástico, não só se achava a magia da música, mas também se encontrava a magia dos deuses.

Margött estava ficando chata e, por educação, Adam não disse que o deixasse em paz e tranquilo. Nunca em sua vida se encontrou nessa situação. Com vontade de empurrar uma mulher e tirá-la de cima como se fosse uma mosca. Tinha que falar com ela de suas novas “não” intenções para com ela, porque não podia suportar ver como Ruth sorria a Cahal, como o olhava, com quanta confiança. A ele também o observou assim enquanto faziam amor, antes que ele a tivesse ferido com sua estupidez e sua arrogância. Grande imbecil foi. Também gostava de música, dançar a sua maneira, embora ninguém imaginasse. Seus pés queriam se mover, mas não com Margött. Margött não tinha o cabelo mogno e os olhos dourados. Não tinha um sorriso doce e permanente nos lábios, e não elevava o queixo e o desafiava como fez sua Caçadora.

Puxou-a pelos ombros e com apenas um olhar a obrigou a que deixasse de tocá-lo. Ela franziu o cenho.

— O que faz?

— Queria falar com você antes, mas não pude.

— Sobre o que? —perguntou refletindo dúvida pela primeira vez em sua voz.

— Eu disse que ia emparelhar-me com você.

— Sim. —Sorriu recuperando a confiança e se aproximando dele de novo para tocá-lo — E faremos isso público agora?

— Equivoquei-me. Eu... —Olhou-a arrependido— Equivoquei-me.

— O que? —soltou um grito um pouco agudo.

— Eu a respeito, Margött. É uma mulher que merece que a amem, não que só respeitem. — Os olhos negros o olhavam com frieza, mas também com uma estranha aceitação.

— Enganou-me.

— Não —negou com a cabeça— Não menti em nada. Em todo caso, eu me enganei. Não sei o que quero de minha vida ainda, Margött. Mas sei o que é o que não quero. Não quero me conformar com o respeito. Acredito... acredito que posso optar por mais —procurou entre a multidão esse mais que ele precisava tocar de novo— E você também deveria optar por mais.

—Certo, xamã —respondeu com tom desafiante— Mas eu sim sei o que quero, e quero



você. —equilibrou-se sobre ele e colocou a língua na sua boca no momento em que Cahal e Ruth passavam por seu lado. A Caçadora os olhou como em câmara lenta, enquanto ele, surpreso, ainda seguia com os lábios da berserker esmagados nos seus. Ruth deixou cair os olhos e fechou as pálpebras, algo que ele fazia quando não queria recordar aspectos dolorosos de sua vida. Afastou Margött com a força suficiente para fazê-la tropeçar, e limpou a boca com o dorso da mão. O mordeu e agora tinha uma gota de sangue no lábio inferior— Não quero falar mais com você, Margött. Agora não.

— Isto não vai ficar assim. Não pode jogar comigo e logo decidir que já não quer fazer mais.

— Sinto muito. — passou a língua pela ferida. Merda. Ele não queria acabar assim— Falaremos disto amanhã, de acordo?

— Sim, melhor falarmos em outro momento, quando você ver as coisas sob outra perspectiva. Repensa esta noite, xamã.

No momento em que Margött se afastou dali, Adam sentiu que o peso do mundo abandonava seus ombros e também percebeu uma coisa: Margött nunca o chamava por seu nome. Só era o xamã para ela.

Irritado e preocupado em partes iguais por permitir que Ruth visse esse espetáculo de femme fatale de Margött, decidiu ir em busca da gata que comeu sua razão. Enquanto soava a música pegajosa, teve que contornar um grupo de pessoas que rodeavam e aclamavam alguém que estava dançando, e muito bem, pelo visto. O coração parou quando detectou o aroma de pêssego no centro daquele grupo. Era Ruth. Ruth e Cahal. Um Cahal que era o objeto de desejo daquela Sherezade que com seu esplêndido cabelo da cor do vinho tinto e o movimento de seus quadris não só tinha Cahal hipnotizado, mas também a todos os homens e mulheres que os olhavam excitados.

O vaniro a puxou pelos quadris e bateu suas nádegas em seu corpo enquanto imitava o movimento circular que Ruth punha em prática, que recordava a danças antigas e inconfundíveis de sedução.

*I want your ugly
I want your disease
I want your everything
As long as it's free
I want your love
Love-love-love
I want your love...*⁶⁶

Ruth sorriu igual a uma feiticeira quando Cahal afundou seu nariz e sua boca em seu cabelo, e murmurou algo enquanto seus corpos se moviam perfeitamente acoplados, seguindo o ritmo à perfeição.

Adam viu tudo vermelho. Cegou. Era impossível que esse vaniro não cheirasse sua marca na

⁶⁶ Quero sua repulsão/ Quero seu desejo/ Quero tudo o que tenha enquanto seja grátis/ Quero seu amor/ Amor, amor, amor/ Quero seu amor...



pele de Ruth. Uma marca que não se refletia em seu pescoço porque a jovem a maquiou. Estava ali plantado, olhando com cara de pau, excluído dessa dança que assumia que devia ser para ele, como a garota que ele queria reclamar estava deixando excitado o vaniro. E estava irritado. A fúria o carcomeu quando viu as mãos de Cahal tocando uma pele que era dele. Dele! Tinha as mãos sobre as coxas de Ruth. Dele, merda!

Então Ruth o olhou a ele e pareceu parar tanto ela como o tempo. O olhou com ódio. Com raiva. Com desdém.

*You know that I want you
And you know that I need you
I want a bad your bad romance...*⁶⁷

A garota apertou a mandíbula e seus olhos se tornaram desafiantes e se cravaram em Adam.

Enquanto esfregava de novo contra Cahal, permitindo que ele a guiasse nesse baile de quadris e movimentos pélvicos. Não perdeu o contato com os olhos negros de Adam enquanto deixava que o vaniro a balançasse e a tocasse.

Merda, esqueceu como dançava Ruth. Se na noite das fogueiras tornou loucos os homens dos clãs, que não provocaria dançando zangada, muito sexy e despeitada no meio do Ministry? Pois uma autêntica comoção em todos os que ali olhavam. Ele mesmo estava impressionado. O suor frio do medo e do arrependimento cobriu sua pele. Esteve duas noites com ela. Duas noites nas que ele a ensinou sobre o sexo. Ele não a aceitava como mulher em sua vida, disse ela. E depois dessa manhã, certo que ia pôr em prática todo o aprendido. Não. Nem pensar. Aí não ia acontecer.

*I want your Love and
I want your revenge
You and me could write a bad romance
I want your love and
All your love is revenge
You and me could write a bad romance...*⁶⁸

— Como permite? — Menw se colocou a seu lado, olhando com desagrado o espetáculo que brindavam Ruth e seu irmão. Bebeu meio copo de repente.

Adam mal o ouviu. Só queria entrar ali e esquartejar Cahal lentamente, e logo sequestrar Ruth e marcá-la durante toda a noite. Daria uma boa surra nesse traseiro peralta que se movia provocador. Se queria sua vingança de verdade, ia tê-la. Toda inteira.

— Não entendo. — O vaniro o voltou a repreender — por que deixa que continue sem compreender que pertence a você? Os cães são muito territoriais — olhou seu copo com interesse — Essa garota cheira a você. Por que deixa que...

⁶⁷ Você sabe que o quero/ e sabe que o necessito/ Quero um falso, seu falso romance...

⁶⁸ Quero como amante/ Quero sua vingança/ Você e eu poderíamos escrever um falso romance. Quero como amante/ Todo seu amor e vingança/ Você e eu poderíamos escrever um falso romance .



Não viu. Não deu tempo de ver que Adam o empurrou contra uma das colunas do salão a uma velocidade supersônica. Levantou-o pelo pescoço da camiseta e falava entre dentes, grunhindo como um animal selvagem.

— Não me incomode. —Sacudiu.

Menw o estudou divertido, ainda com o copo na mão, que pelo visto não podia soltá-lo. Elevou a mão para tranquilizá-lo.

—Estou dizendo o que todos vemos. Não deixe que a faça acreditar que não se importa com ela. Importa.

—Já o vejo. Já vejo como importo —zombou— importo tanto que se está roçando contra seu irmão como se fosse uma gata. —Baixou e passou a mão pelo rosto— Seu irmão é um idiota, isso é o que é.

— Meu irmão não se importa em dançar com uma garota bonita. —encolheu os ombros— Só está lhe dando um castigo. Ambos estão dando isso.

Adam cheirou sangue, e ficou tenso. Olhou o copo de Menw e levantou uma sobrancelha.

— O que acontece, presas? Você gosta de misturar?

Menw piscou como se não tivesse ouvido nada.

No copo do vaniro não haveria mais de três ou quatro gotas de sangue, mas eram suficientes para que ele as cheirasse. Que merda estava fazendo o curador?

De repente, aquela maldita música que sempre odiaria cessou. O DJ pegou o microfone e fez calar a todos ali presente.

— Hoje há uma pessoa aqui que quer dar um presente a alguém muito especial. Não é a primeira vez que nossa Maria canta nesta sala.

Os meninos se olharam uns aos outros impressionados. Aileen, Caleb e outros se aproximaram do palco onde estava a mesa de misturas com curiosidade. Cahal levava Ruth pela mão e Adam sentiu pela primeira vez o afiado corte do ciúme, porque esse gesto sim que parecia mais íntimo que todo o resto. Segurava-a pela mão, como se fosse seu homem e ela sua mulher. Grande merda.

As pessoas, entre os que se incluíam os guerreiros, rodearam a plataforma. Assombrado, viu como a nova mulher do leder subia ao palco, e entre vivas e aplausos, falou através do microfone com sua voz serena:

— Olá a todos. —Estava surpreendida de ver tanta gente reunida ali— Caramba, são muitos. Vejam só, hoje o homem que amo me deu um grande presente, me entregou seu coração —olhou a Ás e mandou um beijo. As pessoas aplaudiram e as garotas suspiraram— Nem todo mundo se atreve a fazer isso, não é? —E de repente seus olhos de cigana se cravaram em Adam com desaprovação, para logo ignorá-lo— Eu quero lhe dar um presente também. Uma vez me disse que o que mais desejava na vida era me ver cantar. Meu companheiro quer uma atuação para ele, e eu vou dar. Faz tempo que não faço isto... mas hoje, por ele, volto a estar aqui. Assim, amor — olhou para Ás— isto é para você. Considere um presente de casamento.

Ás inchou como um galo, orgulhoso de que uma mulher como aquela dissesse isso diante de todos. E olhou a todos os homens presente como dizendo: “Viram? É minha”.

— Mas antes, necessito uma ajudante. Ruth!



Ruth sobressaltou-se e tentou se esconder atrás de Cahal. Ele a assinalou e todos a localizaram assinalando a sua vez. Ruth negava com a cabeça. Gostava de cantar, mas a sós, não diante de tantos ouvintes.

Cahal a elevou pela cintura e a subiu ao palco. Os homens começaram a aclamá-la e a elogiá-la. Adam já trasbordou seu limite, mas aí estava Menw para tranquilizá-lo com seu peculiar senso de humor:

— Vai matá-los? Certamente que tem muita vontade de fazê-lo. Adam o olhou de esguelha.

— Vi Gabriel beijar Daanna — soltou para incomodá-lo.

— Que se fodam — cuspiu arrebetando o copo de vidro que tinha na mão— Eu saberia.

—É uma merda.

— Querem que Ruth cante? —perguntou Maria ao público.

— E que mostre esse traseiro! —gritou o cara que estava diante de Adam.

Adam não precisou de mais. Deu um murro na cabeça, *a la Bud Spencer*, e o derrubou. Uma vez no chão, deu-lhe um chute nas costelas para assegurar de que estava inconsciente. Sentiu-se bem quando o homem nem se queixou.

— Não me faça isto —murmurou Ruth em voz baixa a Maria.

— É só uma canção — puxou sem dar importância e lhe deu um microfone— Toma, Caçadora. Sei que canta maravilhosamente. Você faz a primeira voz e eu a segunda. Trocamos a letra e em vez de ela é ele, certo?

— Que canção?

— Aposto que se lembra, ontem esteve praticando com o noaiti. — piscou um olho— Mostre o que aprendeu, ver se assim se move da colina.

— Maria —cobriu o microfone com a mão e grunhiu— Por favor, eu...

—Venha, vai me deixar sozinha?

Olhou-a nos olhos, aquela mulher que só lhe deu seu apoio, seu amparo e sua amizade, e compreendeu que não poderia negar nada. Procurou Adam entre as pessoas e quando o viu, o ruído da sala desapareceu como se fossem meras cacofonias. Só ficaram seus olhos negros como topázios que a olhavam esperando para ver o que em seguida faria essa noite para torturá-lo. E sim que ia torturá-lo. E o faria da pior das maneiras.

—Vamos lá, Maria —ordenou Ruth.

Maria sorriu, deu a ordem ao DJ com um gesto da cabeça e começou a soar o *You shook me all night long* do ACDC. E nesse momento, Adam se perdeu na Caçadora e compreendeu, muito a seu pesar, que ia estar perdido pela eternidade. O dueto que fizeram Ruth e Maria essa noite no Ministry of Sound seria recordado nos anais do tempo. Ruth tornava louca às pessoas com sua maneira de dançar e de seduzir. Alvorçava o cabelo, olhava às pessoas por cima do ombro desafiando a que subissem ao cenário e a tocassem. Paquerava e sorria a todos os homens que quase fizeram um cerco de babas por ela. O estribilho da canção falava de paredes que vibravam, a terra que tremia enquanto duas pessoas faziam amor.

Adam esteve a ponto de subir ali e sequestrá-la. Ele e ela. A Caçadora cantava sobre eles, e pelo Odín, como cantava.



*And knocked me out and then you shook me all night long
You had me shaken and you shook me all night long...*⁶⁹

Ruth com uma voz esplêndida, limpa e de altos e agudos impensáveis animava às pessoas a seguir a canção com palmas e a que cantassem com ela. Maria era a voz grave, mas ganhava às pessoas com sua simpatia e sua elegância. Com lânguidos e estudados movimentos.

Adam queria levar Ruth dali. Odiava ver como outros se excitavam por ela. Mas como dizia a canção, como dizia o estribilho de Ruth: ela era única, e era dele e nada mais que dele. E ele não queria aplausos por isso, só outra chance mais com ela. Queria que o devorasse e que essa mesma noite voltasse por mais. Ele o daria, mas antes deviam falar.

Dava pavor. Ruth, com sua força e sua naturalidade, era como um furacão que passava por sua vida e, certamente, deixaria sua casa tremendo. Sua casa e seu coração. Mas sua irmã Sonja se arriscou a amar e encontrou seu lar em seu companheiro. Adam queria um lar também, e embora tivesse que marcar Ruth em algumas coisas, sentia-se possessivo com esse lar que ela poderia oferecer. A Caçadora pensava que fechou a porta definitivamente, mas ele era um berserker muito cabeçudo e demonstraria essa mesma noite que tinha as chaves de sua casa. Justo depois de amassar a todos esses carrapatos que se atreviam a dizer grosserias.

Quando a canção finalizou, Maria e Ruth se abraçaram rindo. As pessoas enlouqueceram e as duas sacerdotisas levaram uma ovação interminável. Ás jogou os braços a Maria e a ajudou a descer. Cahal subiu ao palco, agarrou o microfone, e carregou Ruth sobre seu ombro como se fosse um saco de batatas.

—Levo a esta preciosidade. Sou um homem com sorte? — perguntou olhando ao público.

Todos ali grunhiram, lamentando não estar no lugar daquele loiro enorme. Entretanto, o vaniro invejado ficou com o olhar fixo em um ponto daquela multidão. Seus olhos de predador se cravaram em alguém. Grunhiu como se tivesse visto um manjar apetecível.

Menw ficou em alerta ao ver a reação de seu irmão. Não era normal nele esse comportamento primitivo. Cahal era um vaniro muito controlado, que adorava o jogo e a caça, unicamente pela diversão que comportava a sua vida cheia de excessos e depravada. Entre a multidão havia uma mulher loira, alta e esbelta, que o olhava a vez com supremo interesse. Seus olhos cinzentos e azuis sorriam e o desafiavam que fosse procurá-la. Menw franziu o cenho e voltou a olhar a seu irmão. Os olhos azuis de Cahal obscureceram como a noite e soube, pela posição tensa de seu corpo, que as presas explodiram na boca. Menw se preocupou, porque já era mau que ele se perdeu por culpa de uma mulher, mas era pior ainda presenciar como seu irmão correria a mesma sorte.

Adam já não pôde suportar mais, e quando viu que Cahal ia com Ruth nas costas como se fosse um troféu começou a correr e cortou o passo.

—Solte-a —sua voz soou cortante.

Cahal levantou uma sobrancelha loira e arrogante.

— Desça-me, tolo —ordenou Ruth se sentindo muito má. Quando tocou os pés no chão se

⁶⁹ E bateu e então você me sacudiu a noite toda/ Você tinha me abalado e me sacudiu a noite toda...



virou para Adam e jogou o cabelo para trás. Olhou-o como se fosse transparente— Se afasta?

— Não.

Adam deu um passo para ela e a agarrou pelo pulso.

—Venha comigo, agora —uma ordem inflexível.

— Não — riu e se soltou com um movimento furioso.

Cahal via a batalha de vontade com interesse, mas com uma atenção dividida. Sua cabeça estava voltada para trás, sem perder de vista a essa mulher magnética que despertou nele o animal. A garota o olhou a sua vez e sorriu por cima de sua bebida. Tinha um rosto travesso muito delator. Pelo visto, ela estava desfrutando com essa troca de olhares tanto quanto ele.

Adam, enquanto isso, ficava com os olhos amarelos.

— Importa-me um nada que se zangue — assegurou ela, percebendo a mudança de cor.

—Eu tinha razão — disse ele de repente.

— Razão no que?

— É uma garota muito fresca.

Ruth deu um passo à frente e deu uma bofetada em todo seu rosto. Como se atrevia? Era ele o que estava morrendo diante de seu nariz. Cahal aplaudiu divertido, dividido entre o que acontecia com esses dois, e o que transmitiam os olhos daquela obra de arte.

Parecia simplesmente a vista que era uma mulher guerreira, que não temia nada e que podia igualar perfeitamente toda sua temeridade. Inalou profundamente até que detectou seu aroma pessoal. Seu corpo estático. Cheirava a morango. Cahal apertou os punhos e pensou mentalmente: minha.

Adam nem se alterou quando Ruth reagiu com tanta agressividade.

— Não volte a me insultar nunca mais — assinalou seu nariz com o dedo indicador.

Um músculo no queixo de Adam dançava sem controle. Ele merecia. Merecia sua reação e ganhou a torta da consciência.

—*Fel cwn a moch*⁷⁰ — comentou Cahal rindo.

—Já são dois, Ruth. Na terceira, eu a devolvo.

— Quem acredita que é? —ela explodiu, sussurrando como uma serpente— Acha que pode decidir algo em minha vida? Acha que...?

De repente se calou. As pessoas a seu redor dançavam e seguiam o som da música nova que tocava o Dj. Ruth olhou para trás, o cabelo da nuca arrepiou e soube que ali havia algo estranho. Adam franziu o cenho e colocou Ruth atrás de seu corpo, olhando à frente.

—Eu também senti — disse ele para tranquilizá-la.

Cahal controlou à loira e também olhou a seu redor. Algo estranho estava se gerando. Ele era um druida poderoso, também podia sentir esse tipo de energias. Naquela seleta sala, não só havia humanos, vaniros e berserkers. Havia algo mais.

A garota saiu da sala com umas amigas de aspecto muito masculino. Muito bonitas elas, magras e altas, mas com o cabelo curto de menino e alguns piercing naqueles rostos de porcelana e de olhar duro, femininas e frias.

⁷⁰ Como cão e gato em gaélico.



— Se encarregue de Ruth de uma puta vez, cara — disse Cahal a Adam com cara de poucos amigos, para desaparecer depois atrás da juba dourada.

Cahal a seguiu enquanto seu coração saltava revolucionado em seu peito. Era ela? Era ela por fim? Saiu pela porta de emergência. O druida sentiu, olhou por cima do ombro à porta principal que de repente se fechou. Intrigado, seguiu às garotas. Ouvia o sapateio dos sapatos enquanto desciam as escadas. Saiu à rua e não havia nem rastro dela. As amigas não importavam, unicamente estava interessado naquela enigmática mulher que estimulou seus sentidos.

Preocupado, deu a volta e a viu. Aproximava-se dele caminhando sobre seus saltos altos com elegância, movendo os quadris da esquerda à direita e com as mãos nos bolsos de sua calça negra de pregas. Usava um casaco fechado e ajustado da mesma cor, e debaixo, nada. Nada de nada. Exibia um colar de pérolas que se apoiava no quente vale entre seus seios. Cahal não prestava atenção a nada que não fosse cada centímetro do corpo dessa beldade. Seus quadris, suas longas pernas, sua cintura de vespa... seu rosto.

— Onde esteve todo este tempo, *mo dolag*⁷¹? — perguntou ele aproximando-se dela repentinamente.

A garota se assustou ao ver que podia se mover a essa velocidade, mas tampouco parecia surpreendida. Aquela menina tinha os olhos mais inteligentes que viu em sua vida.

— Não me fale em gaélico. Eu não gosto — disse ela com uma voz sexy e rouca.

Cahal ardia por possuí-la. A roupa queimava. Levantou a mão e acariciou sua bochecha. As mulheres eram feras ou cervos. O que era ela? Ele conhecia perfeitamente as necessidades de todas elas. Entrava em suas mentes e dava o que necessitavam, embora nenhuma delas devolvesse o favor.

— Como sabe que falo gaélico, preciosa?

Sentiu uma pontada na nuca, a esfregou com a mão e detectou um pequeno dardo. Puxou um pouco aturdido e o estudou enquanto entreabria os olhos.

— O que é...?

— O que é o que, corajoso? — o tom da garota soou brusco. Cahal desabou imediatamente, enquanto lutava por manter os olhos abertos. O que estava acontecendo?

— Tenha pressa — disse uma das garotas morenas que aparecia de trás de um contêiner com uma mini-zarabatana de aço — Só temos meia hora para carregá-lo.

Carregá-lo? Aonde o levavam? Não podia acontecer isso com ele.

— Quem... como se chama? — seu instinto queria saber dessa garota de cabelo loiro e brilhante que o olhava e o girava com muito esforço, pondo-o de cara ao chão. Tinha o rosto de elfa, mas de verdade, à exceção de que não tinha as orelhas bicudas. Enquanto o ignorava, pôs umas esporas de aço nos seus pulsos e nos seus pés.

— Chama o senhor Cerril — ordenou a garota.

Cerril? Patrick Cerril? Sua mente, que deixava de funcionar submetida às drogas tão potentes que injetaram, lutava por alinhar os pensamentos sobre esse nome. Patrick Cerril e Sebastian Smith eram os humanos que junto a Mikhail Ernepo, o homem que se fez passar por pai

⁷¹ Minha bonequinha em gaélico.



de Aileen, controlavam a organização Newscientists. Cahal lutava contra as algemas e o sono. Sentiu uma mão que agarrava-o pelo cabelo e jogava sua cabeça para trás.

— Recorda meu nome, vampiro — sussurrou em seu ouvido — Mizar.

Ruth sabia que a escuridão se abatia sobre eles. Parou para observar as caras das pessoas que estavam ali, e de repente, ouviu um grito. Alguém tirou uma faca e apunhalou a outro. Dois dos rapazes que dançavam diante deles giraram e os encararam. Suas caras eram demoníacas. Os olhos pálidos e o rosto sem expressão. Correram para Adam e Ruth. Estavam possuídos.

— Cuidado! — gritou o xamã protegendo Ruth.

Noah e Ás, o qual levava Maria pela mão, entrincheiraram junto a eles.

— Noah, tira Maria e Gabriel daqui. Tire a Caçadora — ordenou Ás entregando Maria e empurrando o loiro de cachos para ele.

— Sei lutar — informou Gab, olhando de esguelha a Daanna — Fico.

— Importa uma merda que saiba lutar! Tira-os daqui!

— Silfyngir! — O arco dos elfos se materializou nas mãos da Caçadora. Não tinha a aljava com ela e não sabia de onde tiraria as flechas, o que não imaginou era que iriam se materializar entre seus dedos, queimando com sua frieza e dando pequenas descargas elétricas. Não importava a dor. Se tivesse que disparar, disparava e ponto. Armou a flecha e disparou contra um deles. Acertou no meio do peito e o paralisou — Eu fico, Ás.

Ás apertou a mandíbula e assentiu.

Adam saltou sobre o seguinte que avançada sobre ela, golpeou com o cotovelo no rosto e torceu um braço.

— Não os mate! São humanos, Adam! — pediu Ruth.

— Atrás de você! — gritou ele saltando para aplacar um menino de cabelo raspado com um vidro quebrado e desigual na mão. Alcançou Adam no peito e este rugiu, agarrou-lhe a cabeça com as duas mãos e deu uma cabeçada que quebrou o tabique nasal — Tenho que protegê-la! Não importa se são humanos ou putos extraterrestres!

— Adam, não os mate! Estão possuídos! — advertiu Ruth repetindo. Eram humanos em essência e só estavam sob a influência de almas negras. Não podiam matá-los.

Ruth podia ver os espectros voando sobre o teto da discoteca e como caíam como meteoritos, introduzindo-se nas centenas de pessoas ali presente, quisessem ou não, estivessem doentes ou não. Brigavam entre eles como selvagens, com seus punhos, com navalhas, com vidros que recolhiam dos copos que caíam ao chão.

— Gabriel! — gritou Daanna dando uma cotovelada no plexo de uma garota que queria arrancar seus cabelos — Proteja-se, Gabriel!

No momento viu como Aileen se lançava sobre o rapaz com crista e piercings no rosto que atacaria o humano. A vanira respirou mais tranquila.

— Alguém me conta o que está acontecendo? — perguntou a híbrida.

— Leve-os daqui agora mesmo! — disse o chefe berserker olhando Noah.

Este levou Maria e Gab, e saiu correndo da sala, desatracando a porta de entrada que deixaram travada. Deu uma carreira, saltou e deu um chute voador. A porta se quebrou em vários



pedaços. Protegeu Maria e Gab enquanto os tirava daquela batalha campal.

— Estão possuídos! São humanos possuídos — explicou Ruth. Cheirava a enxofre. Sentiu náuseas e uma onda de energia negra, que como um buraco de putrefação expulsava todos esses espectros e almas negativas que alguma vez absorveu para que convertessem o Ministry no mesmo inferno— Saem de algum lugar! — se moveu pela sala, procurando a origem de tanta maldade.

A música era ensurdecadora, *I have a feeling de Black Eyed Peas* retumbava e impossibilitava a comunicação a viva voz, elevaram o volume e virtualmente era impossível falar ou escutar nada. Adam se posicionou ao seu lado, como um guardião.

— Há vampiros e lobachos. Isto será um açougue. Não se separe de mim... por favor.

Quando Ruth o olhou viu uma ordem e também um rogo. Adam estava muito preocupado por sua segurança.

— Saem de algum lugar. Posso sentir — explicou ela adiantando e fazendo gestos— Se soubesse de onde vêm talvez pudesse fazer algo...

Adam interceptou um louco que saltou sobre Ruth. Quando Ruth girou para vê-lo, se deu conta que o louco tinha garras enormes e o rosto ossudo e com imensas presas amarelas. Assustou-se e se colocou a tremer, porque algo igual a isso que Adam estava golpeando no chão a arranhou no estômago fazia um mês e meio.

— Me cubra — pediu ela entreabrindo os olhos e agarrando o arco com mais força.

— Faça isso — grunhiu nocauteando o lobacho, e afundando-lhe a mão no peito até arrancar o coração.

— Preciso ir ao palco — assinalou segurando a vontade de gritar ao ver como manobrava Adam— Dali de cima poderia ver...

Caleb bloqueou outro com seu corpo e o lançou contra a parede.

— Isto está infestado! — gritou, defendendo-se.

— Ao palco? — perguntou Adam— Muito bem, segure-se — pediu elevando-a pela cintura.

Ruth recordou a mesma frase em outro contexto completamente diferente. Engoliu saliva e se apoiou em seus ombros. Adam assentiu agradecido e de um salto passou por cima de toda a rixa, a vários palmos das cabeças que quase se golpeavam umas às outras. Finalmente, subiram à plataforma.

— Tenha pressa, Caçadora — a urgiu ele. Iam atrás dela. Os possuídos foram atrás de Ruth, mas ele se encarregaria de que ninguém lhe tocasse um cabelo.

Daquele lugar mais alto pôde ver como três caras gordos rodearam Daanna, e como Menw foi um por um, golpeando e passando enquanto os mordida e lambia os lábios. Daanna o olhava entre o assombro e a incredulidade, com os olhos cheios de medo e tristeza. Pálida. Menw virou para ela e disse algo, algo que foi como uma bofetada para a vanira porque retrocedeu e levou uma mão tremente ao coração. Esses dois estavam discutindo e pelo visto, não diziam coisas bonitas porque Daanna estava chorando.

Caleb, por sua parte, lançava uns e outros pelos ares, ajudado por Aileen, e os nocauteava. A outros simplesmente os empurrava com a mente. Os membros do conselho do Segdley e Dudley também repartiam o seu. Mas eram centenas de pessoas contra eles dez. Sairiam dessa?



Varreu visualmente a sala e viu alguém estranho, separado de todo aquele estado de guerra, como um observador. O capuz cobria seu rosto, mas deixava ver parte de seu queixo. Era um homem, e estava sussurrando algo. Usava uma vara na mão e sobre a vara, uma bola negra que lançava brilhos vermelhos. Dessa bola, a cada brilho, emergia uma fumaça negra que ao se elevar, convertia-se em um espectro. Ruth abriu a palma da mão e uma flecha apareceu sobre sua pele, gemeu para aguentar a dor, esticou-a com mestria na corda do arco, e apontou. Aquele homem estava em transe, não imaginava que ela pudesse vê-lo.

— Vê? — perguntou Ruth — Esse filho da puta está aí — disse com raiva.

Adam olhou para onde ela olhava, enquanto dava um chute voador a outro suicida que queria matar sua Caçadora. Não podia vê-lo bem, mas Ruth parecia que via com clareza, ele somente vislumbrava suas formas imprecisas. Era um homem encapuzado, um homem rodeado de magia negra. Seidr.

— É Strike! — exclamou com fúria — Está aqui!

Ás ouviu o grito de Adam e correu a localizar o berserker traidor. Com um rugido se transformou e foi para o lugar onde Adam e Ruth olhavam.

Ruth soltou a flecha, que como um míssil, cruzou a plataforma, e sobrevoou a sala Box até se cravar no peito do causador daquele regresso de almas. Acertou em Strike. Foi então, quando a flecha o alcançou, que Ás pôde ver o que formou parte do comitatus milhares de anos atrás. Mas quando, furioso, foi agarrá-lo pelo capuz, a imagem se moveu como se fosse fumaça. Parecia um holograma, imaterial, inalcançável, até que, finalmente, desapareceu.

Ouviram gritos estranhos provenientes do além morte, e o Senhor dos animais e a Caçadora observaram como os espectros simplesmente se desvaneceram.

Os humanos que foram possuídos caíram ao chão úmido de sangue, de álcool, de suor e repleto de vidros quebrados. Muitos ali presente ficaram em choque.

Adam ajudou Ruth a descer da plataforma. Menw se aproximou de Ás, com Daanna pisando seus calcanhares. Caleb e Aileen, com restos de sangue alheio, também se reuniram com eles.

— Havia nosferatus — comentou Caleb com o rosto manchado do sangue de um deles.

— Ruth viu Strike. Pôde vê-lo e o atingiu com uma de suas flechas — explicou orgulhoso — Ele trouxe as almas possessivas aqui.

— Matou-o? — perguntou Aileen se aproximando para inspecionar sua amiga.

— Não. Estou bem. — olhou o vestido negro que ainda usava com dignidade e os sapatos de salto vermelhos. Sim, ao menos se mantinha em pé muito bem — Strike não estava aqui fisicamente. Acredito que era uma projeção.

— Mas levou sua lembrança. — Adam a olhou com um brilho especial em seus olhos que ainda resplandeciam amarelos — Não era uma projeção. A flecha se cravou nele. Veio aqui em uma viagem astral, transferiu sua alma até aqui, mas suas flechas alcançam às almas. As flechas da Caçadora só podem ser tocadas pela Caçadora, assim talvez quando retornar a seu corpo ainda a tenha cravada. Sofrerá.

— Isso é verdade — apoiou Ás olhando o destroço que se produziu naquele famoso local — A flecha se foi com ele. Caleb — dirigiu-se ao líder dos vaniros — ninguém pode saber o que aconteceu aqui. Têm que fazer uma lavagem cerebral nestes humanos. Poderá?



— É óbvio — assentiu Caleb — Recolheremos isto, Ás. Você vá com sua mulher. É sua noite de noivado.

— O perigo já passou? — perguntou Ruth estremecida.

— Nunca passa o perigo — assegurou ele — Estaremos em guarda, como sempre.

— Como sempre.

Ruth não podia entender o que era viver assim. Cada dia, cada noite, patrulhando pelas cidades, e lutando contra vampiros, lobachos e demais... Como podiam seguir vivendo com normalidade?

— Eles fazem — disse Aileen — Não fica outra, Ruth. Para os humanos há um tempo para a guerra e outro para a vida. Para vaniros e berserkers é o rosto da mesma moeda. Eles simplesmente aprenderam a viver sem dissociar — encolheu os ombros.

— Fora de minha cabeça, friki — disse agradecida pela explicação de sua amiga — Obrigada.

Aileen sorriu e abraçou a sua amiga.

— Parece uma amazona — a felicitou.

— Travaram a porta da entrada. Estávamos presos — disse Menw sem atender a Daanna, a qual seguia pálida e o olhava como se não o conhecesse — E meu irmão?

— O vi sair pela porta de emergência — Adam se aproximou de Ruth para dar apoio. Ela o necessitava pelo modo em que permaneceu no meio daquela batalha. Era admirável, porque por muito mal que fossem as coisas, essa garota não se queixava nunca. Estava aí, e tinha que ajudar, o fazia.

— Adam — Ás se aproximou dele — Acabo de receber uma chamada de Maria. Liam e Nora estão em nossa casa.

— Como? Estavam com Rise — seu olhar parecia aterrorizado.

— Pelo visto... houve problemas.

— Que tipo de problemas?

Ruth, preocupada com os pequenos, saiu disparada do Ministry e sem dizer nada a ninguém, entrou em seu Roadstar. Liam e Nora eram crianças, ninguém podia brincar com eles assim. Se fizessem algo não sabia o que seria capaz de fazer. Apertou o botão de ligar e apertou o acelerador, e nesse momento uma figura enorme se colocou diante dela, privando-a da visão.

— Saia daí agora mesmo — ordenou Adam.

— Afaste-se, vira-lata. Quero ir ver como estão as crianças.

Um brilho de agradecimento refulgiu nas escuridões impenetráveis do berserker.

— Estão bem. As três sacerdotisas foram procurá-los antes que acontecesse algo. Agora já acabou tudo. Só foi um susto — tentou tranquilizá-la — Saia daí.

— O que aconteceu?

— Parece que entraram para roubar a casa de Rise e bateram nela. Está ferida gravemente.

— Entraram para roubar? E você acha isso? E como sabiam as sacerdotisas que...? E os gêmeos não sofreram nenhum dano? — tremeu-lhe a voz.

Adam, em troca, tremeu pela necessidade de tirá-la desse ridículo veículo e abraçá-la. Ruth amava seus sobrinhos. Amava com o coração, e ele se desfez ao dar conta disso.

— Eu não acredito em nada. O único que importa é que eles estão bem. Importa uma merda



todo o resto —gritou dando um golpe no capô do carro— Quero que saia daí ou a tiro eu, e você não gostará do que acontecerá.

Ruth olhou o capô e se horrorizou ao ver que estavam golpeando seu bombom. Se olhar matasse, Adam estaria morto.

— Me prometa que os gêmeos estão bem.

— Sim, estão. Eu seria o primeiro em ir buscá-los, mas passarão a noite com Ás, Maria e Gabriel. Você e eu precisamos esta noite para...

Em um ato reflexivo, a jovem acelerou, algo que na realidade não deveria ter suposto nada grave, mas seu bombonzinho tinha um motor muito potente que não era o de origem, assim que o pequeno carro de corrida arrasou Adam e o fez voar pelos ares.

CAPÍTULO 22

Tinha a adrenalina disparada, e a tensão, certamente, pelas nuvens. Mas não importava. Adam não gritaria mais, não a sacudiria e nem a humilharia, e muito menos diria o que tinha que fazer. Não havia um ela e ele, assim que o melhor era tentar recuperar o projeto de vida que montou em Notting Hill.

Enquanto saía do bairro de Camberwell a mais de cento e vinte quilômetros por hora, não pensou nas multas de velocidade nem em sua conduta absolutamente temerária. Em sua mente só havia um objetivo, deixar de sentir medo, e deixar de tremer por culpa do berserker.

As rodas chiavam, o motor trucado de seu Smart estava encantado com o tratamento que dava Ruth, já que assim todos os ingleses poderiam comprovar como bem ronronava. Não percebeu que estava chorando até que começou a perder visibilidade, e mesmo assim, seguiu conduzindo como uma kamikaze até chegar àquele bairro pitoresco que ela aprendeu a adorar. Sua Notting Hill e sua esplêndida casa *typical tigrith*, de tijolos avermelhados, jardins permanentemente cuidados e quartos altos e de muitos metros. Seu corpo parecia autônomo, parecia livre, fazia coisas que ela não mandava, como por exemplo, cair. Freou diante da porta de sua casa, no pequeno estacionamento privado que tinha no jardim de sua propriedade. Estava a ponto de sofrer um ataque de pânico. Forçou-se a respirar e a controlar o pranto, mas nada podia parar aquela corrente.

Olhou ao céu e suspirou derrotada. O que aconteceu nessa discoteca? Quantos teriam morrido? Quantos estariam gravemente feridos? O que ela podia mudar? E o pior de tudo, por que Adam não dava valor a ela?

Os faróis de um carro que ia passando de volta a cegaram e frearam a menos de um metro de suas pernas. Tocava a música a todo volume, soava *Numb* de Linkin Park. Um para-lama enorme e prateado a deslumbrou. O Hummer amarelo de Adam estava em seu jardim, e supôs, como não, que ele sairia dali enfurecido e a voltaria a humilhar.

Já estava bem.

— Saia daqui agora mesmo — assinalou a saída.

Adam apagou as luzes, desceu do carro com um soberano irritado e o fechou de uma pancada.



— Atropelou-me.

— Não aconteceu nada, é de borracha virtualmente. Fora de minha casa.

— De borracha? Porra nenhuma! —destacou a roupa destroçada e o arranhão que tinha no braço.

— Ponha um bandaid!

Ruth girou e correu para abrir a porta de sua casa, mas quando a abriu Adam a reteve, girando-a para encará-la.

— Aonde acha que vai? —Agarrou-a pela parte superior dos braços— Você e eu temos que falar esta noite. Nunca mais volte a fugir de mim assim, ouve? —sabia que estava gritando e que não estava bem, porque Ruth estava em choque, mas quando o atropelou, um medo atroz de perdê-la de vista e que alguém a ferisse nesse intervalo se apoderou de sua vontade. E não necessitava mais sustos, já tinha suficiente sabendo que Liam e Nora podiam sofrer danos enquanto ele estava festejando que Ás e Maria se comprometeram. Agora mesmo só queria... só queria... Merda, ainda continuava tremendo. E comprovou, não sem arrependimento, que ela também tremia.

— Não me toque.

—Por que foge? —soltou-a brandamente e abriu os braços sem compreender seu comportamento, dando um falso espaço, um espaço que ele não cederia.

— Não quero nada mais disto. Estou saturada. Não quero mais de você.

— Pois vai ter, menina.

—Não! —explodiu— Não quero falar com você, cão insensível. Seu ego e sua soberba não cabem em minha casa, assim vai... puta! — gritou no rosto, com as lágrimas que saíam descontroladas e deslizavam por suas bochechas como cascatas— Vá para ela! Não o quero aqui!

— Puta? —Adam não soube como encaixar esse insulto. Ninguém o chamou nunca de puta. Ruth adorava insultá-lo como se ele fosse uma garota.

— Estou cansada de que me olhe e ria de mim, e juro que o que não necessito esta noite é mais comportamento autoritário nem mais meu-chi-não-é-para-você. —Empurrou-o com a força do despeito e da impotência— Assim saia e vá consolar à cadela que tinha enganchada como um marisco ao seu braço durante toda a noite. Ela seguramente que o merece mais que eu, porque ela é de respeito, verdade? Quer cuidar dela, porque ela é uma dama. —Olhou-o com desprezo, mas ele não reagia— Saia! —Empurrou-o de novo com todas suas forças.

Adam rugiu e a puxou pelos pulsos. Vinha castigá-la, e dar seu castigo, e fazer-se o único proprietário de seu corpo e de todos seus desejos. Mas Ruth estava ferida, medo dele e dela, pelo que fizeram essa noite, pelo que poderia acontecer entre eles a partir desse momento. E ele era um autêntico vulcão a ponto de explodir.

Estavam ensopados. A chuva caía furiosa sobre eles, igualando a raiva e o desdém que sentiam um para o outro.

— Está a ponto de cruzar uma linha muito fina, Ruth. —Suas mãos eram algemas de fogo ao redor de seus pulsos delicados.

— Ah, sim? Isto é passar da linha? —deu um passo à frente e se elevou nas pontas dos pés para olhá-lo diretamente os olhos, e nem assim podia igualá-lo. Seus corpos se roçavam— É um



hipócrita. Tenho todo o corpo marcado por sua boca e suas mãos e permite o luxo de fingir que não importa o que aconteceu entre nós. Marcou-me. A mim! —gritou— Não a ela. Permite que outro me toque e não se importa —soluçou limpando as lágrimas com o ombro, já que Adam não a liberava— E deixa que outra o acaricie. É como o cão de hortelã, que nem come nem deixa comer.

— Não vi que sofria tanto, Caçadora —abateu sobre ela— Presas e você estavam bem juntos. Alguém deveria dar-lhes uma cama para que acabassem a tarefa direto.

— Eu esperava que você nos trouxesse uma! —soltou ao empurrá-lo com o ombro, como um jogador de rúgbi. A dor e a impotência apareciam em seus olhos. Repuxou o cabelo molhado do rosto com um movimento de cabeça.

— Não me provoque, Ruth. Não faça... por favor. —Puxou-a pela nuca e a aproximou dele rápido para abraçá-la com força e que não desse tempo de rechaçá-lo — Maquiou minha marca. A ocultou, bruxa. Estou tão zangado com você.

— E eu o odeio! Solte-me! —Lutou, dando chutes e murros. Sua marca? O que pensava? Que mostraria orgulhosa um chupão enorme no pescoço de alguém que a rechaçava? Lutou de verdade e brigou para não se render diante dele, mas tão rápido como explodiu, acabou cedendo a se ver rodeada pelo calor do berserker. Desabou e com um soluço quebrado começou a chorar, como uma guerreira vencida que não gostava de perder. Adam também se rompeu por dentro ao ver a angústia e o abandono com que chorava.

— Chist. —Afundou seu rosto em seu pescoço, sentindo que a jovem estava se rompendo por sua culpa, por sua cegueira, porque ele não quis ver o que outros tinham claro. Que aquela mulher de caráter temperamental e suaves curvas era dele. Esteve a ponto de rechaçá-la. Fez, e não uma vez. De sua boca surgiu um lamento, e se amaldiçoando por sua inépcia a prendeu contra ele, oferecendo o calor que não deu— Sou idiota, Caçadora. Sou um puto covarde, tem razão. Chist... vê-la chorar me rompe o coração.

—Vai, por favor. —Ela não o abraçava. Seu comportamento era arisco e reservado como o dos gatos desconfiados. A pobre não deixava de soluçar como uma menina pequena.

Adam cheirou o cabelo mogno de sua recém descoberta e reconhecida companheira, e sentiu como sua alma se enchia de luz e de uma paz que fazia anos que procurava. Era um maldito afortunado. A vida, o destino, as nornas... não importava quem ou o que lhe deu isso, o importante era que trouxeram sua companheira. Entretanto, estava irritado também. Não foi o único que brincou com fogo essa noite. Não foi o único que por despeito teria jogado tudo a perder. Ele se limitou a mostrar suas cartas, como ela. Mas ainda ficava a última mão.

—Devo reclamar o que me pertence — murmurou roçando-lhe o pescoço com o nariz, abraçando-a ainda com força para transmitir que dessa vez, não ia soltá-la.

— Então devia tomar o desvio a Black Country —murmurou com voz débil— Isso que busca está em Wolverhampton.

— Não —grunhiu ele— Não é verdade. Hoje disse a Margött que ela e eu não temos futuro. Ruth o voltou a empurrar com força e se libertou.

— E isso quando foi? Quando tinha sua língua na garganta? Quando o estava segurando como se fosse um polvo?



— Eu não a beijei! —defendeu-se ele com um grito forte— Em troca, você deixou metade da discoteca excitada com sua dança com o presas e sua maneira de cantar. Esteve me provocando toda a puta noite por que...

— Não me diga que estava ciumento? Recordo que não sou eu o que você quer —gesticulou com as mãos.

— Não estava ciumento.

— Então, o que quer? Vai ao inferno!—Empurrou-o e entrou na casa com o coração ferido de morte. Ao fechar a porta se encontrou com o pé do berserker que a travava e a abria de novo de par em par, deixando o trinco cravado na parede.

—Já estou nele, gatinha. Desde que a conheci que estou nele —a pressionou contra a parede e pôs uma mão a cada lado da cabeça— Vim por você. E lhe dar uma boa surra por ser tão condenadamente sexy e por virar minha cabeça ao contrário desde que nos conhecemos. E deixar algumas coisas claras, como por exemplo, que agora sei o que quero. Não sou ciumento, Ruth. Sou possessivo com o que é meu. —A agarrou pela cintura e uniu sua pélvis a dele— Vai se acostumando.

Ruth aumentou os olhos. Não havia uma espécie que se chamasse Erectus Permanentis?

—Eu pertenço a mim mesma. Não sou de ninguém. E menos ainda de você. —Afastou o rosto, indignada porque Adam se atrevia a dizer com tanta rapidez uma verdade que se converteu em sua vergonha.

— Me escute. —Elevou-lhe o queixo tremente que se enrugava fazendo bico— Pelo Odín, meu bem, não me faça isto... —Abraçou-a de novo e desta vez acariciou-lhe as costas de cima a baixo. Ruth e sua vulnerabilidade o humilhavam— Sei que não tenho direito de pedir nada, mas tenha paciência comigo. —Beijou-a no ombro. Um beijo doce e cativante.

Ruth não se atreveu a se mover. Não tentou apreciar esse gesto carinhoso e voluntário que protagonizou. Odiava se descontrolar. Não suportava demonstrar a Adam o muito que a afetava tudo o que passou entre eles, e entretanto, não podia controlar.

— Não faça isso —se queixou retirando o ombro.

— Não estou acostumado a tremer e ficar louco com ninguém. Só me acontece com você, Ruth. Só você. —Tomou-lhe o rosto com suas imensas e morenas mãos e juntou sua testa à dela— Kone.

Ruth não podia acreditar no que estava acontecendo. Adam estava se declarando? Era isso? Engoliu saliva.

— Não brinque comigo, Adam. Não faça...

— Chist — acariciou o rosto e passou hipnotizado seu dedo polegar por seus lábios vermelhos— Sua boca me enlouquece. —A bruma vermelha apareceu em seu olhar e apertou todo seu corpo contra o dela, esmagando-a contra a parede— Eu... eu não gosto de perder o controle e você, menina má, faz que o perca constantemente. Não imagina como me sinto. Dá medo não voltar a ser o mesmo, assusta me perder em você, e sou muito consciente de que tem esse poder, Ruth. Pode me subjugar.

Ela elevou os olhos e o olhou aturdida. Podia acreditar?

—Adam, se for me rechaçar outra vez quando tiver conseguido o que for que quer de mim



esta noite, vai me matar. Sabe, não? —Puxou-lhe o rosto e o obrigou que a olhasse aos olhos— Prefiro que me deixe claras as coisas como esta manhã a que me faça acreditar que importo a você de verdade. Eu... não tenho poder— riu cansada— Eu... Adam. — Negou com a cabeça, deixou cair as mãos e sorriu como se o que ia dizer era o mais evidente do mundo— entreguei meu coração no primeiro dia que te vi. Não teve que fazer nada para ganhá-lo, só aparecer e me proteger. Foi responsável por ele todo este tempo. —E porque era verdade, e estava esgotada, não importou confessá-lo. A liberação era algo agradável que a enchia de paz— até agora pisoteou bastante meu coração e acredito que já é suficiente. Não me diga coisas que não sente. Se veio aqui só para transar só porque Margött e você são...

— Não! —rugiu, e golpeou a parede fazendo uma brecha— Venho aqui só por você. Passo tempo sem saber como tratar com você, minha cabeça esteve lutando com o que nasce aqui — golpeou o peito com o punho— E eu... Merda, Caçadora... eu quero que dance comigo. Com ninguém mais, só comigo. —Desesperado, sua boca caiu sobre a dela com uma força brutal.

Ruth entrou em um mundo paralelo, um que convertia seus sonhos e seus desejos em realidade. Adam a estava beijando outra vez? Via-se completamente necessitado de seu contato, de seu corpo, de tudo o que ela estava disposta a entregar, e tremia. Deus, como tremia esse homem. Mas ela já lhe deu tudo, e agora tentava se recompor. Tentou afastá-lo, mas ele não a deixou. A confinou entre a parede e seu corpo quente. Suas mãos enormes percorreram suas costas e baixaram até suas nádegas, penetraram debaixo da saia negra de seu vestido e as segurou com intensidade. O calor de suas palmas transpassou o tecido de sua roupa íntima. Com possessividade.

Ruth gemeu e ele engoliu seu gemido. Introduziu-lhe a língua na boca e a seduziu até que ela saiu a seu encontro. Depois de comer um ao outro, Adam cortou o beijo para recuperar o ar.

— Tudo o que você tiver para dar é para mim, entende? Meu. Toque-me, katt— pediu, agarrando seus punhos apertados que ainda mantinha a cada lado de seus quadris, e os colocou sobre os ombros, apressando que fosse carinhosa com ele.

Ruth o olhou com os lábios inchados por seus beijos. Seus olhos dourados relampejaram, seus punhos permaneciam fechados e continuava com as costas apoiada na parede. Tinha medo de entregar-se a ele. Não cederia. E se o fizesse e logo ele a atirava como um trapo velho?

Adam entendeu, e lamentando todos seus enganos se deixou cair de joelhos diante dela. A jovem respirava agitada, molhada pela chuva. Baixou o olhar lentamente e o viu vacilante pela primeira vez. Inseguro. Necessitava uma redenção que só podia outorgar. Seu bárbaro pedia clemência.

— Ruth... perdoe-me, por favor. —se abraçou a ela, rodeando seus quadris e afundando o rosto em seu ventre, esfregando com o nariz e transpassando o tecido fino com seu fôlego— Perdoe-me por tudo. Por negar, por ferir, por... Entrego-me a você, meu bem. Estou em suas mãos. Sinto tanto...

Emocionada, pensou que essa estratégia aprendeu com os gêmeos, com certeza.

Adam não continuaria com sua sedução se não correspondesse. Ardiam-lhe as mãos por tocá-lo, e não suportou, abriu as mãos, elevou uma tremente, e a pôs sobre a cabeça raspada. Logo colocou a outra e acariciou-lhe a nuca.



O berserker levantou o olhar incrédulo, desta vez cheio de vermelho desejo e de necessidades impronunciáveis para ele. Ruth ficou hipnotizada com suas brancas presas que apareciam entre os lábios. Enganava a si mesma. Não podia dizer que não, mas ao menos se resistiu, no mínimo, havia feito a tentativa.

— Me diga que quer dançar comigo. Diga-me que aceita tudo o que tenho para dar — ordenou ele assegurando de que ela aceitava estar com ele— Diga que sim.

—Adam... Sim.

Sorriu como uma fantasia de diabo, gesto que certamente copiou de Liam, ou o contrário. Já não importava. Sorriu lentamente, como sempre. Seu sorriso sempre demorava em subir a esses olhos vermelhos, e quando fazia, já entregou sua alma e ondeava suas calcinhas na mão como se fossem uma bandeira.

O berserker se moveu rápido, deslizou as mãos debaixo da saia e arrancou a calcinha vermelha. Arrancou sem esforço, só teve que puxar pela tira lateral, e sua roupa íntima de cem libras saiu voando.

Ambos estavam muito excitados. Adam subiu a saia e a segurou com os antebraços sobre o ventre.

— Quer fazer amor comigo? —colocou a língua no umbigo e brincou com ele— Diga que sim.

Estava louco?

— É uma pergunta?

— Sim. Não vai ser como antes —grunhiu beijando-lhe o quadril— Desta vez quero tudo de você, entende isso?

Ruth tremeu quando a boca de Adam desceu ao interior de suas coxas. Primeiro mordeu uma brandamente, e logo deu um chupão na outra. Ruth o segurou pela cabeça e o puxou para afastá-lo e obrigá-lo que a olhasse.

— Não sou de vidro. Pode me fazer o que quiser.

Os olhos de Adam avermelharam por completo e sorriu como um predador. O cerco negro exterior era muito fino, e suas íris refulgiam como dois ônix.

— Merda, Ruth. Estive esfomeado por isso. —Acariciou-lhe com os dedos a virilha— vejo perfeitamente. Vejo quem é. —Sorriu acariciando com o nariz a marca da sacerdotisa— Eu gosto muito.

Ela fechou os olhos e apoiou a cabeça na parede. Estava hiperventilando.

— Pêssimo —sussurrou ele. Inclinou-se sobre o sexo de Ruth, abriu com os polegares e o comeu. A língua dele a acariciou de cima a baixo, de dentro para fora e fez os mesmos movimentos mecânicos uma e outra vez.

Ruth tremia, tremia de prazer como resposta a essa onda de energia que percorria seu sangue e sua pele. Aquela zona lisa era ultrassensível e a língua de Adam sabia. Nesse momento, só existia a boca do berserker.

Adam grunhiu. Manteve-a quieta com seus braços. Os lábios sugaram, os dentes roçaram e morderam ligeiramente e ela estava aberta, a ponto de gozar. Acariciava sua cabeça como se fosse um menino bom. A verdade era que estava muito bom, pensou maliciosa. Cortou a respiração



quando ele voltou por mais e introduziu a língua outra vez em seu interior, como se ela fosse a tela e ele um artista que dava forma. Ruth estava ficando louca com os ruídos que ele fazia. A estava degustando como se sua essência fosse um manjar para ele. Ronronava e gemia enquanto a saboreava. E então, em uma das incursões mais longas, uma que a enchia, ela ficou tensa, e simplesmente explodiu arqueando as costas. Adam riu orgulhoso enquanto seguia chupando e a mantinha cativa em seus braços. Ruth esteve a ponto de deslizar até o chão, chocada e sem forças para se sustentar, mas ele a agarrou nos braços e como conhecia a distribuição de sua casa pela visita anterior que fez a Gabriel, colocou-a sobre o balcão do bar do salão, sentada. Ruth o abraçou sem querer soltar, respirando com dificuldade, tentando se recuperar do clímax.

Adam sorriu enternecido e a afastou ligeiramente para retirar o cabelo do rosto. Levou suas mãos ao vestido e o rasgou de cima a baixo, deixando-a nua sobre a tábua de madeira.

— Afortunado vestido. — Olhou-o com olhos assassinos — Eu não gosto de suas roupas docinho. — disse passando as mãos pelas costas suaves e elegantes da garota, a aproximando dele e colocando-se entre suas pernas. Desabotoou o sutiã de taça vermelha e o jogou ao chão.

— Mentiroso, você gosta — respondeu penetrando as mãos por debaixo de sua camiseta negra e dourada, descansando sobre seu peito depois de sentir o êxtase. O coração desse homem ia muito depressa — Ficou doente ao me ver ali em cima, cantando para os outros.

— Vai pagar por isso.

— E você pagará por beijar Margött — o encarou magoada — Não gostei. Não gostei nada. O que eu fiz foi algo muito diferente do que você fez.

— Ciumenta? — Elevou uma sobrancelha, vaidoso.

— Machucou-me, Adam. — Deixou muito claro, com os olhos impregnados de dor e despeito. Não podia recordar essa cena sem sentir um aperto no coração.

Olhou-a fixamente e se odiou por tê-la humilhado assim.

— Juro que não a beijei. — A segurou pelo rosto e acariciou suas bochechas com os polegares — Machucou-me que o visse. Prometo isso, katt. Oxalá pudesse apagar essa lembrança. — Beijou-a nos lábios e nos olhos fechados e se esfregou intensamente contra sua virilha, imitando o que mais tarde iriam fazer. Ela o aceitou e gemeu.

— Teria matado os dois. De fato, estou planejando assassiná-la lentamente. — Desde quando era tão possessiva? Grande revelação — Pouco a pouco.

Adam sorriu e massageou sua nuca. Era relaxante e excitante de uma vez ter Ruth para ele sozinho.

— Está assustada, katt? Desta vez a união não será como as anteriores. Meu corpo a reconhece como algo meu e vou me deixar levar. Sofrerei algumas mudanças — cravou seu olhar nela — É cedo para você? É humana, e nos conhecemos muito recentemente, mas meu instinto a escolheu. Você está de acordo?

— Tivemos mais de quatorze encontros.

Adam franziu o cenho.

— Um encontro normal, quanto pode durar? Três horas? Você e eu vivemos juntos estes dias. Quarenta e oito horas. Aí vão quatorze encontros. E nessas horas que passamos juntos, vimos o pior um do outro e pode ser que também o melhor. — encolheu os ombros e acariciou-lhe



o peito com concentração— Já não me questiono se foi ou não coerente, porque me educaram segundo as estruturas mentais e o comportamento dos humanos, e isso não combina com vocês, tampouco combina comigo. Aprendi com Aileen e Caleb. Com vocês não servem as horas, nem os dias. O tempo não é relevante, só seus instintos. Certo, Adam. Mas, você está? Está de acordo com isto? —respondeu ela estendendo as mãos até o cinturão da calça dele sem perder o contato visual— Sei muito bem o que quero. E agora quero isto, porque embora não seja uma berserker e não tenha instintos como os seus, sei que eu escolhi você. Nos gostamos. Nos sentimos atraídos. Agora só devemos nos preocupar com isso. —E disse assim porque embora seu coração fosse dele, entendia que para Adam, alguém tão pouco predisposto a mostrar debilidades, reconhecer que havia algo mais que atração seria muito— Você tem medo?

— Sim. Muito. Mas estou farto de resistir — puxou a camiseta e a jogou ao chão— Uma vez porque pensei que fosse má, a outra porque não queria me prender a você. É aditiva. Pode ser que seja minha perdição, Caçadora, mas me importa um nada. Quero você.

— Quer se perder? —tremeu-lhe a voz.

— Com você.

— Por que faz isto agora? —perguntou indefesa, ruborizada ao se dar conta que ela estava completamente nua e ele meio vestido. Havia algo alucinante nessa imagem. Algo sexy e proibido— O que há agora em mim que o faz me preferir mais que a esta manhã? Sou a mesma.

— Sim, é você. —Adam se abateu sobre ela e se colocou entre suas pernas. Agarrou-a pelo cabelo e jogou-lhe a cabeça para trás— É a mesma que me deixa louco faz um mês e meio. É a mesma que abriu meus olhos esta manhã. É a mesma pessoa que me torturou esta noite, mostrando-me o que perdia se elegesse outra. E se não fosse você, se não fosse a mesma, não estaria aqui.

— Então isto é sério? —perguntou insegura, com a cabeça jogada para trás— Quer algo comigo? Tentaremos?

Algo? O que Adam tinha em mente não era algo, mas sim tudo. Para o inferno com seu subconsciente. Quando aceitou finalmente que Ruth era sua companheira, quando por fim repassou todos os sinais, quando ele mesmo o reconheceu, então, tornara-se um egoísta territorial. Ruth não escaparia dele, jamais. Amava-a? Pois não sabia, porque, para começar, Adam não acreditava no amor. O que era amor e o que era pertencer? Conhecia-a o suficiente para apaixonar-se por ela? Dela ele gostava, disso estava seguro. Sentia algo por dentro quando a via, algo borbulhante. Era isso amor?

— Quero o que possa me dar. —Lambeu seu pescoço.

— Não posso competir com uma berserker —sussurrou— E não suportarei que me compare. Se o fizer, me fará sofrer e então irei embora.

— Não é uma berserker — disse ele afundando os dedos em seu cabelo, massageando seu couro cabeludo— É única e acredito... não, sei — corrigiu— que é minha. Minha para fazer com você o que tenha vontade. — Puxou-lhe o couro cabeludo — minha dominação para proteger e para cuidar. Minha para compartilhar com você tudo o que tenho. Pode ser que seja cedo, mas assim é nossa natureza e já a neguei o suficiente.

— Disse que seu chi não era para mim —sua voz se quebrou e apoiou a testa em seu peito e



logo o golpeou com todas suas forças por ter dito algo tão horrível.

— Eu disse isso para feri-la e afastá-la. — defendeu-se ele, obrigando-a a retroceder e estirá-la sobre a barra de madeira— Meu chi só pode ser para você. Dei parte dele sem necessidade de estar dentro de você. Uma, quando a salvei do lobacho. Outra, a primeira noite que fizemos sexo oral. — abaixou a voz — E a última vez, ontem, enquanto fazíamos amor. Isso quer dizer algo, Ruth.

Ruth pôs cara de assassina.

— Pensei que só fod...

Adam tampou-lhe a boca com a mão.

— Não diga. Tenho asco quando recordo as coisas que disse para afastá-la de mim. E também me dou conta das coisas que decidi meu corpo e minha energia, antes que minha cabeça. Outra coisa é que as aceite ou as reconheça. Assustei-me. Não tenho direito a me assustar, Ruth?— Perguntou ele magoado— Sou um guerreiro imortal, mas também sou um homem. Inclusive os homens são cegos óbvios.

Adam se livrou das calças. Levou os polegares à cueca branca Armani ajustada que usava. Moreno que era e o branco do algodão, o contraste era demolidor. A tatuagem brilhava na escuridão. O dragão parecia sorrir com cumplicidade. Adam não só era um homem, era pura luz para seus sentidos.

— Espera. —ela o parou, levantando-se e agarrando o elástico de sua roupa íntima— Eu. Eu tiro.

Adam assentiu, agarrou os quadris de Ruth sem deixar de olhá-la e esteve a ponto de desmaiar quando ela roçou intencionalmente sua ereção com o dorso dos dedos. Baixou o elástico e seu pênis saltou sobre suas mãos, grosso, escuro, venoso e pesado, liberado por fim.

— Intimida —o tocou com delicadeza.

Adam cresceu ante seu olhar e seu toque, mas puxou a mão porque se não o fizesse, aquele encontro não duraria nada. Aproveitou para tirar a cueca pelos pés e dar um chute, afastando-a dali. Agarrou Ruth por debaixo dos joelhos e a abriu para ele. Ela soltou um grito. A altura da barra americana seria alta para qualquer um que desejasse praticar sexo nela, mas para Adam, com seu um e noventa e cinco de altura, era perfeita.

— Você... você não acredita no amor, verdade? —afirmou ela engolindo saliva, exposta diante dos olhos de Adam.

— Acredito em você, por agora. Acredito no que sente por mim e me sinto... bem por isso. Libertou-me. Sabe o que isso significa?

Sim que sabia. Que estava apaixonada por ele, porque o colar se abria quando havia um sentimento de desculpa autêntico, um que só outorga o verdadeiro amor.

—E acredito em mim, nas sensações que despertam quando está a meu lado —prosseguiu cobrindo-lhe os seios com as mãos, amassando e passando os polegares pelos mamilos— Não pode ser suficiente por agora?

Seus olhos negros rogavam atormentados que o aceitasse. Era suficiente? Ela estava apaixonada por ele. Sabia. Ambos sabiam. E Ruth o aceitava sem medo, mas não queria dizer nada em voz alta se não fosse correspondida com uma resposta similar. Não queria mendigar o amor de



ninguém. Ou se entregava livremente ou não se entregava. Assim que se conformava com ele e com o que pudessem experimentar a partir desse momento. Cedo ou tarde chegaria o amor. O ensinaria.

— Por hora, Adam — respondeu cobrindo suas mãos com as suas — Por hora.

Seus olhares se encontraram, sabendo que exigiriam mais, que sua relação não ficaria assim. Em algum momento um deles pediria. Adam aceitou, não estava preparado para nada mais, ainda. Mas sim que estava preparado para dizer com seu corpo o que não sabia dizer com palavras, porque não poderia saber se eram certas ou não, mas sim que confiava nas sensações de seu corpo. Ele havia conspirado contra o amor. Então, qual era sua natureza? Estava agradecido por encontrar Ruth. Uma mulher capaz de turvá-lo e de deixar seu mundo de pernas para o ar. Havia tantas diferenças entre eles, e, entretanto, a natureza os uniu, seus instintos básicos chocavam quando estavam juntos, chamavam um ao outro, e isso jamais aconteceu com ninguém. Ruth era a mulher que mais perto teve de si e seu Chi lhe pertencia. Afligido por seus pensamentos, inclinou-se sobre seus seios e substituiu as mãos pela boca, a língua e os dentes. Submeteu Ruth a uma doce tortura. Era lento e meticuloso com o que fazia. Não deixou nenhuma parte de seus seios por beijar, morder ou mamar. Havia ultra sensibilizado seus mamilos e pareciam pedras de tão duros que estavam.

Ruth não aguentava mais.

— Acredito que posso gozar se continuar me estimulando assim — disse ela agarrando-o pela cabeça — Me ardem...

Ele soprou sobre um mamilo para aliviá-la. E logo o reteve com os dentes e o puxou, para acalmar a seguir a abrasão com a língua.

— Me quer dentro de você? — Deslizou uma mão desde seu seio até sua virilha e acariciou a entrada com os dedos. Ruth chorava por ele. Sua ereção cresceu e decidiu medi-la introduzindo dois dedos até os nódulos.

Ela abriu os olhos e jogou a cabeça para trás para gemer... de prazer.

Adam se inclinou sobre ela, com o rosto de alguém que necessitava com urgência essa liberação. Olhou seus olhos e esperou a que o olhasse e fizesse algo. Gostava de ver como reagia a seu contato. Movia os dedos em seu interior e a torturava com sua perícia.

— Me dê um beijo — ordenou ele agressivo.

Ruth abriu os olhos dourados e o olhou a sua vez.

— Disse que seria diferente — recordou como se fosse seu amo e senhor — vamos tentar, mas quero ver como reage para mim. Eu saberei em todo momento o que necessita, cuidarei de você. Minhas necessidades são primitivas. Potentes. Vai ser capaz de me corresponder?

Ruth se debatia entre a curiosidade e a excitação. Assim que isso era ser dominante, e assim se jogava à submissão. Elevou-se ligeiramente e acariciou-lhe os lábios com os seus, em um beijo volátil e pouco profundo. Jogando, medindo a paciência do berserker.

— Quero sua língua — disse ele com voz rouca — Beije de verdade.

Ela levantou uma sobrancelha e capturou seu lábio inferior com os dentes, muito brandamente para não machucá-lo. Adam agradeceu. Logo o lambeu para aliviar o sutil beliscão, e lambeu também com um gemido a ferida que fez Margött, e a seguir, em um arrebatamento de



posse, colocou-lhe a língua na boca. Ligeiramente, com lentidão e parcimônia. Com doçura. Acariciou a dele várias vezes.

O peito de Adam rugia como o motor de um carro. Pensou que o céu devia parecer como um beijo de sua garota.

— Eu gosto de beijar você, Adam. É como acalmar a um cão mau e grande. Sinto-me poderosa — sussurrou beijando-o de novo, entrelaçando suas mãos atrás de seu pescoço e aprofundando suas arremetidas.

— Já não uso o colar — comentou enquanto suspirava de prazer a cada beijo que dava. Introduziu os dedos muito dentro e em seu interior os curvou — Hoje não pararei. É minha. Meu brinquedo. — Seus olhos vermelhos reluziram dominantes.

Ruth assentiu feliz, enquanto movia os quadris. Estendeu uma mão e o agarrou pelo pênis, enquanto o beijava e o mantinha preso pelo pescoço com a outra mão. Sentiu como palpitava e como a cada carícia de sua mão se engrossava. Quanto poder tinha em suas mãos. Adam foi seu professor nesse aspecto, ensinou a acariciá-lo.

O berserker puxou sua mão com delicadeza.

— Logo.

Agarrando suas coxas, aproximou-a mais ao extremo da mesa que servia de balcão americano. Observou orgulhoso o corpo dessa garota. Seus mamilos eretos que olhavam ao teto, avermelhados por seus beijos, seus seios inflamados, sua virilha úmida e inchada. Mas o mais espetacular daquele templo que ele adorava era seu rosto. Fada? Gata? Caçadora? Ruth. Era Ruth, sua kone.

Aproximou a cabeça de seu membro de sua entrada e a acariciou de cima a baixo com ela, como se fosse sua língua. Levantou suas pernas com determinação e as colocou sobre seus ombros.

— Vamos fazer assim — anunciou com tom autoritário.

Ruth pensou que era uma posição estranha.

— Vai sentir até as vísceras, gatinha. E vai aguentar, e vai suportar porque é o que eu quero. Entendido? Eu me encarregarei de você.

Ruth assentiu hipnotizada por sua voz ditatorial. Ela não ia dizer que não.

Inclinou sobre ela e esse movimento fez que a penetrasse lentamente. Agarrou-a pelas coxas e a arrastou até que suas nádegas se sobressaíram da mesa.

— Tome inteiro, Ruth — ordenou ele enquanto movia seus quadris e se introduzia mais.

Ruth não se atrevia a mover, não podia. Aquela posição era extrema para ela, submetida. Mas não se importou sentir como Adam a dominava, como se metia em seu interior lenta e inexoravelmente. Uma lentidão disfarçada de potência, isso era.

— Dói? — perguntou ele acariciando as coxas de cima a baixo, enquanto seguia fazendo pressão com os quadris — Abra, *dyrebar*⁷². Assim...

— Sim, Adam — gemeu — Assim...

Ruth compreendeu que a natureza de seu berserker era dominante e sexualmente agressiva.

⁷²

Preciosa em norueguês.



Ela não tinha muita experiência, mas jamais poderia comparar aos dois rapazes com os que esteve em sua adolescência. A essas duas patéticas e únicas vezes. Diante dela tinha um homem. Um homem bonito e exigente. Um viking forjado na guerra, duro fora da cama, e duro dentro dela. Adam poderia parti-la em duas se lhe desse vontade, mas embora seus movimentos fossem potentes, quando a tocava o fazia com delicadeza e calor, demonstrando que podia se agarrar a ele, que ele cuidaria dela.

— Sim? — assentiu ele com um sorriso de prazer — Merda... quente. Está ardendo, Ruth. — Fechou os olhos e deixou cair a cabeça para trás quando a penetrou por inteiro, ouvindo com prazer o soluço de Ruth.

Ruth tentou mover as pernas. De sua posição via seus joelhos sobre os ombros de Adam e a ele olhando para baixo, ao ponto onde se uniam, com os olhos vermelhos e brilhantes, e as presas longas. Sentia-se cheia como um peru, cheia.

Adam grunhiu e se moveu com um ritmo devastador que os queimou, renovou e os fez renascer de suas cinzas. Ruth não podia gritar, só atinava a procurar ar e esticar os músculos de seu estômago. A dor e o prazer teciam um manto sobre eles. Levantou as mãos por cima da cabeça e agarrou a lateral da barra. Adam a agarrou pelos quadris e a preenchia como um pistão insaciável. O interior de Ruth o acolhia perfeitamente. Era estreita, apertava-o, seus músculos lutavam por acomodá-lo, mas o faziam e deixavam espaço. Ruth também deixaria um espaço em sua vida, pensou orgulhoso e perdido no corpo de sua companheira. O cabelo mogno, a pele bronzeada pelo sol e rosada pela excitação, seus seios, seu sexo, sua boca sedutora e seus olhos, tudo era dele. E ele teve vontade de ser dela igualmente. Poderia fazer o que desse vontade com seu corpo. Os berserkers viam o sexo como uma vinculação sagrada, como um meio de expressar suas emoções e de mostrar quem e o que eram. Suas companheiras tinham a dualidade de se submeterem e serem submetidas. O ato para eles era um momento de rendição e aceitação total. Um ato de vinculação suprema.

Ruth o aceitava, sim se o aceitava. O acolheu por inteiro. Ouviu um gemido e soube que era sua kone, que estava a ponto de culminar outra vez. Imprimiu mais velocidade, fazendo que ela suplicasse pela liberação.

— Me suplique.

— Meu Deus, Adam...

— Aqui não há deuses, querida — grunhiu — Suplique.

— Por favor... por favor, Adam...

Estendeu uma mão e roçou o clitóris para estimulá-la e dar o prazer que necessitava, até que Ruth levantou as costas da mesa desenhando um arco perfeito, empalando-se mais. Gritou e soluçou cravando as unhas na madeira da mesa, gozando com Adam tão dentro que o sentiu nas vísceras, tal e como disse. O berserker aproveitou as convulsões de Ruth e cravou nela ainda mais profundamente. Baixou as pernas dos ombros e as colocou ao redor de sua cintura. Ruth o apertou como ele desejava, e a rodeou com os braços como ela queria e desejava. Abraçou e acariciou-lhe a nuca e a cabeça enquanto a submetia, e ele, agradecido, a cobriu por sua vez com uma força avassaladora, querendo fundi-la com sua pele, com seu corpo e seus ossos.

— Segure-me, katt — suplicou ele indo para cima dela e colocando os antebraços a cada lado



de seu rosto, esmagando-a e retirando o cabelo com doçura. Beijou-a ardentemente, introduzindo e tirando a língua, imitando o que faziam seus sexos— Mais. Mais. Até o fundo, Ruth!

Adam era um homem grande. Um guerreiro furioso com genes de lobo. E ali estava ela, aguentando sua força e suas investidas. Desfrutando como nunca imaginou que poderia desfrutar do sexo. Mas aquilo não era só sexo. Ela sabia. Quando Adam gritava que o acolhesse inteiro, estava pedindo algo mais. Pedia uma aceitação total de sua natureza, de suas necessidades. Pedia que o aceitasse.

Olhou-o nos olhos e o puxou pelo rosto. Não queria dizer. Não podia dizer. E tinha que lutar contra esse sentimento e essas palavras que queriam voar para iluminar a vida de ambos. Ele não aceitou que entre eles houvesse algo forte. Se falasse o que sentia, o assustaria, e então Adam fugiria. Ela era sua kone, disse. Eram companheiros. Seria suficiente no momento, por agora, assegurou. Mas Ruth, que era uma impaciente, não aguentaria muitos dias sem uma autêntica declaração, porque ambos se pertenciam desde que se viram. Ela o esperou durante todo esse tempo. Desejou, desejado, necessitado secretamente, e ele a afastou inclusive acreditando que era uma assassina, mas a desejou e a protegeu até o último momento. Era injusto. Ambos sonharam um com o outro durante todas essas noites que se obrigaram a permanecer separados. Ela agora estava disposta a dizer o que sentia seu louco coração. O fato de que o liberasse do colar já demonstrava o muito que importava, mas não contava com a vida pessoal de Adam e com o fechado que estaria a uma opção como do amor.

Não. Não seria suficiente para ela porque ela queria mais. Queria a história de amor completa. Queria que entregasse voluntariamente essa parte que guardou sob chave desde que era menino, essa parte dele que não entregou a ninguém. Olhando um ao outro, ela roçou seus lábios com os dedos. Ele abriu a boca e os colocou dentro. Chupando e brincando com a língua a seu redor.

“Está apaixonando por mim e nem sabe —pensou enternecida— O vejo em seus olhos, não estão frios. Eu estou apaixonada por você, Adam. Pode sentir? Eu gosto de tudo o que é e o que representa. O resmungão, o bárbaro, o amante, o pai, o amigo... eu gosto. Amo”.

Adam afundou o rosto no pescoço de Ruth, refugiando-se no espaço perfumado atrás da orelha, procurando proteção e amparo por tudo o que estava sentindo. Ruth se abria a ele como um livro e contava tudo o que ele queria escutar com seus olhos ambarinos. A generosidade daquela garota para entregar sua alma era esmagante. Olhou a marca de seu pescoço, acariciou com os lábios e a voltou a morder no mesmo lugar.

Ruth abriu os olhos, exagerados, e não pôde gritar quando a açoitou o terceiro orgasmo. Adam chupou, beijou e fechou a ferida com carinho e dedicação. Olhou-a de novo, sem parar os impulsos diabólicos de sua pélvis. Ruth chorava. Estava chorando de prazer.

—Tranquila, katt— sussurrou ele afundando os dedos em seu cabelo.

Ele a fazia chorar e se sentiu poderoso porque eram lágrimas de delírio, de prazer e satisfação.

— O que está fazendo em mim? —perguntou ela enquanto se recuperava da última explosão.

Adam riu, deu-lhe um beijo doce nos lábios e juntou sua testa à dela.



—Agora, Ruth —seus movimentos se fizeram frenéticos enquanto a olhava fixamente— Não se assuste. Dê-me tudo o que tem.

Ruth mordeu o lábio e franziu o cenho quando notou como Adam crescia em seu interior. Estava dilatada e muito molhada, mas aquilo era muito. O berserker crescia largo e longo, o suficiente para assustá-la. Os lobos não faziam isso também? Sentiu um líquido pré-seminal que saía como a jorros de seu pênis e a enchia, preparando-a, dilatando para a penetração absoluta.

— Para —choramingou ela.

— Não posso parar —disse ele também surpreso — Não posso... — movia os quadris, fazendo-se lugar como um saqueador— Relaxe, kone.

—Adam, é muito... —queixou-se ela afundando o rosto em seu peito.

— Só tome, Ruth —deu três sacudidas potentes para frente, três estocadas que levantaram Ruth do balcão. Jogou a cabeça para trás e gritou impressionado enquanto se liberava no interior da mulher, a aprisionava contra a mesa e a puxava pelas nádegas, acompanhando assim seus movimentos. Uma energia dourada fluiu através deles. O chi de Adam entrou em Ruth, e o chi de Ruth no de Adam. Suas essências dançavam um tango de reconhecimento mútuo, de alegria por poder complementar, e de surpresa por ter se encontrado ao fim. Um arco-íris de cores atravessou o centro de ambos e os dois se balançaram com sua melodia. A Caçadora conheceu melhor seu senhor, e o senhor reconheceu ao fim sua Caçadora. Tudo quadrava neles, tudo era perfeito e libertador. Suas peles brilhavam, cintilavam chispas douradas sobre eles.

Ruth não acreditava. Com o corpo do berserker em cima dela, e com aquilo aterrador se movendo e a enchendo com uma pressão enlouquecedora entre as pernas, alcançou o quarto orgasmo. Quatro intermináveis orgasmos. Era uma loucura. As pernas tremiam. Ficaram assim um bom momento, até que Ruth disse:

— Adam? —Ouvia como respirava agitado em sua orelha.

— Mmm? —roçou sua marca com o nariz.

Acariciou-lhe o pescoço e as costas, acalmando e fortalecendo, e beijou sua bochecha mantendo os lábios colados a sua pele para sussurrar:

— Adoro como dança.

CAPÍTULO 23

O berserker tremeu com a risada em cima dela e a levantou, ainda em seu interior, como um menino feliz. Ruth se esticou diante do movimento, aquilo a cravava ainda mais e estava muito sensível. Adam acariciou-lhe as nádegas. Ela recostou a cabeça em seu ombro e se deixou balançar por ele.

— Olha —disse ele brandamente. Passou dois de seus dedos por seu peito e logo os ofereceu para que os degustasse— Prove em mim.

Ruth abriu a boca e introduziu os dedos. Não podia ser, tinha sabor de pêssego.

— Tem sabor de pêssego —disse ela assombrada.

— É a essência de seu chi. É você, katt. É o seu sabor. Agora está impressa em mim porque nós o trocamos.



Ruth sorriu fascinada. Levou dois dedos a seus seios e os esfregou em sua pele. Logo os ofereceu com prazer. Adam abriu os lábios, puxou-a pelo pulso e absorveu seus dedos em sua língua e em sua boca.

— Hortelã, Adam —disse ela apoiando sua cabeça em seu ombro enquanto Adam ainda tinha seus dedos na boca— É hortelã e chocolate.

O berserker a beijou na têmpora e a levantou da barra, procurando que Ruth rodeasse sua cintura com as pernas.

— Onde está seu quarto, preciosa?

—Vamos. A porta da direita no final das escadas.

Adam subiu as escadas com ela nos braços. Abriu a porta de seu quarto e se sentiu muito grande e torpe ao entrar nele. Território de Ruth. Sua kone era uma mulher feminina e notava nos tons pastel das paredes, no aroma de sua roupa, na disposição de seu quarto, nas flores nos balcões e no imenso armário pessoal de que dispunha. A colcha fúcsia estampada com corações negros o fez se sentir incômodo. Ele quebraria essa cama durante a noite quando voltasse saqueá-la de novo. Estava em seu quarto e tudo cheirava a ela. A esse pêssego suculento que tinha nos braços. Sobre sua mesinha repousava um frasco de colônia da Nina Ricci, The Belles. E em uma estante tinha um iPod conectado a um grande alto-falante branco. Era um lugar quente e acolhedor. Como ela.

— Já revistou todo meu quarto? —perguntou ela divertida. Apoiou-se em seus ombros para olhá-lo— Na certa quer ordenar os livros por cores e está ansioso por entrar em meu armário e deixar livre seu transtorno obsessivo da ordem — bocejou e voltou a se apoiar nele, manhosa— aposto o que quiser que quer comprovar se tenho etiquetas em minhas gavetas e se meu sapateiro segue uma regra de três.

Adam olhava embevecido enquanto ela falava. Ruth o conhecia muito bem. Foi para frente e cobriu a distância que os separava com um beijo, enquanto a balançava muito lentamente. Ruth o recebeu e ele gritou interiormente ao se sentir aceito. Onde ia estar melhor? Quando se sentiu tão bem?

— E o banheiro, gatinha? —roçou seu nariz com o dela.

Ela demorou a reagir e assinalou a porta branca colocada à entrada do armário. Um banheiro de mulher, com toalhas, sabões e demais, em tons lilás, fúcsias e negros. A parede revestida de pedra e o chão de parqué wengé. A banheira de Ruth era muito grande, cabiam pelo menos cinco pessoas estiradas completamente. Adam se sentou em um extremo, com Ruth em cima dele, e começou a encher de água quente. Quando esteve suficientemente, entrou com sua garota nos braços e pouco a pouco saiu de seu interior, de seu corpo.

— Com cuidado —sussurrou ele.

Ruth se sentiu vazia quando o pênis de Adam saiu de sua vagina. Soltou um tímido gemido. Ele entrou na banheira e a puxou pela mão para que se colocasse entre suas pernas. Ruth o obedeceu e apoiou as costas em seu peito. A água a cobria por completo.

—Teve esta banheira somente para você e não me convidou nem uma vez? —perguntou ele beijando e lambendo a marca.

— Não queria nada de mim —o acusou ela— Não diria que viesse e esfregasse minhas



costas.

Adam grunhiu e a rodeou com os braços.

Ruth se sentia no céu, mas não queria ter ilusões.

— Os berserkers ficam maiores quando gozam —disse ela apoiando a cabeça em seu ombro.

— Sim —respondeu distraído. Pegou o sabão e untou as mãos com ele. Logo as posou sobre os seios da jovem— Nós fazemos quando entregamos nossa energia conscientemente. Quando Odín nos outorgou o od, também nos ofereceu parte da genética de seu animal favorito. Assim que nos inchamos como os lobos quando se prendem à suas companheiras. E não podemos sair delas até que não baixa a maré. —Capturou os mamilos com o polegar e o indicador— Se saísse então poderia tê-la machucado.

— Os lobos têm uma lingueta no pênis, como uma segunda ereção —mordeu o lábio para não gritar— Você também?

— Não. Só inchamos.

— Muito —assegurou ela.

Adam deixou de atormentar um de seus seios para deslizar a mão de novo a sua virilha. Ali a manteve pressionada até que a abriu com os dedos.

— A água acalmará, kone. —sentiu-se culpado por tê-la machucado de algum jeito. O que aconteceria quando a reclamasse definitivamente na lua cheia?— Sinto ter feito mal.

— Mal? Não me fez mal. —Agarrou sua mão e a manteve aí, em seu sexo— foi incrível.

— Você é incrível. —E dizia com sinceridade, acariciando-a entre as pernas.

Ficaram em silêncio um momento, encantados pela intimidade que nasceu entre eles, pelo vazio cômodo de palavras que se instalava entre eles. Adam pegou uma mão e a comparou com a sua.

— É tão pequena. Tão frágil —sussurrou apoiando o queixo sobre sua cabeça— Quem diria que é uma autêntica dinamite? Pura pólvora, Ruth.

—Eu sou normal. Você é o que tem problemas de gigantismo. O incrível é que esteja tão bem compensado.

Os dois se puseram a rir. Suas mãos eram tão diferentes. As dele mais morenas, de comprimentos e grossos dedos. A sua menor, era verdade, com a manicura francesa em suas unhas, e mais pálida.

— Estive falando com Gabriel. — ele soltou de supetão, porque queria que ela soubesse o que ele sabia. Sentiu que ficava tensa e muito quieta— Falei de muitas coisas com ele. Queria que me contasse tudo sobre você. No bosque me abriu os olhos e me disse muitas verdades, entre elas, que não a conhecia. Aileen me cortaria as bolas, e pensei que Gabriel poderia ser mais pormenorizado e que poderia me jogar um cabo com você para me explicar todas essas coisas que não sei de você.

— Hum.

— Sei que mudou seu sobrenome porque não queria ter nada a ver com seus pais. Sei que eles fazem parte de uma seita evangélica e que seu núcleo principal está aqui, em Londres. Sei que não teve contato com eles desde que fez dezoito anos. Mas não sei as coisas horríveis que fizeram para que rechaçasse seu sobrenome, seu sangue. Gabriel não quis me contar, porque me disse



que era algo muito pessoal e que nem sequer contava o que faziam. Vai contar isso para mim.

Ruth tentou se mover, correr, fugir. Era um sistema de defesa que adotava quando se sentia encurralada. Estava exposta com ele. Adam rodeou-lhe a cintura e a grudou a ele.

— Não vá. Conta.

— Não, Adam... —disse assustada. Envergonhada.

O berserker se sentiu indignado por sua reação e a levantou pelo queixo.

— Me escute, katt. Vai ter que falar disto com alguém, e não vai ser com ninguém mais que comigo, entende? Não tenha vergonha comigo, por favor.

— E se não quero falar?

Adam grunhiu.

— Fará.

—Por que ia querer explicar a você?— tremia-lhe o queixo e os olhos encheram de lágrimas.

— Porque quero saber pelo que passou. Você sabe como foi minha infância, sabe o que fizeram meus pais conosco. Sabe quais são minhas responsabilidades, e sabe que perdi um pai enlouquecido pelo desamor, que minha mãe é uma puta assassina e que por sua culpa perdi uma irmã gêmea que amava muito. Você me perguntou e eu te respondi, sempre. Melhor ou pior, mas fiz. Agora que sou eu o que pergunta, vai negar sua resposta? Isso não é justo, Ruth. —Fez uma ameaça de levantar da banheira e ir.

— Por favor, não vá. —Agarrou-a pelo pulso. Não devia esquecer que Adam não era manipulável. Gostava das coisas claras e tinha um caráter igual ou mais vulcânico que o seu. Ruth sentia pânico diante da ideia de que ele a deixasse ali com suas lembranças. Agora que as evocou, agora que abriu a ferida de novo, voltavam a aterrá-la como quando era menor.

Adam se sentou imediatamente e a sentou sobre suas coxas, abraçando-a e transmitindo calor. A garota o agradeceu e apoiou a cabeça no espaço entre o pescoço e o ombro do xamã.

— Fala, kone. —Era uma ordem, mas também uma demanda emocional. Acariciou seu cabelo úmido e massageou-lhe a nuca. Adam precisava saber o que a assustava e era sua obrigação, sua necessidade, liberar parte da dor de sua companheira. Ele o absorveria.

— Para muita gente, o fato de que outras pessoas ouçam vozes que eles não podem escutar pode ser sinal de duas coisas: ou que são esquizofrênicos, ou que estão possuídas pelo demônio. Meus pais são mais da segunda opinião —disse sem mais demora— Eles só acreditam em Deus, e qualquer manifestação estranha e sobrenatural que se aprecie é obra do demônio. Mas levaram sua fé mais longe ainda, levaram ao extremo e se converteram em sectários.

— Você acredita em Deus?

— Acredito que há um Deus dentro de cada pessoa e que se manifesta na compaixão e no perdão. Para mim, essa é a máxima representação desse Deus todo-poderoso e criador misericordioso que nos vende a Igreja. Acredito na bondade, Adam. —Tomou a pedra de sabão e, para relaxar, começou a esfregar o peito do berserker, a lavá-lo e a massageá-lo— Meus pais traziam os seguidores de sua igreja particular para casa. Eu era uma raridade, o demônio queria se comunicar comigo, segundo eles, e eles se autoproclamaram como meus salvadores. Faziam rituais e exorcismos comigo —engoliu saliva.

Adam parou a mão de Ruth.



— O que faziam?

Ela afastou a vista.

— Ruth. —Puxou-a pelo queixo— Olhe-me, querida. O que faziam? Ruth afundou os ombros ao se dar conta que Adam não pararia até que ela soltasse tudo.

—Vinham todos por mim, tampados com túnicas negras e capuzes muito folgados. Não podia ver o rosto, mas sabia, eu sabia quem eram. Eram os mesmos que iam a cada domingo à missa e à igreja, que se sentavam na mesma fila que meus pais e que diziam adorar a Deus. Quando vinham para casa eu sempre me escondia, mas eles sempre me encontravam. Colocavam-me sobre um altar, em nossa capela particular do jardim de nossa casa. Prendiam meus pés e minhas mãos, e me obrigavam a beber litros de água benta. Meu pai me agarrava pela cabeça e minha mãe me colocava um funil pela boca, até a garganta, e deixava que a água entrasse em meu corpo. Eu lutava — duas imensas lágrimas caíram entre seus cílios— Lutava contra isso. O funil machucava minha garganta, machucava e me sufocava, meus pais viam, mas eles diziam que era para meu bem. — Adam a abraçou com mais força— E enquanto uma menina de sete anos gritava e chorava indefesa, outros, ao redor, repetiam sistematicamente uma série de palavras em aramaico. Um cântico. — Fechou os olhos tentando esquecer— Quando viram que a água não funcionava, utilizaram outro tipo de métodos comigo. Me... açoitavam com pequenas correntes de ouro e prata, e as molhavam com água benta e sal. Se minha pele sangrava, o demônio saíria através da ferida e me libertaria. Não podia sossegar as vozes, Adam. Juro que não podia, e não nos ensinam a acreditar em espíritos e contatos telepáticos ou do mais além. Somos simples em nossa educação, sabe? A realidade é só o que vê, e se não o vê é porque não existe. Eu não sabia o que me passava e no final, entre chicotadas e outro tipo de tratamentos que utilizavam comigo, assumi que estava doente, que tinha um problema. Medicavam-me para me tranquilizar e deixar de ouvir o demônio. Drogada como estava, não servia de nada, segundo meus pais. Mas na realidade, ninguém podia me curar. Após, quando fiquei mais velha, descontrolei-me um pouco, e me embebedava quase sempre que saía, porque o álcool relaxava e fazia calar às vozes. Não era alcoólatra nem nada disso, simplesmente eu gostava de me divertir e esquecer, sobretudo esquecer.

— Quanto... —não saía a voz— durante quanto tempo sofreu nas mãos desses filhos da cadela?

Ruth exalou o ar tremulamente.

— A última vez foi quando fiz dezoito anos. Nesse mesmo dia não voltei para casa e acelerei os papéis para a mudança de sobrenome. Denunciei-os. Denunciei meus pais e reneguei meu sobrenome e de meu sangue. Nunca mais puderam me tocar.

— Como fez? Como se manteve? Era muito jovem.

— Minha avó deixou uma herança para mim. Eu poderia utilizar só três por cento dela até que fizesse vinte e cinco anos, idade em que herdaria a totalidade do que ela me legou. Não cheguei a conhecê-la, ou a menos não lembro. Eu tinha dois anos quando morreu. Pelo visto, se dava muito mal com meus pais— sorriu orgulhosa— O que lhes deixou era irrisório comparado com o que me deu.

— Então, é uma rica herdeira?



— Serei aos vinte e cinco, agora só sei que não me preocupo com o dinheiro —encolheu os ombros— Além disso, Caleb supre minhas necessidades com o salário que dá a Gab e a mim. Retornando aos meus pais: paguei a um advogado que me representasse melhor. E ganhei. Determinaram que meus pais não podiam se aproximar a menos de mil metros de mim, nem viver na mesma cidade que eu. Tinha provas que atestavam o mau trato ao que fui submetida, fotos que eu mesma fazia. Meus pais jamais me levaram a um hospital, não queriam relatório médico nem exames de nenhum tipo, mas não contavam com minha rebelião. Surpreendi-os, e ainda por cima tiveram a cara de se passarem por magoados por minha reação, hipócritas asquerosos.

— Sua avó era uma Mawson? — repuxou-lhe o cabelo do pescoço e acariciou a marca com carinho. Seus gestos pretendiam ser suaves, mas por dentro estava indignado, furioso, a ponto de explodir.

— Sim.

—Esse sobrenome provém de famílias antigas da Inglaterra. Famílias de muito poder.

— Suponho.

— Hum. Então vive desse três por cento até agora. — Ruth assentiu e o olhou nos olhos.

— Como descobriu que meu sobrenome era um disfarce?

—Simplesmente investiguei. Fiz umas chamadas a Espanha e me solucionaram isso. Acha que Caleb é o único Hacker?

Ruth o olhou preocupada.

— Quem mais sabe? Não descarto que meus pais tenham voltado para a Inglaterra, Adam. Não sei nada deles após.

— Tranquila. Só eu sei —disse ele— Ninguém mais. Não queria revelar nada. Eu... acredito que não queria acreditar nem nas profecias, nem nos meus sonhos... Às tinha razão. Eu a protegi todo o tempo.

A garota elevou uma mão úmida e acariciou-lhe o queixo, grudando-se mais a ele.

— No fundo, muito no fundo, é bom, xamã.

— Não. Não sou bom —disse terminante— Quando matar seus pais pensará o mesmo? Quando os arrebentar, pensará que sou bom?

Ruth não pôde articular palavra, nem soube o que responder.

— Não me importa que tenham dado sua vida, Ruth, porque é a única coisa boa que fizeram, mas ninguém, ninguém maltrata o que é meu e sai se dando bem. —Puxou-a pelo rosto e a aproximou para dar um beijo terno e protetor— Não suporto que tenham feito isso, arde dentro de mim, Ruth. Procurarei e os matarei.

Embora fosse horrível o que dizia Adam, Ruth se sentiu bem por seu comportamento apaixonado e demente, porque era assim por ela.

— Acredita que me importa? — rodeou-lhe o pescoço com os braços e se sentou escarranchada sobre ele— Não sinto absolutamente nada por eles. E não sei se isso me converte em alguém vazia e sem emoções.

—Você é a última pessoa no mundo que poderia dizer isso, Ruth. Não há ninguém mais quente e emotiva que você.

— Refiro-me a quem são meus pais. Educaram-me, alimentaram-me e me tiveram sob seu



teto... mas não me aceitaram tal e como eu era. Não tenho amor para eles. Só indiferença.

— Não se equivoque, deram-lhe um teto, mas não a cobriram sob sua asa. Não a protegeram, ao contrário, maltratavam, Ruth, faziam coisas horróveis. Acredito que ter a capacidade de fazer filhos não converte uma pessoa em pai nem em mãe. Os odeio, kone, e juro que me vou me encarregar disso.

— Se tranquilize, Adam. — Abraçou-o com força — Deixa as coisas como estão.

Essa jovem estava louca se acreditava que ele esqueceria isso.

— Os encontrarei — prometeu — e falaremos longamente sobre isso. Voltaram a entrar em contato com você de algum jeito?

Ela negou com a cabeça.

— Bem.

— Acredito que há coisas mais importantes que fazer antes de procurar meus pais, não parece? — disse brandamente — Quero encontrar Strike e Lillian, e quero essa vara que levam com eles. Acredito que se nós a pegarmos e a quebrarmos, as almas se libertarão.

— Está certa disso?

— Sim, senti assim no Ministry. Essa vara era a mesma que descreveu Sonja, a mesma que usava sua mãe quando ela morreu e a atraiu para si. Tem que ser isso.

— Uma vara de seidr. A vara do Seidmadr — murmurou pensativo — Acredito que pode ter razão, Ruth.

— Sim — coincidiu Ruth — Eu gostaria de fazer, eu gostaria de arrebentar essa bola de cristal negra com brilhos avermelhados só para libertar o marido de sua irmã e permitir que sejam felizes juntos onde quer que vá depois. Somos os bons, temos que ganhar.

— Amanhã me reúno com Noah, iremos ver Limbo. Acredito que descobriu algo sobre o paradeiro de Strike e a puta de minha mãe.

— Fala assim da cadela de minha sogra? — sorriu ela — Isso não está bem. Ouça, como chegaram a parar Liam e Nora com as sacerdotisas?

— A caminho de sua casa, me ligaram e falei com os meninos por telefone. Dyra joga as runas, jogou-as ontem ao meio dia e pelo visto leu nelas que Liam e Nora estariam em perigo. Os gêmeos têm um telefone celular que eu dei de presente, e se vê que antes de ontem de noite trocaram os números com elas. À tarde, as três concordaram em ir buscá-los na casa escola, mas como Margött deixou os meninos com Rise, não os encontraram ali. Ligaram para os pequenos e eles disseram onde estavam. Vinte minutos depois que as sacerdotisas pegaram os meninos, entraram para roubar a casa de Rise e a atacaram. Rise está em coma, não sabemos se irá se recuperar, tem uma bala na cabeça. Não merecia isso, era um dos nossos, merda — grunhiu — A próxima vez, kone, aceitarei suas sugestões sem pigarrear. Esta manhã me disse que deixasse os gêmeos sob responsabilidade das sacerdotisas, e não fiz caso de sua intuição.

— Claro que não fez conta. Para você, a única mulher que poderia se encarregar deles e que tem voz e voto a respeito a seus sobrinhos é Margött — não pretendia soar ressentida quando o disse, mas não foi assim.

— Ruth, eu...

Tampou-lhe a boca com os dedos.



— Chist, Adam. Está bem, não quero discutir. Sei que tem muita confiança nela, embora eu não goste — reconheceu — Mas ela se encarregou dos gêmeos todo este tempo e eu sim que não posso competir com isso. Assim, se quer contar com Margött para que lhe dê uma mão, você pode. Sei que não confia em mim para isso. Só espero que algum dia o faça.

O berserker grunhiu aborrecido, porque ela acertou em cheio e, é obvio, estava demonstrando de novo que podia estar equivocado. Essa noite seu orgulho havia se derrubado pelo lodo uma e outra vez. Sim confiava nela, nisso Ruth errava. Mas Margött era forte porque era berserker, poderia protegê-los se fosse o caso. Embora Ruth também estivesse demonstrando que era uma autêntica guerreira. A verdadeira preocupação de Adam era que a ferissem. Não queria lhe fazer mal, porque embora estivesse seguro do que havia entre eles, qualquer coisa que tivesse relação com seus sobrinhos era mais delicado, por muito que Sonja houvesse dito que não, que não tinha que envolvê-los entre ele e Ruth. Os pequenos eram dele e ele se encarregava de dar o apoio e a proteção que necessitavam para crescer em paz. Ruth agora também era dele. Sabia que a feria com seus receios sobre quem se encarregasse dos gêmeos, mas era algo que não tinha claro. E também sabia que Margött se dava muito bem com eles, que adorava os pequenos e que estava apaixonada por ele. Com ele já não tinha possibilidades, mas isso não queria dizer que não pudesse tratar com Liam e Nora, ou sim? Parecia uma confusão, as emoções novas que sentia em relação a jovem humana que tinha sobre ele eram perturbadoras e complicadas. Ficaria louco de tanto pensar.

Adam levantou da banheira com ela nos braços e os cobriu a ambos com uma toalha. Entrou no quarto e sentou em sua cama, secando-a com dedicação e com suavidade, como se fosse algo delicado. Primeiro os pés, a seguir as pernas, logo entre elas, os quadris, o estômago, os seios e os ombros... Penteou-a. E aquilo era tão íntimo e pessoal que Ruth tinha vontade de chorar. Em silêncio, e ambos maravilhados por aquela comodidade e cercania, Ruth o deixou fazer.

— Tem um cabelo lindo, katt. É um vermelho parecido ao vinho.

— É mogno. — Gemeu quando sentiu os dedos de Adam massageando seus ombros.

— Ggrrr... — rugiu Adam tirando a toalha de cima — Minha cor favorita, katt. O mogno e o âmbar. Sabe o que faremos agora?

Ruth se apoiou nele enquanto ele a colocava sobre a cama e se estirava sobre ela.

— Vamos fazer amor. Lentamente. Vamos explodir juntos várias vezes. E logo a deixarei dormir um momento.

— Um momento? — perguntou ela enquanto ficava sem respiração quando ele cobriu um seio com sua mão.

— Sim, um momento. Porque logo despertarei outra vez e me colocarei dentro de você até que me suplique, Ruth.

— Eu não suplico, Adam — recordou ela.

Adam sorriu, sim que suplicou antes. Pelo Odín, como gostava dessa mulher.

Fez exatamente o que prometeu. Pela manhã, de madrugada, levantou da cama deixando Ruth adormecida e saciada, com um sorriso nos lábios, e ela, dessa vez, não suplicou. De novo voltava a acontecer. Sentia o corpo transbordante de energia, e precisava canalizá-la de algum jeito. Dirigiu-se ao jardim interior da casa e sentou em posição de lótus. Não tinha suas ervas, não



tinha seu tambor, mas não importava. A energia estava nele. E sabia de onde nascia. Nascia do intercâmbio de chi entre Ruth e ele. Ele era seu senhor, assim sentiu enquanto fazia amor com brio e sem ápice de controle. Sabia, porque era o que transmitia Ruth e era o que sentia em seu interior.

Minha mãe, era pensar nela e já acelerava o coração. Precisava meditar. Precisava invocar o espírito por si só, sem necessidade de estimulantes nem tambores. Depois de estar com aquela mulher, sempre se sentia cheio e alinhado com sua energia, com a energia ao redor. Precisava fazê-lo porque sabia que havia uma mensagem para ele. Uma visão. Sua intenção estava super desenvolvida. Sentou no banco de pedra do jardim, cruzou as pernas e apoiou as mãos sobre os joelhos. Esticou as costas e esticou a coluna até estar completamente reto. Fechou os olhos e se deixou levar. Esperando, esperando... a paciência era uma de suas virtudes e ia explodir. Passaram-se os minutos, horas até que o espírito entrou nele para sussurrar algo que só ele ouviria. O espírito não falou, mas sim lhe ofereceu uma imagem. Uma visão que o atormentaria sempre.

Enquanto isso, Ruth despertava placidamente. Jogou a mão ao travesseiro de Adam e não o encontrou. Era sábado, não iria correr, iria descansar. Sorriu e recordou com alegria a noite que passou em seus braços. Ficou com ela. Abraçou-a como se fosse sua concha. Colocou uma de suas pernas imensas por cima das suas e a apertou contra seu torso e a envolto com seus braços enquanto não deixava de cheirar seu cabelo e, de vez em quando, beijar a marca do pescoço. Duas horas atrás a despertou para voltar a fazer amor. Adam quis analisar seu corpo por inteiro e detectou, para sua consternação, algumas das marcas brancas e finas devido aos açoites de seus pais. A colocou de bruços no colchão e beijou cada um dos sinais, acalmou suas costas de cima a baixo. Lambendo com dedicação e passando os lábios docemente por cima, sussurrando todo tipo de palavras carinhosas. Logo mordeu com delicadeza a marca da nádega e a beijou, se recreando nela um longo momento. Logo massageou os glúteos e foi para cima dela com sua ereção que se movia entre suas nádegas. Abriu as pernas com suavidade e com um rogo cheio de licença a empalou por trás. Balançaram com uma lentidão excitante e ao mesmo tempo desesperadora, e até que Ruth não alcançou o clímax ele não se deixou ir, demonstrando que primeiro iria sempre ela antes que ele. Primeiro as necessidades dela e logo as suas. Olhou o anel que entregou essa manhã. Era diferente do resto. A gema brilhava de cor vermelha, e em seu interior refulgia o Eohl como se estivesse cheio dos raios do sol. Outros selos que ele deu a todo mundo não tinham pedras. Só eram círculos metálicos de prata e de ouro. O seu não. O seu era diferente e fez para ela. Oxalá tivesse dado na frente de Margött.

Tomou banho e olhou-se no espelho. Essa noite seria lua cheia. Essa noite Adam a reclamaria por completo. Um nó de nervos lhe assentou no estômago. Jogou o cabelo para trás e o recolheu com um diadema fino e cheio de pedras brilhantes. Colocou um vestido negro com estampados de cores e umas sapatilhas negras e baixas. Sentia-se feminina e a vontade com seu corpo. Gostava de seu aspecto. Faltavam três dias para que se convertesse em imortal. Ela seria imortal. Levou as mãos ao rosto. Seguiria sendo a mesma, mas a mesma para sempre. A mesma para Adam.



Agradecida com a vida por ter lhe trazido alguém como o berserker, aproveitou para verificar as redações dos pequenos. Puxou o pendrive e o conectou a seu portátil MAC.

As crianças vaniros e berserkers tinham seus próprios medos e não diferiam dos medos de qualquer criança humana, exceto que se ajustavam a sua própria natureza.

Jared tinha medo que caíssem suas presas.

Rena, a irmã de Jared —ambos os filhos de Inis e Ione— se preocupava com os pacotes cheios de pó vermelho que lhe davam cada dia. Ruth sorriu com ternura. Os meninos vaniros sofriam muitíssimo porque não tinham modo de controlar a fome. Menw descobriu que os complementos de ferro acalmavam seu fel. Todos bebiam três porções diárias, com as comidas. Embora na realidade comessem todas as horas, pobrezinhos.

Nayoba e Lisbet, as pequenas loiras de cabelo encaracolado tinham seis e sete anos respectivamente, e tinham medo de desaparecer, como fizeram seus irmãos, os filhos de Beatha e Gwyn. Os meninos foram sequestrados por homens do Newscientists e ninguém sabia se seguiam vivos ou não. Ouviram seus pais chorarem às escondidas, e as meninas diziam que isso rompia o coração e as entristecia. Ruth se angustiou. Como podia ter gente que utilizasse as crianças daquela maneira? No mundo dos humanos, também se abusava das crianças de outros modos igualmente maldosos e depravados.

Ali faltava a redação do pequeno Enok, de três anos, um menino encantador e que já falava pelos cotovelos, embora a maioria das vezes não entendesse. Menos mal que Aileen se comunicava com ele mentalmente para expressar suas necessidades. Com três aninhos, o pequeno Enok não podia escrever ainda, mas precoces que eram, certamente em um ano o conseguiria.

E os pequenos berserkers não eram diferentes a eles. Liam temia que os pés não deixassem de crescer nunca, e se preocupava com não encontrar as coisas. Ruth franziu o cenho.

—Que coisas não encontra, pequeno? —murmurou a Caçadora.

Nora tinha medo de perder suas pinturas. Ruth soltou uma gargalhada. A necessidade de possuir coisas para se sentir mais seguros não era algo exclusivo das crianças humanos, pelo visto. Seguiu lendo. E, além disso, a pequena e loira menina também tinha medo de sonhar. Ruth estremeceu. Algo do que não dizia Nora em sua sincera e simples redação a assustou. Ruth estava desenvolvendo sua intuição, e sabia que ali havia uma mensagem entre linhas, cifrada e complicada. Não se tratava de que a pequena tivesse só pesadelos.

Falaria com Adam sobre isso. Liam e Nora tinham alguns medos comuns e outros nem tanto.

Adam entrou no seu quarto como se tivesse escutado o pensamento sobre ele. Parecia ansioso, angustiado. Seu peito nu brilhava pelo suor, o dragão também suava. Seu berserker só usava as calças da noite anterior. Ruth levantou e foi para ele alarmada.

— Está bem? —puxou-o pelo rosto e o estudou— O que acontece?

Adam engoliu saliva e a olhou nos olhos. Sim que estava atormentado. O espírito havia trazido notícias, e não tinha vontade de falar disso. Só queria se refugiar nos braços de sua katt. Quando a viu ali sentada sobre sua cama, lendo com interesse o que tinha na tela de seu computador, tão bonita e feminina, esqueceu tudo o que disseram.



— Tire o vestido — ordenou.

Ruth levantou as sobrancelhas.

— Agora, katt. — Beijou-a enquanto a abraçava e a elevava do chão— Fora a roupa, Ruth. Só você e eu. Sua pele e a minha.

Deixaram-se cair sobre a cama, ele em cima dela.

Por sua vez, Ruth o beijou com fome. Quando Adam a tocava ela se desfazia em suas mãos.

— Iremos buscar os gêmeos? —perguntou sem fôlego pelo que estava fazendo a boca de Adam no seu pescoço— Acredito que deveríamos falar com eles.

— Sim. Mmm... logo. —Arrancou-lhe a calcinha.

— Com esta já são duas, Adam —se queixou ela divertida— Não pode rasgar minha roupa íntima.

— Em troca só posso transar sem elas, preciosa. — colocou-se entre suas coxas abertas e a mediu— Merda, meu bem... Só... só necessito isto.

— O que acontece? —disse preocupada.

— Nada. Não me acontece nada. Desejo você. Já falaremos logo, certo? —penetrou-a com lentidão.

Ruth fechou os olhos e se deixou levar. Já falariam mais tarde.

CAPÍTULO 24

Quando retornaram pelos gêmeos, Liam e Nora saíram como balas da casa de Ás e se lançaram nos braços de seu tio, e logo nos de Ruth. Explicaram o que aconteceu. As sacerdotisas os fizeram entrar. Gabriel estava sentado conversando com Dyra, Amaya e Lha sobre a utilização das runas. Ás e Maria serviam um pouco de chá com massas, e os meninos tagarelavam sem cessar sobre as histórias que contou Gabriel sobre os deuses nórdicos.

— E sabia? —dizia Liam puxando a mão de Ruth para que se sentasse com ele— Havia um cavalo com asas, e umas vacas que puxavam um carro de uma deusa.

—E também havia um homem mau —contava Nora a Adam— Um que se disfarçava e se fazia passar por bom. E havia uma mulher que tinha um colar de pérolas com poderes...

— Sim! —gritou Liam— E uma lança que se alguma vez se cravar no chão, então haverá uma guerra...

Adam olhou Gabriel com um meio sorriso.

— Falou de todos?

— Só de alguns —disse Gab fazendo um gesto sem importância com a mão— Mas os meninos são como esponjas, aprendem em seguida.

Ruth, entretanto, jogava faíscas pelos olhos quando olhou a seu amigo.

— É um boca grande — disse recordando que foi ele quem falou com Adam sobre o mau tratamento ao que a submeteu seus pais. Gabriel encolheu os ombros e mordeu uma massa.

O berserker agradeceu a Gabriel a atenção que dispensou a seus sobrinhos e também os segredos revelados. Logo olhou às sacerdotisas.

— Obrigado.



Elas assentiram e sugeriram que tanto ele como Ruth as acompanhassem à cozinha. Uma vez dentro, a magra e pequena Lha o pegou pelas mãos e meneou a cabeça preocupada.

— Não foi um ataque, Adam. Quando ontem pela tarde Dyra jogou as runas, lemos todas perfeitamente. A mensagem falava da possibilidade de que, ao cair do sol, dois meninos iguais perdessem suas vidas às mãos da traição. Não é críptico, é muito claro. Tratava-se de Liam e Nora. Nos fomos procurá-los antes do crepúsculo. Mas pensávamos que estavam na casa-escola e nos deu um tombo no coração quando ali não encontramos ninguém. Chamamos seus celulares e conseguimos que Nora falasse com Rise para que ela nos desse o endereço. Nós fomos procurá-los em seguida e dissemos a Rise que por nada do mundo abrisse a porta, nem deixasse entrar ninguém, e que se visse algo estranho, nos chamasse imediatamente.

— Mas não ligou —a cortou Adam.

— Não. Não acredito que teve tempo —murmurou Amaya com suas bochechas tão cheias e rosadas.

— Ou o melhor, não via nada estranho para chamar —opinou Ruth— A mensagem de Dyra fala de traição. E se os que visitaram Rise eram conhecidos? E se ela não viu nenhum perigo até que já foi muito tarde?

—Merda —Adam apertou os olhos com os dedos.

— Acredito que o melhor é enviar Liam e Nora a um lugar seguro — repôs Ás apoiado na porta— Estão em perigo.

— E deixarão de estar se estiverem longe, leder? —refutou Adam— Acha que será mais fácil para eles? Venha o que vier, o encararemos. Mas os meninos ficam.

Ás assentiu e respeitou a decisão do berserker.

— Necessitarão amparo constante.

—Eu darei. —Noah entrou na cozinha, abriu a geladeira e pegou uma cerveja. Enquanto abria sorriu a Ruth— Nós os protegeremos, verdade, Caçadora?

Por fim um que a acreditava competente para estar com os meninos e cuidar deles. Sentiu agradecida.

— É óbvio.

Adam murmurou algo parecido que quem necessitava proteção real era a humana. Ruth se enrijeceu e o olhou aos olhos.

— Darei uma mão no que puder, Adam.

Ele engoliu saliva e pela primeira vez entrelaçou seus dedos com os dela diante de todo mundo. Beijou-lhe o dorso.

— Sei, Ruth. Mas temo por você —sussurrou.

— Pois deixa de temer. Sou forte.

— Não é. Não contra o que nos enfrentamos. O que acha que farão suas flechas contra cinco lobachos? Poderá se defender deles se estiver sozinha? Não poderá fugir porque não é veloz. Poderiam fazer coisas piores que matar. Torturariam. Sem nomear como fácil seria para eles acabar com sua vida.

— E para que merda está você, berserker? —perguntou uma indignada Maria levando as bolachas e os chás até ali. Maria nunca falava assim, sempre media suas palavras, mas a atitude de



Adam com Ruth a ofendia— Não está aqui para protegê-la?

Adam piscou e olhou Ruth, que abaixava a cabeça envergonhada.

— Não acontece nada, Maria. Já estou me acostumando a escutar que sou fraca e fácil de matar —disse ela, triste— Sei me proteger.

— Para começar, nem sequer é imortal — espetou Adam. Ele não queria vê-la em uma situação em que pudesse sair ferida ou pior, assassinada. Sua visão foi muito clara.

— Ainda, não. —grunhiu Ruth.

— E o que acontecerá quando o for, hã? Não poderá lutar como fazem Aileen e Daanna.

Ruth sentiu o golpe em seu interior, no coração. Não queria preocupá-lo e sentia que de algum jeito não gostava de sua debilidade, não gostava que não soubesse lutar.

— Basta, Adam —disse Noah ao perceber o dano que estava fazendo a Ruth.

—Eu vi esta garota lutar sem que ninguém nem sequer a tocasse —disse Ás— Sei que é apreciada agora mesmo, que é muito importante, mas em todo caso acredito que Ruth sabe proteger-se muito bem sozinha.

— Obrigada, leder —respondeu ela.

O celular de Adam quebrou a tensão. Era Margött que ligava. Soltou-se da mão de Ruth e atendeu o iPhone.

— Adam! —exclamou com a voz cheia de lágrimas— Meu irmão... — soluçava sem parar— Meu irmão... encontrei-o... decapitado em sua casa.

— Margött? Onde está? Está bem?

Todos escutaram atentos a conversa de Adam. Ruth se sentiu insegura ao ver como ele se preocupava com a berserker, mas imediatamente ela também se preocupou com a loira.

— Não estou bem! —gritou histérica— O que está acontecendo? Primeiro Rise, agora ele... Não estou bem... —soluçou e não deixou de chorar.

— Margött, saia daí e vá para sua casa. Nós vamos para lá agora mesmo. Se feche e não abra a ninguém.

— Porei o clã e Caleb em alerta. Não gosto nada disso —disse Ás.

Adam levou Ruth com ele, depois que ela insistiu, e Noah também os acompanhou. No carro, ninguém trocou uma só palavra. Ruth se sentia fria, e Adam incômodo pelo pequeno debate na cozinha e por saber que Margött estava passando tão mal. A berserker era, sobretudo, sua amiga e não merecia nem o tratamento que lhe dedicou a noite anterior, nem tampouco a sorte que sofreu seu irmão.

Primeiro passariam pelo andar de Limbo, tinham que recolhê-lo. Um cadáver humano era notícia, mas um cadáver de outra raça era um novo descobrimento para a humanidade, e isso não podiam permitir. Enquanto Noah esfregava e limpava o chão, Adam pedia Ruth que não passasse da entrada da casa. Ela não tinha por que ver aquilo, mas, para variar, Ruth não fez conta. Havia sinais de luta por todos os lados. Alguns quadros estavam no chão, outros penduravam tortos na parede. Havia brechas do impacto dos punhos na parede principal. O corpo desmembrado de Limbo a afetou, mas estava se acostumando à violência que rodeava a vida dos berserkers. Tentou não olhá-lo, mas o sangue era chamativo e também cheirava.

— O que vai fazer com o corpo? —perguntou Ruth se aproximando de Adam.



— O levaremos e daremos uma despedida como merece. Queimaremos.

Ruth estremeceu. Adam passou o braço pelos seus ombros e a beijou na cabeça.

— É um enterro honorável, Ruth. Faremos esta noite.

Quando Noah acabou de limpar tudo, foram dali. Ninguém mais ouviria falar de Limbo. Ninguém, exceto os berserkers, saberiam que morreu e que jamais voltaria.

Quando chegaram à casa de conto de fadas de Margött ela abriu a porta. Tinha os olhos vermelhos de tanto chorar e se colocou nos braços de Adam, arrasada. Ruth entendeu, mas não gostou. E não gostou porque entre os dois falavam em escandinavo e Adam utilizava um tom rouco que com ela não pronunciou nunca. Abraçava-a com força e Ruth e Noah ficaram olhando com perplexidade essa postal que faziam os dois amigos.

A Caçadora se viu incomodada e afastou-se um pouco até que Noah a agarrou pelo cotovelo e a colocou diante dele, a só alguns centímetros deles. O berserker loiro pigarreou, e Adam em seguida cortou o abraço, deixando Margött desiludida.

— Eu... sinto muito, por favor, entrem —disse ela amavelmente.

Ruth não se atrevia a olhá-la. Quanto mais a olhava, mais diferente a via. Era alta, era forte de presença, e era... era uma berserker, isso resumia tudo. Os berserkers não podiam transformar a outros em berserkers. Adam nunca poderia mudá-la. Não poderia modificá-la, não poderia mudar sua condição.

Sentaram no sala. Adam se colocou ao lado de Margött e a segurou pela mão.

— Fui vê-lo esta manhã para ver como estava. Levava um guisado que eu mesma preparei porque gosta... —corrigiu enquanto limpava as lágrimas com um lenço branco— Gostava muito como cozinava... ia explicar como foi a reunião de ontem a noite. Eu... eu queria falar com ele sobre o que me disse... —ruborizou— Podia falar com ele de tudo. Tinha chaves de seu apartamento. Quando entrei, ele estava... estava... —disse uma espécie de blasfêmia em escandinavo— O mataram... —E começou a chorar de uma maneira dilaceradora que inclusive fez mal a Ruth.

Adam passou o braço pelos ombros dela enquanto tentava acalmá-la.

—Limbo se encontraria hoje conosco para nos dar informação sobre o paradeiro de Strike —disse Noah— Sabe algo disso? Disse algo seu irmão?

Margött negou com a cabeça e pôs o lenço no nariz enquanto deixava que Adam a acalmasse.

— Sinto muito, Margött. —Soltou de repente Ruth. Olhava com sinceridade, a perda de um ser querido era algo devastador.

A loira elevou o olhar e sorriu agradecida.

— Obrigada, Ruth — disse. Adam colocou sua mão sobre a de Margött e não viu como a humana afastava a vista— Eu sinto, Adam —disse implorando seu perdão— Deixei Liam e Nora com Rise. Não pensei que correriam perigo. Foi um ato irresponsável por minha parte. E minha amiga poderia morrer e você nunca mais voltará a confiar em mim.

— Não se preocupe, Margött —acalmou ele— Sei que nunca permitiria que lhes fizessem mal. Essas coisas acontecem.

— É óbvio que não. Não voltará a acontecer, Adam. Prometo. Amo essas crianças como se



fossem meus filhos e os protegerei sempre.

Adam sorriu agradecido, como se aquela fosse a melhor notícia que lhe tivessem dado. Ninguém viu como Ruth perdia um pouco da luz de seus olhos, e mais que nunca, sentiu-se como uma intrusa.

Às declarou o estado de alerta em toda a Black Country. As crianças permaneciam em suas casas sob o amparo de seus pais. Todos os programas de reconhecimento facial dos quatro condados estavam conectados uns com os outros. A atenção devia ser máxima.

Entretanto, até estando sob tanta pressão, os sábados de noite eram noites de guarda, já que vampiros e lobachos se moviam pelas áreas de mais atividade. De noite organizariam as patrulhas e saíam a vigiar suas respectivas zonas. Os pontos quentes. Só os vaniros, já que em lua cheia, os berserkers desapareciam. A ameaça sobre os clãs cada vez era maior e, entretanto, não esqueciam suas tarefas para com os humanos. Eram protetores. Protetores, custasse o que custasse.

Adam deixou Noah em sua casa, e retornavam agora com os gêmeos.

— No que está pensando? — perguntou Adam no carro— Está muito calada.

Liam e Nora olhavam a paisagem através das janelas do Hummer.

Ruth pigarreou. Não queria aporrinhá-lo com o que pensava de Margött. Havia algo nessa mulher que não gostava. Mas se dizia a Adam, ele, certamente, jogaria à sua cara que estava ciumenta, e ela não o poderia rebater, porque era verdade. Margött ocupava um lugar na vida de Adam. Um lugar que Adam não a deixava substituir porque não a via capacitada.

— Em que... penso em Liam e Nora. São os únicos berserkers que há agora na escola. Quando virão o resto das crianças?

Adam a olhou de esguelha.

— Não demorarão. Às vezes custa quebrar os costumes.

— Ainda acreditam que sou uma mulher má? — perguntou rindo.

— Você não é má, Ruth — soltou Nora indignada.

Ruth sorriu à menina agradecida por seu apoio.

— Obrigada, princesinha.

— Virão. — Assegurou Adam entrelaçando os dedos com os dela. Ruth mordeu o lábio.

— O que aconteceu esta manhã? — perguntou focalizando toda sua atenção nele— por que estava tão... tão necessitado?

Adam pensou em dizer. Ruth e seus olhos âmbar podiam fazer que perdesse a cabeça com facilidade. Mas dizer o que recebeu do espírito não solucionaria nada. Agora só ficava estar alerta.

— Nada. Só queria estar com você. — Olhou-a através de seus longos cílios negros e deu um beijo no centro da palma da mão dela— Eu necessito muitas coisas de você. Em todas as horas — sorriu como um lobo.

— Não tente disfarçar, berserker. Espero que me conte isso cedo ou tarde. Leva-me para minha casa?

Adam perdeu o relaxamento de seu rosto e a olhou carrancudo.

— Não. Vem a minha casa. Comigo.



Ruth sorriu por dentro. Era adorável quando ficava tão mandão.

— Tenho a minha própria. Gabriel está nela e...

— Mas eu não estou, kone.

— O que está insinuando? — Olhou de esguelha as crianças.

— Que seu lugar é a meu lado a partir de agora. Sempre. Você disse ontem de noite — sussurrou mal-humorado— Minha companheira fica comigo, que é onde melhor posso protegê-la. Sinto muito, Ruth. Ontem tomou uma decisão e já não pode voltar atrás.

Se havia algo que incomodava Ruth, era que planejassem sua vida, por mais bonita que a pintasse Adam. O berserker queria que vivesse com ele, mas primeiro tinha que pedir e logo ela decidiria. Porque se fosse viver com ele e não poderia se ocupar de Liam e Nora, porque ele não confiava nela, então iriam preparados os dois. Os quatro. Adam vinha em um pacote de três, e Liam e Nora eram parte dele, e ela os adorava. Se ele a separava desse vínculo que havia entre eles, aquilo não funcionaria.

— Maria me disse que a reclamação se faz oficial em lua cheia. A cerimônia se completa em lua cheia. Você e eu não temos...

— Não me irrite, gatinha.

— Não. Não irrite você — sussurrou com raiva— Me ordena que vá viver com você e não está me escutando. Não deveria tê-lo libertado do puto colar. — zangou-se e cruzou os braços— Me leve para minha casa.

— Está louca — mofou.

— Adam, leve-me. Quero um pouco de espaço, preciso pensar sobre algumas coisas.

— Não. Teve três dias para pensar, por isso não me foda. Sou um berserker, você queria isto, pois agora atente às consequências. — Ruth jogava fumaça pelas orelhas e fogo pela boca.

— Tio Adam, por que não a escuta? — perguntou Liam zangado com ele— Ela vai ficar triste.

Adam olhou a seu sobrinho pelo retrovisor.

— São coisas de adultos, Liam. Não se preocupe.

— Obrigada, companheiro. — Ruth piscou um olho ao pequeno— Tem mais bom senso que seu tio.

— É um homem — suspirou Nora.

Adam pôs cara de assombro diante do que ouvia. Seus sobrinhos ficavam do lado da Caçadora.

— Ruth vem conosco. Não há mais que falar. Está em perigo, todos estamos, e devemos cuidar uns dos outros.

— Fique, Ruth — pediu Liam jogando os braços pelo pescoço dela e abraçando-a.

Ruth deu palmadinhas com carinho na mão do pequeno e olhou Adam, furiosa.

— Esta noite não vai tocar num fio de meu cabelo, lobinho — disse entre dentes. Adam sorriu com malícia e sentiu que as presas alongavam.

— Cuidado, Ruth. Nunca desafie um berserker. Nós adoramos.

CAPÍTULO 25



Quando chegaram em casa, o primeiro que fez Adam foi conectar todos os alarmes. Ligou as dezesseis telas que tinha escondidas em uma falsa parede da entrada, as quais gravavam em tempo real cada quarto e canto de sua mansão. Sabia que aí, em sua casa, não iriam entrar mais, seu sistema não permitiria.

Adam preparou a comida, enquanto os meninos e Ruth estavam sentados no sofá, vendo o jogo de futebol do Wolverhampton que fazia sua partida de pré-temporada. Os gêmeos brincavam de cabeleireiros e Ruth era sua cliente favorita. A Caçadora não falava com ele e o berserker se sentia muito aborrecido por isso.

Que mais queria Ruth? Vivia com eles, a cuidava, cuidava dela, e além disso, ele gostava de fazê-lo. Ele, melhor que ninguém, poderia fazer-se responsável pela sua proteção. Poderia vigiar os três de uma vez. A seus gêmeos e a sua kone. Enquanto os via em sua sala, pensou que não havia imagem mais bonita que a de Ruth com os pequenos. Liam estava sentado entre suas pernas. Ruth estava fazendo-lhe uma crista, tentando deixar eriçado esse cabelo macio e negro tão bonito que tinha. Nora estava de pé sobre o sofá, e fazia uma trança em Ruth. Falavam em voz baixa e contavam seus segredos. Segredos que ele ouvia a perfeição, é óbvio.

— Meninos, sabem o que? —disse Ruth— Li suas redações e são excelentes.

Os gêmeos se incharam orgulhosos pelo elogio de Ruth. Ela queria falar com eles daqueles medos que tinham. Desde que o leu que sentia curiosidade.

—Agora sei que Nora tem medo de perder suas pinturas —a olhou com doçura.

— É uma menina muito vaidosa —disse Liam entre risadas.

—E sei que Liam tem medo que seus pés não deixem de crescer. —Nora explodiu em risadas e assinalou seu irmão.

— Tem medo de se converter em Frodo —o acusou Nora. O que acontecia com essa família com O Senhor dos Anéis? Sempre faziam referências a isso. E a ela estava pegando esse costume. —Eu direi qual é meu medo, é o justo.

— Sim, Ruth. Você tem medo? —perguntou Nora segurando-a pelo rosto. Era algo que sempre fazia, a pequena reclamava a atenção e necessitava que a olhassem os olhos quando falavam com ela.

— Meu medo ridículo é que tenho medo das igrejas. Eu não gosto.

— Buff... pois grande surpresa. Também me dão medo. —Liam girou os olhos— Estão cheias de figuras de mortos dentro de caixas de vidro, e além disso há um homem ensanguentado e preso a uma cruz que dizem que é um salvador. Como vai salvar alguém se está preso aí? Pobrezinho.

Que razoável era Liam. Para ele era tudo ou branco ou negro.

—Tem muita razão. —Esmagou a crista e a levantou— E também sei que Liam tem medo de não encontrar as coisas.

Liam ficou sério e olhou para outro lado. Nora começou a rir e Ruth pediu que deixasse de fazer com os olhos.

— Nora, em troca, tem medo de sonhar.

Nora deixou de rir imediatamente e a olhou zangada.

—E eu tenho medo de meus pais —disse rapidamente Ruth para demonstrar que as



confissões eram de todos para todos.

Os dois meninos giraram assombrados por aquela revelação.

— Por quê? —perguntou Nora.

— Porque há pais bons e maus, querida.

— Mas se supõe que os pais são bons sempre, não? São pais.

—Ter um piano não a converte em pianista —murmurou Ruth— Suponho que há de tudo no mundo. Meus eram maus e não me amavam.

— Eram tolos —grunhiu Liam sentando nas pernas de Ruth. Nora deixou a trança que estava fiando e sentou na outra perna da Caçadora.

— Não terá que ter vergonha de nossos medos —disse ela— Só terá que confrontá-los. Só terá que mudar o que você não gosta e fazê-lo a seu gosto. Por que não me conta, Liam —olhou o menino— o que é que tem medo de não encontrar?

—Eu... eu não estou seguro. Sei que quando sonho ouço uma voz que diz que procure... mas não sei o que tenho que procurar.

— E o que vê em seus sonhos, Liam? —colocou bem a crista e sorriu— Vê algo?

— Só vejo uma bola muito grande. Eu flutuo. E vejo uma bola muito grande de cor azul e verde sob meus pés. Olho e olho e não sei o que tenho que ver. A voz me diz que procure e que encontre, mas eu não sei o que tenho que encontrar. — a olhou desorientado— Você sabe?

Ruth não entendia nada. Oxalá soubesse por que o menino se via angustiado.

— Não. Mas pode desenhar, Liam. Pode desenhar o que sonha. Às vezes, nos desenhos, podemos ver muitas coisas.

—Eu faço —soltou Nora olhando seu irmão— Sempre. Como tio Adam. Tio Adam escreve em seu caderno quando sai de sua meditação. E também desenha o que sonha, como desenhou você em seu quarto. — Olhou Ruth— Eu desenho em meu caderno os sonhos que me deram medo e tudo o que vi neles.

— E o que lhe dá medo? —perguntou Ruth— O que a assusta?

—Eu... é que... há um senhor em meus sonhos.

— Um senhor?

— Sim. Eu o encontro sempre, às vezes sem querer. Ele não quer me ver. Sempre sai correndo quando o encontro, e sempre faz coisas más. E logo vejo umas pessoas e sempre que as vejo me acordo, porque eles querem me agarrar, mas eu sempre escapo.

— Sim, é verdade. Nora acorda cada noite ao menos uma vez —disse Liam.

— Que pessoas? —perguntou a Caçadora— As que vê em seus sonhos?

— É que... não as conheço, não sei quem são. O que sei é que eu não gosto.

— Por que não me contou nada disso? —Adam estava atrás deles. Com um pano de cozinha nas mãos e olhando a seus sobrinhos com preocupação.

Liam e Nora se olharam entre eles com suas carinhas cheias de vergonha.

— Não acontece nada — disse Ruth— Está bem. Não têm por que se envergonhar, entendido?

— Não queríamos preocupa-lo, tio Adam. Não queríamos que soubesse que temos medo, porque nós somos fortes —explicou Liam batendo no peito, mas sem poder evitar que tremesse o



queixo— Fortes como você.

Adam não podia acreditar. Passava sete anos vivendo com esses meninos e nunca contaram nada disso, e de repente contavam a Ruth com total confiança, a essa mulher que parecia um confessorário para eles. Sentia-se mal. Sentia que falhou.

— Entendo. —Apertou os lábios— Nora, quero ver seu caderno de desenhos. Liam, vai desenhar a partir de agora tudo o que ver em seus sonhos. De acordo? —deu a volta e foi à mesa.

Vivia com eles e pensava que lhe contavam tudo, que os conhecia. E resulta que os meninos tinham pesadelos e que ele não sabia de nada.

Ruth o seguiu e disse aos gêmeos que lavassem as mãos antes de sentar para jantar. Em pouco tempo, Ruth ganhou um papel doce e de uma vez autoritário com eles. A atendiam e a respeitavam. A Caçadora colocou as mãos na cintura e observou Adam. Já o conhecia e sabia o que estava passando pela cabeça. O chi os conectou a outros níveis.

— Sente-se culpado. Sente-se mal.

Adam não respondeu.

— Acredita que deveria ter sabido disso —se aproximou dele.— Ouça, não se torture.

— Para você é fácil dizer. Só tem que se aproximar desses meninos e eles a adoram imediatamente. Que merda tem, Ruth? Por que é assim? Por que me confunde?

Ruth entrecerrou os olhos. Adam se sentia julgado por ela.

—Assim que o confundo... —entreabriu olhos— Por quê? Porque continua me dando por certa? Está confuso porque não acreditava que sou capaz de me entender com eles? —Apertou os punhos— O que fiz com Liam e Nora se chama conversar, já disse uma vez. Sabe qual é seu problema? Você acha que os protegendo já faz tudo, mas não é assim. Tem que escutá-los, Adam. Tem que ouvir o que têm a dizer. Ou não saberá se permitir que continuem crescendo com outras pessoas.

— Como diz? — se ofendeu.

— O que está ouvindo. Os meninos o amam, o adoram. Para eles é um herói, Adam. Mas inclusive os heróis têm debilidades. E você não deixa que eles vejam isso. Inclusive os heróis têm pontos fracos. Seu ponto fraco é que não fala. Só ordena. É intransigente e autoritário, mas com eles não precisa refletir esse seu aspecto. Obedecem e têm medo de dizer que não, não se atrevem a contrariá-lo. Os quer, ama-os com todo coração, protege, mas não os conhece. Controla tudo e a todos, mas, entretanto, essa perfeição que irradia tem feito que seus sobrinhos se envergonhem de suas próprias fraquezas. Querem ser perfeitos como você. E não são. Porque você tampouco é.

— E você sim é perfeita?

— Nem um pouco —negou.

— Acredita que minha vida é fácil? Acha que foi? Sou um guerreiro, Ruth. Um guerreiro que se encontrou com duas crianças pequenas em seu caminho. Eu os adoro. É o motor de minha vida. Estivemos bem tal e como estávamos, nunca tivemos nenhum problema. Margött e sua casa-escola deram a educação e o cuidado que eu não pude dar num segundo momento. E se não fosse por ela e por Noah, eu... não acredito que... —interrompeu e a assinalou com um dedo acusador— Você não vai dizer como devo cuidar de meus sobrinhos só porque transamos.



Uma bofetada não a teria machucado mais.

— Vamos aos golpes baixos, não é, xamã?

Adam se arrependeu imediatamente do que disse. Estava zangado. Zangado porque não falava, porque se negou a estar ali com ele e porque quando se dignava a lhe dirigir a palavra era para dar lições de educação.

— Não queria dizer isso.

— Claro, Adam. Nunca quer dizer o que quer dizer. Sei. Sei que não quer que eu tenha nada a ver com Liam e Nora, e isso sim é algo que não quer dizer nunca, e em troca sempre me dá isso a entender. Deixe-me dizer algo, algo que sim quero dizer sem subterfúgios. Sei que não acha que sou capaz de proteger seus sobrinhos. Não acha que posso cuidar deles e dar o amparo físico que pelo visto necessitam mais que outras coisas. Para mim tanto faz o que pensa — disse magoadamente — Eu espero que as pessoas que me importam confiem em mim do mesmo modo que eu confio neles. Coloquei-me em suas mãos, Adam, porque acredito em nós e confio em você. Você não confia em mim e me magoa. — levou uma mão ao coração — Entende isso, xamã?

— Ruth... — disse impressionado como dura soavam essas palavras em sua boca feminina.

— Mas Liam e Nora me importam, e não posso me fazer de indiferente com eles. Enquanto você continuar se encarregando de dar esse amparo e essa falsa segurança aos gêmeos, eu me encarregarei de dar a melhor segurança que se pode dar a uma criança. Darei o carinho e a aceitação total de como são. Os amarei com todo meu coração, Adam, e embora saiba que você dá mais importância ao que possa fazer Margött com eles, porque ela é uma berserker e pode protegê-los porque é forte, eu procurarei dar outro tipo de cuidados. E se me quer aqui com você, vai ter que aguentar isso, porque nesta casa não só está você, egocêntrico. Liam e Nora agora são partes de mim. Sabe por quê? — Adam permanecia mudo, olhando-a com os olhos entre sombras — Não? São parte de mim porque formam parte de você, e eu os quero por isso. Se você não quiser que eu forme parte deles, diga isso agora mesmo e muito claramente, e irei. Irei porque estará dando a entender que não quer compartilhar essa parte de você comigo, mas por cima de todas as coisas o farei porque não aceita nem quer que compartilhe essa parte de mim com vocês, não quer. — Tremeu a voz — Disse que se me comparasse com algo que eu não fosse, me faria mal e eu iria. Pois se por acaso não se inteirou, estúpido, me machucou. Assim pensa bem o que é que realmente necessita. Não só vou ser a mulher que quer na cama, quero que conte comigo para tudo. Pense bem nisso; se me quer como companheira ou se prefere Margött, porque eu não gosto dos jogos e me ofende que pense que sou uma incompetente para cuidar de crianças. Diz que sou sua companheira, mas prefere seguir deixando aos gêmeos sob os cuidados dessa mulher, menosprezando essa parte de mim. Esta noite é lua cheia, verdade? Peço que não se aproxime de mim. Mereço que me dê o tempo para pensar se quero continuar com isto ou não. Não é tarde para retificar.

Adam não era um homem fácil. Não era um homem que sabia aceitar seus próprios enganos e não caía bem que o pusessem em seu lugar, isso era algo que tinha muito assumido. Teve séculos para aperfeiçoar seu autocontrole e sua maneira de agir. Ganhou o respeito de todos com seu modo de proceder. Não falava mais da conta se não fosse necessário. Preferia calar e escutar, observar e estudar as pessoas. E se falava, sempre era depois de meditar muito suas palavras.



Então dizia algo contundente e todos o acatavam como se fosse uma verdade. Aquela garota jogou por terra toda aquela fachada que ele acreditava ter assumida, e as emoções que sentia e que eram novas estavam cobrando seu preço. Na figura de Ruth confluíam todos os desejos que ele alguma vez teve, mas que enterrou à força de vontade. Sem desejos não havia decepções. Ruth havia desenvolvido a garrafa de sentimentos, medos, pensamentos, inseguranças e sonhos que ele jogou ao mar de seu coração. O que não sabia era que a garrafa ainda flutuava sobre as ondas e que de repente, como uma explosão, cuspiu tudo o que se achava em seu interior. Assim se sentia ele. Transbordado. Superado. Tocado a fundo.

As palavras de Ruth havia suposto um corretivo, como quase tudo o que saía de sua doce boca. Ficou sem respiração, deu-lhe um bom murro na boca do estômago e agora doía o coração ao ver sua kone ferida e insegura por sua culpa.

Tinha razão. Ela tinha razão. Não sabia o que dizer. Ruth elevou o muro novamente, e desta vez, não podia reprová-la, acertou em um ponto que ardia muito, um ponto orgulhoso e feminino.

— Me perdoe —disse arrependido, aproximando-se.

— Não se aproxime —levantou uma mão para afastá-lo — O perdoo, mas agora não quero que se aproxime. Quantas vezes acredita que pode pisotear meu orgulho, xamã? —os olhos brilhavam de raiva. Adam a ofendia.

— Não sei o que dizer... eu pensava que... não estou acostumado a...

— Nos faça um favor a todos. Deixa de pensar — deu meia volta, mas Adam a agarrou pela mão e a aproximou.

— Ruth... —gemeu e inclinou-se para cheirar seu pescoço com ternura, sua maneira de tocá-la já era uma desculpa— Falaremos mais tarde, de acordo?

— Se eu quiser —disse ela puxando sua mão, fazendo ver que a última palavra tinha ela.

— Será como você queira, Ruth —sussurrou beijando sua garganta e acariciando o pulso de seu pescoço— Hoje faremos a cerimônia de Limbo, sua despedida com todas as honras. Logo conversaremos e consertaremos nossas diferenças.

— Está certo? —respondeu a contra gosto e escapando de sua amarração. Foi lavar as mãos, deixando Adam com seus próprios e ofensivos pensamentos.

O jantar transcorreu entre ruído de pratos e colheres, goles de água e sucos, e silêncio. Muitíssimo silêncio. Os gêmeos não tinham vontade de falar, olhavam Ruth de vez em quando esperando que ela iniciasse a conversa, mas Ruth estava muito séria, apática e deprimida. Limitou-se a tomar sua sopa de melão e seu arroz com verduras. Adam não deixava de olhar de esguelha, incômodo por ver que ela não estava a vontade ali com ele. Essa situação mudaria, jurou.

De caminho a Cornualles, o lugar cerimonioso onde fariam a despedida de Limbo, tampouco falaram muito. Liam e Nora colocaram um filme na parte de trás do carro. Ruth deixou o DVD Avatar porque os pequenos se fascinaram com o mundo como aquele. Um mundo de peles azuis e gigantes cheios de bondade, que protegiam sua terra e o que era dele. E os humanos que ao princípio vinham com intenções de destruição, logo se uniam para protegê-los e lutar junto a eles.

O céu se tingia de cores laranja e amarelo, um entardecer cheio de melancolia e sabor a toronja. Algo agridoce. Chegaram à praia e desembarcaram do Hummer.

Havia homens e mulheres vestidos com roupas escuras e violetas. Eram as cores das



despedidas no clã berserker. Os homens corpulentos, as mulheres muito altas. Elas usavam umas túnicas com capuz de cor violeta, e eles se vestiam com calças negras e camisas roxa. Ruth sentia que era a única que destoava ali, embora quando a viram aparecer com Adam e os gêmeos a receberam inclinando a cabeça com respeito, a modo de saudação. Havia uma mulher loira ao lado de um altar de madeira com símbolos rúnicos e cheio de feno e pedras. Era Margött. Em seu interior supôs que estaria o corpo de Limbo. Margött chorava, secava a lágrimas com um lenço branco, tinha os olhos vermelhos e inchados e caíam os mucos, mas ainda permanecia serena e bonita. Ruth sentiu uma pontada de compaixão e pena por ela, mas também outra de inveja feminina, porque nem então sua beleza diminuía. Ás e Noah a escoltavam, ambos com as mãos cruzadas às costas e as cabeças cobertas.

Adam parou e observou Margött. Passou a mão pela nuca e olhou Ruth.

—Tenho que ir. Pode ficar com eles? —Olhou-a como pedindo um favor.

—Claro. —Ruth ficou ali sem olhar em nenhum momento a Adam.

O berserker hesitou sobre o que devia fazer, seu lugar também estava com Ruth, sua kone, e se apresentar na cerimônia de adeus com ela era confirmar que estavam juntos aos olhos do clã. Ela e ele tinham coisas pendentes que falar, mas nesse momento devia ir com Margött. A berserker deu seu apoio quando morreu Sonja, esteve com ele. Ele devia isso. Limbo e Margött pelo visto estavam muito unidos, tanto como ele e sua irmã, e perder a alguém tão próximo era algo que destroçava o coração e quebrantava a alma.

Foi para a berserker e deixou Ruth com Liam e Nora agarrados pelas mão e olhando a seu redor. Ali havia mais crianças também, crianças que Ruth não viu ainda. Crianças que foram a casa-escola de Margött. Os pais a olhavam com curiosidade, as mães com um pouco de receio e as crianças saudavam Liam e a Nora com a mão e sorriam, alheios a toda aquela inspeção adulta. Para eles tudo era mais simples, não tinham preconceitos. Simplesmente foram onde diziam seus pais. Obedeciam.

Olhou à frente, elevou o rosto com orgulho e olhou nos olhos a todos os que a observavam, obrigando-os a afastar o olhar sobressaltados. Nada disso importava. Ela só via como Adam ia com Margött a consolá-la e a acompanhá-la em sua dor. Aquele gesto não deveria ter importância, era o de um amigo consolando a outro, mas não lhe caiu nada bem como Margött girou ao notar o contato de seu xamã e se jogou a seus braços abraçando e manchando sua camisa roxa com suas lágrimas. Todos ali pareceram suspirar enternecidos e se emocionaram. Ruth se sentia doente. Supôs que na realidade o clã berserker também esperava que a professora e o xamã tivessem sua história e seu emparelhamento. Pelo visto, ela ali era “a outra”, encarnava à mulher que usurpou o trono de Margött.

— Margött... —disse Adam abraçando-a— Sinto o ocorrido. De verdade que sinto.

— Isto é tão duro —murmurou sobre seu peito— Deveria ter ido com ele, ele era minha única família aqui —soluçou.

— Estamos todos com você, Margött. Não está sozinha.

— Você... você vai estar comigo? —perguntou limpando as lágrimas com o lenço branco— Rise era minha melhor amiga e continua muito mal. Está assim por minha culpa — quebrou a voz— E agora Limbo...



— Sim. Eu ajudarei. E não deve se culpar por nada, ouve?

Noah que estava a seu lado, grunhiu e olhou para trás para localizar Ruth, que suportava como uma campeã todas os olhares que estavam lhe dando. Logo olhou a Adam e Margött, e os viu tão errados juntos que pigarreou.

— Não se preocupe, Adam. Nós cuidaremos hoje dela. — Adam o olhou e franziu o cenho. Seu amigo o olhava a sua vez severamente, como se não estivesse de acordo com o que ele estava fazendo.

— Sei pelo que está passando, Noah. Posso ajudá-la que se acalme. Não é fácil ver como seu irmão desaparece de sua vida para sempre.

— Obrigada, xamã. — Margött se abraçou a ele com mais força e começou a chorar violentamente.

Noah olhou à frente, às ondas do mar enfurecido. Obrigou-se a permanecer inexpressiva diante do comportamento de Adam. Era honorável, mas Adam se sentia obrigado com Margött porque recordava a ele e não queria que ela passasse mal como ele passou. O problema era que nessa praia, nesse enterro, nesse lugar infestado de berserkers, havia alguém que estava se sentindo pior, uma humana que aguentava o toró de uma maneira estoica e cheia de dignidade. Noah era um ser empático, alguém que podia perceber e acalmar as emoções só com sua presença. Colocou-se ao lado de Margött para ver se assim a jovem se tranquilizava, queria aliviar sua dor, inclusive a havia tocado no ombro para dar seu calor e sua energia, mas não aconteceu nada. Não parava de chorar, assim que a deixou por impossível.

O vento agitou, e Noah viu como Liam e Nora se agarravam à túnica violeta de Ruth, uma vestimenta que pertenceu a Sonja. Estavam tão penteados e tão bonitos seus sobrinhos. Sorriu enternecido e olhou à Caçadora. Seus cachos mogno se moviam ao redor de sua cabeça, ela também olhava à frente, mas já não observava Adam, agora estava pensativa adorando o chocar das ondas contra as rochas. Noah percebeu o estado emocional de Ruth. A jovem humana sentia frio por dentro. Abandono.

Sem pensar duas vezes, dirigiu-se a ela e deixou Ás preparando o funeral e Adam consolando Margött.

— Olá, Ruth.

— Olá, Noah. — Olhou tentando dissimular um sorriso — Não deveria se aproximar de muito mim, acredito que todos nos olham.

Noah sorriu.

— Não me importa. Maria está por aqui, foi por seu xale. Faz vento e tem frio — sorriu — Você não?

Ruth o olhou de esguelha e negou com a cabeça.

— Não. Estou bem, obrigada.

Noah assentiu.

— Não virão os vaniros?

— Caleb e Aileen são os únicos que estão convidados a assistir. Aileen é a neta de Ás e parte berserker, assim têm que vir. Margött queria uma cerimônia puramente berserker.

— Então não contava comigo.



— Nem com você nem com Maria. Mas são as companheiras de Ás e de Adam, assim vêm com eles, são parte deles. Parte de nós —recalcou amavelmente.

— Se você diz.

Ruth olhou à frente e observou aquele pequeno navio de madeira que se sustentava sobre uma pira e ocultava o corpo de Limbo.

— Vão queimá-lo? —perguntou assinalando com a cabeça.

— Sim. É nosso rito da morte. Nós fazemos dois tipos de despedidas. Ou a incineração, como é o caso, ou a inumação. Neste caso, queimamos Limbo.

— Por quê?

— Porque é a única maneira de que sua alma, que foi imortal, retorne à origem através da purificação do fogo. E é o navio que nós lançamos ao mar que o leva e o que o guia para casa. Entende? É um meio de transporte.

— Bom, ao menos não enjoará... —murmurou Ruth um tanto cínica.

Noah sorriu e meneou a cabeça.

— É incrível o rápido que se amoldou a tudo isto.

— Me adapto rápido. Adaptar ou morrer.

— É valente, Ruth. —Olhou-a com respeito— Não imagino companheira melhor para meu irmão. Adam é afortunado.

— Suponho que isso é um cumprimento e tenho que agradecer, mas ainda não sou sua companheira.

Noah estalou a língua e olhou ao céu nublado.

— Esta noite, *nonne*⁷³. Esta noite será. Embora para mim —olhou a marca do pescoço de Ruth, logo para os gêmeos que estavam agarrados à túnica violeta da Caçadora, e piscou um olho— já é.

Ruth agradeceu a cumplicidade e a amizade que brindava Noah.

— Obrigada.

Divisou Maria que se situava ao lado de Ás, com um xale arroxado ao redor dos ombros. Ás disse algo a Margött e ela assentiu enquanto se liberava a contra gosto do braço de Adam. O berserker olhou por cima do ombro e fixou seus olhos topázios nela. Ruth pensou que Adam iria com ela para estar a seu lado, porque se supunha que era o que tinha que fazer, não? Mas não. O berserker com olhar arrependido, ficou com Margött. Esta deixou um medalhão dourado dentro da barco e beijou a madeira.

—Antigamente, o corpo do defunto permanecia mais tempo à vista para que todos se pudessem despedir dele. O navio e a pira que vê se mantinham intactos dez dias; é o término de tempo que esperávamos antes do enterro. Mas a Limbo cortaram a cabeça e seu corpo se decomporá rapidamente —explicou Noah pondo uma mão sobre o ombro para aliviar a tristeza de sua nova irmã— Por isso devemos incinerá-lo rápido. Margött acaba de deixar um objeto prezado dentro do barco, para que viaje com ele. Também deu seu oks pessoal e o vestiu com a roupa de guerra berserker, se por acaso tem que fazer uma última mutação antes de retornar para casa.

⁷³ Irmãzinha em norueguês.



—Seus rituais são bastante poéticos —disse com mais calma.

— Vê que faz agora Ás? Está acendendo a machado porque ele é o líder do comitatus e o que deve proceder para queimar o corpo do guerreiro de seu clã. Agora o barco está em chamas, e Ás e Adam ajudarão a empurrar o barco para que as ondas do mar o aceitem e o levem.

— Limbo não tinha... kone?

— Não. E se tivesse tido, agora sua companheira subiria ao navio com ele e teria se sacrificado para acompanhá-lo em sua viagem mais à frente.

Ruth sentiu um calafrio.

— Não é fácil viver sem a vinculação berserker.

Ruth olhou Ás e esfregou os braços.

—Ás perdeu Stephanie e ele não se sacrificou com ela. Não a acompanhou —assinalou confundida.

—Ás tinha um trabalho por cima de todas as coisas. Nos liderar. Isso lhe deu força suficiente para continuar. É sua razão de viver. É pelo que ele está aqui.

— O vejo tão apaixonado por Maria... —comentou sem ser muito consciente de que o dizia em voz alta— Com apenas vê-los, tenho vontade de chorar de alegria.

Noah os observou e apreciou o que Ruth via neles. Ás cobria Maria com seu corpo, apoiava-se nela tanto como ela o fazia nele. Que surpreendente era ver seu leder feliz de novo.

— Que papel tem Adam em tudo isso? —perguntou Ruth de repente. Noah apertou os lábios.

—Adam é o guerreiro mais próximo à família de Margött. E Margött pediu que fosse ele quem impulsionasse o barco junto ao leder.

— E é próximo por que...?

— Porque se esperava que Adam e ela iriam emparelhar.

Ruth sentiu que o ácido dessas palavras corroíam suas vísceras.

— Humph.

— A barco se vai —sussurrou Nora olhando o fogo hipnotizada.

— Sim —Ruth prestou atenção à pequena e acariciou a cabeça— Afundará no mar.

—E então tudo terá acabado. O rito da morte finaliza quando o navio se afunda —narrou Noah.

Ruth focalizou em Noah porque ver como o estúpido xamã compartilhava a dor com Margött como se fossem um casal a afundava na miséria.

— Acredita que não noto o que fez? —disse ela.

Noah levantou uma sobrancelha.

— O que fiz?

—É um calmante. Tem o mesmo efeito que um Tranxilium.

— O que é isso?

— Uma das muitas drogas que meus pais me davam quando estava “alterada”. Faz isso, Noah? Acalmas às pessoas?

Noah encolheu os ombros, colocou as mãos nos bolsos e respondeu com indiferença.

— Talvez faça isso.



— Quem é? É todo um mistério. —Ruth o analisou. O que sabia dele? Adam confiava em Noah às cegas, o clã o respeitava, para Ás era como seu filho e os meninos o adoravam. Não tinha companhia, nem tampouco irmãos de sangue. Irradiava uma energia diferente ao resto. Inclusive seu físico. Noah era como um tigre de bengala. Com esse cabelo loiro quase branco, a tez muito morena e os olhos amarelos, era um felino de raça diferente aos berserkers que os rodeavam. E para ela era muito fácil advertir essas diferenças. Estava na pose, na atitude, naquele olhar limpo, e em sua voz rouca e profunda. Refletia nos traços de seu rosto, era luz selvagem, e bondade contagiosa— Mas embora não o conheça muito, eu adoro que esteja aqui hoje comigo. É agradável.

Um dos cantos de seus grossos lábios se elevou de maneira insolente. O vento açoitou o mar e a areia, e Ruth teve que retirar os cabelos do rosto.

— Suponho que isso é um elogio. —Noah repetiu o mesmo que Ruth disse antes.

—E não os dá gratuitamente —disse a voz de Aileen às suas costas.

Ruth girou e sorriu a sua amiga, sentindo-se mais protegida e coberta que antes. Caleb, a seu lado, piscou um olho zombador e olhou por cima do ombro a todos os berserkers, sentindo-se superior e, provavelmente, sendo. Os membros do clã não se acostumavam a que um vaniro pudesse sair quando ainda o sol estava alto, e menos fora de Black Country, onde a poluição e as explosões das minas criaram uma capa avermelhada no céu que impediam que os raios do sol chegassem com a força habitual. Mas o sangue de Aileen deu o milagre.

— E seu lobinho? —perguntou Aileen ao ouvido.

Ruth o assinalou com o queixo.

—Aí, com a loba de cabelo loiro —respondeu Ruth.

Aileen levantou ambas as sobancelhas.

— Pois mais vale que marque o território agora mesmo, Ruth —disse ela— Porque a loira pensa que é dela. E não podemos permitir, Caçadora —a açulou.

— Meninas, silêncio —repreendeu Noah— Margött vai falar. — Todos ali escutaram a prece de Margött, mas como falava em norueguês, nem Ruth nem Aileen se inteiraram de nada do que dizia.

— Está rezando pela alma de seu irmão — explicou Noah— Pede a Odín, Thor e Tyr que o aceitem. Que seu irmão era honorável e que lutou sempre em favor dos filhos de Heimdall.

— Os humanos —assentiu Ruth.

— Também pede a Egir, o deus do Mar, que se a alma de Limbo for a ele primeiro, envie a Odín e diga que aí vai um guerreiro orgulhoso que serviu durante muito tempo.

Depois disso, todos os berserkers entoaram um cântico ritual. Uma melodia dramática e inelegível que arrepiava a pele de Ruth. Adam estava ali em qualidade de companhia que poderia ter sido de Margött, e Ruth estava aguentando a humilhação de ver deixada de lado por ele. Mas esse homem estava cego? É que não sabia como devia se comportar? Ela era sua companhia! Ela! E não Margött.

Discutiram, ele não confiava nela, e, além disso, disse que necessitava tempo para pensar e que essa noite não se aproximasse de seu corpo. Agora, os vendo juntos, igualmente altos e atraentes, da mesma raça ambos, Ruth teve medo de que Adam não se aproximasse dela nem



essa noite nem nunca. Ruth era para ele uma dor contínua de cabeça, alguém que o incomodava constantemente, e Adam era muito dominante, necessitava a alguém mais submisso, a alguém como Margött que pelo visto estava desejosa de servir e agradar.

Sentiu um desgosto à altura do coração.

Quando acabaram os cânticos, os berserkers se foram cabisbaixos, cada um a seus respectivos carros. Maria se aproximou para saudar Ruth e Aileen, conversou com elas um momento e conversou com as crianças. Enquanto isso, Ás falava com Caleb e Noah do pouco que descobriram sobre o que aconteceu com Limbo.

— Limbo era muito controlador. E aquele era seu edifício. Estivemos indagando e ninguém sabe nada nem viu nada estranho.

— E sobre Rise? —perguntou Caleb— Realmente foi um ataque? Um balaço na cabeça não é um roubo comum.

— Não há nenhuma prova a respeito. Não há aromas, nem nada que nos possa explicar o que aconteceu. A única maneira que temos de averiguar o que realmente passou é que Rise se recupere desta ou que a Caçadora convoque a alma de Limbo.

Todos olharam Ruth e ela girou os olhos.

— Farei. Mas esperem esta noite. Tenho meus próprios horários. Além disso, Limbo já deveria ter vindo me ver.

Aileen segurou a risada e as crianças abraçaram Ruth, como protegendo-a de Ás e Caleb. Finalmente, e depois de dar um último abraço a Margött, Adam se aproximou deles.

— Leder— disse a Ás— Vamos já.

— Nós? Quem? —perguntou Ruth com olhar assassino.

— Você, os gêmeos e eu. Vamos para casa. —Olhou fixamente.

— Margött não vem?

— Não. Vamos.

— Agora tem pressa? —Soltou sem olhá-lo à cara.

Adam cravou os olhos nela enquanto um músculo dançava na mandíbula. Não foi fácil para ele deixá-la para acompanhar Margött. Mas devia devolver o favor a berserker. Ela esteve com ele na morte de Sonja. Ela... bom, merda, ela esteve ali como qualquer outra pessoa, essa era a verdade, mas Adam se sentiu obrigado a dar uma mão com a cerimônia. Era o mínimo que podia fazer por Margött depois de envergonhá-la e de rechaçá-la.

Mas isso era algo que Ruth não entendia. Para Ruth valiam os gestos e as palavras, os fatos, e não as razões. Tentou ficar em seu lugar e se sentiu igualmente mal que ela ao ver refletido em seus olhos. Ruth era seu reflexo. Uma prolongação do que ele era, seu reflexo. E o que Ruth refletia era aborrecimento e também abandono. Isso era o que provocou. A relação com a humana o estressava.

— As crianças precisam descansar —usou os pequenos porque sabia que Ruth era sensível a eles e às suas necessidades.

Ruth acariciou as cabecinhas dos gêmeos, uma loira e a outra morena, e sorriu com doçura.

— Então, para casa —sussurrou, mas ao levantar os olhos para encarar Adam não havia ingenuidade. Ruth o mataria porque sabia que pé calçava o berserker.



Adam e ela se despediram de todos. Quando passou pelo lado de Maria, a sacerdotisa disse:

— Querida, esta noite há uma reclamação para você. —E sorriu com malícia. Ruth soprou.

Não tinha vontade de brincar, não tinha vontade de sorrir. O que viu nesse enterro marítimo, se podia chamar assim, era uma verdade que não se dignou a ver. Adam e Margött tinham sua própria história juntos, e ela se havia interposto entre eles, como Glenn Close em *Atração fatal*, a diferença de que Ruth não era uma louca psicopata e que essa mesma noite deixaria o caminho livre para Margött. Todos acreditavam que Adam a reclamaria, ela apostava todo seu orgulho e seu coração quebrado que perderiam essa aposta em favor da berserker. Além disso, por que ia querer estar com ela? Não a amava, tampouco amava Margött, mas tinha mais em comum com a berserker que com ela. Aquilo era o correto, o que devia ser. O que estava escrito. A história do Senhor dos animais e a Caçadora era muito bonita, mas... não era a deles.

Preparada para suportar o último rechaço de Adam, entrou no carro e se obrigou a aguentar estoicamente. Quando Adam reclamasse a outra, na manhã seguinte, ela poderia ir de sua casa e de sua vida.

CAPÍTULO 26

— Manipulador — soltou Ruth quando chegaram a sua casa em Wolverhampton. Saiu do carro e deu uma pancada na porta— Os meninos precisam descansar... —imitou com Nora adormecida em seus braços.

Adam saiu do Hummer com Liam apoiado nele, adormecido também.

— Olha, parecem pó. —desculpou-se ele olhando o vaivém dos quadris de Ruth.

— Tem pressa. Tem pressa por deixá-los deitados, isso é o que tem.

Adam assentiu e sorriu mais depravado.

—Vejo que entende, Caçadora. Pensava que teria que explicar isso quando todo mundo viu o evidente.

Ruth esperou que Adam abrisse a porta. Ele o estava reconhecendo, maldição.

— Se for o que quer... — quebrou a voz enquanto deixava Nora em sua cama. Puxou a roupa e a cobriu com o lençol— Eu... eu estarei no bosque. Preciso... bom, estarei guiando às almas.

Baixou a cabeça e saiu do quarto. Desceu as escadas deixando um rastro de lágrimas às suas costas e saiu para o bosque, correndo com a fúria que seu amor próprio não deixava expressar. O que devia dizer a Adam? Que a quisesse? Que a respeitasse? Que ficasse com ela? E o pior de tudo, por quê? Por que ia querer Adam estar com ela quando tinha alguém mais adequado ao alcance?

Correu até chegar ao Totem e ali se sentou, rendida. As pernas tremiam e não deixava de soluçar. Ela o queria. Ela o queria de verdade. Por que Adam não aceitava seu amor? Por quê?

— Está chorando —disse Sonja. Apareceu sentada a seu lado— O que fez meu irmão desta vez?

— Onde esteve? —disse Ruth ignorando a pergunta.

— Recuperando energia. Depois do contato com meus filhos e meu irmão, não é fácil voltar a se materializar. Estive presente, mas não podia me fazer ver. Falei com Adam ontem pela última



vez.

— Eu passei parte de meu dom —assumiu Ruth.

— Tinha que falar com ele... sobre umas coisas.

— E serve de algo que falassem dessas coisas? —perguntou inquisitiva. —Ontem plantou a semente. Hoje deverá começar a florescer.

— Por que acha que é culpa dele que eu esteja chorando? —enxaguou as lágrimas desesperada e olhou ao espírito à cara.

— Intuição feminina.

— Pois a tem muito afinada.

— Foi ele, é óbvio. Ruth... É lua cheia. —Sonja elevou as mãos ao céu e fechou os olhos com um sorriso de prazer—Nossos homens vêm a nós por fim. Vêm se render e a submeter. Vêm se entregar e reclamar. Vêm para oferecer e roubar. Anjos e diabos ao mesmo tempo. É a essência do berserker. Está preparada?

— Não. Não estou. —Quem estava preparada para que a rechasassem?

— É incrível que Adam vá fazer por fim. Uma lua cheia em que poderá reivindicar e reclamar o que pertence. Merecia encontrar sua companheira. Merece acreditar no amor, não acha, Ruth? Esteve aí todo o tempo e não o viu porque não sabe que o amor não se vê. Só se sente.

— Eu gosto muito de falar com você, Sonja. —Ruth levantou como uma mola e limpou a mancha inexistente da saia— Mas tenho trabalho.

Sonja a olhou de cima a baixo.

— Meu irmão não tem muita paciência. Está dando tempo para que o assimile, entende? Respeita.

—Agora mesmo, pode meter o respeito pelo traseiro, Sonja. Não quero seu respeito. —Não. Queria seu amor. Sonja estava dando a entender que Adam ia ficar com Margött e a estava preparando para o golpe.

— Depois do respeito, virá o resto — assegurou Sonja— Recordo quando meu companheiro me reclamava. Desfrutava de sua força e de suas carícias, de sua agressividade e seu...

— Basta. —Ruth pressionou o septo nasal com os dedos. Imaginava Adam fazendo tudo isso com a berserker loira.

— Ruth... nonne... Só aviso. Ele vem por você. —Sorriu como o faria uma amiga que oferecia um presente incomensurável— Só por você, tola.

Ruth engoliu saliva e empalideceu.

— Não! Não vem por mim.

— Agora volta atrás? Tem medo? —disse Sonja compassiva— Você também tem inseguranças, medos e coraças. Pode ser que esta noite ambos se libertarão. Mova-se. —Sonja desapareceu de repente e disse adeus com a mão.

Ruth olhou ao espaço vazio que havia onde antes estava a irmã de Adam. Não queria acreditar no que disse Sonja, o medo nublava tudo. Claro que tinha medos. Tinha muitos. Em não ser o suficientemente boa para ele. Decepcioná-lo. Uma parte miserável e covarde de seu ser quis que Adam se fosse realmente com Margött para não fracassar, para não aceitar o desafio que supunha estar com o berserker. Não podia fracassar a única coisa que importou em sua vida.



Adam estava em seu interior, sob sua pele. Tocava interiormente como nada o fez antes. Quando a olhava, parecia que não havia ninguém mais no mundo, e ela teve medo de se acostumar a isso, de necessitá-lo e de não ser nunca mais autossuficiente como era. Para Ruth, o amor era um luxo. Existia, é óbvio. Via nos olhos de Maria, e nos de Aileen. Via nos olhos de Nora e Liam quando olhavam seu tio. Mas ela também tinha medo desse amor, porque o reclamou durante muito tempo e o degenerou. Dava valor a amizade de Aileen e de Gabriel. E valor a sua inteligência e sua independência. Jogou com isso. Mas o amor... As pessoas que deveriam tê-la amado mais que tudo no mundo, a castigaram por ser como era. E Ruth se conhecia. Tinha caráter, e era um caráter muito explosivo e desafiante. Adam e ela iriam estar todo o tempo discutindo. Isso podia levar a destruição. Mas ela o amava. Amou desde o momento em que a tocou. Assim, de maneira incondicional e irrevogável. Porque Adam passou a ser seu somente ao vê-lo. Sua intuição o confirmou.

E agora cabia a possibilidade de que ele finalmente a reclamasse essa noite. Maria disse que a partir daí, não havia volta atrás.

Sem querer pensar mais nisso, obrigou-se a convocar aos espíritos. É óbvio que estava assustada. E se não estava à altura? Mas primeiro teria que ver se Adam, finalmente, dava esse passo por ela. Se ele o dava, ela saltaria ao vazio, porque estava farta de esperar. Acabaram as máscaras.

Adam agarrou ao marco da porta. A lua cheia acertava em pleno no seu rosto. A noite esclarecia para ele e para ela, sua kone. Ruth. Dele.

Como controlar à besta desumana que tinha em seu interior? Como aproximar-se sem assustá-la? Naquele momento sentia todas as dúvidas que sentiu Ruth para eles. Em sua cabeça se repetia a letra de uma de suas canções favoritas: *I'm not afraid*, do Eminem. Seus medos, suas inseguranças. Ruth era dele e era seu reflexo. Podia captar tudo o que acontecia em sua cabeça, tudo o que estremecia seu coração. Ela estava assustada, tinha medo do que acontecia entre eles. A mente racional de Adam o entendia, porque ele estava igualmente assustado. Nunca se sentiu tão obcecado por ninguém, tão necessitado de um sorriso, de um olhar, de uma palavra. Ruth acreditava que ele era frio, que era de pedra, mas estava equivocada. O medo afastava às pessoas não só de outras, mas também delas mesmas. Mas essa noite, sob o influxo do astro da noite, ele queria encontrar a si mesmo. Não queria Margött, nem antes, nem agora, nem nunca. Porque ela não era Ruth. Margött poderia ser apta para qualquer um, mas não para ele, para ele só a Caçadora. Havia uma lenda sobre o Senhor dos animais e a Caçadora. O noaiti era conhecido como o Senhor dos animais. Mas se havia alguma proprietária e senhora ali mesmo, em seu lar, em sua terra, em seu coração, era Ruth.

É que ela não podia senti-lo? Não podia sentir que também estava assustado? Aquela manhã contatou com o espírito, um espírito do futuro, Skuld. E o que mostrou o deixou intumescido. Esteve no enterro de Ruth. Em seu enterro. Aileen chorava, Caleb chorava, Daanna, Cahal... Maria chorava e inclusive os gêmeos choravam, com tanta tristeza, que lhe partiu o coração. Quando saiu da visão, ele estava chorando com tanta tristeza e dor que custava respirar. Ruth não estava. Era Ruth a que enterravam. Pela manhã corrido para vê-la para assegurar de que seguia ali com



eles. Amou-a. Tocou-a com desespero. Era seu dever protegê-la, não ia permitir que lhe acontecesse nada. Nunca. Se for uma profecia, essa não se cumpriria. Ele só queria cuidar dela. E necessitava que deixasse fazê-lo. Mas essa garota era rebelde e contestava, com um temperamento de mil demônios. Bom, ele também tinha, e isso o fez sorrir. Nunca se aborreceriam.

Era isso amor? A capacidade de se sentir pleno e a transbordar da essência de alguém? Era a primeira vez que ele se sentia assim, não tinha modo de averiguá-lo. Era sua primeira lua cheia com sua companheira. Aquela noite se desvirginaria com ela. Nunca se transformou com ninguém, e resultava que a besta, o frenesi, estava a ponto de tomar o comando em sua mente e em seu corpo, e ele devia deixar ir. Não havia maneira de controlar o frenesi. Já tinha passado duas noites com ela. Por pouco, quase havia perdido as rédeas ao se deitar com Ruth. A noite anterior, entretanto, teve mais autocontrole para não machucá-la. Mas essa noite... essa noite era impossível. As presas saíram insolentes em sua boca, como dizendo que já estavam aí. Arrancou a camiseta como um selvagem e agora a calça ardia e queimava sobre sua pele. Com um grunhido, Adam se despojou deles e ficou de cueca. Em uma cueca negra de seda. Também queria tirá-la, mas não apareceria diante dela nu como um selvagem. Ele era, era um selvagem, mas faria o possível por dissimulá-lo.

Fechou a porta da casa, conectou todos os alarmes, e se dirigiu ao Totem, porque dali vinha o aroma de pêssago.

Correu como um lobo e chegou ao lugar onde Ruth guiava os espíritos. Ocultou-se detrás de uma árvore. Sua companheira tinha a cabeça jogada para trás. Usava a mesma túnica violeta que usou no enterro de Limbo. O capuz violeta da túnica caiu e seu cabelo vermelho e ondulado caía comprido e espesso até mais abaixo de suas omoplatas. Debaixo, Ruth só usava sua roupa íntima lilás clara com lacinhas negras. Ele mesmo a vestiu essa tarde para pôr a túnica e escolheu o conjunto. Ruth o afastou, zangada como estava. Agora sabia que depois da túnica só havia pele e os diminutos objetos de tecido que ele se encarregaria de rasgar.

Ruth fechou os olhos, orgulhosa de seu encargo, sabendo que fez um bom trabalho. Nem rastro de Limbo. Mas já não importava, o portal estava se fechando às suas costas. Adam grunhiu de prazer, orgulhoso por sua vez de ter a uma companheira como ela.

Ruth ouviu o grunhido e girou assustada.

Ambos se olharam fixamente e não se atreveram a mover.

Ela o encarou. Adam se afastou ligeiramente do tronco da árvore e se mostrou de corpo inteiro, os corpos de ambos banhados pela lua. Aquilo era uma partida de xadrez. Quem ia ser o atrevido que marcasse sua jogada? Ela o olhou de cima a baixo e suspirou. A pele de Adam irradiava luz, ou era a luz da lua que se refletia em sua pele? Não importava, pois só estava segura de que não podia afastar os olhos de seu corpo. Seus olhos vermelhos e brilhantes a comiam, e a adoravam. O peito musculoso e enorme, o dragão que ela aprendeu a aceitar entre eles, os ombros largos e perfeitamente esculpidos. Adam era um deus. Os braços tensos a cada lado de seu corpo, os punhos apertados e as pernas abertas, com aquelas coxas poderosas e perfeitamente marcadas, tal e como ele marcava o território. E sua ereção... ia rasgar a seda.

Ruth se sentiu estupidamente agradecida por vê-lo ali. Por vê-lo assim por ela. Por ela.



— Perdeu a roupa pelo caminho —assinalou levantando uma sobrancelha. Adam deu um passo para ela.

— Não disse que queria que me deixasse espaço? —sussurrou com a voz quebrada.

Adam a olhou nos olhos com arrependimento.

— Não posso, kone. —Grunhiu quase pedindo perdão por isso, sacudindo a cabeça.

— Por que está aqui? —atreveu a perguntar.

— Porque é minha. Sinto o que sente, Ruth. —aproximou-se dela pouco a pouco— Sei que acha que Margött é melhor que você. Acreditava que poderia reclamá-la esta noite em vez de você, menina covarde. Mas não é verdade.

— Ah, não? —soluçou.

— Não, katt. —Caminhava para ela como um autêntico predador.

— Por quê?

— Porque ela não é você. Ela não tem sua carinha nem me desafia constantemente. Só uma desavergonhada poderia fazê-lo. Minha petulante.

Ruth o estudava, mas também observava os arredores, se por acaso tinha que começar a correr. Adorava o que ouvia, para que ia negar.

—Nora e Liam não gosta de Margött, sabia? —Perguntou ele reclamando sua atenção— Não lhes cai bem.

Ruth tremeu o queixo.

— Sim.

— Não me disse isso. Não se afaste — ordenou.

Ruth deu um passo para trás.

— Não me dê ordens — advertiu— Não precisava que as crianças me dissessem nada. Só terá que ver como a olham. Margött será muitas coisas, mas tem o instinto maternal de um cacto. Mas você não percebe isso, verdade?

Adam mostrou as presas ao ver que não obedecia, estava se separando dele em todos os aspectos e isso o machucava. Ruth tinha razão. Não. Não percebeu isso. Ele deu valor a raça de Margött por cima de todas as coisas e ignorou todo o resto. Estava envergonhado.

—Sylfingir! —exclamou Ruth. Ao momento o arco dos elfos se materializou na palma de sua mão e, com uma celeridade digna do melhor arqueiro, colocou uma flecha na corda e apontou ao Adam com ela— Me vê fraca agora? —perguntou furiosa— Acredita que sou incapaz de me proteger?

Adam levantou as mãos em sinal de indefensabilidade. Todos sabiam do poder das flechas da Caçadora, ele não a desafiaria.

— Mereço que me dispare por minha estupidez.

— Não me respondeu. Vê-me indefesa?

O que estava era linda. E o deixou louco. Ali parada, Ruth parecia tudo, menos incapaz de se defender e de lutar.

— Não, Ruth. Confiaria minha vida a você agora mesmo.

— Hoje me deixou de lado nesse enterro — ela o reclinou sem poder evitar uma bico real. Seguiu apontando com a flecha iridescente.



—E você me disse que não queria saber nada de mim. Que necessita tempo e que esta noite não queria que me aproximasse de você.

O sorriso de Ruth não chegou aos olhos.

— Obrigada por me respeitar.

— Não me foda, Ruth. O que quero saber é: e agora que estou aqui, que vou reclamá-la, que a necessito, o que vai fazer você, medrosa? Parece assustada. Mas eu também estou — reconheceu humildemente— Isto é novo para mim. Baixa a flecha, pequena. Só estou tão confuso como você pelo que sente por mim.

Aquilo enfureceu Ruth. Pensava que ela não tinha claro o que sentia por ele? Mas que mais tinha que fazer para demonstrar que estava apaixonada? Além disso, o que sentia ele por ela? Nunca disse, e enquanto ela se desfazia em seus braços várias vezes, ele permanecia como um bunker, solene e silencioso. Protegendo suas emoções com paredes de grosso concreto. Inquebrável.

— Não estou confusa! — gritou ela— Tenho muito claro o que sinto, estúpido! O que estou é aterrada porque sei que me machucará— seus olhos umedeceram e fez desaparecer o arco assim que o soltou— Porque é um bruto e não entende os sinais que envio. Não cuida de mim!

Adam grunhiu. O animal nele o deixava terrivelmente doente quando o provocava. E Ruth era uma provocadora. Era agressiva quando se sentia vulnerável. Mas o único animal agressivo que havia ali era ele.

— Nem sequer entendo por que devemos continuar juntos, por que morro de vontade que me abrace se você não confia em mim. Explique isso, você entende? E estou cansada de ter esta discussão. Sempre será assim?

A voz derrotada de Ruth o afundou na miséria.

— Não. Aprenderei, Ruth. Juro isso. É muito tempo que passo com este comportamento rígido e teve que chegar uma humana como você para me abrir os putos olhos. Maldição, venha aqui e deixa de se afastar.

Ruth deu dois passos mais para trás.

— Quero que isto saia bem, Adam. Não quero que volte a ver Margött, não quero que a toque mais — pediu com os olhos cheios de lágrimas— Sinto muito o que ocorreu a seu irmão, mas a quero longe de nós. Eu não gosto. —E disse sem mais, com toda a raiva e o ciúme que acumulou por ela— Posso aprender a esperar, Adam, mas eu não gosto de compartilhar nada. Sou ciumenta. —Já havia dito— E o odeio por permitir que ela se abraçasse a você e você deixar que o toque... —Seus olhos desceram por seu peito— Liam e Nora estarão bem comigo, não com ela.

Adam ronronou. Ruth também marcava território e isso o cativou. Inclusive as humanas tinham esses instintos.

— Não há mais Margött — jurou— Nunca houve na realidade. Utilizei-a desde que entrou em minha vida faz tão somente cinco dias. Pensava me defender nela para evitar ter que enfrentar você, ao que temos. Não soube lutar muito bem com isso. — esfregou a nuca.

Os olhos âmbar de Ruth flamejaram com interesse.

—E eu também sou ciumento. Você me deixa assim. Eu não gosto de vê-la com outros. Eu não gosto que ninguém ronde o que me pertence. Senti ciúmes de Noah quando o vi acompanhá-



la. Ocupando meu lugar — grunhiu aproximando-se mais agressivamente.

— Não se importou. Estava com a loba. Vai antepô-la sempre a mim porque se sente obrigado a ajudá-la? Sempre estará antes ela que eu?

Adam teve um sobressalto e a observou com atenção.

— Não diga isso! — gritou ofendido — Você é minha companheira, não ela. O apoio que dei a Margött foi um compromisso. Esta noite venho a você, Ruth — disse mais docemente, e esse tom hipnotizou a jovem — Com o que sou, com o que tenho. Preciso estar com você. Por favor... — sussurrou abaixando o olhar — Não vai aceitar?

Ruth gemeu. Os raios da lua iluminavam a cabeça encurvada de Adam e ela teve vontade de se aproximar dele e abraçá-lo.

— Vou? Quer que vá?

Ela ficou parada. Estava lhe dando a possibilidade de escolher? Ele, que era um homem inflexível e mandão, estava oferecendo uma saída. A contra gosto e com dificuldade, mas a oferecia. O frio que horas atrás sentiu desfez e foi arrasado por uma onda de calor.

— Não vá. Eu também quero estar com você — confessou ela dando outro passo para trás.

— Então... — Levantou o olhar e a paralisou com sua determinação. Que fanfarrão era — Não dê um passo mais. Ruth, não pode brincar com um predador de gato e rato. Deixa-me condenadamente duro e estou fazendo esforços por não assustá-la.

— Deixa de se controlar — grunhiu ela — Basta de controle. Não quero isso esta noite.

Os olhos vermelhos de Adam brilharam perigosamente.

— Então o que quer? — estendeu os braços com impotência — Não me atrevo a dizer nada mais porque tenho medo de que não seja certo. Eu não digo nunca nada que não é certo. Só a verdade. Importa-me, preocupo-me com você, eu gosto de você e me deixa louco. Morro de medo ao pensar que possa acontecer algo, Ruth, essas são minhas reservas. E confio em você, vou fazer. Isso são verdades, Ruth. Sinceras, e digo isso do profundo de meu coração.

Ruth mordeu o lábio e uma lágrima deslizou por sua bochecha. Adam a queria, sabia. Mas como não sabia reconhecer esse sentimento, não se atrevia a admiti-lo. Mas ela o sentia em seu interior. Via nos esforços que fazia por não abandoná-la, por não pressioná-la. Não era simples para nenhum dos dois admitir que se encontravam cara a cara com o companheiro que queriam para o resto de sua vida.

— Pois eu sim que vou dizer isso, Adam, porque sinto de verdade. Quero. — Estudou sua reação, viu como ele se estremeceu profundamente e como seu rosto de ângulos pronunciados e masculinos se alagou de esperança e de ternura — Não espero resposta, não é como eu, e é muito reservado. O amo desde que o vi, já disse ontem. Estou perdidamente apaixonada por você. Não é fácil de entender. Mas para mim não há nada mais simples que entendê-lo. Minha mente racional deixou que desse voltas. As coisas são como são.

— Ruth...

— Quererá. Sei que fará. Você e eu formamos parte um do outro de nosso destino. Sinto que o conheço sempre. Meu Senhor — se aproximou dele até que só um centímetro separava suas peles — eu sou sua Caçadora.

— Sim — gemeu ele tremendo de maneira furiosa — Minha. Ruth...



Adam cresceu o cabelo até os ombros. Cabelo liso, negro e brilhante. Os olhos ganharam vida, a maré vermelha se movia em seu interior. Ficou mais alto e mais musculoso. Transformou-se diante dela, sem grandes dramalhões, simplesmente deixou fluir o que ele era.

— Ruth —sua voz rouca. Respirava com dificuldade— Não se mova. — A jovem levantou uma sobrancelha. Seus olhos dourados sorriram. Estavam desafiando.

— Kone... Deixa que me acalme, por favor —rogou ele— Não quero machucá-la...

— Muito tarde, lobinho. Venha atrás de mim. Cace-me se se atreve.

Com esse desafio, Ruth se afastou dele correndo como uma louca com o coração a mil por hora. A lua iluminava o bosque, e às vezes acariciava seu corpo. O capuz trotava a suas costas e seu cabelo era uma esteira avermelhada que atravessava o ar. Ruth escutou um rugido e pôde visualizar a Adam jogando a cabeça para trás e sorrindo exultante, porque por fim teria uma boa caça. Porque por fim podia encontrar o que encontrou sua irmã e seu leder. Sua alma gêmea.

Ruth se excitou. Saltou por cima de uma rocha e atravessou o riacho, mas quando chegou ao outro lado, um corpo enorme se abateu sobre ela e a bloqueou até que ambos caíram ao chão. Todo o corpo de Adam recebeu o impacto, ele a protegeu.

Levantou, colocou-a de joelhos diante dele, cara a cara. Agarrou-a pelo cabelo e a beijou com vontade enquanto com a outra mão tirava a túnica roxa. Ruth gemeu e se agarrou a seus ombros com desespero. Olhou seu corpo muitíssimo maior e notou que Adam queimava.

— É uma fogueira —sussurrou ela.

Adam a fez calar com outro beijo e não parou até que a teve só com a roupa íntima. Deixou a túnica jogada no chão, a modo de cama improvisada. Arrancou a calcinha e o sutiã e a deixou nua diante dele. Ruth tremeu diante da expectativa. Nunca se sentiu tão desejada. Adam ia devorá-la. A puxou ao chão e se colocou em cima dela. Agarrou seus pulsos com uma mão e as colocou por cima de sua cabeça, imobilizando-a. Baixou sua boca até seu seio e jogou com ele como seu prêmio. Lambeu, e o mordeu. Mamou fazendo todo tipo de ruídos excitantes e o sugou. E fez exatamente o mesmo ritual com o outro peito. Ruth também sentia seu frenesi. Agora mesmo eram um. Ambos se sentiam um ao outro. Ela tentou mover-se para tocá-lo.

— Não, kone— grunhiu ele castigando com uma ligeira dentada no mamilo e acalmando ao momento seguinte com uma lambida poderosa.

Ela gemeu e tremeu. Adam torturou seu mamilo com os dedos enquanto o outro era submetido ao poder de seus lábios e sua língua.

— É minha presa, katt —prometeu ele.

Deslizou uma mão pelo seu estômago e chegou até aquele lugar liso, quente e úmido que só Ruth tinha. Por ele. Abriu com os dedos, brincou deslizando acima e abaixo. Desceu por seu corpo e afundou a cabeça entre suas pernas. Marcou o interior de suas coxas com seus dentes e suas sucções, e logo se alimentou com sua virilha. Bebeu os fluidos de Ruth e fez amor com a boca. Ruth o agarrou pelo cabelo e elevou os quadris, seguindo o movimento e as investidas da língua de Adam. Ia devorá-la. Adam parou o movimento de seus quadris com um braço e a cravou ao chão. Ela podia sentir a grama úmida em suas costas, o aroma de bosque, o aroma de hortelã de seu berserker. Ruth fechou os dedos entre o cabelo negro de Adam e também o dominou como ele fazia com ela. Se não a deixasse se mover, ela tampouco ia deixar que se movesse de onde



estava. Gemia e soluçava. Gritava e se queixava. Estava a ponto de que o orgasmo mais incrível de sua vida a varresse. Deixou cair a cabeça para trás e elevou os olhos à lua que aparecia entre alguma nuvem solitária. Sentiu os primeiros tremores de seu orgasmo, sentiu muito dentro, à altura do umbigo, mas quando estava a ponto de liberar, Adam se afastou.

— Não! —disse Ruth.

Adam se ajoelhou no chão e sorriu como um menino mau. Seus lábios e suas presas brilhavam. Passou a língua através deles. Meu Deus, parecia um viking moreno. O nidhuj reluzia à luz da lua. O dragão tirava sua língua e a olhava. Adam respirava acelerado e pedia algo com seu olhar pirata de lava turbulenta.

— Quer? —perguntou com um grunhido— De verdade me quer? Aceita-me tal e como sou, preciosa?

Ruth engoliu saliva e se ergueu lentamente, ajoelhando-se diante dele, jogando a cabeça para trás para olhá-lo ao rosto. Adam a levantou pela cintura, ambos rendidos e demonstrando homenagem um ao outro. Elevou-a até que rodeou-lhe o pescoço com os braços, e então Ruth o beijou com uma doçura que desfez ao homem enorme que pedia carinho e ao animal que precisava ser domado. Beijou-o com mais intensidade, brincando com seu cabelo, acariciando seu rosto.

— Sim —sussurrou sobre seus lábios, com as bochechas ruborizadas e os lábios inchados— Quero você e o aceito, Adam.

Adam mordeu seu lábio inferior e puxou enquanto a animava a jogar com ele.

— Você me aceita? Tal como sou? —sussurrou ela a sua vez.

— Minha família e eu aceitamos como é, Ruth, com todo nosso coração— assegurou ele abraçando-a e deixando que ela o beijasse por toda o rosto— Mmm... Que doce.

Ruth queria chorar de alegria. Adam parecia tão sincero, tão autêntico sob a luz da lua. Mas o que a convenceu foi a doçura e a tortura que viu em seu rosto quando disse que a aceitava. Estava apavorado porque era vulnerável diante dela. Despiu-se em todos os sentidos, no físico e no emocional.

— Demonstre isso kone.

Ruth se afastou e o olhou aos olhos. A ternura e a doçura desapareceram de seu rosto. Agora havia determinação, sensualidade e desejo. Também felicidade. Adam a voltou a deixar de joelhos na grama. Ela passou as mãos por seus ombros, pelo peito. Inclinou e beijou ao dragão na boca, uma boca que mordida o mamilo de Adam. Ela também o mordeu e logo o beijou docemente. Adam estava tenso, observava cada um de seus movimentos. Ruth continuou baixando, beijou o tablete de chocolate do estômago de seu companheiro e colocou-lhe a língua no umbigo enquanto introduzia os dedos no elástico da cueca. Ruth o olhou aos olhos enquanto baixava o objeto negro e então puxou forte deles até rasgá-los. Adam grunhiu com satisfação.

— É meu? —perguntou enquanto levava as mãos ao membro rígido e quente de Adam. Pelo amor de Deus, se antes já era grande, agora, transformado como estava, era... dela.

— Sim, kone. Seu. —Acariciou-lhe o cabelo e o recolheu com uma mão, insistindo a que o provasse— Demonstre, gatinha.

Ruth desceu e lambeu a ponta do seu pênis. Era incrivelmente venoso e estava úmido. Era



salgado e refrescante, como ele. Sem pensar duas vezes meteu a cabeça inteira na boca enquanto o acariciava com as duas mãos. Nunca fez isso, e entretanto, não concebia não fazê-lo com ele. Uma mão se dedicava a brincar com seu testículo, a outra massageava com sensualidade o pênis ardente. Seda e aço. Sugou e relaxou a garganta para poder acolhê-lo como ambos queriam. Adam se impulsionou para frente várias vezes, até que notou que Ruth esticava igual a ele. Olhava enquanto tomava, e pensou que inclusive a vida, para um homem como ele, podia ter raios de luz e esperança. Ruth era tudo isso. Agradecido e afligido pela paixão daquela mulher, levantou-lhe a cabeça e a beijou na boca. Sua menina estava tremendo de desejo.

Sem aviso, deu a volta e a colocou de quatro diante dele. Ruth o olhou por cima do ombro. Adam cravou os olhos em sua virilha, aproximou-se e a puxou pelos quadris.

—Vai doer, pequena — disse preocupado.

Ruth negou com a cabeça. Sabia que tomaria tudo o que desse, porque eram um para o outro.

—Dê-me, Adam.

Adam rugiu como um felino se obrigou a ficar em uma posição mais submissa ainda quando a inclinou e fez que tocasse o chão com os ombros. Colocou a ponta de seu membro em seu portal, e empurrou com cuidado. Ruth pegou ar e tentou se erguer, mas Adam o impediu ao cair em cima dela cobrindo-a com seu corpo. Seu peito estava grudado às costas de sua companheira. Empurrou com força, e olhou à lua enquanto a penetrava. As penetrações eram potentes e dolorosas, mas Ruth o estava desfrutando. Desfrutava do poder e da magia de Adam. De sua energia, de como seus corpos se comunicavam.

—Se abra para mim — ordenou ele afundando o nariz em seu pescoço.

Ruth sorriu e jogou o pescoço para trás. Adam a estava sacudindo, a grama raspava seus joelhos e acariciava seus seios. Adam penetrou ainda mais até que Ruth o sentiu na boca do estômago e gritou surpreendida. Ficou quieto, deixando que ela se acostumasse. Por nada do mundo a machucaria. Os berserkers eram agressivos no frenesi, e às vezes podiam sair do controle, mas nunca poderia abusar de Ruth nesse sentido. Ela confiava nele e ele não ia quebrar essa confiança.

— Está bem, katt? —Beijou-lhe a lateral do pescoço, na nuca e na bochecha— Diga que sim, por favor.

— Sim. Adam, sim... não pare!

— Sente? Muito dentro? —afastou-se ligeiramente para ver como estavam unidos. Passou os dedos pela marca de seu traseiro, pela união das nádegas e deu uma carícia atrevida ali— vai ser toda minha, sabe? Esta noite não haverá um lugar de seu corpo que eu não tenha provado. — Impulsionou os quadris para frente e ambos ouviram como os testículos se chocavam contra o clitóris de Ruth.

— Deus... —murmurou contra a grama. Agarrando-a como se fosse sua única fortaleza— Me queima, Adam. Faz algo.

— É o frenesi. —Adam passou uma mão pela barriga dela e deu calor ali— Sou eu, fazendo estragos em você. Vou inchar... — apertou os dentes e empurrou várias vezes em seu interior.

— Não pare...



Adam começou a rir em cima dela. Apoiou os punhos na grama a cada lado da cabeça de Ruth e a possuiu como um selvagem. O bosque se encheu de ruídos íntimos, e Adam e Ruth dançaram a dança mais antiga do mundo. Ruth gritou e suplicou pela liberação. Adam não a dava e era exigente, pedia mais e mais. De repente fez descer a mão até o sexo de Ruth e a acariciou ali, entre os lábios e no clitóris. Golpes mestres destinados a enervar e a excitar, a desesperar e enlouquecer. Então, ela explodiu. Ergueu-se e colou ao peito de Adam enquanto seus músculos tremiam e alcançavam a liberação. Adam a sentou sobre seus joelhos, e começou a balançar lentamente em seu interior sem deixar de acariciá-la.

— Olha nossa lua, meu bem — disse ao ouvido— É testemunha de nossa união. Você e eu, juntos para sempre. —Mordeu-a no pescoço, em sua marca, e Ruth soluçou, então ele gozou em seu interior. Nunca uma comunhão foi tão profunda, nunca uma conexão foi tão grande. Parte da alma de Adam entrou em Ruth, e parte da de Ruth em Adam. Uma energia dourada os rodeou, e pequenas partículas de luz tocavam suas peles e se fundiam com eles. Ele a abraçou com força, enquanto se esvaziava em seu interior, e quando acabou, afundou o rosto no ombro de Ruth.

— Ad... Adam? —perguntou uma chorosa Ruth. Aquilo foi místico. Adam entregou algo especial aquela noite, algo que só ia ser dela e que ia mimar e a cuidar para sempre— Está bem?

Adam não respondia. As mãos tremiam, o peito vibrava e transpassava a pele de Ruth.

— Está chorando? —Ruth, emocionada, girou e o puxou pelo queixo— Olhe.

Adam chorava como uma criança. E seu rosto, Senhor..., era o reflexo do agradecimento e o amor em pessoa. Então soube que embora Adam nunca dissesse que a amava ou que a queria, não importava. Ela já sabia a verdade. E ele também.

Ruth o beijou, acariciando-lhe o cabelo e o rosto.

— Meu menino lindo — sussurrou ela— eu adoro.

Adam deu a volta e a penetrou de novo. Com rapidez e desespero.

— Suave, Adam... —disse ela se agarrando a seus ombros.

— Ruth... —Abraçou-a e deixou que lhe desse consolo— Ruth... — repetia como um mantra— Ruth.

—Adam, não quebre meu coração. Cuida dele. E eu cuidarei do seu para sempre.

Ruth o balançou e acariciou suas costas. Enredou os dedos em seu cabelo, e chorou com ele. Por aquela conexão divina e espiritual. Adam não deixava de beijá-la e de esfregar suas bochechas em seu peito. E ela estava maravilhada. Aquele homem ameaçador, com um piercing perigoso na sobrancelha que às vezes recordava a um cão de caça, agora estava chorando em prantos, emocionado pelo que compartilharam, por se deixar levar. Por se entregar um ao outro sem condições.

E assim, enlaçados no bosque, cara a cara, corpo a corpo, de coração a coração, o Senhor dos animais e a Caçadora se converteram em um.

CAPÍTULO 27

Ao amanhecer, Ruth e Adam ainda pulavam na cama. Ele não a deixou descansar e ela estava impressionada com a maneira de amar do berserker. Como podiam fazer tantas coisas com



os corpos? Não é que fosse muito elástica, mas, caramba, Adam a pressionava e a desafiava a jogar com ele, e ela não tinha mais remédio que aceitar. Estava molhada na virilha, doíam as coxas e estava irritada. O que Adam tinha entre as pernas quando entrava o frenesi podia dar muitíssimo prazer, mas não era fácil se acostumar a esse poderio físico. Entretanto, o que mais gostava Ruth de Adam e seu frenesi era o descarnado que ficava. As emoções à flor de pele, a beleza selvagem em seu rosto, a positividade em sua maneira de tocá-la e o dominante que se tornava. Uma mulher deveria ser amada assim por um homem, ao menos, uma vez na vida. Deveria ser como um mandamento, um direito. Sorriu exultante, porque sabia que ela poderia ter sempre o que quisesse. Como nesse momento, que inchou em seu interior, em cima dela e no que, além disso, o pobre estava adormecido, tirando uma sesta. Devia estar esgotado porque ela estava morta, gloriosamente saciada e morta. Ruth o beijou na garganta e rodeou sua cintura com suas pernas. O cabelo de Adam era lindo. Penteou com os dedos e o acariciou. Entretanto, gostava mais com o cabelo bem curto, como um militar, com seus traços bem marcados e aquele rosto intimidante e arrebatador.

Acariciou suas costas e passou os lábios por seu ombro esquerdo. Aquele guerreiro se aferrou em seu coração de maneira definitiva, do mesmo modo que estava atado a seu corpo. Como gostaria que levantasse a cabeça e dissesse: “Amo você, Ruth”. Mas Adam não era desses, precisava estar muito seguro disso para dizê-lo. Mas por cima de todas as coisas, precisava perder o medo a essas palavras. Acreditar nelas novamente. Mas como, de algum jeito, orgulhava Ruth. Estar com alguém tão leal a seus sentimentos, tão decidido a fazer sempre o justo, a não enganar, por muito que ela soubesse a verdade refletida em seus olhos e em sua voz, por muito que ele fosse transparente para ela, a fazia se sentir valorizada, o suficiente para que merecesse sempre a resposta mais sincera e honesta.

— Peso muito, gatinha? —murmurou ele com a voz enrouquecida de quem esteve dormindo.

—*Nei*⁷⁴.

Adam levantou a cabeça e apoiou nos antebraços.

— Nei? —Olhou-a com diversão e alegria e deixou de pulsar o coração— Fala norueguês?

Ruth ruborizou.

— Faz um mês e meio que estou aprendendo o idioma. Não sei muito, quase nada. Faço aulas através de um curso pela internet.

Olhava-a com atenção e de maneira solene. Inclinou-se e a beijou. Um calafrio percorreu a pele de ambos. Seus lábios já se reconheciam.

— Deixa-me sem respiração, meu bem. —Grudou sua testa à dela— Aprende norueguês por nós?

— Não. Só por você e pelos gêmeos. —Tocou o queixo e deu um toque no nariz— Quero aprender a discutir em seu idioma. Precisarei. —sorriu.

Adam soltou um grunhido exagerado e começou a fazer cócegas no seu estômago. Ruth começou a rir descontroladamente e tentou tirá-lo de cima até que Adam a puxou pelos pulsos e a

⁷⁴Não em norueguês.



imobilizou.

Ruth precisava pegar ar, mas quando abriu os olhos se afogou na ternura do rosto desse homem. Ele empurrou com seus quadris e mordeu seu queixo com suavidade.

— Nunca vou ter suficiente de você, Ruth.

Ela mordeu o lábio e se concentrou nas sensações que despertava Adam em seu interior.

— Isso espero — sussurrou jogando o pescoço para trás para dar melhor acesso a sua garganta.

— Dentro de um momento tomaremos o café da manhã juntos e iremos procurar a seu bombom para tê-lo em nossa casa. E se não, podemos dizer a Gab que o traga, e de passagem — mordeu-lhe o ombro brandamente — depois iremos ao carnaval de Notting Hill os quatro juntos, e Gab também, se quiser.

Para Ruth parecia um plano fantástico, nunca esteve nessa festa tão popular. Pelo visto durava três dias e estava considerada como uma das maiores festas do mundo. Um desfile constante de ritmos, pessoas e danças caribenhos que celebravam a grande imigração que houve em Londres por parte de membros das comunidades de Trindade e Jamaica. Nesses três dias, passavam mais de um milhão e meio de pessoas por ali. Seria bonito vê-lo juntos, como uma família. Entretanto, tinha em conta a ameaça de Strike e Lillian. Para ela era mais importante caçar e averiguar seu paradeiro.

— Não pense nisso agora — disse ele adivinhando seus pensamentos — vamos nos divertir um pouco. O perigo sempre estará a nosso redor, já seja aqui ou na rua. Temos que aprender a viver com isso.

Tinha razão.

— Ei, Adam, está despenteando.

— Não sou tão estrito e tão sério como acha.

Ruth levantou uma sobrancelha e ele sorriu. Aquele gesto pirata e brincalhão a deixava louca.

— Estando comigo não nos acontecerá nada. Além disso, você me protegerá, verdade, *kone*?

Ruth soltou uma gargalhada.

— É óbvio. Eu cuidarei de vocês.

— E eu cuidarei de você — disse ele movendo-se em seu interior — *Er det vondt*⁷⁵? — penetrou-a com investidas lentas, como se tivessem a vida pela frente.

— Se me doer? — gemeu — Não vou poder caminhar, só me arrastar. Farei a dança da serpente no carnaval.

Adam começou a rir e a beijou com agonia.

— Não, querida. Melhor deixar de dançar em eventos multifestivos. Despista.

— Você gosta de me ver dançar.

Adam suspirou. Não negaria. Apoiou a testa na dela, olhando-a fixamente nos olhos. Gostava de tantas coisas dela, se só fosse isso... adorava a voz rouca que emitia quando estava em

⁷⁵ *Dói? Em norueguês.*



seus braços, a atitude maternal e protetora que empregava com os pequenos, o caráter desafiante e feminino que punha em prática com ele. Tudo o que ela era, tudo, ele adorava e despertava sua adoração. E agora se sentia mal por ter duvidado dela em alguns aspectos. Mas a ressarciria, seria seu objetivo na vida.

—*Jeg er glad, katt. Jeg er klar*⁷⁶.

Ela tentou entender o que significava essa última frase, mas não conseguiu.

— Não sei o que disse, Adam. Não aprendi tanto.

— Quando souber, gata, quero que me diga isso e que me pergunte para que.

— Para que?

— Ahá —assentiu ele movendo mais rápido— Agora, me deixe dar bom dia como merece.

E sucumbiram ao prazer.

Tomaram banho juntos, fazendo todo tipo de bajulações e prodigalizando carícias cheias de cumplicidade. Ruth se ofereceu para raspar seu cabelo, embora confessasse que tampouco importava se o deixava comprido.

— Como gosta, minha garota? —perguntou ele sentado numa cadeira no banheiro e tomando-a pela cintura, a colocando entre suas pernas.

— Eu gosto de todas as maneiras, Adam —confessou com a máquina na mão— Mas acredito que o outro corte combina mais com... você. Mais Adam. Deixa-me excitada.

— Você gosta do corte ao numero um? —Abriu o penhoar e colocou as mãos dentro para tocar seus seios.

Ela se ruborizou, mas um brilho de diversão cruzou seu olhar.

— Se controle, lobinho.

— Pede algo impossível. —Aproximou-a mais a ele e afundou o rosto em seu estômago.

— Ouça, berserker, nos concentremos um pouco? Vou raspá-lo.

Adam abriu o penhoar até que apareceu o sexo de Ruth. Tão liso, tão doce e tão vulnerável. A lua a marcava como um talismã para seu clã, como um símbolo de propriedade dele. O Senhor dos animais e a Caçadora.

— Me diga —passou um dedo por cima da marca da Deusa— suponho que quem depila seja as garotas, verdade?

— Ui, não. Uma horda de homens em roupão verde.

Adam sorriu, mas deu-lhe uma bofetada no traseiro.

— Sim. —Assentiu ela mordendo o lábio. Ligou a máquina e se concentrou no cabelo de Adam enquanto ele a acariciava com os dedos de maneira superficial.

— É tão suave... —murmurou hipnotizado.

Uma tira de cabelo caiu ao chão, e logo seguiu outra e outra mais.

— É embaixo da mesma cor de acima? Mogno?

— Sim. —Fechou os olhos e assentiu— Não posso me concentrar em nada mais quando me toca, Adam.

— Quando crescer o cabelo daqui... serei eu quem o tirará. —Ruth abriu os olhos e franziu o

⁷⁶ Fico feliz, gata. Eu estou pronto. Em norueguês.



cenho.

— Não.

— Não?

— Não.

— Por favor —pediu como uma criança.

Olhou-o nos olhos, admirou seu novo corte, desligou a máquina e se sentou em cima dele.

Como diria não a esse homem?

—Já veremos.

Adam grunhiu e a atacou como um homem faminto, que era ao que o reduzia Ruth.

Tomaram café da manhã os quatro juntos na cozinha. Ruth ajudava a pôr a mesa e Adam, que era o chef oficial da casa, fazia o café da manhã. Liam e Nora conversavam e riam com Ruth. O café da manhã estava composto de sucos, frutas, cereais e outros doces menos saudáveis. Ruth pensou que Adam se sentaria a seu lado, mas fez algo surpreendente. Levantou-a de sua cadeira, sentou ele nela e logo fez que Ruth se sentasse sobre suas pernas. Ela aumentou os olhos, ele sorria satisfeito consigo mesmo.

—Você comigo, kone. —Repuxou o cabelo e a beijou na bochecha— Assim.

— Assim? —Ruth queria chorar de alegria.

Os gêmeos os olhavam divertidos e Nora suspirava como se estivesse apaixonada.

— Fica conosco? —perguntou Liam com seus olhos negros a transbordar de esperança.

— É óbvio —respondeu Adam— Verdade? Meninos, Ruth e eu somos um casal, e quero que viva aqui conosco. O que dizem vocês? Vocês gostariam?

Os meninos correram a abraçá-la dando gritos de alegria. Ruth se emocionou diante de tanta efusividade.

— Fica conosco, kone — pediu Adam com os olhos brilhantes de ternura e emoção.

Ruth levantou as sobrancelhas e rodeou-lhe o pescoço com os braços. Ai Deus, ia desmaiar.

— Sssimm... mas só porque gosto de seus sobrinhos.

Os meninos começaram a rir e Adam a beliscou na nádega.

— Ouça, não deveria fazer essas coisas diante deles —sussurrou ao ouvido do xamã.

— Por que não? —perguntou Nora— eu gosto.

— É asqueroso —grunhiu Liam— A Nora gosta porque é uma menina. E às meninas gostam do amor... —giro os olhos— E o amor cheira mal, verdade, tio Adam?

Ruth levantou uma sobrancelha e olhou ao envolto na pergunta. Adam girou os olhos e imitou Liam.

—E uma merda, cara. Buah! —Pôs cara de asco— Somos homens, Liam. — Ofereceu o punho ao menino e ele o chocou com orgulho.

— Os homens são muito tolos —soltou Nora rindo deles.

Ruth deixou cair a cabeça para trás e começou a rir a gargalhadas. Era incrível poder estar assim com eles, com o homem que roubou-lhe o coração e com os meninos que ia amar como se fossem deles.

Ring. Ring.

Alguém bateu na porta.



Adam e Ruth se levantaram irritados.

O berserker foi ver quem era e ficou tenso ao encontrar-se com Margött. A loira usava um vestido comprido e negro, e umas sandálias da mesma cor. Seu cabelo solto brilhava como o sol e seus escuros olhos o olhavam com cara de poucos amigos.

— Olá, Margött —a saudou com calma.

— Não me convida a entrar?

A berserker não esperou nenhuma permissão. Entrou como um vendaval e ficou paralisada ao ver Ruth e os meninos comendo juntos na mesa.

— Olá, Margött. —Ruth limpou os cantos dos lábios com extrema delicadeza. Levantou e olhou Adam. O berserker se colocou a seu lado— O que quer, Margött? —perguntou ela olhando a sua vez com os braços cruzados, marcando território. Não permitiria mais amostras descaradas de afeto e sedução por parte da berserker. Não para Adam.

Levantou uma loira sobranceira sardônica e murmurou:

— Não perdeu o tempo, xamã.

— No que podemos ajudar? —perguntou Ruth.

— Você em nada. —Espetou ela, mostrando seu verdadeiro rosto. Adam ficou impactado por aquela reação, e Ruth, entretanto, sentiu-se estimulada. Por fim colocariam as cartas sobre a mesa.

— Um momento —Ruth levantou a mão e disse a Liam e Nora que fossem ao salão superior para brincar. Os gêmeos assentiram obedientes, mas os dois deram um olhar receoso a berserker— Não acontecerá nada, vão tranquilos.

— Por isso não veio por mim ontem a noite, Adam? Estava transando com ela? —gritou a loira.

Os meninos correram até desaparecer pelas escadas.

— Cuidado, Margött. —Adam deu um passo à frente e a ameaçou com sua pose— Ruth é minha companheira e se insultá-la de algum jeito me insulta. E cuida da linguagem diante de meus sobrinhos.

—Já não merece meu respeito. Eles tampouco — respondeu ela com desdém— Você gosta das humanas? Já te disse que não acredita que possa cuidar nem proteger seus sobrinhos? —O olhar envenenado de Margött a transpassou.

— Margött —advertiu Adam— se veio buscar problemas já pode sair daqui.

—Adam quer alguém forte para se encarregar dos filhotinhos. Você é forte? É o que o xamã necessita de uma mulher que o complemente, que conheça as tradições berserkers, que saiba o que tem que dizer e fazer em todas as situações. Que o obedeça. Pensei que ficaria comigo. —o olhou magoada— Puto traidor mentiroso.

Um músculo palpitou na mandíbula do noaiti.

—Já disse que foi um engano propor — explicou ele— Pensava na amizade e em como seria cômodo para mim estar com você. Não pensei no que eu realmente queria. Nem perguntei a meus sobrinhos o que queriam eles. Agora vai, Margött. Está incomodando minha companheira.

—Já a vinculou a você. Já se emparelhou com ela. No que pensava, xamã?

Margött estava atacando diretamente às inseguranças de Ruth, mas ela não se deixaria



intimidar.

— Em mim. Pensava em mim, óbvio. —Ruth colocou-se entre ela e Adam— E agora, loura, se me desculpar...

— Não a perdoo.

Ruth teve vontade de rir.

— Margött, não conhece as tradições humanas. Quando digo “se me desculpar” não estou pedindo perdão. Estou dizendo: afaste-se de minha vista, puta.

Margött empalideceu. Adam ficou boquiaberto, mas se recompôs com facilidade. Uma onda de orgulho o varreu e o deixou quase aos pés da humana. Que caráter.

— O decepionará. Já verá. Já verão os dois. —Agitou a mão fora de si.

— Tem um pedaço de comida entre os dentes —Ruth destacou a boca— Enxágue o focinho em um dos lagos do bosque.

Margött centrou seu olhar nela. Um olhar negro e vazio, alterado e cheio de ódio e de ciúmes.

— Desfruta enquanto puder. Que não será muito tempo. E você — assinalou a Adam— sim, você. Voltará para mim, e pode ser que o perdoe, mas terá que se arrastar.

— Chamo o canil? Vai. — Ruth assinalou a porta e Adam se colocou a seu lado e passou-lhe o braço por cima dos seus ombros.

—Já ouviu minha kone. Entendo que está de luto e está alterada, mas...

— Entende uma merda, xamã.

— Sinto que isto acabe assim —lamentou Adam— Mas não posso permitir a falta de respeito em minha casa. Fora.

— Não precisa que me acompanhem.

— Tranquila, só fazemos com as visitas bem-vindas —disse Ruth.

Margött deu meia volta com altivez. Ruth e Adam não relaxaram até que ouviram a pancada da porta da entrada.

A jovem encarou o seu xamã.

— No que pensava quando teve a brilhante ideia de propor um emparelhamento a essa pirada? Não sabia que estava louca? Não sabia que...?

Não pôde dizer nada mais porque se encontrou com a língua de Adam em sua boca. Rodeou-a com os braços, levantou-a do chão e a beijou durante um longo momento.

— Nada me preparou para vê-la em ação, Caçadora. Tenho sorte se não fizer um buraco nas calças. É uma desbocada e... fascina. —A abraçou com força e a balançou enquanto voltava a beijá-la.

— Não me respondeu. —Abriu os olhos e piscou— Foi um momento de alienação?

— Bem de desespero. Você comia meu espaço e minha mente. E não queria cair em suas garras. Mas aqui me tem, juvenzinha. Desfrutando de você como um menino com seu primeiro brinquedo.

— Eu gosto que diga que sou sua companheira. Já era hora de que parasse os pés.

— Eu direi a todo mundo. Seja do clã que for. Sobre tudo recordarei a Cahal —sorriu com malícia.



— Ele já sabe. Por certo, não sei nada dele depois de Ministry of Sound. Alguém sabe onde está? Deveria ligar para ele.

— Nem pensar. Estará com alguma mulher. Já sabemos que reputação tem o vaniro.

Ela sorriu e o puxou pelo rosto, acariciando-lhe as bochechas com os polegares. Beijou-a na bochecha e acariciou seu nariz com o dele.

— A bruxa já foi? —perguntou Nora no alto da escada.

— Nós não gostamos dela. Nunca gostamos —disse Liam passando com seus dedinhos a madeira do corrimão da escada.

—Já sabemos —assegurou Adam— Sinto não ter me dado conta antes.

— É porque ela finge — disse Nora— Finge ser boa conosco e faz por você. Mas nunca nos fez caso na escola, nunca nos mostrou nada, não como faz Ruth — e olhou à humana com adoração— Margött só colocava a televisão e os desenhos, e assim nos fazia calar.

Adam os escutava com atenção. Esteve cego. Sua mente quadrada impedindo-o de ver a realidade tal e como era. Grande bronco parecia.

— Desçam e acabemos de tomar o café da manhã.

Dirigiu-se à mesa com ela nos braços. Voltou a sentá-la sobre suas pernas e deu-lhe de comer um pedaço de maçã.

— Não é culpa sua não ter visto a psicopata mentirosa patológica que havia atrás dessa mulher —Ruth o quis tranquilizar à sua maneira— E tampouco é sua culpa ter estado cego comigo e não ter percebido a maravilhosa e fantástica que sou. —Mastigou a maçã que oferecia e piscou um olho— São seus olhos. Olham mas não veem. Comprarei uns óculos.

Enquanto falava, Adam a olhava realmente como se não houvesse nada mais no mundo. Não só pensava nos óculos que ia comprar Ruth, mas também na mágica que era ela para ele. E em como seria imprescindível em sua vida.

A canção Authomatic de Tóquio Hotel soou fortemente. Ruth sorriu e cantarolou a canção que os gêmeos, é óbvio, depois de ouvi-la várias vezes, já sabiam.

— Alô, Noah.

— Estou na casa de Limbo.

— O que faz aí?

— Esta noite, enquanto meditava, diferente de você —pigarreou— tentei recordar o que vimos quando estivemos limpando a casa e recolhendo o corpo. Veio à mente seu computador e uma pequena caixa negra que tinha sobre sua CPU. Tinha um adesivo na parte traseira com o nome Flexwatch.

—Vídeo-vigilância por internet —comentou Adam levantando-se da cadeira e cedendo a Ruth seu lugar.

— Sim. Agora que estou aqui, localizei todas as câmaras que tinha dispostas no teto como se fossem óculos, por isso não as vimos, camuflam com as luzes. Se encontrarmos o modo de ver o que gravaram as câmaras, poderemos saber quem matou Limbo.

Adam se entusiasmou com a ideia. Por fim esclareceriam algumas coisas.

— Mas não sei qual era a senha de seu computador. Liguei para Margött para perguntar, mas tem o celular desligado.



— Não me fale agora dela...

— Problemas?

— Não — olhou Ruth divertido — Ruth me protege.

— Bom para você. Bom, o que fazemos?

— Liguei imediatamente a Caleb. É o hacker que agora mesmo temos. Ele poderá entrar no computador de Limbo. Espere-me que vou para lá.

— Ok, cara.

— Até daqui a pouco. — Desligou o telefone. Olhou a seus sobrinhos e a sua mulher, sentados, tomando o café da manhã na mesa como uma família. Sua família. Sentiu uma grande emoção em seu coração sombrio — Pode ficar aqui cuidando deles, kone?

Ruth sentiu um nó na garganta e seus ombros se liberaram da tensão que teve dias atrás. Por fim.

— É óbvio. Vá tranquilo.

— Logo daremos uma olhada a esses desenhos e apagaremos de uma vez os pesadelos — disse aos pequenos. Aproximou de Ruth e a agarrou pela nuca para dar-lhe um beijo nos lábios — Não posso ir mais tranquilo, gatinha. Não abra para ninguém. Às está a pouca distância daqui, se entrar alguém que o sistema não reconhece, virá para protege-os. Embora já saiba disso — acariciou-lhe os lábios com o dedo polegar — Não precisa. É toda uma guerreira. Recorda o que disse esta manhã, e quando souber o que quer dizer, pergunte isso, me pergunte para que, de acordo?

— Sim, berserker. Vai. Corre. — Beijou-o nos lábios pela última vez e deixou que Adam saísse pela porta da casa, ligando para Caleb através do iPhone.

CAPÍTULO 28

Caleb abriu o computador de Limbo em menos de dez minutos. Introduziu um CD com uma imagem ISO do programa Ophcrack, e esperou pacientemente com seus olhos verdes elétricos observando a tela com atenção.

— Este programa — explicou — é um dos favoritos dos hackers. Não está nada mal. Craquear as senhas. Tem muita potência, e se apoia no seguimento do dicionário. Testa letra por letra até que a senha aparece. Todas as possibilidades — estalou com a língua — Já temos. A senha é Materialman.

— Homem superficial. Própria de Limbo — disse Noah.

Caleb esfregou as mãos enquanto abria o sistema operacional do computador e aparecia diante de seus olhos o escritório do berserker falecido. Sorriu como uma criança.

— É esse ícone — Adam assinalou o Flexwatch.

— Bem. Vamos arrebentar — os dedos do vaniro teclavam tão rápido que mal se viam — É o modelo FW5450 — olhou debaixo do escritório e encontrou o aparelho negro complementar o sistema de gravação que estava conectado ao computador — Bem. Vamos entrar como usuário e agora... voilà. — Já estavam dentro do gravador.

— Sortudo, presas — disse Noah.



— Obrigado, vira-latas. Que câmara vemos e que horas?

— Vejamos esta câmara, a que põe na recepção e na sala —indicou Adam— Podemos acelerar o processo? Passar rápido?

— Claro —respondeu Caleb.

— Ao meio da manhã, antes do almoço — disse Adam— Ponha das dez da manhã ao meio-dia.

Os três olhavam a tela espectadores. Não passava nada até que viram limbo abrindo a porta a uma mulher loira com uma panela cheia de comida.

— Margött disse que trazia um guisado a seu irmão... —Adam franziu o cenho sem entender nada— Mas disse que quando chegou já estava morto...

Caleb passou a imagem a tempo real, e a seguir pôs o alto-falante em alto.

Os três mantiveram silêncio enquanto viam como Limbo beijava sua irmã e a convidava a entrar. Margött sorria com carinho e fechava a porta às suas costas. Ouvia a voz de Limbo:

— Não sabe o que descobri. Já sei onde estão Strike e Lillian e é incrível que não tenha dado conta.

— Ah, sim? —Margött deixou o guisado sobre a mesa— Onde estão?

— Em meu puto edifício.

— O que? —Margött preparou a mesa para os dois e serviu dois pratos de guisado— Sente-se, soster.

Limbo e sua irmã comiam cara a cara enquanto explicava o que descobriu.

— Estão aqui. É incrível. Não soube até agora. A cobertura está alugado para um casal de meia idade muito rico, o Sr. e a Sra. Mawson. É um casal de humanos muito empertigado. Só sabem dizer olá e adeus —sorveu da colher— Este guisado está excelente como sempre, Margött. Obrigado.

— De nada —sorriu orgulhosa— Continua, por favor —o animou com a mão.

— Tenho câmaras em todas as instalações de meu edifício. Este casal é muito insípido, nunca trouxe ninguém à sua casa. Não têm filhos e não fodem. São aborrecidos.

— Como? —perguntou horrorizada.

— Não faça de puritana agora. Eu gosto de olhar, já sabe.

— É um voyeur asqueroso.

— Quem vai falar? A questão é que faz três dias minhas câmaras detectaram os senhores Mawson deixando entrar um casal jovem e atrativo. Não pude ver o rosto, ambos estavam encapuzados e isso já era estranho e me fez suspeitar. Assim pensei: Que merda? Vão montar uma orgia? Mas não se tratava disso. Nunca retiravam o capuz e conversavam muito entre eles, às vezes meditavam durante horas. Até que ontem noite vi um puto ritual. No ritual participavam o senhor e a senhora Mawson, seis pessoas mais, a mulher encapuzada e o homem. Esse cara evocava algo com uma palma da mão para cima e na outra segurava um cajado negro com uma bola vermelha que brilhava em seu extremo. Todos cantavam cânticos antigos, Margött. —meteu outra colher cheia de guisado na boca— O cara desapareceu durante uma meia hora.

— Desapareceu?

— Sim. Os outros seguiam cantando e fazendo coisas estranhas, mas o cara desapareceu. No



final de meia hora, o corpo desse homem se materializou no centro do círculo, atravessado com uma flecha luminosa de cor azul no ombro. Puxou o capuz enfurecido e pude ver seu rosto mudado em um traço de dor. Era Strike.

— Incrível... — murmurou com o olhar perdido.

— Então a mulher que o acompanhava afastou o capuz horrorizada e tentou socorrê-lo. Imagina quem era?

— Lillian — respondeu afligida — Meu Deus. O que vai fazer?

— Alertar o clã. Às deve saber, eu só não posso contra eles, necessito ajuda. O que outra coisa posso fazer? Julius foi um traidor, eu não serei — levantou orgulhoso.

— O que fará? — Margött levantou com ele, inquieta.

— Prometi a Noah e Adam que mandaria um email com o que descobri. Antes ligarei.

— Não se precipite... — Margött o parou pelo braço.

— Adam estará orgulhoso de você e de mim, e aceitará. Olha a reputação que tenho agora pelo que aconteceu a humana. Preciso limpar meu nome.

— Adam me aceitará queira ou não — disse desta vez com a voz mais fria — Não mande nada.

— O que? — Limbo sacudiu a cabeça e se esfregou os olhos — Estou ficando tonto...

— Sente-se — ordenou ela.

— Eu... enjoo... — cambaleou e chocou contra a parede.

— Sinto — disse com a voz monótona — Eu sinto, de verdade, mas me obriga a fazer.

— Que merda... há? Me... drogou?

— Limbo, fui obriga a fazer isto.

Viram como Limbo fechavam os olhos e como Margött corria a abrir a porta. Então entravam Strike e Lillian. Strike parecia cansado e desfigurado, curvado com a mão no ombro. A flecha que disparou Ruth atravessava o peito e as costas.

— Bom trabalho — disse Lillian a Margött — O seidr disse que seu irmão nos descobriu. Alguém mais sabe que estamos aqui?

— Ia enviar uma mensagem a seu filho, mas no final não pôde fazê-lo. Queria fazer-se de herói.

— É uma garota má, Margött — murmurou Strike olhando-a com lascívia e respirando com dificuldade.

— Espero que cumpra sua promessa — disse a Lillian ignorando o bruxo — matei meu irmão por ele, entende? Quero o xamã. E quero esta noite. Esta noite tem que vir para mim. Ontem já deixei isso tudo de bandeja no Ministry e não saíram à frente. A Caçadora continua viva, e Às também. Deixei isso de bandeja com Rise porque não queria que me envolvessem em nada e também falharam. Eu só quero o xamã e estou farta de deixar tudo preparado para vocês e não ver nenhuma recompensa em troca.

— Esta noite virá e a reclamará. Ontem pela manhã quando contatei com você, prometi que se nos ajudasse teria o noaiti — assegurou Lillian sem dar muita importância. Adam já sabia que estava mentindo. Ninguém podia obrigá-lo a nada, e menos a magia seidr já que tinha o anel eohl e o protegia. Seu rosto era delator, mas Margött não a conhecia. Lillian mentia — Assim o evocaremos. E você, em troca, dará meus netos — ordenou Lillian com seus olhos frios e sem



alma— Esses meninos são muito importantes. Os queremos.

—Assim será. Depois desta noite, quando Adam me deixar a sós com eles em algum momento os trarei. Adam confia em mim.

—Nos traga a Caçadora, também. Já sabe que está vivendo com eles, não? Nosso senhor estará encantado de lhe dar seu castigo —sorriu Julius refletindo toda a maldade de sua alma— E eu também.

O vídeo refletiu como Strike, com o braço ferido, tirava seu oks e cortava a cabeça de Limbo. Margött nem se alterou. Deu meia volta e foi dali.

Os três imortais viam aniquilados a tela do computador. Ele engoliu tudo. O casal de traidores se assegurou de não deixar pistas nem provas que pudessem culpá-los a nenhum dos três. Deixaram a cena do crime como se tivesse havido uma resistência e uma briga. Mas esqueceram o fato de que Limbo era um voyeur que espiava os inquilinos, e que também era ciumento de sua segurança. Adam tinha as palmas das mãos frias, e isso porque ele nunca tinha frio, mas saber que meteu o traidor em sua casa o carcomeu.

— Puta que pariu! Puta! —passou as mãos pela cabeça e lançou um grito ao ar. Era casualidade que o casal de inquilinos de Limbo se chamassem Mawson? Eram os pais de Ruth?— Caleb, revista a cobertura e vá atrás desse par de indesejáveis. Noah, alerte Ás e diga o que descobrimos. —Adam correu para a porta.

— Aonde vai você? —perguntou Noah seguindo-o.

—A minha casa. O sistema de segurança ainda reconhece Margött como pessoa grata.

—Merda. Corre, noañi —gritou Noah empalidecendo— Corre!

Ruth estava recolhendo os pratos e limpando a cozinha. Enquanto isso, Nora e Liam desenhavam em seus cadernos tudo o que eles viam em seus sonhos. Ruth sorria e permanecia em uma nuvem. Por fim Adam se posicionou, e deixou bem claro a Margött. Os olhos negros de seu berserker sorriam com adoração ao se despedir dela. Já era hora que reconhecesse o que sentiam um pelo outro. E ela acreditou voar e se iluminar de dentro para fora quando viu tantas coisas por expressar em seu olhar.

Liam e Nora levantaram de suas cadeiras como impulsionados por uma mola invisível. Liam ficou em posição de defesa, colocou sua irmã atrás de si e ficou em frente de Ruth para proteger a ambas.

Ruth limpou as mãos com o pano e olhou para a entrada da casa, que era onde os gêmeos cravaram seus olhos.

— O que acontece? —perguntou ela assustada.

— Há alguém em casa —respondeu Liam.

Ali estava Margött com um oks na mão, passando entretida de uma mão a outra.

—Adam tem a mania de deixar à vista suas armas —disse ela passando um dedo indicador pela ponta da machado viking— E vocês têm a péssima mania de não acompanhar suas visitas à porta quando se despedem de vocês. Isso pode fazer que entendam que não têm por que ir. Esta casa é muito grande, e as berserkers podem ser muito sigilosas se nos propusermos isso. Escondi-me e esperei. Não pensava ter tanta sorte, não pensava que ele os deixaria aqui sós esta manhã.



Meu plano era ficar por aqui, espalhar o spray que Hummus e Newscientists têm para nós e esperar e vê-los dormir.

Liam e Nora grunhiram mostrando os dentes. A berserker se adiantou e agarrou Liam pelo cabelo, pondo a folha do oks sob seu pescoço.

— Não! Não! —suplicou Ruth, que era mais lenta que a berserker— Solta-o.

— Não tente brincar de telepata, puta. Sou berserker, e embora não posso me comunicar telepaticamente com ninguém, sei quando alguém faz. Sentimos um ligeiro beliscão no sobrecenho. Assim quieta. Porque se vejo que se comunica com a puta da híbrida ou qualquer outro dos presas, fatio a garganta do pirralho. Ouviu? —gritou.

Ruth começou a tremer e assentiu. Instintivamente protegeu Nora com seu corpo, olhando Liam aterrada, mas tentando transmitir uma confiança que não sentia. O menino tinha as pupilas dilatadas pelo choque e estava pálido. Ruth nem sequer pensou em seu dom telepático, a impressão de ver Margött com essa arma na mão roubou-lhe a capacidade de raciocinar. Seus instintos não estavam tão desenvolvidos.

— O que quer, Margött? —a voz tremia.

— O que quero? O que parece se digo que quero o que você me roubou? —encolheu os ombros— A verdade é que minha intenção era ficar com o xamã, matar você e dar de presente os gêmeos —Liam se mexeu e ela o apertou pelo pescoço. Sentiu-se orgulhosa ao ver como Ruth se estremecia ante sua frieza.

— Você vai sufocá-lo! —gritou com os olhos cheios de lágrimas— Eu vou com você se quiser, mas deixa a eles aqui, por favor.

— Não é momento de suplicar, já fará isso logo. —Soltou uma gargalhada vazia— Agora minhas prioridades mudaram. Já nem sequer quero o xamã. Ontem de noite o esperava. Esperava que me reclamasse. E não o fez. Não imaginava que realmente se prenderia com você. Foi um golpe baixo. Assim, vendo que nem a ditosa magia seidr pode com ele, o melhor é me vingar. Não aguento as humilhações, e quero que me devolva meu orgulho. Sabe o que farei?

— Não. —Ruth precisava pensar, ganhar tempo. Tinha seu iPhone na mesa com o que nem sequer podia fazer uma chamada rápida. Se ameaçava Margött de algum jeito, se evocasse seu arco, não sabia como poderia reagir a berserker, e já sabia que era muito veloz. Não podia arriscar com Liam e Nora sob sua responsabilidade. Não suportaria que machucassem a eles. Aquela mulher tinha a loucura refletida em seu rosto. Não entendia como alguma vez pôde tê-la visto bonita. Era o putro Belzebu.

— Você vai morrer. Resulta que ainda é uma estúpida mortal, não é? —pôs-se a rir— Os filhotinhos, acredito que também morrerão. Não sei exatamente o que têm Lillian planejado e Strike para eles, mas asseguro que não é nada bom. Vamos atrair Adam, vocês serão o chamariz. Você terá que ver como esse homem se rende a meus desejos, terá que aguentar como a olhará por ter falhado, porque, que não tenha dúvida Ruth, está falhando de uma maneira atroz. Note, uma manhã que a deixa com seus gêmeos, seu tesouro mais prezado, e os põe em perigo.

— Não ligue, Ruth —murmurou Nora afundando seu rosto na perna da Caçadora e começando a chorar — É má, Margött!

— Silêncio! — Margött adiantou e ameaçou à menina com o oks na mão, arrastando Liam



com ele— Estou farta de suas rabugices. São dois malcriados, isso é o que são, e não os aguentei jamais.

— Já sabíamos! —Liam queria matá-la.

Margött riu dele.

— A quem vai defender você, menino tolo? —zombou ela— Seu papai não pôde proteger sua mãe e por sua culpa ambos morreram.

— Não é verdade! Odeio você!

— Basta, Margött. O que quer que façamos? — Ruth a olhou, odiando-a profundamente por ferir os meninos assim.

A berserker elevou o queixo e indicou a porta. Soou seu telefone e o agarrou sem perder de vista a ninguém. Então respondeu:

—Já vamos para lá. Esperem-me onde dissemos... Sua filha? —olhou sabendo o que isso provocaria em Ruth— Aqui temos. Vemo-nos agora.

Ruth sentiu que se enjoava. O corpo começou a tremer. Com quem falava Margött? Não podia ser verdade. Seus pais a encontraram.

—Venham comigo —abriu a porta sem dar as costas— Os papais esperam. E não faça truques estúpidos. Não tente evocar ao arco, esse que dizem que leva com você, porque interporei o corpo de Liam entre a flecha e eu.

Ruth assentiu obediente e caminhou com Nora presa fortemente a sua mão. Nada era pior para ela que encontrar de novo com eles. O que eles tinham a ver em tudo isso?

— Vê? —disse Margött quando ela passou por seu lado— Eu sempre me asseguro de jogar a merda de minha casa.

Ruth enrijeceu o olhar à frente e negou com a cabeça.

— Não, o que? —perguntou Margött dando-lhe um golpe com o extremo do oks nos rins.

Ruth caiu de joelhos, dobrada pela dor. Faltava o ar e Nora se abraçava tentando consolá-la.

— Meu tio a matará — gritou a menina.

Margött levantou a sobancelha e esbofeteou Nora, que caiu com a força do golpe. Mas a menina a olhou desafiante. Nenhuma lágrima derramou.

— Seu tio não está aqui.

Fechou a porta e quando deu a volta não esperou encontrar alguém que cortasse seu caminho.

— Mas eu sim —disse Gabriel apontando com uma pistola na mão.

Tudo aconteceu muito rápido. Gabriel disparou em Margött, mas a berserker foi o suficientemente rápida para torcer-lhe o pulso e esquivar a bala. Ruth evocou ao arco dos elfos.

—Sylfingir! —gritou. Gab viu antes que Margött e disse que não com a cabeça porque temia pela vida de todos.

Não foi o suficientemente rápida para evitar que aquela mulher consumida pelo ódio e a alienação levantasse a outra mão contra seu melhor amigo e lhe rasgasse a garganta com suas garras.

Ruth acreditou ver tudo em câmara lenta. A ansiedade acentuava os instintos de sobrevivência e os punha em alerta. Não soube que estava gritando até que as cordas vocais



arderam e ficou rouca. Não entendeu que o movimento que percebia eram suas pernas correndo para eles dois para salvar seu amigo. Não soube que atravessou Margött com dez de suas potentes flechas até que a viu caída com o rosto completamente pálido e gretado de luz azul. Estava convulsionando.

E não entendeu que eram suas mãos as que tapavam a garganta de Gabriel, e que o que saía dali eram rios de sangue.

— Gab...! — sussurrou Ruth — Gab, por Deus, disse que não viesse, o que fez, tolo?

Gabriel não podia respirar, saíam fervuras de sangue por sua boca e aquele rosto querido por ela perdia cor. Seu cabelo manchava de vermelho e o sangue descia até suas orelhas e sua nuca.

— Fui... atraído... seu carrinho... Adam... Adam... me... pediu... faz um... momento...

Ruth entrou em contato telepático com Aileen e Daanna. Sobre tudo com Daanna, que seria a que poderia ajudá-lo. A vanira não estava emparelhada, Aileen sim e não poderia ceder seu sangue para salvá-lo. Mas Daanna poderia fazê-lo e convertê-lo em vaniro. Ela poderia. Era um pensamento egoísta, mas não importava, só pensava em salvar seu amigo. Sabia que colocava em um dilema sua amiga, mas ela também devia decidir o que fazer com sua vida. As decisões deviam ser tomadas por todos, e sem titubear.

— Ainda há tempo, Gab... — soluçou e gritou como se lhe arrancassem o coração.

— Ruth, meu sonho... — murmurou Nora tremendo e sacudindo-a pelo ombro — Vêm para cá e devemos ir. Ruth, por favor!

— Gab... — murmurou Ruth com um gemido e beijando-o na boca. Acariciou as bochechas manchadas de lágrimas — Gab, amo você... Aguenta. Prometa isso. Tem que aguentar! Elas já vêm. Já as avisei.

As lágrimas de Ruth se mesclavam com as de Gabriel. Ele piscou dando a entender que o tentaria.

— Não se preocupe... procurarei... Caçadora. Veremos... outra vez.

Ruth afundou o rosto em seu peito e chorou agarrando com desespero a sua camiseta em que tinha uma mensagem: “Quem disse que os anjos não existem? Olhe para mim”.

Quando Ruth virou viu Liam empunhando o oks, elevando-o para cortar a cabeça da berserker. Ruth o parou agarrando-o pelo pulso, o machado era maior que ele. Liam a olhou fazendo bico, com os olhos também arrasados em lágrimas.

— Não, querido — disse ela olhando com desprezo à loira.

— Mas...

— Dê a volta — ordenou ao pequeno — Não olhe.

Liam e Nora seguraram pelas mãos e obedeceram à Caçadora.

— Isto é por Gabriel. — Com o rosto inexpressivo levantou o oks que pesava muitíssimo e cortou a cabeça da traidora. Logo lançou a arma ao chão como se queimasse.

Montou no Roadstar, e Liam e Nora se sentaram no assento do copiloto. Ruth fechou o cinto de segurança. Acabava de matar Margött. Gabriel estava morrendo por tê-la protegido. Não tinha tempo para desmoronar. Seus pais estavam ali fora e Nora dizia que os que os perseguiram iriam ser muitos. Os gêmeos eram importantes para Loki, importantes para Lillian e Strike, importantes



para o Mal. Não importava se a matavam. Liam e Nora não podiam chegar nas mãos dessa escória, nunca. Rezou por Gab, rezou para que Adam pudesse salvar os meninos. Ela faria o possível por protegê-los, e se tinha que entregar sua alma em troca, faria.

Quando saiu com o carro e entrou na estrada com violência, três Vans negras a seguiram imediatamente. Estavam esperando, mas seguro que não esperavam que saísse Ruth com os meninos. Esperavam Margött com eles três como troféus. Iam à merda.

Ela correria com o carro até que o motor gritasse basta. Olhou pelo retrovisor para vislumbrar a seus pais atrás do volante de um deles, mas os vidros estavam pretos, assim não pôde vê-los. Entretanto, só imaginar que estavam ali fazia que tivesse vontade de chorar e se ocultar em um canto de si mesma.

Mas não faria. Aqueles guerreiros imortais mostraram que tudo o que acontecia estava muito por cima das individualidades, que tudo tinha um propósito maior, e ela se faria responsável por isso. Gabriel se lançou para defendê-la, sabendo que a berserker era muito mais forte que ele. Rezou pela alma de seu querido amigo e para que nunca tivesse que ser ela quem a recebesse. Rogou que Daanna chegasse a tempo de salvar sua vida.

Quando Adam chegou a sua casa, encontrou com Aileen ajoelhada diante de Gabriel, tapando seu pescoço aberto e esmigalhado. Sentiu muitíssimo por ele, porque não tinha boa aparência. Um dos sapatos do humano caiu de seu pé e Aileen chorava com tanto dor que rasgou-lhe a alma. Mas não os atendeu, olhou o corpo de Margött decapitado com seu próprio oks no chão manchado de sangue. Agachou-se e o pegou com força até que os nódulos ficaram brancos. Jogou a cabeça para trás e gritou até que seu corpo mudou. Transformou-se e olhou com decisão a Aileen. Saltaram as lágrimas só de saber que nem Ruth nem seus sobrinhos estavam ali.

—Aileen.

A híbrida se levantou.

— Não posso... não posso lhe dar meu sangue...

—Eu farei —disse Daanna coberta com uma gabardina longa e negra. O dia era ensolarado, em pleno agosto, e a vanira tinha febre e os olhos vermelhos, mas quando viu o corpo de seu amigo enfraquecido sentiu que era sua responsabilidade salvá-lo, se podia.

Adam levantou o corpo de Gabriel e o introduziu na sala.

— Deixo-a encarregada dele —disse Adam depositando-o no sofá. Deu a volta para sair dali correndo e ir em busca de sua família— Aileen... Tem ideia de...?

— Não sabemos onde podem estar —gritou Aileen— Tento me pôr em contato com Ruth e não posso. Está muito alterada para deixar que alguém entre em sua cabeça. Não sabemos onde estão.

Adam grunhiu. Tinha o sangue gelado. Ele era um homem forte, imortal e agora se via impotente para salvar às pessoas que amava. Maria e as sacerdotisas entraram com Ás as precedendo.

— Ruth está muito nervosa —disse Maria— A sentimos. Está muito alterada e a estão perseguindo. Mas não podemos entrar em contato com ela, é como se tivesse se afastado para não pôr em perigo ninguém mais.



— Tem medo de que outros leiam sua mente e saibam onde se encontra.

Ele também podia perceber isso, não era nenhum segredo. Mas não podia estabelecer contato mental, não ainda. Se tivesse trocado o chi com ela antes, agora talvez poderiam, mas por sua estupidez e sua negação não fez e o chi compartilhado não foi suficiente para sua vinculação mental.

— Não averiguou nada sobre Liam e Nora? —perguntou Ás com gesto de preocupação.

Adam então se iluminou. Dirigiu-se à mesa da cozinha e encontrou as cadernetas de seus sobrinhos. Havia dois desenhos novos sobre o suporte, e as canetas ainda jaziam destampadas sobre a mesa. Pelo visto fizeram em sua ausência.

Um dos desenhos eram Liam e Nora ocultos sob o tronco de uma árvore. Um homem e uma mulher sorriam e pareciam contentes de tê-los encontrado, ambos morenos e de cabelo comprido. Eram Caleb e Aileen, viam os traços perfeitamente. Atrás deles, havia um cervo que bebia de um pântano. Sentiu um estremecimento que subia pela coluna vertebral.

— No edifício de Limbo não há ninguém. —Caleb entrou e parou frente a Adam.

—Você e Aileen devem encontrar meus sobrinhos —murmurou mostrando o desenho de Nora— É o desenho de minha Nora, tem um dom, como eu. Se houver um bosque com pântanos e cervos, tem que ser o New Forest. Vão para lá.

Adam saiu com a caderneta na mão correndo pela porta, e Caleb e Aileen o seguiram. Os vaniros se puseram a voar dirigindo-se ao bosque da Inglaterra que se encontrava entre as áreas urbanas do Southampton e Bornemouth. Adam arrancou a correr como o que era, um homem desesperado, um animal com instintos protetores para os seus. Iria muito mais rápido como um berserker que com o carro. Pensou em Ruth e tentou transmitir calor a sua companheira, mas não se ataram o suficiente para essa conexão tão profunda. Sentiu-se mal por isso. Era culpa dele que as pessoas que amava estivessem em perigo. Ele e sua cegueira seriam os culpados se acontecesse algo.

CAPÍTULO 29

Daanna abriu o pulso e deu de beber a Gabriel. Seguia com os olhos abertos e sem piscar. Seus olhos azuis escuros olhavam a um ponto fixo no teto. Maria e as sacerdotisas viam o que a vanira se negava a reconhecer. Gabriel morreu e o sangue não entrava em seu organismo. Daanna já fez três trocas com ele bebendo do sangue inerte de Gab.

Era uma cena triste, muito triste. As sacerdotisas rezavam em silêncio por Gabriel, Maria enxugava as lágrimas e negava com a cabeça. Daanna o sacudia, tinha os lábios manchados de seu sangue, as presas cobertas de sua essência e os dois pulsos abertos, mas o humano não reagia a ela.

Ele era seu amigo, a fez rir, mostrou-lhe a alegria de estar viva. Sabia que ele estava apaixonado por ela, e ela se sentiu honrada por isso. Sentia-se agradecimento com ele. A fez dançar, contou piadas e anedotas que devolveu-lhe o sorriso espontâneo, a tratou como uma mulher, e, sem reservas, entregou sua amizade. Daanna se levantou olhando o corpo de seu amigo humano morto, e logo secou as lágrimas de um tapa. Quando girou para encarar às



sacerdotisas, seus olhos verdes ficaram fixos em Menw.

O vaniro usava uma boina negra. O cabelo loiro se escondia debaixo dela. Estava coberto dos pés a cabeça com roupa escura, e o pouco sol que recebeu no corpo queimou-lhe a pele. Menw inclinou a cabeça para um lado e a observou atentamente com seus olhos azuis e claros, cada vez mais claros. Sentiu o momento em que Daanna, desesperada, trocou seu sangue com outro que não era ele. Daanna estava repleta com o sangue de outro homem. Um homem morto. Não importava se era Gabriel, não importava se ele estivesse ajudando os clãs. Ela bebeu de outro corpo que não era o seu. Sentiu vontades de uivar, o coração quebrou em mil pedaços.

Daanna percebeu sua dor e de repente sentiu como a única porta que permanecia aberta entre eles dois, a do perdão, fechava para sempre. Aconteceram muitas coisas entre eles, passou muitíssimo tempo daquilo, mas agora, olhando os olhos um do outro, abriam novas e antigas feridas, e percebeu fisicamente como Menw se afastava dela definitivamente. O que ela pediu antes até não poder mais agora o conseguiu. Mas não chegou essa libertação tão desejada, e sim o vazio, também uma tristeza profunda e deliberada, mas não a ansiada liberdade.

— Menw...

— *Erg well er gwaeth. Er dá new er drwg. Am byth*⁷⁷...—proclamou com toda a frieza da que era capaz.

Daanna ficou sem respiração e o olhou horrorizada. Menw pronunciou os votos de casamento celtas. Como se ela e Gabriel se casaram e tivessem fechado o pacto com o ritual vaniro.

— Isso não é justo —grunhiu ela.

— Já não importa —respondeu ele encolhendo os ombros.

— Ele era meu amigo... e... não tem importância, tinha que fazer. — Não importava o que dissesse. Menw já não a olhava com nenhum respeito.

— Ele importou para você. — disse ele com voz perigosa.

— Não é o mesmo.

— Não sabia! —o grito de Menw arrebatou os vidros das janelas de Adam— Nunca me perguntou isso! Mas já não importa — pigarreou e serenou— Já acabou. Obrigado, mulher.

A Daanna tremeu o queixo e mordeu o interior da bochecha com a presa para sentir outro tipo de dor que não aquela tão dura e afiada que se cravava em sua alma. Podia um coração imortal se tornar gelado de repente? Daanna acreditou que sim, porque o seu deixou de pulsar. O gelo cristalizou a seu redor.

— Obrigada por quê?

— Por ser tão hipócrita. Por me facilitar as coisas. Por deixar que eu vá sem remorsos. Acabou o castigo para mim. Já não olharei para trás nunca mais.

A vanira cravou as unhas nas palmas. As sacerdotisas se levantaram nervosas diante de tanta tensão. Maria estava destroçada pela morte do jovem humano, mas a tristeza de Daanna também chegou a ela e a arrasou ainda mais.

⁷⁷ Votos gaélicos de casamento, traduzem como: Na saúde e na doença. Para o bom e para o mal. Para sempre.



— *Byth eto*⁷⁸ — repetiu Menw dando-lhe as costas. Cobriu-se do sol tanto como pôde e entrou no Cayenne. As rodas chiaram e o carro de Menw desapareceu pelo caminho cimentado que dava à casa de Adam.

Daanna desatou a chorar como uma criança e se deixou cair de joelhos ao chão. Maria, assombrada pelo modo em que aquela mulher elegante e altiva se derrubou, correu a consolá-la, sem entender nada do que ali passou.

Ruth conseguiu afastar os três carros que a perseguiam. Entrou com seu pequeno Roadstar dentro de um bosque que limitava perto do Southampton. Abriu o porta-luvas e puxou uma dessas pochetes cheia de todo tipo de produtos que Menw preparou para os clãs. Também deu uma para ela. Agarrou o spray, abriu, e espalhou em Liam e Nora com o spray.

— Você não joga em você? — perguntou Liam preocupado.

— Não. Eu tenho que despistá-los — disse Ruth olhando pelo retrovisor — Venha, saíamos daqui.

Nora ficou parada e olhou o lugar tentando recordar algo de seu sonho. Sabia que viu esse lugar antes.

—Vamos —puxou-os pela mão e correram através bosque.

Girou à direita e se encontrou com um pântano. Os mosquitos revoavam sobre a água, o sol iluminava o lago e um pequeno cervo os olhava com curiosidade com as orelhas levantadas em sinal de alerta. Pelo visto não captou o perigo que eles traziam consigo já que os ignorou completamente e seguiu comendo grama.

Havia um enorme tronco caído e oco por dentro.

—Ali. —Levou-os até o tronco e os obrigou a entrar nele— Não se movam daqui. Prometam.

Liam e Nora a abraçaram com força.

— Onde estará você?

— Tenho que me ocultar longe de vocês. Se houver berserkers, lobachos ou vampiros com eles, meu aroma os atrairá. E se não, irei deixando um falso rastro atrás de mim. Os guiarei até onde eu quero.

— Tome cuidado — pediu Nora abraçando-se a seu pescoço— Quero que fique conosco, Ruth. Em nossa casa. Com tio Adam, com Liam e comigo. Amo você, Ruth.

Encheram os olhos de Ruth de lágrimas. Pode ser que aquela fosse a última vez que visse esses pirralhos que entraram em sua vida e em seu coração.

— Amo vocês. —Abraçou-os, beijou-lhes na cabeça— Não saiam daí até que eu volte.

Ela não voltaria, sabia, mas daria a esses meninos o tempo que ela já não tinha. Correu como uma louca, os pulmões queimavam pelo esforço que estava fazendo, os músculos das pernas ardiavam. Correu como jamais o fez. Se soubesse escalar árvores se ocultaria na copa de um delas e dispararia suas flechas dali. Mas ela não era a mulher pantera, nem era uma berserker, não era imortal, poderia morrer a qualquer momento. Só ficava uma opção. Esconder-se e vê-los vir.

Vislumbrou umas pedras de calcária branca e grandes que estavam colocadas de maneira

⁷⁸ *Nunca mais em gaélico.*



estratégica, como peças de xadrez no chão. Escondeu-se detrás de uma delas. Fechou os olhos.

—Sylfingir! —evocou. Observou o arco que só ela podia tocar, e admirou a beleza da arma. A vida lhe deu uma oportunidade, se fez especial, e embora ao final a agarrassem e tudo saísse mal ela honraria essa credibilidade que dispuseram sobre sua pessoa.

— Ruth?

As mãos de Ruth tremeram e todo seu corpo se sacudiu de medo. Não a assustava os berserkers, nem os vampiros, nem sequer Loki... o único que podia assustá-la desse modo era a arrepiante voz da paranoica de sua mãe.

— Querida? —Seu pai, um homem grisalho de uns sessenta anos, estudava as pedras e a procurava entre elas— Sabemos que está aqui. Podemos cheirá-la.

Genial. Isso significava que os acompanhavam um dos dois ramos de guerreiros imortais. Ou os traidores ou os transformados pelo Loki. Certamente os dois.

Deu a volta para observar com um olho quantos haviam ali a sua procura. Sua mãe seguia como sempre, alta, esbelta, ruiva e com o rosto de uma boneca de porcelana, igualmente inexpressiva. E seu pai seguia igual. Igualmente dominante. Alto, trajado e com os olhos cor uísque inspecionando o bosque. Eles eram os causadores de seus traumas infantis e de todos os medos que desenvolveu mais tarde.

— Está ali. —Era Strike. Estava muito pior, pelo visto a flecha estava fazendo estragos nele— A tragam.

Três berserkers foram atrás ela. Ruth armou o arco com duas flechas e atravessou com elas a dois dos que foram em sua busca. O outro olhou a seus dois companheiros, rugiu se transformando e correu para ela. O berserker a agarraria, não poderia fazer nada contra ele. Mas sim que podia fazer algo por ela, por seu bem-estar emocional, por todas aquelas vezes que não pôde fazer porque estava indefesa.

Apontou com duas flechas a seus pais, estavam muito separados, só podia acertar a um deles. Quem? Quem infligiu a dor mais grave? Quem bateu mais?

Sua mãe. Rebecca Jones. Odiou-a por não ter acreditado nela, por não tê-la amado, por não ter protestado nem uma vez em seu nome. Ruth sempre acreditou na sensibilidade da mulher, em que realmente o sexo feminino era mais emotivo e não tão dado à maldade como o masculino. Sua mãe demonstrou que a maldade não entendia de sexos. Ou foi uma filha da puta ou não foi. E ela era. Disparou a flecha com toda a má ideia da que foi capaz, antes que o berserker a lançasse pelos ares e ela golpeasse a cabeça contra uma árvore. Ouviu um terrível estalo no interior de sua coxa.

Mas não a deixaram desmaiar. Em seguida, o berserker a carregou sobre o ombro e uma mulher espantosa e muito sexy pôs um pote cheio de amônia sob seu nariz.

Lillian a agarrou pelo cabelo.

— Onde estão?

Ruth cuspiu-lhe no rosto e Lillian a esbofeteou, cortando seu lábio.

— Rebecca! —gritava seu pai desconsolado— acertou sua mãe no estômago, filha do Satanás!

— Não é tão mau ser sua filha, pedaço de...



Outra bofetada, desta vez do Strike, cruzou-lhe o rosto. Ruth gemeu. Jogaram-na no chão, e rapidamente dois humanos mais ataram seus pés e esticaram suas pernas atando os extremos das cordas a duas estacas. Ficaram ao redor dela.

— Façamos o ritual rápido —sugeriu Lillian.

—Vocês dois — disse Strike a dois lobachos— procurem os pirralhos, não podem estar muito longe. Terá que tirar isto, Caçadora. —destacou a flecha iridescente que atravessava seu ombro— Não posso praticar o seidr com isto dentro. Não posso tocar minha vara com isto — olhou a cajado que Lillian segurava.

Ruth negou com a cabeça. Se Strike tomava outra vez o maldito cajado, poderia liberar de novo aos espectros. Strike agarrou as mãos de Ruth e a obrigou a agarrar a flecha. Ruth as fechou fortemente.

— Espera — parou Lillian. Com uma mão pressionou a coxa de Ruth e tocou o osso quebrado. Ruth gritou com todas suas forças. Aproximou-se para sussurrar ao ouvido de Ruth— Matarei Adam rápido ou lentamente, depende de como faça. A você posso deixar viver, só se colaborar.

Ruth começou a chorar, mas negou com a cabeça. Alguém pôs um esparadrapo na sua boca para que seus gritos não se ouvissem.

— Isto será grande, Ruth. Ele se sente decepcionado. Falhou. O que importa se colaborar ou não? Nós podemos deixar viver. Podemos dar uma vida imortal. Loki pode fazê-lo.

Ela negou com a cabeça.

—Certo. Então direi como será tudo —disse Lillian cobrindo sua longa juba loira com o capuz— Encontraremos Liam e a Nora, meus netos. Teremos que matar Nora porque ela tem um dom. Um dom que pelo visto não sabem qual é, nós tampouco, mas Loki sim sabe, e a quer morta. Nós obedecemos a nosso próprio deus. Assim que a mataremos. —puxou uma adaga da túnica e brincou com a ponta da adaga sobre o decote de Ruth— Logo utilizaremos Liam, porque é um buscador, sabe? Loki nos disse que ele nos ajudaria com a chegada do *Ragnarök*, ele nos disse que Liam saberia onde e quando se originaria. Quando matamos Sonja já sabíamos isto, mas resultou que só morreu ela, já que Adam manteve seu corpo vivo até poder tirar os gêmeos. O sexir nos disse que devíamos esperar o tempo adequado para ir em busca deles de novo. A seguinte vez que fomos a sua busca você se intrometeu, e por sua culpa isto demorou. O destino pode mudar segundo as fichas que participem dele. Não é surpreendente?

Ruth franziu a testa. Era isso o que tinha que procurar Liam? Um lugar?

— Os meninos são muito importantes. Os deuses sabem jogar suas partidas, e também têm suas estratégias —disse Strike rasgando sua camiseta e seu sutiã. Agarrou o pulso de Lillian e a colocou no centro de seu peito— Adiante.

Lillian assentiu e agarrou o cabo da adaga com as duas mãos.

— Não me olhe assim. Acha que sou uma má mãe? Uma má mulher? Quem disse que ter filhos a faz a uma melhor pessoa? —fez uma incisão leve, mas dolorosa no peito— Eu não queria filhos. Suponho que há mulheres que nunca deveriam usar seu aparelho reprodutor, embora o tenham em pleno funcionamento. Ups, sinto muito, foi a mão —continuou passando um dedo pela ferida de Ruth e desfrutou com sua dor— Olha a sua mãe. Não foi difícil localizá-la. Assim que



vi através do sexir, fizemos um feitiço para localizar a sua família. Queria castigá-los pelo que fizeram, queria castigar você, mas resultou que seus pais foram seu pior pesadelo desde que era uma criança. Então o destino começou a fiar seu manto. Loki quis que fossem um dos casais que se hospedassem no edifício de Limbo. Entramos em contato com eles e dissemos que a tínhamos encontrado. Sabe uma coisa? —inclinou-se para sussurrar-lhe ao ouvido, retirando um cabelo do rosto— Eles acreditam que o Demônio a possuiu. Dissemos que praticávamos exorcismos e em seguida se uniram a nós. Querem acabar com você, e não gostaram nada que se afastasse e desaparecesse de sua vista. Dá conta de como é o destino, Caçadora? Vem à Inglaterra para viver e resulta que seus pais ingleses estão vivendo em Coldsall. —Agitou a cabeça morta de risada— Que ridículo tão grande fez. —Cortou por puro prazer debaixo do umbigo e os orifícios do nariz de Ruth se distenderam e duas lágrimas caíram pelos cantos de seus olhos. Como doía, oh Virgem!— A questão é que eu nunca quis meus filhos. Sua mãe tampouco quis você. Eu não os quis porque não sou maternal. Sua mãe não a quis porque não aceitava o que você foi. Margött nos foi que grande ajuda. Detectei que estava obcecada com Adam e a enganei para que colaborasse conosco. Ambas fomos iguais. Só queríamos o respeito e o título que dava ser a companheira do xamã no clã berserker. Não quisemos nem Nimbo nem Adam. Mas, você sim quer o tolo de meu filho, verdade? Por que o quer?

— Pai e filho eram igualmente idiotas —soltou Strike girando os olhos— Sabe o que vão fazer seus pais? —ficou de cócoras e levantou um pedaço da camiseta rasgada de Ruth. Olhou seus seios e sorriu— Muito bonitos, humana. Verá, seu pai vai arrancar seu coração e vai oferecê-lo a Loki. O espírito da Caçadora nunca mais se reencarnará, mas para isso tem que ser um humano quem leva a cabo o sacrifício. Isso daria a entender aos deuses que a humanidade rechaça o dom da Caçadora e nunca mais poderia reencarnar no Axitari. É a mensagem de Loki a Odín e aos seus. Lillian poderá seguir guiando às almas até seu ardil, e eu poderei convocar e tirar os espectros sempre que me agrade. O inferno na terra. *Ragnarök*.

— Meu filho se arrependerá de haver lhe confiado seus sobrinhos. Morrerá acreditando que foi um engano. Porque vão morrer todos. Margött já não poderá desfrutar, pobrezinha, mas melhor, íamos matar os dois. Assim são as coisas. O sexir nos disse. Podemos ver o futuro: temos à Caçadora em nossas mãos e também o xamã. Encontraremos os gêmeos e abriremos as portas do *Ragnarök*. Adiante, Paul.

Strike e Lillian se afastaram e o pai de Ruth se ajoelhou diante dela. Tomou a adaga com as duas mãos e olhou a sua filha como se fosse um pedaço de carne transparente. Ruth não via nele nenhuma figura especial. Só um doador de sêmen, isso era ele para ela.

— É algo que deveríamos ter feito faz tempo —disse Paul— Se matarmos você, matamos o Demônio e o novo amanhecer chegará à terra. Deixemos que a nova luz nos ilumine. —Fechou os olhos e cravou a adaga no ventre de Ruth, por debaixo do umbigo.

Ruth abriu os olhos e um grito impronunciável ressoou em sua garganta. Custava respirar e sentia que atravessou seus órgãos. Seu pai girou a adaga e o retorceu, fazendo que Ruth se encurvasse procurando um amparo que não poderia alcançar.

— Isto pelo que fez a minha mulher —disse com os olhos repletos de sadismo— E agora... — Elevou a adaga e com raiva cravou a adaga no plexo de Ruth.



Ruth girou os olhos e sentiu como escapava sua vida.

De repente, o corpo de Paul caiu a um lado em posição amorfa e sua cabeça saiu voando para outro. Um oks voador rasgou o céu. Adam e Noah saltaram indo atrás dos lobachos e Strike e Lillian correram para se esconder. Strike não podia se desmaterializar com a flecha da Caçadora em seu corpo e Lillian tampouco podia fazê-lo sem o Seidmadr a seu lado.

— O que fazem aqui? — gritou ela aturdida. Olhou à Caçadora de esguelha e correu para acabar a tarefa que Paul não fez.

Noah abandonou Strike, e Ás matou os outros dois humanos que tentavam fugir.

— Equivocaram-se de lado — disse quebrando-lhes o pescoço.

Adam olhou Ruth, ferida e indefesa, e deixou que o frenesi o varresse. Ficou louco. Ficou maior. O cabelo cresceu até a cintura, seus músculos explodiram, todo ele estava iluminado por uma bruma vermelha. Agarrou a dois lobachos que tentavam deter seu caminho e atravessou-lhes os peitos com os punhos. Arrancou o coração e os mordeu para logo cuspi-los ao chão. Tinha o rosto salpicado de sangue. Viu como Lillian tomava a adaga que seguia atravessada em sua mulher e de um salto se ergueu sobre ela. Empurrou Lillian e a lançou pelos ares. Ele a seguiu e com a força do impulso a agarrou pela garganta e atravessou-lhe o pescoço com um dos ramos das árvores. Mostrou os dentes e mordeu a carótida de sua mãe até sangrá-la. Lillian o olhava aterrorizada. Esse era Adam?

— Olá, mamãe — disse em tom zombador — Sabia que sou vingativo? Não esperava?

Lillian negou com a cabeça, aturdida e assustada, com o pescoço aberto e repleto de sangue.

— Já verá. A Caçadora mudou as cartas. Graças a ela pude encontrá-la. Fez ver que Nora tinha sonhos estranhos e que os desenhava em sua caderneta. Graças a isso pude encontrá-los, os desenhou neste mesmo bosque fazendo mal Ruth, estava em seu livrinho. Os gêmeos estão bem, a salvo, Caleb e Aileen cuidam deles. E graças a esses desenhos pude encontrar vocês. Nora os via. Encontrava-os nos sonhos. Igual fazia com Loki —grunhiu— Incrível, verdade? A menina é um radar. Localiza Loki e os praticantes de seidr. —Afundou o punho no peito de Lillian e fechou a mão em torno de seu coração— Obrigado por me dar a vida. Obrigado por dar a minha irmã. Graças a você, pode ser que Loki não ganhe esta batalha.

Lillian tentou articular algo, mas foi impossível. Adam arrancou-lhe o coração e o mordeu com os olhos amarelos jogando faíscas de ódio para ela. Deixou o corpo da mulher que lhe deu a luz caída na árvore, sem vida.

Deu outro salto abismal e caiu de joelhos ao lado de Ruth. A jovem tinha o cabelo mogno solto a seu redor, estava nua da parte de cima e tinha uma adaga enfiada no peito e outra punhalada no ventre, além de alguns cortes profundos e feridas feias no rosto. E sua coxa... Adam uivou morto de dor. A dor de sua kone era sua. Arrancou a adaga de sua pele e tapou a ferida com sua mão. Cobriu Ruth como pôde, a desatou e a pegou nos braços. O pescoço da moça estava pendurado para trás, seus braços caídos ao lado sem vida bambolevam de um lado ao outro. Adam a apertou contra seu torso e colocou sua bochecha sobre sua cabeça.

— A tenho, gatinha — sussurrou — ficará bem.

O resto do mundo desapareceu para ele. Só importava ela. Ruth ainda respirava, embora



fracamente. O pouco chi que compartilharam poderia salvá-la ou poderia ser insuficiente. Nas horas seguintes saberia se ele foi o culpado da morte de sua companheira.

—Adam —disse Noah retendo um Strike sem forças contra a árvore— Adam, o que quer que faça com ele? É Strike.

Sim, era Strike. O berserker traidor. O bruxo. O seidmadr. Que evocou os espectros e queria criar o caos na terra.

— Arrasou seu pai —recordou Ás, com a cabeça de um lobacho na mão.

— Não. Meu pai se arrasou sozinho. —Ruth lhe mostrou isso— Não aceitou que se equivocou ao escolher Lillian. Obcecou-se. Mata-o. Nem sequer merece minha vingança.

Ás assentiu, orgulhoso de Adam. Noah agarrou seu oks dourado e cortou a cabeça de Strike.

— Não tenha rancor de mim por isso —murmurou divertido chutando a cabeça de Strike como se fosse uma bola de rúgbi.

O cajado dos espectros caiu ao chão, mas antes que a bola ricocheteasse nele, Ás o agarrou em suas mãos.

— Levo isto. Quero saber que tipo de cajado é esta. Pode ser que as sacerdotisas saibam.

— Ouça, e com a senhora Jones? —gritou Noah— O que quer que façamos?

Adam parou. Agarrou seu machado e com passo metódico se dirigiu à mulher que não podia respirar pela dor que produzia a flecha em seu estômago.

—Assim não pôde evitar, não é? —Adam olhou Ruth, que permanecia pálida e inconsciente— Abra os olhos, desgraçada —gritou à mulher do chão.

Rebecca Jones tentou se mover, mas sofria muito para fazer. Abriu os olhos a contra gosto.

— Você, louca psicopata, fez mal a minha companheira.

Rebecca negou com a cabeça, mas inclusive esse movimento a debilitava.

— Sabe quem é sua filha?

— O... Demônio.

— Não. Será quem ajudará a salvar à humanidade de personagens como você. Tem boa pontaria, verdade? Minha Ruth agora não pode se mover.

— Está morta.

Não. Aquela palavra não constava no dicionário de Adam. Sua Ruth não morrerá. Nem pensar.

— Não, senhora. Mas você sim. E morrerá muito rápido a meu parecer. —Elevou o oks e cortou a cabeça de Rebecca— Ninguém faz mal a minha kone. Ninguém.

Adam virou-se com a jovem que amava com todo seu coração nos braços. Ás e Noah queimaram os corpos que ali se encontravam e logo utilizaram as cinzas como abono. Ninguém diria que em New Forest aconteceu uma batalha entre seres imortais. Nem que as pedras desse lugar eram utilizadas para rituais de algum tipo. Porque, quem acreditaria nesse tipo de coisas?

CAPÍTULO 30

Adam se fechou em seu quarto com o corpo ferido e enfraquecido de Ruth em seus braços. Menw deu uma olhada nas feridas da jovem Caçadora. A garota vivia e ainda não entendiam por



que, já que seu corpo foi maltratado com severidade, mas davam graças aos deuses por isso. O chi de Adam ainda a mantinha respirando, essa era a verdade. As horas seguintes seriam críticas e só aptas para os corações mais resistentes. Menw teve que fechar as feridas do ventre, muito grande. A punhalada nessa área foi muito delicada, e poderia deixar muitas sequelas em Ruth. A punhalada no plexo partiu parte do esterno, e furou um pulmão. Partiram-lhe o fêmur. Menw fazia todo o tratamento médico possível por ela. Quando saiu, Adam o olhou preocupado.

— Como vai?

Menw limpava as mãos em um pano branco manchado de sangue, tentava dissimular que as presas picavam e que os olhos mudavam a um azul claro progressivo. Negou com a cabeça secamente. Era uma lástima, para ele a humana também era apreciada.

Daanna e Aileen deram um salto diante de seu gesto. Aileen quis entrar no quarto, mas Caleb a reteve pelos ombros.

— Essa garota vai necessitar de um milagre para se salvar — disse o curador— Alguém poderia dar seu sangue desinteressadamente e pode ser que isso a ajudasse a aguentar as seguintes horas, mas a troca implica vinculação — olhou os pulsos enfaixados de Daanna com absoluta indiferença— Muitos queriam se vincular com ela. Poderíamos fazer uma chamada e...

— É idiota, presas? —espetou Adam equilibrando-se sobre ele— Ruth é minha companheira. Minha, entendido? Eu cuidarei dela.

— Como fez até agora? —disse Menw com raiva, afastando-o de um empurrão.

— Tem que aguentar — sussurrou Aileen com a voz quebrada e afetada— Tem que fazer.

— Só precisa passar esta noite e a seguinte, e será imortal — respondeu Adam apertando os punhos.

— Você vai ajudá-la a superar a transição? A abraçará antes que morra? Porque, Adam, não digo para desanimar, mas está muito fraca, pode morrer — recordou Menw.

Aileen girou, e afundou o rosto no peito de Caleb. Abraçou-a embargado pela triste notícia.

— Ela também, não... por favor... ela também não — lamentou Aileen. O berserker engoliu saliva. Noah e Ás olhavam pensativos através da janela.

— Não morrerá — assegurou Daanna igualmente assustada como a híbrida— Ruth é mais forte que todos nós juntos.

— Nós podemos dar nossa energia. O que necessite, será por ela — assegurou Noah.

— Maria e as sacerdotisas estão reunidas, fazendo uma corrente de irradiação para Ruth. Transmitirão seu apoio e sua energia.

Adam angustiou e apertou a mandíbula. Quando sentiu tanto calor? Quando ouviu tantos batimentos de corações funcionando só para ajudá-lo? Porque era verdade que faziam por Ruth, mas se salvavam sua garota, salvariam a ele. Por ela era que agora respirava. Tudo isso provocou Ruth. Sua Caçadora despertava o melhor nos outros.

—Eu darei — assentiu Adam— Já posso entrar?

Menw o deixou passar e ficou de lado, e logo olhou Caleb e ignorou Daanna.

— Onde está seu irmão Cahal? —perguntou o líder vaniro.

— Nem ideia, Cal. Desde o Ministry que não sei nada dele. Seu celular está desligado. Não consigo me comunicar com ele mentalmente. Desapareceu.



Caleb se inquietou. Todos ali fizeram. Daanna deu um passo à frente. Menw estava sofrendo por seu irmão. Ambos eram unha e carne, sempre foram.

— Não é próprio dele. Já sei que é um pouco amalucado, mas sempre se comunicou comigo, esteja onde estiver. E amanhã fará já três dias que não sei nada dele.

— Alguma notícia?

— A última vez que o vi estava perseguindo uma loira que era um pedaço — explicou Menw — É o único que sei.

Daanna elevou uma sobrancelha e esse comentário pareceu como um chute no estômago. O que era isso de “uma loira como um pedaço”? Desde quando Menw falava assim? Nunca antes elogiava outras mulheres, jamais diante dela. Não gostou nem um pinga.

— Ah, sim? —perguntou Daanna.

Menw a ignorou. Para ele era como se não existisse, e isso enervou a vanira.

— Estou falando.

—Já me dei conta. —a olhou como se o corpo de Daanna fosse transparente.

Daanna sentiu frio e deu um passo para trás. Aileen os observou a ambos e franziu o cenho.

— Vou. Não tenho nada mais que fazer aqui —disse o curador atirando o pano sujo de sangue ao lixo que havia no saguão.

— Poderia ficar apoiando moralmente Adam —sugeriu a vanira com tom mordaz.

— Não. Vou apoiar moralmente o cadáver de Gabriel —respondeu ele igualmente irritado — Terá que prepará-lo. Você não fará? Acaso não era seu companheiro?

Daanna empalideceu e deu a volta para que ninguém visse suas lágrimas. Ela era a amiga de Gabriel, não sua namorada, não sua companheira. O que fez com ele anteriormente foi uma tentativa desesperada para salvar sua vida, e sabia que, ao tê-lo conseguido, os danos colaterais teriam sido insuportáveis, mas não importava, porque aquele humano doce e carinhoso a libertou. Agora ele estava morto. Ela envergonhada. E Menw... Menw não sentia nada. Era um bloco de gelo.

—Vou tomar ar —disse ela sem convicção.

O curador desceu as escadas seguindo Daanna, e ela girou para encará-lo, pensando que poderiam falar, que ficariam cara a cara como quando as coisas se descontrolavam entre eles, mas desta vez Menw a ignorou e passou reto.

A vanira jamais se sentiu tão desgraçada. Esse comportamento era novo nele, e também nela. Que Menw a visse mordendo Gabriel e oferecendo seu sangue a afetou muitíssimo. Quando se encontrou com seus olhos tão claros e azuis desejou que a tragasse a terra. E agora, a sós na sala de Adam, obrigou-se a admitir a verdade a si mesma. E a verdade era crua. Só por uma vez, tentou se vingar de Menw, fazendo o que todos sabiam que ele fez com outra mulher, uma mulher que não foi ela. Mas agora se sentia mesquinha e má. Enojada consigo mesma porque nem sequer aquele gesto foi por Gabriel. Ela já sabia que Gabriel não sobreviveria, fez para ele saber o que se sentia quando se trai a alguém a quem se jurou amar toda a vida.

Menw e ela eram agora desconhecidos. Frios. Distantes. Cheios de dor. Vítimas de seu próprio comportamento. De sua falta de misericórdia e compreensão. Ambos eram animais feridos e culpados de sua própria história passada, e chegou o momento de quebrar com tudo. De



renunciar e afastar. Menw já tinha feito.

Mas se isso era o que ela desejava há séculos, essa paz mental e espiritual, ficaria livre de ser perseguida por ele... Por que agora que já tinha obtido se sentia tão deprimida e tão morta?

Adam cobriu a si mesmo e Ruth com a manta do xamã. Encheu o quarto de panelas fervendo cheias de plantas medicinais com aroma de hortelã, romeiro e incenso. Abraçou sua Caçadora e a balançou para frente e para trás. Com seu corpo a agasalhou, com seu cântico a guiava através das sombras, estivesse onde estivesse ele a tiraria dali. Com seu canto joik evocaria Ruth e a manteria com ele.

—Minha pequena guerreira. —Beijou seus lábios pálidos— Sei que lhe fizeram mal. Sei que eu não pude evitar. Não a mereço, preciosidade. Por que um homem tão sombrio como eu recebe um raio de sol como você a não ser para cuidá-la e respeitá-la, honrá-la e mimá-la? E eu não tenho feito nada disso com você. — Beijou-a na testa.

Cantarolou seus cânticos noales, fiando a alma imortal dele com a dela, as unindo, sustentando-a com sua própria vida, com sua energia.

Ruth respirava com muita dificuldade. Sua pele esfriava mas ele fazia por mantê-la quente. Despiu-se por completo, untou seu corpo com cremes medicinais cujos aromas renovavam a alma. Massageou suas pernas cheias de cortes e feridas, agora costuradas e medicadas. Seu fêmur quebrado. Acariciou seu ventre inchado e avermelhado pela cicatriz. Beijou a cicatriz que tinha entre os seios. A adaga esteve a ponto de atravessar seu frágil e mortal coração. Um coração tão valente e puro que devia ser feito de raios de luz.

Depois desse ritual, envolveu-a outra vez com a manta e a pegou nos braços para balançá-la enquanto seguia cantando. Sentia-se desesperado, mas não perdia a esperança na fortaleza de seu reflekt. Ruth tinha que viver para rir dele, para adverti-lo e dizer que caiu de joelhos diante dela e que se converteu em seu escravo eterno.

Amava essa mulher. Como não fazê-lo? O amor não era um sentimento fácil de reconhecer e menos para um homem como ele. Tampouco era algo que chegava com facilidade. Mas aquela mulher com seus olhos dourados e seu sorriso arrebenta braguilha, caçou-o. Caçou-o de verdade.

Então recordou a profecia de seu pai:

“No sétimo aniversário da morte da filha do noaiti, seu filho varão será caçado como lobo por uma Eva disfarçada de Caçadora. Ela usará suas flechas envenenadas como Cupido. Ambos lutarão pelo único poder que pode equilibrar a balança entre o bem e o mal. De sua luta, só ficará um. E se não for assim, os lobos nascerão mortos e os que vivam dançarão com o Diabo submergindo ao Midgard na escuridão.”

Ruth o caçou. Ela era a Caçadora. Quem, se não ela, poderia conquistar sua alma ofuscada? Só ela. Usou suas flechas e ele se apaixonou. O amor foi um veneno para seu pai, mas para ele significava a salvação. A luta que tiveram entre ambos não era outra que a da sobrevivência por não se render diante do evidente, porque dá medo se render a isso, dá medo se render ao amor. Uma pessoa se perde quando se apaixona. Isso foi o que aconteceu com seu pai. Mas Adam e ela lutaram e brigaram pelo que sentiam. E dessa luta só poderia ficar um. Adam e Ruth deviam se converter em um para ganhar essa briga. Se os dois permanecessem juntos, o resto se arrumaria.



E assim foi. Adam foi a sua busca porque não queria perdê-la, essa juvenzinha era a proprietária de seu coração, como a deixaria fugir? Estando juntos, ao compartilhar o chi, ao converterem-se em um, Adam recuperava seu dom de profecia, o inspirava, e o espírito chegou a ele, embora ainda não falou com clareza já que para ele, a visão recebida não podia ser real.

Ruth abriu seus olhos a respeito de seus sobrinhos, e se não fosse por suas indagações, nunca teria sabido nada sobre os sonhos de Liam e Nora. Assim, que estúpido foi. Só uma mulher inquisitiva e curiosa como ela poderia obtê-lo, e ele a amava por isso. Amava por não ter se deixado dobrar nem por ele, nem por sua agressividade. Amava-a por sua frescura e a ternura que prodigalizava como mulher, tanto com crianças como com adultos. Ela era carinhosa, algo que custava aceitar porque não gostava de tanto carinho indiscriminado. Mas assim era ela. E a amava. E não podia perdê-la.

—Não se atreva a se render, katt. Sei que está me ouvindo. Sei que dói, sei quanto está lutando para sair à tona, mas se me deixar, se for, levará toda a bondade que nasceu em mim desde que a conheci. E serei um puto monstro, ouve-me?

A noite deu passagem ao dia. Ruth não melhorava, respirava muito levemente e a Adam rompia o coração cada vez que olhava sua carinha pálida. As veias azuis se transpassavam através das pálpebras. O berserker esperava que ela abrisse esses olhos que tinha, o sorriso malicioso e dissesse: “Ei, lobinho, já estou aqui”.

Mas a coisa piorava. O chi de Adam não era suficiente para mantê-la com vida. Assim, pendente por um fio, todos esperaram a chegada da última noite de Ruth. Essa noite, se Ruth continuasse viva, a alma da Caçadora passaria a ser imortal. Adam não deixou entrar ninguém, necessitava a máxima concentração para que sua energia vital passasse para Ruth e lhe desse forças suficientes para passar o transe da imortalidade.

—Não se atreva. Não me desafie, Ruth. Irei com você onde quer que vá e a tirarei dali. Disse isso muitas vezes. Nunca desafie um berserker —repetia, mas ao ver que as horas passavam e que Ruth seguia sem reagir, o rogo de Adam se tornou desesperado— Ruth... não me deixe. Não nos deixe. Tem que despertar para me dar a lição que mereço. Tem que me jogar na cara quão errado estive com Margött, como errado estive a respeito de sua capacidade para cuidar de meus sobrinhos. Tem que me castigar. Por favor, luta. Se puder me ver agora... —secou as lágrimas com a ponta dos dedos. —Seguramente que pensaria duas vezes antes de me abandonar. Liam e Nora não fazem mais que perguntar por você. Estão muito afetados, porque querem que fique bem. Seus amigos estão do outro lado da porta demonstrando os valores da autêntica amizade, é afortunada por tê-los, somos afortunados — corrigiu— E o que me diz de Gabriel? Não se sentiria nada orgulhoso se você também for com ele. Ele morreu a defendendo, não foda agora.

Viu o vídeo que gravaram suas câmaras. Ruth brigou com Margött. Viu-a tirar seu arco e atravessar o corpo da traidora berserker com dez flechas. Era uma predadora. Havia aguentado o tipo, esperando o momento adequado até que viu que Liam e Nora já não corriam perigo. “Quem acha que sou? O fodido Robin Hood?” disse uma vez. E logo cortou a cabeça de Margött com o oks familiar. Muita mulher para ele. Isso era Ruth. Então a beijou nos lábios e começou a chorar como um menino pequeno.

—Fique aqui e faça isso por mim, embora saiba que não a mereço, Ruth, mas faz por mim,



kone...

Emergiram as lágrimas que não derramou quando sua mãe se foi, as que não derramou quando seu pai Nimho morreu, as que faltaram por derramar quando sua irmã gêmea Sonja se foi de seu lado... agora todas essas lágrimas que ele guardou porque eram sintoma de debilidade, todas e cada uma delas, rodaram por suas bochechas, e fizeram por Ruth. Ensoparam o rosto da Caçadora e secaram em sua pele cítrica e sem vida.

O sol batia no seu rosto, mas não notava seu ardor. Só a iluminava. Uma leve brisa revolveu seu vestido branco e vaporoso, e várias flores de amendoeiras dançavam sobre sua cabeça. Algumas acariciavam sua pele distraidamente. Seu longo cabelo mogno se agitou, mas ela repuxou os cabelos do rosto para poder ver aquele trono de mármore branco e jade que tinha em frente. Nele, uma mulher de incomensurável beleza repousava com uma perna cruzada sobre a outra, e a estudava com a cabeça apoiada em uma de suas mãos. Seu cabelo era loiro platinado, quase branco, como o cabelo de Noah, e encaracolado. Tinha um penteado alto, um coque um tanto exótico, e alguns de seus cachos rebeldes escapavam e caíam sobre seus ombros, até o decote de seu vestido vermelho e completamente transparente. Completamente.

A mulher a olhava com interesse, de cima a baixo.

—Se aproxime —disse. Sua voz era pura música celestial, mas seus olhos cinza e brilhantes eram perigosos e ameaçadores. Quantos anos teria? Vinte? Trinta? Era muito bonita e também muito distante, muito jovem para aquela amostra de poder. Entretanto, seu olhar era muito sábio, mais velho. Como se aquela garota de pernas longas e pele de marfim visse nascer o mundo tal e como o conhecemos.

Quando Ruth se aproximou dela, as maiores panteras que ela viu em sua vida saíram de trás de seu trono. Uma se sentou a seu lado e deixou que lhe acariciasse a cabeça, a outra foi a seus pés, protegendo-a e olhando Ruth com cara de aborrecimento.

— Meus gatinhos não farão nada. Já comeram —particularizou com um sorriso de lobo.

Esse rosto já viu antes, ou ao menos um muito parecido. Nerthus. Nerthus se parecia com ela, ou ela se parecia com Nerthus. Um momento. Aquela mulher de cabelo loiro e aspecto inalcançável estava acompanhada por dois “gatos” enormes. Com quem se parecia?

— Sou Freyja, Caçadora —grunhiu a deusa levantando e aproximando-se dela— Não sei por que me esmero em dotar as minhas aparições de um pouco de teatralidade e logo ninguém me reconhece.

— Ponha um cartaz —murmurou Ruth levantando a cabeça para olhá-la— É muito alta.

— Sou uma deusa —sorriu altiva.

— Onde estou?

— Está no Sessrúmnir.

— Onde fica isso?

Freyja elevou os cantos de seus lábios.

—Já vejo que terei que explicar tudo. Está no *Asgard*, nas terras do Folkvang. Minhas terras. Este é meu palácio, Sessrúmnir. Nesta sala que tem a honra de pisar, acolho a todos aqueles filhos do Heimdall que pereceram na guerra contra Loki e seus jotuns. Na realidade, reparto as almas



com Odín, mas as que são minhas por direito próprio vêm diretamente aqui.

Naquela sala não havia paredes. Era uma plataforma circular que levitava em alguma parte do cosmos. Milhares de estrelas flutuavam a seu redor e brilhavam iluminando o céu de tons laranja e pastel, como se fosse um entardecer. Um dos “gatinhos” de Freyja bocejou e logo ocultou o rosto entre suas enormes patas dianteiras.

— É a filha de Nerthus. Freyja, a Resplandecente —entendeu.

— Sim. Desejada por tudo e todos, nem sequer Odín se livra da minha influência. —E piscou um olho.

— Mas não soube reter seu marido Od, o único ao que verdadeiramente amou — recordou-a com frieza.

— Minha mãe me pediu que a salvasse. Ela já não pode fazê-lo, saiu de sua jurisdição. Mas eu sim, assim não me irrite e não faça que troque de opinião. Não amo Od. Ele simplesmente atingiu meu orgulho — sussurrou com mais tristeza da que teria desejado mostrar.

— Claro, e importava tão pouco que dotou os vaniros de uma grande debilidade relacionada com seus companheiros.

—Ao contrário. Dei a oportunidade de encontrar o amor autêntico. O de verdade.

— O que você disse. —A essas alturas, a Ruth já não importava nada. Não importava que a beleza fosse a deusa mais poderosa do panteão nórdico. Ela só queria deixar de sentir dor. O único que recordava era a punhalada de seu pai, Paul— morri?

— Está no meio da transição. Custa tanto que não pode se manter viva durante uma semana? —perguntou irritada— Eram só sete noites, Ruth. E vai e mete os pés pelas mãos antes sequer de alcançar a sexta noite.

— Mas ainda continuo viva? —seus olhos ambarinos e cansados se encheram de lágrimas.

— Continua viva, porque há um berserker que não deixa de entregar seu chi. —Um brilho de adoração cruzou por seus olhos brumosos— O noaiti. Assim aproveitei para falar com você e dar uma série de diretrizes enquanto ele a mantém viva. Terá que viver.

Ruth fechou os olhos e duas enormes lágrimas deslizaram por seu rosto. Adam a estava salvando. Depois de tudo, a estava salvando. Não pôde proteger a seus sobrinhos, certamente teria morrido muita gente por sua culpa. Seus instintos não estavam desenvolvidos para notar que Margött estava no interior de sua casa. Falhou estrepitosamente. Lillian tinha razão, inclusive a berserker traidora também a tinha. Adam não falhou em suas reservas para ela. Sentia-se tão mal que desejou morrer. E o pior era que Gabriel poderia ter morrido ao protegê-la, se Daanna não tivesse trocado seu sangue com ele. O sangue da vanira era poderoso e certamente Gabriel agora estaria melhor. Mas aquilo não era uma boa notícia. O que aconteceria agora entre Menw e Daanna? A vanira a odiaria por tê-la posto em um compromisso como esse. Sua amiga Aileen também, por não ter lutado nem defendido tão bem como ela. Adam já não a respeitaria. Todos tinham razão a respeito da sua vulnerabilidade.

— Não é tempo de se fazer de vítima, Caçadora! —gritou a Deusa— Já lamberá as feridas em outra ocasião, se tudo for bem, terá a imortalidade para fazê-lo.

— Que merda quer, então?! —gritou presa da frustração e a decepção por si mesma.

— Cuidado, humana —sussurrou Freyja. Seus olhos se tornaram completamente negros.



—Já não me assusta. Se me quisesse morta me mataria, mas precisa de mim —levantou o queixo.

Freyja serenou, para logo sorrir com autenticidade.

— É uma atrevida.

—Já não tenho nada a perder —encolheu os ombros.

— Se você mesma quer ver assim. O primeiro que deve fazer quando despertar é quebrar o cajado dos espectros. Ás está com ela, mas Odín já disse que deve entregar isso a você porque é a única que pode quebrar o cristal e liberar as almas que foram enganadas e capturadas pela magia seidr.

— Se não tivesse ensinado o seidr a Loki, nada disto teria acontecido.

Em um abrir e fechar de olhos, Freyja agarrou Ruth pelo queixo e a levantou do chão. Enquanto a atravessava com seus olhos de poços negros e insondáveis, manteve-se instável.

— Acredita que sabia que era ele? — gritou— Não perca o respeito ou a farei passar a eternidade em meu salão limpando cada ladrilho com a língua. É uma sacerdotisa, Ruth. Não permito que nenhuma de vocês me fale mal, ouve? —a sacudiu— Sim, Loki se fez passar por Odín, eu não vi a mudança. Somos poderosos, mas também nos pode enganar. Como a vocês. Esse deus do Fraude que têm manipulando seu planeta, é o feto do mal e mais certo que o deixem presente. Já não vale olhar para trás, o que passou, passou. Agora só fica lutar. —Desceu-a ao chão e a empurrou.

Ruth esteve a ponto de cair, mas em última instância aguentou o equilíbrio.

— Como ia dizendo, quebrará o cajado e abrirá um portal para que as almas retornem à origem. Entendido? Peça a Ás, é ele quem o tem.

Ruth decidiu afastar a raiva e a tristeza que a rasgava por dentro. Tentou, e fracassou. Nem sequer pôde cuidar do dom que lhe deu Nerthus. A imortalidade escapava por entre seus dedos, e se não fosse por Adam, já estaria morta. Como o olharia na cara?

— Ás falou com Odín? Tem contato com os deuses? —perguntou esfregando o queixo e se aproximando dela.

Freyja se sentou de novo no trono e elevou uma loira sobrancelha diante da pergunta.

— É óbvio, mas só em ocasiões especiais. É o líder do comitatus.

Ás os enganou. O outro dia, no Dogstar, falaram sobre o abandono do qual eram submetidos por parte dos deuses, e agora resultava que Ás sim que tinha contato, e nada mais e nada menos que com Odín.

— Quando teve contato?

— Esta é a quarta vez que Odín se apresentou diante dele.

A Caçadora franziu o cenho.

—Ás mentiu para nós.

— Tem seus motivos para dizer tal coisa. O primeiro contato foi para entregar a *cajado do concílio*⁷⁹. O cajado serenava os ânimos e animava o dialogo entre os clãs, em vez de arrebentar as cabeças uns dos outros. Sempre que Ás ia com o cajado, assegurava um encontro pacífico. A

⁷⁹ O cajado que legou Odín à líder do clã berserker para que o levasse com ele como símbolo de paz entre clãs.



segunda vez... —esfregou o lábio com o dedo indicador e mostrou um sorriso cheio de segredos— Não direi isso. A terceira vez foi recentemente, depois da chegada da surpreendente híbrida. Aileen se mostrou ser mais poderosa que a cajado. Ah, e tampouco direi para que. E a quarta vez, foi antes de ontem.

— Estou até aqui de seu sincretismo. —Elevou a mão por cima de sua cabeça— Não fala claramente. Não faz. E têm a todos pendendo por um fio muito fino no qual já não sabemos quem tem a tesoura para cortá-lo, se você ou Loki. O *Ragnarök*? —zombou da palavra— É óbvio que chegará. Não temos ajuda.

— Têm. —Uma maçã verde e brilhante se materializou na mão de Freyja— Só têm que ver os sinais, mas não repetirei o mesmo que disse minha mãe. Falará com Ás e pedirá que reúna seus exércitos.

— Estamos fazendo, mas no momento...

Freyja capturou-lhe o olhar com o seu.

— Não estou falando de sua pouco confiável busca informática —a cortou— Ás já sabe como fazer. Já sabe quem tem que contatar para obtê-lo. Ela é a única que pode conseguir reunir todos, mas para que desperte seu dom precisa fazer seu pequeno sacrifício.

Do que estava falando Freyja? Havia alguém que podia contatar com os membros dos clãs perdidos? Como? E que sacrifício devia fazer?

— Por que não fez antes? Por que não falou com essa pessoa antes de tudo isto se tornasse insustentável?

Freyja exalou, como se a aborrecesse todas as perguntas que Ruth fazia.

— Porque deve ser assim. Temos as peças distribuídas à nossa vontade, e só as acionamos e as colocamos em funcionamento quando é o momento adequado. Como aconteceu com você. Se chegasse a despertar antes, Loki a teria matado num suspiro. Sofreu por um bem maior. Esta pessoa também deve sofrer. Não podia despertar antes. Agora, para fazê-lo, terá de se sacrificar. Foi minha decisão. Quando criamos os vaniros, oferecemos um dom particular a cada um deles, um que acordará só quando se encontra seus companheiros eternos, a seus cáraids, os chamam —sorriu saboreando a palavra gaélica em seus lábios.

O corpo da Caçadora rugiu destilando ódio.

— Quanto mais terá que sacrificar? Quanto, até que vocês achem que já é suficiente? Que dons têm?

— Nem eles sabem.

— É uma manipuladora!

Freyja teve a ousadia de estremecer-se ante as palavras de Ruth. Via-se realmente afetada.

— Todos devemos fazer sacrifícios para conseguir aquilo que queremos. —Esfregou as orelhas da pantera branca que estava sentada ao seu lado e parecia tão deusa como a própria Freyja— Onde não há sacrifício, não há amor. Caleb deixou de lado seu ódio e conseguiu a Aileen. Aileen é o dom do líder dos vaniros, que lhe permite caminhar sob o sol. Outros terão que encontrar seus dons, não te parece? Dons que podem estar em seu interior, ou dons que encontrarão em seus companheiros. Mas nada é gratuito, Ruth. Você sabe melhor que ninguém. Já fez seu próprio sacrifício.



— O que fiz? Fracassar e jogar minha dignidade por terra? Por a todos em perigo?

— Não se flagele, humana. Não é seu estilo. Deveria levantar a cabeça. — levantou-se e com ar mais doce e lhe ofereceu uma maçã.

— Não a quero. — Ruth afastou o rosto.

— Não só fiz que viesse a meu palácio porque virtualmente se sacrificou ante seus pais, Strike, e Lillian. Seu sacrifício foi arriscar sua própria vida em nome dos outros. Arriscar seu próprio corpo, Ruth. Mas não só fez isso. Vem de uma família que tinha medo. Seus pais não fizeram bem a você. Há um refrão que diz: “Mata a seus pais e será livre”. É óbvio — girou os olhos—isso se refere ao fato de ter que enterrar todos aqueles ensinamentos e valores que eles lhe deram acreditando que eram verdadeiros, porque estão apoiados em suas experiências e em seus valores, não nos seus próprios. Eles queriam te exorcizar o demônio, mas você se exorcizou deles. Você tomou o refrão ao pé da letra — sorriu divertida — Literalmente. Sente-se mau? Disparou em sua mãe.

Ruth não hesitou ao responder:

— Não. Nem sequer um pouco.

— O noaï se encarregou de sua mãe. Melhor dizendo, ela e seu pai perderam a cabeça por ele. Tampouco se sente mau?

— Se Adam estivesse aqui lhe daria um beijo na boca como sinal de agradecimento. Não me sinto mal, Freyja. Essas duas pessoas não eram ninguém para mim. Só dor e sofrimento.

— Bem. Estavam loucos. Só lhe deram a luz, nada mais. Você se libertou, fez o sacrifício. Matou-os, acabou com eles. Agora cabe a você se reencontrar, Ruth. E é nossa, é das nossas. Está em algo muito grande para duvidar disso.

Freyja a olhou de cima a baixo e fixou seus olhos, que de novo eram cinza e estranhamente doces, em seu ventre.

— O que é o que não me diz?

— Seu pai cravou uma adaga no seu ventre quando sacrificou seu corpo.

Ruth apertou os dentes ao recordá-lo.

— Sim.

— Quando despertar como imortal, não poderá ter filhos, será muito difícil conceber. Paul fez muito dano com essa adaga de ritual —murmurou afligida.

Ruth empalideceu. Como não podia ter filhos? A ela... encantavam as crianças. Queria tê-los e queria os ter com Adam se alguma vez ele a perdoava por pôr Liam e Nora em perigo. Por que o dizia? Ruth tampou o rosto com as mãos e começou a chorar. Que mais podia acontecer?

Freyja pôs uma mão sobre seu ombro, dando consolo.

— Farei uma concessão a você, Ruth. Já fez seus próprios sacrifícios, não necessita um mais. A jovem a olhou entre os dedos abertos.

— O que... o que quer dizer?

— Que não sou tão bruxa como acha. Prometa-me que fará o possível por ajudar a nossa causa, que é também a sua. Diga-me que lutará e ajudará em qualquer momento que seja requerida. E eu em troca, darei-lhe o dom da fertilidade.

Ruth recordou que Freyja era, entre outras muitas coisas, a Deusa da Fertilidade.



—E me prometa que guardará o segredo que Ás revelará quando entregar o cajado.

Ruth a olhou nos olhos. Tudo em troca de algo, sempre, assim eram os deuses. Que segredo?

— Prometo.

— A promessa de uma sacerdotisa é inviolável.

Inclinou-se para Ruth, elevou-lhe o rosto com ambas as mãos e a beijou nos lábios. Aquela mulher alta, magnética e loira, estava lhe dando um beijo com a boca aberta. Aquilo era errado em toda regra.

Quando a soltou, Ruth tinha as bochechas vermelhas e os lábios úmidos. Freyja sorriu, passou o polegar pelo lábio inferior e logo levou o dedo à boca.

— Os humanos têm bom sabor — Agarrou a mão de Ruth e pôs nela a maçã brilhante e apetitosa. Logo sorriu, deu meia volta e se sentou no trono— Dê três dentadas e retorna a seu lar, Caçadora. — Distraidamente acariciou o pescoço da pantera e fechou os olhos como se fosse fazer a sesta— Ah, e por certo: eu adoro as canções de amor, assim espero que Adam escolha uma bem bonita para você.

Ruth olhou a maçã, logo àquela impulsiva e um pouco amalucada deusa, e mordeu a fruta do pecado original três vezes.

Os raios do sol do amanhecer banhavam a pele pálida e o corpo da Caçadora. Abriu os olhos para descobrir que se encontrava no quarto de Adam. Os retratos que fez dela a olhavam. Nesse mural se via enérgica e cheia de vida e desafio, e agora, sentia-se vulnerável e fraca, embora tivesse o sabor de certeza que já era imortal. Não doía nada, ao contrário, fisicamente sabia que gozava de uma excelente saúde. Tentou se mover, mas se viu enrolada em uma manta cheia de motivos rúnicos que impedia tal objetivo. Ao redor, incensos acesos soltavam perfumes com seu aroma, alagando o quarto. Estava enrolada como se fosse um bebê. Deu várias voltas sobre si mesma, como se empanasse sobre a cama, e escapou daquele prisão de pele e aroma de homem. Adam. Onde estava ele? Começou a tremer. Não tinha vontade de enfrentar seu olhar negro. Não agora, quando passou por tanto. Levantou e cobriu o corpo com o lençol da cama.

Não aguentaria que Adam a acusasse de ter falhado. De fracassar. E sabia perfeitamente que quando se tratava da segurança dos pequenos, ele se convertia em alguém sem escrúpulos. A destroçaria se agora a repreendesse com isso.

— Meu Deus... —Aileen entrou no quarto arrastando os pés lentamente, com seus olhos lilás completamente incrédulos e cheios de lágrimas—Meu Deus... Ruth! —A híbrida se aproximou dela como se fosse um fantasma e a abraçou com força— Está viva? —soluçava e não podia controlar o tremor de seu queixo.

Ruth se desfez em um pranto dilacerador.

— Sim —sussurrou ela, abraçando desesperada a seu corpo— Sim, estou viva.

— Nunca mais me faça isto! Nunca! —gritou calorosamente entre soluços e rogos.

— Eu... sinto muito... é que...

— Temos que avisar a todos —acrescentou frenética e com mãos trementes— A demos por morta... Adam não queria enterrá-la, não queria fazer nada com você, não a tirava de seu quarto.



Brigou com Ás, com Caleb, com todos... não permitiu que ninguém entrasse para vê-la. —Puxou seu rosto e tocou todo seu corpo— E agora sou eu quem tem vontade de te matar. — começou a chorar de novo e voltou a abraçá-la— Idiota, pensei que também tinha te pedido. E não podia aguentar. Passaram dois dias depois da última noite em que devia se converter em imortal, Ruth. Todos sofremos muito.

As mãos de Ruth ficaram imóveis nas costas de Aileen. Dois dias. Dois dias? Processou as palavras de sua melhor amiga.

— Quem? Pensou que também perdeu? A quem perdemos?—perguntou cheia de medo. Seu maior medo era que tivesse acontecido algo com Adam, mas sabia que não podia ser já que ele a havia sustentado e deu seu chi para que ela vivesse. Liam e Nora? Não, por favor, eles não. Afastou a Aileen com desespero.

Aileen colocou a mão sobre os lábios e negou com a cabeça.

— Gab.

O que primeiro cruzou a mente de Ruth foi a camiseta que usava seu amigo quando arriscou sua vida por ela. Não sabia por que, mas era incapaz de pensar em outra coisa que não fosse a mensagem que havia nela escrito. Olhou de todos os lados, suavam as mãos e se sentiu enjoada.

Por sua culpa. Gabriel, seu querido amigo, morreu por sua culpa. Adam não estava, não permitiu que a enterrassem. A queria ali em seu quarto, sem enterros dignos nem oferendas à sua alma. Certamente a odiava por ser tão inepta. Não esteve à altura. Entendia perfeitamente que ele não a perdoasse, porque nem sequer ela perdoava a si mesma.

— Onde está Adam?

— Está meditando. Disse que queria encontrar o espírito. Tem que vê-lo. Esse homem está desesperado desde que...

— Não. —Levantou sua mão— Não, por favor. Tire-me daqui —rogou a sua amiga, com o rosto cheio de derrota— Tire-me daqui. Não... não quero que me veja. Preciso pensar, Aileen. Preciso me fazer forte.

Aileen tentou tranquilizá-la.

— Ruth, calma... chist. —Agarrou-a pelo rosto e a obrigou a olhá-la— Não sei o que pensa agora, mas seja o que for está errada...

Ruth afastou-lhe as mãos com raiva.

— Não! Se for minha amiga tem que me tirar daqui agora e não deixar que ele me veja assim. Não deixe... —então tampou as mãos com o rosto e se derrubou— Estou destroçada, Aileen. Dê-me cobertura, por favor. Oculte-me uns dias. Não quero falar com ninguém.

Aileen fez isso.

A morte de Gabriel encheu de culpa a ela também, e elas deviam superar esse luto. Como era, mas deviam fazê-lo. Por elas e por seu amigo. E logo, Ruth devia falar com Adam quando se encontrasse mais inteira, porque o berserker se tornou louco desde que todos acreditaram que ela morreu.

CAPÍTULO 31



Uma semana depois...

Não dormia as sete noites. Não comia. Não sorria. Não falava, exceto para dar ordens. Adam se prendeu em si mesmo e decidiu desafogar sua energia em criar algo para que Ruth voltasse para ele. Algo superficial, que não poderia equilibrar o dano que fez, mas ao menos poderia temperá-la. Aquela mulher de olhos dourados que corria por seu sangue como lava ardente abandonou-o. E não podia culpá-la.

Por sua culpa, por seu abandono, por sua arrogância, por acreditar que ele controlava tudo, sua companheira esteve a ponto de morrer. E ele morreu um pouco devido à impressão, ao medo de não voltar a vê-la. Na manhã que Ruth o abandonou, sentiu por um lado uma profunda tristeza, mas seu lado mais covarde experimentou alívio. Alívio por não ter que enfrentar seu olhar reprovador. Se ele soubesse sobre a Margött, se tivesse falado antes com seus sobrinhos... Havia tantos ses, tantas coisas mal escolhidas. E ela as falou uma a uma.

Por Odín, a caderneta de desenhos de Nora era incrível. Nela se refletiam muitas das coisas que aconteceram entre eles. Inclusive havia o ataque no Ministry, inclusive desenhou Strike e Lillian no New Forest, com Ruth atada no chão. Graças a isso ele soube para onde deveria se dirigir para salvá-la.

Havia tantas coisas que fez mal. Tantas. E as piores, as mais irritantes, recebeu-as de Ruth. Já não sabia quantas vezes viu o vídeo em que Ruth e Margött se enfrentavam.

Como não percebeu a ambição e a soberba nos olhos de Margött? Como não viu a dourada e bela que era Ruth a seu lado? Nem ponto de comparação. E agora a Caçadora os abandonou.

Caleb falou com ele. Ele era o único que o informava sobre como estava ela, já que Ruth estava na casa do casal.

—Necessita tempo, Adam — disse o vaniro da porta— Já sabe que é difícil dar esse espaço, mas ela necessita. Aconteceram muitas coisas.

— Sei que não quer me ver, e verdade que não mereço isso, mas... Preciso vê-la, embora só seja uma vez.

— Sinto muito, xamã —respondeu com pesar— Deixa que aceite o que aconteceu e seguramente voltará para você.

Voltar para ele. Oxalá voltasse, embora ficasse todo um ano o castigando, toda uma eternidade fazendo-o pagar as perdas que sofreu na semana que passou com ele. Os gêmeos queriam que Ruth retornasse, adoravam-na e precisavam dela. Ele a necessitava para poder respirar sem aquela opressão assassina e asfixiante que sentia no peito. Amava-a. Estava preparado e disposto para seu amor.

Sua oferenda para conseguir seu perdão já estava acabada. Olhou orgulhoso o que fez para ela, suas mãos estavam em cada canto, em cada cor, em cada nuance. Uma semana trabalhando com seres imortais e poderosos obravam muitos milagres, e não tinha palavras para agradecer a ajuda emprestada. Isso sim que podia conseguir. Mas o que ele mais desejava o obrigava a ajoelhar e a se redimir por tudo, obrigava-o a rogar perdão. E por Ruth faria o que fosse.

Pela tarde, enterrariam definitivamente Gabriel e fariam a cerimônia mista do adeus. Vaniros e berserkers estariam ali pelo humano que os esteve ajudando. Ruth estaria lá. E ele



também. Depois de tanto dor, de tantas feridas sem cicatrizar, de lágrimas derramadas, ao menos algo belo como o que ele preparou para ela poderia suavizá-la. Algo que ela valorizasse, algo que ele também queria fazer para todos.

Cansou de dar tempo, não era um homem paciente, e não estava acostumado a padecer das dores do amor. Ruth despertou o ser egoísta e carniceiro que pedia “ou tudo ou tudo”. E sua companheira tinha que responder.

Ruth estava frente à pira cerimonial de Gabriel. Cobriram-no com uma gaze branca, já que seu corpo estava machucado. Noah explicou que estavam acostumados a manter o corpo dos guerreiros no máximo dez dias, não só para render o respeito e o tributo que mereciam, mas também para ver se algum deus reclamava o corpo do guerreiro e o levava a seu reino para que lutasse em seu nome. Ninguém foi em busca de seu amigo, e isso a feria no mais profundo. Gabriel poderia se equivaler ao lutador, ou como... Simplesmente como pessoa que qualquer um desejaria ter ao lado quando se vai à guerra, a morrer, porque Gab, com aquela aparência de grande príncipe que todos viam nele, era o homem mais leal e melhor companheiro que alguém podia chegar a ter. Com ele nunca se estava sozinho. Um orgulho em nome da amizade, isso era Gab. Limpou as lágrimas de uma tapa. Aileen estava a seu lado, ambas seguravam as mãos. Eles iriam incinerá-lo com todas as honras, mas ainda não chegaram às pessoas. Elas necessitavam esse tempo com Gab, necessitavam para falar pela última vez com ele. Porque agora estavam convencidas que ele escutava de alguma parte.

O corpo grande e cheio de bondade de seu amigo requereu a construção de um barco de madeira igualmente largo e longo como ele. O lugar estava repleto de óleos aromáticos, florescia para anular o aroma do corpo e outras coisas ornamentais.

Era a primeira vez que Ruth ia visitar Gabriel. Não reuniu as forças suficientes para fazê-lo antes. Ela se culpava de sua morte. Agora tocava uma das pedras que elevava a barco, e as acariciava com carinho como se fosse uma extensão do corpo de seu amigo.

— Tudo isto é por minha culpa — sussurrou Aileen.

— O que diz? — Ruth fechou os olhos com dor.

— Tudo.

— Você não nos obrigou a seguir até a Inglaterra, Aileen. Não tem culpa de nada. Tire isso da cabeça. E, além disso, ele ficou aqui porque quis. Ele sempre foi livre de fazer o que dava vontade, e sempre fez.

— E se me desfaço desse sentimento de culpa você também fará? — perguntou olhando-a de esguelha, com seus olhos lilás vermelhos de tanto chorar— Sei que está se culpando. Por que não pode aceitar que foi uma heroína? Que ele foi? Por que decidiu se castigar por todo o mau que aconteceu estes dias? — respondeu a híbrida furiosa com sua amiga.

— Aquele dia veio me trazer o carro porque Adam pediu que fizesse. Veio e... E eu não soube defendê-lo. — fechou a garganta— Não teve em conta que, embora Margött fosse uma mulher, também era uma berserker e a força que têm é descomunal comparada com a nossa. Quando o vi indiquei com a cabeça que não se aproximasse, mas, a quem obedecia Gab? A não ser que controlassem sua mente... Ele dizia que estava forte, que ia muito à academia — sussurrou



sorrindo com tristeza—, mas seus músculos eram insuficientes para... —Meneou a cabeça e as lágrimas voltaram a correr por seu rosto— Aileen... Estou muito perdida. Dói muito. Olha onde estamos.

Aileen passou um braço por cima de Ruth e a abraçou.

— Sim, já vejo onde estamos. Diante da tumba de nosso Gab. Nosso menino se vai com todas as honras. É curioso que alguém que estudou durante toda a vida as tradições e a história da mitologia escandinava se vá daqui segundo seus rituais. Rodeado do apoio dos clãs dos Vanir e dos Aesir.

Ambas choraram em silêncio. Gabriel foi fraco, mas feroz.

— Não é curioso, é o destino. Gabriel é um morto em batalha — disse a voz de Ás atrás delas— Agora é um dos nossos. Um guerreiro.

— Isso o teria feito se sentir orgulhoso se estivesse vivo! —gritou Ruth encarando Ás.

— Na guerra entre o Bem e o Mal morrem pessoas, Caçadora. Isto não é uma série, nenhum filme... É de verdade. É nossa realidade e deveria fazer uma ideia. Por outra parte, alegro-me em vê-la.

— Me faço à ideia, mas isso não faz que me doa menos — espetou— E sim, já voltei de meu retiro espiritual —respondeu cínica— Eu não me alegro tanto de vê-lo, Ás. Você e eu temos uma conversa pendente.

Ás a olhou com interesse e um pouco de desconforto.

— Então suponho que já sabe o que cabe fazer. Quando fará?

— Depois da despedida de Gab — anunciou ela. Já sabia que Ás devia entregar a cajado para rompê-lo e liberar as almas. E também sabia que cedo ou tarde falariam claramente ela e ele.

— E depois se dignará a falar com Adam?

Adam. Não dormia, não comia pensando nele. Todo seu corpo o necessitava. Morria de vontade de falar, mas tinha medo da reação dele ao vê-la. Tinha medo de muitas coisas e todas relacionadas com o rechaço, mas já se cansou. Se Adam decidia bater a porta em sua cara e era sua decisão, dane-se ele. Se decidisse feri-la de algum modo por pôr em perigo a seus sobrinhos, ela também o repreenderia.

A morte de Gab a tornou um pouco dura.

— Tentarei — murmurou ela jogando uma flor dentro do barco de Gabriel.

Todos estavam na cerimônia de despedida. Todos. Vaniros, berserkers e sacerdotisas. Os vaniros foram vestidos com suas roupas de guerra, os rostos pintados como faziam os antigos celtas que iam para a batalha. Eles usavam o cabelo preso e as mulheres o cabelo solto e cheio de flores vermelhas. Cahal seguia sem aparecer e fazia muita falta. O que aconteceu com ele? Os vaniros se vestiam em rigoroso negro. Os berserkers fincaram seus oks na terra e haviam trazido também os escudos. Também se vestiam de negro, com aquelas roupas folgadas que necessitavam para lutar e se transformar. As sacerdotisas se vestiam de vermelho, com longos tecidos de seda transparente e vaporosos a seu redor.

Adam adorava a capacidade de convocatória que teve o enterro de Gab, e o entendeu, porque era um bom cara e sempre ajudou quando necessitava. Entretanto, nada daquilo o afetava. Não importava ver como Aileen se aproximava da pira, percorria o corredor criado pelos



guerreiros de ambos os clãs, e elevada por Caleb, deixava no interior do ataúde um diário de apontamentos de mitologia escandinava. Era o diário de seu amigo.

— Gab... Não imagina o vazio que deixa em nós, em todos — sussurrou Aileen pondo uma mão sobre o barco.

Caleb colocou sua mão enorme sobre a dela e beijou Aileen na testa.

— Gabriel lutou por seu lema, sua razão de ser.

Aileen abaixou à cabeça, e desmoronando, apoiou-se no ombro de Caleb. Observou o barco e se culpou por tudo.

— Não, minha vida —grunhiu Cal com paixão— Não é sua culpa. Nós, os guerreiros, vamos à batalha sabendo que podemos morrer nela. Gab sabia, soube quando se lançou contra Margött. E o fez por Ruth e por você. Sem sacrifício, Aileen, não há amizade verdadeira.

Adam escutou com atenção as palavras de Caleb e deu razão. O verdadeiro amigo, o companheiro leal, é o que faz sacrifícios em nome da amizade. Os humanos etiquetavam os amigos com facilidade, e era um engano que cometiam rapidamente, quando diziam que um amigo é quem compartilha um momento sem fazer nenhum tipo de sacrifício. Mas nem o discurso emotivo de Caleb e Aileen chegou a seu coração.

Tampouco escutava a voz incrível de Maria cantando sua versão de *Westlife I'll see you again* junto com alguns vaniros que se uniram a sua voz em coro, entre eles, Daanna. Aquela princesa perdeu a luz de seu olhar verde esperança. A vanira parecia estar sofrendo um calvário. Adam olhou Menw. Aquele já não era o curador. Era alguém frio e cada dia mais selvagem, mais incontrolável, como um leão a ponto de sair de sua jaula. A tensão entre eles não era boa para ninguém.

*I'll see you again
I'm lost when I'm missing you like crazy
I tell myself I am sou blessed
To have had you in my life, my life⁸⁰*

Sabia que colocaram uma moeda em cada olho de Gabriel, como pagamento para o barqueiro. Sabia que Ás deu um oks, e Caleb uma adaga distintiva dos celtas vaniros. Despediam-se de Gab com todas as honras.

Mas nada disso importou, até que viu Ruth.

Sua mulher. Toda vestida de vermelho e incrivelmente bela, a Caçadora agora inspirava um respeito profundo, e também, um pouco de frieza. Emagreceu e parecia cansada. Quando o espírito mostrou a visão, pensou que se tratava do enterro de Ruth. A imagem era exata ao que ele viu, e, entretanto, não se tratava dela. Os dois clãs aliados diziam adeus ao humano. A Gabriel.

Adam não podia afastar o olhar daquela beleza vestida de vermelho, como uma autêntica sacerdotisa, como o que era. Em um mundo cheio de variáveis, ela era a constante. Ambos se afastaram só para dar tempo, um tempo que faltou antes. Mas agora o tempo deixou claro muitas

⁸⁰ O verei outra vez/ Perco-me e enlouqueço quando sinto sua falta/ Digo a mim mesmo que fui abençoado/ por tê-lo em minha vida



coisas, e a mais especial das revelações era saber que ele já não podia viver sem ela. Nunca. Jamais.

E depois daquela cerimônia demonstraria.

Ruth beijou uma moldura de fotos enquanto caminhava sozinha através do corredor. Acariciou-a com a ponta dos dedos, com tanto carinho que todos ali sentiram.

—Gab... Somos nós três. Os três mosqueteiros. —Sorriu, olhando o barco onde estava o corpo de seu melhor amigo— Entrego a você esta foto para que nos recorde. Eu... Não sei o que vai encontrar uma vez que cruze a linha, mas quero que saiba que estarei esperando para te guiar. Já sabe que sou a Caçadora, e... —engoliu saliva angustiada— não o deixarei sozinho. —secou as lágrimas com a mão— É o amigo mais leal e bom que pude ter. Obrigada. Obrigada por tudo. Se se sentir desorientado ao ver a foto, recorda que sou a do cabelo vermelho —soluçou e soluçou— Sempre o levarei em meu coração, meu amigo. Sempre.

Olhou para trás, e Noah se aproximou para elevá-la e levantá-la. Ruth deixou a moldura sobre o peito de Gab e abraçou a Noah, e então sonhou que era Adam quem a balançava e dava sua força. Ele estava ali. Nesse corredor. Não quis olhá-lo porque, se fizesse, teria se desmoronado. Liam e Nora estavam vestidos de negro e seguros pelas mãos das sacerdotisas, os dois olhando-a com os olhos úmidos e brilhantes. Brave, o huskie de Aileen e Caleb, lambia timidamente a mão de Nora, e a sua maneira também dizia adeus a seu amigo Gab. E então seus olhos olharam Adam, viu algo nos topázios do noaiti. Viu um desejo nu e sincero, como se quisesse tirar o posto de Noah. Ela se afastou um pouco de Noah, deixando claro que aceitava o calor do berserker porque era o que estava ali.

Teve vontade de correr para seu xamã e se lançar a seus braços. Ele era o que podia abraçá-la como realmente necessitava. Mas não sabia se era um bom momento. E tampouco estava segura de que Adam a acolhesse.

—Hoje nos despedimos de um filho do Heimdall! —gritou Ás— Gabriel não só era um humano, era uma pessoa que, sem ser imortal, arriscou sua vida por um dos nossos. Gab nos ensinou que não podemos ter receios para aqueles que protegemos. O mundo está cheio de humanos bons e maus, o Bem e o Mal estão em todas as partes, convivem em nós. Só devemos decidir de que lado ficar. É o que nos diferencia entre a luz e a escuridão, nossas próprias decisões. Ele —assinalou a pira— já decidiu. Quantos humanos mais farão? Quantos dos que descubram quem somos decidirão nos ajudar e lutar a nosso lado? Quantos nos temerão e tomarão pelo que não somos? Não sabemos. —Entrelaçou as mãos com Maria— Mas Gabriel nos deu esperança. Portanto, Odín —gritou ao céu— aí vai um dos nossos! *Dette er sonnen min*⁸¹! Trata-o como se o fosse! Ouve-me?!

Aileen puxou a mão de Ruth, respiraram entre soluços e lágrimas, agarraram cada uma machado e, sem titubear, queimaram a pira de Gabriel.

A madeira ardeu, as chamas se elevavam furiosas para o céu. Todos ali reunidos cheiraram as flores e a madeira queimada. Maria elevou a voz e renovou o canto, todo os que conheciam a canção se uniram a ela, inclusive Ruth a quem não saía à voz.

⁸¹ Em norueguês: É meu filho.



*You're gone not, gone but not forgotten
I can't say this to your face
But I know you hear
I'll see you again
You never really left
I feel you talk beside me
I know I'll see you again⁸²*

Os berserkers rezaram pela alma do humano e para que fosse aceito no Valhall. Outros, como as sacerdotisas, esperaram por uma doce reencarnação às mãos da deusa Nerthus, e os vaniros desejaram que Odín e Freyja não levassem Gab, que fosse Morgana então quem o aceitasse em Avalon como o valente guerreiro que foi. Ruth e Aileen só esperavam que fosse onde fosse, Gab encontrasse seu lugar.

Noah se aproximou para remover melhor as pedras e a madeira para que o fogo acendesse com mais força, e de repente um raio de luz cegador procedente do céu caiu sobre o barco onde estava o corpo de Gab. O berserker olhou para cima, e um corpo de mulher desceu sobre ele. Noah abriu os olhos, e de entre as chamas avistou um anjo vingador. Usava um penteado curto e moderno, supersexy, seu cabelo era castanho escuro com reflexos loiros. Tinha uns olhos marrons chocolate que transpassavam a alma, pintados com traços negros muito pronunciados. Seu nariz era fino e insolente, e sua boca... Os lábios daquela mulher eram... Muito apetecíveis, parecia que reclamavam um beijo. Um momento tinha as orelhas ligeiramente bicudas, como os elfos. A mulher manteve o olhar, e Noah se perdeu um pouco e ficou preso nela. Ela quis desviar o olhar, mas ele não deixou, seus olhos amarelos se cravaram em seu rosto. Então a garota sorriu, e não era um sorriso qualquer, era um sorriso de *eu te conheço de algum lugar*. Noah sentiu os dedos rígidos e como fraquejavam seus joelhos. Ela elevou uma sobrancelha e inclinou-se para recolher o corpo de Gabriel. Com ele nos braços, voltou a olhar Noah.

—*Hvem er du*⁸³? —perguntou o medindo com os olhos.

—*Jeg heter Noah*⁸⁴.

A garota, que parecia toda uma guerreira, com um body negro e metálico, ombreiras acabadas em ponta e uma quantidade enorme de adagas por todo seu corpo, olhou-o de cima a baixo e franziu o cenho.

—Noah... —repetiu estremecendo— *Jeg liker det*⁸⁵.

—*Hva heter du*⁸⁶? —perguntou ele.

—Nanna. E sei que você também gosta.

Sem deixar de olhá-lo deixou que o corpo de Gab e o dela se orvalhoassem com o raio de luz, e então ambos levitaram como se fosse uma abdução. Ela, em nenhum momento, quebrou o

⁸² Foi agora, mas não será esquecido/ Não posso dizer isso em seu rosto/ mas sei que esta escutando/ Verei-o outra vez/ nunca foi realente/ Sinto que caminha a meu lado/ Verei-o outra vez.

⁸³ Em norueguês: Quem é?

⁸⁴ Em norueguês: Meu nome é Noah.

⁸⁵ Em norueguês: Eu gosto.

⁸⁶ Em norueguês: Como se chama você?



contato visual com o berserker, até que desapareceram entre as nuvens.

Ruth ficou boquiaberto ao olhar perplexa como aquela mulher levava nos braços Gabriel. A gaze do corpo de Gab escorregou de seu corpo e caiu na pira. Gabriel pesava o triplo que aquela garota miúda, mas parecia carregá-lo sem nenhum problema. Fixou-se nos olhos fechados de seu amigo, nas moedas que tinha nos olhos, nas maçãs pálidas que caíam mortas a ambos os lados de seu corpo. Vestiram-no como se fosse um berserker. De repente sua pele começou a recuperar a cor, seu cabelo encaracolado e comprido brilhou como o sol, e todo ele se iluminou.

Noah maneou a cabeça para sair daquela visão. As pessoas a seu redor gritavam excitadas e assinalavam o céu, entre vivas e gritos jubilosos. Brave latia e dava saltos ao redor da pira de Gab, Ás meneava a cabeça incrédulo, e Caleb levava as mãos à cabeça enquanto Aileen dava saltos de alegria e se lançava a seus braços. Caleb voou com ela seguindo o raio.

— Noah! —Empurrou Ruth alterada, sem acreditar no que viu— Reage! Por que deixou que essa mulher o levasse? — Voltou a empurrá-lo.

Noah a puxou pelos pulsos de Ruth, jogou um último olhar ao céu e disse:

— Essa mulher é uma valkyria. Levou Gabriel ao Valhall.

— E isso o que quer dizer? —perguntou Ruth — É... uma boa notícia? É? —Sacudiu-o.

Caleb e Aileen aterrissaram a seu lado. Já não havia rastro nem da valkyria nem de Gabriel. Desapareceram como se nunca tivesse se materializado diante deles.

— Pois não estou certo — Noah esfregou a nuca.

— Por que não está seguro? —Ruth olhou o barco que ainda ardia.

— Por que... nem uma puta ideia, Caçadora. Só me ocorre que alguma valkyria o tenha reclamado para si. Em todo caso estará bem cuidado. —deu meia volta e foi carrancudo, olhando para cima de vez em quando.

— O que acontece? —perguntou Aileen franzindo a testa.

— Só está aturdido — respondeu Ás olhando pormenorizado a Noah— Pode ser que voltemos a ver Gabriel. Acredito que Odín o quer em suas filas.

— Ou Freyja — sussurrou Ruth— Ela recolhe os guerreiros mortos nas batalhas com ela.

— Não — sorriu líder— Não estamos para fazer concessões. Este é levado por Odín. —girou e beijou Maria— Com certeza.

— Gab merece — apoiou a sacerdotisa— Me alegro por ele.

Ruth ficou estática. Elevou os olhos ao céu. Começavam a sair às primeiras estrelas. Uma valkyria levou seu amigo. Aquilo era bom? De repente Aileen a abraçou e ambas choraram de alegria. Podia ser que voltassem a ver Gabriel, transformado em... no que fosse isso já não importava. O importante era saber que o tomaram para algo.

Sentiu uns braços pequenos que se agarravam a suas pernas e olhou para baixo. Quando viu uma cabecinha morena e outra loira abraçando-a e sorrindo, se derrubou. Ajoelhou e abraçou Liam e Nora com toda a força que era capaz.

— Sentimos sua falta, Ruth — disse Nora beijando-a na bochecha— Por que já não vem para casa?

— É por nossa causa? —perguntou Liam— É porque nos comportamos mal no último dia que nos vimos? Fizemos o que mandou, não nos movemos do tronco.



Deus. Por que esses meninos eram tão adoráveis? Sabia que não se moveram dali, e que Aileen e Caleb os encontraram graças ao desenho que estava fazendo Nora enquanto ela limpava a cozinha. Ela sentia falta dela. Sentia falta de ver suas carinhas cheias de aceitação. Eles nunca tiveram problemas com ela, ao contrário, acolheram-na como uma mais. Os obstáculos sempre vieram de Adam.

— Nunca. Jamais será sua culpa. São tão bons e os amo tanto... —Abraçou-os. “E amo tanto seu tio que me dá medo descobrir que ele não me quer do mesmo modo”, pensou.

— Nós amamos você também, queremos que volte. Que volte para a escola. E tio Adam quer que volte. E...

As mulheres berserkers por fim se animaram a levar seus pequenos à escola de Aileen. E agora havia mais crianças com os que trabalhariam. Rise se recuperou de suas lesões, e Aileen a animou para que as ajudasse. Ruth voltaria assim que deixasse de sentir apego e carinho incondicional por esses gêmeos, porque era vê-los ou pensar neles, e evocava o rosto de Adam em sua cabeça. E doía pensar nele e não poder ter.

— Liam.

A voz de Adam fez que ela se levantasse de repente. Obrigou-se a agir com naturalidade.

Adam manteve o olhar da jovem preso no seu, e não deu lhe chance. Embebedou-se de seu rosto e de seus olhos. Ruth pigarreou.

— Olá — disse ele.

— Olá — “Abraça-me. Beije-me. Não vê que preciso de você?”, sussurrava sua cabeça.

Adam deu dois passos para ela e ela começou a tremer. Meu Deus, estava mais magro, e tinha olheiras. Vestia aquela roupa de capoeira... e... e ela morria por seus abraços, e perecia por seu coração.

— Ruth — Às se aproximou e saudou Adam e os meninos— Lamento interromper, mas tem que fazer seu trabalho.

— Sei. Agora?

— Sim — ofereceu o cajado— Não pode demorar mais.

Ruth olhou Adam de esguelha e assentiu. Colocou-se ao lado da pira que ainda ardia, e golpeou a bola de cristal vermelho contra as pedras. Ela ficou no centro e abriu os braços. Às suas costas se abriu um portal que irradiava luz e que absorvia o fogo da pira. —Voltem para casa — urgiu às almas — São livres.

Milhares de bolas de luz flutuaram e se dirigiram ao portal, como se fossem vaga-lumes. Ruth sentiu o agradecimento de todas aquelas entidades, sentiu inclusive a alma da última Caçadora, como passava e a roçava. Também a de Limbo, ansiosa por ir para a luz. Perceberam os cânticos, o carinho que havia no outro lado. Os espectros se desintegravam ao entrar nessa dimensão, e as almas flutuavam e levitavam balançadas com carinho, como traças para a luz devido à energia do portal. Chorou pela liberdade e a paz que foram privados e que ela, desinteressadamente, oferecia agora.

De repente sentiu uma mão sobre seu ombro, e se encontrou com Sonja, que segurava na mão de um homem que se elevava ao menos três cabeças a mais e que era muito bonito, como os highlanders morenos.



— Este é meu marido — disse abraçando-se a ele— Akon.

Akon fez uma reverência com a cabeça para Ruth.

— Graças a você posso retornar com minha mulher, e posso ver meus filhos — Elevou a cabeça e sorriu a Adam e aos meninos.

Os três, emocionados, elevaram as mãos em gesto de saudação. Liam era o vivo reflexo de seu pai. Os olhos do pequeno se encheram de emoção e de respeito por ele, e Akon sentiu o amor deles, iluminando e inflando como um globo.

— Querem se despedir deles? —perguntou Ruth.

— Não posso me despedir mais vezes — explicou Sonja afetada— Não posso suportar outra mais. Já fiz a última vez. E, além disso, o portal se fechará em pouco tempo. Não quero entristecê-los, e prefiro que eles fiquem com a imagem de seu pai e sua mãe indo juntos. Além disso — a olhou cheia de gratidão — sei que não podem estar em melhores mãos que as suas. Meu irmão também sabe. Vocês serão seus verdadeiros pais, os que os ensinarão e lhe darão tudo o que necessitarem.

Ruth também queria acreditar nisso, mas Adam era imprevisível e teve tanta dificuldade em confiar nela que ainda se sentia magoada por isso. Com os dias, viu que ela fez tudo o que pôde por proteger Liam e Nora, e que o que importava era o esforço e a intenção, e se ele não via isso, então deixaria de amá-lo. Embora lhe custasse.

— Fala com ele, Caçadora. Deixem de se fazerem mal. —Acariciou-lhe o rosto— Nem sequer os imortais têm todo o tempo que acreditam.

Ruth sentiu a eletricidade em sua bochecha. Sim, falaria com ele, embora só fosse para ouvir sua voz calmante.

— Sonja.

— Sim?

Ruth olhou o portal cheio de luz e vozes angelicais. Era impressionante.

— O que se sente?

Sonja elevou os cantos dos lábios e levantou o rosto em direção ao portal.

— A morte é a seguinte aventura — disse ela— Só é uma mudança de estado. Adeus, nonne.

Sonja e Akon elevaram a mão pela última vez, despedindo-se ao longe dos meninos e de Adam. Abraçaram-se, e entraram no portal beijando-se. Atrás deles, o portal desapareceu e o bosque ficou em silêncio. Quando deu a volta, Adam, Liam e Nora já não estavam. Ruth afundou os ombros com tristeza e decidiu que se o berseker não falaria com ela, ela daria esse passo. Estava farta de esperá-lo, farta dessa tensão. Tinham que dizer as coisas no rosto antes de se machucarem mais.

CAPÍTULO 32

A cerimônia de despedida teve lugar no Totem, assim levantou o vestido e correu para a mansão vanguardista do berserker, que não estava muito longe dali. Quando chegou nem sequer estava cansada, só nervosa. Recordou o acontecido fazia onze dias nessa mesma entrada, e olhou ao chão, se por acaso ainda houvesse manchas de sangue. Mas não. Era como se ali não tivesse



acontecido nada. Ao contrário. O jardim estava iluminado por uns focos suaves e a entrada dessa casa parecia mais encantada que nunca. Podia ser que ela o visse assim porque viu com seus próprios olhos como uma valkyria desceu à terra para recolher o corpo de seu amigo. Um amigo que ia viver, embora de outro modo. A violenta morte de Gabriel foi suavizada ao vê-lo voar pelos ares com aquela garota tão bonita e tão forte. De repente, tudo parecia um pouco melhor.

Pressionou a campainha da porta. Ao menos, Adam ainda a aceitava em sua casa e os alarmes não eram ativados. O Hummer estava no estacionamento, assim que ele devia estar ali. Onde mais estaria?

— Caçadora? — disse uma voz rouca às suas costas.

Ruth deu um salto e se virou para encará-lo. Adam estava a um centímetro de seu corpo, seu peito roçava seu torso. O berserker parecia torturado e nervoso. Ela estava que não se sustentava em pé. Separou-se para dar espaço, mas Adam colocou um braço contra a porta, sobre seu ombro, e proibiu o passo.

— Não, Ruth. Já me abandonou uma vez e se voltar a se afastar agora, com esta já serão duas vezes que se afasta de mim, e não sei quanto mais poderei suportar que me deixe de lado. Vai fugir de mim outra vez?

Ruth elevou o queixo e o olhou nos olhos.

— Pensava sequestrá-la esta noite. De fato, Liam e Nora se foram com as sacerdotisas, para dormir na casa de Aileen. Ela e Caleb haviam me dado aprovação, estão de meu lado, têm me visto muito mal.

— Por que está mau? — Estudou seus longos cílios negros, seu piercing de ônix negro e seus ombros largos que podiam intimidar ou podiam dar segurança. Ambas as coisas.

— Não estou acostumado que me abandonem. Não estou acostumado a chorar cada puta noite porque você não está comigo, e, além disso, me arrebenta saber que por minha puta culpa já não quer estar comigo.

— Não fale tão mal. Isso não é...

— Se cale — grunhiu esmagando-a contra a porta e fixando seu olhar na boca de Ruth— O que acha que significa que seja minha companheira?! Hein? — gritou.

— Não grite!

— É que está cega Ruth? — obrigou-se a ficar tranquilo e de repente pareceu muito cansado— Kone... sei que me odeia, mas não tanto como eu odeio a mim mesmo. Sei que por minha culpa Margött a pôs em perigo, sei que não soube te proteger — murmurou afetado— e sei que, devido a mim, deixei que a machucassem. E estive a ponto de morrer... —A voz rouca e atormentada— Gabriel morreu fazendo o que eu deveria ter feito.

—Adam... —disse surpreendida.

— Sei que já não quer estar comigo, mas... mas se me deixar, querida... eu farei tudo o que estiver em minha mão para que nunca mais queira partir. Não me deixe, por favor. Sou bruto, arrogante e fui cego com você. Deixe-me ressarcir-la. Deixe-me curar cada ferida que infligi a você.

—Adam...

— Não tem que dizer nada. Só me deixe... amá-la —pediu desesperado— Me deixe cuidar de você... serei seu escravo. Só viverei por você e me assegurarei de que possa me querer de novo,



mais do que podia me querer antes. —Afundou os dedos na porta, encurralando Ruth em uma prisão de músculo, pele e arrependimento— E se não poder, eu tenho amor suficiente para os dois.

— Mas, Adam... —murmurou com os olhos cheios de lágrimas— Eu não...

— Preciso de você. Preciso que esteja comigo. Preciso de você em minha vida. Precisamos. Deixe-me arrumar tudo.

— Mas...

— Não, por favor... só... deixe-me... —Pôs os dedos sobre os lábios de Ruth e se inclinou para roçá-los com os seus— rogo isso... só... — roçou seus lábios de novo, pedindo permissão com esse gesto para beijá-la como ele queria. Gemeu como se sua boca fosse um calmante.

Ruth pensou que morria ao ser o objeto de tanta doçura e de tanta sensibilidade. Não esperava isso. Adam se culpava? Ele?

—Adam — disse sem fôlego sobre sua boca— Deixe que...

— Não. — suplicou ele abraçando-a e elevando-a para beijá-la com mais comodidade— Não diga nada, agora não... Ruth estou morrendo sem você.

Então a beijou de verdade. Abriu sua boca agressivamente e colocou a língua dentro da sua. Arrasando com tudo, afundando uma mão em seu cabelo e fechando. Ruth sentiu pequenas pontadas de dor no couro cabeludo, mas deu boas vindas. Fechou os olhos e rodeou o pescoço de Adam com os braços. Adam abriu a porta e a fechou com o calcanhar, apoiando-se logo nela e deixando repousar suas costas.

Afundou o rosto em seu pescoço e a beijou em sua marca, uma marca que mal se via já, mas ele se esforçou em marcá-la de novo com os dentes e os lábios. Ruth gemeu e jogou o pescoço para trás.

Estava acontecendo. Voltava a estar nos braços de Adam.

Agarrou-o pela cabeça e o obrigou a que deixasse de beijá-la. Olharam fixamente um ao outro, respirando agitadamente.

—Adam, eu não...

Ele grunhiu e atacou sua boca de novo. Sugou seus lábios e a levou nos braços ao quarto superior. Seu quarto.

Ruth se sentiu atordoada pela avalanche que representava Adam atacando-a daquela maneira tão desesperada. Não a deixaria falar?

Subiu na cama e a deixou de pé nela. Então arrancou o vestido, rasgando-o de cima a baixo. Ela deu um gritinho surpreso, mas se acalmou quando Adam a puxou pelos quadris aproximou-a e afundou seu rosto em seu peito, enquanto a abraçava com ternura e acalmava progressivamente. Puxou a calcinha vermelha com suavidade, obrigando-se a ser suave, beijando cada parte exposta de seu corpo. Desabotoou seu sutiã da mesma cor e ficou nua por completo diante dele.

— Ggggrrrrrr... —disse ele.

Ela sorriu enternecida, cativa de seu desejo. Os grunhidos era um segundo vocabulário do berserker.

—Adam...

— Ruth — parou tirando a camiseta e as calças e ficando tão nu como ela— Não vê o que



tentava dizer? Não vê, kone, que não posso te perder? Não me diga que não me quer, porque faz pouco mais de uma semana me queria. Não pode ser que esse sentimento morreu... Entendo que fugiu de mim, por que iria querer estar comigo depois de tudo o que causei?

A Ruth encheram os olhos de lágrimas. Como ia dizer que já não o queria? Havia sofrido precisamente pelo muito que o amava. Aproximou-se dele, o puxou pelo rosto e acariciou suas maçãs do rosto com os polegares. Ele a olhou entre seus cílios negros e tremeu. Tremeu só por essa carícia tão pequena.

Ruth se inclinou e o beijou na boca, acariciando-lhe o pescoço, os ombros, o peito.

— Deus... Adam... venha aqui. —Beijou-o com mais profundidade e deixou que a paixão do noaiti os arrasasse a ambos.

Adam subiu à cama de joelhos e sentou sobre seus calcanhares. Sua ereção apontava para cima e ultrapassava seu umbigo. Estendeu a mão e a convidou a que se sentasse escarranchada em cima dele. Seus olhos reluziam como dois rubis e suas presas explodiram em sua boca.

—Assim. —Puxou-lhe as nádegas e as elevou um pouco até sentir como a ponta de sua ereção media sua entrada— Olhe amor.

Ruth não pôde evitar nem a palavra carinhosa nem a ordem. Adam a elevou pouco a pouco e a penetrou com suavidade. Ela já estava úmida e necessitada de seu toque, de tudo o que ele era. Ele a controlou segurando-a pelos quadris e fazendo-a descer quando ele queria.

— Ruth... kone... —gemeu enterrando seu rosto em seu pescoço— Morro sem você... devolva-me à vida... —enterrou-se profundamente nela. Ruth gritou e deixou cair a cabeça para trás.

— *Er det vondt?*

Adam a manteve em seu lugar pelos quadris, e ficou quieto para que ela se acostumasse a ele.

— Dói, katt? Sinto muito. —balançou dentro e fora—. Imaginei este momento, tudo o que quis dizer... mas a vejo... e me esqueço de tudo. —Penetrou com força e a deitou na cama. Colocou-se em cima dela, como um viking conquistador— Gatinha...

—Adam, tem que me escutar...

— É a mulher mais valente e incrível que conheci em minha vida. —Moveu os quadris para frente e tomou o rosto de Ruth entre as mãos. Beijou-a— Vi o vídeo que gravaram as câmaras, umas cem vezes. Vê-la ali, mantendo a pose com ferocidade, protegendo a meus sobrinhos, Ruth — gemeu e a investiu com mais força, unindo sua testa à dela— Abra, abra mais.

Ruth abriu as pernas e rodeou a cintura de Adam com elas.

— Oh, sim... assim... Não me solte. —Beijou-a— E logo aparece Gabriel e você viu sua morte como uma amazona. Parecia uma valkyria, como a que vimos hoje na cerimônia de Gab. Não sei como pude duvidar de você no que a segurança se refere. Parecia uma loba defendendo seus filhotes.

Ruth começou a chorar e quis desviar o olhar, mas ele não a deixou.

— Hei, meu bem, estou aqui. —Adam, com seus olhos insondáveis, cravou em seu olhar dourado e em seu corpo— Deixe-me ver. Como saberei se você gosta do que digo pequena?

—Adam, não continue...



— Por que não? — Voltou a beijar suas bochechas e recolheu suas lágrimas com os lábios— Vejo o vídeo e me acontece duas coisas. O coração vai sair do peito, porque vejo você fazendo o que eu deveria ter feito, e logo olho meu pênis e o tenho tão duro que acredito que vai arrebentar. Sou bruto falando? É sua culpa. Isso faz você. —Acelerou o movimento dos quadris— Você dispara meu coração e revoluciona meus hormônios. Ninguém me preparou para você, Ruth. Ninguém. Acreditava saber muitas coisas sobre a vida, inclusive sobre mim mesmo. Acreditei que me conhecia e cheguei a pensar que podia viver sem amor, que o respeito era suficiente. Mas entrou em minha vida, melhor dizendo, eu a obriguei a entrar, e agora o que não concebo é viver sem você, Ruth. Prefiro que me queira katt. Prefiro que me diga que me ama antes que receber seu frio respeito, entende? Somos companheiros, sei que está decepcionada comigo por ter feito passar maus momentos, está atada a mim, vinculada a minha alma. Você é meu reflexo e eu sou o seu. O que vemos quando nos olhamos no espelho? Eu vejo abandono. Sente-se abandonada por mim? —perguntou ele fincando mais para dentro de seu corpo— Eu fico com você, amor, mas não me abandone. Não faça mais. Por favor, suplico que fique comigo, que me dê uma oportunidade.

Ruth queria gritar. Adam estava dentro de seu corpo, no interior de sua alma, ao redor de seu coração.

— Pensava que estava zangado comigo — confessou ela finalmente— Acreditei que... que o decepcionei e que queria me deixar por ter posto em perigo as crianças, Adam — dizia sem parar de chorar. Ruth afastou as lágrimas com o dorso das mãos, mas ele as colocou por cima da cabeça e entrelaçou seus dedos com os dela, enquanto ficava imóvel em seu interior, escutando com incredulidade e atenção tudo o que dizia— Sabia que pensava que eu não servia para me encarregar deles. Já me disse outras vezes. E quando Gabriel morreu nas mãos de Margött, e os meninos estiveram a ponto de correr o mesmo perigo... pensei que... nunca me perdoaria por isso. Não sou berserker. Não sou forte fisicamente, eu...

— Não! —Juntou sua testa à dela— Perdoe-me por tudo isso que disse. Eu... Estiveram a ponto de acabar com sua vida por proteger os meninos. Como acha que posso pensar que...? Porque fui um cretino desde o começo, claro. —odiou-se por ter sido assim com ela.

— Quando retornei, quando voltei para a vida e você não estava, eu pensei que não queria estar comigo, acreditei que se envergonhava de mim. Não tinha nenhum barco preparado para mim, e não permitia que ninguém viesse me ver. Assim pensei... que o decepcionei ou que...

— Merda! —Afundou o rosto no ombro de Ruth— Não. Não, não foi assim. Passaram dois dias só desde que devia ter feito à conversão. Todos acreditavam que morreu, mas eu não. Você não podia morrer. Eu saberia quando morresse, porque meu coração está preso ao seu de tal maneira que se seu peito deixasse de palpitar, o meu o faria imediatamente. Teria estado todo um mês com você, tentando fazê-la reviver, dando a você meu chi... É meu reflexo, meu bem. Minha. Eu não queria aceitar que foi.

— Obrigada. Obrigada por me dar seu chi, por...

— Meu chi é seu por direito, katt. Eu pensei que tinha ido embora porque, por fim, abriu os olhos e se deu conta que eu era um filho da puta pelo qual não valia a pena lutar.

Ruth negou com a cabeça.

—Adam — sussurrou afundando o rosto em seu ombro—, não podia suportar viver sabendo



que você me odiava ou me desprezava ou não me valorizava. Queria ir para lambar minhas feridas. Mas hoje, ao vê-lo ali com Liam e Nora a seu lado, só quis... queria falar com você e fazer o possível por recuperar seu respeito. Mas também queria gritar, Adam. Porque fiz todo o possível, lutei por eles, lutei por você. —Levantou o queixo orgulhoso— E se não via isso, eu...

—Chist. Você tem meu respeito. Quem perdeu fui eu. —Começou a se mover com mais ritmo e mais força— Mas se entregar meu coração... você o aceitará? Ruth... prometa-me que ficará aqui comigo... prometa-me que... —Adam a beijou e não parou de fazê-lo até que gozou em seu interior. Ruth o apertou com as pernas e moveu os quadris alcançando o êxtase ao mesmo tempo.

Seus corpos se iluminaram, seus sabores se mesclaram até senti-lo nas papilas gustativas. E então, Adam jogou a cabeça para trás e seus olhos vermelhos se tornaram completamente brancos e luminosos. Abriu a boca assombrado.

Ruth se assustou e puxou-lhe o rosto. O que acontecia? Estavam rodeados de luz e de energia. E então o sentiu. Sentiu ao espírito, uma voz elétrica e feminina que falava claramente com Adam.

Adam piscou com os olhos brancos e olhou Ruth enquanto escutava atentamente tudo o que dizia a voz.

Sou Skuld. A voz da profecia, a voz que fala antes do dia.

Duas almas iguais e puras estão no Midgard. Duas bússolas. Ele descobrirá a fenda por onde se abrirão as portas do Ragnarök. Os jotuns dali sairão. Ela pode ver onde se encontra o Deus jotun. Cuidem deles, são sua salvação. Cuidá-los é sua obrigação.

Chegou o momento de que a velge⁸⁷ desperte de sua letargia, somente se deixar para trás sua dor. Na batalha final, uma alma não nascida poderá defender o Midgard, só se aceitam os dons e os enganos.

O amor e o perdão abrirão os olhos às almas feridas, e o humano conhecedor de seu mundo ficará de seu lado. Só se o magiker expulsar o veneno que há dentro de seu coração.

O deus dourado retornará e com ele em terra chegará à vingança, só se os pecados dos pais forem perdoados.

Morrerão muitos. Viverão os justos.

Recordem que a luz só brilha na escuridão.

Chegou o momento da redenção e a rendição. Embora ninguém acredite, só os valentes se ajoelham.

A vólva deixou de falar, e Adam recuperou a cor negra de seus olhos.

Engoliu saliva e passou a língua pelos lábios.

— Ruth... —murmurou olhando-a com mais paixão do que se acreditava merecedora— Falou a Skuld, a voz do futuro. Uma das três que profetizaram o Ragnaruk. Há... uma nova profecia... Ouviu?

⁸⁷Ungida.



Ruth mordeu os lábios e sorriu.

— Ouvi. Estou conectada a você.

— Pode ser que... pode ser que haja uma possibilidade... pode ser que os deuses sim estejam do nosso lado. —Levantou-a da cama e a abraçou sustentando-a contra seu corpo. Olhou-a fixamente— Já sei quem são as almas puras.

—Eu também — assegurou ela emocionada— Liam e Nora.

— Sim. Nora dizia que em seus sonhos aparecia um senhor e que dava muito medo, é Loki. Ela o detesta. Não é Loki quem a persegue, é ela quem vai a busca dele. Temos que falar com nossa menina, e ensiná-la a controlar seus sonhos. Graças a ela encontrei o círculo de pedras ao redor. Em sua caderneta tinha um desenho com Strike e Lillian no New Forest e você amarrada ao chão. Serviram de guia. —Exalou maravilhado pelo descobrimento— Nora pode detectar os praticantes do Seidr, e quem é o maior praticante de todos?

— Além da Freyja? —Levantou uma sobrancelha malvada— Loki.

— Exato. Teremos que cuidar muito de nossa loira, de acordo? — Ruth assentiu. Tinha um nó na garganta. A incluía na família. Disse que Nora era deles. “Nossa”.

—E Liam é a outra bússola — sussurrou com o olhar perdido— Mostre-me as cadernetas de Liam e Nora. Quero ver o que desenhou a última vez que estive aqui.

—Venha. —Puxou-o pela mão e nus, às escuras, como se fossem ladrões se dirigiram ao quarto das crianças. Adam estava como em uma nuvem, e embora soubesse que não ouviu nenhuma palavra de amor por parte de Ruth, ela estava mais acessível. Ele tampouco disse, mas faria. Abriu as gavetas das mesinhas de noite do pequeno— Olha, é isto.

Ruth tomou o desenho que Liam já fez com esmero em sua caderneta.

— Olha — assinalou o desenho— A bola que ele desenhou sob seus pés é de cor azul e verde. É a Terra. —Golpeou o papel orgulhosa de seu descobrimento— desenhou inclusive os continentes de cor verde e o oceano de cor azul.

— Liam faz viagens astrais e fica suspenso no cosmos. Observa a Terra — murmurou incrédulo— É incrível.

— Sim! Vê? Olha, aqui. Há desenhos mais claros por todo o planeta, como luzes, como...

— Portais.

— Exato! —exclamou sorrindo— O que disse a *völva*? Disse algo sobre... sobre fendas... Liam pode detectar onde se abrirá. Em que lugar, e se sabemos podemos estar preparados para detê-lo, ou no mínimo podemos estar preparados para lutar. —E elevou os braços em símbolo de vitória.

O coração de Adam deixou de bater. Podia ter tanta sorte? Realmente Ruth estava ali com ele, gloriosamente nua? Os deuses estavam jogando uma partida mestra, havia muito a perder, mas tinham seus golpes secretos, como a Caçadora. Abraçou-a e a beijou.

—Devíamos ser um, vê? Assim posso receber o espírito. Por isso me dizia que ainda não, que ficava pouco para recebê-lo de novo, que não estava completo. —Deu-lhe outro beijo arrebatador e como um menino com um brinquedo novo deu voltas sobre si mesmo com ela nos braços— Tinha que me render a você definitivamente. Você me completa. Minha preciosa kone, veja, quero mostrar algo. Quero mostrar por que não fui antes atrás você. —Beijou-a nos lábios.



—Certo, mas agora não me solte ou cairei no chão. —Apoiou a cabeça em seu ombro e suspirou cansada.

Adam jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

Ruth não podia acreditar que aquela noite que imaginava que ia ser realmente triste, uma noite de perdas e de lágrimas, resultasse uma noite de perdão, confissões, e sentimentos encontrados. Uma noite onde as almas se despiam.

Adam a ajudou a desembarcar do carro. A noite era muito fechada, as estrelas dançavam e refulgiam. Ruth colocou um vestido negro que chegava por cima dos joelhos e umas sandálias que se atavam aos tornozelos e tinham um pouco de salto. Parecia como uma mulher feliz, satisfeita e saciada. Vamos, que quem a visse diria: “esta teve uma boa transa”. Mas isso não queria dizer que estivesse tudo bem entre eles, e Adam sabia.

Seguiam ainda na Black Country. Ruth já conhecia a cor da noite dessa área. Era mais espessa que em outros lugares, mais escura.

— O que quer me mostrar? —perguntou entrando em um parque.

Adam entrelaçou seus dedos com os dela. Usava uma camiseira branca de manga curta, jeans desgastados que ficavam muito bem, e sapatos de pele marrom clara.

— Só venha — disse— Estamos no Tipton, no Jubilee Park. Justo no centro de Black Country. Parece que não há nada especial, verdade? Olha ali — assinalou uma cabine vermelha.

— É uma cabine.

— Você é uma mulher, mas não só é uma mulher. —inclinou e mordeu o lábio com suavidade— É a Caçadora, minha kone, é a gata que me roubou o coração. Portanto, isto não é só uma cabine.

Adam a fez entrar na cabine. Marcou um número secreto no teclado, e de repente, o chão se abriu e se viram transportados a um metrô. Quando saíram daquele inóspito elevador, Ruth se encontrou no paraíso. Um paraíso cheio de pequenos lagos iluminados com luzes de cores, com paredes e tetos de rocha branca e marrom.

— Logo poderemos nos banhar ou o que mais você quis. — piscou um olho. E Ruth por pouco tropeça.

O chão estava iluminado por luzes brancas e verdes. Ouvia música de fundo, e vozes, muitas vozes. Algumas eram de garotas que não conhecia.

Franziu o cenho. Havia uma recepção feita da mesma pedra que toda aquela impressionante caverna. E sobre a recepção, um nome gravado em ouro: *RAGNARÖK*.

— O que é isto, Adam? —perguntou sem entender nada.

— É meu presente. É algo que fiz para você. Para todos — explicou— Estes dias que estive sem você, mobilizei virtualmente os clãs. Queria um lugar para que todos nos reuníssemos em um lugar especial, onde nem todo mundo tivesse acesso, e onde só aqueles que sabem de nós pudessem entrar, entende?

— Só para os clãs.

— De momento. Pode ser que se conhecer mais pessoas como Gabriel, também deixe entrar —sorriu— por hora fizemos quatro exceções. Exceções muito necessárias.



— Exceções?

Ruth se sentiu sobressaltada pelo estilo e a magnificência daquele lugar. Era uma discoteca, um lugar de reunião, poderiam fazer refeições ou se divertirem. Sobre as mesas circulares, como as salas daquele local, havia vários computadores. E sentadas em uma dessas mesas havia quatro garotas que assim que os viram entrar, levantaram e esperaram em fila para recebê-los.

As quatro sorriram. Todas eram da mesma estatura. Duas delas eram morenas e de cabelo liso. Uma se parecia um pouco à atriz Penélope Cruz. A outra era mais morena de pele e tinha uma covinha no queixo. As outras duas tinham o cabelo da mesma cor, castanho claro e com mechinhas loiras. As caras muito expressivas e muito risonhas.

— Estas garotas são espanholas — sussurrou-lhe ao ouvido — Apresento-a a Lourdes, Anna, Emejota e Lorena, mas a esta última pode chamá-la Lua. Elas estarão servindo taças e controlarão um pouco este lugar. E, além disso, serão as novas administradoras das webs e do fórum. Você, querida, não necessita mais trabalho. Já tem suficiente com a escola e seu hobby — soltou com um sorriso.

— Hein? —disse aturdida. Hobby?

— A caça.

— Ah! Claro, a caça! —começou a rir— Caleb não me falou sobre isto.

—Já digo isso eu. Acabou isso de se dividir em dez partes para fazer tudo. Liam, Nora e eu precisamos de seu tempo. —Adam deu um beijo quente na palma da mão dela.

Ruth pigarreou e olhou às quatro garotas. Eram humanas?

— São...?

— Sim.

— E sabem...?

— As sacerdotisas as escolheram e foram elas quem as entrevistou — respondeu sem dar importância— Sabiam algo.

— Sabemos, mas não tanto como nós gostaríamos — disse a pequenina com o cabelo castanho claro e olhos grandes e marrons— Eu sou Anna — ofereceu a mão, e Ruth a apertou surpreendida por sua simpatia.

— Daanna já fez um varredura de cérebro — comentou Adam adorando como ficaram bem os tetos e as salas superiores envidraçadas. Eram privados— Viram muito estes dias. Imagine tantos imortais soltos por aqui, os vaniros com seus poderes telecinéticos, os berserkers com essa força bruta que temos... Mas são fortes mentalmente, suportam bem.

— Estamos ouvindo, Adam. Olá. — Lua, a da covinha no queixo, que tinha os olhos negros e cabelo liso, ofereceu a mão— Eu serei a relações públicas daqui. Adam nos disse que quem fazia isto era você.

— É tão romântico — disse Emejota, que tinha o cabelo castanho claro e os olhos negros. Seu rosto era muito simpático e seu sorriso muito travesso.

—Já digo —apoiou Lourdes, a que se parecia com Penélope Cruz. —Anna e Lourdes são irmãs. Vêm de Barcelona — informou

—Lua, M e eu somos de Sevilha.

Ruth não sabia o que dizer. Adam colocou encarregada desse local quatro garotas humanas?



O que passou? Elas iriam cuidar do fórum e da Web?

— Surpreendida? —perguntou ele afundando o nariz em seu cabelo vermelho. As quatro garotas deram cotoveladas umas às outras e os deixaram sozinhos.

— Não tenho palavras.

— Caleb e eu queríamos dizer isso antes, mas havia perdido a emoção.

— Este lugar é... tão fascinante. Não deixou nenhum detalhe. Têm Apple nas mesas para conectar a internet...

— Controlarão as garotas. Ambas sabem bastante de informática e, além disso, as sacerdotisas explicaram as coisas mais importantes. Anna e Lourdes sabem gaélico. Emejota e Lua falam norueguês. Estão especializadas em línguas antigas e em mitologia celta e escandinava. A seleção foi árdua, mas as sacerdotisas consultaram às runas para saber quem escolher no perfil que procurávamos. Já sabe, gente leal, que não tivesse medo das coisas sobrenaturais, que acreditassem nelas. Pessoas formadas e cultas. E, sobretudo, que tivessem caráter. Já sabe como são os homens de nossos clãs quando há música e álcool no meio — deslizou uma mão atrevida até sua nádega e lhe acariciou o traseiro— Assim, depois da seleção, saíram elas quatro. Além disso, estão muito bem.

—Já vejo. —Deu uma volta pela sala, dando um tapa naquela mão atrevida. Não se importava deixar de trabalhar na Web. E mais, necessitava. Sem Gabriel a seu lado, não queria voltar a fazer nada que recordasse a ele, porque embora o tivesse levado uma valkyria para recrutá-lo em suas filas, isso não implicava que ela deixasse de sentir saudades ou de lembrar-se dele. Agradeceu o gesto de Caleb e Adam. Era o melhor.

O *RAGNARÖK* recordava muito às cavernas do Salnitre do Montserrat, em Barcelona. A diferença era que o que Adam fez, estava decorado com mesas e selins de desenho, tipo chill out, e tinha várias barras colocadas estrategicamente por toda a sala.

— Ouça, quantos comporta neste lugar?

— Mil pessoas.

Ruth assobiou e deu uma volta sobre si mesma. Ao fundo da sala, elevado na parede, havia dois escudos enormes. A de sua gente era o berserker, de tons dourados, e a seu lado, o vaniro, com tons azuis e prateados, um urso no centro, o animal insígnia das raças guerreiras celtas, e sobre este, um triskel como o que usavam as adagas distintivas dos keltois em seu punho.

Cruzou os braços e olhou Adam, tentando averiguar o que era realmente o que motivou essa iniciativa.

— Por que fez tudo isto?

Adam ficou sério, olhou-a com solenidade e a puxou pela mão. Ruth engoliu saliva quando viu que a mão do berserker tremia.

— Por que... Ruth, eu adoro como dança. Eu gosto de como se move. E... queria... queria dizer o que não disse com palavras. Que quero tudo o que tem para dar. Quero-a para mim. Por isso — a voz de Adam soava como se tivesse engolido um caminhão de cimento— quis construir um lugar assim, cheio de alegria, cheio de você. Você é a que trouxe outros valores a minha vida. Devolveu a risada, o carinho e a ternura. O *RAGNARÖK* tem que ser um lugar de encontro para nós. Um lugar onde possamos relaxar. Um lugar que tiremos as couraças, onde nos aceitemos tal e



como somos. —Seus olhos brilharam de emoção quando tomou a mão de Ruth e a pôs sobre o coração— Um lugar que deve nos recordar por que estamos juntos. Por que... apesar de nossas diferenças, lutamos por um objetivo comum. A partir de hoje, eu não luto pelos humanos, Ruth. Luto por você. Quando for à batalha, lutarei em seu nome, também no de Liam e Nora, mas sobretudo no seu, kone.

A mandíbula de Ruth tremia perigosamente, tinha os olhos dourados alagados de lágrimas. Adam fez um sinal com a cabeça às quatro garotas. Lourdes e Anna suavizaram as luzes, Emejota e Lua puseram a música.

As notas de um piano soaram ao fundo, e uma voz de barítono começou a entoar uma canção em espanhol. *Até meu final.*

Ruth fechou os olhos e sorriu lambendo os lábios. Ficou arrepiada.

— Dança comigo — pediu tremendo— Nunca dançou comigo. — Ele a puxou pela cintura e a abraçou. Ela rodeou o pescoço de Adam, também entre tremores. Meu Deus...

— Ruth... —os olhos do noaiti refletiam a mais autêntica rendição, a humildade mais veraz— Se lembra do que disse na noite de lua cheia?

— Sim — sussurrou em um soluço— Me disse: Estou feliz... e estou preparado. Procurei no dicionário.

— *Jeg er glad. Jeg er klar* — repetiu juntando sua testa à dela com suavidade— Pergunte isso querida. Venha, seja valente.

Ruth começou a chorar. Não saíam as palavras.

— Para que, Adam? Para que está preparado?

— Para... —Aproximou-a e a levantou do chão. Ela se via tão pequena entre seus braços que ele se sentiu como um gigante. Um gigante, entretanto, cheio de amor. Era o amor por Ruth o que o fazia grande— Para te dizer, minha vida, que... *Jeg elsker deg*⁸⁸. Amo você, Ruth.

Ruth ficou sem respiração. Que um homem como Adam se justificasse daquela maneira com ela, fazia que a vida valesse a pena. A música do cantor de ópera a estava destroçando, e se sentir rodeada pelo calor, a ternura e o desejo do berserker a curvou. Ruth o abraçou e o beijou nos lábios, entregando nesse beijo tudo o que ela era.

— Amo, Adam. Amo você — disse com seus olhos dourados cheios de calor e felicidade.

Adam fechou os olhos a sua vez e jogou todo o ar que retinha em seus pulmões.

— Tinha medo de não voltar a ouvir — reconheceu atormentado, com os olhos úmidos e cheios de incerteza— Eu te amo Ruth. Com todo meu coração manchado de ódio, sangue, de vingança e de ressentimento, mas é meu coração e é no que me converti, é o que a vida fez de mim. Você... faz que eu queira ser melhor, me faz sentir limpo. Digno. Se pedir que fique comigo, até sabendo que estou marcado dessa maneira, você aceitaria? Aceitaria sabendo que estou condenado a brigar?... Ficaria comigo para sempre?

Ruth o puxou pelo rosto e chorou emocionada com ele.

—Adam... meu amor... Eu ficarei com você, apesar de seu coração de guerreiro. Fico com você porque aqui dentro — pôs sua mão sobre seu coração quente, um coração que o dragão

⁸⁸ Em norueguês, *Te amo*.



protegia. Mas domando o dragão se conseguia o lobo melhor e autêntico que havia em todo mundo. E amava aos dois pelo que eram, pelo que tentavam ser— além de tudo isso, há espaço para amar a uma humana amalucada e temperamental como eu. Porque há espaço para mamar duas crianças pequenos, e protegê-los com toda sua alma, e por que... decidiu deixar de lado as diferenças para aceitar aqueles que não são como você. Eu não sou como você. Mas te amo, Adam. E fico com você.

— Até meu final? —perguntou ele enquanto as lágrimas desciam por sua bochecha.

— Até nosso final.

Um guerreiro imortal não chorava nunca. Um homem com o coração selvagem e temerário de um lobo, sim. Trocaram um beijo cheio de entrega. Um beijo de redenção e de rendição, que era o que disse a *völva* em sua profecia. Só os valentes se ajoelham, e Ruth e Adam ficaram de joelhos no chão, e um ao outro, serviram os corações em bandeja. Seguro que Freyja estava muito contente com a canção que escolheu o noaiti.

Hoje te prometo amor eterno

Ser para sempre teu no bem e no mal

Hoje te demonstro quanto a quero

Te amando até meu final

Em um canto daquela discoteca subterrânea chamada *RAGNARÖK*, quatro humanas choravam e secavam as lágrimas, emocionadas, passando uma caixa de kleenex umas às outras.

— Você disse que esta canção funcionaria — disse Anna a Lua.

—Fazem isso e caem a calcinha do impacto — soltou Lourdes entre soluços.

— E para que as quer? Com esse homem na frente a calcinha só estorva — comentou Emejota.

— São umas pervertidas. —Lua elevou uma sobrancelha e sorriu— Além disso, o que a faz pensar que ela a usa?

E ali, naquele lugar oculto aos olhos do mundo, uma humana que caçava almas e um imortal do clã berserker se prometeram amor eterno até o final de seus dias.

E por fim, o lobo foi domado pela Caçadora.

EPÍLOGO

Duas semanas mais tarde...

O *RAGNARÖK* estava em celebração. Os clãs se reuniram para celebrar o casamento entre o líder do clã berserker, Ás Landin, e a sacerdotisa, Maria Dianceht.

Juraram votos tão solenes que todos ali reunidos sabiam que iriam respeitar até o fim de seus dias.

Os meninos dos clãs brincavam de correr por toda a discoteca e se lançavam às pequenas piscinas de rocha natural que cavaram no chão. A música soava bem alto. O ambiente era alegre e



festivo, misturado com ligeiros toques de prevenção e alerta.

Ruth sabia que isso era o que se sentia ao estar perto daqueles homens mágicos, imortais, como ela. O poder da vida e a alegria que isso suportava, mas também, a pressão da espreita e da guerra.

A seu lado, Adam não deixava de enrolar seus dedos em seu cabelo e de vez em quando inalava seu aroma, afundando o rosto em seu pescoço. Podia ser mais feliz? Seus sobrinhos estavam encantados com Ruth, ele era um homem apaixonado que por fim havia aceitado sua sina. Puxou-a para dançar e chocaram de propósito com Caleb e Aileen, que já se balançavam seguindo o compasso da canção.

— Procurem um motel — disse Ruth sorrindo.

— Ignora-os, Cal — respondeu Aileen girando os olhos— Desde que Adam construiu lugares como o *RAGNARÖK* para que ela se despenteie, acredita que é a rainha do mundo.

— Isso é porque não vê as diferenças, céu. — Ruth piscou um olho — Caleb monta um lugar para você trabalhar, e para mim, meu companheiro constrói um para que me divirta. O vaniro, como sempre, em sua linha de explorador.

Os quatro começaram a rir.

— Bruxa — disse Aileen mostrando as presas.

Ruth mostrou a língua.

Pela extremidade do olho, viu que Ás procurava umas bebidas para Maria, e Ruth não deixou passar a ocasião.

— Já venho, lobinho. — Beijou nos lábios de Adam e o deixou ali, falando com seus amigos.

Ruth contornou Noah e Daanna, que estavam dançando juntos. Noah estava acalmando a ansiedade de sua amiga. Desde o semi enterro de Gabriel, ninguém sabia nada nem de Menw nem de Cahal. Desapareceram, como se os tivessem apagado do mapa. E Daanna, a elegante e inalcançável Daanna, estava murchando como uma flor que não regavam nem tomava sol. Sentiu compaixão por ela. Queriam ajudá-la, Caleb estava muito preocupado, todo o clã estava, mas Daanna não falava. Não falava de nada com ninguém.

Ás parou assim que viu a Caçadora se aproximar.

— Posso dançar com o noivo? — perguntou ela.

Ás sorriu e levantou uma sobancelha. Cada dia que passava estava mais bonito. Ofereceu a mão e ela tomou.

Dançaram uma valsa. O líder se movia muito bem.

— Dispara Caçadora. — Urgiu ele divertido.

— Por que esconde que tem contato com os deuses? Freyja me disse que até quatro vezes falou com você.

— Não anda com rodeios, Ruth.

— Os rodeios são para os vaqueiros, Ás. Conte-me.

— Minha relação com Odín é... complicada. Não posso explicá-la tão facilmente.

— Me diga ao menos se há possibilidades de que nos salvemos.

— Adam recebeu uma profecia de Skuld. Você o que acha?

— Acredito que sim. É uma profecia muito condicional, podemos nos salvar “se” fizermos tal



ou qual coisa. Dependemos dessas pessoas que nomeou a *völva*.

— Bom. Então já me respondeu. Os deuses não nos abandonam, Caçadora. Dão as ferramentas e os meios para que sejamos nós que acabemos com Loki e sua tentativa do Armageddon. Só terá que despertar a tempo e fazer os sacrifícios que assinala, e pode ser que só então tenhamos uma oportunidade de parar toda esta loucura. —Sabe qual é o seguinte passo? Para que o contataram? — Ás apertou a mandíbula. Ruth sabia interrogar.

— É o dia de meu casamento, senhorita. Não deveria me incomodar. — Ruth assentiu envergonhada, mas não se rendeu.

— Freyja me deu uma mensagem para você. Disse que devia unir os exércitos, e que você já sabia o que tinha que fazer para isso. Disse que você sabia quem devia despertar para obter tal façanha. Acaso sabe onde estão todos?

— Não — respondeu Ás pensativo— Eu só tenho os interruptores, os que dão o tiro de saída, Ruth. Não posso obter nada sozinho.

— Então? Fale-me Ás!

— Está bem, Caçadora. A primeira vez, Odín me entregou algo para que eu me fizesse responsável por isso.

— O cajado — assentiu Ruth concentrada.

— Sim. A segunda vez, séculos atrás, outorgou-me a honra de custodiar algo prezado e muito poderoso para ele. Sigo tendo-o comigo, mas não posso descobrir até que seja o momento.

— O que te deu?

— Não posso dizer isso Ruth. Na, terceira vez, deram umas diretrizes. Um segredo.

— Conta-me.

— Disse algo sobre a velge.

— Sabe quem é? O que é? —perguntou assombrada.

Ás olhou para outro lado e assentiu.

— E a quarta vez?

— Odín me disse que esperasse que você me desse a mensagem de Freyja. Disse que guardasse a vara dos espectros comigo até que você a destruísse. E me deu informação para que a velge tivesse seu incentivo e despertasse.

— Me diga quem é. Não posso com as intrigas.

—Eu tampouco — disse ele. Inclinou-se ao ouvido de Ruth e contou tudo o que sabia.

Ruth já não movia os pés. Tinha os olhos como pratos e abria e fechava a boca como se fosse um peixe.

— Guardará o segredo?

Ruth recordou o que disse Freyja. A promessa de uma sacerdotisa era inquebrável. Mas aquilo era muito grande. Entretanto, tratava-se de seu código de honra, e não quebraria.

— Sim — prometeu.

— Ajudará?

— No que for necessário.

— Maria não sabe nada disto. Nunca fale com ela sobre o que disse.

— Sou uma sacerdotisa e fiz um juramento a Freyja. Se abrir a boca, ela me matará. Não



direi nada. Prometo.

Ás assentiu solene.

— Bem. Ao menos tirei um peso de cima.

— Obrigada por me contar isso líder — disse sarcástica.

— Teria preferido não saber?

— Não. Pode ser que agora saiba como ajudar.

— Fantástico. Vou para minha mulher.

Ruth deu a volta, perplexa e aturdida pelas revelações, e encontrou com o peito de seu companheiro.

— O que falava com Ás?

— Felicitava-o por seu casamento. E pedia que cuidasse muito de Maria. — Não era uma mentira completa. Para se sentir melhor, puxou pelo rosto seu impressionante lobinho e o beijou nos lábios.

— *Jeg elsker deg, ulv*⁸⁹.

Adam sorriu. Ela e Ás falaram de algo mais, mas respeitava sua companheira. Quando tivesse vontade de dizer diria. Ele tinha suas próprias armas para tirar seus segredos. Sorriu como só um homem seguro do amor de sua mulher poderia fazer.

— Amo você, kone.

FIM



**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros da Tiamat.**

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.

Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.

Respeite o grupo e as revisoras.

⁸⁹ Em norueguês significa *Te amo, lobo*.